

Revista

PERcursos Linguísticos

Volume 10

Edição N. 25

Ano 2020

Dossiê Discursos de resistência e corpos (re)existentes

Organização: Luciane de Paula, Luciano Vidon e Maria da
Penha Casado Alves

PPGEL- UFES

PERcursos Linguísticos

VITÓRIA
2020 / 01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Dossiê Discursos de resistência e corpos (re)existentes

Organização: Luciane de Paula, Luciano Vidon e Maria da
Penha Casado Alves

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

PERcursos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 10, n. 25 (2020)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: UFES, 2011-

Trimestral.

ISSN: 2236-2592

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: < <http://periodicos.ufes.br/percursos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

Ficha catalográfica elaborada por:

Saulo de Jesus Peres

CRB6 – Reg. 676/ES

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910

Vitória – ES

Tel: 027 4009-280

PERcursos Linguísticos

Esta revista é um periódico trimestral.

Reitoria

Reitor: Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-Reitor: Roney Pignaton da Silva

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Jr.

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Vice-Diretor: Ricardo Correa de Araújo

Departamento de Línguas e Letras

Chefe: Mário Cláudio Simões

Sub-chefe: Junia Claudia Santana de Mattos Zaidan.

Programa de Pós-Graduação em Linguística Mestrado em Estudos Linguísticos

Coordenadora: Gesieny Laurett Neves Damasceno

Coordenador Adjunto: Lillian Yacovenco

EQUIPE EDITORIAL

Patrick Rezende (Editor-gerente)

Guilherme Brambila

Elaine Cristina Borges Souza

Mônica Lopes Smiderle de Oliveira

Micheline Mattedi Tomazi

Maria da Penha Pereira Lins

CONSELHO EDITORIAL

Ana Cristina Carmelino (UNIFESP)

Adriana Baptista (UFRJ)

Alexandre Timbane (ACIPOL)

Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES)

Bernardo Limberger (PUC- RS)

Bruno Deusdará (UERJ)

Daniel Ferraz (USP)

Davi Borges Albuquerque (UNB)

Daniervelin Renata Marques Pereira (UFTM)

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Edenize Ponzo Peres (UFES)

Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP)

Fernanda Mussalim (UFU)

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Isadora Machado (UFBA)

Janice Helena Chaves Marinho (UFMG)

José Olímpio de Magalhães (FALE/UFMG)

Júlia Maria da Costa de Almeida (UFES)

Júlio Araújo (UFC)

Junia Mattos Zaidan (UFES)

Juscelino Pernambuco, (UNESP/UNIFRAN)

Karylleila Santos Andrade (UFT)

Kyria Finardi (UFES)

Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)

Lillian V. F. DePaula (UFES)

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

Luciano Vidon (UFES)

Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)

Luiz Antonio Ferreira (PUC/SP)

Maria Cristina Giorgi (CEFET- RJ)

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

Maria Flavia de Figueiredo (UNIFRAN)

Maria Luiza Braga (UFRJ)

Maria Silvia Cintra Martins (UFSCAR)

Marina Célia Mendonça (UNESP)

Marta Scherre (UNB/UFES)

Mayara Oliveira Nogueira (PUC-RIO)

Mayelli Caldas de Castro (IFES)

Michele Freire Schiffler (UFES)

Micheline Mattedi Tomazi (UFES)

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (UECE)

Patrick de Rezende Ribeiro (PUC-RIO)

Roberto Perobelli Oliveira (UFES)

Renata Martins Amaral (PUC-RIO)

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Rita Maria Ribeiro Bessa (UFBA/UEFS)

Rivaldo Capistrano Souza Júnior (UFES)

Sandra Mara Moraes Lima (UNIFESP)

Tatiany Pertel Sabaini Dalben (UESC)

Vanda Elias (PUC-SP)

A revista está indexada em:

[DOAJ](#), [LATINDEX](#), [Diadorim](#), [JOURNALSEEKER](#), [SUMÁRIOS.ORG](#), [Journals4free](#), [SHERPA/RoMEO](#), [Google Scholar](#), [LIVRE](#), [WorldCat.org](#), [EZB-Elektronische Zeitschriftenbibliothek](#), [WZB](#), [ERIHplus](#), [CIRC](#), [CCG / IBT - UNAM](#), [Vérsila-Biblioteca Digital](#), [REDIB](#), [SEER](#), [ZDB](#), [JURN](#), [Periódico.Capes](#), [The Linguist List](#), [BASE](#), [I2OR](#)

SUMÁRIO

PALAVRAS DOS EDITORES Patrick Rezende, Guilherme Brambila	10
APRESENTAÇÃO Luciane De Paula, Luciano Vidon, Marida da Penha Cansado	11-19
<u>GESTUALIDADE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA:</u> APONTAMENTOS NOS TEXTOS VOLOCHINOVIANOS DE 1926 E 1930 Michel Pratini Bernardo da Silva, Francelino, Pedro Farias.	20-33
<u>CUERPO Y FIESTA EN BAJTIN</u> Jean Carlos Gonçalves, Angela María Chaverra Brand	34-47
<u>JOHNNY BRAVO EM: JOHNNY BRAVO E O HOMEM CARNAVALIZADO</u> Luciane de Paula, Marana Luísa Tregues Diniz, Juliana Beatriz Prates de Almeida	47-67
<u>O CORPO MÁGICO NUM MUNDO (QUASE) REAL:</u> AÇÕES IMUNOLÓGICAS NA FANTASIA DISTÓPICA TEMPORADA DOS OSSOS Rafael Oliveira da Silva, Maria da Penha Casado Alves	68-86
<u>O CORPO MONSTRUOSO NA HETEROTOPIA DA WEB</u> Dayane Oliveira	87-103
<u>O EMBATE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM ERIC EFFIONG NA SÉRIE SEX EDUCATION</u> Leila Heloise, Marília Faria	104-122
<u>O PROTAGONISMO DA LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE CORPOS, DISCURSOS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA</u> José Sena	123-143
<u>A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NAS REDES SOCIAIS:</u> PADRÕES DE BELEZA E DISCURSOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS Marília Diógenes Moreira	144-162
<u>O CORPO QUE FALA:</u> MORALIDADE, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA Mayara Oliveira Nogueira	163-184
<u>"O CORPO COMO ARMADURA DE RESISTÊNCIA":</u> CORPOS TRANS* NA CENOGRAFIA DE DIÁRIO EM PROSA E EM POESIA Rafael Cossetti, Jarbas Vargas Nascimento	185-204

<u>CORPO SILENCIADO, VOZ SILENCIADA:</u> ANÁLISE DO DISCURSO DOS HOMENS TRANSEXUAIS SOBRE O ATENDIMENTO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE Jonathan Ribeiro Farias de Moura, Bruna Valentim	205-221
<u>ANÁLISE DIALÓGICA DE MARIA DA VILA MATILDE: A CANÇÃO NO EMBATE CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO</u> Rainy Sena dos Santos, Mayra Pinto	222-234
<u>MATÉRIA EM EVIDÊNCIA:</u> INSTRUMENTALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CORPO FEMININO NA ERA DA TECNOLOGIA Laís Sousa Di Lauro	235-246
<u>O ATO DE NOMEAR NO DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER</u> Ângela Alves de Araújo Barbosa, Richardson Silva, Denise Lima Gomes da Silva	247-258
<u>OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA O CORPO GORDO FEMININO NO INSTAGRAM: DOS ESTEREÓTIPOS ÀS RESISTÊNCIAS</u> Débora Caruline Pereira	259-278
<u>"A MULHER NO MERCADO": NARRATIVA DE SOFRIMENTO E DENÚNCIA POSTADA NO BLOG DE UMA MULHER COM CÂNCER DE MAMA</u> Renata Martins Amaral, Maria das Graças Dias Pereira	279-299
<u>O CORPO DA MULHER SOB DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA</u> O SENSO COMUM E A REPRODUÇÃO DE SEUS DISCURSOS PELA MÍDIA Carlos Alexandre Molina Noccioli	300-316
<u>TALKEY SHOWS E IMPRENSA: UMA LEITURA BASEADA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO</u> Maria Stella Galvão Santos	317-332
<u>DISCURSO DE RESISTÊNCIA ÀS AVESSAS:</u> O CASO DO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL A RESPEITO DA PANDEMIA ANDERSON SILVA	333-353
<u>DA PALAVRA VIVA À PALAVRA DE ORDEM:</u> UMA LEITURA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA A PARTIR DO CONTEXTO RUSSO-SOVIÉTICO Fabiana Zogbi Lontra da Conceição	354-366
<u>A CONTRUÇÃO DE VERDADES PARRESIÁSTICAS EM DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO E HETERONORMATIVIDADE</u> Douglas de Oliveira Domingos, Regina Baracuhy	367-383

<u>A TRAJETÓRIA DE UM SUJEITO TRANSGÊNERO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO</u>	384-403
Alexandre Marcelo Bueno, Felipe Santos da Silva	
<u>O DISCURSO KINIKINAU: CULTURA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO</u>	404-421
Maira Morais	
<u>“NOVA(S) DESCOBERTA(S) DO NOSSO BAIRRO”:</u> LETRAMENTO COMUNITÁRIO, GÊNEROS DISCURSIVOS E AÇÃO SOCIAL	422-434
Alana Driziê Gonzatti dos Santos, Maria do Socorro Oliveira	
<u>INFLUÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA REVISTA LINGUAGEM E ENSINO</u>	435-449
ALBANYRA DOS SANTOS SOUZA	
<u>A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO INTERIOR DOS INTERTÍCIOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS, DOS ACONTECIMENTOS E DAS ASSEMBLAGENS</u>	450-468
Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro, Adilson Crepalde	
<u>ESTADO ISLÂMICO E SUA OPÇÃO DISCURSIVA PELA POLÊMICA E A VIOLÊNCIA</u>	469-487
Eduardo Assunção Franco	
<u>ENTRE AS PRESCRIÇÕES DO CONCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-AUTOR:</u> DISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM CRÔNICAS ESTUDANTIS	488-507
Tatiana Luna	
<u>POLÍTICA EDITORIAL</u>	

Palavra dos Editores

É com grande satisfação que anunciamos a publicação de mais um volume temático da Revista PERcursos Linguísticos, reafirmando, assim, o compromisso do periódico em tornar visível a ampla variedade de investigações possíveis dentro do complexo fenômeno da linguagem. No presente volume, temos a satisfação de apresentar uma coleção de importantes artigos organizados por Luciane de Paula, Luciano Vidon e Maria da Penha Casado Alves. Dos diversos 52 trabalhos submetidos, 28 artigos foram avaliados criteriosamente e selecionados para compor o dossiê **Discursos de resistência e corpos (re)existentes** (Vol. 10, N. 25, 2020). Os trabalhos que fazem parte do volume trazem importantes discussões, em diferentes áreas dos Estudos do Discurso, contribuindo com reflexões teóricas ou analíticas acerca da temática da resistência e do corpo. De tal modo, investigadores de diversas universidades e sobre diferentes perspectivas discursivas, como a Análise Crítica do Discurso, a Análise do Discurso de linha francesa, a Análise Dialógica do Discurso, a Semiótica etc., contribuíram, em grande medida, para ampliar as discussões sobre os corpos, as tentativas de silenciamento e os modos de resistência que travam batalhas na arena discursiva. Esperamos, de tal modo, que este dossiê seja uma referência para os interessados no escopo mencionado. Aproveitamos e agradecemos aos autores pela generosidade em compartilhar os trabalhos e aos organizadores pela disposição, parceria e contribuição. Desejamos uma excelente leitura a todos!

Vitória, Espírito Santo, outubro de 2019

Patrick Rezende

Guilherme Brambila

Editores

APRESENTAÇÃO

o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e de sua atividade formadora (BAKHTIN, 2003, p. 48)

Com a abertura da epígrafe bakhtiniana, trazemos a público o corpo deste Dossiê, **Discursos de resistência e corpos (re)existentes** (Vol. 10, N. 25, 2020), como ato resistente que busca aproximar, pela amorosidade heterodiscursiva, do que o filósofo russo denomina uma heterociência (ou uma ciência outra), outros sujeitos, corpos, vozes em um período que clama pelo outro, dado o isolamento e o distanciamento pandêmico.

Com o objetivo de deixar fruir o diálogo ininterrupto entre ciência, vida e arte, este número temático da *Revista PERcursos Linguísticos*, congrega 28 artigos, com foco em reflexões acerca do corpo e da resistência, tratados por perspectivas discursivas diversas (Análise Dialógica do Discurso – Bakhtin, Medviédev e Volóchinov; Análise de Discurso de linha francesa – Pêcheux, Foucault, Maingueneau, Amossy, por exemplo; Análise Crítica do Discurso – Fairclough e Foucault; e as Semióticas).

A maioria dos autores é composta por participantes do V SIED – Simpósio Internacional de Estudos Discursivos, em curso. Devido às transformações decorrentes da pandemia da COVID-19, excepcionalmente, as publicações realizaram-se antes das apresentações dos trabalhos no evento, uma vez que o Simpósio foi adiado, por responsabilidade e cuidado, para um momento posterior possível e com segurança.

Os textos aqui reunidos retratam a proposta do SIED, pois, ao mesmo tempo, apresentam a singularidade temática focada em reflexões sobre corpo(s) e (re)existências e a heterogeneidade do trato epistêmico da seara discursiva. Os 28 artigos, de autoria de pesquisadores de diversas instituições de ensino e pesquisa, de certa forma, dialogam entre si e tratam, desde questões teóricas relevantes a reflexões analíticas que se pautam na relevância social da temática deste número, ainda mais urgente neste momento histórico. Assim, o número parte de reflexões mais amplas e significativas para o escopo discursivo, a reflexões analíticas de sujeitos, seus corpos e acontecimentos marcados por vulnerabilidades, tentativas de silenciamentos e resistências como formas de existências.

As publicações se voltam a objetos/sujeitos diversos, de gêneros variados, sempre situados historicamente, em acontecimentos vivos de linguagem.

O número abre com um artigo de Michel Pradini Bernardo da Silva e Pedro Farias Francelino, intitulado **GESTUALIDADE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA:**

APONTAMENTOS NOS TEXTOS VOLOCHINOVIANOS DE 1926 E 1930, no qual refletem acerca de alguns apontamentos teóricos sobre gestualidade desenvolvidos por Volóchinov em dois de seus textos: *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930), em cotejo com algumas charges que ilustraram a argumentação dos autores. Os resultados da investigação empreendida pelos autores revelam uma abordagem sobre gestualidade preconizada por Volóchinov. No texto de 1926, a gestualidade se liga à noção de *extraverbal*, ao *caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social* e à personificação do *terceiro participante*. Já no texto de 1930, ela se relaciona à noção de *réplica* (resposta) e à ideia de *orientação social* do enunciado.

Em seguida, em CUERPO Y FIESTA EN BAJTIN, Angela María Chaverra Brand e Jean Carlos Gonçalves discutem, calcados, principalmente, em Bakhtin, a relação entre corpo e festa. Os autores refletem sobre a resistência dos corpos que buscam modos de existência diante de condições caóticas, em interação com o outro. De acordo com os autores: “Aunque las discusiones centrales de este artículo se ubican en el contexto histórico de la Edad Media, sus reverberaciones contribuyen a la comprensión, hoy en día, de los fenómenos del lenguaje vinculados al cuerpo y al partido, que en la víspera de la segunda década del siglo XXI están obligados llevar una corona de espinas y bailar al son de las trompetas del Apocalipsis”.

Luciane de Paula, Marana Luísa Tregues Diniz e Juliana Beatriz Prates de Almeida, no terceiro artigo, denominado JOHNNY BRAVO EM: JOHNNY BRAVO E O HOMEM CARNAVALIZADO, voltam-se ao corpo masculino a partir da personagem que nomeia a animação seriada, entendido como reflexo e refração de uma imagem que masculinidade já canônica ao longo do tempo. Para isso, relacionam o corpo da personagem ao corpo de artistas (Elvis Presley, Marlon Brando, entre outros), considerados ícones de beleza e virilidade. Fundamentadas nos estudos bakhtinianos, as autoras demonstram como Johnny Bravo carnaliza, pela ironia e pela ridicularização (fundada na hipérbole), a imagem de homem que semiotiza. A crítica aparece expressa no signo ideológico, que flagra o quanto corpos podem reforçar (ou não) estereótipos tóxicos e machistas.

O quarto texto, O CORPO MÁGICO NUM MUNDO (QUASE) REAL: AÇÕES IMUNOLÓGICAS NA FANTASIA DISTÓPICA TEMPORADA DOS OSSOS, Rafael Oliveira da Silva e Maria da Penha Casado Alves voltam-se ao corpo mágico da fantasia distópica. Com base nos estudos bakhtinianos, os autores tratam da relação arte e vida. Na análise empreendida, as conclusões revelam que “a) os corpos mágicos refletidos e refratados no enunciado da fantasia distópica correspondem a corpos estranhos no mundo da vida (...); b)

(...) é o ponto de encontro dos discursos fantásticos e distópico e é representado como um corpo grotesco (...); c) (...) resiste às ações imunológicas da sociedade que busca eliminá-lo”.

Dayane Oliveira, em O CORPO MONSTRUOSO NA HETEROTOPIA DA WEB, o quinto artigo, analisa, fundamentada nos estudos foucaultianos de saber/poder, como o corpo monstruoso de “presos” é espetacularizado no espaço heterotópico da *web*, assim como os conflitos morais e éticos provocados pelo processo de hipervisibilidade desses sujeitos no *Youtube*. Além disso, a autora discute sobre *verdade*, *moralidade* e *corpo*, tendo em vista a possibilidade de transfiguração da identidade do sujeito criminoso na *web*. Os resultados levam à reflexão acerca da importância de discussões sobre moral e ética na cibercultura.

No sexto artigo, Leila Heloíse da Silva Jerônimo e Marília Varella Bezerra de Faria, em O EMBATE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM ERIC EFFIONG NA SÉRIE SEX EDUCATION, ancoradas nos postulados de Bakhtin, Butler, Louro e Hall, discutem o corpo, a sexualidade e a identidade de uma personagem. “As análises revelam as forças sociais conflitantes de centralização e de descentralização – forças centrípetas e forças centrífugas – que incessantemente atravessam as enunciações concretas da série e que interferem na construção identitária do personagem”. Como representante da comunidade LGBTQIA+, “a homofobia é o fio condutor na construção identitária” de Eric, que o leva “da euforia do reencontro consigo” à “sensação traumática da violência e da negação”.

Em O PROTAGONISMO DA LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE CORPOS, DISCURSOS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA, o sétimo texto, José Sena, orientado pela perspectiva performativa butleriana, debate o papel da linguagem na produção de corpos, discursos e práticas de resistência. O texto se centra em “a relevância da performance enquanto prática de linguagem mobilizadora de processos reflexivos que podem gerar alternativas diante de problemáticas sociais que geram sofrimento humano”. Segundo o autor, “a visada pragmática, ao dar relevo aos usos e às práticas dos sujeitos nos complexos contextos da vida social, engaja um importante avanço em termos de reflexividade, da capacidade de nos pensarmos em nossas práticas” de e por meio da linguagem.

O oitavo artigo, de Marília Diógenes Moreira, intitulado A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NAS REDES SOCIAIS: PADRÕES DE BELEZA E DISCURSOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS, investiga postagens de blogueiras *fitness* no Instagram. Calcada nos estudos foucaultianos (especialmente, nas categorias de corpo, disciplina e poder), a autora reflete sobre a supervalorização da aparência corporal na mídia e na sociedade, relacionada a hábitos de consumo. Os resultados revelam o quanto as mídias disciplinam os

sujeitos com um discurso de construção de corpo ideal, representado por uma forma física magra e jovem.

O nono artigo, O CORPO QUE FALA: MORALIDADE, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA, de Mayara Oliveira Nogueira, fundamentado na Análise da Narrativa e na Análise Crítica do Discurso, voltado a uma situação de enunciação específica, reflete sobre “o lugar do corpo em práticas linguísticas cotidianas, nas quais micropolíticas de resistência são estabelecidas”. Os resultados demonstram a importância dos estudos discursivos considerarem a relação entre corpos e contextos, com evidências de marcas interseccionais de gênero e classe.

Rafael Cossetti e Jarbas Vargas Nascimento, no décimo artigo, “O CORPO COMO ARMADURA DE RESISTÊNCIA”: CORPOS TRANS* NA CENOGRAFIA DE DIÁRIO EM PROSA E EM POESIA, investigam, fundamentados em Maingueneau, a paratopia de três discursos literários produzidos por sujeitos trans. Os resultados indicam que “essa produção discursivo-literária de sujeitos trans* busca criar um lugar social para esses sujeitos e seus corpos e fazem-no em resistência à cisgeneridade compulsória”.

No texto seguinte, “CORPO SILENCIADO, VOZ SILENCIADA: ANÁLISE DO DISCURSO DOS HOMENS TRANSEXUAIS SOBRE O ATENDIMENTO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE”, Jonathan Ribeiro Farias de Moura e Bruna Valentim da Silva analisam o discurso de dois homens trans que usam o Sistema Único de Saúde brasileiro. A análise se baseia nos pressupostos da Análise Materialista do Discurso, que tem como um dos precursores Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil. Para os autores do artigo, em diálogo com Butler (2015), “Corpo e voz são silenciados, mas estão significando dentro de um sistema que os oprime com um discurso hegemônico da cisgeneridade-heterossexualidade”.

Em ANÁLISE DIALÓGICA DE MARIA DA VILA MATILDE: A CANÇÃO NO EMBATE CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO, o décimo segundo artigo deste número, Mayra Pinto e Rainy Sena dos Santos analisam, sob a ótica da análise dialógica do discurso, a canção Maria da Vila Matilde, de Douglas Germano, interpretada por Elza Soares. Acoradas nas palavras de Davis (2017), as autoras tratam da importância de canções como a de Douglas Germano, na voz de Elza Soares, a fim de fomentar e ampliar o debate sobre questões de gênero, dado o alcance da música na conscientização da sociedade.

Laís Sousa Di Lauro, no décimo terceiro texto, MATÉRIA EM EVIDÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CORPO FEMININO NA ERA DA TECNOLOGIA, analisa o culto ao corpo na era da tecnologia, em especial no universo *online*. Segundo a autora, “em um cenário repleto de aparatos tecnológicos e redes sociais, que

facilitam a disseminação de imagens e propiciam a exibição corporal, este torna-se uma vitrine que, muitas vezes, reflete uma preocupação excessiva com a estética corporal, podendo, portanto, gerar graves consequências para a vida das mulheres”. Fundamentada, especialmente, em Foucault, mas também em Novaes, Goldenberg e Ortega, a autora discute uma foto postada por Cléo Pires, em 2019, e a arena discursiva que se criou em torno da postagem, com discursos disciplinares, controladores e idealizantes sobre o corpo, em especial o feminino.

Em O ATO DE NOMEAR NO DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER, Ângela Alves de Araújo Barbosa, Richardson Silva e Denise Lima Gomes da Silva discutem, com base no dialogismo bakhtiniano, a nomeação do corpo feminizado no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher até a culminância do feminicídio. Os autores veem, no ato de nomear, uma significativa relação de alteridade, em que o outro é apreciado, valorado, ideologizado. No contexto dialógico de um discurso de ódio contra a mulher, o ato de nomeá-la de vadia, ardilosa, bandida, louca diz mais, segundo os autores, sobre o nomeador do que sobre as nomeadas, revelando um funcionamento discursivo reverso que, ao fim e ao cabo, desvela a resistência dessas mulheres, vítimas dessa violência discursiva.

Na sequência, Débora Caruline Pereira Silva e Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares, em OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA O CORPO GORDO FEMININO NO INSTAGRAM: DOS ESTEREÓTIPOS ÀS RESISTÊNCIAS, discutem, com base em Foucault, postagens de corpos femininos considerados fora dos padrões estéticos vigentes, gerando, assim, discursos e contra-discursos sobre o corpo, num embate em que forças sociais são confrontadas. Segundo as autoras, “o apagamento que antes era comum na história das mulheres, hoje não é mais tão possível, visto que as lutas são mais frequentes e a mulher cada dia que se passa muda mais a história. O silenciamento das mulheres dá lugar à força de vontade de pertencerem a uma sociedade que anda longe de ser justa, mas que já avançou muito se comparada a séculos como o XVIII”.

Renata Martins Amaral e Maria das Graças Dias Pereira, em “A MULHER NO MERCADO”: NARRATIVA DE SOFRIMENTO E DENÚNCIA POSTADA NO BLOG DE UMA MULHER COM CÂNCER DE MAMA, o décimo sexto artigo deste dossiê, investigam o posicionamento narrativo e identitário de uma mulher em tratamento de câncer de mama, que utiliza as redes sociais para compartilhar suas histórias de vida, especialmente, após o diagnóstico da doença. Concentrando a análise em uma das narrativas de seu blog, as autoras avaliam “o compartilhamento de sua história de vida como uma possibilidade de entendermos que a descoberta de uma doença invasiva como o câncer de mama não representa o fim da

vida”. O estudo mostra que “experiências de dor e sofrimento podem ser redimensionadas em práticas sociais de enfrentamento da doença através das redes sociais”.

No décimo sétimo texto, O CORPO DA MULHER SOB DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O SENSO COMUM E A REPRODUÇÃO DE SEUS DISCURSOS PELA MÍDIA, Carlos Alexandre Molina Nocchioli analisa uma matéria publicada na revista de divulgação científica *Mundo Estranho*. Segundo o autor, “ao mesmo tempo em que se coaduna com seu imaginável público, a publicação reproduz o discurso do senso comum, ainda patente nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura, associadas às questões sexuais relacionadas a figura da mulher. Nessa perspectiva, reifica-se a sexualidade feminina, outorga ao homem o protagonismo na construção do prazer e reduz discussões sexuais complexas ao nível da zombaria”.

O próximo, TALKEY SHOWS E IMPRENSA: UMA LEITURA BASEADA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO, de Maria Stella Galvão Santos, fundado no referencial teórico de Van Dijk, Fairclough, Charaudeau e Sodré, entre outros, e recorrendo às ferramentas de viés linguístico para analisar as relações entre linguagem, poder e controle social, trata de dois episódios dos chamados “Talkey shows”, momentos em que o Presidente da República interagia, à frente do Palácio do Planalto, com a imprensa e com alguns de seus seguidores. A autora conclui que “tais encenações buscam, de maneira sub-reptícia ainda que discursivamente explícita, atuar como cortina de fumaça para evitar a abordagem, pelos repórteres, de assuntos espinhosos e polêmicos no cotidiano de governos”.

No décimo nono texto, DISCURSO DE RESISTÊNCIA ÀS AVESSAS: O CASO DO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL A RESPEITO DA PANDEMIA, Anderson Silva se centra no que chamou de “discurso de resistência às avessas”, usado por Jair Bolsonaro para descredibilizar o discurso científico acerca das medidas de prevenção contra o Coronavírus, calcado na Análise Dialógica do Discurso. De acordo com o autor, a estratégia discursiva de inversão influencia pessoas e propaga o que Mbembe compreende como necropoder.

O vigésimo artigo, DA PALAVRA VIVA À PALAVRA DE ORDEM: UMA LEITURA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA A PARTIR DO CONTEXTO RUSSO-SOVIÉTICO, de Fabiana Zogbi Lontra da Conceição, discute as noções de agitação e propaganda a partir de um de seus produtos: a palavra de ordem. A autora se fundamenta nos estudos de Volóchinov; em Zandwais sobre a propaganda política em diferentes contextos, nas considerações a respeito da “palavra viva” desenvolvida em Brandist e nos estudos do Círculo de Bakhtin de Tchougounnikov. Toma como base, ainda, alguns textos de Lênin. O texto se focou nas palavras de ordem “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”.

Em A CONSTRUÇÃO DE VERDADES PARRESIÁSTICAS EM DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO E HETERONORMATIVIDADE, o vigésimo primeiro artigo, Douglas de Oliveira Domingos e Regina Baracuhy partem da problemática de que os sujeitos LGBTQIA+ sofrem com discursos que objetivam seus corpos e levam alguns ao adoecimento mental e a tentativas de suicídio. A partir de Foucault, o texto analisa três vídeos do *YouTube* relacionados a tentativas de suicídio e investiga efeitos de verdade gerados pela discursivização parresiástica das tentativas de suicídio de sujeitos LGBTQIA+ no ciberespaço. Conforme os autores, com a disseminação do acesso e dos efeitos das mídias digitais, enunciados-acontecimentos sobre suicídio têm emergido e se acumulado no ambiente virtual, o que também garante visibilidade às fatalidades decorrentes da heteronormatividade.

O vigésimo segundo artigo, A TRAJETÓRIA DE UM SUJEITO TRANSGÊNERO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO, de Felipe Santos da Silva e Alexandre Marcelo Bueno, analisa o discurso de um sujeito transgênero e as repercussões sociais, positivas e negativas, que o ser trans vivencia no contexto universitário. A análise incide sobre o recorte de uma pesquisa com um número maior de participantes LGBTQIA+, acadêmicos de uma universidade brasileira, entrevistados em 2018. Uma análise semiótica dos relatos foi empreendida, interrelacionada com os estudos de gênero e transexualidade. Os resultados apontam para o preconceito, a intolerância e a estigmatização da comunidade trans.

Em O DISCURSO KINIKINAU: CULTURA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO, o vigésimo terceiro texto, Maira Luana Morais busca localizar, via materialidade linguística e com base em regularidades enunciativas, as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os sentidos possíveis que perpassam a memória discursiva do povo Kinikinau. A análise está ancorada nos conceitos de sujeito, formação ideológica e discursiva, interdiscurso e memória, dos estudos foucaultianos. O *corpus* foi composto por recortes extraídos de um Trabalho de Conclusão de Curso de um professor indígena Kinikinau e cinco textos produzidos por alunos do ensino fundamental 2, da escola da Aldeia São João. Os resultados apontam para o fato de que os povos indígenas têm sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco, em ambivalência.

No vigésimo quarto artigo, NOVA(S) DESCOBERTA(S) DO NOSSO BAIRRO: LETRAMENTO COMUNITÁRIO, GÊNEROS DISCURSIVOS E AÇÃO SOCIAL, Alana Driziê Gonzatti dos Santos e Maria do Socorro Oliveira, ao considerarem a relevância da articulação entre as esferas escolar, familiar e comunitária, discutem impactos de um projeto de letramento comunitário (PLC) no redimensionamento de práticas de fala, leitura e escrita. O aporte teórico se fundamenta no letramento, nos estudos bakhtinianos e da Nova Retórica, para

refletir acerca dos gêneros discursivos. Os resultados levam à produção de um *e-book*, em que os saberes locais dos discentes são apresentados, em gêneros discursivos diversos.

Em seguida, em INFLUÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA REVISTA LINGUAGEM E ENSINO, Albanyra dos Santos Souza analisa o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como reflete sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. A base teórica se funda em estudos sobre cronotopia (Bakhtin, Bemong, Machado) e sobre o universo virtual (Levy, Lemos, Lipovetsky, Charles, Rojo E Barbosa). Durante o período de 2008 a 2017, destacaram-se 38 publicações sobre o uso das tecnologias nas aulas de línguas. Os resultados revelam que os tempos hipermodernos se manifestam nos espaços educacionais.

No vigésimo sexto texto, A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO INTERIOR DOS INTERSTÍCIOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS, DOS ACONTECIMENTOS E DAS ASSEMBLAGENS, Adilson Crepalde e Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro estudam um cartaz encontrado em praça pública, depois de uma manifestação em defesa da liberdade sexual e de gênero, e discutem o processo de construção de sentido do cartaz, que manifesta apoio à luta, em nome do amor cristão. O enunciado é estudado do ponto de vista do chamado pensamento rebelde, com destaque para às reflexões de Foucault. O estudo mostra como um simples e aparentemente inocente cartaz recobre uma complexidade de sentidos.

Em ESTADO ISLÂMICO E SUA OPÇÃO DISCURSIVA PELA POLÊMICA E A VIOLÊNCIA, o penúltimo artigo, Eduardo Assunção Franco investiga, em textos divulgados no *site* www.jihadology.net, as estratégias discursivas que o grupo radical Estado Islâmico (EI) utiliza para divulgar suas ações violentas para se firmar no espaço público e captar seguidores ou voluntários. Os resultados revelam que os recursos linguísticos do discurso profético/apocalíptico, da polêmica e do discurso propagandístico/incitação compõem a estratégia argumentativa e persuasiva do EI.

No último artigo, ENTRE AS PRESCRIÇÕES DO CONCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-AUTOR: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM CRÔNICAS ESTUDANTIS, Tatiana Simões e Luna, ancorada nos estudos bakhtinianos e de Authier-Revuz, investiga as produções vencedoras na categoria crônica, da quinta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLPEF). A autora analisa as relações entre as prescrições do concurso e a constituição dos sujeitos-autores, com seus posicionamentos. Os resultados demonstram que os estudantes se apropriaram das normas e assinalaram suas posições, por

meio de representações temáticas e de recursos linguístico-estilísticos não previstos. Com isso, assumiram suas vozes ao subverterem parte das coerções genéricas prescritas.

Este número é, antes de tudo, um ato de resistência para a (re)existência de sujeitos e corpos atacados e in-visibilizados. Agradecemos aos autores que compartilharam conosco seus textos para comporem este número temático da *Revista PERcursos Linguísticos*. Da mesma forma, agradecemos aos membros do conselho editorial da revista, pela colaboração essencial. E somos gratas, principalmente, aos editores do periódico pela parceria e pela abertura desse espaço tão relevante para o compartilhamento de nossos conhecimentos.

Esperamos que a leitura deste dossiê também seja, para todos, como para nós, um ato corpóreo essencial de (re)existência amorosa e cuidadosa.

Luciane de Paula¹
Luciano Vidon²
Maria da Penha Casado Alves³

Outubro/2020.

Referência:

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹ UNESP. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com.

² UFES. E-mail: pavidon@gmail.com

³ UFRN. E-mail: penhalves@msn.com

**GESTUALIDADE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA:
APONTAMENTOS NOS TEXTOS VOLOCHINOVIANOS DE 1926 E
1930**

Michel Pratini Bernardo da Silva ¹

Pedro Farias Francelino²

RESUMO: O presente artigo objetiva refletir acerca dos principais apontamentos teóricos sobre gestualidade desenvolvidos por Volóchinov em dois de seus textos da primeira metade do século XX: *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930). Como aporte teórico, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos do *Círculo de Bakhtin*, especialmente as considerações de Valentin Volóchinov. Utilizamos a metodologia da pesquisa bibliográfica, uma vez que nos apoiamos nos referidos ensaios já publicados para sistematizar ideias teóricas e desenvolver reflexões acerca da temática da gestualidade. Salientamos que, no decurso das nossas reflexões, fizemos uso de algumas charges que nos auxiliaram no processo de construção da argumentação. Os resultados revelaram que, ao construir os ensaios, Volóchinov aborda, mesmo que brevemente, questões sobre a gestualidade. Em *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*, verificamos que a gestualidade está diretamente ligada à noção de *extraverbal*, bem como ao *caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social* e à personificação do *terceiro participante*. Já em *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado*, observamos que a gestualidade se relaciona à noção de *réplica* (resposta) e à ideia de *orientação social* do enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Gestualidade. Volóchinov. Ensaios de 1926 e 1930. Enunciado.

ABSTRACT: The present paper aimed to reflect about the main theoretical notes around gesture developed by Volóchinov in two of his texts of the first half of the twentieth century: *Discourse in Life and Discourse in Art: for a sociological poetics* (1926) and *The stylistic of the literary discourse II: construction of the utterance* (1930). As theoretical contribution, we used the theoretical and methodology assumptions of Bakhtin Circle, specially the considerations of Valentin Volóchinov. We highlighted that the investigation of our research was bibliography, once we support each other in essays already published to summarize the ideas and to develop reflections concerning of them. We emphasize that, in the course of our reflections, we were used some cartoons that help us in the process of the construction of our argument. The results revealed that, in constructing the essays, Volóchinov points out, even though briefly, the questions about gesture. In *Discourse in Life and Discourse in Art: To the sociological poetic*, we verify that the gesture is linked to the notion of *extraverbal*, as well as

¹ Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Endereço Eletrônico: mchel_pbs@hotmail.com

² Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Endereço Eletrônico: pedrofrancelino@yahoo.com.br

in the shared and implied character of the evaluations of a specific social group, and the personification of the third participant. While, In *The stylistic of the literary discourse II: construction of the utterance*, we observed that the gesture is relate to the notion of reply (response) and the idea of social orientation of utterance.

KEYWORDS: Gesture. Volóchinov. Essays of 1926 e 1930. Utterance.

Na interação discursiva, elementos verbais e não verbais são, indispensavelmente, produtores de sentidos. Um olhar, uma expressão do rosto e/ou um movimento do corpo podem significar bastante em um determinado contexto enunciativo. Nesse sentido, neste artigo, compreendemos os gestos (estáticos ou não), isoladamente ou em conjunto com elementos verbais, como enunciados concretos, unidades reais da comunicação discursiva.

Em virtude disso, objetivamos refletir acerca dos principais apontamentos teóricos sobre gestualidade desenvolvidos por Volóchinov em dois de seus textos produzidos na primeira metade do século XX: *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930)³. A escolha desses ensaios se justifica na medida em que são escritos do autor utilizados com grande frequência entre pesquisadores da comunidade acadêmica nacional e internacional da área de estudos da linguagem, pois neles estão muitos dos conceitos basilares de uma teoria dialógica do discurso. Além disso, são dois manuscritos em que se apresenta, de forma clara e deliberada, uma discussão sobre a temática da gestualidade, embora carente de maiores aprofundamentos.

Desse modo, em nosso estudo, buscamos sistematizar e promover uma reflexão sobre os principais apontamentos teóricos, presentes nesses ensaios, que nos revelam a natureza dialógica dos enunciados concretos que, parcial ou integralmente, manifestam-se em gestos. Como pressupostos teóricos, utilizamos o pensamento linguístico-filosófico do *Círculo de Bakhtin* (especialmente os textos de Volóchinov), bem como os estudos discursivos de autores que se pautam nessa perspectiva de investigação da linguagem.

O presente estudo é, inicialmente, de cunho bibliográfico e, por conseguinte, analítico, uma vez que se apoia em textos publicados para sistematizar ideias e desenvolver reflexões a seu respeito. O *corpus* analítico é composto por dois ensaios de Volóchinov, os quais foram publicados, respectivamente, em 1926 e 1930. Ressaltamos ainda que, no decurso de nossas incursões, utilizamos enunciados verbo-visuais, como charges, a fim de elucidar o fenômeno

³ A edição em análise foi traduzida por Sheila Grilo e Ekaterina VólKova Américo, em 2019, pela Editora 34.

investigado. Tecidas essas considerações preliminares, procedamos à exposição da nossa investigação.

Apontamentos volochinovianos sobre gestualidade

Neste estudo, consideramos os ensaios apresentados como posições socioaxiológicas de um determinado sujeito sobre um objeto do discurso. Em outros termos, *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* se constituem enunciados concretos, unidades reais da comunicação discursiva acadêmica da conjuntura sócio-histórica em que seu autor viveu. Em razão disso, compreendemos que, para a investigação de qualquer enunciado vivo e concreto, é indispensável recuperarmos o contexto extraverbal que o engendrou, procedimento que buscaremos realizar neste momento.

Os manuscritos em tela são de autoria de Valentin Nikoláievitvh Volóchinov, filósofo, músico, linguista e crítico literário ligado ao *Círculo de Bakhtin*. Nascido em 18 de junho de 1895, em São Petersburgo, o autor ingressou no *Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente* (ILIAZV), renomado centro universitário de Língua e Literatura russas, em março de 1925.

Na instituição, Volóchinov desenvolveu, entre os anos de 1925 e 1932, as atividades de doutorando, pesquisador, docente e técnico-administrativo (cargos de chefia). Segundo Grillo e Américo (2019), é comum, nos trabalhos do autor, a presença explícita de pensadores marxistas soviéticos, uma vez que o marxismo tornou-se, na época, uma orientação hegemônica na área das ciências humanas, uma abordagem teórico-metodológica oficial e obrigatória para o ingresso em instituições de pesquisa soviéticas.

Entre os textos que escreveu quando esteve na ILIAZV, estão *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930). No primeiro, o qual organizou em sete seções, buscou destacar a importância de uma abordagem sociológica para os estudos poético-literários, enquanto, no segundo, visou discutir a estilística do discurso literário em perspectiva sociológica.

De acordo com Grillo e Américo (2019), ao investigarem seis relatórios desenvolvidos por Volóchinov durante o processo de doutoramento do pesquisador na ILIAZV, *A palavra na vida e a palavra na poesia* é fruto de um resumo expandido de um livro que nunca chegou

a ser publicado por ele. A obra, que, inicialmente, recebeu o nome *Ensaio de poética sociológica*, passou a se chamar, no decorrer dos relatórios, *Introdução à poética sociológica*. Ainda conforme as autoras, publicar artigos para, em seguida, transformá-los em um livro era um modo de trabalho recorrente de Volóchinov.

Sobre *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado*, ressaltamos que o texto, publicado em 1930 (um ano após a defesa de doutoramento de Volóchinov), faz parte de uma série de quatro ensaios sobre a estilística do discurso literário. Segundo Grillo e Américo (2019), embora tenha prometido quatro ensaios (*O que a linguagem/língua?; A construção do enunciado; A palavra e sua função social; Gênero e estilo do enunciado literário*), o autor publicou apenas três textos, uma vez que o último estaria, à ocasião, em processo de elaboração. Conforme as pesquisadoras, o quarto título nunca foi encontrado entre os manuscritos do estudioso.

Gestualidade em *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926)

Em *Palavra na vida e palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926), Volóchinov elabora, inicialmente, uma crítica aos teóricos que aplicam o método sociológico na investigação, exclusivamente, de questões históricas nos estudos literários. Para o autor, a literatura é um fenômeno social e carece de uma abordagem sociológica. Em seu raciocínio, dois pontos de vistas podem ser considerados errôneos: o primeiro é a *fetichização da obra de arte como coisa*, visão que considera apenas os aspectos materiais da obra de arte e a combinação de suas propriedades; o segundo ponto de vista é aquele que se limita ao estudo do *psiquismo do criador ou do contemplador*.

Segundo Volóchinov ([1926] 2019), os dois pontos de vistas falham por buscarem encontrar o todo na parte, ou seja, isolam a estrutura da parte e a apresentam como o todo. Entretanto, para ele, o artístico não está apenas no objeto ou no psiquismo do criador ou do contemplador, está na interação entre os três elementos. Apresentada essa problemática, Volóchinov expõe o objetivo do texto: “Compreender a forma do enunciado poético enquanto forma dessa comunicação estética específica, realizada no material da palavra” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 117). Para isso, analisa o discurso do cotidiano comum, pois nele estariam as sementes da futura forma literária, para, em seguida, investigar a forma do enunciado literário.

Após esse contexto teórico-metodológico, Volóchinov inicia suas considerações, afirmando que a palavra, em uma dimensão imanente, não é autossuficiente, uma vez que ela surge de uma situação extraverbal. Somente em contato com vida, com a situação extraverbal que a engendrou, que ela se torna um todo concreto. Para Volóchinov, “a palavra entra em contato direto com o acontecimento cotidiano, fundindo-se com ele em uma unidade indivisível” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p.118), isto é, em uma unidade inseparável. O autor traz, em seu texto, a ilustração de uma situação vivenciada por duas pessoas em um contexto de contemplação da neve que caía no ambiente em que ambos se encontravam. Ele se utiliza desse exemplo para desenvolver a noção de contexto extraverbal, afirmando que este

(...) é composto por três aspectos: 1) O *horizonte espacial comum* dos falantes (a unidade do visível: o quarto, a janela etc.); 2) o *conhecimento e compreensão da situação comum* aos dois; e finalmente 3) a *avaliação comum* dessa situação (...). É sobre tudo isso que o enunciado se apoia diretamente – o “visto por ambos” (flocos de neve vistos pela janela), o “conhecido por ambos” (o mês de maio) e o “avaliado em concordância” (o inverno que já cansou, a primavera desejada) –, tudo isso está incluído no seu sentido vivo e é absorvido por ele, permanecendo, no entanto, sem marcação e expressão verbal. (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p.118-119) (Destques do autor).

Os apontamentos apresentados nos possibilitam uma reflexão sobre a questão da gestualidade, especialmente ao analisarmos atentamente os três elementos que constituem o aspecto extraverbal do enunciado. Faremos isso, a partir deste momento, retomando dois enunciados publicados no período da campanha eleitoral para presidência do Brasil, em 2018. Os gestos, materializados nas charges selecionadas, refletem/refratam os posicionamentos axiológicos dos sujeitos partícipes do pleito eleitoral da época. Observemos:

Imagem 1 – Charge Bolsonaro



Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2019/11/charge-patria-amada.html>

Imagem 2 - Charge Lula



Disponível em: <http://www.brasil247.com/charges/aroeira-rock-in-lula>

O primeiro aspecto que faz parte da situação extraverbal do enunciado é o *horizonte espacial comum* dos falantes. Em outras palavras, é aquilo que é conjuntamente visto pelos sujeitos que compõem a situação de comunicação. Os gestos, por sua vez, fazem parte desse aspecto. Na imagem 1, por exemplo, observamos o candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro com suas mãos direcionadas para cima, representando uma arma de fogo, aspecto que ganhou grande proporção durante as eleições de 2018. Esse gesto vem acompanhado de um sorriso largo do candidato, sugerindo sentimento de satisfação e de regozijo por corresponder às expectativas do segmento que o apoia politicamente. A gesticulação tornou-se reconhecida, em todo o país, como uma marca ideológica dos militantes e apoiadores do candidato.

De semelhante modo, na imagem 2, observamos uma gesticulação realizada por Luís Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil e ícone do *Partido do Trabalhadores* (PT), que, na ocasião, tinha como candidato à Presidência da República o professor e advogado Fernando Haddad. O gesto, que representa a letra “L” de “Lula”, tornou-se um escudo de luta dos militantes e apoiadores de Fernando Haddad e do PT. Não podemos deixar de ressaltar que apenas um movimento de rotação, para cima ou para baixo, diferenciava os gestos adotados por ambos os candidatos, todos saturados de sentidos.

O segundo aspecto da situação extraverbal é o *conhecimento e a compreensão da situação comum* aos sujeitos, isto é, aquilo que é conjuntamente sabido pelos participantes da situação de comunicação: o conhecimento compartilhado. Nas imagens 1 e 2, os gestos apenas veiculam o sentido que têm, em virtude de: reconhecermos, inicialmente, a forma e o movimento das mãos (arma de fogo e letra do alfabeto), bem como que o “L” de Lula remonta a outros momentos históricos do país, de pleitos eleitorais anteriores, quando esse signo já era muito utilizado; sabermos que o enunciado se materializou na campanha eleitoral de 2018; conhecermos os perfis dos partidos e dos candidatos envolvidos no processo; sabermos os discursos de cada um em relação às propostas de governo para o país etc.

Por fim, o terceiro aspecto que compõe a situação extraverbal do enunciado é a *avaliação comum* dessa situação. Nesse momento, entram em jogo os julgamentos de valores, a avaliação dos sujeitos em relação aos gestos discursivos dos candidatos. Em um dos enunciados apresentados acima, é veiculado, de forma consistente, o discurso do armamentismo, temática que gerou posicionamentos divergentes em 2018. Dessa forma,

quem adotasse, pelas ruas e lugares do país, o gesto da arma na mão, era, por conseguinte, a favor do porte e da posse legal de armas. Por outro lado, quem aderisse ao “L” de “Lula”, era, conseqüentemente, contra o porte e posse legal de armas e a favor de outras pautas de uma agenda política mais progressista.

Outro conceito discutido por Volóchinov em *Palavra na vida e palavra na poesia* é a entonação, a partir do qual ele desenvolverá breves reflexões sobre gestualidade. Segundo o autor, ela “sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e não dito” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p.123) e dois aspectos são essenciais para determinar, à palavra, um tom de aprovação, reprovação, indignação, humor, alegria etc., sobre os quais, sucintamente, falaremos a seguir.

O primeiro diz respeito ao fato de que a *entonação só é possível por causa do caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social*. Ela tem por base um “apoio coral”, o qual corresponde ao compartilhamento de uma mesma avaliação por um grupo de sujeitos. Caso isso não aconteça, a entonação pode enfraquecer ou cessar. O segundo aspecto que determina a tonalidade discursiva do enunciado é o *terceiro participante ou objeto do discurso*, o qual, explica Volóchinov, tem tendência à personificação, pois é visto como se fosse um objeto vivo, passível de indignação, de ironia etc. Essa humanização do objeto é chamada de *metáfora entonacional*.

De semelhante modo, ocorre com a *metáfora gestual*, fenômeno que envolve, especificamente, a gestualidade. Para autor,

(...) entendemos o gesto de modo amplo, o que inclui a expressão facial, tomada como a gesticulação do rosto. Assim, como a entonação, o gesto precisa de apoio coral das pessoas que estão em torno: apenas no ambiente da cumplicidade social é possível um gesto livre e seguro. Por outro lado, o gesto, assim como a entonação, abre a situação e introduz o terceiro participante, o protagonista. No gesto sempre dorme o embrião do ataque ou defesa, da ameaça ou do carinho, sendo que ao observador ouvinte é reservado o lugar de cumplicidade ou testemunha (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 126-127).

Conforme observamos, a gestualidade também leva em consideração o caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social e o terceiro participante ou objeto do discurso. Assim, ao visualizarmos as imagens 1 e 2 apresentadas anteriormente, reconhecemos, graças ao compartilhamento social desses aspectos, os gestos da arma e da letra “L”, bem como as avaliações que cada grupo faz deles. Esse princípio

volochinoviano funciona para todos os gestos, inclusive os mais simples do cotidiano, a exemplo da palavra “tchau”.

É muito pertinente destacar, na citação acima, a afirmação de Volóchinov segundo a qual o gesto demanda um apoio coral e, um pouco mais que isso, a postura da cumplicidade. Nesse sentido, observamos que os gestos materializados nas charges, dos dois sujeitos retratados, não se limitam a um tempo, o das eleições de 2018. Como já afirmamos anteriormente, no caso do ex-presidente Lula, o gesto do “L” precede a esse momento, tendo já aparecido, e de forma muito mais intensa, em disputas eleitorais das quais ele já participou. Essa reiteração, em 2018, apenas consolida a adesão – o apoio coral, portanto – de sua militância.

O mesmo se pode dizer do candidato – e hoje presidente – Jair Bolsonaro. No caso dele, que é mais recente, o uso do signo ideológico gestual da mão em forma de arma continua até os dias de hoje, praticamente há quase dois anos das eleições, e essa reiteração, inclusive, adquire outros matizes entonacionais, outros sentidos, pois a crise política que se instaurou recentemente tem levado o presidente a repetir esse gesto, agora não apenas no contexto de uma promessa de campanha – a do armamento – mas no contexto de uma reafirmação dos compromissos assumidos como forma de manutenção no poder.

Não podemos deixar de evidenciar que, para Volóchinov ([1926] 2019), os gestos também constituem uma resposta, conceito⁴ recorrente nos textos do *Círculo de Bakhtin*. Para o autor, eles não se constituem elementos emocionais ou passivos do falante; pelo contrário, “Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social” (VOLÓCHINOV, [1926] 2019, p. 127).

Caminhando para as últimas seções do ensaio, Volóchinov, ao investigar agora o discurso literário, afirma que a obra poética está entrelaçada com o contexto cotidiano não dito. Nesse sentido, as avaliações sociais subentendidas e os sujeitos que participam da interação social são muito importantes em sua constituição. Vale ressaltar que, conforme salientamos no início deste artigo, Volóchinov não elabora um aprofundamento de suas considerações sobre gestualidade no ensaio em questão, especialmente no momento em que

⁴ Qualquer enunciado vivo é uma réplica, uma resposta responsiva ativa do sujeito em relação a um objeto do discurso. Segundo Bakhtin ([1953] 2016), todo ouvinte ocupa simultaneamente uma posição responsiva ativa ao perceber e compreender o significado de um discurso, ou seja, ele concorda, discorda, completa, polemiza etc. Para Volóchinov ([1929] 2009, p. 101), toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa. Desse modo, “Toda inscrição prolonga aquelas que a precedem, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as” (VOLÓCHINOV, [1929] 2009, p. 101).

discorre sobre o discurso literário, motivo pelo qual não discutiremos, com mais intensidade, esta parte.

Gestualidade em *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930)

Conforme exposto, *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930) compõe uma série inconclusa que Volóchinov denominou *Estilística do discurso literário*. No ensaio, o autor busca, em sua primeira seção (*Comunicação social e interação discursiva*), retomar aspectos teóricos discutidos no artigo precedente – *O que é linguagem/língua* (1930) – chegando à relevante conclusão de que “a essência real da língua é o acontecimento social da interação discursiva, realizada em um ou muitos enunciados” (VOLÓCHINOV [1930] 2019, p. 268).

Nas duas seções seguintes (*Discurso monológico e discurso dialógico* e *A dialogicidade do discurso interior*), o autor busca evidenciar a natureza dialógica de todo discurso, inclusive do discurso interior, o qual, a seu ver, independente da nossa vontade, sempre se funde com outros pontos de vista que não participam da classe social a que pertencemos. “É como se a nossa consciência se dividisse em duas vozes independentes e contraditórias entre si” (VOLÓCHINOV [1930] 2019, p. 275).

Nas seções posteriores (*A orientação social do enunciado; A parte extraverbal (subentendida) do enunciado; A situação e a forma do enunciado; a entonação, a escolha e a disposição de palavras; e A estilística do enunciado cotidiano*), Volóchinov realiza uma produtiva discussão, mostrando dois aspectos: 1. O sentido do enunciado cotidiano “depende da situação e de como está determinada a orientação social para o ouvinte-participante dessa situação” (VOLÓCHINOV [1930] 2019, p. 286); 2. Todo enunciado apresenta uma forma composta por três elementos fundamentais: a entonação, as escolhas lexicais e a disposição das palavras.

Antes de discutirmos os apontamentos teóricos sobre gestualidade que aparecem no decorrer do ensaio, vale ressaltar que, no texto, Volóchinov concebe o discurso literário como discurso do cotidiano, da realidade social, produzido por uma pessoa real em condições reais. Na visão dele, esse procedimento de simular a interpretação de um enunciado literário como um enunciado do cotidiano é um “fazer de conta” e ocorre porque não há um disco gramofone que veicule a transmissão de uma conversa real entre pessoas vivas. Dado o exposto, a partir desse momento, discutiremos dois aspectos importantes sobre nosso objeto de estudo, os

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

quais aparecem no ensaio em investigação: o *gesto como réplica de um enunciado* e o *gesto como resultado da orientação social do enunciado*.

Assim como em *Palavra na vida e palavra na poesia*, ao abordar a noção de réplica, Volóchinov discute a questão da gestualidade, conforme vemos a seguir:

Em condições normais, sempre concordamos ou não concordamos com aquilo que ouvimos. Habitualmente, respondemos a todo enunciado do interlocutor, se não com palavras, ao menos com gestos: o movimento das mãos, o sorriso, o balanço da cabeça etc. É possível falar que toda comunicação ou interação discursiva ocorre na forma de uma *troca de enunciados* na forma de um *diálogo* (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 272). (Destques do autor).

Nesse sentido, os gestos também constituem uma réplica, uma resposta responsiva ativa do sujeito em direção a um objeto do discurso. Logo, a gestualidade pode acompanhar um dado material verbal ou, isoladamente, constituir um todo semântico produtor de sentido. Por meio dos gestos, podemos concordar ou discordar, aceitar ou refutar etc., isto é, podemos nos posicionar frente a outros discursos que circulam numa dada esfera de comunicação da língua. Utilizamos, inevitavelmente, todos os nossos sistemas de linguagens para nos comunicarmos uns com os outros. Somos, por sua vez, sujeitos ativamente responsivos.

Ao buscar evidenciar a importante natureza dos elementos extraverbais no processo de produção de sentidos de um enunciado, Volóchinov apresenta o seguinte exemplo: “O homem de barbicha branca, sentado à mesa, depois de um minuto de silêncio disse: “É!”. O jovem em pé à sua frente enrubesceu, deu-lhe as costas e foi embora.” (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 28). Segundo o estudioso, no fragmento exposto, verificamos duas réplicas que têm os sentidos determinados pela relação entre elementos verbais e extraverbais. A primeira é um enunciado verbal, constituído pela oração “É”, enquanto a segunda é um enunciado gestual, caracterizado pela reação orgânica do interlocutor (o rubor do rosto) e o seu gesto (sair em silêncio). Dessa forma, a gestualidade, em relação ou não com a materialidade verbal, constitui-se um enunciado concreto ou, pelo menos, parte integrante dele.

Em relação às charges 1 e 2 expostas nesse artigo, vale destacar que cada uma mostra os gestos que ganharam evidência durante o pleito eleitoral de 2018. Elas constituem réplicas, compreensões responsivas ativas dos sujeitos-enunciadores sobre os discursos que envolvem essas expressões gestuais, assiduamente veiculados pelos militantes, apoiadores e candidatos à Presidência da República. Se observarmos a parte verbal, em ambos os casos, os sujeitos Bolsonaro e Lula parecem responder, com esses gestos que estamos analisando, aos gritos

motivadores de seus seguidores e apoiadores. No caso da charge 1, com as mãos levantadas e com os dedos dispostos em forma de arma, o candidato parece reagir à euforia da multidão que grita: “Mito!, Mito!...”. De modo parecido, a mão erguida com os dedos em formato de “L” parece sugerir uma reação do ex-presidente Lula ao enunciado “Aumenta que isso aí é Lula livre!” (não necessariamente vindo de uma multidão, como sugere o enunciado da charge 1).

Outro aspecto discutido em *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* é a *orientação social do enunciado concreto*. Segundo Volóchinov ([1930] 2019), ela sempre estará presente em qualquer enunciado do homem, seja ele verbal ou mesmo gestual (por meio dos gestos e expressões faciais), uma vez que é uma das forças vivas organizadoras que, em relação com as condições extraverbais, constitui a força estilística e a estrutura gramatical do enunciado.

Para Volóchinov ([1930] 2019), o autor de uma obra literária realiza o processo de construção da imagem externa de uma personagem com base na orientação social do enunciado. Nesse viés,

Essa forma exterior corporal do comportamento social do homem (movimento das mãos, pose, tom da voz), que costuma acompanhar o seu discurso, é determinada principalmente pela consideração e, por conseguinte, pela avaliação correspondente do auditório presente (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 281).

Nesse sentido, ao gesticular, sempre levamos em consideração o nosso interlocutor, o outro que participa do processo de interação discursiva. Em vista disso, os “modos do homem” (VOLÓCHINOV, [1930] 2019, p. 281), suas expressões gestuais, resultam da orientação social de seu enunciado. É importante salientar que a relação “eu” e “outro”, através da orientação social do enunciado, pressupõe, devido à forte influência do método marxista nos escritos volochinovianos, a consideração da inter-relação sócio-hierárquica entre os interlocutores, isto é, o pertencimento da classe social dos interlocutores, seus bens, suas profissões, seus cargos etc.

Segundo Volóchinov ([1930] 2019), possuir “bons modos” é considerar o seu interlocutor, enquanto dispor de “maus modos” é desconsiderá-lo; é ignorar a relação sócio-hierárquica entre ambos. Nesse sentido, o autor busca mostrar que a gestualidade não é resultado de características inatas ou do próprio caráter do sujeito, mas da relação que ocorre entre os sujeitos da interação discursiva.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Ao discutir isso, Volóchinov cita um exemplo presente no livro *Almas Mortas*, de Gógol, importante escritor russo. Segundo o estudioso, os “bons modos” de Tchítchikov (personagem da história), os quais diferem a depender de quem ele visita, correspondem à expressão gestual de uma consideração do seu auditório social, isto é, da habilidade de compreender a personalidade do seu interlocutor. Esse procedimento também ocorre nas charges 1 e 2, as quais também foram elaboradas levando-se em consideração um auditório social, a saber: internautas interessados por política brasileira que acessam as respectivas páginas na internet dos autores dos enunciados.

A partir das considerações apresentadas, formulamos um quadro que sintetiza os principais apontamentos discutidos. Vejamos:

Quadro 1 – Síntese dos apontamentos sobre gestualidade nos escritos de 1926 e 1930

Quadro-síntese			
Gestualidade	<i>Palavra da vida e palavra na poesia: para uma poética sociológica</i> (1926)	Extraverbal	<i>1) Horizonte espacial comum;</i>
			<i>2) Conhecimento e compreensão da situação comum;</i>
			<i>3) Avaliação comum.</i>
		Metáfora gestual	<i>1) O caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social;</i>
			<i>2) O terceiro participante.</i>
		Resposta	<i>1) O gesto como réplica de um enunciado.</i>
	<i>Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado</i> (1930)	Resposta	<i>1) O gesto como réplica de um enunciado.</i>
Orientação social		<i>1) O gesto como resultado da orientação social do enunciado</i>	

Fonte: Elaboração própria a partir de Volóchinov ([1926, 1930] 2019)

No quadro acima, observamos categorias discutidas durante nossa investigação, as quais podem embasar futuras discussões analíticas sobre gestualidade, aspecto cujo estudo vem crescendo no campo das pesquisas em discurso na atualidade. Adiante, partimos para nossas considerações finais sobre a reflexão elaborada.

Considerações finais

O presente artigo buscou investigar apontamentos teóricos sobre a questão da gestualidade nos escritos volochinovianos, especialmente nos textos produzidos na primeira metade do século XX, a saber: *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926) e *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930). A pesquisa visou sistematizar ideias teóricas e desenvolver uma análise acerca da forma como o autor construiu reflexões produtivas para o estudo da gestualidade em perspectiva sociológica nos estudos da linguagem. Durante nossas discussões, fizemos uso de algumas charges para compreender de forma mais empírica a natureza dialógica da gestualidade, foco do nosso estudo.

Em *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926), verificamos que a gestualidade, como materialidade em que se concretiza o enunciado, pertence ao elemento extraverbal da unidade real da comunicação discursiva, o qual é constituído pelo *horizonte espacial comum*, pelo *conhecimento e compreensão da situação comum* e pela *avaliação comum*. Além disso, os gestos têm por base o *caráter compartilhado e subentendido das avaliações de um dado grupo social*, bem como são direcionados ao terceiro participante, o qual é personificado, compreendido como um objeto vivo.

Em *Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado* (1930), observamos, durante a discussão do autor, dois apontamentos que refletem diretamente a questão da gestualidade. O primeiro corresponde à noção de resposta: todos os enunciados são uma réplica, uma resposta responsiva do sujeito em direção a um objeto do dizer. Logo, os gestos não são elementos acidentais ou fortuitos; pelo contrário, são, individualmente ou em relação com os elementos verbais, réplicas, enunciados-resposta. Já o segundo apontamento, apresentado pelo ensaio, diz respeito à orientação social do enunciado: os gestos, assim como as escolhas estilísticas, gramaticais e frasais, levam em consideração o interlocutor, isto é, a inter-relação sócio-hierárquica entre os interlocutores que participam da interação discursiva.

A presente discussão revela que a temática da gestualidade tem seu lugar nas reflexões desenvolvidas pelos autores do conhecido *Círculo de Bakhtin*, a exemplo de Valentin Volóchinov. Sabemos que essas considerações não aparecem, na maioria das vezes, em primeiro plano nas obras, porém, elas nos possibilitam uma reflexão sobre o assunto, a fim de desenvolvermos importantes pesquisas científicas no campo de estudos do discurso. Destacamos, por fim, que este trabalho, em grande parte, é bibliográfico, por isso, estudos analíticos, com base nas categorias discutidas, poderão ser produzidos posteriormente.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 176p.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. 400p.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926)*. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. 400p.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Estilística do discurso literário I: a construção do enunciado*. In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. 400p.

Charge 1. Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2019/11/charge-patria-amada.html>. Acesso em: abril de 2020

Charge 2. Disponível em: <http://www.brasil247.com/charges/aroeira-rock-in-lula> Acesso em: abril de 2020.

CUERPO Y FIESTA EN BAJTIN

Angela María Chaverra Brand¹
Jean Carlos Gonçalves²

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir la relación entre el cuerpo y la fiesta, utilizando los estudios de Mikhail Bakhtin como la principal contribución teórica. Mientras el cuerpo, en relaciones dialógicas con el otro, sobrevive buscando posibilidades de existir y resistir frente al caos, la fiesta aparece vestida con los colores del arco iris e irremediamente enamorada de sus dioses. Aunque las discusiones centrales de este artículo se ubican en el contexto histórico de la Edad Media, sus reverberaciones contribuyen a la comprensión, hoy en día, de los fenómenos del lenguaje vinculados al cuerpo y al partido, que en la víspera de la segunda década del siglo XXI están obligados llevar una corona de espinas y bailar al son de las trompetas del Apocalipsis.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo. Fiesta. Bajtin.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre corpo e festa, utilizando os estudos de Mikhail Bakhtin como principal contribuição teórica. Enquanto o corpo, em suas relações dialógicas com o outro, sobrevive procurando possibilidades de existir e resistir ao caos, a festa aparece vestida com as cores do arco-íris e irremediavelmente apaixonada por seus deuses. Embora as discussões centrais deste artigo estejam localizadas no contexto histórico da Idade Média, suas reverberações contribuem, hoje, para a compreensão dos fenômenos da linguagem relacionados ao corpo e à festa, que mesmo na véspera da segunda década do século 21, são obrigados a usar uma coroa de espinhos e dançar ao som das trombetas do Apocalipse.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Festa. Bakhtin.

ABSTRACT: This article aims to discuss the relationship between the body and the party, using the studies of Mikhail Bakhtin as the main theoretical contribution. While the body, in dialogical relations with the other, survives looking for possibilities to exist and resist against chaos, the party appears dressed in the colors of the rainbow and hopelessly in love with its gods. Although the central discussions of this article are located in the historical context of the Middle Ages, their reverberations contribute to the understanding, today, of the phenomena of language related to the body and the party, which on the eve of the second

¹ * Facultad de Artes – Universidad de Antioquia – UDEA; Medellín, Colômbia. E-mail: angela.chaverra@udea.edu.com.

² Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação - Universidade Federal do Paraná – UFPR; Curitiba, Brasil. E-mail: jeancarlosgoncalves@gmail.com. Trabalho realizado com o apoio da CAPES (PNPD/CAPES-PPGE/UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí)

decade of the 21st century they are obliged to wear a crown of thorns and dance to the sound of the trumpets of the Apocalypse.

KEYWORDS: Body. Party. Bakhtin.

Presentación

La teatralidad que imponen las buenas costumbres se expresa en la idea de saber actuar en un espacio, de saber presentar-se en sociedad, el vestuario, el maquillaje, el gesto develan la pertenencia a esa sociedad. El espacio palaciego, al igual que la plaza pública, contiene su propia forma de teatralidad que se expresa en la manera en cómo se presente el cuerpo, en cómo actúa el cuerpo, más allá de la palabra. (ARISTIZABAL, 2011, p. 135).

En un territorio desenmarcado, despojado de verdades, se propone la fiesta como juego, hecho estético y devenir. Tono privilegiado para hablar de los excesos, de los miles de intentos fallidos de limitar su goce y prevenir las desproporciones. Umbral, borde espacial y temporal, de Cronos a Aión, un territorio, un no-lugar. Aires sagrados y profanos alternados y paralelos. Fiesta y trabajo, espacios de la cotidianidad cubiertos bajo el ala del símbolo.

Es oportuno afirmar que la fiesta no es el único lugar posible para entender los procesos de una comunidad, pero es claramente un pretexto para hablar de las construcciones sociales, de las complejidades actuales, de una pregunta por lo sensible, una excusa que nos permite trazar una ruta que se inicia con el nacimiento del símbolo. Ahora en el momento que vivimos, las ciudades cuentan con tantos recorridos que cualquiera escogido deja ver las construcciones y destrucciones, las ruinas, los marcajes, las rupturas espaciales y temporales; sin embargo, dentro de ellos, la fiesta, aunque no es una elección exclusiva, si favorece el retorno de Dionisos, el rompimiento de las fronteras y normas; es decir un acto de resistencia.

La celebración, según Michel Maffesoli (1996) hace parte de los cambios en los climas y las épocas de la cosecha. Dice el autor que es muy común que los jóvenes en la llegada de la primavera y en la recolecta de los frutos, evoquen a Dionisos y su poder arrollador. La fiesta atraviesa el lugar de la eroticidad, la agresividad, la juventud y el éxtasis, los cuales se escenifican en el cuerpo, en la vitalidad del mundo, asegurando un espacio común con la vendimia, el exceso de la naturaleza, el paso del joven a macho o a hembra, su madurez sexual y la pelea por su territorio.

Por su parte Bajtin (1987) afirma que en el carnaval la multitud hace gala de su expresión, se permite y valida la crítica a todas formas de autoridad, política y religiosa, hay manifestaciones públicas sexuales, excesos en la bebida y la comida, los disfraces y las máscaras transforman los roles sociales, la comunidad establece sus propias reglas y la presentación de un cuerpo despadazado. La teatralidad de los comportamientos expresivos e instrumentales de la fiesta y la vida cotidiana es lo que regula las sociedades, y es complementario y necesario en el devenir de las comunidades.

Apuntes sobre cuerpo y fiesta

La presencia del medio ideológico sobredetermina el accionar de los sujetos y moldea una subjetividad en pos de la hegemonía. Sin embargo, para la propuesta de Bajtin, cada sentido, cada subjetividad, espera su fiesta de resurrección en el acontecimiento” (OROPEZA, 2005, p. 6).

El pensamiento de las semejanzas, producto de la aparición del ideal platónico, tiene sus mismos esquemas, que da continuidad a los planteamientos del filósofo griego, pero enfocados hacia Dios como idea, alfa y omega, principio y fin, las fiestas no se realizan más en épocas de cosecha, ni de guerras, ni de triunfos, ni siquiera de rituales funerarios. Son autorizadas en las fechas en que la iglesia determina nacimientos, muertes, resurrecciones, natalicios de los santos más importantes, honores a las patronas de las ciudades y a sus guardianes celestiales.

No obstante, la prohibición siempre se acerca al ello vedado buscando formas de escape, y así la comunidad encuentra maneras de invocar a Dionisos, aunque cambian un poco los estilos de sacarlo a la luz, ya que toda la osadía de los antiguos, es reemplazada por actos de piedad. Los rituales cristianos evocan la muerte de Jesús y las fiestas sagradas son actos de contrición para borrar los pecados y recordar a los piadosos (a los impíos también) la pasión de Cristo. Mas sus fiestas no están exentas de violencia ni de actos de expiación y estas son las mnemotecnias que se filtran en las plazas y que son el material de estudio tanto de Maffesoli como de Bajtin.

Para Michel Maffesoli (2001), Las fiestas de los santos habían tomado el relevo de los dioses paganos, de los cuales algunos representaban y eran pretextos para la liberación y el desenfreno. Dice el autor que en la atmósfera festiva hay una relación intrínseca del cuerpo con el sentimiento trágico de la existencia.

El desborde es contenido por la ley divina, si bien de alguna manera se manifiesta en el exceso de sacrificio que también es del orden del goce. Se conserva la comicidad, aunque la risa sea la pérdida del temor de Dios (y la aparición del diablo, que guarda una estrecha relación con el dios griego cornudo. El ritual busca evocar al demonio para que después de bailar con él, la comunidad pueda entrar a la semana santa y liberarse de toda culpa).

El que peca y reza empata, dice el refrán. Los ancestros claman sus derechos a la orgía y la voz se escucha tímida pero impaciente; la iglesia no puede contener la euforia de sus fieles y aparece el carnaval disfrazado. En él se oponen la virtud y los vicios. Aunque, el carácter cómico de la fiesta es una continuidad, otros signos que aparecen como el de la virgen, no significan explícitamente la madurez sexual de los jóvenes listos para sus orgías.

Las fiestas alternas presentaban una gran diferencia con los ritos propuestos por el estado y la iglesia. Aunque esta última permitía ciertos festejos de carácter religioso, las formas del culto popular escapaban a ellos, construyendo otras maneras de sociabilidad, separada de los poderes sociales que en la edad media se confundían todos en un mismo origen, el eclesiástico. Ofrecían, según Bajtin (1989), una mirada extraoficial. Esto creaba dos mundos, uno aparentemente serio, fuera de la risa y la gran imposición de la iglesia. El otro, formado por la gran necesidad de las manifestaciones populares, la explosión de todas las represiones, “cultos cómicos en los que convertían a las divinidades en objetos de burla y blasfemia” (BAJTIN, 1989, 235)

En los años donde aún no se diferenciaban clases sociales o formas de gobierno, la seriedad y comicidad tanto de los dioses como de los hombres y de la naturaleza, eran sagrados y profanos e igualmente oficiales. En esta época se crean las diferencias de rangos, muy alejados de la risotada ritual que conocían las comunidades más antiguas. Los ritos religiosos negaban el carácter cómico a los actos más cotidianos, pero las gentes se las arreglaban para no perder la herencia lúdica y realizaban por fuera de la iglesia parodias al culto la cuales tenían un carácter de la teatralidad.

El lenguaje, como los rituales, se debate entre alabanzas, gritos, mieles, licores y el pan ácimo arremete contra la carne de cordero despedazada, creando un signo dual. El cordero era parte de las viandas de los celebrantes antiguos, pero también fue bendecido por

Jesús. El clero lo comprendió y por lo tanto, los ritos no perecieron sino que cambiaron sus significados. El hombre pasó por el tamiz divino todos los signos paganos, quedando estos, marcados por la semejanza con la divinidad.

La comunidad cambia su equivalencia pública; se torna privada, ya que el pecador (el cuerpo pecador) debe evitar la aparición en la sociedad. Las polis se transforman en feudos que se distancian entre sí. Se dificulta la comunicación y los comunitas están muy ocupados sirviendo a sus amos. Además, la cultura reinante en la antigüedad se queda en los rincones de las abadías y son muy pocos los que tienen acceso a ella, aunque se crean espacios profanos en los que la religión es muy permisiva. Aparecen territorios libres y sin prohibiciones en contra parte de otros privados; en el cosmos se juega lo celeste contra lo supraceleste y contra lo terrestre.

La falta de conocimiento, unido a una religión implacable, llenan de terror los corazones de los pobladores y se desplazan muchas fiestas hacia un sentimiento de piedad. En contadas ocasiones estos se defienden de las dictaduras y se sacuden en pequeños excesos que les recuerdan que no se han perdido los mandamientos dionisiacos.

La semejanza se instala en la necesidad del hombre de ordenar el mundo a través de los signos divinos y no sacrílegos: “*Otrora, el verbo se hizo carne y habitó entre nosotros*” (*Biblia*). Al principio el signo connotaba el origen de la vida y la aparición humana, mas Dios entra a escena a través del lenguaje y equilibra a los mortales. El juego de los signos facilita el orden y la sumisión; la divinidad rige los destinos y los hombres los acatan en silencio.

El festín orgiástico se vuelve en el ágape cristiano y el vino embriagador se transforma en sangre de cristo. La cena es la alianza de dios con su pueblo, la comunión un acto sublimado de violencia y el sacrificio ritual, la muerte del hijo del eterno, que se inmoló por la redención de los pecados de la humanidad. El dios Pan es el demonio; el ditirambo se torna en cantos gregorianos; las blasfemias en oración; la tragedia en autos sacramentales; los falos fueron cambiados por rosarios. Las mujeres condenadas a la hoguera por sus poderes sensuales y alquímicos.

Las fiestas se tornaron menos licenciosas que las de la antigüedad, pero más grotescas y desprovistas del misterio que envolvía la magia anterior. Paralelo a ello, la naturaleza que

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

mediaba todos los acontecimientos humanos, se aleja para siempre, ya que Dios la aparta del hombre y se la impone como castigo. El verbo se ha hecho carne, el pecado existe y la condena es la vida eterna. Muerte a la vida, al jolgorio y la grandeza de lo efímero.

El carnaval, representa el elemento más antiguo de la fiesta popular, y podemos asegurar, sin riesgo de equivocarnos, que es el fragmento mejor conservado de ese mundo inmenso y rico. Esto nos permite utilizar el adjetivo «carnavalesco» en una acepción más amplia que incluye no sólo las formas del carnaval en el sentido estricto y preciso del término, sino también la vida rica y variada de la fiesta popular en el curso de los siglos y bajo el Renacimiento, a través de sus rasgos específicos representados por el carnaval en los siglos siguientes, cuando la mayoría de las formas restantes habían ya desaparecido o degenerado.

Pero incluso en el sentido estricto de la palabra, el carnaval está muy lejos de ser un fenómeno simple y de sentido unívoco. Esta palabra unificaba en un mismo concepto un conjunto de regocijos de origen diverso y de distintas épocas, pero que poseían rasgos comunes. Este proceso de reunión de fenómenos locales heterogéneos, bajo el concepto de «carnaval», correspondía a un proceso real: en efecto, al desaparecer y degenerar las diferentes formas de la fiesta popular legaron al carnaval algunos de sus elementos: ritos, atributos, efigies y máscaras. De este modo, el carnaval se convirtió en el depósito adonde iban a parar las formas que habían dejado de tener existencia propia. (BAJTIN, 1987, p. 177).

Bajtin despliega su tesis desde la investigación que ha hecho sobre el carnaval, sobre todo en las épocas de la edad media y el renacimiento. La lectura debe hacerse desde esa especificación. Los carnavales de la contemporaneidad son espectáculos que, si bien guardan algunos atavismos, Los carnavales de la contemporaneidad son espectáculos que, si bien guardan algunos atavismos, permitiendo un equilibrio del sujeto y de alguna manera, liberar las fuerzas que permiten la comunicación social y el acercamiento a lo divino, han perdido la contundencia de las orgías, los carnavales y las carnestolendas. No se trata de decir que sólo es un espectáculo banal, que no crea en el sujeto otros significantes, pero tratar de eternizar ese espacio hacia la actualidad es desconocer las tramas discursivas de la contemporaneidad.

El trabajo de Bajtin sirve para ilustrar de manera muy cuidadosa y detallada los dispositivos estéticos que se movieron en ese tiempo y espacio. Es importante destacar cómo la fiesta ha cumplido la función de integrar la comunidad en los espacios que no son los formales ni los convencionales. Rompe con el tiempo de la cotidianidad en la que se pide al individuo un aporte significativo desde los sistemas de producción social. Equilibra la vida de los sujetos, precisamente porque quiebra los esquemas, los periodos de producción y la

visión futura. Las reglas se construyen en el mismo escenario y tienen la condición de lo efímero. Se da una comunión con el presente, el futuro está por fuera del juego. La trascendencia no es el lugar de la fiesta. El lapso de su devenir es un instante eterno que despliega otros tipos de comunicaciones, más carnales. La fiesta es el reino del cuerpo con todos sus gritos y excesos.

Siguiendo al autor, las fiestas alternas presentaban una gran diferencia con los ritos propuestos por el estado y la iglesia. Aunque esta permitía ciertos festejos de carácter religioso, las formas del culto popular escapaban a ellos. Construían un cosmos alterno, aparentemente separado de los poderes sociales, que en la edad media se confundían todos en un mismo origen, el eclesiástico. Ofrecían, dice Bajtin, una mirada extraoficial. Esto creaba dos mundos, uno supuestamente serio, fuera de la risa y la gran imposición de la iglesia. El otro, la gran necesidad de las manifestaciones populares, la explosión de todas las represiones, cultoscómicos en los que convertían a las divinidades en objetos de blasfemia y burla.

Por su carácter concreto y sensible y en razón de un poderoso elemento de juego, se relacionan preferentemente con las formas artísticas y animadas de imágenes, es decir con las formas del espectáculo teatral. Y es verdad que las formas del espectáculo teatral de la Edad Media se asemejan en lo esencial a los carnavales populares, de los que forman parte en cierta medida. Sin embargo, el núcleo de esta cultura, es decir el carnaval, no es tampoco la forma del espectáculo teatral, y, en general, no pertenece al dominio del arte. Está situado en las fronteras entre el arte y la vida. En realidad es la vida misma, presentada con los elementos característicos del juego” (...) “De hecho, el carnaval ignora toda distinción entre actores y espectadores. También, ignora la escena, incluso en su forma embrionario. Ya que una escena destruiría el carnaval (e inversamente, la destrucción del escenario destruiría el espectáculo teatral). Los espectadores no asisten al carnaval, sino que lo viven, ya que el carnaval está hecho para todo el pueblo. Durante el carnaval no hay otra vida que la del carnaval. Es imposible escapar, porque el carnaval no tiene ninguna frontera espacial. En el curso de la fiesta sólo puede vivirse de acuerdo a sus leyes, es decir de acuerdo a las leyes de la libertad. El carnaval posee un carácter universal, es un estado peculiar del mundo: su renacimiento y su renovación en los que cada individuo participa. Esta es la esencia misma del carnaval, y los que intervienen en el regocijo lo experimenten vivamente (BAJTIN, 1987, p. 266)

Bajtin intenta enfatizar en cierta medida la relación entre arte y carnaval, pero de hecho se da cuenta, que, aunque tienen enlaces comunes, se crean dispositivos que los separan. Por ejemplo, en la relación con los espectadores o en las fronteras que establecen, ya que mientras el arte las erige, el carnaval las borra. Puede decirse frente a esta cita, que

las fiestas antiguas si tenían un vínculo directo con las artes y más que un vínculo directo, eran lugares paralelos; no existía una separación entre ellas. El establecimiento de la modernidad, separa y polariza y el arte pasa a ser de una categoría diferente a la fiesta.

Bajtín y el cuerpo desbordado

El teatro ocupó un lugar importante dentro del desafío a las leyes eclesiásticas, se utilizó para generar una reflexión política durante el carnaval y tuvo preponderancia en la rebelión contra las leyes eclesiásticas, en la burla a los doctos de la iglesia y del estado. Además, actualizó la parodia, la máscara, la farsa. De allí surgen movimientos tan fuertes como la Comedia del Arte. Fruto de estos nuevos comediantes, son las ridiculizaciones de los poderes realizados por los celebrantes, la imitación de los personajes de los pueblos que se caracterizaban por sus defectos físicos, dando un tono morboso y burlesco a la fiesta, dice Bajtín:

Se oponía a la cultura oficial, al tono serio, religioso y feudal de la época. Dentro de su diversidad, estas formas y manifestaciones -las fiestas públicas carnavalescas, los ritos y cultos cómicos, los bufones y "bobos", gigantes, enanos y monstruos, payasos de diversos estilos y categorías, la literatura paródica, vasta y multiforme, etc.-, poseen una unidad de estilo y constituyen partes y zonas únicas e indivisibles de la cultura cómica popular, principalmente de la cultura carnavalesca. (BAJTÍN, 1987, p. 289).

Sin embargo las fiestas, era las que sacaban al pueblo de su monotonía y lo inscribían realmente en el juego de la libertad y de la igualdad, ya que las celebraciones religiosas prolongaban el orden existente, para recordar al pueblo su calidad de pecador y crear las formas de la penitencia. Mas la naturaleza festiva es indestructible, es capaz de imponerse sobre cualquier poder. Los gobernantes tienen el deber de legalizarla, porque es imposible aplacarla. En las colonias europeas y muy especialmente en Suramérica, se crearon espacios que alcanzaban esa perfección espiritual que los colonos quisieron, en los que se reproducían los signos cristianos, en geografías demasiado rígidas y vidas reguladas por campanarios que uniformaban la cotidianidad de sus habitantes en horarios estrictos. Pese a ello, la mezcla entre colonos, nativos, negros y demás que llegaron, envolvieron la atmósfera también de

celebraciones que en público se hacían a Dios, pero en privado eran muestra de todos los atavismos juntos.

Para Bajtin en la edad media hay dos clases de fiesta: Una eclesiástica y otra popular. La segunda sería una rebelión del hombre frente a la tiranía cristiana, una prueba de que, aunque las sagradas escrituras promuevan el discurso de la vida eterna y la tierra como un *valle de lágrimas*, no se puede olvidar el origen y la herencia atávica, la seguridad de estar vivos, los deseos que hacen parte de la condición humana, la agresividad y todos los sentimientos que nos alejan de Dios. En la fiesta oficial se negaba la relación con la vida, se hurgaba en el pecado y la redención. Se hacía alarde de una victoria sobre la carne. El carnaval popular era entonces, la gloria de la piel sobre un espíritu soso y despojado de vida.

Sobre la plaza pública del carnaval, el cuerpo del pueblo siente, antes que nada, su unidad en el tiempo, su duración ininterrumpida dentro de este, su inmortalidad histórica relativa. Por consiguiente, lo que siente el pueblo no es la imagen estática de su unidad, sino la unidad y la continuidad de su devenir y su crecimiento”(BAJTIN, 1987, p. 197)

Estos rasgos comunes provienen del lazo que vincula a dichas formas con el tiempo, que se convierte en el verdadero héroe en el sentido popular y público de la fiesta, al proceder al derrocamiento de lo viejo y al coronamiento de lo nuevo”(Ídem)

Allí donde el carnaval (en el sentido estricto del término) floreció convirtiéndose en el centro rector de las demás formas de festejos públicos y populares, produjo el debilitamiento de las demás fiestas, al quitarles casi todos los elementos de licencia y utopía populares. Estas palidecen al lado del carnaval; su significación popular se restringe, sobre todo porque están en contacto directo con el culto y el ritual religioso o estatal. El carnaval se convierte entonces en el símbolo y la encarnación de la verdadera fiesta popular y pública, totalmente independiente de la Iglesia y del estado (aunque tolerado por estos) (Ibídem).

La fiesta popular y satírica, se burla de los poderes y crea la relación con las fiestas antiguas que se dedican al dios Saturno o Cronos. El tiempo de la fiesta atávica es un dispositivo fundamental. El cambio de la jornada está dado por los movimientos de la naturaleza: “Las estaciones”, los tiempos de los cuerpos, el devenir y el movimiento que significa el tiempo. El carnaval, como fiesta en la edad media, independiente del clero, logra desprenderse de yugo divino y crear una liberación masiva. El tiempo de Aión se crea en oposición a cronos.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

El espacio público de la plaza es transformado en un espacio de libre intercambio de impulsos vitales; de ahí que los excesos tengan la función de crear una masa donde no hay “escena” sino acción. Se trata de liberar los distintos tipos de fluidos vitales para crear una masa informe donde la risa circule libremente y donde la fiesta, parafraseando a Bajtin, es la voz del tiempo que habla, ante todo, del porvenir. (BARRIOS, 2010, p. 35)

A diferencia de la fiesta oficial, el carnaval era el triunfo de una especie de liberación transitoria, más allá de la órbita de la concepción dominante, la abolición provisional de las relaciones jerárquicas, privilegios, reglas y tabúes. Se oponía a toda perpetuación, a todo perfeccionamiento y reglamentación, apuntaba a un porvenir aún incompleto. Se elaboraban formas especiales del lenguaje y de los ademanes, francas y sin constricciones, que abolían toda distancia entre los individuos en comunicación, liberados de las normas corrientes de la etiqueta y las reglas de conducta. Esto produjo el nacimiento de un lenguaje carnavalesco típico (BAJTIN, 1987, p. 288).

En los cambios de una visión orgiástica del mundo como lo refiere Maffesoli a un pensamiento conducido por lo teológico, la fiesta y el carnaval sufren alteraciones. Los rituales no se celebran más en nombre de Apolo y Dionisos, sino que a Dios se elevan los cantos llenos de censura, pues la división del mundo en la idea y la cosa, ha constreñido el cuerpo al lugar del pecado y por tanto se cubre vergonzoso, arrojado del paraíso y puesto en una ciudad maldita. Los vestidos verdes de las doncellas celtas, metáforas de una naturaleza vibrante y de explosiones vitales, se cambian por hábitos negros y cafés, copia del encierro. Los excesos sexuales son disimulados en los actos punitivos de flagelación y anorexia. Los sátiros son reemplazados por santos que marchan en hombros de la multitud arrepentida. Los banquetes romanos son llamados gula y se prefiere el cuerpo y la sangre del inmolado.

Reducidos a su parte emergida, estos seres eran desposeídos de su carne. Sus cuerpos no eran más que símbolos, representaciones y figuras; sus actos, sólo sucesiones, sacramentos, batallas, acontecimientos. La dinámica de la sociedad y de la civilización medievales es el resultado de una serie de tensiones: tensión entre Dios y el hombre, tensión entre el hombre y la mujer, tensión entre la ciudad y el campo, tensión entre lo alto y lo bajo, tensión entre la riqueza y la pobreza, tensión entre la razón y la fe, tensión entre la violencia y la paz. Pero una de las principales tensiones es la que se produce entre el cuerpo y el alma. Y más todavía en el interior del cuerpo mismo. De un lado el cuerpo es despreciado, condenado, humillado. En la cristiandad, la salvación pasa por una penitencia corporal. En el umbral de la Edad Media, el papa Gregorio Magno califica el cuerpo de «abominable vestimenta del alma». El modelo humano de la sociedad de la alta Edad Media, el monje, mortifica su cuerpo. Llevar un cilicio sobre la carne es el signo de una piedad superior. Abstinencia y continencia se hallan entre las virtudes más fuertes. La gula y la lujuria son los mayores pecados capitales. El pecado original, fuente de la desdicha. (LE GOFF, 2005, p. 13).

La cita de Le Goff, ilustra el escenario neoplatónico que se vive en la edad media. Al referir Platón la idea a la verdad y la belleza, la cosa queda reducida a su engaño y copia y más aún las artes o las sensualidades; ya ni siquiera cumplen una utilidad dentro del mundo. La edad media prestó oídos a la dialéctica y convirtió el cuerpo en una cárcel, mortificarlo era privilegiar el alma, aunque en el acto masoquista se escapara el goce. Es sobre esta paradoja central que descansa toda la vida cotidiana medieval, entre el pecado original (transformado en pecado sexual) y la reencarnación. Sin ir más lejos, el año se divide entre Cuaresma (el período de ayuno surgido del cristianismo) y Carnaval (la cultura de la “anticivilización”), un combate sin solución entre el ayuno y la abstinencia, la comilona y la gula. Todo lo que la Iglesia reprime durante la Cuaresma se invierte como sátira durante el Carnaval, afirma el célebre trabajo de Bajtin sobre Rabelais, que emparenta la Cuaresma a una supuesta tristeza medieval: “El enfoque es caricaturesco. Renacimiento como tal no ha existido” (BAJTIN, 1987, p. 236)

Es un "gran cuerpo popular de la especie" (BAJTIN, 1987, p. 321), que siempre emerge, dotado de una vida que nacerá, se perderá para volver a renacer. La cultura icónica, la flagelación, las enfermedades son posibilidades de llegar a la divinidad en estado de pureza. Para Bajtin el cuerpo medieval está desbordado porque no conoce el límite, no está demarcado frente al mundo, ni terminado, no concebido a modo de unidad, sino en partes, como respuesta al mundo de las cosas, hecho de pedazos, no se reconoce, no puede mirarse al espejo. El cuerpo está deshecho. Se pone el acento en esas partes que están abiertas al mundo: los orificios y las protuberancias, también en las excrecencias y ramificaciones: senos, vientres, falos, narices, bocas, vulvas. Lo cual avergüenza a la cultura. En las fiestas, el cuerpo desbordado se proyecta al mundo, se exagera y expande. Come y bebe como loco; es un cuerpo de tránsito que se excede en la fiesta, siempre aturdido, sin aterrizar, llevado en trance, psicotizado en la presencia de Dios, pero transfigurado en el carnaval.

Conclusión

La tradición judeocristiana es lineal, tiene necesidad de la catástrofe, y de la parusía es profundamente finalista. Por el contrario, aquello que se puede llamar

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

simplemente paganismo (pluralidad de dioses) es, sobre todo, cíclico: las mismas religiones, las mismas especies que han existido retornan cíclicamente (MAFFESOLI, 1996, p. 48).

El daño y la reparación cuestión del carnaval de la antigüedad se traducen aquí en el pecado y la expiación. La celebración adquiere el tiempo de la culpa y la cuaresma el que se borra. Dios se presenta triunfante para declarar la guerra al mal, ya que este está demasiado próximo a los corazones de la humanidad. La religión que censura el pecado, lo padece y lo promueve, en una contradicción necesaria para su perpetuidad. Sin los tiempos de exceso, el hombre no pecaría. La lógica de la religión necesita un hombre en falta, que anhele desesperadamente el castigo y el perdón de Dios.

Es la paradoja del ser humano, que se envuelve en los mantos de su santidad y perversión. Las épocas atávicas no se pierden sino que se transforman. El tiempo inaugurado por la iglesia, no puede acabar con el del carnaval que es cíclico y que retorna siempre sobre la pregunta por el origen. Aunque en la edad media la respuesta sea Dios, no puede dejar de presentarse con la máscara orgiástica, negando toda imposición a una relación unívoca.

El pensamiento ha cambiado, parece que Platón ganara una batalla contra el cuerpo, pero este por momentos se olvida de su represión y cae en el desgarró y desaforo. El mito de la religión dará un salto hacia la verdad, en una dirección sin multiplicidades. Los dioses convertidos en uno solo se callarán y el sin mancha, se comunicará a través de los signos que deja en la naturaleza. Es el tiempo de las semejanzas: Conveniencia, emulación, analogía y simpatía - un tiempo de adivinación, de interpretación, de rebeldía que permitirá la fiesta y por ende la perpetuación del mundo, ya que bajan las censuras y el hombre cae rendido a su goce.

El monoteísmo se instaure como idea, poder y tiempo. Más allá de la mirada perpleja, el instante se vuelve la vida eterna. En la edad media no hay un tiempo propiamente humano, sino del abandono de la vida, ni siquiera un no tiempo, más bien es un tiempo muerto, puesto que la vida tiene sentido en tanto hay otra. Esta es una falsa puerta. Se parte de Dios y a él se ha de volver. Él no tiene tiempo porque es tiempo. Futuro no presente, tiempo más allá del tiempo, un porvenir. Se asiste a la disociación de una temporalidad de la antigüedad dedicada

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

al gozo y la contemplación, para caer en un lapso de dolor, de culpa y de miedo. Es la hora de la muerte en vida, el olvido de sí y del cuerpo.

En la carnavalización del mundo se asume (con mayor o menor carácter explícito) que las cosas de la vida, el propio cuerpo, los valores sociales, las prácticas instituidas, las formas de hablar etc.; nunca pueden coincidir consigo mismas; es decir, nunca pueden quedar encerradas en sí mismas, no son idénticas a sí mismas; sino que participan en el devenir, se desdican a cada instante, salen de sí mismas: traspasan sus propios límites, se transforman y derivan hacia modos desconocidos e imprevisibles de existencia. (RODRÍGUEZ, 2013, p. 126).

Podríamos decir que el hombre se queda en las sombras y el único lugar del que puede zafarse es la fiesta, verdadero triunfo sobre la religión y su tiranía. Se busca en ella el tiempo de la vida, del ocio, de la contemplación (segundo McCaw (2019), una contemplación gentilmente visual y redentora, cómo propuesta por Bajtin). El cuerpo busca el cronotopo negado por la cotidianidad, la posibilidad del hombre de olvido del tiempo presente para sumergirse en el no tiempo de la fiesta y recuperar la memoria en su eterno devenir.

Referencias

ARISTIZABAL, P. V. *La niebla y la montaña: tratado sobre el teatro Ecuatoriano desde sus orígenes*. Bloomington: Palibrio, 2011.

BAJTIN, M. *La Cultura Popular en la Edad Media y en el Renacimiento*. Madrid: Alianza editorial, 1987.

BARRIOS, J. L. *El cuerpo disuelto. Lo colosal y lo monstruoso*. México: Universidad Iberoamericana, 2010.

RODRÍGUEZ, R. E. G. La carnavalización del mundo como crítica: risa, acción política y subjetividad en la vida social y en el hablar. *Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social*, [S.l.], p. 121-130, jul. 2013. ISSN 1578-8946. Disponible en: <<https://atheneadigital.net/article/view/v13-n2-garcia>>. Fecha de acceso: 28 mai. 2020

LE GOFF, J.; TRUONG, N. *Una historia del cuerpo en la edad media*. Barcelona: Paidós, 2005.

MCCAW, D. Corpos em Bakhtin. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, V.14, N. 3. P. 36-54. Ago 2019. Disponible en: <<http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/41642/29149>>. Fecha de Acceso: 27 mai. 2020.

MAFFESOLI, M. *De la orgía*. Barcelona, Editorial Ariel, 1996.

OROPEZA, M. La cuestión del sujeto en Bajtin. Por una teoría responsable y no-subjetiva del sujeto. *AdVersus*. Año II, N° 4, p. 6. 2005. Disponible en: <http://www.adversus.org/indice/nro4/articulos/articulo_oropeza.htm> Fecha de acceso: 10 mai. 2020.

JOHNNY BRAVO EM: JOHNNY BRAVO E O HOMEM CARNAVALIZADO

Luciane de Paula¹
Marana Luísa Tregues Diniz²
Juliana Beatriz Prates de Almeida³

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar, fundamentado na Análise Dialógica do Discurso (ADD), a personagem da série televisiva de animação Johnny Bravo como signo ideológico carnavalizado de representações masculinas. Para o embasamento desta proposta, perscrutar-se-á a noção de signo como reflexo e refração do meio social que o cria, e ideologia, como conjunto cultural, econômico e social que pode referir-se tanto à classe dominante (oficial) quanto à oprimida (não-oficial), sendo a dialogia o mecanismo da carnavalização. Os objetos de análise se referem aos 13 episódios da primeira temporada da animação. O critério metodológico foi, tanto a reiteração de traços definidores da identidade do protagonista, constituída na interação com outros sujeitos, quanto o diálogo com enunciados recorrentes na sociedade que reverberam as vozes sociais da personagem da animação. Nesse sentido, o cotejo como procedimento metodológico impulsionou a reflexão desta escrita, feito a partir de publicações de homens e para homens, nas mídias (revistas e *Facebook*, de 2010 a 2020). A justificativa da análise decorre da relevância da arte e da mídia como críticas, em movimento dialético-dialógico. O resultado se volta à crítica pela ridicularização acerca de determinadas representações de masculinidade que reforçam estereótipos tóxicos e corroboram o machismo. **PALAVRAS-CHAVE:** Estudos bakhtinianos. Johnny Bravo. Representações masculinas. Ideologia. Carnavalização.

ABSTRACT: This article intends to analyze, based on Dialogical Discourse Analysis, the character of the animated television series Johnny Bravo as a carnivalized ideological sign of male representations. For the basis of this proposal, the notion of sign will be examined as a reflection and refraction of the social environment that creates it, and ideology, as a cultural, economic and social group that can refer both to the dominant class (official ideology) or the oppressed one (unofficial ideology), given that the ideology is a carnivalization mechanism. The objects of analysis refer to the 13 episodes of the animation first season. The methodology used was the protagonist's identity defining traits repetition established by observing the protagonist's interaction with other subjects, as well as society recurring statement dialogues that reverberate the social voice of the animation character. In this sense, collation as a methodological procedure boosted the reflection of this writing and was made from publications of men and for men, in the media (magazines and Facebook, from 2010 to 2020). This article is justified by the relevance of art and media as criticism, in a dialectical-dialogical process. The intended result is a critique towards certain ridiculed representations of masculinity that reinforce toxic stereotypes and spread sexism.

KEYWORDS: Bakhtin studies. Johnny Bravo. Male representations. Ideology. Carnivalization

¹ UNESP. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com.

² UNESP. E-mail: maranaltd@hotmail.com.

³ UNESP. E-mail: juh.bprates@hotmail.com

Introdução

Bakhtin, em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais* (1987), ao estudar a relação entre cultura oficial e cultura popular, cunha a concepção de carnavalização como uma inversão da ideologia oficial, por meio de embate dialógico entre a cultura estabelecida e a cultura popular, não-oficial, em que ressalta o uso de artifícios como o riso, a ridicularização, o exagero e o grotesco como formas de inversão e nivelamento sociais. O conceito de carnavalização pode ser usado como fundamento da análise dialógica discursiva para refletir, nas representações estéticas, a existência de signos ideológicos que relativizam valores e funcionam como estratégias de questionamento e possibilidades de alteração e nascimento de novas ideias e práticas.

Este artigo se destina à análise da personagem Johnny Bravo, da série de animação⁴ cômica televisiva de mesmo nome, criada por Van Partible e exibida pelo canal *Cartoon Network*, entre 1997 e 2004, fundamentada nos estudos bakhtinianos, como um signo carnavalizado de representações do masculino ideal na ideologia oficial patriarcal, a fim de promover uma reflexão sobre modelos de masculinidade, ao demonstrar, pelo viés crítico-satírico da animação, a posição ideológico-valorativa que ridiculariza determinados “padrões” de masculinidade e de imagens tóxicas de homem.

Para a análise foram coletados dados dos 13 episódios da primeira temporada da série. Buscou-se reunir traços reiterados e enfatizados no protagonista, além das consequências atreladas aos atos (BAKHTIN, 2009) desse sujeito (GERALDI, 2010), em interação com outros. Após essa investigação, examinou-se, nos meios sociais, como as mídias e as redes, quais qualificações são atribuídas aos homens, uma vez que, ao se tomar a personagem como signo carnavalizado, infere-se que ele responda, ética e esteticamente, de maneira dialógica, a outros signos ideológicos, de enunciados e gêneros (BAKHTIN, 2016, 2019) diversos, provenientes de esferas oficiais e não-oficiais, como reflexo e refração de vozes sociais.

Assim, para que se pudesse analisar quais representações de masculinidade a personagem carnavaliza, buscou-se em personalidades da mídia, revistas voltadas ao público masculino, como *Men's Health* e *Men's Fitness*, assim como páginas da rede social *Facebook* também destinadas a esse público, como *Orgulho de ser hétero* e *Homem Raro*, características reiteradas ostensivamente nos episódios examinados (corpo exageradamente musculoso na

⁴ O gênero (BAKHTIN, 2011, 2016) animação é compreendido aqui, calcado em Stam (1992) – ainda que o estudioso se volte ao enunciado fílmico –, como estético-massivo.

parte superior, diminuto na inferior, pele branca, cabelo estilo *pompadour* loiro, óculos escuros estilo voador, calça *jeans* e camiseta colada preta, bem como a postura e sua prática).

A partir da análise das implicações das características corpóreas de Johnny Bravo na mídia e nas redes, bem como das características carnavalizadas na personagem dentro da animação, este artigo pretende contribuir para a reflexão sobre a reiteração como modelo ideal de estereótipos masculinos pouco saudáveis, considerados oficiais e destaca, por fim, o motivo pelo qual eles são problemáticos e como a arte pode auxiliar a estabelecer uma perspectiva crítica com vistas à transformação, uma vez que as ideologias (oficial e não-oficial) estão em um contínuo embate e se alteram mutuamente, uma vez que constitutivas.

Johnny nada bravo: signo ideológico carnavalizado

Segundo Ponzio, Bakhtin compreende o signo como “um objeto material, um fenômeno da realidade objetiva” (PONZIO, 2018, p. 109) caracterizado por sua forma e função ideológica, de modo que, para o teórico russo, signo e ideologia são constitutivos, uma vez que inexistem signo sem forma ou função ideológica, cuja carga valorativa deriva do real, como um produto social, criado em um contexto situacional e não uma abstração artificial.

Entretanto, a ideologia em Bakhtin (2017) não coincide totalmente com o sentido proposto por Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* (1867), correspondente a uma “falsa consciência” de embasamento burguês, pois abarca “as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico” (entendida e denominada como ideologia oficial), assim como “os diferentes substratos da consciência individual” (PONZIO, 2018, p. 112), tanto da ideologia oficial (burguesa) quanto da não-oficial (proletária). Nesse sentido, explica Ponzio que

Para Bakhtin, o termo “ideologia” se emprega no sentido de uma ideologia da classe dominante, interessada em manter a divisão em classes sociais e em ocultar as reais contradições que tentam transformar as relações sociais de produção (ideologia como falsa consciência, como mistificação, como pensamento distorcido etc.), mas também é usado no sentido amplo que o termo assume, sobretudo a partir de Lênin, e que permite aplicá-lo tanto à “ideologia burguesa” como à “ideologia proletária” [...] (PONZIO, 2018, p. 115).

Nesse sentido, toda a criação reverbera os interesses e valores de um grupo social e, por isso, é ideológica, pois valorativa. Um determinado produto social (seja de que gênero discursivo for) se expressa pela signicidade e sua valoração depende da relevância dada pelo grupo: “[...] somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111). Em outras palavras, um produto cultural é um signo e este é, na perspectiva bakhtiniana, ideológico, já que “para que

um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica sígnica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110). O signo ideológico equivale ao que o Círculo também denomina como ideograma.

A forma e a função ideológicas do signo advêm dos valores sociais do grupo que o cria e o utiliza, sem que, contudo, conforme Volóchinov, seja o signo a reprodução exata dessa realidade social, uma vez que “a existência não é apenas refletida no signo, mas também é refratada nele” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112). Essa relação de reflexo e refração da realidade social do grupo ocorre por meio da interação entre infraestruturas e superestruturas expressa pelos enunciados: enquanto a ideologia oficial reflete e refrata uma realidade de manutenção das relações sociais de produção, ao responder na esfera não-oficial, a ideologia do cotidiano pode converter em luta e crítica a esse mesmo sistema (PONZIO, 2018, p. 116), fazendo do signo algo “vivo e mutável” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

Desse modo, a obra de arte também é uma criação ideológica, pois objeto material refletido e refratado da realidade social, como todo e qualquer produto circundante do homem, sempre expresso por meio dos signos (MEDVIÉDEV, 2012, p. 48). Signo que, segundo Paula (2017), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d), constitui a linguagem e esta, entendida pelos estudiosos como verbivocovisual porque tridimensional, exatamente porque o signo é composto por uma imagem acústica, vocal/sonora (que, pela prosódia, engata a língua no discurso e expressa o tom emotivo-volitivo atribuído pelo sujeito em seu ato discursivo) e por um referente mental, cognitivo, na consciência cognoscível, que semiotiza, de maneira visual, por reflexo e refração, determinada realidade, sem se fundir a ela, além da valoração (ideologia), o sujeito (homem enunciado) e a história (situacionalidade). Essa linguagem sígnica tridimensional/verbivocovisual [“a linguagem das linguagens” (BAKHTIN, 2011, p. 311)] se materializa/concretiza em enunciados de diversos gêneros (BAKHTIN, 2016), o que inclui o discurso estético (BAKHTIN, 2019), massivo ou não, com seus acabamentos singulares. Por conseguinte, “a arte, também, desde que se torna um fator social e está sujeita à influência de outros fatores, igualmente sociais, ocupa seu lugar, naturalmente, dentro do sistema global de determinação sociológica” [BAKHTIN (VOLOSHINOV), Mimeo, s/d., p. 2].

A animação televisiva serializada *Johnny Bravo* não excepciona o caráter social da linguagem, pois composta por signos ideológicos, como seu protagonista, ora analisado. A personagem Johnny Bravo é um signo, cuja carga ideológica será aqui explicitada em análise e, como signo, reflexo e refração de uma realidade social, em que dialogam, em embate

contrário e contraditório, as ideologias oficial e não-oficial, em uma “comunicação discursiva ininterrupta” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220), uma vez que “todo discurso é dialógico”, carente de uma “resposta em potencial” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 168).

A personagem Johnny Bravo é constituída com uma carga valorativa da ideologia não-oficial que responde, pela ridicularização, a um signo representativo de masculinidade ideal da ideologia oficial, por meio da inversão cômico-satírica. Todo signo pode ser valorado das mais diferentes formas, visto que, nas palavras de Volóchinov, “qualquer signo ideológico tem duas faces, qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113). Se, por um lado, estereótipos de masculinidades podem ser valorados como “bons”, “desejosos”, modelos a serem perseguidos e enaltecidos; por outro, essas mesmas imagens de masculinidades podem ser relativizadas e vistas como autoritárias, tóxicas, abusivas etc.

O que ocorre com Johnny Bravo é a inversão de uma valoração icônica: um homem branco, loiro, musculoso e que se autodeclara hétero, sedutor e heroico é narrado, por seus atos (BAKHTIN, 2009), como um sujeito ridículo, patético, interesseiro, de quem as mulheres correm, sem inteligência nem sensibilidade ou amorosidade. Essa inversão de significação entre o signo ideológico de masculinidade “oficial” e a não-oficialidade se apresenta na animação por um processo denominado por Bakhtin como carnavalização.

Bakhtin (1987) apresenta seu conceito de carnavalização a partir de uma descrição histórica a respeito do sentido das festas da Idade Média e do Renascimento, em que o carnaval surge como uma forma ideologicamente oposta à festa oficial da Igreja e do Estado, representando uma libertação momentânea de dogmas preestabelecidos e um afastamento do sistema hierárquico cultuado e estigmatizado por “princípios” oficiais, por meio da alternância de papéis e de uma renovação voltada para o futuro, sem se esquecer do passado e do presente, aos quais responde. Conforme o filósofo russo:

A festa oficial, às vezes mesmo contra as suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória. Por isso o tom da festa oficial só podia ser o da *serenidade* sem falha, e o princípio cômico lhe era estranho. [...] Ao contrário da festa oficial, o carnaval era tido como o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto. (BAKHTIN, 1987, p. 8-9)

Essa alternância de posições entre estratos sociais expõe uma “espécie de dualidade do mundo” (BAKHTIN, 1987, p. 5) caracterizada pela inversão (grotesca ou não), cujo traço característico é “o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo o que é elevado espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1987, p. 17), “pondo o alto no lugar do baixo, o traseiro no da frente, tanto no plano do espaço real, como no da metáfora” (BAKHTIN, 1987, p. 279) e, assim, o riso no lugar da sisudez, o que dá origem a uma outra/nova forma de ver e viver (um novo *modus vivendi* e *operandi*), não-oficial, de ponta cabeça:

No seu aspecto *corporal*, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas. Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, *ao mesmo tempo*, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior ao corpo, a do centro e dos órgãos genitais, e portanto com os atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção e alimentos e satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um *novo* nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador: é *ambivalente*, ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o *começo*. (BAKHTIN, 1987, p. 18-19)

Ainda que “o exagero, o hiperbolismo, a profusão, o excesso” sejam associados ao estilo grotesco (BAKHTIN, 1987, p. 265), não necessariamente a presença dos primeiros culmina no último, pois, para se caracterizar uma representação como grotesca, no sentido bakhtiniano, imprescindível que a esses elementos se alie a “des-caracterização do oficial” e sua recaracterização com sentido inverso “por meio do diálogo satírico e do destronamento do mundo oficial”, após um “debate dialógico” travado entre este e o mundo não-oficial (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 133). Sobre esse debate, Paula e Stafuzza acrescentam:

O conceito de circularidade pressupõe que elementos da cultura popular interajam e componham a cultura dita erudita, assim como os elementos da cultura denominada oficial sejam encontrados na cultura popular. Circularidade significa, em suma, interação cultural, influência recíproca, entre o popular e o não-popular, o oficial e não oficial, o sério e o cômico, dada a imprecisão de seus liames, o que sugere permeabilidade/circularidade entre as esferas de atividades e manifestações culturais, sem fundi-las – afinal, não é porque o popular habita determinadas esferas sociais, que ele passa a ser, automaticamente, oficial. (PAULA; STAFUZZA, 2010, p. 135)

O signo ideológico Johnny Bravo, conforme será demonstrado, apresenta elementos de inversão grotesca que carnavalizam signos representativos de masculinidades típicos da ideologia oficial. O rebaixamento, o exagero, a distorção das características (observáveis na

mídia e nas redes sociais, como aqui exemplificado) constituintes de um “modelo” masculino oficial, pode ser verificado na animação ante a inter-ação circular entre ideologias oficial e não-oficial, utilizadas como inversão valorativa. A ridicularização a que a personagem é submetida, provoca riso e relativiza elementos que compõem certa masculinidade, constituída como modelo oficial, ao serem distorcidos e deslocados de sua posição.

Johnnies Bravos: os *sex symbols pop stars* internacionais de outrora

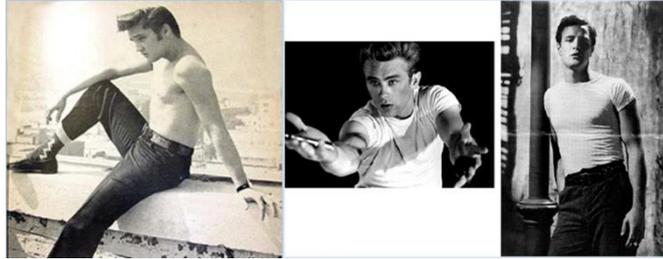
A ideia de analisar a personagem Johnny Bravo como um signo carnavalizado de representações de masculinidades surgiu a partir da hipótese de que algumas características físicas exaustivamente repetidas no decorrer da animação (corpo musculoso na parte superior, em oposição à parte inferior diminuta, pele branca, cabelo estilo *pompadour* loiro, calça *jeans* e camiseta colada preta e óculos escuros) e exageradas negativamente causam riso e, com isso, questionam tais modelos, dadas as distorções de características pré-existentes na sociedade, “padrão” (oficial) identificável como signo ideológico de masculinidade ideal, com o qual a série animada dialoga, por meio da inversão, criando uma posição valorativa oposta, ridicularizada, identificável como não-oficial, uma vez que satirizada.

Essa hipótese pôde ser comprovada após pesquisa por características semelhantes às da personagem em personalidades da mídia, expressas em capas de revistas voltadas ao público masculino, como *Men's Health* e *Men's Fitness*, assim como em páginas da rede social *Facebook*, também destinadas a esse público, como *Orgulho de ser hétero* e *Homem Raro*, além da verificação de quais obras cinematográficas eram estreladas pelas personalidades frequentemente presentes nas imagens das postagens dessas páginas, para exame do modelo de masculinidade nelas semiotizado (caracterização física de suas personagens, gênero de filmes, ações frequentes e consequências), o que demonstrou que às características correspondiam modelos de masculinidade exaltados pela ideologia oficial e carnavalizados por meio da inversão grotesca na animação.

Em entrevista de 08 de dezembro de 2011, o criador da série animada *Johnny Bravo*, Van Partible, descreveu que uma de suas inspirações para a criação da personagem foi Elvis Presley (PARTIBLE, 2011, s/p.). O cantor era um modelo de masculinidade ideal, por volta das décadas de 1940/50, um padrão oficial da época, com sua figura considerada um modelo imitável pelos homens e um ícone de atração às mulheres. Outras personalidades famosas, também consideradas símbolos sexuais na mesma época, como James Dean e Marlon Brando, têm suas imagens veiculadas na mídia por traços físicos semelhantes entre si e a alguns da

personagem Johnny Bravo (conforme a Figura 1), como o uso frequente de *jeans*, camisetas coladas em tons neutros (como preto, branco ou cinza), além do cabelo em estilo *pompadour*, considerado “versátil” e “um dos melhores estilos de cabelo para homens” até a atualidade, segundo o *site* de moda para homens, *Fashionbeans* (O’CONNOR, 2019, s/p).

Figura 1: Elvis Presley (esquerda), James Dean (centro) e Marlon Brando (direita)



Fonte: *Man Law Mondays* (2011)

Tanto pela figura pública de Elvis Presley quanto pelas personagens frequentemente interpretadas pelos atores James Dean e Marlon Brando nessas décadas – como Jim Stark, de *Juventude Transviada* (1955) ou Stankey Kowalski, de *Uma Rua Chamada Pecado* (1951) –, o modelo de masculinidade oficial da época, vinculado às imagens desses “*popstars*” é o de homem forte, sexualmente agressivo e bem-sucedido com as mulheres.

A pesquisa pelo uso de óculos escuros em personalidades cinematográficas obteve resultados semelhantes ao modelo apresentado. O uso do referido adereço é repetidamente visto em personagens de filmes de ação das décadas de 1980, como as interpretadas por Arnold Schwarzenegger, em *O Exterminador do Futuro* (1984) e Sylvester Stallone, em *Cobra* (1986). Tais personagens também se apresentam vestidos, em geral, com calças *jeans* e camisetas coladas de cor neutra (preta), o que também reitera algumas das caracterizações anteriores. A camiseta colada demonstra força física pelos músculos definidos (principalmente bíceps e peitoral, muito cultuados entre os homens) marcados, a postura agressiva (marcada, não só pelo corpo, mas também pelos papéis que desempenham como personagens, voltados à violência praticada contra os seus antagonistas como forma de atingir seu objetivo e realizar sua missão). Os óculos de modelo aviador, como os usados por Johnny Bravo, são típicos de protagonistas de filmes de ação e um clássico, original da marca Ray-Ban que, pelo sucesso de vendagem para os homens, foi copiado por outras marcas.

Os óculos escuros também são encontrados em personagens que representam uma imagem de sucesso com mulheres e símbolo sexual, como Pete “Maverick” Mitchell, personagem de Tom Cruise em *Top Gun: Ases Indomáveis* (1986). Os olhos são áreas de grande

expressividade emocional. Por um lado, o uso dos óculos escuros pode marcar uma personalidade esportiva, de ação e aventureira (caso do aviador). Por outro, ao esconder a região dos olhos, as personagens impedem parcialmente a percepção de suas variações emocionais, uma vez que a expressão das emoções não se mostra tão claramente. As duas visões vão ao encontro da construção da imagem da masculinidade oficial: de seriedade, pouca expressividade sentimental (uma vez ser a expressão dos sentimentos na sociedade patriarcal é considerada uma característica vinculada ao feminino – afinal, “homem não chora” e outras expressões estimulam a não expressividade da emocionalidade. Essa proibição atinge de maneira pejorativa os homens, que, para atender essa expectativa de masculinidade, muitas vezes, anulam-se, escondem-se e se fecham) e de sexualidade.

Num salto temporal, ao examinar obras, matérias e postagens mais recentes, o referido padrão de vestimenta e corpo é encontrado em personagens masculinas de filmes de ação caracterizadas pelos mesmos elementos (força física exacerbada, uso de violência para a resolução de conflitos e sucesso com a contraparte feminina, geralmente representada como “prêmio” para a personagem masculina protagonista ao fim de sua missão ou como o próprio objeto da missão), como, por exemplo, *Carga Explosiva* (2002) e *Adrenalina* (2006), estrelados por Jason Statham e a franquia *Velozes e Furiosos* (2001-2017), com Vin Diesel.

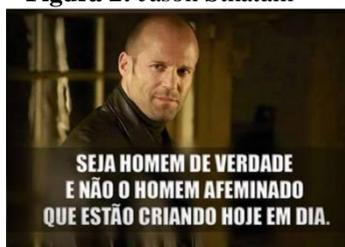
Ainda que o conjunto do vestuário permaneça constante – calças *jeans* e camiseta colada de cor neutra (importante notar que até mesmo os pôsteres dos filmes seguem esse padrão de predominância de cores frias como azul ou neutras como preto e branco) – há, na atualidade, uma diminuição do uso do estilo *pompadour*, atribuído à necessidade de se vincular uma imagem “básica” ao modelo de homem apresentado, uma vez que o excesso de cuidados com a aparência, representado pelo cabelo, poderia ser considerado uma característica “feminina”, avessa a essa imagem de masculinidade (uma vez que pode ser considerada “coisa de mulherzinha”), ainda que também exista, hoje, a noção de “metrossexual”, que corresponde ao homem que gosta de se cuidar esteticamente.

A visão de praticidade é reforçada pela incessante repetição de que o vestuário apontado – calças *jeans* e camiseta de cor neutra – é um clássico básico atemporal justamente por sua característica de simplicidade e facilidade de manejo (o jeans é um tecido forte e as cores neutras não requerem preocupação com combinações estéticas de cores ou tecidos e texturas, também associadas ao feminino) (NEWMAN, 2011, s/p.). Nessa toada, os cabelos voluntariamente raspados – não inexistentes por queda natural – remetem a uma imagem de

pouco apego à aparência e reforçam a representação da força física exacerbada e belicosa ao se associarem à imagem do homem como soldado/guerreiro.

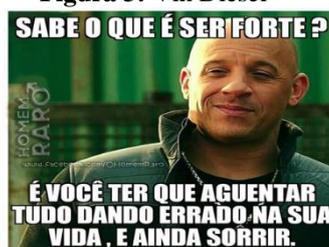
A pesquisa de posts das páginas de *Facebook* voltadas ao público masculino, como *Orgulho de ser hétero* e *Homem Raro*, revelou a recorrência das mesmas personalidades cinematográficas citadas como ícones vinculadas a frases de exaltação à força física masculina e ao afastamento de qualquer característica que remeta a estereótipos de feminilidade, como a expressão de sentimentos (além de, em muitos casos, apresentarem conteúdo explicitamente misógino), conforme é possível observar nas Figuras 2 e 3.

Figura 2: Jason Sthatham



Fonte: *Orgulho de ser hétero* (Facebook)

Figura 3: Vin Diesel



Fonte: *Homem Raro* (Facebook)

A figura 2 se calca na máxima “homem de verdade” em oposição ao que está chamado no próprio *post* de “homem afeminado”, assim como a temporalidade “antigamente”, em dicotomia a “hoje em dia”, remete à valoração positiva relacionada a um homem considerado pelo senso comum como “machão” ou “macho”, imagem relacionada à agressividade, força física, autoritarismo e brutalidade; em contraposição a uma valoração, colocada como atual, que se volta a uma imagem de homem menos bruto, mais cuidadoso e com outros atributos que não necessariamente voltados à força física.

A figura 3, por sua vez, revela a fortaleza pela resposta de disfarce dos sentimentos. Ser forte, na perspectiva do *post*, significa, para os homens, aguentar/suportar tudo sem se abalar nem esboçar demonstrar qualquer emoção (frustração, tristeza, raiva etc). Quase um robô, tamanha a artificialidade plástica, típica e comum nas e das redes sociais.

Por fim, a pesquisa feita pelo *Google* sobre capas de revistas voltadas ao público masculino, como *Men's Health* e *Men's Fitness*, ambas relacionadas à saúde e à forma física do homem, resultou, novamente, no mesmo padrão de vestimentas (calças *jeans* ou de outro tecido rústico e camiseta colada de cor neutra). Porém, outras duas características também prevaleceram: modelos de pele branca e a ênfase, em todas as capas, ao alto estrato corpóreo dos modelos. Além de ressaltar o domínio de um padrão físico europeizado (caucasiano), típico

de um padrão oficial eugenista que remete à supremacia racial, a análise das imagens ainda demonstrou que a parte superior do corpo masculino, em especial a região do peito, é sempre colocada em evidência em detrimento da inferior, que quase nunca aparece ou aparece com pouca evidência. A mesma regra pode ser observada nas páginas de *Facebook* citadas, nas quais reiteradamente se veem imagens somente da parte superior do homem, o que põe em destaque como característica enaltecida o caráter de dominante e protetor do homem representado. O peitoral aberto e inflado, conhecido como “peito de pombo”, geralmente remete a quem “chama para a briga” e também à proteção e conquista. Como isso aparece carnavalizado em Johnny Bravo? Pela ridicularização que relativiza essa imagem pela inversão e pela sátira – em alguns casos, pelo grotesco.

A carnavalização da masculinidade em e de Johnny Bravo

A personagem Johnny Bravo, protagonista da série animada homônima de televisão, apresenta-se como um signo ideológico carnavalizado, que inverte e ridiculariza signos de representação masculina icônicos (da ideologia oficial). No item anterior, foram mencionados os aspectos dessas representações na mídia e em redes sociais, que funcionam como símbolos de um modelo de homem ideal nos padrões estabelecidos. Verificou-se que o penteado (*pompadour*), as vestimentas (calças jeans e camiseta colada de cor neutra), os óculos escuros e o porte avantajado na parte superior do corpo (especialmente peitoral e braços), são características ligadas a uma representação de masculinidade forte, viril, sexualmente bem-sucedida e vitoriosa em suas empreitadas. Nesse item, será demonstrado como a caracterização do protagonista da animação utiliza distorções e exageros que invertem essa lógica e criam uma outra visão ideológica, não-oficial, que, pelo rebaixamento, ridiculariza os valores supremacistas de representação de masculinidade enaltecidos pela ideologia oficial.

Quanto às características físicas da personagem, enquanto o estilo de cabelo *pompadour* era considerado na ideologia oficial como atraente e símbolo de sexualidade, na animação ele aparece aumentado de forma exagerada, o que, além de provocar um efeito de desproporcionalidade nada atraente na personagem, ainda faz com que Johnny gaste tempo demasiado em seus cuidados, como no episódio 06c, da primeira temporada (Figura 4) – *Johnny Meets Farrah Fawcett* (“Johnny Encontra Farrah Fawcett”, em tradução livre) – em que Johnny afirma utilizar a marca de xampu da atriz Farrah Fawcett, conhecida por sua atuação na série televisiva *As Panteras* (1976), em que era considerada um símbolo sexual e ícone feminino por causa de seus cabelos volumosos. O exagero no penteado de Johnny provoca a inversão

ridicularizante característica da carnavalização, pois transforma, por meio do riso, um símbolo que, para a ideologia oficial, era marca de masculinidade, em uma marca de feminilidade e desajuste estético que satiriza, na ideologia não-oficial, por meio de Johnny, esse estereótipo de masculinidade. Essa inversão destrona esse modelo ao rebaixá-lo.

Figura 4: O cabelo *pompadour* de Johnny⁵



Fonte: Youtube

Diferente do que ocorre no episódio 06c, em que Johnny usa, orgulhoso, o mesmo xampu de uma mulher e faz questão de explicitar o cuidado que tem com seu cabelo, no episódio 03b, a sensibilidade masculina para se portar é ridicularizada, entendida por ele como algo não pertencente ao universo masculino e transfigurado para a vestimenta.

As roupas de Johnny – calças *jeans* e camiseta colada preta – são repetidas à exaustão, sendo seu vestuário padrão de todos os episódios. Contudo, há algumas situações em que o protagonista troca de roupa, dentro do episódio (por exemplo, para algum evento social ou encontro amoroso) e todas as vezes em que Johnny é apresentado com uma roupa distinta, há carnavalização. No episódio 03b, da primeira temporada (Figura 5) – *The Sensitive Male!* (“O Macho Sensível!”, em tradução livre) –, ao ser instigado a entrar em contato com seu “lado feminino” por outra personagem, Johnny troca suas roupas usuais por um vestido rosa, brincos e batom, o que acentua, por inversão grotesca, características estereotipadas de feminino e de masculino, padrão, inclusive, ultrapassado (de outra época histórica), mas que resiste e ainda predomina, reconfigurado, na ideologia oficial.

Figura 5: Johnny “sensível”⁶



⁵ Minutagem da sequência: 00:00:17, 00:00:19 e 00:00:21, respectivamente.

⁶ Minutagem da sequência: 00:04:35, 00:04:37 e 00:04:39, respectivamente.

Fonte: Youtube

A substituição dos tons mais frios e escuros, como o azul e o preto, que representariam sobriedade, por tons mais vivazes e quentes, como o rosa vibrante, invertem os valores oficiais por meio do riso que ridiculariza o “macho” padrão, o “macho sensível” (como o título do episódio explícita) – colocado como “mulherzinha”, de maneira “afeminada”, que coloca em xeque exatamente o que significa ser “macho”, homem e mulher, ao apresentar a personagem com roupas e cores consideradas usuais e típicas do universo feminino. A voz social presente, colocada como a mentalidade preconceituosa de Johnny, é a que não separa sensibilidade de uma característica não pertencente ao universo masculino, pois, para o protagonista, um “macho sensível” é um homem “afeminado”.

A ridicularização relativiza a voz social que não distingue masculinidade de brutalidade/insensibilidade. O riso grotesco revela não apenas a valoração acerca do que significa ser homem/”macho” e mulher/”fêmea”, mas também sensível para ambos (homens e mulheres), segundo a visão de mundo de Johnny (como representante de determinada voz social machista), mas também traz à tona o preconceito e a discriminação com aqueles que pensam e se portam de maneira diferente (o “macho sensível” é entendido, pela mentalidade patriarcal misógina e LGBTQIA+fóbica, como não-homem) e a sátira recai sobre a voz semiotizada por Johnny, que nem consegue compreender o sentido de sensibilidade.

Os óculos escuros de Johnny também são carnavalizados em um dos episódios da animação. No episódio 03a, da primeira temporada (Figura 6) – *Bravo Dooby-Dooby*, um *crossover* com a animação *Scooby-Dooby* – enquanto foge de um fantasma, Johnny colide com Velma e os óculos de ambos caem. Ao aperceber-se sem seus óculos de grau, sendo míope, Velma exclama “Meus óculos, não posso ver sem eles!”, enquanto Johnny, por sua vez, ao aperceber-se sem os seus óculos escuros, coloca o braço à frente dos olhos – o que o impede que enxergue onde seus óculos caíram – e brada “Meus óculos, não posso ser visto sem eles!”. A inversão ativa pela apassivadora (ver e ser visto), demonstra o excesso de apego de Johnny a si por meio de seus óculos, uma vez que seriam eles um objeto estético. O narcisismo que caracteriza e, de certa forma, define o protagonista se explicita pela comoção exacerbada e desnecessária pela queda de objeto estético, um ornamento de sua *psiqué* narcísica ridícula que não consegue enxergar nada além de si mesmo.

Figura 6: A troca de óculos entre Johnny e Velma⁷



Fonte: Youtube

A ridicularização se pauta no ato exagerado e desnecessário de Johnny, uma vez que poderia facilmente encontrar seus óculos se retirasse o braço da frente dos olhos e que, em momento algum se preocupa com o outro (Velma), que, de fato, possui um problema de visão. As cegueiras das personagens se relacionam em paralelo valorativo: enquanto Velma não enxerga o mundo por um problema físico, a miopia de Johnny é social, pois ele é “tapado” por si mesmo, por seus atos descabidos. Ele não quer enxergar nada nem ninguém, além de si. Ele se ama e se vê como alguém sexy, querido/amável, desejado, forte, heroico e não enxerga o ridículo que é aos olhos dos outros com os quais interage (em especial, com as mulheres, que fogem dele, como ele foge do fantasma no episódio 03a).

A dramaticidade exagerada da cena provoca a inversão da função valorativa voltada aos óculos de grau para os óculos escuros masculinos – utilizados, tanto para evitar a demonstração emocional excessiva, quanto como objeto estético de sedução –, ao transformá-lo em produto ridicularizado, dado o efeito cômico.

A estrutura corporal extremamente musculosa na parte superior do corpo de Johnny, em oposição à diminuta na inferior, também utiliza o exagero e a distorção para a inversão carnavalesca. Ao passo que, na ideologia dominante, o destaque para o alto estrato corpóreo salienta a força, a racionalidade e a potência masculinas, o excesso muscular na parte superior do corpo do protagonista da animação o torna desproporcional em relação ao seu baixo estrato. O expediente de omitir e reprimir a parte inferior do corpo masculino (associadas à sexualidade, à liberação dos desejos, emoções e prazeres) nas imagens da ideologia oficial faz com que o destaque vá automaticamente para a parte superior (alto estrato mental/racional).

Em contrapartida, quando a animação salienta exageradamente a parte superior de Johnny e deixa sua parte inferior diminuída, ainda que visível, inverte ordem e importância de seus membros e isso faz com que a atenção se volte para o baixo estrato da personagem, em

⁷ Minutagem da sequência: 00:03:58, 00:04:00 e 00:04:02, respectivamente.

razão da desproporção. A atenção à parte inferior corpórea, como característica da inversão, provoca comicidade, pois remonta à genitália diminuta e infantilizada⁸ de um sujeito que se quer *sexy symbol* e se acredita desejado (ainda que seja rejeitado pelas mulheres), mas é um fracasso visto por todos como um tolo (o bobo da corte), o que resulta em uma valorização oposta à masculinidade e virilidade almeçadas pelas imagens da ideologia oficial, uma vez que as relativiza e escancara sua limitação, fraqueza e narcisismo cego.

O conjunto de características físicas de Johnny, cuja concepção valorativa é oposta ao ideal de masculinidade oficial, gera efeitos também contrários aos geralmente esperados para as personagens masculinas padronizadas, como é o caso dele. Por não ser considerado atraente (não apenas pelo físico desproporcional, mas, principalmente, pela mente pequena, pelo desajuste social e pela incompetência emocional), nunca é bem sucedido com as mulheres, de modo que suas empreitadas são sempre fracassadas e não consegue, em momento algum, cumprir qualquer missão a que se propõe ou receber o “prêmio do herói” (a garota) na saga. Essa situação é acentuada pelas situações cômicas de inversão valorativa proporcionadas pelo roteiro: enquanto o homem ideal da ideologia oficial é forte e utiliza a violência para resolver os problemas, Johnny, apesar de musculoso, é fraco e acaba sempre como alvo das violências perpetradas por terceiros – recorrentemente pelas próprias mulheres que aborda –, em cada assédio sexual agressivo que realiza na animação.

Considerações finais

Este artigo analisou a construção do signo ideológico carnalizado Johnny Bravo, personagem da série animada de mesmo nome, como inversão (às vezes, grotesca) de rebaixamento (não-oficial) de representações de masculinidade da mídia e em outros meios sociais, em concordância com a ideologia oficial.

Para essa análise, foram selecionadas características repetitivas e exageradas nos 13 primeiros episódios da série, relacionadas à aparência corpórea da personagem que repercutem em seus atos e em suas conseqüentes responsabilidades éticas (BAKHTIN, 2009). Dessa forma, demonstrou-se quais as características consideradas masculinas preconizadas pela classe dominante em sua ideologia oficial e como elas foram problematizadas na animação, por meio

⁸ Uma outra marca da infantilização de Johnny se explicita pela presença de um garotinho de uns 7 anos que o venera e acredita ser seu melhor amigo. Essa criança pede para o protagonista o ensinar a conquistar as mulheres/garotas (mesmo Johnny não tendo sucesso com elas), chama-o para brincar e o ajuda, sendo, inclusive, mais adulto que o próprio “herói” da série animada – outra inversão existente no desenho que satiriza, logo, carnaliza, o estereótipo da imagem de certa masculinidade oficial canônica ao rebaixá-la e ridicularizá-la. A voz social relativizada por meio da figura de Johnny é a machista retrógrada/ultrapassada do “machão” conquistador/*sex symbol* (sem sucesso), que se acha demais, heroico e *pop star*.

de uma inversão cômico-satírica que firmou uma posição ideológica questionadora e crítica não-oficial do autor-criador (considerado como o diretor) da obra.

Os elementos destacados possuem, para a ideologia oficial, uma função valorativa modelar estereotipada da imagem de masculino e de masculinidade como uma representação de força, de agressividade, de sexualidade, de violência física e de narcisismo como resposta aos problemas existenciais e sociais, assim como de frieza, racionalidade e contenção emocional, como comportamento esperado. Isso é veiculado tanto nas redes sociais quanto nas grandes mídias como postura típica/modelar “de homem” bem resolvido, bem-sucedido, vitorioso, cobiçado e exemplar, em contraposição aos que não são ou agem de maneira semelhante. Estes, são entendidos, vistos e chamados de “mulherzinhas”, pois sensibilidade, amorosidade, fragilidade e pacifismo não são admitidos por essa voz hegemônica machista que oprime também os homens e faz tanto mal às mulheres.

Ao perpetuar a imagem de homem *sexy symbol*, *popstar* e sujeito de filmes de ação, aventureiro e bruto como a semiose de masculinidade ideal, a oficialidade ratifica o machismo estrutural prejudicial a todos. Destaca-se, aqui, ao menos dois sentidos:

O primeiro é o de que, ao considerar tais comportamentos como modelares, atribui-se a eles uma carga valorativa positiva e uma responsabilidade monstruosa, enquanto aos comportamentos diferentes desse ou aqueles considerados femininos, a carga é pejorativa e menor. A posição de que comportamentos considerados femininos – ainda que estereotipados – sejam negativos reforça uma visão misógina que coloca as mulheres como inferiores a e odiadas pelos homens, o que perpetua uma hierarquia que, mais que desvalorizar, apaga as mulheres, entendidas e tratadas como objetos (sexual, doméstico e materno, sempre servil), como estudado por Beauvoir (2009), Friedan (2020), Davis (2016, 2017), Hooks (2018), Saffioti (1987), Studart (1974, 1990), entre outras. A hegemonia patriarcal aumenta a desigualdade entre os gêneros, raças e classes e só prejudica todos.

O segundo é o de que, ao se apontar comportamentos masculinos e imagens de masculinidades como ideais com base em estereótipos como os aqui descritos e analisados, a oficialidade, em nome de um domínio e da garantia da manutenção de seu poder, prejudica inclusive a si mesma, pois atinge os homens que atendem (ou tentam atender) esses modelos e padrões e, além de fazerem sofrer mulheres e perpetuarem uma sociedade doente e desigual, também sofrem danos psicológicos pelas contradições existenciais vividas.

Um exame cuidadoso do objeto demonstra outras problemáticas decorrentes dessa postura ideológica, como a sedimentação de uma dicotomia heteronormativa como único

caminho possível, além da exclusão de mulheres, negras e negros, bem como das pautas *queer*. Ao carnavalizar esses signos ideológicos de masculinidade, Johnny Bravo, de maneira reflexiva e refratada, explícita, por meio do riso satírico, da inversão e do exagero, o quão ridículas são essas imagens inatingíveis, violentas e arquetípicas.

Johnny Bravo semiotiza o homem que se caracteriza fisicamente e atua socialmente como o padrão imposto pela ideologia oficial. Porém, diferente das representações em conformidade com essa ideologia, a personagem nunca é recompensada por suas ações: no universo da animação, o excesso de masculinidade estereotipada não faz sucesso com as mulheres, o homem musculoso não é necessariamente forte, nem se sairá vitorioso de suas empreitadas e, principalmente, o comportamento sexual agressivo em relação às mulheres não é recompensado. Na verdade, ele é punido por ser considerado assédio hostil inoportuno não admitido. A leveza da crítica é causada pela comicidade, formulada na caracterização das falas e dos atos do protagonista, bem como de sua infantilidade e pouco intelecto, além das reações dos sujeitos com quem interage e da falta de sucesso, muitas vezes, por ser atrapalhado e até mesmo por ser desprezado ou apanhar (especialmente das mulheres), o que revela o ridículo do perpetrador do referido modelo que simboliza.

A arte, como qualquer fenômeno enunciativo da criação humana, como explicado na Introdução, para os estudos bakhtinianos, é intrinsecamente social. Ela nasce com uma carga valorativa existente na realidade social circundante do autor-criador (BAKHTIN, 2013, 2015a, 2015b) que a compõe. O juízo de valor, com suas raízes culturais, econômicas e sociais, é o que o Círculo denomina ideologia, que pode ser tanto a oficial, da classe hegemônica, quanto a não-oficial, daqueles que se encontram fora do poder. Como nos explica Bakhtin (1988, 2011, 2018) e Volóchinov (2013, 2017), nenhum discurso existe isolado, pois todo e qualquer signo ideológico parte de um contexto dialógico.

Ao se aproximarem, as ideologias oficial e não-oficial entram em embate e se alteram mutuamente. A primeira busca manter as relações de dominação enquanto a segunda luta para desestabilizá-la. A ideologia oficial penetra a não-oficial para se apropriar dela e, com isso, perpetuar as relações de poder (no caso aqui estudado, o patriarcal/machista), enquanto a não-oficial questiona, denuncia, critica e rebaixa a oficial, de acordo com Bakhtin (1987), pelo processo de carnavalização (como ocorre com a animação de Johnny Bravo), que tenta subverter (ao inverter) e, com isso, transformar a ordem e o mundo. A relação dialógica entre as ideologias oficial e não-oficial é dialética. Cumpre à arte – dentre outros gêneros e esferas

discursivas – o papel de refletir criticamente e, pelo questionamento, ser propulsora da transformação social, por meio de seu acabamento ético e estético de linguagem.

A animação, muitas vezes entendida como um enunciado desimportante, voltado, aparentemente, a crianças, utiliza a liberdade estética do desenho para refletir e refratar relações sociais hierárquicas, em especial, de gênero e classe. Inúmeros são os exemplares da Hanna Baerbera ou mesmo da Disney que deflagram isso. Aqui, a carnavalização de e em *Johnny Bravo* ilustra a relativização questionadora acerca do machismo estrutural que ridiculariza, infantiliza e imbeciliza homens, prejudicando-os, assim como as mulheres e toda a sociedade. O rebaixamento de um ícone de masculinidade considerado modelo a ser alcançado, imitado, estimulado, aceito e confirmado é um ato de rebeldia, pois, ao inverter a lógica capital e patriarcal hegemônica, a animação desestabiliza verdades e padrões. Essa é a sua relevância, extremamente revolucionária, com aparência de ingenuidade pueril.

Referências

- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 2015a.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: UNESP e HUCITEC, 1988.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I – A Estilística*. São Paulo: 34, 2015b.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II – As formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: 34, 2018.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III – O romance como gênero literário*. São Paulo: 34, 2019.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2009.
- BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. São Paulo: 34, 2013.
- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, V. N). *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*. Tradução de Carlos Alberto Faraco para fins acadêmicos, Mimeo, s/d.

BEAUVOIR, S. *Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAVO DOOBY-DOO. Direção de: John McIntire. Roteiro de: Michael Ryan. Burbank, California, US, Warner Bros. Entertainment Inc., 1997. YouTube, 11min57seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R0bUWEuFbw0>>. Acesso em 29 maio 2020.

CRUZ, M. R. Meet the creator of “Johnny Bravo”. *Philippine Daily Inquirer*, on-line, dec., 2011. Disponível em: <<https://entertainment.inquirer.net/23473/meet-the-creator-of-%e2%80%98johnny-bravo%e2%80%99#ixzz65JaVkfE>>. Acesso em 28 mai. 2020.

DAVIS, A. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. *Mulheres, Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

FACEBOOK. *O Homem Raro*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=835400969997848&set=a.810925949112017>>. Acesso em 27 maio 2020.

FACEBOOK. *Orgulho de Ser Hétero*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=429798183875386&set=a.428450157343522>>. Acesso em 27 maio 2020.

FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. (Orgs). *Círculo de Bakhtin - teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 279-292 (Série Bakhtin: inclassificável, v. 1).

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JOHNNY MEETS FARRAH FAWCETT. Direção de: Rumen Petkov. Roteiro de: Van Partible. Burbank, California, US, Warner Bros. Entertainment Inc., 1997. Dailymotion, 05min28seg. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x6hdkjf>>. Acesso em 29 maio 2020.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

NEWMAN, B. If the suit don't fit. *Man Law Mondays: your guide to Men's style*, Style, James Dean, on-line, jul., 2011. Disponível em: <<https://manlawmondays.com/tag/james-dean/>>. Acesso em 27 mai. 2020.

O'CONNOR, C. The Pompadour Haircut: What It Is & How to Style It. *Fashionbeans*, Men's Hairstyles, on-line, out., 2019. Disponível em: <<https://www.fashionbeans.com/article/pompadour-haircut-guide/>>. Acesso em 27 mai. 2020.

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDESJR., A.; STAFUZZA, G. B. (Orgs).

Discursividades Contemporâneas – política, corpo e diálogo. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 287-314.

PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020a.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente - a verbivocovisualidade no Brasil. In: *No campo Discursivo: Teoria e Análise*. Campinas (SP): Pontes, 2020b, no prelo.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos (RevDia)*. Cuiabá (MT), 2020c, no prelo.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*. São Paulo (SP), 2020d, no prelo.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. Carnaval – Aval à Carne Viva (d)a Linguagem: A Concepção de Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. B. (Org.). *Círculo de Bakhtin – Diálogos In Possíveis*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 131-147. (Série Bakhtin Inclassificável, v. 2).

PONZIO, A. *A Revolução Bakhtiniana: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

STAM, R. *Bakhtin – Da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática, 1992.

STUDART, H. *Mulher. Objeto de cama e mesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

STUDART, H. *Mulher, a quem pertence teu corpo?* Uma reflexão sobre a sexualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

THE SENSITIVE MALE. Direção de: Butch Hartman. Roteiro de: Steve Marmel. Burbank, California, US, Warner Bros. Entertainment Inc., 1997. Dailymotion, 07min31seg. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x6v011f>. Acesso em 29 maio 2020.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A Construção da Enunciação e Outros Ensaios*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

O CORPO MÁGICO NUM MUNDO (QUASE) REAL: AÇÕES IMUNOLÓGICAS NA FANTASIA DISTÓPICA *TEMPORADA DOS OSSOS*¹

Rafael Oliveira da Silva²
Maria da Penha Casado Alves³

Resumo: No presente trabalho, partimos do princípio de que a literatura fantástica parece estar livre das convenções realistas de representação de tempo, espaço, personagem, objetos inanimados, etc. Ademais, tem como um de seus norteadores temáticos a perseguição daquilo que foi silenciado, tornado invisível na cultura da vida oficial (JACKSON, 2009). A fantasia distópica, por sua vez, trata-se de um gênero híbrido que traz a existência do sobrenatural (fantasia) em meio a um governo autoritário num mundo semelhante ao nosso (distopia), como metáfora para representações discursivas de corpos marginalizados e oprimidos presentes na vida oficial. Com base nisso, pretende-se, neste trabalho, investigar a representação do corpo mágico no enunciado da fantasia distópica. Em face disso, a fim de alcançar nosso objetivo, primeiramente, colocamos em cópula/cotejamento textos sobre a representação de corpos marginalizados (LOURO, 2004), sobre a representação discursiva do corpo em enunciados estéticos (BAKHTIN, 2011) e também acerca das representações discursivas específicas do gênero fantasia (JACKSON, 2009) e, em seguida, apresentamos uma análise que põe em diálogo a representação desses corpos no livro *Temporada dos Ossos*, da autora inglesa Samantha Shannon.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasia distópica. Corpo mágico. Metáfora. Ação imunológica.

ABSTRACT: In the present work, we assume that fantastic literature seems to be free of realistic conventions of representation of time, space, character, inanimate objects, me and the other. Furthermore, one of its thematic guidelines is the pursuit of what has been silenced, made invisible in the culture of official life (JACKSON, 2009). For this reason, it is intended, in this work, to investigate the representation of the magic body in the enunciated of dystopian fantasy, a hybrid genre that brings the existence of the supernatural in the midst of an authoritarian government in a world similar to ours, as a metaphor for discursive representations of marginalized bodies and oppressed people present in official life. In light of this, in order to achieve our objective, we first copulate/collate texts about the representation of marginalized bodies (LOURO, 2004), about the discursive representation of the body in aesthetic enunciateds (BAKHTIN, 2011) and also about the specific discursive representations of the fantasy genre (JACKSON, 2009) and, secondly, we present an analysis that puts the representation of these bodies in dialogue on the book *Bone Season*, by the english author Samantha Shannon.

KEY-WORDS: Dystopian fantasy. Magic body. Metaphor. Immunologic action.

¹ O presente artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, realizado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² Mestrando do curso de estudos da linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN. E-mail: rafaelodssilva@gmail.com

³ Profa. Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e do ProfLetras, Natal, RN. E-mail: penhalves@msn.com

Introdução ou apresentando nosso problema

Muito embora pareça uma polêmica já encerrada, a escolha dos jovens por livros à revelia do cânone literário ainda é alvo de uma série de barreiras e impedimentos que se estendem do território escolar até mesmo o acadêmico. No entanto, é justamente nesse tipo de livro que o público jovem encontra o seu outro, aquilo que lhe representa no mundo. Nesse contexto, séries de livros de fantasia, distopia e young adult parecem ser seus preferidos justamente porque voltam-se para problemas mais próximos de seu público alvo. Neste trabalho reconhecemos o valor desse tipo de literatura não somente de um ponto de vista social e ideológico, mas também enquanto ponte para a compreensão de práticas discursivas que versam sobre a contemporaneidade, questões últimas de recorrência mais atual.

Tendo recebido mais notoriedade entre o público jovem com o lançamento da saga de Harry Potter, da autora J.K. Rowling a literatura fantástica tem entre seus temas a representação fantasiosa da realidade e dos seres vivos e, conseqüentemente, de seus corpos. As criaturas que só poderiam existir no mundo dos sonhos, dão acabamento estético à imaginação de seus criadores, mais ainda, são capazes de materializar nos corpos sonhos, percepções e vontades, como o desejo de ter poderes mágicos para voar, transfigurar objetos e enfrentar seus piores pesadelos. Na fantasia, todos esses desejos desembocam em uma representação metafórica que, geralmente, se materializa no corpo.

O corpo é representado esteticamente de diversas formas nos mais variados gêneros discursivos, seja através de enunciados que apresentam acabamento plástico-picutrais ou seja apenas uma representação discursiva. É preciso reconhecer o valor dessas representações visto que sempre estão a dizer algo acerca do outro e a maneira com a qual os sujeitos se relacionam. Segundo Bakhtin (2011), o corpo do outro só é apresentado de maneira íntegra a mim, apenas eu tenho acesso às coisas que seu campo de visão não podem enxergar, como a totalidade de seu corpo, as coisas que o cercam e o seu rosto. Nesse sentido, segundo Bakhtin (2011, p. 21), “[...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]”.

Ao contemplar o outro, meu olhar lhe dá acabamento ético e estético, tece considerações acerca daquilo que vê sob um determinado ponto de vista que é fruto de seu lugar no mundo, ou seja, é um olhar repleto de valor. Esse ato de contemplação, exercício de empatia e retorno a si, que Bakhtin (2011) chama de *excedente de visão*, desemboca também nos enunciados estéticos, posto que ele o considera “[...] o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor” (BAKHTIN, 2011, p. 23). Somos capazes de perceber a relação do

excedente de visão com o acabamento estético do corpo do outro em diversos enunciados estéticos, a exemplo do romance que aglutina nas personagens características físicas e psicológicas que enxerga em pessoas no mundo da vida, dando-lhes acabamento estético ao defini-las como altas, magras, gordas, bonitas, feias, boas, más, etc.

Em nossa análise, como veremos adiante, percebemos que a representação discursiva do corpo na fantasia parece funcionar de modo semelhante. Ao se apoiar em uma figura inexistente na vida oficial, a livre fantasia cria corpos que representam sujeitos existentes nela e, por conseguinte, fala do real por meio do fantasioso. Assim, na literatura fantástica, lança-se mão de uma criação estética que está voltada para problemas reais da vida, tais como a representação de um sujeito como ele é visto por um determinado nicho e ainda da problemática dos corpos e sujeitos marginalizados pela sociedade que, por serem excluídos e silenciados na vida oficial, recebem o direito ao grito na literatura fantástica. A inquietação que deu origem ao presente trabalho, assim como a uma pesquisa a nível de mestrado sobre o mesmo tema, surgiu a partir dessa problemática.

Sabemos que a fantasia segue esse modelo, em maior ou menor grau, de representação do corpo, mas o que acontece quando se soma a essa representação uma sociedade distópica? Se as distopias nos apresentam um mundo desesperançoso que é totalmente o contrário daquele que se sonhava alcançar nas utopias do século XVI (HILÁRIO, 2013) e, além disso, “problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam” (HILÁRIO, 2013, p. 206), então, quando uma representação distópica de sociedade adentra o enunciado da fantasia, aparentemente estamos diante de um tipo diferente de representação do corpo mágico. Estamos diante de uma representação de corpo de uma fantasia distópica.

De maneira geral, nas fantasias distópicas, somos apresentados a realidades distópicas que, como nas distopias, ao agir sobre os sujeitos, “ênfatisam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc.” (HILÁRIO, 2013, p. 206). No entanto, se na distopia as forças cerceadoras agem nos sujeitos simplesmente porque elas detêm o poder, na fantasia distópica essa ação se dá porque os sujeitos são representados em corpos mágicos. Na figura do diferente a ser combatido, os corpos são o alvo principal para justificar o controle na narrativa da fantasia distópica. Assim se instaura uma lógica imunológica em que o poder age como erradicador do mal que ameaça a vida do sistema. Segundo Han (2018a, p. 8-9),

a ação imunológica é definida como ataque e defesa. [...] Pela defesa, afasta-se tudo que é estranho. O objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade.

A ação imunológica, portanto, age em consonância com as forças centrípetas que buscam constantemente monologizar os discursos na vida (BAKHTIN, 2015) e destituir-lhes da diversidade de vozes que lhe formam. Com base nisso, no presente trabalho, pretende-se investigar a representação do corpo mágico no enunciado da fantasia distópica como metáfora para representações discursivas de corpos marginalizados e oprimidos presentes na vida oficial e de que maneira essa relação nos ajuda a melhor entender a relação desses sujeitos na vida com a sociedade que os cerca. Para isso, apresentamos em quatro seções, além das considerações finais, primeiro, uma reflexão acerca do corpo estranho na vida; segundo, da representação estética do corpo; e, terceiro, da representação do corpo na fantasia distópica; em seguida tratamos da representação imunológica da sociedade e, por fim, apresentamos uma breve análise dessa relação corpo mágico x sociedade imunológica utilizando como norteador trechos do livro *Temporada dos Ossos* (2016), da autora inglesa Samantha Shannon.

Foram escolhidas ainda obras cuja menção e cotejo se mostram essenciais para a compreensão de nossa problemática, como *Nós* (2017), de Ievguêni Zamiatín, escolhido por ser considerado o romance precursor das distopias; bem como de dois outros exemplares de fantasia distópica, *Cinder* (2013), de Marissa Meyer, e *A Rainha Vermelha* (2018), de Victoria Aeyard, escolhidos para estabelecer um contraste entre nossos corpos e outros exemplares do gênero.

Antes de mais nada: um corpo estético

A princípio, precisamos deixar claro de que corpo falamos. Não estamos interessados no corpo biológico e mecânico, cujas necessidades fisiológicas são as mesmas para todo e qualquer indivíduo, mas sim no corpo construído socialmente cujo discurso pode ser entendido como um signo social, o corpo do ponto de vista discursivo, o corpo estético. Para Bakhtin (2011), no processo de criação de uma personagem, em sua totalidade subjetiva e corporal, o autor emite uma resposta à vida. Ademais, “[...] essa resposta reúne todas as definições e avaliações étnico-cognitivas e lhes dá acabamento em um todo concreto-conceitual singular e único e também semântico” (BAKHTIN, 2011, p. 4).

Tal resposta à vida mencionada por Bakhtin (2011), ao que parece, adentra ao enunciado como uma resposta às questões últimas da vida e cada gênero discursivo responde a essas questões de maneira diferente. Ao observar a cultura pop dos últimos 10 anos até agora, encontraremos uma popularização de temas distópicos, questões de raça, gênero e sexualidade, feminismo, etc. Devido a grande onda conservadora que tem se propagado por todo globo, um movimento típico da hipermodernidade, esses temas parecem ganhar mais força ainda.

Na hipermodernidade, ao contrário do que se teoriza sobre a pós-modernidade, não há a preocupação de vencer o passado, de superá-lo. Antes, busca-se integrá-lo às práticas hipermodernas vigentes de produção, comunicação, representação, etc. Dessa maneira, o presente segue “celebrando até o menor objeto do passado, [...] a hipermodernidade não é estruturada por um presente absoluto; ela o é por um *presente paradoxal*, um presente que não para de ‘exumar’ e redescobrir o passado” (LIPOVETSKY, 2004, p. 85, grifos do autor).

Assim sendo, a luta dita progressista precisa mais do que nunca mostrar a sua força. E, como o homem sempre vai precisar se expressar de alguma forma, essa luta é refletida e refratada em discurso, em signo, enfim, nos gêneros discursivos. Parece ser a essas questões últimas que a representação estética do corpo tem tentado responder. Cada vez mais se luta contra a expulsão do outro e cada vez mais se discute acerca da necessidade de uma diversidade dessa representação. Já não basta a representação do herói como sendo sempre homem, hetero, magro e branco.

Na vida, os sujeitos se identificam das mais diversas maneiras, possuem corpos de diferentes formatos e cores, performam a sua sexualidade e gênero das mais distintas maneiras. Naturalmente, buscam nos enunciados artísticos que compõem o mosaico de suas descoleções aquilo que os representa e os toca responsivamente. Mantendo-se sempre afinados com aquilo com que possam se relacionar e descobrir algo sobre si, por meio de seu outro estético.

O processo de criação de personagens e, conseqüentemente, de seus corpos por parte de alguns autores parece estar bastante ciente dessa problemática do mundo da vida. Os autores, partindo de seus excedentes de visão, daquilo que somente eles podem enxergar do outro em seu lugar único no mundo (BAKHTIN, 2011), buscam dar acabamento aos corpos reais que inserem em suas obras. Tal movimento permite uma ação empática própria da criação estética na qual, segundo Bakhtin,

[...] eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de minha visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (2011, p. 23)

O movimento descrito no postulado acima cria no enunciado o que Bakhtin (2011) chama de imagem externa. A imagem externa corresponde ao “conjunto de todos os elementos expressivos e falantes do corpo humano” (BAKHTIN, 2011, p. 25), ou seja, não se lida somente com o gestual e o verbal, mas também com o discurso interno que constitui também a expressão externa do corpo. De posse desses elementos o autor pode enfim “revestir de carne externa essa

personagem central da vida” (BAKHTIN, 2011, p. 27). Ao revestir de carne um personagem em sua obra, o autor semiotiza um sujeito no enunciado e lhe dá acabamento. No que diz respeito à literatura fantástica, a representação estética dos corpos parece corresponder a corpos estranhos e marginalizados. Ademais, antes de tratarmos da representação dos corpos na literatura fantástica, tratamos, na seção seguinte, dos corpos estranhos e marginalizados no mundo da vida.

Antes de mais nada: um corpo estranho

A legitimidade de corpos é um tema comum atualmente. Muito se discute, quando se fala de pautas identitárias, acerca de transexualidade, negritude, padrão aceitável de corpo dentro desse ou daquele nicho, como por exemplo na comunidade queer. Na presente seção pretende-se discutir o que legitima esses corpos, mais ainda, o que faz com que, culturalmente, passemos a acreditar que um determinado corpo mereça ser expulso da sociedade.

Nas palavras de Guacira Lopes Louro⁴ (2004, p. 75):

Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, identificados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e nacionalidade.

Como podemos observar, as marcas de raça, gênero, classe, nacionalidade, etnia, etc., não são inscritas no corpo naturalmente, ao contrário, são valoradas culturalmente. Não precisamos olhar muito longe para encontrarmos exemplos disso. No Brasil, muito embora a maior parte da população seja miscigenada, o racismo ainda faz parte de sua realidade. 300 anos de escravidão cravaram na população brasileira um sentimento de superioridade de brancos em relação a negros que reflete não só na cor da pele, mas também na cultura e nas religiões de matriz africana.

O mesmo pode ser dito de tudo que foge do padrão heteronormativo perpetuado aqui desde os tempos da colônia portuguesa e pregado até hoje por entidades como a igreja católica e representantes políticos da *família tradicional brasileira*. De um ponto de vista mais geral,

a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos - continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os

⁴ Neste artigo, na primeira menção a mulheres aparecerá seu nome completo em forma de luta contra o apagamento de pesquisadoras.

corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos - e sujeitos - ilegítimos, imorais ou patológicos. (LOURO, 2004, p. 82)

Com base em ideologias diversas, sejam as que vêem o negro ou o índio como seres inferiores ou sejam as que consideram pessoas que desviam da norma padrão de corpo, gênero e sexualidade, os corpos vão sendo marcados como corpos a serem evitados, cuja existência pode ser simplesmente ignorada ou até mesmo eliminada. Muitas vezes, esses sujeitos nem são considerados gente. Assim sendo, “para se qualificar como um sujeito legítimo, como ‘um corpo que importa’, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer as normas que regulam a sua cultura” (LOURO, 2004, p. 15-16).

Para Louro (2004), parte dessa relação de legitimação dos corpos se dá devido a uma tentativa de perpetuação de uma ordem considerada natural, essencialista e pré-cultural. A fuga dessa ordem gera a exclusão, a expulsão do outro. Segundo a autora, no entanto, “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias” (LOURO, 2004, p. 81).

Ademais, precisamos olhar para a cultura e para os artefatos utilizados pelos sujeitos para nomear os corpos, para que possamos compreender como se dá o processo de expulsão do outro. O filósofo sul coreano Byung-Chul Han nos fornece material para tal análise. Para Han (2017, p. 9), “nos dias atuais não há mote que domine mais o discurso público do que o tema da transparência”. Sob tal mote, as coisas, os sujeitos, as ações, o tempo, as imagens, a sociedade em si, operam sob a ordem da positividade, pois tudo deve ser passível a ser vendido, tudo se torna mercadoria. Assim, as coisas tornam-se rasas e planas, elimina-se o tempo da contemplação e a singularidade das coisas e tudo se reduz ao que o filósofo chama de inferno do igual (HAN, 2017).

A transparência contribui diretamente para a expulsão do outro estranho porque opera justamente com a uniformização, pois que para ser transparente a coisa precisa ser vendável e para ser vendável ela precisa ser igual ao que o mercado compra. O outro precisa ser eliminado porque

[...] a negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada (gleichgeschaltet). Nisso reside seu traço totalitário, em uma “nova palavra para dizer uniformização: transparência”. (HAN, 2017, p. 12)

O igual ao qual a transparência busca uniformizar todos está na figura do padrão a ser seguido. Como já discutimos, está na heterossexualidade, nos brancos, na família tradicional, nas imagens higienizadas que circulam nas redes sociais, naqueles que têm mais likes e seguidores, nos mais bem-sucedidos, nas pessoas que possuem o emprego dos sonhos, o corpo dos sonhos, a casa dos sonhos, etc. Tudo que foge desse padrão é passível de ser apagado pela transparência ou simplesmente deixado à margem.

Assim, a sociedade atual não permite a existência do diferente porque este ameaça a sua existência e manutenção. O estranho sempre vai causar espanto e esse espanto interrompe a cadeia de comunicação da sociedade positiva e transparente que desaprendeu a lidar com a negatividade. Em uma espécie de tentativa de diminuição desse apagamento é que se busca constantemente, por meio da arte, representar o outro. A arte nos aproxima do outro (HAN, 2018b).

Por meio de representações artísticas, através das quais os sujeitos desencadeiam práticas discursivas que tentam legitimar novamente os corpos excluídos da sociedade, é que entramos cada vez mais em contato com o outro que não enxergamos *nas escolas, nas ruas, campos, construções*. Afinal, “a tarefa da arte e da poesia consiste em fazer com que a percepção deixe de espelhar, em abrir a percepção ao próximo que temos à nossa frente, ao outro, ao diferente” (HAN, 2018b, p. 78). E é justamente a essa função que serve, entre outros gêneros, a fantasia distópica. O corpo alheio é introduzido na fantasia distópica, por meio do excedente de visão (BAKHTIN, 2011) do autor que, inserido na sociedade positiva que busca eliminar a alteridade, busca legitimar no enunciado estético a existência desses corpos.

Antes de mais nada: um corpo mágico

Para que possamos compreender as articulações da fantasia distópica, precisamos primeiramente compreender como se articulam certos elementos da fantasia, voltando nosso foco à compreensão do corpo mágico. A fantasia, segundo Todorov (2008), acontece num mundo semelhante ao nosso, com exceção da existência de seres e acontecimentos irrealis. Para o teórico, a grande questão da fantasia está no seu acontecimento, que se dá baseado na dúvida. A impossibilidade da comprovação da veracidade dos acontecimentos é o que move o maravilhamento da fantasia para Todorov (2008). Neste trabalho, no entanto, buscamos uma definição de fantasia que não se baseie na hesitação como elemento motor da fantasia.

Para que possamos melhor compreender o que realmente move a fantasia, utilizamos as contribuições do estudo de Rosemary Jackson (2009), que afirma que a definição

de Todorov falha ao não analisar as implicações sociais e políticas do gênero. Ademais, deixa claro que “o fantástico investiga o não-dito e o não-visto da cultura: aquilo que foi silenciado, tornado invisível, encoberto e excluído” (JACKSON, 2009, p.2). Trata-se de um gênero que atua de maneira metafórica.

A fantasia não busca criar um novo mundo supra-humano, mas mudar o mundo real e, para isso, vira ele de pernas pro ar (JACKSON, 2009) e por isso está diretamente ligada aos problemas do mundo real. Ao alterar a ordem natural das coisas em sua representação, a fantasia põe em evidência certos aspectos da vida por meio de práticas discursivas. Segundo Jackson (2009, p.2), “a literatura fantástica aponta ou sugere a base sobre a qual a ordem cultural repousa, pois abre, por um breve momento, à desordem, à ilegalidade, àquilo que está fora da lei, àquilo que está fora dos sistemas de valores dominantes”.

Ao criar problemáticas que envolvem criaturas monstruosas e irreais, a fantasia dialoga com temas do mundo real ao mesmo tempo em que zomba dele, como uma paródia da vida oficial que para poder zombar precisa também estar bastante próximo daquilo que zomba. A fantasia, portanto, é representante de gêneros carnavalescos que, segundo Bakhtin (2010), estão sempre em diálogo com as questões últimas dos tempos em que foi criado, pois se tratam de gêneros jornalísticos, e pode ser compreendida enquanto “uma história baseada e controlada por uma violação aberta do que geralmente é aceito como possibilidade; é o resultado narrativo de transformar o ‘irreal’ em real [...]” (JACKSON, 2009, p. 8).

A existência de monstros, fadas, dragões, magos, entre outras figuras fantásticas, é maneira que o gênero utiliza para questionar a realidade. Os corpos marginalizados na vida oficial ganham o direito ao grito dentro da fantasia e assim como os corpos na vida real apresentam marcas específicas, aparentemente também as apresentam os corpos fantásticos. A magia parece ser a marca mais comum utilizada por esse gênero, mas também pode-se levar em consideração as transfigurações - metamorfoses como a do lobisomem, a do vampiro e de outras criaturas híbridas - além da presença de objetos e criaturas mágicas, a exemplo da série de livros da saga *Harry Potter*, através da qual somos apresentados a um universo mágico no qual existem pessoas nascidas com e sem magia e a existências de objetos e criaturas mágicas das mais diversas.

Levando em consideração a popularidade dos livros da saga *Harry Potter* que não só fez como os 7 livros se tornassem todos best-seller ao redor do mundo, mas também gerou 10 filmes e uma legião de fãs, não é de se espantar que a história do menino que sobreviveu tenha servido de parâmetro para histórias que vieram depois, estabelecendo assim um padrão a seguir quanto a representações de personagens e elementos da magia. Por esses motivos, escolhemos

a história do menino bruxo como alvo de cotejo para a fantasia distópica. A trama dos livros que contam a história do menino que sobreviveu está centrada no embate entre o herói, Harry, e o vilão, Voldemort. Embora os feitos de Voldemort reflitam e refratem de fato problemas do mundo da vida, como o nazismo – representado pela sua busca pela supremacia da raça bruxa em detrimento da não-bruxa – a relação com problemas sociais não se estende para muito além disso.

A fantasia distópica parece surgir justamente para tentar abalar, em maior ou menor grau, essa representação típica da magia na literatura fantástica que, embora esteja ligada à representação do não-dito nos corpos, não lhes dá um acabamento estético que reflita e refrate as questões últimas do mundo da vida que cercam seu público alvo. Assim, ao mover o maravilhamento que cerca os corpos mágicos para o centro da narrativa, maravilhamento esse que sempre vem carregado do riso questionador típico das representações do corpo mágico, a fantasia distópica também condensa nos corpos questões últimas que movem a engrenagem do gênero, tirando-as do posto de coadjuvantes e as dando protagonismo. A seguir discutimos como se dá estabelece a relação imunológica que cerca a representação do corpo na fantasia distópica.

Fantasia distópica e a sociedade imunológica: embates sobre corpos

Entendemos a fantasia enquanto uma história que transforma o impossível em possível como um meio de questionar a realidade ao evidenciar aquilo que está dito e não-dito na sociedade (JACKSON, 2009). Por essa razão, a fantasia cria representações discursivas de corpos que, no mundo da vida, sofrem tentativas de silenciamento ou extermínio, corpos estranhos que são perseguidos pelas marcas identitárias que carregam em seus corpos.

Ademais, para que possamos compreender a relação imunológica que esses corpos despertam na narrativa da fantasia distópica, precisamos compreender como se articulam certos discursos distópicos que agem no enunciado da fantasia distópica. O romance distópico, segundo Hilário (2013), por se passar geralmente em um futuro projetado, lança luz nas atuais formas de poder na medida em que serve de alerta para o futuro e “pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos” (HILÁRIO, 2013, p. 202).

O romance *Nós*, de Yevgeny Zamyatin, nos apresenta uma realidade distópica na qual o método fordista de produção teve sua aplicação ampliada de maneira a controlar o dia a dia

dos seres humanos. Assim, os sujeitos têm todo e qualquer traço de subjetividade apagado de suas mentes através de uma máquina, deixam de ser chamados por nomes e passam a responder por números e vivem em cidades feitas de vidro sem qualquer privacidade. Nessa realidade, existe uma tabela de horas ditadas pelo estado único para cada afazer do dia que não deve ser descumprida, também é proibido adoecer.

Em *Nós*, somos alertados do mal da vigilância total, ação de típica de governos totalitários, da perda da subjetividade e da total aniquilação da arte. O alerta deixado por Zamyatin através de *Nós* surge justamente em 1924, período em que a U.R.S.S. passava pela morte de Lênin e a ascensão de Stálin, o que rendeu ao autor perseguição a essa obra por ser considerada “ideologicamente indesejável” (ORWELL, 2017, p. 1) e a todas as suas obras subsequentes, o que o levou a enviar uma carta a Stálin em 1931 pedindo permissão para deixar o país, pois que, segundo ele, como escritor, ser privado de escrever é como uma sentença de morte (ZAMYATIN, 2017).

Assim como qualquer outro romance distópico, *Nós* nos oferece material para reflexão, não somente para que possamos pensar no mau futuro, mas também para que possamos pensar no contragolpe para esse mal. As distopias tratam justamente dessas sombras ambivalentes que pairam sobre o presente. Nesse sentido, é correto pensar que

as distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. (HILÁRIO, 2013, p. 206)

Mas, se tratando do enunciado da fantasia distópica, como se dá esse alerta? Como se relacionam a liberdade de representação do corpo da fantasia com a sociedade distópica da distopia? Os enunciados da fantasia e da distopia representam o mundo de formas distintas, embora ambas apresentem uma realidade carnavalizada em relação à vida oficial; o primeiro está voltado para a tornar o impossível possível, apresentar um mundo outro e ideal, enquanto o segundo está voltado para o futuro próximo e suas possibilidades catastróficas.

Ao serem introduzidos em um enunciado híbrido, passam a funcionar de maneira simbiótica ao passo que um se apoia no outro para o tecer da trama da fantasia distópica. O enunciado híbrido, ao que parece, respeita as possibilidades de representação dos enunciados matrizes; as fantasias distópicas podem conter uma ambientação futurística, como no caso de *Cinder* (2013) e *Temporada dos Ossos* (2016); ou se voltar para um período medieval, como no caso de *A Rainha Vermelha* (2018), mas sempre apresentando uma sociedade de algum modo totalitária e envolta pela magia. Matangrano (2019, p. 5) afirma que a fantasia distópica, ao

realocar a sociedade distópica para um mundo regido por magia, “redireciona o sense of wonder da fantasia para um ‘sentido de alerta’ ou ‘aviso de incêndio’”. Esse aviso de incêndio parece nos alertar para os corpos que queimam sob o regime dos governos totalitários.

Em *Cinder* (2013), uma praga assola o planeta Terra habitado por humanos e ciborgues. Aqui se explora a relação homem x máquina na figura da protagonista, Cinder, uma ciborgue. Em *A Rainha Vermelha* (2018), o governo é monárquico e dividido entre os que têm sangue prateado e possuem poderes mágicos e os que têm sangue vermelho e não possuem poderes - estes tendo que servir os poderosos e viver em favelas e tendo que digladiar com os prateados para mero divertimento deles. Por fim, em *Temporada dos Ossos* (2016), somos apresentados a uma Londres de um futuro no qual a clarividência é real e é governada por um regime ditatorial que a proíbe com a pena de morte.

Nessas obras, que representam apenas uma parte das obras que poderíamos encaixar no gênero fantasia distópica, os corpos mágicos ora são alvo de uma tentativa constante de apagamento, por serem considerados aberrações e até um erro da natureza, ora são fruto da opressão, claras representações de corpos estranhos cuja legitimidade de existência está sob constante ameaça por parte da sociedade, como discute Louro (2004). Na fantasia distópica, aparentemente, o corpo mágico é um dos focos dos embates discursivos que buscam pôr a realidade em xeque, dispersar as forças centrípetas dos discursos monogizadores (BAKHTIN, 2015) que ditam os padrões corporais, raciais de gênero e sexualidade e apresentar meios de resistir à ação imunológica da sociedade (HAN, 2018a).

Assim, cria-se, dentro de suas narrativas, um sistema imunológico que representa nossa sociedade sempre buscando expulsar o outro. A fantasia distópica, pois, nos faz olhar para os corpos marginalizados e constantemente oprimidos e excluídos na e pela sociedade. Força-nos a enxergar e colocar empaticamente no lugar do outro. A liberdade da fantasia contrapõe a opressão da distopia assim como na vida os corpos que transgridem padrões são puxados de volta à normalidade numa constante luta por sobrevivência e resistência.

A representação estética do corpo marginalizado na fantasia distópica *Temporada dos Ossos*

Passamos agora a uma breve análise que tem por finalidade rastrear em trechos selecionados do romance de fantasia distópica *Temporada dos Ossos* (2016), da autora inglesa Samantha Shannon, pistas que endossam a ideia de que na fantasia distópica a ação distópica se dá sobre os corpos mágicos de maneira imunológica, como o mal a ser enfrentado para que

o sistema sobreviva. Tais traços podem nos possibilitar enxergar com mais clareza os corpos mágicos da fantasia distópica como corpos estranhos que incomodam e perturbam.

O romance em questão foi escolhido como corpus deste trabalho primeiramente porque sua leitura revelou que este parece representar muito bem a relação imunológica entre corpo x sociedade, presente no mundo da vida e propulsor da fantasia distópica, que buscamos rastrear em nossa pesquisa; segundo, por se tratar de um exemplar de romance fruto da literatura de massas, cujo valor social ainda não foi amplamente reconhecido pela academia; terceiro, e intrinsecamente ligado ao segundo ponto, porque neste trabalho defendemos uma posição ética de produzir conhecimento que seja responsivo à vida (MOITA LOPES, 2006) e politizar e problematizar os objetos de leitura dos jovens leitores é uma maneira de lhes legitimar a prática leitora geralmente desvalorizada em decorrência de um cânone literário.

Iniciamos nossa análise com o trecho inicial do romance, que poderíamos chamar de intróito. Já nesta introdução pode-se perceber que o clima de medo que se instaura em toda distopia começa a tomar forma:

Gosto de imaginar que havia muitos de nós no início. Não muitos, suponho. Apenas mais do que existem hoje.

Somos a minoria que o mundo não aceita. Não fora dos limites da fantasia, e até ela foi proibida. Nossa aparência é como a de todas as outras pessoas. Às vezes agimos como todas as outras pessoas. De várias maneiras, nós somos como todas as outras pessoas. Estamos em toda parte, em todas as ruas. Vivemos de um jeito que você pode considerar normal, contanto que não olhe com atenção.

Nem todos entre nós sabem o que somos. Alguns morrem sem saber. Alguns de nós sabem e nunca são pegos. Mas estamos por aí.

Acredite em mim. (SHANNON, 2016, p. 13)

A princípio, podemos destacar que, embora a narração se inicie na primeira pessoa no primeiro parágrafo, através da voz da personagem principal, já a partir da primeira oração a terceira pessoa do singular é utilizada, ao que parece, para invocar um senso de coletividade e se encerra no quarto parágrafo novamente na primeira pessoa. Uma voz fala do todo ao mesmo tempo que fala de si. Muito embora a narradora faça parte dessa comunidade perseguida, enquanto indivíduo, ela necessita se colocar em uma posição extralocalizada, de coletividade, necessita existir também no lugar do outro e só então voltar a seu lugar no mundo. Segundo Bakhtin (2011, p. 22-23),

o excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se.

Assim, sem nos revelar do que ou de quem se trata, Paige Mahoney, protagonista de *Temporada dos Ossos* e moradora de uma Londres distópica do ano de 2056, nos conta como esses sujeitos foram sendo apagados da história ao longo do tempo, dá-lhes acabamento quanto àqueles elementos que somente um olhar extralocalizado poderia dar; mais ainda, sua voz entra em defesa dessas pessoas que se aparentam com todas as outras pessoas, de modo geral, agem como todas as outras pessoas, estão em toda parte e mesmo assim ainda são perseguidos, pois se alguns (1) *nunca são pegos* é porque são caçados e conseguem fugir. Pode-se observar ainda que a narrativa assume uma postura em defesa do direito à vida daqueles que representa como perseguidos e oprimidos. Pessoas que apresentam em seus corpos as marcas de sua existência proibida, traços de sua identidade estrangeira que é vítima de violência e abuso do poder estatal. O discurso da narradora escancara uma reação de resistência que funciona como reação à ação imunológica da sociedade e das forças centrípeta da vida. O parágrafo inicial parece fazer uma clara alusão ao genocídio de certos povos do mundo ao longo da história. De um ponto de vista geral, somos todos seres humanos, todos muito semelhantes uns aos outros com diferenças quanto à cor da pele ou etnia, mas todos seres humanos, e ainda assim povos indígenas e afro descendentes foram exterminados, perseguidos e dizimados ao longo da história.

Pessoas orientais e latino americanas, principalmente os imigrantes, ainda são alvo de xenofobia e expulsão por parte da sociedade. O mesmo pode ser dito de pessoas em situação de rua que também são tratadas como sujeitos indesejados e inoportunos. Todas essas relações entram em diálogo com o corpo mágico representado no romance que assume o compromisso ético e estético de tentar legitimar os corpos marginalizados pela sociedade no mundo da vida, afinal, “[...] é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprio sujeito e pelos outros” (LOURO, 2004, p. 83).

De volta ao romance, Paige nos apresenta a Londres, ou Scion Londres (Sci-lo), de 2056 como pivô de tal perseguição, como pode-se observar no trecho a seguir:

Scion era a última palavra em segurança amaurótica. Qualquer referência a uma vida pós-morte era proibida. Frank Weaver achava que éramos desnaturais, e, como os vários Grandes Inquisidores do passado, ele ensinou o resto de Londres a nos considerar abomináveis. A menos que fosse essencial, só saíamos durante horários seguros. Isso acontecia quando a DVN dormia, e a Divisão de Vigilância Diurna assumia o controle. Os oficiais da DVD não eram videntes. Não tinham autorização para fazer uso da mesma brutalidade que seus colegas noturnos. Não em público, pelo menos. (SHANNON, 2016, p. 20).

É possível encontrar certas marcas claramente fantásticas e distópicas no trecho acima, o que aumenta os indícios de que, de fato, estamos lidando com um gênero híbrido. As marcas fantásticas se mostram presentes na aceitação da clarividência como algo real e aceitável dentro da narrativa. Já as marcas distópicas se mostram na menção a uma realidade na qual a vigilância total e a violência são endossadas pelo governo, além da menção a Grandes Inquisidores, representantes de um poder soberano, um traço comumente encontrado em outras distopias. Percebe-se que o excerto supracitado pertence simultaneamente a dois universos semânticos (BAKHTIN, 2015), o da fantasia e o da distopia, e revela a hibridez do enunciado da fantasia distópica.

Chamamos atenção ainda para os termos utilizados para se referir aos sujeitos perseguidos. Uma busca pelo termo (2) *desnaturais* no dicionário online Michaelis⁵ no fornece as seguintes definições: a) contrário à inclinação natural, não natural; b) destituído de naturalidade, afetado, calculado, estudado, falso; c) que não é do caráter de alguém o de algo, desconforme, extraordinário, impróprio. Já uma busca pelo termo (3) *abomináveis*⁶ resulta na seguinte definição: a) que merece ser abominado, abominoso, detestável, execrável. Tais representações encrustam no corpo mágico a imagem do detestável, do grotesco, não pelo exagero da representação corporal - visto que “na base das imagens grotescas, encontra-se uma concepção especial do conjunto corporal e de seus limites” (BAKHTIN, 2010, p. 275) - mas pelo valor ideológico que esses termos lhes atribuem. Estas definições extremamente negativas recaem sobre a natureza dos sujeitos e sua existência, apontam-nos traços da tendência que esses corpos têm de serem representados sob uma ótica imunológica, pois são vistos como mal a ser execrado e representam, do ponto de vista do poder estatal, o desviante que pode vir a ser corruptível e ameaçador à normalidade e perfeição do *não-lugar* distópico.

Como vimos, as marcas da fantasia e da distopia convergem para os corpos dos sujeitos refletidos e refratados na obra. Seja na forma da magia que se incrusta neles, seja na forma do controle da subjetividade que se justifica por eles. Se por um lado a liberdade rege o discurso fantástico, por outro a violência rege o discurso distópico. Na fantasia distópica, encontramos uma relação diferente com o corpo mágico. Já não há o maravilhamento que criaturas fantásticas, gigantes, centauros, sereias, dragões ou hipogrifos nos causavam. Corpo mágico é

⁵ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/desnatura/>

⁶ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/abomin%C3%A1vel/>

rebaixado ao nível do humano, o mundo passa a ser ambientado como sombrio e perigoso e a história vai aos subúrbios e favelas.

O mundo representado não é mais aquele que tem conhecimento total da magia e dos seres mágicos e convive com eles nem tampouco o que não o conhece e por isso convive, mas um que busca exterminá-lo. Os corpos mágicos ameaçam diretamente a sua existência e por isso devem ser exterminados:

Toda clarividência era proibida, é claro, mas o tipo que dava lucro era considerado pecado capital. [...] Trocar serviços de clarividência por dinheiro era comum entre quem não conseguia entrar para alguma gangue. Nós chamávamos de mercadejar. Scion chamava de traição. A penalidade oficial para esse tipo de crime era a execução por asfixia com nitrogênio, vendido sob o nome comercial de NiteKind. Ainda me lembro das manchetes: PUNIÇÃO INDOLOR: O MAIS RECENTE MILAGRE DE SCION. Eles diziam que era como ir dormir, como tomar um comprimido. Mas ainda praticavam enforcamentos públicos e as inevitáveis torturas por alta traição. Só por respirar eu já estava cometendo alta traição. (SHANNON, 2016, p. 16)

Chamamos atenção nesse trecho à clara relação ideológica que perpassa a relação imunológica corpo mágico x governo. Se toda clarividência é proibida, todo clarividente é *proibido de existir*. Além disso, tirar lucro de sua clarividência é um pecado capital. No entanto, o governo de Scion tira lucro dessas mortes ao vender o produto com o qual essas mortes seriam feitas. O *NiteKind*, que em uma tradução livre significa nitrogênio bondoso, é reconhecido no romance como um milagre que eliminaria de uma vez por todas com a praga clarividente e reforça a relação de poder do Estado em relação ao povo. O Estado (ditatorial) controla inclusive o direito à vida, sendo esse garantido apenas àqueles considerados dignos ou normais. Estamos diante de uma construção arquitetônica de valores que considera uma existência ilícita, enquanto considera o assassinato dessas mesmas pessoas natural e lícito. O sistema detém o poder, o poder opera de maneira violenta, seja de maneira sutil (*NiteKind*) ou de maneira óbvia (enforcamentos públicos).

O romance de fantasia distópica, portanto, questiona também as relações de poder que servem como meio de manutenção de uma sociedade imunológica. Questionam o poder da espada exercido pelos poderosos por mera arbitrariedade. Se o discurso distópico tem como função nos alertar sobre um futuro tenebroso como este, o discurso fantástico, pelo contrário, articula no romance uma reação, uma faísca revolucionária. Através de sua protagonista e dos demais personagens que constituem o núcleo da revolução, *Temporada dos Ossos* nos apresenta a esperança que contrapõe a distopia. Altera a lógica de representação da fantasia e da distopia porque, primeiro rebaixa o corpo mágico à condição de grotesco e, em seguida, dá a esses

corpos o direito à reação. Não se trata mais de simples humanos vítima de um sistema opressor, mas humanos que transcenderam a normalidade e são algo mais.

Podemos perceber então que no romance de fantasia distópica, assim como no mundo da vida,

ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões. (LOURO, 2004, p. 16)

Repousa em Paige Mahoney uma figura de resistência, apesar da situação em que ela se encontra. Afinal, o gênero ainda se relaciona com elementos advindos de seus gêneros matrizes e apontar uma solução é uma herança que advém tanto da fantasia quanto da distopia.

Considerações finais

Este trabalho, embora tenha caráter preliminar, por se tratar do recorte de uma pesquisa em andamento, permite-nos problematizar (alguns pontos) acerca da representação discursiva do corpo no enunciado da fantasia distópica. Chegamos às seguintes considerações: a) os corpos mágicos refletidos e refratados no enunciado da fantasia distópica correspondem a corpos estranhos no mundo da vida, sujeitos que sofrem constantes tentativas de apagamento e cuja vida pode ser extinguida facilmente (LOURO, 2004), cujo valor é reconhecido por meio do excedente de visão de sua autora (BAKHTIN, 2011) b) o corpo mágico da fantasia distópica, aparentemente, é o ponto de encontro dos discursos fantásticos e distópico e é representado como um corpo grotesco não por seus traços físicos, mas pelo seu valor ideológico perante o sistema opressor; c) o corpo mágico da fantasia distópica é um corpo que resiste às ações imunológicas da sociedade que busca eliminá-lo, como maneira esperançosa de acreditar no futuro.

Nossa análise nos permite ainda afirmar que, sob a luz da metáfora do corpo mágico que nunca foi uma metáfora inocente, a fantasia distópica traz à tona questões últimas sobre os corpos e sujeitos presentes no mundo da vida cuja vida está sob constante ameaça, como imigrantes, pretos, pessoas de gênero e sexualidade que diferem do padrão estabelecido pela sociedade, etc. E ainda questiona as relações de poder que permitem e mantêm a relação imunológica da sociedade para com os corpos mágicos. Tecendo, assim, uma crítica atual e relevante a como a sociedade atual se organiza.

Naturalmente, não se encerram aqui as considerações acerca do corpo mágico da fantasia distópica nem tampouco acerca do gênero em si. Muito ainda pode e vai ser dito acerca do gênero, pois que, enquanto sujeitos inconclusos e em constante processo de acabamento, sempre teremos algo mais a dizer sobre o mundo que nos cerca e sempre segundo uma ênfase valorativa diferente. No entanto, pode-se afirmar que *Temporada dos Ossos* (2016) certamente nos deixa rastros a seguir na perseguição do gênero fantasia distópica.

Referências

- AVEYARD, V. *A rainha vermelha*. Trad. Cristian Clemente. São Paulo: Seguinte, 2018.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Trad. Ênio Paulo Gianchini. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2018a
- HAN, B. *A expulsão do outro*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 2018b.
- HAN, B. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.
- HILÁRIO, L. C. *Teoria crítica e literária: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade*. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.
- JACKSON, R. *Fantasy: the literature of subversion*. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2009.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MATANGRANO, B. A. *Ordem vermelha: filhos da degradação, entre a alta fantasia e a distopia*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 56, p. 1-14, 2019.
- MEYER, M. *Cinder*. Trad. Maria Beatriz Branquinho. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2003.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. p. 13-42. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ORWELL, G. Resenha de Nós, de Ievguêni Ivánovitch Zamiátin. In: ZAMIÁTIN, I. I. *Nós*. Trad. Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.

SHANNON, S. *Temporada dos Ossos*. Trad. Cláudia Melo Bellfassof. Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2016.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castelo. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZAMIÁTIN, I. I. *Nós*. Trad. Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.

O CORPO MONSTRUOSO NA HETEROTOPIA DA WEB

Dayane Oliveira¹

RESUMO: Por seu modo de funcionamento específico, a web se torna um espaço propício não apenas para se fazer ver, mas também para se fazer ver o outro. É nesse cenário onde se encontram os corpos monstruosos, objeto deste artigo, os “presos” que ficaram famosos na internet, por meio da plataforma *YouTube*. Nossos objetivos são: investigar como o corpo monstruoso é espetacularizado no espaço heterotópico da *web*; e analisar os conflitos morais e éticos que são provocados pelo processo de hipervisibilidade desses sujeitos criminosos no *YouTube*. Para alcançarmos tais objetivos, buscamos suporte nos estudos de Michel Foucault sobre sujeito e poder, dentro das suas contribuições para a Análise do Discurso, mobilizando discussões acerca das relações de saber/poder que constituem os sujeitos, bem como reflexões sobre *verdade, moralidade e corpo* na sociedade ocidental. Dentro de uma dispersão, selecionamos, por sua singularidade, o vídeo “*Morre diabo – Mata a mãe e xinga imprensa*”. Esse acontecimento reverberou na Web de diversas formas (*memes, remixes, performances* etc.), dentre as quais optamos pelo gênero *comentário*. Foi possível, assim, verificar uma mutabilidade da identidade do sujeito criminoso na web, o que produz discussões importantes acerca da moral e da ética dos participantes da cibercultura e, conseqüentemente, da sociedade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Corpo Monstruoso. Sujeito. Identidade.

ABSTRACT: The web becomes, through its specific way of functioning, a space that is conducive not only to make itself seen, but also to make the other seen. It is in this scenario where the monstrous bodies are found, object of this work, the "prisoners" who became famous on the internet through the YouTube platform. Our goals are to: investigate how the monstrous body is spectacularized in the heterotopic web space: and analyze the moral and ethical conflicts that are triggered by analyzing the hypervisibility process of infamous criminal subjects on YouTube. To achieve these goals, we seek support in Michel Foucault's studies on subject and power, within his contributions to Discourse Analysis, mobilizing discussions of the knowledge / power relations that constitute the subjects, as well as reflections on *truth, morality and body* in western society. Within a dispersion, we selected, for its uniqueness, the video “*Dies Devil - Kills Mother and Curses Press*”. This event reverberated on the web in various forms (*memes, remixes, performances*), from which we opted for the comment mode. Thus, it was possible to verify a mutability of the identity of these criminal subjects on the web, which produces important discussions about the morals and ethics of cyberculture participants and, consequently, of society as a whole.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Monster body. Subject. Identity.

Introdução

¹ Doutoranda do curso de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – Paraíba, Brasil. E-mail: dayane.ato@gmail.com

O monstro cessou de ensinar uma norma que doravante o inclui. O “poder de normalização” mudou de natureza: a normalização do anormal sucedeu à exibição. Mas uma questão permanece: quem assume hoje a função, outrora reservada às monstruosidades humanas, de fazer a demonstração do anormal? Quem são os novos monstros, estes “monstros pálidos” da anomalia cujo advento Michel Foucault predizia?

(Jean Jaques Courtine)

Na obra *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (2013), Jean Jacques Courtine utiliza o método *arqueogenalógico* para abordar a história das curiosidades sobre os corpos anormais e monstruosos no século XVIII, esquadrinhando a “glória efêmera dos fenômenos da feira”, seus dispositivos, suas encenações, seus discursos, seus públicos. Ancoramo-nos nessa investigação histórica das práticas de exposição/exploração do corpo teratológico para pensar o *corpus* deste artigo, pois acreditamos que essa cultura não cessou, apenas tomou outras formas e se adequou às tecnologias do nosso tempo. Por isso, objetivamos responder, em certa medida, ao questionamento feito por Courtine na epígrafe que dá início a esta introdução: *Quem são os novos monstros e onde eles aparecem?*

No século XVIII, as monstruosidades humanas saíram aos poucos do universo do assombro, da maldição e do milagre, da manifestação do divino e do diabólico para o lugar do entretenimento, atendendo a uma demanda aguda por diversão nas grandes cidades, resultado do processo de urbanização que ocorria em toda a Europa. De acordo com Courtine (2013), a história desses corpos era marcada no nascimento como prodígio ou pecado e, posteriormente, eram destinados a passar a infância e a vida adulta divertindo o público nas praças e nas feiras até serem confiscados pela Medicina, por ocasião de suas mortes.

O referido autor buscou elaborar uma arqueologia da curiosidade, isto é, das formas como as deformidades humanas se constituíam a partir do olhar furtivo e curioso das multidões, no qual os “erros e transgressões da natureza” eram docilizados e domesticados para despertar a simpatia da multidão:

Surpreendi-nos: mostrai-nos os prodígios, as maravilhas, os erros e as transgressões das leis da natureza. Mas assegurai-nos: mostrai-nos gnomos que sejam dóceis pequenos homens, grotescas harmoniosas, doces e inofensivas, seres mutilados que recuperam seu poder perdido; fazei-nos adivinhar os restos de humanidade perdidos sob o pelo da fera. (COURTINE, 2013, p. 111).

Sendo assim, não é qualquer corpo que pode fazer parte do espetáculo das anormalidades, é preciso que seja disciplinado e, mesmo em sua forma monstruosa, não apresente perigo à população. Observando a exigência daquele público por corpos dóceis, pensamos, hoje, no corpo monstruoso que constitui o *corpus* desta pesquisa, considerando que ele também faz parte de um espetáculo, mas, agora, no espaço virtual.

Por seu modo de funcionamento específico e singular, a web torna-se um espaço propício não apenas para se fazer ver, mas também para se fazer ver o outro. No espaço virtual, se encontra todo tipo de anormalidade, bizarrice, perversão e violência, substituindo os mercados, feiras e circos dos séculos passados, sem perder, no entanto, a prática do exercício da curiosidade e a cultura da diversão. É nesse cenário onde se encontra o corpo monstruoso, objeto desta investigação, o qual compõe um arquivo de sujeitos criminosos que ficaram famosos na web.

Emílio Rocha, 33 anos, usuário de drogas, com um histórico de problemas mentais, mata a mãe a facadas e viraliza na internet ao ter sua entrevista (concedida ao programa televisivo *Boa Tarde Paraná*) compartilhada e divulgada na plataforma *YouTube* com o nome “*Morre diabo – Mata a mãe e xinga imprensa*”. Esse acontecimento nos chama atenção, não apenas pela brutalidade, mas pela forma como reverberou na web, através da apropriação do discurso do assassino pelos internautas, o que o transformou em *meme*², ressignificando-o. Esse acontecimento singular faz parte de uma série de vídeos do mesmo tema, são os “presos engraçados da internet”, o que nos faz questionar: como crimes brutais se tornam piadas na internet?

Propomo-nos, pois, a investigar como o corpo monstruoso é espetacularizado no espaço heterotópico da web e se torna um objeto de entretenimento e diversão, analisando os conflitos morais e éticos que são provocados a partir do processo de hipervisibilidade do sujeito criminoso Emilio Rocha, no *YouTube*.

Para alcançarmos tais objetivos, buscamos suporte nos estudos de Michel Foucault sobre sujeito e poder, a partir de suas contribuições para a Análise do Discurso, mobilizando discussões acerca das relações de saber/poder que constituem os sujeitos, bem com reflexões sobre *verdade* e *moralidade* na sociedade ocidental.

Para a constituição do *corpus*, consideramos o princípio discursivo da *dispersão*, proposto por Foucault (2016), no qual o discurso se caracteriza pela coexistência de enunciados

²Derivado da palavra *mimeme*, que significa àquilo que pode ser imitado, o conceito de *meme* foi criado por Richard Dawkins (2007) que faz uma proximidade fonética com a ideia de “gene”, construindo a metáfora de que a repetição faz parte do DNA da cibercultura.

dispersos e heterogêneos. Seguindo esse princípio, a montagem do *corpus* envolve diversos enunciados, que aparecem em lugares distintos, mas se referem ao mesmo tema ou acontecimento. Quando tratamos do *corpus* em sua dispersão, estamos considerando-o no espaço descontínuo do arquivo do qual ele faz parte e que, neste trabalho, diz respeito aos “presos engraçados da internet”. Dentro dessa dispersão, selecionamos, por sua singularidade, o caso de Emilio Rocha (narrado anteriormente nesta seção), pois é o único caso de assassinato dentro do arquivo investigado. Encontramos ainda esse acontecimento reverberado na forma de comentários, *memes*, *remixes*, performances/interpretações. No entanto, seria exaustivo reunir e analisar todo o material encontrado. Optamos, assim, por nos aprofundar em apenas uma das dessas modalidades, o comentário.

O que nos propomos neste artigo é pensar sobre um fenômeno digital que não é novo, afinal, a violência, o bizarro e a loucura sempre foram na sociedade ocidental, em diferentes épocas, formas de entretenimento. Ridicularizar o estranho, o anormal, o corpo deformado ou supliciar o criminoso são práticas históricas. No entanto, trata-se agora de analisar como isso acontece no nosso tempo. É importante entendermos como a web se constitui como esse lugar em que os limiares da ética e da moral são contraditoriamente firmes e turvos, pois acreditamos que isso, de alguma maneira, afeta os alicerces não tão sólidos da nossa sociedade.

O corpo monstruoso na obra foucaultiana

Para entendermos o funcionamento da forma contemporânea de espetacularização do corpo monstruoso, é preciso evocar a noção de monstro na perspectiva foucaultiana, que apesar de se aproximar do anormal, possui características diferentes. Como afirma o próprio Courtine (2013, p. 84), Foucault vai pensar os corpos monstruosos através da história da constituição do olhar biológico, médico, da genealogia dos dispositivos de identificação e vigilância dos corpos criminosos, e do questionamento dos poderes de normalização. Sob essa ótica, para Foucault (2010), o corpo monstruoso é definido por uma tríade, formada pela Biologia, pela Medicina e pelo Direito, sendo assim “contranatural” e “fora da lei”.

O contexto de referência do monstro humano é a lei, é claro. A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica – jurídica, claro, no sentido lato do termo, pois o que defini o monstro é o fato de que ele constitui em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer ‘jurídico-biológico’. (FOUCAULT, 2010, p. 47)

O anormal, sob a ótica foucaultiana, está para as ciências da natureza e da lei sob a forma de três figuras elementares: o monstro, o incorrigível e o onanista. O “monstro humano”, como denomina Foucault, pode ser definido como jurídico-biológico, pois a sua existência é uma violação, não apenas da lei dos homens, mas da própria natureza. O “indivíduo a ser corrigido”, por sua vez, é um fenômeno do cotidiano, sobre o qual se aplicam tecnologias de reeducação e correção por parte de diferentes instâncias sociais, como família, escola, igreja, polícia etc. O onanista é o “masturbador” (ou ainda a criança masturbadora), que aparece no espaço familiar, sobre o qual as interdições recaem diretamente sobre o corpo e a sexualidade. Assim, para Foucault (2010), o indivíduo anormal do século XIX é marcado – na prática médica, na prática jurídica, na prática sexual, dentro das instituições que vão rodeá-lo – por uma espécie de monstrosidade, que se tornou cada vez mais apagada e diáfana por aparelhos de retificação e projetos disciplinares de normalização.

Segundo Courtine (2013), nas últimas décadas do século XIX, teve início um processo lento no qual a exploração econômica das deformidades humanas começou a perder força até desaparecer completamente ao longo do século XX. O sentimento de compaixão e um olhar mais humanizado sobre o corpo monstruoso tornou a curiosidade e a admiração do público das feiras em uma prática doentia e indecente. De acordo com o autor, esse processo ocorreu por diversos fatores: a divisão social crescente dos públicos, a canalização progressiva da curiosidade popular, a administração moral e racional do olhar, e a tomada definitiva do corpo monstruoso pela ciência.

O monstro natural cede então espaço para a monstrosidade moral ou criminal, cujos efeitos estão no campo da conduta e não mais da natureza: “vemos emergir uma espécie de domínio específico, que será o da criminalidade monstruosa ou da monstrosidade que tem seu ponto de efeito não na natureza e na desordem das espécies, mas no próprio comportamento” (FOUCAULT, 2010, p. 63). Nesse processo, surge o dispositivo da punição, que no Direito clássico apresentava um desequilíbrio em torno dos rituais de atrocidade, pois envolvia os castigos. Desse modo, o poder soberano era sempre maior e mais feroz do que qualquer crime, podendo, assim, absolvê-lo. Isso resultou, como aponta Foucault em *Vigiar e punir* (1987), nas grandes cenas de suplício. Mas, a partir do século XVIII, em virtude do aprimoramento de tecnologias científicas e da emergência da Revolução Industrial, além de um refinamento de certas formas políticas de governo, surge a necessidade de se investigar a natureza do criminoso. Nascia nesse século “uma nova economia dos mecanismos de poder” que permitiam majorá-lo:

O século XVIII encontrou certo número de meios ou, em todo caso, encontrou o princípio segundo o qual o poder – em vez de se exercer de uma maneira ritual, cerimonial, descontínua, como era o caso tanto do poder do feudalismo como ainda da grande monarquia absoluta – tornou-se contínuo. [...] Em vez de ter por objeto pontos, gamas, indivíduos, grupos arbitrariamente definidos, o século XVIII encontrou mecanismos de poder que podiam se exercer sem lacunas e penetrar o corpo social em sua totalidade. (FOUCAULT, 2010, p. 74).

Assim, os efeitos do poder poderiam ser sentidos por todo o corpo social, de forma totalitária e absoluta, como “uma espécie de lei” necessária, que se faz ser obedecida através de mecanismos permanentes de vigilância e controle. Essa é a base da sociedade disciplinar, na qual o exercício do poder se integra aos mecanismos de produção, reduzindo seus custos e cultivando, assim, corpos produtivos e dóceis. Dessa forma, de acordo com Foucault (2010), essa nova economia do poder não apenas reduz as despesas de seu exercício, como também diminui as possibilidades de resistência e descontentamento que o poder feudal e monárquico suscitava.

Temos, portanto, nesse novo conjunto tecnológico do poder, três características importantes, destacadas por Foucault (2010): (I) o poder de punir associado à vigilância; (II) a correspondência direta entre crime e pena; e (III) a punição na medida, sem excessos. Essa última, por sua vez, é avaliada a partir da razão do crime, é o que leva, por exemplo, à associação entre os saberes médicos e legislativos (psiquiatria penal), os quais proporcionam a aparição do louco criminoso, por exemplo. Essa perspectiva de poder é a base da sociedade disciplinar e da biopolítica, que, por sua vez, são os eixos que conformam o biopoder. Assim, a normalização refere-se a esse processo de regulação da vida, dos corpos, dos indivíduos e da população.

No olhar foucaultiano, é na relação entre o saber e o poder que agem os dispositivos de normalização do sujeito. Primeiro isolam e depois distinguem os anormais, aqueles que estão fora da norma. É nisso que consiste, portanto, o poder de normalização, enquanto estratégia dominante, pois é na exibição do corpo anormal que “o monstro continua sendo uma exceção que confirma uma regra” (COURTINE, 2013, p. 126).

Pensando no objeto deste trabalho, podemos dizer, portanto, que Emílio Rocha, o sujeito que protagonizou o vídeo intitulado *Morre Diabo – mata a mãe e xinga a imprensa*, se constitui como esse monstro foucaultiano, cuja anormalidade está no comportamento. Sua monstruosidade se explica pela gravidade do crime, pois ele assassinou a própria mãe a facadas. Trata-se, portanto, do monstro moral, cujo ponto de desequilíbrio não está mais na natureza, mas sim no comportamento. No entanto, diferente de Foucault, não nos interessa aqui observar o sujeito criminoso na prisão, mas sim em um espaço diferente, no qual os dispositivos de vigilância e punição não operam, pelo contrário, escapam. Nesse lugar, os monstros da nossa

sociedade se tornam entretenimento e diversão, é a feira das anormalidades no século XXI, em sua forma mais dinâmica.

O monstro que faz rir

Produto de uma reportagem veiculada pela filial da Rede Bandeirantes de televisão no Paraná, o vídeo, intitulado *Morre Diabo – mata a mãe e xinga a imprensa*, foi publicado pela primeira vez no *YouTube* no dia 19 de novembro de 2010 pelo canal *Lucas Vaz Fido*. Emílio Rocha, 33 anos, usuário de crack e cocaína, com um histórico de problemas mentais, mata a mãe na cozinha de casa a facadas, no dia 19 de setembro de 2010. Ao ser preso, foi abordado por jornalistas ainda na delegacia, entre eles estava Bruno Henrique do programa *Boa tarde Paraná*, onde a reportagem foi exibida. Emílio se recusou a falar e insultou todos os jornalistas que tentavam realizar a entrevista. Abaixo, a transcrição do vídeo:

Transcrição do vídeo:

Morre diabo – Mata a mãe e xinga imprensa - COMPLETO



Fonte: *YouTube*.

Emílio Rocha: *Meu único direito é ficar calado, não quero falar com bandeirantes, com ninguém na frente das câmeras, tá bom?*

Bruno Henrique: *Por que que você matou sua mãe, rapaz?*

Emílio Rocha: *Não interessa pra você, palhaço! Falô, maluco?! Eu gosto da câmera, o microfone pra mim é tudo! Mas pra você... Eu não quero falar com você! Ah, morre diabo!*

Outro jornalista: *Fala aqui pra gente então...*

Emílio Rocha: *Tô falando, num tô falando?! Então morre, diabo!*

Outro jornalista: *O que que aconteceu lá, ein? Ela estava usando seus cartões de crédito?*

Emilio Rocha: *Não interessa, não interessa! Isso é problema meu! Eu quero que você se foda, seu filho duma puta! Tá me ouvindo? É pra gravar? Gravou então! Vocês se foda!*

Observamos que o sujeito detido manifesta seu direito de permanecer calado, recusando-se a dar entrevistas, mas, a partir da insistência do repórter, ele inicia uma série de insultos contra a imprensa. Entendemos que esta é uma prática comum ao trabalho jornalístico, é preciso fazer falar, por isso, mesmo após receber o primeiro insulto, os repórteres insistem, até Emilio ser levado pelos policiais.

É importante destacar que, para Emilio Rocha, essa visibilidade só foi possível a partir do encontro com o poder, que se deu pela transgressão da lei. Podemos observar a atuação do dispositivo jurídico com técnicas específicas (e amplas) de atuação através das leis, da polícia e de organizações arquitetônicas como a delegacia e a prisão, que subjetivam esse sujeito enquanto homicida, criminoso. Por outro lado, vemos também a atuação da mídia, que expõe esse sujeito, o torna visível, tirando-o da infâmia, apresentando-o “do ponto de vista em que ele deve ser visto e, esse ponto, por si mesmo, já é disciplinar: a educação da visão pela determinação do visível” (GOMES, 2003, p. 75).

Nessa perspectiva, a mídia funciona como um dispositivo disciplinar, pois ela (des)constrói verdades e monta cenários, ainda que metaforicamente, para que possamos viver e agir em conformidade com aquilo que nos é colocado. No entanto, é na web que o sujeito ganha hipervisibilidade e encontra um espaço propício para promover novas formas de subjetivação. É a convergência entre as mídias televisiva e digital que potencializa essa exposição do sujeito infame, alcançando um número muito maior de “espectadores” (mais de três milhões), o que não seria possível apenas com uma única transmissão televisiva.

É importante fazermos uma análise da fisionomia do sujeito, pois quando se trata do estudo de uma materialidade audiovisual, o corpo e o rosto também falam e significam. De acordo com Courtine e Haroche (2007), em diferentes escritos científicos de ordens e origens diversas, procurou-se estabelecer a ligação da parte externa do corpo às qualidades morais da alma; entender o interno, abstrato e psicológico a partir do estudo do externo, material e visível. A expressão na superfície do corpo, mais especificamente do rosto, seria, portanto, a manifestação de elementos experimentados internamente. Assunto de cientificidade, mas também de sociedade e cultura, a fisiognomonia é a “base da civilidade, pois a conduta e os modos do homem estão definidos por uma equivalência entre o homem ‘exterior’ visível e um homem ‘interior’ escondido” (COURTINE; HAROCHE, 2007, p. 24).

Reconhecendo a importância do trabalho de Courtine e Haroche para os estudos do rosto ao longo da história, o qual sofreu todo um processo de regramento simbólico, sendo gradativamente conformado a determinados padrões de comportamento socialmente aceitos, gostaríamos de chamar atenção para os rostos que não estão dentro dos padrões, para os rostos silenciados, para os rostos criminosos.

Imagem 1: O rosto e a caricatura



(1)



(2)

Fonte: (1) <http://bellsmartins.blogspot.com/2011/03/aaaah-morre-diabo.html>;
(2) <http://www.naoentreaki.com.br/3744686-morre-diabo.htm>.

Na imagem (1) temos um *print screen*³ do vídeo *Morre diabo – Mata a mãe e xinga imprensa*, o qual captura o momento exato que sucede o xingamento “morre diabo”. Emílio permanece por pelo menos cinco segundos sustentando essa expressão facial: olhos arregalados, sobrancelhas elevadas, narinas infladas, lábios cerrados. Todos esses elementos se somam à cabeça erguida e à respiração forte. Uma postura ofensiva, na tentativa de amedrontar seus oponentes, de mostrar para eles que não se rende, não “abaixa a cabeça”, isto é, não se sente inferior.

A postura altiva e o ar ameaçador externam a resistência da alma, já que o corpo permanece. É dessa forma que esse indivíduo é representado em *memes* e caricaturas, como mostra a imagem (2). Essa imagem de um sujeito orgulhoso, do qual se esperava rendição, confissão e resiliência, produz comentários como “*Adoro esse cara, lendaario.....Queria conhecer ele*”, justamente por romper com o esperado, por revelar sua rebeldia.

³ O *print screen* é um recurso nos teclados de computador e smartphones. Quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela.

No entanto, de acordo com Milanez (2012), é a nossa maneira de olhar para a representação da imagem do indivíduo que o transforma em sujeito. Isso se revela, por exemplo, em alguns comentários dos internautas que sugerem, pela leitura da expressão facial do indivíduo, perturbação, transtorno e loucura, de maneira tal que a imagem do indivíduo se associa a do diabo: *“Homem totalmente perturbado que Deus tenha misericórdia”*; *“Esse homem é desequilibrado tem que ser internado em um hospital psiquiátrico”*; *“Isso não é possessão, nem drogas. Se chama esquizofrenia e é uma doença mt séria”*; *“Nossa parece um capeta com os olhos a regalando”*; *“Demônio”*. Os diferentes olhares produzem, por tanto, diferentes sujeitos. Temos o herói que xinga na frente das câmeras, altivo, valente. Temos o desequilibrado, louco, que precisa de uma intervenção médica. Temos também a encarnação do mal, que transfigura e estampa no rosto os traços de sua perversidade demoníaca.

Por outro lado, agora no campo do discurso, as palavras desse sujeito, outrora sem voz, ainda reverberam na web, ressignificados em diferentes formas e por diferentes vozes: *“Se a postagem no espaço digital permite escapar da invisibilidade e das margens, joga a imagem desse corpo na hipervisibilidade da web”*, assim, *“o corpo torna-se prisioneiro do panóptico digital, pode ser olhado, mostrado, esquadrinhado, compartilhado a exaustão”* (GREGOLIN, 2015, p. 206). Lembramos que, enquanto acontecimento enunciativo, o discurso desse sujeito possui uma materialidade repetível, podendo sempre ser retomado, jamais definitivo, mas modificável.

Considerando que no vídeo havia mais de dois mil e quinhentos comentários, ao aplicar o princípio de regularidade e dispersão do método arqueológico, proposto a partir dos estudos foucaultianos sobre o enunciado, conseguimos segregar os comentários em quatro categorias:

- (a) Reprodução: reúne os enunciados que apenas repetem o discurso do assassino;
- (b) Apreciação: agrega os enunciados que revelam algum tipo de apreço dos internautas pelo sujeito infame e/ou seu comportamento, seja aravés do riso ou de manifestações de apoio;
- (c) Contradição: reúne os enunciados que revelam por parte dos internautas um conflito moral em que, contraditoriamente, eles apreciam e condenam o assassino;
- (d) Lamento: agrega os enunciados em que os usuários demonstram pesar, aversão, antipatia e até mesmo ódio pelo sujeito criminoso ou por outros internautas que riem da situação.

Cada uma dessas categorias abriga conjuntos de enunciados com o mesmo referencial, ou seja, com as mesmas condições de emergência do vídeo, considerando sua natureza de acontecimento (discursivo), tornando-se, assim, elementos dessa trama, seja repetindo,

valorizando, adaptando, modificando, opondo-se ou até mesmo apagando a formulação a qual se referem.

Selecionamos apenas alguns exemplos que representam cada categoria, para não estender a análise de modo a torná-la repetitiva e/ou enfadonha.

a) Reprodução



Dentre as categorias apresentadas acima, nos deteremos com mais profundidade nas três últimas, isso porque a primeira (a) *Reprodução*, que constitui grande parte dos comentários, se resume à repetição do discurso do assassino e, portanto, não apresenta grande variedade de enunciados para análise.

O enunciado que mais se repete é o “morre diabo”, o qual se associou à imagem do próprio sujeito, muito mais conhecido pelo *meme* do que pelo próprio nome. É interessante observamos que a imitação é a própria essência do *meme*, o que o torna possível. No entanto, importa-nos destacar, nesta categoria, o fato de que a reprodução, pura e simples ou acompanhada de risos, significa uma confirmação desse discurso. No campo do não dito, os sujeitos que repercutem aquilo que foi dito por Emilio Rocha, de certo modo, concordam com ele e, por consequência, com seu comportamento diante das câmeras, tornando o enunciado “morre diabo” um verdadeiro bordão.

b) Apreciação



Beatriz Duarte 3 years ago

Minha barriga ta doendo de tanto rir!!! kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk



Fabio Roriz 3 years ago

Nunca existiu nenhum comediante no mundo tão engraçado quanto esse cara.



Pedro Machado 2 years ago

quem volta aqui pelo menos 1 ou 2 vezes por ano pra ver ?



Gunter Copacabana 3 years ago (edited)

Esse cara se tornou um gênio do palavreado ofensivo/crítico/libertador/insano e transparente da sociedade mundial.



Trance Marshall 3 years ago

Devia ter mais gente como esse cara para xingar os repórter



Hammer Head 7 months ago

QUEM E DE 2018 AQUI ??

Temos, inicialmente, os enunciados que expressam linguisticamente certa apreciação dos usuários em relação a esse sujeito. Tal apressado pode se dar pela provocação do riso, atribuição de comicidade à situação, revelado no primeiro enunciado pelo somatório da letra “k” (kkkkkkkkkkkk), muito comum como representação do riso na linguagem da web, e pela expressão “*minha barriga ta doendo de tanto rir!!!*”.

No segundo comentário, o usuário afirma que o sujeito protagonista do vídeo é o comediante mais engraçado do mundo, “*inigualável*”. É possível, através desse enunciado, observarmos uma contradição que começa a tocar o campo da moral. A princípio, temos o valor da piada, que resume esse caso em sua totalidade, ou seja, é consenso que esse sujeito faz rir, isso é confirmado pelo número de *likes* (32 mil), em comparação com o número de *deslikes* (1,3 mil), e pela quantidade de comentários que destacam ou interpretam esse acontecimento como cômico. Sendo assim, o sujeito criminoso, que poderia suscitar o ódio e/ou a revolta da população, gera, a partir de um gesto inesperado e explosivo, insensibilidade nos internautas, provocando o riso, produzindo para si a identidade de *comediante*. Assim, o assassino se torna comediante e vai se subjetivando de outra forma sob o olhar do outro, o que coloca em questão princípios morais basilares em nossa sociedade. Esse monstro do século XXI, que faz rir, atrai a plateia por ser a negação da natureza moral dos homens.

Há ainda enunciados que demonstram certa apreciação pelo assassino: *Quem volta aqui pelo menos 1 ou 2 vezes por ano pra ver?; Quem é de 2018 aqui?; esse cara se tornou um gênio do palavreado ofensivo/crítico/libertador/insano e transparente da sociedade mundial.* No primeiro enunciado, verificamos a questão da frequência como forma de apreciação do vídeo; no segundo, observamos a atualidade do acontecimento. Temos uma questão ainda mais intrigante nessa categoria, que é a exaltação do comportamento do criminoso. A partir dos princípios de exclusão do sujeito na ordem social de funcionamento do discurso, explanada por Foucault (2014b), o discurso desse sujeito não deveria ser levado em consideração, afinal, são as palavras de um assassino e devem, portanto, ser abominadas. No entanto, como podemos verificar, produz um efeito de aprovação: *devia ter mais gente como esse cara para xingar os repórter.* O monstro que faz rir se torna um gênio dos insultos e xingamentos, o teor da comédia passa, portanto, pelo seu discurso transgressor.

Considerando que o nosso interesse recai exatamente sobre as questões sociais suscitadas pela conduta moral dos indivíduos na web, no que diz respeito a crimes e delitos, é importante deixar claro o que entendemos por *moral*, nesta pesquisa. Segundo Foucault (2017), na Antiguidade a moral filosófica era de ordem estética, tratava-se de elevar a vida a um *status*, uma escolha pessoal que revelasse o desejo de ter e deixar para os outros a lembrança de uma bela vida, e não de fornecer um modelo de comportamento a todos os indivíduos. Já no Cristianismo, principalmente no que diz respeito ao sexo, a questão da moral tem como objetivo manter e intensificar os princípios da moral romana através do exercício do poder pastoral, e, mais tarde, através de práticas disciplinantes, educativas, médicas ou psicológicas.

Diferentemente do que ocorreu na Antiguidade, a moral passa a ser compreendida como um “conjunto de valores e regras de ação proposta aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas etc.” (FOUCAULT, 2017, p. 224). Podemos dizer que essas ações não estão dissociadas de uma moral e não são menos diferentes, de uma moral a outra, de um sistema de valores, regras e proibições. Essas regras, de acordo com o autor, podem ser explícitas, na forma de doutrinas, por exemplo, ou difusas, formando um “jogo complexo” com elementos contraditórios, permitindo, assim, certos pontos de fuga.

É esse jogo complexo que parece envolver a série de acontecimentos que compõem o objeto deste artigo, pois tende a considerar na sociedade ocidental certos tipos de condutas e comportamentos, “amorais”, passíveis de punição, sendo, portanto, condenáveis, “mal vistos”,

destituídos de honradez. No entanto, no espaço virtual, há movimentos de exaltação de sujeito criminosos e de suas condutas.

c) Contradição



Vinicius Ferreira 1 year ago

a mãe dele pode ter morrido, mas esse meme será eterno



Luany diverte 4 months ago

É triste e engraçado ao mesmo tempo



Alice Moreira 5 years ago

Nossa.....muito triste por ele ser um psicopata e ter matado a mae.....mesmo assim , foi impossivel conter o riso....



Rogerio Kuehl 5 years ago

Po ele tem uma cara de diabo meu. Esse ai devia ir e po inferno. Doidaoo. E ainda por cima matou a mae. Realmente isso e mtoo triste. Mais nao tem como rir. Moorre DIABOO .

Seguimos a análise com a categoria que intitulamos (c) *Contradição*. Nesta categoria, a própria estrutura linguística dos enunciados nos dá indícios de ideias contraditórias, como o uso da conjunção adversativa “mas” e do advérbio de modo *mesmo*: *A mãe dele pode ter morrido, mas esse meme será eterno; é triste e engraçado ao mesmo tempo*. Nesses comentários temos um riso amargo e inquieto que coloca o sujeito em duas posições diferentes, contraditórias entre si. O fato de a vítima ter um vínculo de parentesco tão próximo com o assassino, o fato de serem mãe e filho, torna o acontecimento ainda mais nefasto.

Há o reconhecimento de que se trata de um crime hediondo, de uma tragédia, ainda assim, mesmo havendo certo lamento (*Nossa.... muito triste por ele ser um psicopata e ter matado a mãe...*), os internautas não reagem da maneira “esperada”, da maneira “correta”, aquela que a ordem moral lhes exige. De acordo com Foucault (1987, p. 11), os enunciados são orientados segundo uma *ordem discursiva*, porque as leis que fundam uma cultura, ou seja, os códigos aos quais se subordinam sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas, “fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais há de se encontrar”.

Assim, segundo Foucault (2010), é justo que o criminoso desperte o sentimento de revolta da população, a qual deseja sua punição, principalmente tratando-se de um crime hediondo, cuja prática violenta é de gravidade acentuada, ferindo valores morais legítimos da

sociedade. Entretanto, o que observamos nesse caso é uma reação inversa por parte dos sujeitos. Mesmo admitindo a gravidade do crime, consideram o acontecimento engraçado. Portanto, ainda que reconheçam e condenem o assassinato, confessam que aquela situação, por mais que seja contraditório, faz rir. Isso pode ser observado em enunciados como: *tá certo que o assunto em questão é muito sério...; esse aí devia ir e po inferno...; eu sei que é errado... que Deus me perdoe.*

Nesta categoria, os valores morais ficam estremecidos mediante ao deleite da comédia, ao espetáculo do sujeito transgressor. Isto coloca em xeque, não apenas os princípios da moralidade da sociedade ocidental (respeito, solidariedade, bondade etc.), como também a problemática da ética (honestidade, justeza de caráter, bom cidadão, etc.), pela qual o indivíduo se transforma e constrói para si seu próprio código moral, possibilitando a emergência de enunciados como: *a mãe dele pode ter morrido, mas esse meme será eterno.*

d) Repúdio/Lamento



kauan 27rfy 1 year ago

Dá vontade de pegar esse cara arrancar o cabelo dele e depois jogar gasolina e ascender o isqueiro.



Fialho Minas Gerais 3 years ago

Eu fico imaginando, como pode alguém rir de um desgraçado desse, que matou a própria mãe, sério mesmo, não tem nada engraçado gente! Imagina se fosse sua mãe. O problema que eu ri demais deste maluco. kkk



Fabio Silvino 2 years ago

Triste realidade!, matou a mãe, se matou e ainda virou chacota na internet! eu tinha 19 anos quando aconteceu isso, e realmente fiquei triste,,, o cara se desequilibrou, e deu no que deu,,, triste! por isso mesmo esse video tem meu thumbs down



Neko Kawaii 3 months ago

Como é que alguém que mata a mãe consegue ser tão amado assim? Que nojo dessas pessoas

Verificamos também enunciados produzidos por sujeitos cujas reações, diante do acontecimento e, principalmente, em relação ao sujeito criminoso, aproximam-se daquilo que seria o “esperado”: a antipatia, o repúdio ou até mesmo o ódio. Esse é o caso dos comentários que compõem a última categoria (d). Ressalte-se, no entanto, que eles fazem parte de uma

minoria quase irrisória, somam apenas 1% do total de comentários no vídeo, revelando assim sua raridade.

Nos dois primeiros enunciados desta categoria, vemos a manifestação do ódio contra o monstro jurídico por meio da *condenação ao inferno* e do desejo *de uma morte violenta*. Esses sujeitos representam o anseio por vingança e a revolta que derivam da cultura do suplício. Porém, como vimos de forma breve no início da seção *O corpo monstruoso na obra foucaultiana*, as sociedades democráticas possuem modos muito mais “sofisticados” e humanizados de punir, em uma nova economia do poder associado à vigilância, que considera a natureza humana do criminoso e busca compreender os motivos do seu crime, estabelecendo assim uma correspondência direta entre crime e pena, com punição na medida, sem excessos. É nessa perspectiva que se inserem os dois últimos enunciados da categoria (d), que falam dentro do regime de verdade do seu tempo, pois revelam uma preocupação com a gravidade do crime, com a condição social e mental do assassino (“*o cara se desequilibrou*”), criticando, assim, a postura dos outros usuários que riem da situação.

É interessante observar os jogos de verdade que compõem os enunciados da categoria (d), pois há uma fusão de duas formas de sociedade: a monárquica e a democrática, assim como o suplício e a prisão, a tortura e os direitos humanos.

Nesse sentido, trazemos à tona a questão mais importante a ser levantada na análise desse *corpus*: há uma contradição entre o politicamente correto, a moral e o cômico, e o entretenimento na web. É nesse espaço que o sujeito criminoso se torna uma celebridade, um *meme*, um “gênio”, um “comediante”, ao mesmo tempo em que se evidencia a desumanidade dos seus atos, sua subjetividade monstruosa, provocando o riso e o asco e, com isso, problematizando a moralidade na sociedade contemporânea.

Considerações finais

Nossa principal preocupação, ao iniciarmos as investigações deste artigo, foi a de analisar como o corpo monstruoso é espetacularizado no espaço heterotópico da *web*, se tornando um objeto de entretenimento e diversão, especificamente na plataforma de vídeos *YouTube*.

Observamos que, inseridos nesse espaço, novas identidades eram construídas para esses sujeitos criminosos. Considerando o número massivo de vídeos na categoria de “presos engraçados da internet”, privilegiamos a qualidade de raridade dos acontecimentos, optando

por apenas um, mas que se diferenciava de maneira destoante dos demais, o único caso de assassinato, o assassino da própria mãe, Emilio Rocha, o monstro moral.

A partir da construção de saberes sobre o sujeito criminoso, a sociedade teria, assim, o direito de puni-lo, consistindo numa luta desigual, pois de um só lado há todas as forças, todo o poder e todos os direitos. Esse “formidável direito de punir”, como afirma Foucault (1987), se dá pelo fato de o delinquente tornar-se um inimigo comum da sociedade. Por isso, reforçamos a ideia de que há uma brecha no dispositivo, pois, no caso analisado, o transgressor e violador da lei não provoca a asco, o repúdio, mas sim o riso, o divertimento e a empatia.

Além disso, verificamos que a mutabilidade da identidade desse sujeito na web produz discussões importantes acerca da moral e da ética dos participantes da cibercultura e, conseqüentemente, da sociedade como um todo. Por isso, acreditamos que este trabalho propõe, acima de tudo, uma reflexão sobre a liquidez dos alicerces morais que regem a contemporaneidade, o que reforça sua atualidade e importância nos estudos do discurso e das identidades.

Referências

COURTINE, J. J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad. Francisco Morães. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GREGOLIN, M. R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

GOMES, N. L. Educação e Diversidade Étnicocultural. In: RAMOS, M.; ADÃO, J.; BARROS, G. (coordenadores). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 2003.

MILANEZ, N. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, J. B. C. (org.). *Sujeito e subjetividades: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

O EMBATE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PERSONAGEM ERIC EFFIONG NA SÉRIE *SEX EDUCATION*

Leila Heloise da Silva Jerônimo¹

Marília Varella Bezerra de Faria²

RESUMO: A série britânica *Sex Education* alavancou a discussão sobre sexualidade, principalmente no que diz respeito às questões que envolvem a homossexualidade e os desafios da comunidade LGBTQIA+ ao enfrentar um mundo majoritariamente heteronormativo. Em meio às forças que agem sobre os personagens da série, levando-os e trazendo-os ao centro, deparamo-nos com as que agem sobre Eric Effiong, adolescente negro, afeminado, filho de pais protestantes, que passa por mudanças significativas em seu comportamento após um trauma resultante do preconceito por parte da sociedade. Pensando nisso, objetivamos, neste artigo, discutir a construção identitária de Eric Effiong, a partir da visão do personagem sobre si, assim como da visão daqueles que estão no seu entorno. Para isso, situamos o nosso trabalho no âmbito da Linguística Aplicada, ancorados nos postulados do Círculo de Bakhtin (2011, 2015), de Butler (2003), de Louro (2000) e de Hall (2006), para que possamos discutir as forças centrífugas e centrípetas, o corpo, a sexualidade e a identidade. A partir de um estudo qualitativo de cunho interpretativista, utilizaremos como *corpus* de análise enunciados do personagem em questão e daqueles que interagem com ele em momentos específicos. Os resultados preliminares apontam para uma multiplicidade de identidades do personagem Eric Effiong.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Construção identitária. Gênero social. Sexualidade. *Sex Education*.

ABSTRACT: The British TV series *Sex Education* has raised discussions on sexuality, especially on issues concerning homosexuality and the challenges faced by LGBTQ+ community, all immersed in a predominantly heteronormative world. Different forces move the characters of this series back and forth and Eric Effiong, a black homosexual teenager whose parents are protestant, goes through significant behavioral changes due to a trauma caused by prejudice. In this article, we aim to present Eric Effiong's identity construction, built upon his viewpoint about himself as well as upon other characters' viewpoints. Our research is situated within the area of Applied Linguistics and based on the theoretical principles of the Bakhtin Circle (2011, 2015), Butler (2003), Louro (2000), and Hall (2006), with the purpose of discussing the concepts of centrifugal and centripetal forces, body, sexuality and identity. This interpretive qualitative study examines both Eric Effiong's utterances and other characters' utterances. The preliminary findings lead to multifold identities for Eric Effiong.

KEYWORDS: Language. Identity. Gender. Sexuality. *Sex Education*.

Introdução

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Natal – Rio Grande do Norte – Brasil. E-mail: leila.heloise@gmail.com.

² Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Natal – Rio Grande do Norte – Brasil. E-mail: mariliavbf@yahoo.com.br.

A discussão sobre gênero social, sexo e sexualidade, junto ao processo de autoconhecimento dos corpos dos sujeitos, tem ganhado força nos últimos anos, principalmente pelo apoio que vem recebendo dos vários meios de comunicação que dão ênfase ao assunto. Desde a década de sessenta, “o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado [...] por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados” (LOURO, 2000, p. 7) pelos julgamentos em torno dos seus corpos e de suas escolhas.

Ao longo dos anos, a comunidade LGBTQIA+³ passou a ter a sua causa revozeada de forma mais efetiva nas telas de cinema, nas telenovelas contemporâneas da TV aberta e em filmes, séries e minisséries produzidas pelas plataformas de *streaming*⁴, que também passaram a trazer à tona essa discussão em suas produções artísticas, a saber: *Filadélfia* (1993); *Meninos não choram* (1999); *Café da manhã em Plutão* (2005); *Milk: a voz da igualdade* (2008); *Orange is new the black* (2013); *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014); *Com amor, Simon* (2018); *RuPaul's drag race* etc. A adesão à causa do movimento LGBTQIA+, com ênfase nas dificuldades desse grupo em lidar com uma sociedade majoritariamente heteronormativa que age, mesmo que indiretamente, sobre o modo como eles devem se portar no mundo, vem permitindo que, aos poucos, a visão estigmatizada em torno da sexualidade e do gênero possa ser desmistificada.

A sexualidade e o gênero estão diretamente ligados às identidades dos sujeitos e são, assim como estas, construídos socialmente, ou seja, os corpos ganham sentido nas e pelas relações sociais (LOURO, 2000). É por esse motivo que quando são pautas de grandes produções artísticas, as questões sobre sexualidade e gênero social são bastante discutidas para que possam ser disseminadas de modo a alcançar um número cada vez maior de pessoas adeptas e abertas a compreender a importância delas. Com o olhar voltado para essa construção social em torno da identidade e da sexualidade dos indivíduos, empresas como a *Netflix*⁵, por exemplo, estão tentando construir conteúdos voltados para a temática, os quais

³ A sigla LGBTQIA+ representa a diversidade, a saber: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, transgêneros, *queers*, interssexuais, assexuais, demissexuais, panssexuais e intrassexuais.

⁴ Os serviços de *streaming* possibilitam a transmissão de conteúdos pela internet, em tempo real, sem que haja a necessidade do usuário efetuar downloads para ter acesso a filmes, a séries, a músicas, a livros etc.

⁵ “A *Netflix* é o principal serviço de streaming de entretenimento do mundo, com mais de 167 milhões de assinaturas pagas em mais de 190 países, com séries de TV, documentários e longas-metragens em uma ampla variedade de gêneros e idiomas. Os membros podem assistir o quanto quiserem, a qualquer hora, em qualquer lugar, em qualquer tela conectada à Internet. Os membros podem reproduzir, pausar e retomar a exibição, tudo sem comerciais ou compromissos”. Disponível em: <https://media.netflix.com/en/about-netflix>. Acesso em: 20 mar. 2020.

abordam as dificuldades em lidar com o amadurecimento pessoal, em especial quando esse processo se volta para o mundo da comunidade juvenil, que sofre com as vozes sociais de estabilização que a rodeiam.

Em janeiro de 2019, a empresa lançou, em sua plataforma digital, a série *Sex Education*, uma produção britânica criada por Laurie Nunn que retrata os problemas sexuais na adolescência de um modo divertido, sem que, com isso, perca-se a credibilidade do tema proposto. Dentre as diversas personagens e suas respectivas histórias, Eric Effiong se destaca pelo seu crescimento individual na trama. Adolescente negro, gay afeminado, filho de pais protestantes, o jovem passa por mudanças significativas ao longo dos episódios da série num processo de autoconhecimento do seu corpo, de sua sexualidade e, conseqüentemente, de sua identidade. Além do embate entre os ideais identitários que ele assume e as negativas do seu pai sobre as escolhas do filho, um trauma resultante do preconceito intrínseco à sociedade age sobre Eric de um modo muito brusco, traçando novos contornos para a sua identidade, que acabam por gerar polos contrários, em situações que se encontram posteriormente discutidas.

Diante disso, objetivamos, neste trabalho, situado no âmbito da Linguística Aplicada e ancorado nos postulados do Círculo de Bakhtin⁶ (2011, 2015), analisar a construção identitária do personagem Eric Effiong a partir, tanto de sua visão sobre si mesmo, como da ótica daqueles que estão no seu entorno. Debruçamo-nos, ainda, sobre os dizeres de Butler (2003), de Louro (2000) e de Hall (2006) para cumprir com o objetivo proposto e discutir sobre a identidade e sobre o corpo. A partir de um estudo qualitativo de cunho interpretativista, utilizaremos como *corpus* de análise enunciados do personagem Eric e de outros integrantes da série que interagem com ele em momentos específicos.

Este artigo está esquematizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos a concepção das forças centrípetas e centrífugas (BAKHTIN, 2015); em seguida, traçamos um panorama sobre a identidade e sobre o corpo (sexualidade e gênero social); na sequência, apresentamos a análise qualitativa dos dados da pesquisa; e, por fim, apresentamos as considerações finais.

⁶ Trata-se de um grupo composto por estudiosos da linguagem, que trabalharam conjuntamente, no final dos anos 1920, na antiga União Soviética, principalmente, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, Valentin Nikoláievitch Volóchinov e Pável Medviédev, dentre outros.

As forças centrípetas e centrífugas na teoria bakhtiniana

O dialogismo é tido como a categoria unificadora da teoria bakhtiniana, visto que ele é classificado como um princípio interno à palavra. Nessa concepção, a linguagem é dialógica por natureza, pois ela está diretamente ligada à língua como interação, desenvolvida dentro do diálogo e rodeada por diversas vozes sociais. Esse diálogo, ao qual os autores do Círculo de Bakhtin se referem, não é tomado, aqui, no sentido estrito do termo, mas sim num sentido mais amplo, “não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219), sendo capaz de revozear discussões ideológicas presentes na sociedade.

Ao adentrarmos nos estudos bakhtinianos, observamos que a concepção dialógica da linguagem recai “sobre o diálogo entre diferentes enunciados que se movimentam para formar novas vozes sociais e tornam o mundo da cultura dinâmico, na medida em que os enunciados, enquanto respondem ao já-dito, provocam diferentes respostas” (FARIA, 2007, p. 55). O discurso verbal, sob essa perspectiva, participa de um constante embate ideológico que responde, refuta, confirma, antecipa respostas e críticas, sempre dialogando com a imensa cadeia de enunciados do mundo (VOLÓCHINOV, 2017). Nesse sentido, as relações dialógicas podem ser compreendidas como “relações de sentido” entre enunciados que são proferidos por pessoas “sócio-ideologicamente organizadas” (FARIA, 2007, p. 55).

Os enunciados concretos, formados pela parte material (verbal ou visual) e pelo contexto de produção, de circulação e de recepção (SILVA, 2013, p. 49), axiologicamente valorativos e únicos, são produtos do diálogo ideológico e social. Conforme Bakhtin (2011, p. 288), “todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva” e como tal, constrói-se a partir de outros enunciados. Essa cadeia discursiva se constitui a partir do movimento das forças de centralização e de descentralização que agem ininterruptamente sobre a língua.

Denominadas de forças centrípetas e de forças centrífugas, essas forças dispersantes agem sobre os enunciados de formas diferentes, cada uma com a sua especificidade. De acordo com Bakhtin (2015), as forças centrípetas são condicionadas pelo viés da “linguagem única”, que diz respeito a “uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização da linguística” (BAKHTIN, 2015, p. 39). As forças centrífugas, por sua vez, representam “processos de *descentralização* e separação” (BAKHTIN, 2015, p. 41, grifos do autor).

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. Nela se cruzam os processos de centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao

heterodiscurso, é seu participante ativo. E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua pertença ao sistema normativo-centralizador da língua única (BAKHTIN, 2015, p. 42).

Assim, o que acontece no interior do enunciado é o “heterodiscurso dialogizado, anônimo e social como a língua” (BAKHTIN, 2015, p. 42), formado a partir do incessante movimento dessas forças que, ora tendem a uma língua única (forças centrípetas), ora tendem à estratificação do heterodiscurso social (forças centrífugas). Importante lembrar que as reflexões do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem baseiam-se na teoria do romance e que, segundo o próprio Bakhtin (2015, p. 41), a “linguagem literária é apenas uma das linguagens do heterodiscurso e, por sua vez, também está estratificada em linguagens (de gêneros, tendências etc.)”. Conforme o autor,

enquanto as variedades básicas de gênero literário se desenvolvem no curso das forças centrípetas unificadoras e centralizadoras da vida verboideológica, *o romance e os gêneros da prosa literária que gravitam em torno dele formaram-se historicamente no curso das forças centrífugas descentralizadoras*. Enquanto nas cúpulas socioideológicas a poesia resolvia uma tarefa de centralização cultural, nacional e política no mundo ideológico verbalizado, no mundo baixo, nas farsadas e tablados do teatro de feira ecoava um histriônico heterodiscurso, um arremedo de todas as “línguas” e dialetos, desenvolvia-se a literatura do *fabliau* e das canções de rua, provérbios, anedotas – onde não havia nenhum centro da língua, onde se levava a cabo o livre jogo como as “línguas” dos poetas, cientistas, padres, cavalheiros, etc., onde todas as “línguas” eram máscaras e não havia uma pessoa linguística autêntica e indiscutível (BAKHTIN, 2015, P. 42-43, grifos do autor).

Assim, também se constrói a linguagem das produções artísticas atuais, a partir do embate entre forças centrípetas e centrífugas, em contínuos movimentos centralizadores e descentralizadores. Cada enunciado constitui-se de uma unidade contraditória, a partir de duas tendências opostas. É nesse contexto que o nosso olhar se debruça sobre a série *Sex Education*. Interessa-nos investigar a construção identitária de Eric Effiong, personagem escolhido por pertencer à comunidade LGBTQIA+, comunidade esta que, como se sabe, é historicamente reprimida pelas vozes hegemônicas que interpelam os indivíduos e que permeiam as relações sociais.

A concepção de identidade e de corpo

Rodeada por fatores sociais e culturais que, por vezes, interferem no modo como os sujeitos se enxergam e se projetam no mundo, a construção identitária dos indivíduos acontece em meio à descontinuidade de suas ações, à contradição dos seus discursos e ao modo como eles são representados socialmente. Diante desse cenário, pensar num sujeito totalmente integrado, centrado e convicto de sua identidade una e contínua não condiz com os conflitos

inerentes à vida humana, tendo em vista que esta muda de acordo com as situações. Ao discutir sobre identidade cultural, Hall (2006) traz à tona três concepções de sujeito que ajudam a compreender como a noção de identidade tem sido vista nos últimos séculos, a saber: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

A primeira diz respeito ao sujeito do iluminismo, o qual foi “baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10). O sujeito do iluminismo permanecia o mesmo do início ao fim de sua existência. A segunda, por sua vez, refere-se ao sujeito sociológico, o qual era constituído na interação com a sociedade e cujo núcleo do “eu” era formado “num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11, grifo do autor). Já a terceira diz respeito ao sujeito pós-moderno, o qual não possui só uma, mas diversas identidades que são formadas e transformadas em relação ao modo como os indivíduos são representados ou interpelados pelos sistemas culturais que os rodeiam (HALL, 2006, p. 12).

A pós-modernidade influenciou o surgimento de um sujeito fragmentado, cujas antigas amarras que o delimitavam como totalmente integrado e centrado em si entraram em colapso (HALL, 2006, p. 9). Se antes se acreditava em um sujeito coerente do início ao fim de sua vida, agora esse mesmo sujeito passou a ser visto como provisório, com identidades múltiplas. Ainda de acordo com o autor, essa descentralização do “eu” constitui a chamada “crise de identidade” do sujeito pós-moderno que passou a ser visto como sendo um indivíduo com identidades contraditórias, continuamente deslocadas, formadas e transformadas ao longo do tempo.

Os estudos culturais contemporâneos contemplam essa fragmentação do sujeito em todas as suas nuances. Neles, observa-se que são estudadas “as identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de raça e de nacionalidade, além de suas características, de suas implicações e de suas prováveis consequências” (FARIA, 2007, p. 26). É nesse contexto que nos propomos a discutir identidade sexual, uma vez que ela, fazendo parte da vida do sujeito, também é “construída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 2000, p. 5) e está diretamente ligada ao viés social.

Baseamos, assim, a discussão sobre identidade no fato de que, na contemporaneidade, as pessoas só se tornam inteligíveis quando os seus gêneros sociais entram em “conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2003, p. 37). Numa sociedade que reconhece, predominantemente, os corpos heterossexuais, por exemplo, a

discussão acerca da influência do gênero e da sexualidade sobre a construção identitária dos indivíduos se torna imprescindível, uma vez que em torno desses corpos há vozes sociais conflitantes que determinam o modo como eles devem se portar no mundo.

Dessa forma, a partir dessa perspectiva, seria possível, concomitante à discussão de identidade, repensar o padrão de inteligibilidade estabelecido pela hegemonia, o qual, por meio de normas culturais de entidades estabilizadoras, aponta para uma concepção de “pessoa” cuja identidade é garantida por conceitos coerentes de um gênero estabilizador de sexo e de sexualidade (BUTLER, 2003). É, então, por esse motivo, que discutiremos identidade e corpo simultaneamente, pois um está diretamente ligado ao outro.

É importante frisar a relação de poder que existe sobre a construção identitária dos corpos *descontínuos*, pois a sociedade heteronormativa possui uma perspectiva de gênero ultrapassada que foi reproduzida no decorrer dos anos por meio dos discursos de regulação social dos corpos. Para eles, o heterossexual é a referência, o que deve ser seguido, uma vez que condiz com o sexo biológico; e o homossexual é o transgressor, o que deve ser taxado negativamente. Louro (2000, p. 9, grifos do autor) explica essa visão hegemônica da seguinte maneira:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Sendo eles “desviantes” do projeto social, os corpos homossexuais são os que mais sofrem no processo de auto identificação devido ao poder dos discursos dominantes de centralização. A heteronormatividade estabelece o que é aceitável socialmente, cabendo aos indivíduos se adequarem às diretrizes para que eles possam ser aceitos. Normalmente, a construção identitária dessa comunidade é seguida pelo silêncio, pois “a produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (LOURO, 2000, p. 18). Isso acontece numa tentativa criminoso de contenção dos corpos *transgressores* que, muitas vezes, por medo ou por vergonha, acabam fechados em si.

Os conflitos identitários começam na negação do “eu” e na busca por características que apontem para o centro. Hall (2006) explica que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”, o que é uma característica do sujeito pós-moderno que permite que assumamos identidades diferentes a depender da ocasião. Além disso, assim

como a identidade, “o corpo é uma situação” (BUTLER, 2003, p. 27), interpretado e interpelado por fatores sociais que atuam sobre ele de um modo injuntivo, o que influencia as mudanças.

O sujeito possui identidades contraditórias, porque ele, assim como as vozes que o rodeiam, é contraditório. Ele transita entre o que é o certo para ele e o que o mundo acredita ser certo. É, pois, nesse meio, que as diferentes identidades dos sujeitos se fragmentam e se constroem, sejam identidades realmente aceitas pela sociedade, sejam identidades que contenham verdades camufladas. Em meio ao labirinto de possibilidades no qual ele se encontra, o sujeito busca por algo que o faça se sentir completo, mesmo que, para isso, ele abandone e adote novas identidades no percurso.

Eric Effiong, da série *Sex Education*, pode ser visto como a representação do sujeito pós-moderno que sofre com a transitoriedade de sua identidade. Os discursos que o rodeiam e as interpelações sociais fazem com que ele não fique preso num “eu” coerente. O modo como o social age sobre esse personagem torna-se mais marcado devido ao fato de ele ser, além de um corpo *transgressor*, negro, aspecto que o faz ser duplamente oprimido e significativamente modificado socialmente.

A atuação das forças centrípetas e centrífugas em enunciações concretas

A trajetória de Eric Effiong na série *Sex Education* apresenta peculiaridades que o permitem ser muito mais do que apenas o amigo gay e engraçado do menino heterossexual em mais uma representação artística da *Netflix*. Apesar de Eric não desempenhar o papel do personagem principal, a sua história e os problemas enfrentados por ele no processo de sua construção identitária fazem com que milhares de pessoas observem a aproximação entre o roteiro e a vida real. Conforme visto anteriormente, a identidade é processual, provisória e se constrói nas relações sociais, nas práticas discursivas que estabelecemos uns com os outros, em momentos historicamente definidos. No caso específico de Eric, essa construção se dá, principalmente, a partir das pressões familiares acerca do seu modo de ser, da aceitação dos seus pares no colégio e do caso de agressão por homofobia. Sendo assim, analisaremos, a seguir, alguns enunciados concretos retirados de cenas específicas dos episódios da primeira temporada da série de modo a entender como se dá a construção identitária desse personagem.

Eric Effiong se destaca dentre os demais personagens por sua personalidade forte, por suas roupas com cores divertidas e por sua energia. O jovem esbanja carisma e, até determinado momento, autoconfiança, posto que ele é assumidamente gay e não possui

nenhum problema em discutir abertamente sobre as suas aventuras sexuais no seu círculo de amizade. No decorrer dos episódios da primeira temporada da série, podemos acompanhar, no entanto, essa perda da autoconfiança, o que faz o jovem passar por um momento de transição durante o qual ele se permite adotar outros comportamentos, na busca pelo autoconhecimento. Vejamos a imagem que melhor representa a essência desse personagem na série como um todo (Figura 1).

Figura 1



Fonte: <https://www.buzzfeed.com/adeonibada/ncuti-gatwa-eric-sex-education-wash-hands-netflix>
acesso em 27 mar. 2020.

Apesar de a imagem passar a ideia de um indivíduo confiante e convicto de si, essa expectativa é quebrada ao longo dos episódios, conforme mencionado acima. Além disso, sendo Eric um dos representantes da comunidade LGBTQIA+ na série, todas as enunciações que o rodeiam são permeadas por forças sociais que atuam incessantemente e que ajudam a perpetuar, muitas das vezes, a intolerância de uma sociedade conservadora sobre os corpos ditos *transgressores* na tentativa de estabilizar as instituições de poder, o que também influencia a fragmentação do personagem. É, pois, em tal cenário que Eric se vê interpelado a experimentar comportamentos contraditórios enquanto busca se enquadrar em um campo específico da sociedade.

Nas primeiras enunciações do personagem, tudo indica que temos diante de nós um indivíduo plano e contínuo, com especificidades constantemente reiteradas que são facilmente reconhecíveis na construção de sua história: muitos risos, piadas clichês etc. Antes de conhecermos o núcleo familiar de Eric, parece-nos que o personagem não passa por conflitos internos, o que nos faz caracterizá-lo, inicialmente, como sendo o protagonista de uma história já vista antes em séries de TV: o menino gay afeminado que se veste com roupas diferentes e é engraçado por natureza. Porém, quando tomamos conhecimento do entorno doméstico no

qual ele está inserido, compreendemos que algumas mudanças acontecem e que os conflitos são inevitáveis dadas as circunstâncias das tensões que se aplicam.

A evolução do personagem em questão acontece tanto na dimensão social quanto na dimensão pessoal. Todas as enunciações, propícias à aplicação das forças (des)centralizantes, influenciam no embate identitário na construção de Eric, conforme veremos adiante. Começamos, então, pela CENA 1.

Esta cena diz respeito a um diálogo entre Eric e Lily, uma personagem secundária da série. Vejamos:

CENA 1

Lily – Você se veste de mulher?

Eric – *Não! Quero dizer, gosto de me vestir, mas não sou trans.*

Lily – Vamos nos montar⁷?

Eric – Sério? Tudo bem.

No Episódio 3, Lily abre o guarda-roupa de Eric e nota a presença de algumas peças femininas. Em um processo de curiosidade, a menina o questiona sobre as roupas com o intuito de saber se elas pertencem às irmãs do jovem ou se ele as utiliza para se montar. Apesar de não ser uma pergunta com tom de julgamento, o instinto de Eric o faz negar: “não!”. Essa resposta espontânea pode ter sido influenciada pela compreensão de que o discurso hegemônico heteronormativo condena tal conduta e, sendo assim, a menina iria julgá-lo. Como se sabe, o aceitável pela sociedade é que homens se vistam como homens e mulheres como mulheres; que meninos vistam azul e meninas vistam rosa. A negativa espontânea é influenciada por uma força centralizadora que leva o discurso do jovem ao encontro daquilo que é disseminado socialmente como correto, isto é, a força centrípeta agindo sobre a linguagem. No entanto, no segundo seguinte, quando ele afirma que, na verdade, gosta de usar aquelas vestimentas, a expectativa inicial é quebrada, entrando em cena a força centrífuga, que desestabiliza o que foi dito anteriormente. Nesse momento, o discurso vai de encontro ao da estabilidade e inicia-se um embate de posicionamentos. Percebemos, ainda, que há um

⁷ O termo “montar”, aqui utilizado, refere-se ao processo de produção de uma personagem, o qual envolve diversos fatores como, por exemplo, a preparação da pele, a aplicação da peruca, a escolha das vestimentas, dentre outros procedimentos.

certo conflito interno que transita entre o que é certo para ele e o que é certo para a sociedade e que isso pode mudar a sua perspectiva de mundo.

A recusa inicial do jovem quanto ao questionamento pode ser relacionada ao cenário machista que continua sendo propagado pelo discurso de sexo biológico como estabilizador de gênero, o qual determina que homens e mulheres devem seguir aquilo que lhes foi pré-estabelecido desde o nascimento. Entretanto, a discussão vai muito além do rótulo acerca do sexo biológico, posto que essa transformação visual, na qual um homem se veste de mulher, é, para muitos, o seu trabalho, ou melhor especificando, uma representação artística que não se relaciona ao gênero. Jesus (2012, p. 14) deixa isso claro ao explicar que o “gênero com o qual uma pessoa se identifica [...] pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem”. Isso significa que a orientação sexual dos indivíduos é definida pela atração, está diretamente ligada à sexualidade do sujeito, e não pelo modo como se vestem, já que isso pode variar de acordo com a cultura ou com a simples escolha de cada um.

De volta à análise, e ainda no Episódio 3, o cenário de redenção é desestabilizado quando o pai de Eric entra no quarto e vê o filho e a colega montados, isto é, vestidos com as peças femininas do guarda-roupa do jovem, e maquiados, assistindo a um filme adulto para homossexuais. Após um momento de tensão, Lily é solicitada a ir para casa e mais um diálogo importante acontece. Vejamos o diálogo na CENA 2:

CENA 2

Eric – Pai, não era... *só estávamos nos divertindo...* vestindo...

Pai de Eric – *É hora de você amadurecer. Trabalhar, ter responsabilidades. Ver como é o mundo real. Tire essa coisa do seu rosto antes que a sua mãe veja.*

Apesar de ser algo de extrema importância, a sexualidade ainda é pouco discutida, principalmente no meio familiar – a falta de informação pode gerar a ignorância sobre alguns fatores como o gênero e a orientação sexual. O assunto gera controvérsias, mas o que nos importa, aqui, são aqueles que tentam camuflar os sentimentos com receio do que terceiros possam pensar. É comum que os adolescentes escondam as suas orientações sexuais dos seus pais numa tentativa de autoproteção ou por medo de serem rejeitados, o que é totalmente compreensível, tendo em vista o preconceito social em torno dos corpos transgressores. Vale

salientar que a família de Eric é bastante religiosa, que ele é filho de pais protestantes, e que aquela performance poderia gerar um embate maior com o sagrado, com o bíblico, podendo, ainda, ser condenada pela igreja. Diante disso, Eric, nesta cena, tenta amenizar a surpresa do pai ao presenciar aquela situação negando o que ele sente. Ao perceber a tensão que foi criada, ele não só tenta se proteger como também busca proteger o pai ao insinuar que ele e Lily estavam somente se divertindo: “Pai, não era... só estávamos nos divertindo... vestindo...”. Nesse enunciado, é possível perceber um embate entre as vozes dominantes que condenariam aquela atitude e a voz do próprio Eric, ao tentar provar para o pai que não há nada de mais em se divertir com uma amiga.

Mesmo com a tentativa de contornar a situação, não são todos os sujeitos que acompanham as mudanças de ordem estrutural que vêm acontecendo no mundo, há anos, a partir das lutas das minorias. Percebemos isso no enunciado do pai de Eric quando aquele diz que está na hora de o seu filho crescer, ter responsabilidades. A enunciação do homem vem carregada axiologicamente com estigmas comuns à comunidade LGBTQIA+ atribuídos por pessoas que tentam a todo custo manter um pensamento ultrapassado. É comum que aqueles que fazem escolhas destoantes da grande massa sejam chamados de *vagabundos*. O amadurecimento, ao qual o pai de Eric se refere, está ligado à perspectiva ideológica disseminada pela sociedade de que o homem deve trabalhar para manter a casa, fazendo-o, subjetivamente, caminhar em direção a essas vozes sociais conflituosas. Mesmo se, naquele momento, o homem não acreditasse naquilo que estava sendo proferido, aquele era o discurso necessário para obtenção da estabilidade. Contudo, o discurso é, ao mesmo tempo, estratificante, na medida em que ele, implicitamente, está chamando o seu filho de vagabundo.

O uso de peças femininas e o preconceito social em torno desse ato também envolve o próximo conflito, agora no Episódio 5. Desta vez, Eric e o seu amigo Otis combinam de assistir ao *Hedwig: rock, amor e traição*⁸. Essa é uma tradição dos amigos. Todos os anos, no dia do aniversário de Eric, eles se vestem a caráter – com roupas femininas, maquiagem e peruca – e vão assistir ao show. No entanto, algo mais sério estava prestes a acontecer, pois Eric acaba ficando sozinho e, tendo sido furtado, fica também sem dinheiro para o ônibus,

⁸ Filme musical lançado em dezembro de 2001 que retrata a história de Hansel, jovem que sonha em se tornar uma estrela do rock. Contudo, para que esse e outros sonhos possam se tornar realidade, Hansel se submete a uma cirurgia de mudança de sexo, a qual dá origem a Hedwig, uma cantora com figurino e maquiagem extravagantes. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/hedwig-rock-amor-e-traicao/>. Acesso em: 21 mai. 2020.

sendo ele obrigado a ir sozinho para casa numa estrada deserta. A CENA 3 pode ser considerada um dos momentos determinantes para a evolução pessoal do garoto na série, pois configura um grande trauma na vida do jovem.

CENA 3

Homem – Aonde você vai? Com licença, senhorita. Quer carona?

Eric – Não, obrigado.

Homem – Tem pênis, senhorita? Vai, mostra o seu pau.

Eric – Me deixa em paz, por favor.

* Eles jogam o carro na frente do jovem *

Homem – *Gay nojento* (ainda dentro do carro).

* Os homens descem do carro *

Eric – Por favor, *não sou assim*. É uma fantasia. Ia ver um filme com um amigo. *Não sou...*

* Eric é agredido. O homem cospe no garoto enquanto este está caído no chão *

Primeiramente, reflitamos sobre as dificuldades do corpo LGBTQIA+ em ser aceito socialmente. A homofobia, além de representar uma violência contra os corpos estigmatizados pelos sistemas de controle social, assim como as escolhas desse grupo, as vestimentas, o amor etc., representa um retrocesso nas lutas a favor da democracia e do respeito pelo cidadão, independentemente da cor, da raça ou da orientação sexual deste. É uma atitude que rebaixa os indivíduos como se os direitos dos oprimidos fossem menores do que os daqueles que vivem para propagar os dizeres da normatividade. Ela é expressa, acima de tudo, “pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo” (LOURO, p. 19) ou, melhor dizendo, ela designa

dois aspectos diferentes da mesma realidade: *a dimensão pessoal*, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e *a dimensão cultural*, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite compreender melhor uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em *tolerar* e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito (BORRILLO, 2010, p. 22, grifo nosso).

Essa tolerância e simpatia pelos homossexuais servem como camuflagem para o real sentimento de muitas pessoas que não aceitam a diferença. As leis criadas para manter a integridade do corpo homossexual não são, muitas das vezes, o suficiente para conter a

permanente disseminação da intolerância. Na CENA 3, o enunciado “gay nojento” deixa claro o dilema da homofobia e concentra várias vozes em uma só. Essa enunciação, no embate das forças centrípetas e centrífugas, enquanto eleva o preconceito de um grupo (concatenando o pensamento hegemônico da heteronormatividade), fere a luta LGBTQIA+, fragilizando o grupo. Além disso, quando Eric nega a sua essência – “não sou assim” – perante o seu agressor para se proteger, ele nos mostra a dificuldade de se assumir socialmente, ao ponto de ser necessária a negação da sua própria identidade para não ter o seu corpo violado. As forças centrípetas agem sobre o enunciado do jovem que tenta aproximar o seu corpo do que é tido como *normal* para que possa haver piedade por parte do agressor; já as forças centrífugas agem sobre o mesmo enunciado na medida em que desestruturam a concepção de si que Eric tinha, pois o fazem autonegar-se: negar a sua comunidade, a sua luta e os seus direitos como cidadão.

O desdém e a agressividade em relação aos que não seguem o modelo de referência estabelecido pela sociedade causam danos psicológicos que podem mudar completamente o sujeito vítima de tal agressão, como é o caso de Eric. Diante da negativa do pai, dos conflitos em ser ou não ser e da homofobia, a auto identificação do jovem entra em declínio. A duplicidade faz o jovem pensar que a sua identidade, naquele momento, estava-o fazendo sofrer. Como resposta ao meio, Eric passa a adotar os discursos e o sentimento de ódio ao seu redor numa tentativa de centralizar o seu "eu" e de ir ao encontro da hegemonia.

A mudança de Eric começa pelo visual. Se antes ele se vestia com roupas extravagantes, que faziam jus à identidade então adotada, agora ele se restringe a roupas em tons neutros, o que está diretamente ligado ao apagamento de si, numa clara identificação de que ele perdeu as cores em todos os sentidos. Agora, ele passa a ser neutro tanto no visual, quanto na alegria, como se ele quisesse se misturar à multidão, conforme podemos ver na imagem abaixo (Figura 2).

Figura 2



Fonte: <https://www.netflix.com/>

Como é de se esperar, a agressão muda completamente o modo de Eric se portar no mundo. Ao que tudo indica, o fato de ele ter sido agredido quando estava montado, performando uma imagem condenada pelos radicais heteronormativos, faz com que ele enxergue a sua essência como perigosa para a sua integridade, fazendo-o se sentir responsável por essa ação. Não obstante, esse tipo de pensamento culposos que se alastra em Eric é o mesmo que muitos da comunidade LGBTQIA+ passam a ter após um episódio de homofobia. Vale salientar que, apesar de serem vítimas, os participantes de tal comunidade não estão imunes a esse sentimento de ódio, tendo em vista que o ambiente no qual eles crescem, normalmente com interiorização da violência, insultos e condenações morais, propicia o repasse do sentimento de repressão para os seus pares (BORRILLO, 2010). Esse cenário, portanto, “impõe um grande número de homossexuais a lutarem contra os seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão” (BORRILLO, 2010, p. 101). Essa acentuação axiológica de repressão é, possivelmente, o que leva Eric, no Episódio 6, a agredir Anwar, um colega também gay, logo após ter sido vítima de homofobia. Depois disso, ele tenta conversar com Anwar e se inicia um diálogo importante entre os dois (CENA 4).

CENA 4

Eric – Ei, cara, podemos conversar?

Anwar – Vai me bater?

Eric – Não.

Anwar – Vou adivinhar. Lugar e hora errados, certo?

Eric – *Achei que ia me sentir bem*, mas não senti.

Anwar – *Bater no outro gay*. Perfeito, Eric.

Eric – Eu sinto muito.

Anwar – Se ajuda, *eu aproveitei isso para me assumir para a minha mãe*.

Eric – Ela não sabia? Achei que você era assumido.

Anwar – Bem, achou errado. E *agora ela acha que você é homofóbico*. Então, se uma senhora indiana te olhar feio, não é nada pessoal.

Essa cena demonstra a perspectiva de Borrillo (2010) sobre a repressão por tabela das pessoas vítimas de homofobia. Sendo os homossexuais historicamente reprimidos, eles acabam assumindo uma posição de ditadores e acabam prejudicando os seus pares num processo infinito de julgamento e de intolerância que, na verdade, deveria ser combatido por eles. Diante do ato de agressão, Eric diz ao colega que achava que iria se sentir bem, mas que não se sentiu. Nesse enunciado, as forças centrípetas e centrífugas se fazem presentes: as primeiras, no sentido em que elas unificam o pensamento de que a agressão cura tudo, inclusive a diferença do outro; as segundas, no sentido em que Eric se vê como perpetuador da intolerância que antes o havia feito sofrer. É claro que ele acreditava que ao repassar o choque recebido iria se sentir parte do centro estabilizador. Porém, ele rapidamente passa de vítima de homofobia para reprodutor de homofobia: “e agora ela acha que você é homofóbico”.

Depois desse processo, numa cena subsequente, Eric tem contato com a representação de uma imagem que está mais próxima do seu “eu” interior do que a nova personalidade conflituosa que ele havia assumido. Ele se enxerga na imagem de um homem, aparentemente bem-sucedido, que usa roupas extravagantes, grandes brincos e unhas pintadas sem receio, fazendo-o se auto perceber como indivíduo. Esse reconhecimento de si no outro está ligado ao que Hall (2006, p. 38-39, grifo do autor) elucida quando o autor diz que “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”. É exatamente essa identificação que faz Eric enxergar, no Episódio 7, que não havia nada de errado em ser quem ele era antes de todos os conflitos acontecerem. A partir desse contato normatizador, quanto às escolhas do jovem e, ao mesmo tempo, desestabilizador, no sentido de que o fez abandonar o discurso hegemônico, Eric nos apresenta um novo eu, com a identidade renovada e modificada, assumindo de vez a sua sexualidade perante a família e amigos (CENA 5).

CENA 5

Eric – Suas unhas são poderosas.

Homem – Obrigado, garoto. Quer um conselho? *Aposte nos tons de pedras preciosas.*

O enunciado “aposte nos tons de pedras preciosas” é tão importante para última mudança de Eric na primeira temporada da série que a cor do *glitter* que o jovem usa nos olhos na noite do baile do colégio remete à esmeralda. Conforme se verifica, esse enunciado é

atravessado tanto pelas forças centrípetas quanto pelas forças centrífugas, no sentido de que as pedras preciosas, de alto valor material, são metaforizadas numa relação entre o jovem e o homem com quem fala (Figura 3).

Figura 3



Fonte: <https://www.netflix.com/>

Diante do exposto, compreendemos que a construção identitária de Eric se dá a partir de enunciados (seus e daqueles ao seu redor), atravessados pelo movimento ininterrupto das forças centrífugas e centrípetas.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, podemos perceber que os problemas enfrentados por Eric Effiong no seu processo de auto identificação são fundamentais para o crescimento pessoal do personagem em *Sex Education*. As análises revelam as forças sociais conflitantes de centralização e de descentralização – forças centrípetas e forças centrífugas – que incessantemente atravessam as enunciações concretas da série e que interferem na construção identitária do personagem, deslocando-o do e para o centro. Além disso, apontam para mudanças significativas nessa construção identitária, corroborando com a concepção de sujeito pós-moderno (HALL, 2006), para quem as identidades são formadas e transformadas pelo tempo e pelo modo como este é interpelado pelos sistemas sociais.

Por ser um representante da comunidade LGBTQIA+, Eric é continuamente rodeado por discursos axiologicamente valorados por estigmas que também interferem no modo como o jovem se vê no mundo. O trauma causado pela homofobia, como podemos ver, é desconcertante na medida em que o personagem assume um caráter de neutralidade, além de passar a se ver como perigoso para a sua própria integridade física. No entanto, o processo de identificação com o outro o faz mirar o seu próprio interior e reencontrar o seu verdadeiro eu. Nesse sentido, portanto, podemos dizer que a homofobia é o fio condutor na construção identitária do personagem, levando-o da euforia ao reencontro consigo mesmo, passando pela sensação traumática da violência e da negação.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A Estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FARIA, M. V. B. *A construção estilística das identidades poéticas da cidade de Natal: um olhar bakhtiniano*. 2007. 188f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor (publicação online), 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 29 mar. 2020.
- LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, A. P. P. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 45-69.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

O PROTAGONISMO DA LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE CORPOS, DISCURSOS E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

José Sena¹

Resumo: Orientado pela perspectiva performativa Butleriana, o artigo debate o protagonismo que a linguagem assume na produção de corpos, discursos e práticas de resistência. Com atenção às relações de saber-poder-subjetividade implicadas nas práticas sociais, e aos conceitos de performance/performatividade, argumenta-se que essa visada não-essencialista contribui para adensar análises de contextos sociais/linguísticos contemporâneos. Desse modo, o texto chama atenção para a relevância da performance enquanto prática de linguagem mobilizadora de processos reflexivos que podem gerar alternativas diante de problemáticas sociais que geram sofrimento humano.

Palavras-chave: Linguagem. Performance. Performatividade. Corpo. Resistência.

Abstract: Guided by the Butlerian performative perspective, the article debates the role that language assumes in the production of bodies, discourses and resistance practices. With attention to the relations of knowledge-power-subjectivity implied in social practices, and to the concepts of performance / performativity, it is argued that this non-essentialist view contributes to densifying analyzes of contemporary social / linguistic contexts. In this way, performance as a language practice will be understood as a mobilizer of reflexive processes that can generate alternatives in the face of social problems that generate human suffering.

Keywords: Language. Performance. Performativity. Body. Resistance.

Introdução

Baseado em uma pesquisa mais ampla que investiga as disputas metapragmáticas no cuidado em saúde sexual de sujeitos das dissidências do gênero/sexualidades em um território da Amazônia brasileira (SENA, 2016; 2017; 2018; 2020), o presente artigo empreende um debate teórico sobre o protagonismo que a linguagem assume nas práticas sociais, em que dinâmicas corpóreo-discursivas mobilizam, em constante tensionamento, regimes de saber-poder-subjetividade (FOUCAULT, 1984; 1996; 1999; 2000). Os dados gerados no contexto etnográfico da referida pesquisa apontam para a proeminência da linguagem não apenas nos processos de produção de significados, mas também na construção performativa (BUTLER, 1990; MOITA LOPES, 2006; PEREZ-NAVARRO, 2008) de mundos sociais, com efeitos sobre corpos/subjetividades e estratégias de resistência diante de regimes de dominação.

¹ Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. Esta pesquisa foi financiada com bolsa de doutorado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: senaufrij@gmail.com

Para empreender o debate, posiciono, primeiramente, uma visada epistêmica. Ao apresentar três paradigmas centrais na história dos estudos da linguagem, precisamente as visões mentalista, realista e pragmática, argumento por uma visada relativista a qual alicerça sua visão de linguagem com base na ação ou nas práticas. Em seguida, aprofundo alguns aspectos fundamentais da teoria performativa da linguagem, na qual articulo a reflexão entre performatividade/performance e o lugar do corpo, do desejo, da agência e da resistência em tal teorização (BUTLER, 1990; 1993; 1997; 1998; 2003; 2010; PINTO, 2002; 2007; 2009; SALIH, 2015; FURLIN, 2013). A proposta é percorrer, pontualmente, as influências que constituem a perspectiva performativa bluteriana, no intento de situar o caráter de ação da linguagem na construção de entendimentos, corpos e resistências.

Uma visada Pragmática

Conforme indicam as pesquisas de Gazpar Neto (2008), Pocahy (2011), Braz (2010), Souza (2012), Barreto (2012), Souza (2013), Silva (2015) diferentes estudos neste século XXI têm reforçado uma agenda de produção de conhecimento sobre modos de vida dissidentes e suas práticas de resistência de norte ao sul do Brasil. No campo da linguagem não tem sido diferente. Estudos engajados nas práticas corpóreo-discursivas e produção de entendimentos sobre sexo, sexualidade, gênero e interseccionalidades, como raça, classe social, etnia etc., em diferentes plataformas de produção textual/discursiva, têm mostrado o protagonismo da linguagem na produção de conhecimento sobre essas demandas da vida social (MOITA LOPES 2002; 2006; BORBA, 2014; 2015; SANTOS FILHO, 2012; GUIMARÃES, 2014; BONFANTE, 2016; SILVA, 2017; CAMARGO, 2019; SENA, 2020).

Podemos dizer que o avanço dos estudos sobre o corpo e as identidades sexogenerificadas na contemporaneidade é demanda, também, do que se convencionou chamar de virada discursiva/narrativa (BASTOS; BIAR, 2015; FERREIRA, 2016) a qual teve efeitos diretos sobre a produção de conhecimento científico de modo geral, e sobre o campo de estudos da linguagem de modo particular. Impulsionada por uma série de mudanças que deslocaram as certezas da racionalidade objetiva, comum à lógica modernista (SANTOS, 2008), para a compreensão de que nossas práticas sociais são efeitos discursivos (FOUCAULT, 1996; BUTLER, 1990), a virada discursiva/narrativa deixa ver uma profunda crise paradigmática decorrente de uma variedade de fatores divididos entre sociais e teóricos, os quais percorrem desde a superação da dicotomia cultura/natureza até a compreensão de

que, seja nas ciências naturais ou sociais, a produção de conhecimento está implicada (CAMARGO JÚNIOR, 1994).

Esse movimento instaura o que temos vivido na contemporaneidade em termos de ampliação na circulação de textos, discursos e experiências, mobilizando intensos processos de reflexividade sobre nós mesmos (GIDDENS, 1991), com efeitos importantes sobre esferas locais-globais. Bauman (2008), Moita Lopes (2013), dentre outros, têm chamado esses tempos de fluidez de modernidade recente. Se é verdade que a modernidade silenciou uma série de demandas sociais de sujeitos que subalternizados (MIGNOLO, 2008) viram suas histórias e direitos interditados ou apagados, na modernidade recente uma atitude política passa a ser viabilizada pela possibilidade reflexiva que ela mobiliza.

Como bem exploraram Bauman e Briggs (2003), uma ideologia modernista orientou diferentes campos do saber e a linguagem desempenhou papel crucial nesse processo, pois a crença em uma linguagem neutra, imparcial, “verdadeira” fundamentou os modos como a ciência por séculos enunciou e orientou seus modos de produzir conhecimento. No campo da saúde sexual, por exemplo, Paula Treichler já problematizava que a epidemia da aids era sobretudo uma “epidemia da significação”, apontando para o protagonismo da linguagem na produção de saberes, na relação entre senso comum e ciência (TREICHLER, 1987). Isso implica dizer que “os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes, nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação” (SANTOS, 2008, p. 83).

No campo dos estudos linguísticos, paradigmas filosóficos ou ideologias linguísticas (BAUMAN; BRIGGS, 2003) buscam, de diferentes modos, dar explicações sobre a relação da linguagem com a questão do sentido e com a questão da verdade. Assim, entendimentos essencialistas e fundamentalmente abstratos sobre a linguagem e sua relação com o “estado de coisas no mundo” decorre das ideologias linguísticas *realistas*, em que “o significado de uma expressão linguística é a parcela da realidade que ela identifica”, e *mentalista*, para a qual a linguagem “representa acontecimentos mentais compartilhados entre falantes e ouvintes” (MARTINS, 2004, p. 442).

Um debate fundamental nesse contexto foi o proposto por Valentin Voloshinov (1997) e o círculo de Bakhtin, no início do século XX, o qual critica duas orientações epistemológicas para defender sua tese de que a realidade fundamental da língua é a interação verbal. Assim, ao criticar o que ele identificou como objetivismo abstrato, orientação que defende o fato linguístico, o sistema, independente do sujeito falante; e o

subjetivismo idealista, o qual restringe a fala ao domínio do psiquismo individual, o autor russo funda as bases de uma perspectiva sociointeracionista, que se alinha ao paradigma *pragmático* (MARTINS, 2004).

Se no campo específico dos estudos linguísticos os paradigmas *realistas* e *mentalistas* se mantiveram como principais orientadores das teorizações sobre a linguagem, sustentando uma visada essencialista, é com o paradigma *pragmático*, numa visada relativista, que muitas problemáticas sobre a linguagem serão estudadas com base nos usos e nas práticas sociais (SILVERSTEIN, 1993; 2003).

Essa reflexão é fundamental para entendermos que as epistemologias linguísticas não são o limite para nossas pesquisas (MOITA LOPES, 1994; 2012; 2006; PINTO, 2015), uma vez que o linguístico demanda o sociocultural e o político, nos conduzindo ao exame de processos sociais que ganham relativa estabilidade na linguagem, ou seja, os significados não estão dados no artefato linguístico, no significante, mas são condicionados no fluxo dos usos em nossos mundos sociais. Como diria Fabrício (2006), precisamos estar atentos aos “jogos de linguagem” que enredam epistemes, discursos e regimes de verdade, sem perder de vista que estamos implicados nesse processo de produção de significados.

Com esse debate² sob minha atenção, é no âmbito de uma Linguística Aplicada Indisciplinar que enuncio as reflexões presentes neste artigo. Seguindo uma ampla agenda de debates teóricos, epistemológicos e aplicados sobre a relação entre linguagem e a vida social, a perspectiva Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) tem coberto uma variedade de temas e abordagens que durante muito tempo foram deixados de lado no âmbito dos estudos linguísticos, mas que no paradigma emergente (SANTOS, 2008) vem ganhando proeminência, e chama atenção para uma visada performativa da linguagem (AUSTIN, 1990;

² Na relação com o paradigma pragmático é possível situar diferentes teorizações que, se por um lado possuem peculiaridades conceituais e disciplinares, têm em comum a relação com a perspectiva das práticas e dos usos. Por exemplo, a sociologia de Bauman (2008), ao estabelecer sua crítica à modernidade e a uma série de certezas e estabilidades político-culturais-sociais, situa nossa condição contemporânea como líquida, instável, insegura e, por tanto, ancorada nos fluxos. Nesse sentido, embora orientados por uma visão culturalista e de influência marxista, Voloshinov (1997) e o Círculo de Bakhtin estão preocupados com os usos, apontando para o lugar privilegiado da língua na disputa por significados e ideologias no mundo social. Do mesmo modo, a perspectiva performativa bluteriana, conforme aprofundarei, decorre das influências do debate feminista, da psicanálise (FREUD, 1996, por exemplo), da filosofia da linguagem, da perspectiva pós-estruturalista com Derrida (1991; 1973) e Foucault (1999), dentre outros, mas sempre convergindo para uma visão de linguagem entendida como ação na vida social. É assim que para o linguista aplicado Moita Lopes (2006; 2012; 2013) é interessante pensar a linguagem a partir de outras teorizações e outros campos disciplinares, o que ele tem chamado Indisciplinaridade. Articular esse debate em diálogo com essas diferentes visões se insere precisamente nesse exercício indisciplinar de confrontar algumas verdades que se pretendem universais e politizar os usos e as escolhas teóricas que elegermos em nossas pesquisas.

DERRIDA, 1991; 1973; BUTLER, 1990; 1997), a qual dá relevo ao protagonismo que a linguagem assume na produção de corpos, discursos e práticas de resistência.

Performatividade

Dentre as diferentes teorizações, de orientação pragmática, emergentes ao longo do século XX, são as articulações teóricas mobilizadas pelo filósofo inglês John Austin que fundam as bases de uma visada performativa (AUSTIN, 1990). Ao questionar a forma como o problema da verdade vinha sendo encarado pela filosofia clássica, Austin elabora sua teoria dos atos de fala, argumentando, no início de suas palestras, que para além dos enunciados constataativos ou declarativos, ou seja, enunciados que validam valores de verdadeiro ou falso a uma dada proposição, há os enunciados performativos, enunciados que praticam ação (OTTONI, 2002; PINTO, 2002; 2007).

A partir da oitava conferência de seu curso, contudo, Austin (1990) abandona essa diferença, argumentando que todo uso linguístico é performativo (LOXLEY, 2007). Apesar disso, Austin não faz nenhuma correção ou acréscimo à exclusão de sua teorização dos usos “parasitári[os]” (p. 36) da linguagem, como o teatro e as piadas, sob a alegação de que não seriam usos “sério[s]” (p. 36), visto que se baseiam em roteiros pré-determinados. É exatamente essa dependência de roteiros ou scripts, no entanto, que Derrida (1991) destaca como central a todo uso linguístico, questionando assim a existência de enunciados totalmente novos ou inatos.

Representante da vertente de pensamento denominada desconstrutivismo, localizada na tradição pós-estruturalista, Derrida foi um crítico das concepções metafísicas, e elaborou sua teoria tendo como principal contraponto o estruturalismo. *Différance* (1991) é o termo que Derrida utiliza para explicar que a linguagem é um sistema aberto de signos, uma vez que o signo continuamente diferido na diferença implica a condição do sentido, o qual se constitui em uma presença que nunca pode ser definida em definitivo, ou seja, a *différance* “é o que faz com que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito “presente”, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo” (idem, p.45). Este aspecto é relevante, pois é sobre o modo de tratamento da estrutura e do sujeito presentes nas teorizações de Austin (1990), que Derrida (1991) estabelecerá o foco de sua crítica:

a presença consciente dos locutores ou receptores participando na efetuação de um performativo, a sua presença consciente e intencional na totalidade da operação implica teleologicamente que nenhum resto escape à totalização presente (DERRIDA, 1991, p. 364).

A crítica de Derrida (1991) chama atenção primeiramente à originalidade das ideias de Austin (1990), onde reconhece que há uma importante inovação quanto à noção de comunicação que a teoria dos atos de fala inaugura. A comunicação aqui não é mero transporte de significados cristalizados, mas sim processo de produção de significados mediante atos ou ações de fala (DERRIDA, 1991; PINTO, 2002; 2007; 2009). Entretanto, a noção de sujeito intencional e de condições de realização total do ato de fala, contradiz a visão pragmática que o conceito de performatividade ergue ao colocar no centro da produção de significados a ação na/pela linguagem.

É desse modo que os sentidos só existem em deslocamento: cada signo ou conceito aponta para outro signo/conceito que aponta para outro, *ad infinitum*. O sentido é assim relacional e sempre sujeito a ambivalência, ambiguidades, ou seja, a presença do referente é sempre adiada (DERRIDA, 1991; 1973). No centro do debate, a capacidade de movimentação da unidade de significação supera qualquer entendimento essencialista e cristalizado do significado, do contexto e de suas condições de realização mediante o ato de fala. Esse deslocamento abala, também, a ideia de uma intencionalidade do sujeito, como consciente e dono de todos os seus atos. O que está em jogo é o movimento da produção de significados sempre que o ato de fala opera uma ação. Aqui nem o significado, nem o contexto, nem os sujeitos estão livres da mudança e instabilidade envolvidas no processo de significação.

Trata-se dos conceitos de *citação* e *iterabilidade* na linguagem defendidos por Derrida (1991; 1973), com base nos quais toda ‘unidade de significação’ só ganha o estatuto de unidade significável quando pode ser citada para além de seu contexto de referência ‘primária’. Embora ela (a unidade de significação) cite entendimentos possíveis decorrentes de sua história de uso, sua emergência em uma nova situação de comunicação, pode alterar seu entendimento, inclusive pode alterar o próprio contexto.

“Repetir até ficar diferente”³, a iterabilidade, segundo Derrida, é o princípio fundamental da linguagem. É desse modo que o autor francês insiste no pressuposto de que os performativos devem ser entendidos com base na iterabilidade, sendo eles a realização do enunciado como possibilidade de atualização e mesmidade, visto que

³ Conforme enunciou Manoel de Barros em seu poema “Uma didática da Invenção”.

É necessário que [o signo ou unidade de significação] seja repetível - iterável - na ausência absoluta do destinatário ou do conjunto empiricamente determinável dos destinatários. Esta iterabilidade - (íter, de novo, viria de itara, outro em sânscrito, e tudo o que se segue pode ser lido como exploração desta lógica que liga a repetição à alteridade) estrutura a própria marca de escrita, qualquer que seja aliás o tipo de escrita (DERRIDA, 1991, p. 356)

Esse entendimento da linguagem tem implicações sobre a produção da verdade e do sujeito, uma vez que ao revogar o discurso sobre a origem de uma determinada significação, coloca em causa a complexidade dessa produção, agora entendida na dinâmica da comunicação social e da produção de significados, o que requer entendimentos sobre aspectos locais e históricos implicados em tais processos.

Para aprofundar essa reflexão, destaco do relato etnográfico, produzido na pesquisa que contextualiza o presente debate (SENA, 2020), uma pequena narrativa que ajuda a visibilizar como esse processo se constitui na sutileza da prática social cotidiana. A narrativa foi baseada na experiênciã etnográfica por mim vivida no contexto urbano de uma cidade da Amazônia Atlântica.

Atravesso uma das ruas do centro da cidade de mini-short, batom vermelho, cabelos longos ao vento e meu corpo de ombros largos e pênis. Não abro a boca, apenas caminho. Um grupo de homens, exibindo signos corpóreos de masculinidade hegemônica, cruza meu caminho. Poucos segundos após esse encontro, suas performances passam a incluir a emissão de um som específico, gutural áspero com entonação ascendente, semelhante ao som de uma arara: [‘harr’] [‘harr’]. Segundo a cultural local, esse som é emitido exclusivamente por humanos machos, supostamente heterossexuais, quando querem interpelar, histericamente, sujeitos como eu, uma bicha. No imaginário heteronormativo, a gay rasgada deveria ser eu, mas o rasgo no silêncio da rua era emitido por esses supostos humanos machos heterossexuais que se travestiam em arara: homens-bicho para identificar homens-bicha (SENA, 2020, p. 32).

Em uma cena curtíssima atravessando uma rua na Amazônia Atlântica, a linguagem produz corpos, identidades, sujeitos, aliás, produz relações de poder. Embora 'de boca fechada', sem nenhum movimento verbal, meu corpo emitia pistas semióticas que o tornava inteligível. Esse processo de compreensão que era feito através de pistas indexicais⁴, como “mini-short”, “batom vermelho”, “cabelos longos”, “corpo de pênis”, “ombros largos”, apontam indexicalmente para um repertório de sentidos constituído socioculturalmente sobre

⁴Pistas indexicais (WORTHAM, 2001) são signos que *indicam* (PEIRCE, 1977) significados sobre um estado de coisas no mundo e que *produzem* (SILVERSTEIN, 1993; 2003), de uma certa maneira, esse estado de coisas no mundo.

o que é ser uma bicha. Uma relação complexa entre o sujeito, a linguagem e o corpo, entendidos aqui como inseparáveis, ou seja, um amalgama sujeito-linguagem-corpo também se configura (SILVERSTEIN, 1993; 2003; GUIMARÃES; MOITA LOPES, 2017).

É assim que minha experiência em campo social, com meu corpo saturado de significações que desobedecem às normas heterossexuais da masculinidade hegemônica vigente, evidencia a produção da diferença quando *difiro*, – i.e., simultaneamente, me diferencio de e desloco – com a performance corporeo-discursiva que opero, signos historicamente cristalizados do que seja se comportar como um homem. Ao performar uma bicha, eu desobedeço à norma heterossexual e cisgênera e rasuro a performance de masculinidade hegemônica, a qual imediatamente me interpela com um grunhido, marcando seu policiamento sobre meu corpo. O grunhido-enunciado da “arara” aponta indexicalmente (SILVERSTEIN, 1993; 2003) para a rasura que meu corpo instaura.

Nesse sentido, a interpelação que sofro não apenas me convoca “como sujeito” (ALTHUSSER, 1989, p. 98), mas me produz sujeito da dissidência do gênero/sexualidades. Para Butler (1997), a interpelação é um ato performativo o qual sustenta seu poder de ação sobre os sujeitos nas normas sociais e contextuais em que ela é realizada. A interpelação, desse modo, produz os sujeitos ao nomeá-los ou identificá-los, devido ao caráter citacional que configura o enunciado da interpelação.

Se por um lado Derrida desenvolve teorizações mais amplas no campo da linguagem e da significação, é Judith Butler (1990; 1993; 1997; 2003; 2010) que aprofunda as questões que antecipo na reflexão acima, sobre o corpo e as práticas de resistência que emergem no tensionamento com regimes de saber-poder-subjetividade hegemônicos. A filósofa e feminista estadunidense ao se engajar no debate sobre o domínio do gênero e do sexo ampliará o conceito de performatividade o qual terá implicações fundamentais sobre a produção do corpo como materialidade significativa nos processos de produção de sujeitos. Se a ação está no centro de força do ato de fala, enquanto um dizer que é um fazer, esse entendimento será radicalizado ao colocar a *iteração* como força motriz da produção do sujeito do gênero que é efeito do discurso que opera numa complexa dinâmica de relações de saber/poder e regimes de verdade decorrentes.

Performance, Sujeito, Corpo

Para além de Austin e Derrida, é a influência de Michel Foucault (2000) que aprofunda a noção de performatividade presente nas teorizações de Butler (1990; 1997). Se o performativo opera com base na iterabilidade da linguagem, com potencial de produção de significados subversivos ou manutenção de sua aparente estabilidade, o funcionamento dos enunciados no domínio das formações discursivas⁵ adicionam complexidade aos processos implicados na produção de significação, do sujeito e da verdade.

Com base no entendimento Foucaultiano de discurso como conjuntos de enunciados que governam nossa condição de sujeitos (FOUCAULT, 1999), Butler (1990) constitui sua argumentação projetando essa compreensão também para a produção do gênero e do corpo. Enunciados emergentes em diferentes contextos de enunciação produzem formações discursivas, como a medicina, a sexualidade, a loucura etc. e são precisamente dessas formações discursivas reguladas por instituições e seus regimes de saber-poder em tempos históricos e políticos específicos, que os sujeitos são discursivamente constituídos (FOUCAULT, 1999; 2000; SALIH, 2015; ARAN; PEIXOTO Jr., 2007).

Ter esse entendimento em nossa atenção é fundamental uma vez que os significados e performances em movimento nas práticas sociais dos sujeitos não estão determinados a priori, mas são efeito de formações discursivas mais amplas, sustentadas por instituições sociais como a família, a igreja, a escola, a mídia, o Estado etc. as quais orientam nossas práticas. O sujeito de Butler (1990) é, sobretudo, o sujeito de Foucault (1999), sujeito a relações de saber-poder e regimes de verdade que constituem sua possibilidade e seu limite. Para Foucault, o poder não opera apenas na coação e dominação das subjetividades, mas é, precisamente, um poder produtivo na medida em que forja os sujeitos dentro dos mecanismos de disciplina e regulação que instaura e busca preservar (FOUCAULT, 1999; 2000).

É nesse sentido que as noções de ato de fala performativo de Austin (1990) e seu adensamento com base nos conceitos de citação e iterabilidade de Derrida (1991), e saber-poder de Foucault (1996; 2000) encaminharão Butler a colocar a linguagem no protagonismo da produção de sujeitos do gênero e do corpo, engajando, assim, uma performatividade radical (PINTO, 2002; 2007).

O corpo, identificado como “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural” (BUTLER, 1990, p. 198) passa a ser entendido dentro das dinâmicas de regimes de

⁵ Na definição de Foucault: “a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 1997, p. 135)”

saber-poder e verdade específicos. Com base nessa complexa dinâmica, para Butler, a linguagem opera em performance, um fazer que implica a um só turno o ato de corpo e o ato de fala. Conforme esclarece Pinto (2002),

Essa afirmação não cria, como se poderia esperar, uma dicotomia corpo/linguagem, mas, ao contrário, mostra que o efeito do ato de fala é operado ao mesmo tempo pelo que é dito, por quem diz e por como é dito – como o corpo diz, como o enunciado diz. Os elementos que impulsionam sua marca no ato de fala operam numa imbricação irredutível. (PINTO, 2002, p. 106)

Com base nessa reflexão, no meu entendimento, corpo-linguagem-sujeito funcionam de modo articulado no fazer, na prática, e por isso operam imbricados, sendo a performance o lugar dessa ação. Orientado pela leitura de Problemas de Gênero (BUTLER, 1990), compreendo a performance como um fazer materialmente inscrito que faz aparecer o domínio da performatividade. Embora reconheça a leitura de Butler que *distingue performance de performatividade*, ou seja, que conceitua a performance como um ato deliberado, diferente da performatividade, que é um ato de reiteração de normas sociais, e por isso é condicionado; na minha leitura, argumento pela noção de que a performatividade sempre opera sobre as nossas ações enquanto sujeitos, sobre as nossas performances, sejam elas deliberadas ou “regimentadas”. É precisamente nessa articulação que a linguagem assume protagonismo nos processos de produção de significados e de mundos sociais, em que o corpo, em performance, se torna efeito e agente desses densos processos.

Com essa reflexão sob minha atenção, e ciente de que essa distinção performatividade/performance muitas vezes ainda é fonte de confusões, insisto no entendimento de que a performatividade sempre opera sobre as nossas ações enquanto sujeitos, seja quando estamos “forjando” ou “encenando artisticamente” um comportamento social, seja quando estamos agindo enquanto sujeitos de normas sociais específicas que nos governam, “inconscientes” da lei que nos faz sujeitos.

Assim, a performance viabiliza e visibiliza a performatividade, na medida em que é a performance que faz operar no/com o corpo-fala, os regimes regulatórios e normas sociais que seduzem sujeitos a se imaginarem como sendo possuidores de um gênero particular. Desse modo, utilizo a performatividade como um conceito teórico que ajuda a pensar a ação social dos sujeitos e suas práticas, que se dão em performance. Reconhecer que não estamos adequados à norma é o que nos faz identificar a lei que nos governa, o que nos interpela diante do saber/poder que nos subjetiva, mobilizando reflexividades.

Um dos regimes de verdade que tem se imposto sobre os sujeitos e seus corpos é o da heterossexualidade compulsória e masculinista, um domínio do saber-poder hegemônico que tem regimentado o binarismo de gênero, e a matriz de inteligibilidade que nos conduz a reconhecer o sexo biológico como natural a um determinado gênero (BUTLER, 1990).

Conforme enuncia Preciado, “pênis e vaginas são biocódigos de regimes de poder e conhecimento, reguladores ideais, ficções biopolíticas que encontram seu suporte somático na subjetividade individual” (PRECIADO, 2018, p. 112-113). Ao identificar que o corpo não existe socialmente antes de já ter sido generificado e sexualizado, tendo em vista o nascimento biológico do corpo, e sua inscrição como sujeito desde a primeira interpelação social que sofre, por conta dos significados culturais projetados sobre sua anatomia, Butler (2003) argumenta que

Considerada coletivamente, a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. (...) ‘somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à idéia de natureza que foi estabelecida para nós... ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais’. (BUTLER, 2003, p. 168)

Com base na citação acima, passamos a entender gênero e sexo como categorias fundamentais que mobilizam os debates empreendidos por Butler (1990; 1993; 1997; 1998; 2003; 2010) e outras feministas (SALIH, 2015) que têm se dedicado a problematização do gênero dentro da luta feminista e diante do projeto heterossexual masculinista compulsório estruturante da sociedade patriarcal contemporânea (NARVAZ; COLLIER, 2006). Uma vez que o sexo e o gênero são construções performativas produzidas dentro da matriz heterossexual, será o corpo o lugar de inscrição do gênero e do sexo como materialidades significantes.

É desse modo que a performatividade deixa ver sua lei de fazer na performance que, via citação/iterabilidade, faz parecer naturais os significados e as normas sociais instituídas histórica, política e culturalmente. A performance visibiliza os estilos da carne, inscreve significados sobre a materialidade anatômica do corpo, nomeia a ordem dos sexos, e assim, produz o sujeito, afeito às normas ou dissidente delas.

Com base na pesquisa etnográfica que localiza este debate, chamo atenção para o relato de um dos sujeitos do estudo, o qual enunciou diversas vezes as coerções operadas

sobre seu corpo quando criança, pela própria mãe, devido às performances de feminilidade que encenava. “Pequenas” agressões físicas nas mãos e nas pernas, além de uma série de proibições, iam moldando a postura de “homem”, ou seja, a performance de masculinidade hegemônica que ele deveria aprender a performar (SENA, 2020).

Desses domínios generificados, observo que emergem novas complexidades à medida que se dá o nascimento social do sujeito em outras esferas da vida em sociedade. A classe social, a geração, a religião, o tempo histórico, o espaço geográfico, por exemplo, radicalizam a produção do sujeito, que passa a demandar sua ação nos limites regulatórios das relações de saber-poder instituídas em seus mundos sociais.

Esse entendimento condensa “a radicalidade” da performatividade na produção de significação nas práticas sociais. Em um processo contínuo de repetição de significados sedimentados na cultura somos produzidos sujeitos:

atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2003, p. 194)

Ao argumentar pelo entendimento de que o corpo biológico é uma construção discursiva, a proposição teórica de Butler (1990) implica a desconstrução da ontologia de gênero e do sexo biológico como naturais, noção que fissa dicotomias clássicas como a de natureza/cultura. Nesse sentido, podemos afirmar que toda construção do que seja natural é desde já produzido no discurso, na linguagem, sob o regime de forças, sobretudo políticas.

Este aspecto nos ajuda a refletir sobre uma série de naturalizações que regimentam as práticas sociais de sujeitos em diferentes contextos socioculturais. Os saberes considerados leigos (FERREIRA, 2016), por exemplo, e suas complexas articulações com diferentes esferas das atividades humanas (religião, jurisdição, Estado, família, escola etc.), têm papel crucial na produção de sujeitos e de contextos de opressão, assim como, de resistência.

O corpo, condicionado pelos marcadores semiótico-sociais subjetivantes que o regimentam, pelos domínios de saber-poder-subjetividade que produzem regimes de verdades

sobre ele, também é o corpo que age no limite dessas circunstâncias, de onde pode operar subversivamente e construir resistências. É ao debate desse ato de resistência diante das normas, entendido como um efeito do tensionamento entre o desejo e o exercício de poder, que a próxima seção se dedica.

Desejo, Agência, Resistência

Meu interesse central neste debate, com base no que venho argumentando sobre a performatividade, é precisamente a capacidade de agência e a produção de resistência que emerge desses processos de saber-poder-subjetividade articulados na linguagem, em performance. Se a capacidade de agência se localiza na zona de produção do desejo, conforme aprofundo a seguir, a resistência é um domínio de força possível o qual produz diferença diante do quadro regulatório que constitui os sujeitos.

Foucault previa que dentro dos regimes de poder já se constituía também a condição de resistência diante de tais normas: “onde há poder, há resistência”, argumenta Foucault (1999, p. 105). Esse entendimento será recuperado por Butler, e aprofundado na medida em que a filósofa e teórica feminista passa a se preocupar com o modo de articulação da agência dentro desses regimes regulatórios, considerando, então, o domínio da consciência do sujeito, ou seja, a formação da identidade e do ego, e os densos processos de constituição da subjetividade, especialmente a identidade de gênero e do corpo generificado. Conforme afirma Butler:

Se a subversão for possível, será uma subversão a partir de dentro dos termos da lei, por meio das possibilidades que surgem quando ela se vira contra si mesma e gera metamorfoses inesperadas. O corpo culturalmente construído será então libertado, não para seu passado “natural”, nem para seus prazeres originais, mas para um futuro aberto de possibilidades culturais. (BUTLER, 2003, p. 139).

É com base nessa compreensão que Butler (1990) desenvolveu sua teorização sobre o processo de *incorporação*⁶ (BUTLER, 1990, p.87), o qual inscreve na superfície do corpo a identidade de gênero, apontando, a partir desse domínio, como a proibição é geradora do desejo, desejo que mobiliza a capacidade de agência do sujeito diante das normas que o coagem e constituem. Conforme aponta Furlin (2013), para debater as categorias da agência e

⁶ No original “the mask is take on through the process of incorporation which is a way of scribing and then wearing in melancholic identification in and on the body” (BUTLER, 1990, p. 50)

da resistência, é necessário entender o desejo, conceito fundamental envolvido na formação do ego e do modo de regulação e resistência presentes na formação da identidade de gênero.

Fortemente influenciada pelas teorizações de Freud (1996) sobre a formação da identificação, Butler produz sua argumentação com base na noção de tabu contra a homossexualidade, correlata à noção de tabu contra o incesto, previsto em Freud (1996). Para Butler (1990, p. 99-100), o tabu contra a homossexualidade antecede ao tabu contra o incesto, e é precisamente na proibição gerada diante desse tabu, que o gênero é produzido, ganhando materialidade inteligível no corpo.

Esse domínio de formação da identidade frente ao tabu configura precisamente o conceito de *identificação* (FREUD, 1996, p. 28) o qual decorre da condição melancólica⁷ instaurada no sujeito, que ao invés de superar ou aceitar uma perda ou proibição, a condição melancólica internaliza a perda no ego, produzindo uma identificação com ela. Ao processo de construção da identificação, Freud chama *introjeção* (1996, p. 104). Na argumentação de Butler, ao fazer a leitura de Freud, a introjeção não será o único modo de construção da identificação, propondo, então, a noção de incorporação que consiste precisamente na produção da identificação inscrita na superfície do corpo.

Para Freud (1996), a estrutura do ego será toda melancólica, entendendo que o ego é produzido pela identificação com as proibições a que é submetido desde suas primeiras socializações. Essa estruturação melancólica do ego se dá no processo da formação do ego a partir do desejo primitivo que a criança desperta pela mãe ou pelo pai. Em resposta ao tabu contra o incesto, a criança substitui o desejo por um dos progenitores pela identificação com um deles. A esse desejo primitivo Freud chama disposições, sem dar explicação precisa do que seria, mas relacionando-as, ainda que de modo hesitante, às disposições sexuais congênitas (BUTLER, 1990; SALIH, 2015).

Butler, interessada pelas disposições, mas rejeitando completamente a noção de disposição sexual congênita, inverte a proposição de Freud, afirmando que o desejo primitivo é posterior a identificação (BUTLER, 1990, p.100-101), ou seja, o desejo emerge das proibições/regimentações envolvidas no processo de identificação em que “o ego é, então, um depósito de todos os desejos que ele teve de abandonar” (SALIH, 2015, p. 76). Com isso, Butler quer produzir o entendimento de que aqui a criança, primeiro a) reconhece/aprende a lei, b) processo no qual ela se manifesta desejante, em seguida c) se sujeita à sua norma ao reconhecer o tabu (contra a homossexualidade e contra o incesto), c)

⁷ Segundo Freud (1996) a melancolia é a sensação de uma perda sem necessariamente se ter conhecimento do que foi perdido.

instaura a melancolia pela proibição e, em decorrência, d) produz a identificação seja e) introjetando no ego o objeto/desejo perdido/proibido, seja f) incorporando na superfície da carne. Nas palavras de Butler, “a identidade de gênero parece ser primariamente a internalização de uma proibição que se mostra formadora de identidade” (BUTLER, 1990, p. 79).

Com base nas reflexões teóricas de Butler sobre a produção da identidade, construo o entendimento de que esses processos se estendem a outras dimensões de nossa subjetividade, e se darão continuamente ao longo do nascimento social dos sujeitos nos diferentes processos de socialização que só cessam com o fim da vida. Quero dizer com isto que nossa condição de sujeitos do gênero/sexualidades, por exemplo, será sempre produzido na relação tensionada pelas normas que nos coagem/regimentam, e as condições de resistência que seus limites viabilizam.

Desse modo, o sujeito não é nem totalmente livre e dono de si, nem um prisioneiro sem algumas alternativas diante do poder que opera sua sujeição. Do mesmo modo, somos sujeitos do desejo, essa força emergente das coações que se impõem dentro de uma determinada ordem social sobre nós, e que desperta nossa reflexividade e agentividade diante dos regimes que nos coagem/interpelam. Na leitura de Furlin sobre o pensamento de Butler

a consciência reflexiva tem um diferencial, por estar pautada no desejo humano, que pode se manifestar dentro dos mais diferentes aspectos da ordem social, sempre que houver um poder normativo que limita a ação do sujeito. Essa ação pode estar localizada na ordem do desejo erótico, do desejo de reconhecimento social, do desejo de poder político, do desejo de inserção social e, assim, poderíamos nomear tantos outros desejos que fazem com que se ative a consciência do limite (FURLIN, 2013, p. 401)

Por fim, o desejo como demanda dos regimes de regulação da ordem social e do processo de constituição da psique humana, o que envolve proibições, identificações, agência e resistência, nos mobiliza em dinâmicas performativas e, portanto, de linguagem, possibilitando uma condição de reflexividade diante da norma que nos coage e interpela. Nas palavras de Butler (2010, p. 25) “o sujeito é ele próprio uma ambivalência, pois surge simultaneamente como efeito de uma potência anterior e como condição de possibilidade de uma forma de potência radicalmente condicionada”. Ou seja, podemos dizer que a capacidade de agência, instaurada no limite friccional em que se encontra a produção do desejo e o exercício do poder, produz a resistência.

O protagonismo da linguagem

Argumentar pelo protagonismo da linguagem com base em uma visada relativista não implica em apregoar uma nova verdade para ser simplesmente seguida, mas nos possibilita o exercício de confrontar uma série de universalismos que visões essencialistas estabeleceram sobre a linguagem e que a vida contemporânea tem nos impelido a questionar e a rever. Assim, a visada pragmática, ao dar relevo aos usos e às práticas dos sujeitos nos complexos contextos da vida social, engaja um importante avanço em termos de reflexividade, da capacidade de nos pensarmos em nossas práticas, processo que se dá na linguagem e com a linguagem.

É de grande relevância enfatizar o domínio da reflexividade, pois é com ele que se torna viável questionarmos as relações de saber-poder-subjetividade que constituem nossa experiência social, que nos constituem sujeitos do gênero/sexualidades, no corpo e na resistência. Nesse sentido, a teoria performativa de Judith Butler contribui de modo determinante nesse exercício de imaginar alternativas diante de regimes de verdade que geram sofrimento humano. Ela aprofunda a reflexão sobre como a performance não está condicionada a repetição/citação de normas instituídas, mas viabiliza possibilidade de agência, de agir reflexivamente e contestar os regimes de saber-poder que nos coagem.

A questão da verdade e do sentido passam a ser vistas em constante disputa e compreendidas como continuamente provisórias. É assim que os discursos sobre a verdade, os processos semióticos que tornam os corpos inteligíveis e as práticas de resistência que fissuram as estruturas cristalizadas do poder nos conduzem à compreensão do protagonismo da linguagem em tais relações.

A partir de Foucault (1996; 1999), o entendimento de que a verdade é efeito de constantes disputas por significação, nos diferentes domínios das formações discursivas e da história, consolida uma visada não-essencialista da linguagem também presente nos conceitos de *différance*, *citação e iterabilidade* de Jacques Derrida (1991; 1973), conforme debati. Esses domínios, articulados na argumentação de Butler sobre como se dá o processo de identificação na construção de nossas subjetividades sexo-generificadas, em nível macro e micros social, se materializam no conceito de performatividade o qual ganha vida e forma nas práticas sociais por meio da noção de performance. É nesse sentido que podemos afirmar que Butler opera uma radicalização na teoria performativa de Jhon Austin (1990), trazendo

contribuições fundamentais para a compreensão da linguagem, não apenas na produção de significados, mas de modo determinante na produção do corpo e das práticas de resistência.

Rerreferências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Portugal: Editorial Presença. Brasil: Martins Fontes: 1989.

ARAN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 129-147, janeiro-junho de 2007.

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARRETO, Victor. *Vamos fazer uma sacanagem gostosa?* Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2012.

BASTOS, Liliana; BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA* [online]. vol.31, n. spe, p. 97-126, 2015.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. *Voices of modernity: language ideologies and the politics of inequality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BAUMAN, Zigmund. *Vida para consumo*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BONFANTE, Gleiton. *Erótica dos Signos nos Aplicativos de Pegação*: processos multissemióticos em performances íntimo espetaculares de si. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

BORBA, Rodrigo. *(Des)aprendendo a “ser”*: trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas* – Vol. 9, n. 1 (jan./jun.), p. 91-107, 2015.

BRAZ, Camilo. *À meia-luz...: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge: New York, 1990.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'*. New York and London: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech. A politics of performative*. Routledge. New York & London, 1997.

Butler, Judith. *Mecanismos psíquicos del poder: Teorías sobre la sujeción*. 2 ed. Madrid, Ediciones Cátedra, 2010.

CAMARGO, Mabilia. "*Acuenda esse bajubá!*": indexicalidades e interseccionalidades nas performances narrativas de uma travesti quilombola. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

CAMARGO JUNIOR, Kenneth. Aids and aids according to the sciences. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, I p. 35-60, jul.-oct., 1994.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Campinas – SP: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

FABRÍCIO, Branca. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). *Por uma lingüística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.

FERREIRA, Maria. *Entre redes de discursos e de pesca: performances narrativas de mulheres pescadoras em Arraial do Cabo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª Edição, Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no College de France*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREUD, Sigmund. *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Sociedade e Cultura*, n.16, p. 395-403, 2013.

GAZPAR NETO, Verlan. *Na pegação: Encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2008.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GUIMARÃES, Thayse. *Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

GUIMARÃES, Thayse; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. *ALFA: revista de linguística* (unesp. impresso), vol. 61, p. 11-33, 2017.

LOXLEY, James. *Performativity*. Nova York: Routledge, 2007.

MARTINS, Helena. Três caminhos da Filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, vol. 3, p. 439-473.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativa em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, São Paulo, vol. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial: São Paulo, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideology in research methodology. In: Carol A. Chapelle. (Org.). *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. 1ed. Nova York: Wiley Blackwell, 2012, p. 223-224.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

NARVAZ, Martha; COLLER, Sílvia. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*; vol.18, p. 49-55; jan/abr. 2006.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 18, p. 117-143, 2002.

PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PÉREZ NAVARRO, Pablo. *Del texto al sexo: Judith Butler y la performatividad*. 1. ed. Madri: Egales, 2008.

PINTO, Joana. Performatividade Radical: ato de fala ou ato de corpo? *Gênero*. vol. 3, n.1, p. 101-110. 2sem. 2002.

PINTO, Joana. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, vol. 23, p. 1-26, 2007.

PINTO, Joana. O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala. *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), vol. 33, p. 117-138, 2009.

PINTO, Joana. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na linguística aplicada. *D.E.L.T.A.*, vol. 31, p. 199-221, Edição especial, 2015.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PRECIADO, Paul. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1, 2018.

SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as Ciências Sociais*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS FILHO, Ismar. *A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

SENA, José. Posicionamentos interacionais mobilizados na performance de gênero/sexualidades e soropositividade de um sujeito focal. In: I Simpósio de Gênero e Diversidade, Pelotas. *Debatendo Identidades*. Pelotas: UFPel, vol. 1. p. 577-598, 2016.

SENA, José. Apontamentos microanalíticos sobre a produção de subjetividades: entendimentos sobre sexualidades e HIV. In: FERRARI, A.; POLATO, Castro. (Org.). *Estudos sobre a diversidade Sexual e de Gênero: ABEH e a Construção de um Campo de Pesquisa*. 1ed. Campina Grande/PB: Realize Editora, 2017, p.1075-1082.

SENA, José. Entextualização, Indexicalidade e a Produção Discursiva do Cuidado à Saúde Sexual LGBTI+ no Interior da Amazônia Oriental. *RIBANCEIRA*, vol. 4, p. 04-19, 2018.

SENA, José. *Corpos Dissidentes e Biopolítica na Amazônia Atlântica: disputas metapragmáticas no cuidado em saúde*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Cássio. *Alvío Incontido: êxtase, desejo e sexualidade em uma feira livre*, Bragança-PA. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes) - Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2015.

SILVERSTEIN, Michael. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, John (Ed.). *Reflexive language, reported speech and metapragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, vol. 23, p.193-229, 2003.

SOUZA, Camilla. *Relações de gênero em Bacuriteua (PA): imaginário do homoerotismo masculino entre catadores de caranguejo*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes) - Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2013.

SOUZA, Tedson. *Fazer banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, UFBA, Salvador, 2012.

TREICHLER, Paula. AIDS, homophobia and biomedical discourse: an epidemic of signification. *Cultural Studies*, vol. 1, n. 3, p. 263-395, 1987.

VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

WORTHAM, Stam. *Narratives in action. A strategy for research and analysis*. Teachers College: Columbia University, 2001.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL NAS REDES SOCIAIS: PADRÕES DE BELEZA E DISCURSOS DE INFLUENCIADORES DIGITAIS

Marília Diógenes Moreira¹

RESUMO: Pretende-se investigar neste artigo a construção da imagem corporal nas redes sociais através da análise de discursos verbais presentes em postagens de blogueiras *fitness* no Instagram, que patrocinadas por diversas marcas, divulgam nesse espaço digital suas personalidades, estilos de vida e hábitos de consumo através de suas imagens corporais para milhares de pessoas em seus perfis. Para compreender tal dinâmica, foi realizada uma análise de discurso (AD) foucaultiana para investigar, através de práticas discursivas características das redes sociais, a supervalorização da aparência corporal na mídia e, conseqüentemente, na sociedade contemporânea, relacionando-a com hábitos de consumo atuais. Desse modo, as legendas das postagens selecionadas foram analisadas de acordo com a visão de corpo, disciplina e poder presentes em nossa sociedade. Verifica-se uma produção discursiva que define como é o corpo ideal, representado por uma forma física magra e jovem, e que dita o que deve ser feito para consegui-lo, resultando no disciplinamento corporal.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Corpo. Padrões de beleza. Redes sociais.

ABSTRACT: The aim of this article is to investigate the construction of body image on social networks through the analysis of verbal speeches present in fitness bloggers' posts on Instagram, which sponsored by several brands, divulge in this digital space their personalities, lifestyles and consumption habits through of their body images to thousands of people on their profiles. To understand such dynamics, a Foucauldian discourse analysis (DA) was accomplished to investigate, through discursive practices characteristic of social networks, the overvaluation of body appearance in the media and, consequently, in contemporary society, relating it to current consumption habits. In this way, the captions of the selected posts were analyzed according to the view of body, discipline and power presents in our society. There is a discursive production that defines how the ideal body looks like, represented by a thin and young physical form, and that dictates what must be done to achieve it, resulting in corporal discipline.

KEYWORDS: Beauty standards. Body. Discourse analysis. Social networks.

Introdução

Com as mudanças tecnológicas e sociais dos tempos contemporâneos, a relação dos sujeitos com seus corpos, conseqüentemente, também mudou. Em vez de discreto e mantido em segundo plano, passou-se a observar um corpo multifacetado, que ganhou destaque e tornou-se um dos tópicos mais discutidos e problematizados da atualidade. Toda essa atenção voltada para a forma física ocorre, principalmente, porque vivemos em uma sociedade marcada

¹ Mestranda pelo programa de pós-graduação em estudos da mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Natal, RN, Brasil. E-mail: madiogenes3@gmail.com.

pela ação da aparência, nomeada por Debord (1998) como a sociedade do espetáculo, na qual as representações imagéticas influenciam diretamente a construção dos sujeitos que a integram.

Nesse cenário, o corpo tornou-se alvo de discursos que o envolvem, transformando-o em um ideal a ser alcançado, um sonho a ser materializado por uma silhueta milimetricamente modelada. Destaca-se, nesse processo, o discurso midiático, que age mediante relações de poder de uma instituição de grande força política e econômica, e que tem seu valor cada vez mais significativo para nossa sociedade. Além disso, vale ressaltar que a mídia é tida como um veículo propagador de discursos vistos como verdadeiros, o que justifica, em parte, a razão de sua credibilidade, e o que a coloca entre os grupos que têm a capacidade de investir no discurso do aperfeiçoamento corporal.

As mídias sociais, particularmente, têm um papel muito importante nessa dinâmica, visto que na contemporaneidade, o surgimento das tecnologias digitais e das mídias sociais mudaram as formas pelas quais o conteúdo midiático é relatado, consumido e compartilhado, permitindo que a informação circule de forma intensa por diferentes meios na chamada cultura da convergência (JENKINS, 2011). Assim, os discursos midiáticos são propagados de uma maneira cada vez mais abundante, e seus ideais, por conseguinte, são disseminados na sociedade eficazmente, como é perceptível através do culto à perfeição corporal que hoje é seguido, defendido e perpetuado por tantos.

É a partir do discurso, portanto, que é disseminada a ideia responsável por relacionar o *status* do corpo a qualidades como beleza, saúde e vitalidade. Desse modo, como integrante crucial desse processo de divulgação da aparência ideal, as mídias sociais distribuem padrões a serem seguidos através das postagens de usuários, que quando populares, são conhecidos como influenciadores digitais, influenciando o público, como o próprio nome diz, ao contar suas próprias experiências e compartilhar suas rotinas com base na exibição de suas estruturas físicas.

No contexto dessa procura pelo autoaperfeiçoamento individual através da obtenção da aparência perfeita, estudaremos neste artigo a produção de sentido acerca do corpo por meio dos discursos midiáticos, em especial, os propagados por meio das redes sociais. Para tanto, será realizada uma análise de discurso (AD) foucaultiana de cinco postagens feitas por duas influenciadoras digitais do meio *fitness*, considerando dizeres que fazem emergir a questão da perfeição corporal atrelada à uma silhueta predeterminada. Portanto, tem-se como objetivo observar como ocorrem essas práticas discursivas para compreender a maneira que discursos midiáticos constroem a imagem corporal que conhecemos hoje. Assim, pretende-se incentivar

uma reflexão acerca de como as práticas discursivas midiáticas podem influenciar o modo pelo qual os sujeitos significam seus corpos para compreender como se exerce o poder da mídia sobre o corpo na contemporaneidade.

O corpo na era das redes sociais

Desde o fim dos anos 1960, conforme Le Breton (2012), surgiu um novo imaginário em torno da estrutura corporal que se desenvolveu e conquistou domínios de práticas e discursos até então inéditos, sendo assim, um verdadeiro território a ser explorado. Conforme o autor, o corpo agora é “lugar do combate desejado com o ambiente graças ao esforço (maratona, jogging etc.) ou à habilidade (a patinação); lugar privilegiado do bem-estar (a forma) ou do bem-parecer (as formas, fisiculturismo, cosmética, dietética etc.)” (LE BRETON, 2012, p. 239).

O corpo, portanto, entra como peça chave no processo de individualização e construção identitária, tornando-se instância de divulgação dos sujeitos e protagonizando regimes de visibilidade. Assim, ter um corpo passa a ser muito mais do que possuir uma estrutura física para viabilizar a vida, tornando-se base do desenvolvimento da subjetividade de cada um e permanecendo como uma espécie de fachada do ser humano para qual os holofotes da sociedade estão sempre direcionados.

Simultaneamente, as tecnologias digitais e as mídias sociais também mudaram, alterando as formas pelas quais o conteúdo midiático é consumido. Agora, a informação pode circular de forma intensa por diferentes canais, sistemas midiáticos e administrativos na chamada *cultura da convergência*, conceituada por Jenkins (2011) como um conjunto de mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam na sociedade. Assim, os conteúdos midiáticos unem-se, reconfigurando a relação entre as tecnologias e mercados, além de proporcionar um cruzamento entre mídias alternativas e de massa que é assistido por múltiplos suportes, resultando em um comportamento migratório do público que varia entre diversos canais em busca de novas experiências.

As mídias sociais, desse modo, ganharam um espaço maior do que o jamais esperado, e de simples ferramentas para relacionamento e engajamento social, cresceram e passaram a perpetuar-se como uma estratégia para conhecer e conquistar o público, visto que as mesmas representam um campo de interação onde os sujeitos podem expressar seus pensamentos sobre as marcas e seus bens de consumo para questionar os diversos processos que englobam a

produção e a promoção dos produtos e serviços finais, tornando-se, sobretudo, um canal de comunicação.

O novo processo comunicacional, portanto, está ligado ao conceito de cultura participativa formulado por Jenkins (2011), que por sua vez, caracteriza o comportamento do novo consumidor midiático contemporâneo, o qual está cada vez mais distante da condição receptor passivo. Da era dos meios de massa, passa-se para a era dos meios para todos, na qual qualquer pessoa pode transformar-se em mídia e criar audiência. O *Instagram*, criado em outubro de 2010, por exemplo, é a rede social online mais utilizada no mundo para compartilhar imagens e vídeos, e por este traço, torna-se ideal para prender a atenção do público. A plataforma ressignificou o uso das câmeras no celular e a tendência *mobile* no consumo, e atualmente possui mais de 1 bilhão de usuários ativos. Segundo dados fornecidos pelo Sebrae², são publicadas 95 milhões de fotos e vídeos todos os dias.

Portanto, as redes sociais, assim como outras plataformas midiáticas, classificam-se como meios diretos de propagação de discursos, que estrategicamente formulados, tendem a criar um vínculo com o público a fim de influenciá-lo para alcançar seus objetivos. A partir disso, novas estratégias de marketing e publicidade ganharam destaque, como por exemplo, o uso constante da imagem de “garotos e garotas propaganda”, visto que o conteúdo, quando transmitido por uma figura de credibilidade com a qual o consumidor se identifica por supostamente ter experiência com os objetos de consumo e por possuir grande alcance midiático, fortalece a relação com a marca, tornando-a mais notória.

Apesar de clássica, essa tática estabelece um vínculo entre a marca e o público, e agora mais democrática, possibilita a auto divulgação de pessoas que antes não tinham visibilidade diante dos meios de comunicação. Agora, em vez da exclusividade de pessoas famosas através da bênção da mídia tradicional, sujeitos com alto índice de popularidade nas mídias sociais destacam-se por divulgarem suas personalidades, estilos de vida e, por conseguinte, hábitos de consumo, o que atrai uma audiência composta por milhares – e até milhões – de seguidores.

Acompanhando essa nova dinâmica, alguns consumidores passaram a integrar uma categoria de produtores independentes, desenvolvendo uma pauta de conteúdo digital voltada para dicas relacionadas a práticas de consumo. Conhecidos como blogueiros ou influenciadores, alguns usuários de redes sociais dedicam seu espaço virtual para relatar experiências próprias com determinados produtos e serviços, que por sua vez, atingem

² Dados disponíveis em <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/al/artigos/10-dicas-para-promover-o-seu-negocio-no-instagram.e11da535c0597510VgnVCM1000004c00210aRCRD>> acesso em 06 de jan. de 2020.

diferentes públicos e acabam por disseminar tendências. Quanto mais seguidores os influenciadores acumulam, maior o alcance das postagens, e assim constrói-se um ciclo que faz da autoexibição uma profissão que consiste em divulgar marcas atrelando-as a diversos hábitos corriqueiros.

Esse excesso expositivo característico das mídias sociais é um fenômeno atual e leva a nomenclatura de “show do eu”, conforme os preceitos de Sibilia (2008). Nesse show, o personagem é também narrador, criando uma linguagem que deriva em narrativas específicas. Para a autora:

Os usos confessionais da internet parecem se enquadrar nessa definição: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O eu que fala e se mostra incansavelmente na web costuma ser um ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Além disso, porém, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do eu. Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual (SIBILIA, 2008, p. 31).

Nesse contexto, muitas blogueiras usam seus perfis como vitrines globais para diferentes empresas, que interessadas em aumentar seu público consumidor e, principalmente, em gerar potenciais clientes, divulgam seus produtos de uma maneira eficaz e relativamente mais econômica. Desse modo, é estabelecida uma relação de troca que aparentemente beneficia ambos os lados, e que resulta, em consequência do processo de divulgação que a envolve, em discursos midiáticos cada vez mais envolventes e persuasivos.

É válido ressaltar que tais discursos são potencializados na atualidade, pois como afirmam Rocha e Castro (2009), o consumo simbólico, em seus mais variados regimes semióticos, é mais significativo do que o próprio consumo resultante da aquisição de bens. Assim, o ato de consumir está presente em diversas ações cotidianas, pois podemos estar tanto “consumindo”, no sentido de uma experiência, quanto “construindo” uma determinada identidade por meio de produtos, como afirmam Barbosa e Campbell (2006). Para os autores, o consumo na sociedade contemporânea é processo social que diz respeito a múltiplas formas de suprimento de bens e serviços, além de ser um mecanismo social produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem específico.

Os sujeitos, por sua vez, tornam-se alvo de discursos, sendo assim, influenciados por estes, pois segundo Santaella (2008), são as representações midiáticas que têm o efeito mais significativo sobre as experiências do corpo, já que são responsáveis por levar o público a imaginar, diagramar e até fantasiar determinadas existências corporais a partir das formas de

sonhar e desejar que propõem. Isso ocorre, sobretudo, porque vivemos na “sociedade do espetáculo”, conceituada por Debord (1998). Guiada pela manipulação ideológica proveniente dos veículos de comunicação, a sociedade espetacular incentiva uma cultura de lazer e entretenimento em prol da alienação do público. Ademais, o espetáculo, como argumenta o autor, é responsável por inserir a mercadoria na vida social dos sujeitos, influenciando-os a imprimirem-se em sincronia com os discursos capitalistas.

Sob essas circunstâncias, a mídia cria desejos e reforça estereótipos, mantendo uma comunicação embasada em ideais predominantemente mercadológicos. Assim, a experiência corporal é confundida com a de consumo, e as representações sociais do corpo e de sua boa forma aparecem como elementos essenciais para manter a autoestima. Reforçando tal afirmação, recorre-se à fala de Hoff (2005) sobre a forma corporal e a era do consumo: “O corpo mensagem, como corpo da comunicação, mutila-se, modifica-se, transforma-se e estetiza-se para servir como aporte de mercadorias/produtos e de conceitos/ideias” (HOFF, 2005, p. 32).

Logo, dietas, práticas de atividades físicas, cirurgias plásticas, uso de cosméticos e muitas outras práticas de embelezamento e hipervalorização da construção corporal são disseminadas pela mídia, entrando em evidência. Neste panorama, mulheres são particularmente afetadas, visto que na cultura de consumo, a mulher é instruída a adequar-se ao padrão hegemônico de beleza estipulado pelos regimes de visibilidade. Conforme Fischler (2001), o fato de as mulheres serem mais influenciadas pelos padrões estéticos e de serem consideradas como objeto de consumo da juvenalização extrema é consequência, especialmente, da classificação do corpo feminino como um objeto sem sujeito, sem identidade e, portanto, adequado ao consumo.

Assim, a historicidade do corpo feminino o destaca como principal alvo dos discursos midiáticos relacionados à padronização corporal. Complementamos que para compreender as dinâmicas que circundam esse processo de imposição da modelização do corpo que atendem as determinações dos regimes de visibilidade contemporâneos, faz-se necessário investigar como esses discursos são construídos e destacar em quais ideais eles se respaldam, como será explicitado no tópico seguinte.

A ordem do discurso midiático nas redes sociais

Os discursos presentes nas redes sociais, assim como os propagados em outros meios de comunicação, tendem a determinar técnicas de composição do adorno da carne, como por

exemplo, estilos de andar, vestir e modelar o corpo de uma maneira sincronizada aos padrões estéticos presentes na sociedade, visto que, em dimensões digitais, cada perfil de rede social voltado para os temas “saúde” e “corpo” costuma ser composto por um exercício de regras imposto por uma linguagem unificada de culto à perfeição (SANTAELLA, 2008). Tal processo é potencializado, especialmente, em virtude do alto engajamento de participação que as redes sociais possibilitam, resultando na disseminação de formatos e de regras com relação à aparência corporal ainda mais nítidos do que nas mídias chamadas “analógicas”. Além disso, o uso indiscriminado das mídias sociais “possibilitou a transformação da opinião em critério de legitimidade a partir do momento em que tornou possível a livre produção de conteúdo e potencializou a aproximação das pessoas” (OTHON; COELHO, 2016, p. 438), o que fortalece ainda mais sua popularidade entre os usuários e reforça o potencial dos discursos que a compõem.

A influência que os discursos midiáticos exercem sobre o público ao divulgar um padrão corporal a ser seguido é tão intensa que muitas vezes gera insatisfações relacionadas às formas físicas de quem não atende essas determinações. Um estudo psiquiátrico realizado por Lira et. al (2017) fala justamente sobre essa intervenção, e conclui que a nova cultura midiática reforça o narcisismo e os padrões de beleza vigentes na sociedade. Conforme os autores, a imagem corporal (IC) pode ser definida como a representação do corpo construída em nossa mente, além dos sentimentos, pensamentos e ações relacionadas aos aspectos corporais. Ainda, a pesquisa afirma que a internalização do padrão do corpo “ideal”, ou seja, a incorporação do valor ao ponto de modificar as atitudes e comportamentos pessoais, é um dos grandes responsáveis pela insatisfação dos sujeitos com suas formas físicas. A pesquisa também argumenta que questões relacionadas à imagem corporal são, sobretudo, influenciadas por diversos fatores, e três deles têm maior importância: os pais, os amigos e a mídia. Esta última, segundo o estudo, é a mais pervasiva das influências.

Desse modo, considerando toda a influência que os discursos midiáticos possuem sobre a sociedade contemporânea, em especial, os incorporados pelas redes sociais, é possível compreender o questionamento de Foucault (2014a): “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2014a, p. 8). Apesar de proferidas em 1970, na aula inaugural do *Collège de France*, as palavras de Michel Foucault em *A ordem do discurso* podem ser aplicadas à atualidade diante do contexto aqui retratado. Afinal, o que há de tão perigoso nos

discursos midiáticos que são infinitamente propagados em diversas plataformas e atingem uma audiência avassaladora?

Para enriquecer a reflexão, destacamos os dizeres de Foucault (2014a) sobre a relação do discurso com o exercício do poder presente em nossa sociedade. Segundo os preceitos do filósofo, a produção dos discursos “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014a, p. 8-9). Ou seja, pode-se considerar que o discurso é caracterizado pelo controle e pela delimitação, sendo assim, permeado por processos de exclusão, dentre eles, a interdição, que segundo o autor, consiste no fato de que não se pode dizer tudo em qualquer circunstância, e que não é qualquer pessoa que tem o direito de falar o que quiser.

O discurso, por conseguinte, não é neutro, além de ser envolvido por relações de desejo e poder. Entretanto, Foucault (2014a) afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014a, p. 10). Logo, pode-se considerar que quem detém o poder do discurso, estando ocasionalmente dispensado dos processos de delimitação discursiva, é privilegiado pelo mesmo ser tanto objeto de poder quanto algo atravessado por disputas de poder.

Outro ponto importante que o autor destaca é a construção da verdade por meio de relações de controle, sendo produzida em consequência de múltiplas coerções e gerando, desse modo, efeitos regulamentados de poder. Foucault (2019) ainda assegura que a verdade é, sobretudo, centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem, sendo originada sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos, como por exemplo, os meios de comunicação.

Portanto, como um veículo propagador de discursos vistos como verdadeiros, a mídia possui uma certa credibilidade com relação aos dizeres por ela formulados e disseminados, possuindo autoridade sobre determinados assuntos e cumprindo, assim, seu papel político-econômico. Logo, dentre os grupos que têm a capacidade de investir no discurso do aperfeiçoamento corporal, destaca-se a mídia, pois esta, como argumenta Fischer (2001), é detentora de discursos que tracejam, situam, opinam e estimulam determinadas formas de existência coletiva e individual.

Colocadas tais premissas, faz-se necessário estudar como os discursos midiáticos constroem e sustentam o ideal de perfeição corporal que temos hoje, visto que o regime de

visibilidade a que o corpo está submetido na atualidade é associado a crescente produção de narrativas sobre ele. Portanto, serão analisadas neste trabalho as estratégias discursivas adotadas pela mídia quanto às práticas que o corpo deve se submeter, considerando que essas verdades são construídas culturalmente e nos classificam como sujeitos. Assim, tem-se como objetivo averiguar como são articulados os discursos midiáticos das redes sociais relacionados à aparência corporal para compreender como o corpo é construído socialmente por intermédio deles.

Para tanto, será realizada uma análise de discurso (AD) foucaultiana das legendas de cinco postagens feitas por duas blogueiras do meio *fitness*, Aricia Silva (@ariciasilva) e Bella Falconi (@bellafalconi), em seus próprios *feeds* na rede social Instagram. As publicações selecionadas, duas da primeira influenciadora e quatro da última, relacionam a imagem corporal a práticas de consumo. Desse modo, o critério de seleção utilizado priorizou a presença de discursos sobre o corpo, em especial, que sugerem como deve ser o corpo ideal e ditam o que deve ser feito para alcançá-lo. Sobre a análise, especificamente, será considerada a noção de Foucault (2014a) que elucida a produção do discurso como caracterizada por uma origem advinda de relações de poder instituídas em nossa sociedade. Por conseguinte, os discursos que integram o *corpus* deste trabalho serão analisados levando em conta o exercício de controle que os circundam.

Além disso, é importante ressaltar que a escolha das blogueiras teve como base o conteúdo que é postado por elas diariamente e a quantidade de seguidores que seus perfis possuem, levando em conta que a insistência da exibição corporal produz certos sentidos. Foram eleitas, desse modo, personalidades que mantêm seus conteúdos direcionados para o incentivo da prática de exercícios, para o consumo de produtos naturais ou dietéticos e para a exibição repetitiva da forma física.

Os perfis selecionados, portanto, além de terem alto alcance em consequência da grande quantidade de seguidores e interações por postagem, possuem uma pauta de conteúdo voltada para a obtenção e preservação de uma aparência que vai de encontro aos preceitos pregados pela mídia. Aricia Silva, por exemplo, é modelo e iniciou a carreira vencendo concursos de beleza. O auge de sua carreira foi marcado pela participação no programa *A fazenda*, da TV Record. Ainda, foi dançarina, apresentadora, modelo, e exerceu outras profissões que sobrevivem, sobretudo, da exposição corporal. Atualmente, destaca-se como influenciadora digital, tornando-se um fenômeno no Instagram, e com uma média diária de duas a três

postagens em seu *feed*, e mais de dez nos *stories*, acumula mais de 2 milhões de seguidores na rede.

A trajetória de Bella Falconi, assim como a de Aricia Silva, é representada pela exibição de sua estrutura física. A influenciadora já é referência na produção de conteúdo para o ramo da saudabilidade, postando frequentemente imagens de sua rigorosa e versátil rotina de exercícios físicos, de sua regrada alimentação hiper saudável, e de diversos outros procedimentos tidos como essenciais para a obtenção do corpo ideal. Dessa maneira, com mais de 4 milhões de seguidores no Instagram, Falconi faz em média cinco postagens por dia em seu *feed*, além de mais de vinte vídeos e/ou imagens também publicados por ela na seção *stories*.

Ainda sobre o *corpus* selecionado, ressalta-se que inicialmente as postagens a serem analisadas eram de autoria das figuras públicas Carol Buffara e Gabriela Pugliesi, visto que estas também propagavam discursos envolta da consagração de um corpo modelado através das redes sociais, entretanto, ambas desativaram seus perfis no Instagram, sendo assim, inviável para esta pesquisa, pois desejamos considerar personalidades que continuam exercendo influência digitalmente sobre o público.

O corpo modelado: a forma física ideal exaltada pela mídia

É certo que a mídia, em suas diversas fruições, exerce uma grande influência na vida dos sujeitos contemporâneos, interferindo diretamente na construção da subjetividade e, conseqüentemente, nas representações corporais que temos hoje. Nesse contexto, Santaella (2008) argumenta que na contemporaneidade as imagens da subjetividade são descentradas e instáveis, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, produzem uma ideia unificada do “eu”. Isso ocorre, sobretudo, porque as práticas regulatórias das instituições sociais governam os sujeitos de maneira ininterrupta, o que potencializa a influência midiática. Santaella (2008) ainda defende que “não parece haver outro caminho para a grande maioria dos seres humanos senão se reconhecer, se relacionar consigo mesmos e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias, e os pressupostos em que se sustentam” (SANTAELLA, 2008, p. 125).

Portanto, o corpo é construído social e culturalmente sob a interferência direta da sociedade que predetermina condições para sua adequação ao que é esteticamente atraente. Com isso, segundo os pressupostos de Le Breton (2007), surgem cada vez mais formas de moldá-lo física, estética, cirurgicamente, com o intuito de garantir a adequação ao padrão imposto e tido como exemplar.

Pode-se afirmar, então, que as mídias dão suporte às subjetividades, criando assim imagens com relação ao corpo que o reduzem a silhuetas e traços muito específicos que resultam na imposição de um modelo corporal ideal a ser seguido. Mas como é, afinal, esse corpo dos sonhos? Como é essa aparência aspirada por tantos? Destacamos aqui alguns trechos de discursos propagados por influenciadoras digitais do ramo da saudabilidade que podem nos trazer essa resposta.

Aricia Silva, por exemplo, tem um *feed* no Instagram composto por várias postagens, entre elas, fotos e vídeos que trazem, em sua grande maioria, a imagem de um corpo magro, sarado e livre de gorduras. As celulites, por exemplo, são marcas claras do excesso de gordura localizada e que, portanto, devem ser insistentemente combatidas. Para a influenciadora, “mandar a celulite embora é um desafio pra muitas mulheres principalmente nessa época do ano. O verão vai passando, o carnaval vem aí e muitas entram em pânico”³. Na postagem, que é apresentada imgeticamente por uma fotografia da autora de biquíni exibindo uma barriga super sarada, Aricia ressalta que livrar-se das celulites é desafiador, especialmente no verão, época em que as palavras foram publicadas. No caso, a estação do ano é um agravante na busca pelo corpo perfeito, visto que durante seus três meses de duração a exposição corporal é ainda maior por sugerir, devido às altas temperaturas, o uso de trajes de banho que tendem a aumentar os olhares envolta da aparência.

Na mesma publicação, a influenciadora, cumprindo seu papel de “garota propaganda”, oferece um método aparentemente milagroso relacionado à uma marca específica, e que supostamente pode resolver o problema de quem deseja acabar com as gorduras acumuladas: “Para ajudar essas mulheres que acham que o efeito ‘casca de laranja’ não tem solução, o *Cellulit Free* criou um ebook com um método rápido para acabar com a celulite antes do carnaval”. Se antes era impossível ter um corpo modelado e sem gorduras, agora tem-se a solução para moldá-lo, mais uma vez, para uma época do ano em que as curvas corporais agregam ainda mais à imagem do sujeito: o carnaval. Assim, subentende-se que as celulites devem ser exterminadas, visto que elas não fazem parte da idealização de corpo que é socialmente e midiaticamente determinada.

Em outra postagem da mesma influenciadora, é possível observar um outro fator relacionado à perfeição corporal para mulheres: uma pele livre de pelos. Acompanhada de uma fotografia da autora vestida por um biquíni com um dos braços levantados, exibindo uma axila

³ Postagem retirada do Instagram @ariciasilva. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/B74YNIQJbyc/>> acesso em 2 de maio de 2020.

sem pelos e marcas, a legenda que a descreve é iniciada pela sentença “Oi suvaco branco da mamãe”⁴, o que indica que a blogueira mantém uma relação de afeto com o seu corpo e, de certo modo, se orgulha dele. Dessa maneira, subentende-se que o corpo a ser alcançado, além de magro e sarado, tem que estar com a depilação em dia.

Ainda na postagem, ela continua: “o carnaval acabou e a meta agora é manter esse corpo o ano todo. Mesmo com uma vida agitada e meio doida... Não é uma tarefa nada fácil né?! Mas vamos com fé”. Novamente o carnaval é citado como uma motivação para se ter e manter um corpo modelado que nem o dela, afinal, quanto maior a exibição, maior a necessidade de estar em acordo com os padrões de beleza, que neste caso, são exemplificados pela imagem da influenciadora na fotografia que acompanha o discurso verbal da legenda. Entretanto, também é perceptível através da fala de Aricia Silva que a forma corporal precisa estar nos conformes para além deste período, entrando nos moldes determinados durante o ano todo, como ela mesma afirma por meio de suas palavras. Por fim, ela encerra sua fala indicando a venda de um produto, que seria um guia, formulado por um outro influenciador do ramo da saudabilidade, que traz orientações nutricionais e treinos que podem ser feitos em casa para assistir o processo de emagrecimento que repetidamente é tido como obrigatório.

É possível observar que a beleza é imposta como uma obrigação, principalmente para as mulheres. Assim, para auxiliar em sua conquista, o mercado oferece diversos produtos, que divulgados por personalidades donas de um grande alcance nas mídias, são colocados nas rotinas dos sujeitos. Diante desse cenário, é importante evidenciar as relações de poder as quais o corpo está submerso. Percebe-se, então, que o exercício do poder responde por meio de uma exploração econômica da beleza, propondo suplementos dietéticos, cosméticos, cirurgias plásticas, procedimentos estéticos e outros inúmeros produtos e serviços voltados para a manutenção de uma forma corporal modelada. Desse modo, “encontramos um novo investimento que não tem mais forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: fique nu, mas seja magro, bonito e bronzeado” (FOUCAULT, 2019, p. 236).

Para finalizar esta parte da análise, trazemos uma postagem da influenciadora Bella Falconi que acentua mais uma característica agregada ao ideal de perfeição corporal: a juventude. Ao aparecer ao lado de seu marido, ambos com trajes esportivos posando em uma academia, a influenciadora exhibe seu corpo sarado, musculoso e cheio de curvas, relacionando sua aparência à uma vida saudável, juntamente com a seguinte legenda: “Ele 40, eu 34! Aquela

⁴ Postagem retirada do Instagram @ariciasilva. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Bu-QnJnASGu/>> acesso em 2 de maio de 2020.

história de que ‘não dá mais tempo de ser saudável’ é uma balela. Nunca é tarde para (re)começar. Um dia sendo saudável é, também, menos um dia de degradação ao corpo. Desejo do fundo do meu coração ter 80 anos e ainda ser fit”⁵. De acordo com sua fala, é perceptível que Falconi retrata a juventude como sinônimo de saúde e vitalidade, dando a entender, portanto, que o envelhecer é um processo negativo, estando relacionado à degradação, como ela mesma enfatiza.

Embora tenha um tom otimista, a mensagem deixada pela blogueira reforça os ideais propostos pelos discursos midiáticos característicos do período contemporâneo, que propagam a disseminação de um padrão incontestável, determinando o corpo jovem como um sonho a ser alcançado e perpetuado. Desse modo, imprime-se a ideia de que “quase nada se aprimora ao envelhecer” (SIBILIA, 2012, p. 92). Além disso, ao mesmo tempo que ela indica a obtenção do corpo ideal para manter-se saudável, são perceptíveis em sua fala ideais que privilegiam a estética como ponto de partida para atingir a satisfação consigo mesma.

Portanto, a falta de diversidade, quando se trata da aparência corporal, é uma das principais características da exibição midiática aqui retratada, de maneira que somente um modelo padrão é exaltado como belo. Tal modelo, como os discursos presentes nesta análise revelam, é ilustrado por uma forma física magra, sarada, livre de pelos e, sobretudo, jovem. Assim, o corpo é reduzido a uma estética que o limita, inibindo assim, modos de ser que não se encaixem nessa perspectiva.

O corpo disciplinado: regras e métodos para adquirir a forma física dos sonhos

Sob a luz dos conceitos de Foucault (2014b), o corpo é considerado como objeto de controle e poder. De acordo com o filósofo, a partir da Época Clássica, período histórico referente ao fim do Renascimento até a época da Revolução Francesa, em 1789, o corpo torna-se alvo de atenção, podendo ser manipulado e modelado para obedecer e responder a certas instituições de poder. É, portanto, a partir da Modernidade, período que sucede a Época Clássica, que se tem o corpo útil e inteligível, e por conseguinte, analisável e manipulável, dando origem à noção de “docilidade” atrelada aos corpos.

Para Foucault (2014b), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014b, p. 134). Ou seja,

⁵ Postagem retirada do Instagram @bellafalconi. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/B0Y7YpkF1o3/>> acesso em 2 de maio de 2020.

corpos dóceis são considerados como maleáveis e moldáveis. É válido destacar que esta docilidade não está necessariamente ligada à obediência, pois não se trata, neste caso, de uma modelagem imposta, feita à força, pois o poder disciplinar influencia os sujeitos também no campo dos saberes, o que resulta em formas particulares de ser. As disciplinas, conforme o mesmo autor, são métodos que permitem o controle minucioso da constituição física, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade. Desse modo, o corpo disciplinado é tanto obediente quanto útil, atendendo estrategicamente às demandas de produção impostas pelo capitalismo ao fabricar o sujeito ideal para executar tarefas com técnicas que oferecem eficiência e economia.

O corpo é, portanto, fruto das relações de poder instituídas na sociedade capitalista, visto que, conforme as teorizações foucaultianas, é incoerente a ideia de um corpo social constituído somente pela universalidade das vontades. Como afirma Foucault (2019) “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2019, p. 235). Entretanto, apesar dessa ação do poder sobre os corpos humanos, é apenas a partir de seu exercício que o domínio e a consciência do próprio corpo foram adquiridos, de modo que

[...] a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo no corpo... tudo isso conduz ao desejo do próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 2019, p. 235).

Emerge, dessa maneira, uma genealogia de condições impostas por um controle sobre a vida, ressaltando, ao mesmo tempo, um controle dos sujeitos pelo Estado e uma promoção do cuidado do sujeito consigo mesmo.

Em consonância com a ideia de corpo proposta por Foucault (2019), surge a preocupação com a beleza, que foi ganhando força principalmente no decorrer do século XX. Conforme Castro (2003), é a partir desse período que surge a tendência à supervalorização da aparência, o que de acordo com a autora, leva os sujeitos a uma busca interminável pela forma e volume corporais perfeitos.

Na medida que a ação da aparência se torna predominante, o sujeito é colocado sob o olhar apreciativo do outro de forma constante. Como designa Le Breton (2007), esse processo que evidencia do corpo estabelece a formação de estereótipos responsáveis por dividir e situar os sujeitos em categorias sociais e morais de acordo com aspectos baseados nas formas corporais, nas vestimentas e nas diversas maneiras de representar-se diante da sociedade. Logo, subentende-se que há a exaltação de um corpo que investe na beleza e que tem uma aparência

sincronizada com os dizeres midiáticos, ao mesmo tempo que existe uma negação a quem insiste em não os seguir.

É nesse contexto que emerge a cultura do narcisismo, que ao encontrar no culto ao corpo sua melhor forma de expressão, torna-se uma modalidade identitária predominante. O culto ao corpo define-se, portanto, como “um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica seu modelamento a fim de aproximá-lo o mais possível do padrão de beleza estabelecido” (CASTRO, 2003, p. 15).

Conseqüentemente, como defende Castro (2003), a mídia entra como um ponto chave nesse processo, sendo um dos principais meios de difusão e capitalização do culto ao corpo como tendência comportamental. Por isso, a relevância da aparência para a construção do ser na contemporaneidade está intrinsecamente ligada ao fato de que a sociedade contemporânea é guiada pelos ideais propagados pelos discursos midiáticos, caracterizados, principalmente, por incentivar uma cultura de lazer e entretenimento para influenciar o público. Desse modo, a mercadoria é inserida na vida social dos sujeitos, incentivando-os a imprimirem-se em sincronia com tais discursos.

O corpo do sujeito é, desse modo, incansavelmente permeado por discursos responsáveis por criar narrativas que impõem o que deve ser feito para alcançar o corpo ideal. Assim, selecionamos como exemplo uma postagem⁶ do *Instagram* feita pela blogueira Bella Falconi, que traz ditos escritos acompanhados de uma fotografia que exhibe a silhueta da blogueira vestida com roupas esportivas, desvendando um corpo magro, sarado e conivente a todos os padrões relacionados à aparência corporal, dando a entender que sua forma é uma meta a ser alcançada, pois Falconi introduz sua fala com o seguinte questionamento: “O que te faz acordar todos os dias e correr atrás das suas metas?”. É possível perceber, pelo texto presente na postagem, a importância dada pela *influencer* à aparência corporal, visto que o discurso impresso na legenda retrata o corpo como elemento essencial para vida, e que por isso, todos têm a obrigação de cuidá-lo e preservá-lo, pois como ela mesma afirma, ganhamos “um corpo de presente um corpo para enfrentar essa vida e você precisa cuidar dele, senão ninguém irá fazer por você”. Quem não cumpre essa obrigação, por sua vez, está destinado à derrota, pois segundo suas próprias palavras: “Quando não endossamos nossas metas e planejamos os meios para chegarmos até elas, estamos fadados ao fracasso.”

⁶ Postagem retirada do Instagram @bellafalconi. Disponível em https://www.instagram.com/p/BOWGodPF_Oe/ acesso em 2 de maio de 2020.

Ainda sobre o conteúdo explícito na mesma postagem, destaca-se a tentativa de tecer uma mensagem positiva e favorável ao receptor por parte da autora, entretanto, por pregar a obrigatoriedade de uma rotina saudável, evidencia traços do poder disciplinar, pois é através dele que estabelecem-se regras que estão atreladas ao cuidado de si e que são consequência de uma coerção exercida pelas disciplinas. No fragmento “a mesma disciplina que você usa para criar desculpas e diminuir sua capacidade, é aquela que você poderia usar para construir seus argumentos favoráveis ao seu progresso e os esforços pertinentes a ele”, por exemplo, a questão disciplinar é claramente destacada, visto que conforme seus próprios dizeres, a blogueira considera o disciplinamento essencial, porque é a partir dele que é possível fazer esforços para alcançar metas.

Pode-se relacionar os ditos desta postagem com os de outra, realizada pela mesma influenciadora, composta por uma fotografia, mais uma vez, que exhibe seu corpo magro e sarado em trajes esportivos. As palavras de Bella Falconi relatam que “A vida fitness é assim, se a gente bobear, perde o ritmo. Mas que bom que tem sempre o dia seguinte e a nova oportunidade pra recomeçar”⁷. Dessarte, esse insistente discurso também ilustra uma relação disciplinar com a vida *fitness*, visto que o ato de “bobear”, ou seja, de relaxar e suavizar a rotina, são relacionados por ela à perda de ritmo, que por sua vez, é consequência da falta da organização e sistematização de atividades características da disciplina, visto que para Foucault (2014b), a mesma é responsável por atribuir aos sujeitos um estilo de vida modelado e repleto de regras.

Assim, matem-se uma relação que determina que os corpos precisam ser e continuar sendo úteis para a sociedade, cumprindo o seu papel dócil no seio de regras coletivas. Sob as teorizações de Foucault (2014b), é possível observar, também, que nesse caso o controle não tem como objetivo cuidar do corpo em massa, mas de trabalhá-lo detalhadamente, de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de modo que há um controle ininterrupto, constante, em forma de exercício e que vela sobre os processos da atividade. Portanto, o poder na sociedade disciplinar age sobre o corpo individualizado, modelando-o para que se cumpra uma série de ações determinadas.

Ao considerar que a imagem que acompanha o discurso verbal traz o corpo feminino em roupas esportivas dentro de uma academia, pode-se destacar que, no caso, o exercício físico é apontado como essencial para a busca do corpo ideal, ou seja, é um grande aliado das metas

⁷ Postagem retirada do Instagram @bellafalconi. Postagem completa disponível em <https://www.instagram.com/p/B9DE_MjJSU9/> acesso em 2 de maio de 2020.

que ela sugere que devem ser estipuladas. Isso remete à disciplina relacionada às práticas esportivas por possuir regras rígidas, além de técnicas e estratégias bem definidas. Esse tipo de disciplina atrelada aos exercícios cria um efeito de visão energética do corpo, construindo um campo de força que acolhe corpos fortes e musculosos, no auge da juventude.

Dessa maneira, fica evidente, mais uma vez, um discurso que exalta modelos disciplinares pelo fato de que a disciplina é considerada como indispensável para obter o corpo dos sonhos, afinal, para manter uma aparência magra é necessário estabelecer uma rotina baseada em dietas e exercícios físicos rigorosos. As metas, como destaca Bella Falconi, devem ser traçadas e seguidas fielmente para obter o tão sonhado corpo ideal: um corpo magro, modelado e completamente livre de gorduras. Isso remete, insistentemente, ao pensamento foucaultiano que traz os seguintes dizeres: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2014b, p. 134).

Ademais, é importante explicar que a didatização e a sistematização das práticas para a execução do cuidado com o corpo, observada na fala da blogueira, como no fragmento “Desperte. Viva. Se cuide! Não importa a frequência e a intensidade dos primeiros passos, desde que você dê os primeiros passos”, por exemplo, opera através de uma série de práticas discursivas que são produzidas como jogos de verdade. Entre essas práticas, como mencionamos anteriormente no terceiro tópico deste artigo, destaca-se a produção discursiva em seu perfil no *Instagram* construída envolta de sua credibilidade como bacharel e mestre em nutrição, visto que, para Foucault (2019) a verdade é centrada na forma do discurso científico.

Portanto, a partir desta análise é possível observar como o discurso relacionado à forma corporal prega veemente a obtenção de corpo magro como uma obrigação, especialmente em discursos propagados nas redes sociais. É importante que se perca peso, sempre seguindo regras e determinações através de um modelo disciplinar. Dessa maneira, para conseguir o corpo dos sonhos, subentende-se que é essencial disciplinar-se e submeter-se a um comportamento preestabelecido que inclui um estilo de vida calculado e controlado por regras.

Considerações finais

As reflexões aqui propostas destacam que os dizeres midiáticos contemporâneos, por serem ancorados em discursos de verdade, são potencializadores da supervalorização da aparência corporal, que por sua vez, é caracterizada por curvas que compõem uma silhueta magra e modelada. Para tanto, esses dizeres propagados pela mídia, em especial, por meio das

redes sociais, ditam como é o corpo ideal, representado pela magreza e pela juventude, além de mostrar os direcionamentos para o público alcançá-lo, o que está diretamente associado à diversas práticas disciplinares, como por exemplo, a definição de uma rotina de exercícios físicos regrados e rigorosos.

Por conseguinte, a atuação da mídia acaba por popularizar maneiras de se atingir o “corpo ideal”, produzindo sentidos através de discursos que incitam a busca da beleza como uma obrigação constante, principalmente para as mulheres. Há, então, um padrão consolidado, que determina o físico forte, belo e jovem como um sonho a ser alcançado e perpetuado. Ou seja, a partir dessa perspectiva, o corpo atinge seu valor máximo durante a juventude por ser dominado por uma estética que prioriza uma forma física perfeitamente definida.

Portanto, é importante observar a intensidade dos efeitos que esses discursos proporcionam em nossa sociedade, especialmente para o público feminino, visto que os padrões corporais midiáticos, por determinarem certos modelos de ser, acabam por inibir outros. Assim, subjetividades que perpassam a construção do eu são intercedidas, enquadrando os sujeitos considerados como belos em um único modelo.

Por fim, cabe a nós refletir sobre a conjuntura política e social na qual estamos inseridos, sobre o poder que as produções discursivas midiáticas exercem sobre os sujeitos, sobre como seria o corpo ideal se não fosse a interferência que os meios de comunicação promove na sociedade, e até mesmo, se de fato esses padrões existiriam.

Referências

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTRO, A. L. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise de discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, v. 1, n. 11, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

FISCHLER, C. *L'Homnivore*. Paris: Odile Jacob Poches, 2001.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 2014a.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz e Terra, 2019.

HOFF, T. M. C. O corpo imaginado na publicidade. In: *Cadernos de Pesquisa ESPM*. São Paulo: ESPM, v. 1, n. 1, p. 9-64, mai./jun. 2005.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph, 2011.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIRA, A. G. et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. São Paulo, p. 164-171. set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v66n3/0047-2085-jbpsiq-66-3-0164.pdf>. Acesso em: 6 maio de 2020.

OTHON, R.; COELHO, M. A influência do self reality show online na apropriação de práticas de alimentação saudável no Instagram. *Razón y Palabra*, Monterrey, v. 20, n. 3, p. 425-442, jul. 2016. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/715>. Acesso em: 6 maio 2020.

ROCHA, R.; CASTRO, G. Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno. *Logos: Tecnologias de Comunicação e Subjetividade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 16, p.48-59, abr. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361/32>. Acesso em: 24 abr. 2015.

SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: Sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2008.

SIBILIA, P. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 9, n. 26, p.83-114, nov. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 24 abr. 2015.

O CORPO QUE FALA: MORALIDADE, NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIA

Mayara Oliveira Nogueira¹

RESUMO: A relação entre práticas narrativas e agência/resistência é o foco central deste artigo, que se fundamenta sobre as bases teórico-epistemológicas da Análise da Narrativa em paralelo à Análise Crítica do Discurso. Lançamos nosso olhar sobre narrativas orais de experiências vicárias em um contexto muito particular: uma mesa de almoço entre colegas de trabalho que atuam como advogados em território periférico, com o objetivo de observar o lugar do corpo em práticas linguísticas cotidianas nas quais micropolíticas de resistência são estabelecidas. Para tanto, sustentamo-nos nas concepções performativa de narrativa e identidade (AUSTIN, [1962] 1990; BAUMAN, 1986; MISHLER, 2002; RIESSMAN, 2008; BASTOS, 2008; BUTLER, [1990] 2015), bem como nos estudos sobre as relações entre narrativas, corpo e identidade (PINTO, 2007). Pretendemos, assim, demonstrar que os estudos linguísticos que lidam com a articulação entre narrativas, corpo e identidade devem levar em conta a relação inevitável entre corpos e contextos, ocupando-se de suas inscrições situadas em um *aqui* e *agora* e de suas emergências em práticas interacionais cotidianas, evidenciando marcas de gênero e de classe.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Agência. Corpo. Micropolítica.

ABSTRACT: A relationship between narrative practices and agency / resistance is the central focus of this article, which is based on the theoretical and epistemological bases of Parallel Narrative Analysis to Critical Discourse Analysis. We take a look at oral narratives of vicious experiences in a very particular context: a lunch table between co-workers who act as lawyers in peripheral territory, with the aim of observing the place of the body in everyday linguistic practices in which resistance micropolitics are included. To do so, we rely on the performance concepts of narrative and identity (AUSTIN, [1962] 1990; BAUMAN, 1986; MISHLER, 2002; RIESSMAN, 2008; BASTOS, 2008; BUTLER, [1990] 2015), as well as studies on relations between narratives, body and identity (PINTO, 2007). We intend, therefore, to demonstrate that linguistic studies that deal with an articulation between narratives, body and identity must take into account an inevitable relationship between bodies and contexts, occupying them with their inscriptions located here and now and their emergencies in everyday interactional practices, evidence of gender and class marks.

KEYWORDS: Narrative. Agency. Body. Micropolitics.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2018), com bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (2013), com bolsa pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Possui graduação em Direito pela Universidade Vila Velha (2011) e em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011). E-mail: nogueiradv@hotmail.com.

Introdução

Tudo é organizado para ser assim, isso é o que é chamado de cultura.
(Jaques Derrida)

De que maneira a vida social constrói ou restringe possibilidades de identidades e identificações nas narrativas construídas em nosso cotidiano? Quais repercussões identitárias as narrativas vicárias de experiência de marginalidade (re)produzem? Essas são algumas das indagações pelas quais incorreremos ao longo deste trabalho, que traz a noção de *performance* identitário-discursiva como um de seus pilares teórico-conceitual.

A noção teórica de corpo enquanto *performance* (BUTLER, [1990] 2015; FABRÍCIO; PINTO, 2013) embasará toda a reflexão construída ao longo deste estudo e será a base de todo o trabalho analítico empreendido nos dados, cujo critério de escolha, para os fins que nos propomos, foi a recorrência de elementos narrativo-interacionais que indicializassem corpo e ordem moral.

Investigamos aqui – articulando linguagem, identidade, exclusão, inclusão, resistência e agenciamento – *ações* linguísticas em um contexto interacional extremamente fértil quando considerados os estudos de fala-em-interação: uma mesa de almoço entre colegas de trabalho. Trata-se de um grupo de advogados que militam em escritório localizado na Faixa de Gaza capixaba, região dominada pelo tráfico de drogas, cujas matérias de Direito por eles tratadas são relacionadas ao Direito do Trabalho e ao Direito Previdenciário. Assim, os temas que levam a comunidade a buscar por esse escritório corresponde em grande parte à doenças ocupacionais, acidentes de trabalho, invalidez resultante de relação trabalho, auxílios por incapacidade, dentre outros. Nesse sentido, o *corpo* desse sujeito marginalizado e as violências a ele submetidas são o centro sobre o qual recai uma série de discussões entre colegas de trabalho. Cabe destacar, por oportuno, que a autora deste artigo é uma das advogadas do escritório e, portanto, *insider* ao contexto e grupo investigados, razão pela qual esse estudo é de cunho autoetnográfico (DENZIN, 1986; REED-DANAHAY 1997; ELLIS, BOCHNER, 2000; VERSIANI, 2005).

Quando dizemos que se trata de um contexto de investigação produtivo isso se dá por uma série de fatores, dentre os quais o fato de ser uma situação de fala espontânea que, embora não seja uma situação tipicamente institucional, *práticas* institucionais são operadas. Aliás, mais do que isso, nos dados analisados observamos um tipo de *fazer* e de *saber fazer* muito peculiar: a construção de identidades, os compartilhamentos de experiências pessoais e profissionais, o estabelecimento de uma ordem moral coletiva e de uma identidade de grupo

erigida em conarrativa enquanto se executa uma atividade rotineira: alimentar-se. Isso nos leva a um ponto muito importante, que é o fato de que a todo momento estamos produzindo práticas de significação entre sujeitos envolvidos em tarefas complexas ou corriqueiras.

Justifica-se, portanto, o presente estudo na medida em que o enfoque narrativo-interacional empregado para a análise dos dados evidencia estratégias discursivas mais amplas, como a construção colaborativa de uma identidade comum. Nessa perspectiva, simples conversas que se dão enquanto desenvolvemos atividades corriqueiras (no caso: almoçar) ratificam estruturas sociais mais profundas que são observadas na superfície da interação. É justamente a observação atenta aos movimentos micro e macrosociais para a produção e negociação de sentidos em um contexto particular uma das principais justificativas deste trabalho.

O campo dos Estudos da Linguagem em que estamos circunscritos é, então, aquele que relaciona explicitamente os usos linguísticos com identidades, poder e subjetivação (FABRÍCIO; PINTO, 2013), perspectiva essa que compreende que é em nossa atividade discursiva diária o lugar em que construímos padrões de inteligibilidade e não inteligibilidade de nossa experiência social. Este tipo de teorização abraça a ideia de uma ordem social em permanente processo de construção, rupturas, negociação e movimentos (*ob. cit.*), processos esses que são observados sob o prisma de uma microsociologia interacional (PENNYCOOK, 2004; 2010), cujo interesse recai sobre a dinâmica das práticas discursivas situadas de significação e os sentidos que dela emergem. Assim, uma pluralidade de práticas languageiras são produtoras e reprodutoras de assimetrias, exclusões, poderes, saberes, fazeres, posições, descrições e categorizações do mundo social possíveis de serem observadas na minúcia da interação. Entretanto não se pode deixar de salientar que a organização da experiência cotidiana se dá de acordo com referências macrosociológicas, ou seja, em diálogo com um repertório de valores em circulação, constituídos na cultura e na sócio-história. Estamos, portanto, nas tramas das escalas micro e macrosociológica de observação do fenômeno da fala-em-interação e das narrativas, de modo particular.

Esse entendimento nos possibilita explorar as relações entre atividades interacionais localmente situadas e processos sociais mais amplos, bem como a ligação de práticas interacionais cotidianas e/ou institucionais a processos identitários e redes de conhecimento, estabelecendo um tipo de articulação que traz visibilidade para o permanente atrito entre emergências e permanências na fala-em-interação (FABRÍCIO; PINTO, 2013). O olhar

investigativo, portanto, volta-se para o terreno das potencialidades de micromovimentos e pequenas alterações, quase invisíveis em suas sutilezas.

Ocorre que sentidos, imagens e identidades não são dados *a priori*, mas construídos por um conjunto de ações linguísticas e corpóreas permanentemente descritas, categorizadas, narradas, e performadas (BUTLER, [1990] 2015), inexistindo, portanto, fora desses atos de significação e de construção da ordem social. Daí porque esse estudo se alinha aos estudos de Análise da Narrativa e da apreensão performativa da narrativa (GEORGAKOPOULOU, 1997; LANGELLIER, 2001; BUCHOLTZ, HALL, 2003) no que tange à organização da experiência humana, bem como a concepção de narrativa como um *ato* e como um *fazer* que constrói a realidade e as identidades, “transformando-se em um lugar onde o social articula-se, estrutura-se, e move-se sobre a realidade” (PEREIRA; CORTEZ, 2013, p. 212).

Essa moldura epistêmica orientará nossa investigação dos processos de construção, manutenção ou reconfiguração de referências matriciais, o que visibiliza posicionamentos em relação à ordem moral vigente na comunidade conhecida e denominada como “Faixa de Gaza” e entre o grupo de advogados.

O objetivo deste trabalho é então observar a articulação entre corpos e contextos e se ocupar de suas inscrições no *aqui* e no *agora* da interação, voltando-se para as marcas de gênero e de classe. Esse objetivo mais geral compreenderá: (i) investigar como a narrativa de experiência vicária é coconstruída pelo grupo; (ii) observar como os participantes se envolvem e avaliam a experiência narrada; e (iii) analisar a construção narrativo-perfomática do corpo do “outro” e projeções morais e/ou emocionais estabelecidas na interação.

Para tanto, passaremos a discorrer acerca da inscrição simbólica do *corpo* e as micropolíticas de resistência daí advindas, ressaltando a instauração de epistemologias outras e seu entendimento enquanto recurso semiótico (SCOLLON; SCOLLON, 2003) e performativo (BUTLER, 1997; PINTO, 2018).

Corpo e micropolíticas de resistência

Quando aqui tratamos da noção de *corpo* é imperioso enquanto primeiro apontamento clarificar sobre seu modo de apreensão não apenas vinculado a aspectos físico-anatômicos, mas sua compreensão relacionada à “produção de performances contínuas de reivindicação identitária materializadas no uso linguístico” (BONFIM, 2016, p. 17). É, pois, nessa inscrição performativa do corpo como elemento explicativo na análise das práticas narrativas e identitárias que este trabalho se sustenta. A visão da linguagem como performance, nessa linha,

“inverte a relação entre competência e performance (a última como produto da primeira), ou, de modo mais significativo, acaba com tal distinção”, uma vez que “o que une diversas performances não é uma competência que subjaz o indivíduo, mas um amplo leque de forças sociais, culturais e discursivas” (PENNYCOOK, 2007, p. 60).

Austin ([1962] 1990) introduz a performatividade como uma categoria de elocuições novas e distintas, que não possuem valor de verdade na medida em que não descrevem o mundo, mas *agem* sobre ele. A condição de felicidade, de acordo com o teórico, é o que garantirá o produto satisfatório da declaração performativa que dá à declaração *status* de autoridade. Nessa linha, Anna Livia e Kira Hall ([1997] 2010) sustentam que o gênero é performativo na medida em que elocuições do tipo “é uma menina” quando ditas por um médico ou enfermeiro em consulta pré-natal não são apenas palavras lançadas, mas um ato de fala que instaura, invoca e mobiliza uma série de marcadores sociais que repercutirão no corpo de um ser que sequer nasceu e no comportamento de seus pais e sujeitos a seus grupos sociais relacionados: comprar bonecas em detrimento de carrinhos ou bolas; presentear com vestidos, e não blusas de botão, etc. Assim, esse ato de fala conclama uma série de discursos e práticas que (re)produzirão esse pequeno ser, uma vez que é o discurso que produz falantes, e não o contrário. Sendo o performativo inteligível e emergindo de um contexto em cadeia de convenções afiliadas, temos então a relação primeira entre corpo e performatividade² (BUTLER, [1990] 2015; LIVIA; HALL, [1997]2010), entre gênero e performance reiterada.

Dessa forma, segundo Joana Plaza Pinto (2007), tomada de modo radical, definir a própria linguagem como performativa traz à tona a ideia de que tudo o que dizemos *faz* (AUSTIN [1962] 1990), e esse *fazer* não corresponde a verbo do tipo intransitivo, em que não há a necessidade de complemento, antes, de acordo com a autora, é necessária a existência de algo para que haja a continuidade da argumentação: a linguagem faz o corpo? O ato de fala é um ato convencional, e, portanto, ritualizado? Nesse horizonte, a imbricação entre corpo, performance e narrativas desvela relações de poder (BUTLER, 2012) emergidas *na e pela* situação concreta da fala-em-interação.

Poder, aqui, é tomado em sua dinamicidade e em seu potencial de tensionar práticas concretas de realização da fala-em-interação situadas em contextos específicos, práticas essas que informam não somente os sentidos negociados, mas também os enquadres interativos (GOFFMAN, [1979] 2002; TANNEN; WALLAT, [1987] 2002) estabelecidos pelos sujeitos

² “Performatividade não é um jogo livre nem uma autoapresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade” (BUTLER, 1993, p.93).

em suas práticas cotidianas (YAMANAKA, 2019). Desse modo, esse estudo se filia a esse tipo de investigação discursivo-interacional que considera marcadores sociais como modelos dinâmicos de interação, sendo a noção de *agência* central nesse deslocamento da ideia de poder social centrado e coeso para um poder observado nos micromovimentos da interação e constituído por uma constelação desconcentrada.

Estudar, então, criticamente o corpo e olhar como discursos normativos são sustentados ou subvertidos a partir desta insistência teórico-analítica de observar as práticas situadas em sua minúcia (LIVIA; HALL, 2010) traz aos Estudos da Linguagem a volta da performatividade (iniciada por Austin) em pesquisas como as encabeçadas por Judith Butler, em quem a máxima cartesiana é parodiada por “*facio ergo sum*” (BORBA, 2014).

Para Butler ([1990] 2015) o corpo é em si mesmo uma construção e as subjetividades corporificadas não preexistem às convenções culturais que dão significados aos corpos e às experiências identitárias (JAGGER, 2008). O sujeito é, portanto, um *efeito-de-verdade*, de tramas de poder, saber e discurso que são cultural e historicamente situados. Nesse sentido, a realidade do sujeito que diz, do corpo que fala e age, é performativamente produzida no contexto situacional, no *aqui* e no *agora*, do que é dito e feito (BORBA, 2014). Desvelar os sentidos construídos no que se refere aos corpos significa desnaturalizar e dessencializar mecanismos simbólicos que modelam as relações interpessoais, constroem e reproduzem as realidades. Nesse sentido, a interação situada e, portanto, as narrativas, é um local-chave para a produção da realidade social e para percepções múltiplas do corpo (RAMPTON, 2006).

Assim, nesse modelo de campos de forças, “há possibilidade para que os falantes resistam, contestem e ressignifiquem as narrativas que se esforçam por instituir noções definitivas sobre os corpos e suas práticas sociointeracionais” (YAMANAKA, 2019, p. 827).

É nessa linha que Pinto e Amaral (2016, p. 154) sustentam que:

Primeiro, os corpos falantes, tratados como indivíduos ou como grupo, são sempre corpos em trânsito no tempo e no espaço, e nesse sentido os processos interacionais são dependentes das configurações históricas e ao mesmo tempo contingentes das interações linguísticas. Segundo, os textos produzidos por tais corpos transitam fora do controle intencional do falante (DERRIDA, 1990), por sua vez entre diferentes corpos, seguindo trajetórias que podem projetar sentidos passados e futuros contraditórios e conflitantes. Terceiro, as mobilidades de corpos e textos se sobrepõem em intersecções tanto sedimentadas quanto imprevisíveis, incidindo sobre a (re)configuração de sentidos para os corpos e para os textos.

O agir no ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo. Ou seja, o corpo se insere em processos de marcação social e de convencionalidade cujos limites estão circunscritos no tempo do seu agir. Para ser legível,

portanto, o corpo precisa da sua história e também da possibilidade futura de sua repetição (PINTO, 2007). O que temos, portanto, é uma integralidade da materialidade do corpo na execução do ato de fala, construindo uma polissemia irreduzível (*ob. cit.*).

Sob essas lentes, o corpo deve ser encarado enquanto um signo que reproduz a estrutura social atribuindo sentidos específicos a depender do sistema sociocultural (NOGUEIRA, 1999), razão pela qual o corpo deve ser tomado em termos de regras regulatórias. Assim, para Yamanaka (2019, p. 834), sendo a percepção sobre o corpo-signo construída por meio dessas disputas, tem-se que “o corpo-texto é anunciado-lido antes mesmo de a boca falar, o que implica asseverar que os sujeitos-corpos estariam atravessados por signos disponíveis na sociedade, por preceitos para a interpretação dos signos, bem como por dimensões políticas, mas também subjetivas”.

Criar inteligibilidades sobre os sentidos sociais inscritos no texto corpóreo possibilita compreender o funcionamento da sociedade, bem como a ordenação imposta aos corpos. Isso porque regras normalizadoras, hegemônicas e totalizantes privilegiam determinados atributos, sejam eles morais ou físicos de modo que, em função da aparência, “os sujeitos podem ser classificados como interlocutores sobre os quais é possível realizar movimentos conversacionais específicos, aplicar determinados procedimentos de tomada de turno ou provocar bloqueios na atividade da conversação, a partir da avaliação que se faz” (YAMANAKA, 2019, p. 835).

O corpo observado, descrito e classificado é o *locus* não só das experiências pessoais, mas também sociais. Também por tal razão – além das já aqui suscitadas – é que se pode afirmar que nossos corpos são investidos *pelos* e *nas* relações de poder, pois a inscrição material e simbólica do corpo no dizer é uma marca que se impõe no efeito da linguagem (PINTO 2015). Nessa linha, os modos de ação pelos quais micropolíticas de resistência podem operar, vão além de um tipo particular e pré-definido de práticas e/ou *scripts* a serem seguidos. E, em termos de efeitos esperados de sua ação política, esses modos de ação estão para além de uma tarefa inclusiva ou de respeito às múltiplas diferenças que, “se calcada em essencialismos e binarismos identitários, deixa intocado o núcleo de poder produtor das hierarquias e violências contestadas” (SILVA, 2019, p. 93).

Ao refletir neste estudo sobre performances narrativas desempenhadas pelo grupo de advogados sobre as experiências de vida de seus clientes – sujeitos economicamente vulneráveis – e dos efeitos dessa marginalidade econômica marcada em seus corpos e tornadas relevantes na interação, observamos movimentos de micropolíticas de resistência

implementados pela subversão narrativo-agentiva. A vida social e seus significados são, assim, conforme veremos mais adiante, (re)elaborados e (re)significados, mediante o emprego de recursos discursivo-interacionais específicos, em face das tensões, contestações e fluxos identitários próprios de qualquer encontro interacional implicado numa temporalidade social (*ob. cit.*).

Nas relações de estigmatização e de re-existência como microtécnica política do corpo, em que “marcas, odores, cores, texturas, gostos, fluxos, gestos, gozos etc” são (re)produzidos, a discursivização em torno do corpo, responsável por conferir significados negativos a dadas marcas corporais, demarcarão a corporalidade de uma relação social de assimetrias, resultante de uma reificação dos processos de dominação/hierarquização (SALES JÚNIOR, 2006, p. 233). Portanto, os processos e as práticas de estigmatização correspondem a uma máquina discursiva municiada de força ilocutória e que, de acordo regras ou convenções sociais, instauram atos de linguagem.

Yamanaka (2019) levanta um questionamento que em muito se alinha aos trilhos pelos quais aqui pretendemos percorrer: como o corpo tem sido “falado” e semiotizado nas experiências sociais compartilhadas no contexto neocolonial? Diante dos processos de semiotização em torno do corpo, uma pergunta permanece, segundo a autora: como complexificar a relação entre linguagem e corpo de modo a ampliar o olhar sobre a realidade discursivizada e corporificada? (*ob. cit.*) É com o olhar sobre esse horizonte que passaremos a ponderar acerca dos entendimentos da vida social sob o prisma da Análise da Narrativa.

Análise da Narrativa e práticas de entendimento da vida social: uma abordagem crítica do discurso

A conversa e as narrativas constituem elementos da vida social que, por estarem tão arraigados nas práticas do senso comum cotidiano, desafiam a consciência articulada de seu modo de funcionamento e sua descrição (SCHEGLOFF, 2000). Será justamente a observação atenta aos procedimentos empreendidos pelos participantes da interação para coconstruírem suas ações sociais, produzindo seus próprios comportamentos e mostrando na conversa/narrativa suas compreensões acerca dos comportamentos dos outros, o que tornará a organização social viável e o que fundamentará a ação humana pelo uso da linguagem em interação, uma vez que é a conversa a pedra sociológica fundamental³ (SCHEGLOFF, 2000; GARCEZ, 2008) e o espaço no qual as narrativas emergem.

³ A conversa é considerada por Sacks et. al. ([1974]2003) como a “*pedra sociológica fundamental*” em referência à essa base fundante de socialização que é a conversa cotidiana. Em outros termos, a conversa é a forma de

De acordo com Bruner (2002), a centralidade da narrativa em nossa vida faz com que a mesma nos pareça ser tão natural como a própria linguagem, sendo as práticas do narrar algo intrínseco à nossa própria condição de existir enquanto humanos. É-nos, então, possível estudá-la em diversos contextos e espaços justamente porque nossas experiências individuais e/ou coletivas são ordenadas em histórias; exatamente porque a narrativa é uma das formas básicas de organização da experiência humana. É por esse seu caráter de organizar a experiência que a construção de identidade está inevitavelmente atrelada ao estudo da narrativa (OLIVEIRA; BASTOS, 2001). Contar histórias, segundo Bastos (2008, p. 77), é uma *ação*, “é fazer alguma coisa – ou muitas coisas simultaneamente – em uma determinada situação social. Uma dessas coisas é, necessariamente, a construção de nossas identidades”.

Os estudos da narrativa correspondem a um campo de investigação interdisciplinar e internacional, florescido nos anos 1980, e representa uma mudança paradigmática do Positivismo ao Interpretativismo (DENZIN; LINCOLN, 2006). Esse movimento nas Ciências Humanas, conhecido como a *virada narrativa*, desloca a ideia de isenção e distanciamento apregoada pela metodologia positivista de pesquisa e assume uma nova postura epistemológica, na qual o pesquisador não mais “coleta dados”, mas reconhece sua participação na construção das narrativas. Instituída na Sociologia da Escola de Chicago, quando o “interesse por histórias de vida influenciou os antropólogos, que começaram a adaptar os métodos de história de vida ao estudo de comunidades durante mudança cultural” (OLIVEIRA; BASTOS, 2015, p. 270), a virada narrativa confere protagonismo às particularidades linguístico-discursivas, até então pouco consideradas (RIESSMAN, 2008).

A linguagem e o seu uso passam então a compor a agenda de pesquisa que se abre ao interpretativismo, agenda essa que é marcada por uma postura de investigação onde o pesquisador não mais se situa fora do campo de estudo, antes se posiciona como parte do campo, mediando e interpretando processos operantes nessa arena. Com a virada narrativa novas teorias surgem no âmbito das Ciências Sociais e novos métodos são desenvolvidos para se investigar aquilo que é abarcado nas narrativas (i.e. identidade, sociedade, etc.). Com a multiplicidade de espectros e perspectivas, o entendimento do que seja propriamente considerado como *narrativa* não será único, no entanto, em todas as perspectivas há o compartilhamento da ideia de narrativa como um ato comunicativo ordinário que constrói o mundo cotidiano (OLIVEIRA; BASTOS, 2015).

interação primeira e primária da sociabilidade humana, é, portanto, a pedra sobre a qual todas as outras formas de interação se especificam.

No campo dos Estudos da Linguagem propriamente dito, Labov (1972) é o teórico precursor na observação e categorização das narrativas com um olhar tanto mais voltado para as estruturas e partes que as compõem e menos preocupado em aspectos de ordem discursivo-interacional. O sociolinguista variacionista observou que para a existência da narrativa há elementos que são fundamentais e sem os quais a mesma não existiria, e outros elementos dispensáveis. Seis são os elementos que a comporia: (i) *resumo*, sentença inicial que encapsula ou sumariza o ponto da história enfatizando a reportabilidade da narrativa e preparando a audiência para ouvir uma história; (ii) *orientação*, unidade que dá informações sobre tempo, lugar, pessoas e seus comportamentos iniciais; (iii) *ação complicadora*, sentença(s) sequencial(s) que relata(m) um evento seguinte como resposta a uma questão potencial e que participa(m) de juntura(s) temporal(s) – consiste de, no mínimo, duas orações narrativas com verbos de ação no passado; (iv) *avaliação*, procedimento que o narrador emprega para indicar o propósito de sua história, a sua razão de ser e o porquê do narrador contar essa história; (v) *resolução*, elemento que diz respeito ao que aconteceu, ao resultado da história, ao modo como foi resolvida a complicação; e (vi) *coda*, que é o retorno narrativo ao momento em que se conta a história e que por vezes corresponde à uma avaliação moral.

Dentre os elementos estruturais, para Labov e Waletzky (1967), o único componente indispensável para que um segmento seja considerado uma narrativa é a existência da *ação complicadora*. Assim, essa sequência de orações livres e ordenadas é que constrói o esqueleto da narrativa, a qual apresenta uma *juntura temporal*.

A preocupação laboviana não se voltava para o estudo particular das narrativas, mas para a observação da língua em situação de menor monitoramento. Daí o espaço das narrativas em seus estudos: em contexto de entrevista, Labov se valia de perguntas do tipo “você já passou por alguma situação em que sofreu perigo de vida?”. Para esse tipo de questionamento a resposta obtida era a narração de algum evento extraordinário – técnica, então, hábil para minimização do monitoramento do uso padrão e também de avaliações (COAN & FREITAG, 2010). Muitas críticas à abordagem laboviana foram tecidas ao longo do tempo, especialmente por sua visão estruturalista do fenômeno (Cf. RIESSMAN, 2008) e por seu tratamento da narrativa enquanto estrutura autônoma e descontextualizada, limitando assim sua força analítica e seu potencial (BASTOS, 2005).

Nessa linha, os estudos das narrativas têm sido reconfigurados sob a ótica de pesquisadores que se ocupam dos discursos construídos na ordem da narrativa, as quais são tomadas como centrais para a produção dos entendimentos da vida social por meio das

interações e construções de sentidos estabelecidos nas relações micro e macrosociológica. São exemplos os trabalhos de Riessman (2008), Schiffrin (1996) e Ochs e Capps (2001), com a intenção de “construir uma ponte entre microfenômenos, tais como discurso e interação social, e macronoções, tais como indicadores sociais, valores culturais dominantes e padrões de desigualdade na população” (OLIVEIRA; BASTOS, 2015, p.272). Observa-se, assim, o privilégio da compreensão narrativa no interior das tramas micro/macro e sua emergência interacional situada em um *aqui e agora*.

Um dos aspectos teóricos mais importantes quando se fala em narrativa é a noção de *ponto*. Para Oliveira e Bastos (p. 273) o ponto da narrativa pode ser compreendido como “um processo informado por valores culturais, a partir de uma perspectiva que volta o foco para a performance do narrador, que, por sua vez, está inserido em determinados grupos sociais”. Nesse sentido, segundo as autoras, o ponto da narrativa corresponde a uma espécie de “depósito” de valores e princípios da cultura no qual o narrador está inserido. Assim, “os dispositivos de performance utilizados pelo narrador na construção da historiabilidade e do ponto fazem parte de repertórios culturais, o que faz com que a interpretação de seus usos seja norteada por considerações acerca da estrutura social” (*ob. cit.*).

Essa compreensão de narrativa como performance situada em termos de manifestações culturais contextualizadas tem um tratamento especial nos trabalhos de Bauman (1986), para quem o narrador se vale de uma série de recursos disponíveis na matriz sociocultural para a construção de si, do outro e do mundo. Daí porque a noção de que as construções narrativas se constituem também em performances identitárias, em que crenças e valores são refletidos e padrões sociais criados ou reforçados. Entretanto é importante ter em cena que “a cada performance, o narrador necessariamente transforma a história em função das especificidades da situação, o que traz também a possibilidade de interferência na estrutura social normativa” (BASTOS, 2005, p. 83) – invoca-se, portanto, a noção de *agência*.

A esse respeito Schiffrin (1996, p. 168) sustenta que “este processo de transformar experiência pessoal em performance verbal é conjugado com o modo como as histórias são situadas socialmente e culturalmente. Quando verbalizamos uma experiência, situamos essa experiência globalmente”. A experiência, assim, é situada no *aqui e agora* da interação, numa atividade narrativa que articula o micro nível do discurso com a macro esfera sociocultural (OLIVEIRA, 2013).

Nesse sentido, a narrativa corresponde a um engendrado processo de construção discursiva, que, neste estudo, ilumina a performance dos advogados ao contarem as histórias de

seus clientes. Informados por essa visão, investigaremos as estratégias performáticas que estão em jogo nos discursos narrativos dos participantes, partindo da premissa de que, como atores sociais que são, os participantes estão sempre engajados na construção de identidades.

Alinhamo-nos, assim, a uma visão de discurso como constitutivo da vida social (OLIVEIRA, 2013), postura essa que, na tradição da Análise da Narrativa, é compreendida como sociointeracional.

Posicionamento epistemológico e metodologia

Como anteriormente sinalizado, o referencial teórico deste trabalho intersecciona a Análise da Narrativa aos estudos sociointeracionais. Tais paradigmas se ancoram metodologicamente sobre uma base de natureza qualitativa e interpretativa de análise. Ressaltamos o fato de, conforme aduz Erickson (1990), a pesquisa qualitativa ser deliberadamente interpretativista; e a interpretação inerente ao ato de investigar.

Nesse sentido, por pesquisa qualitativa entendemos “uma atividade situada que localiza o observador no mundo” e que consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que conferem nitidez e visibilidade ao mundo, sendo, pois, “um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas” (DENZIN; LINCOLN, 2006, P. 17-21).

Considerando que a autora deste trabalho faz parte do grupo investigado, isto é, é uma das advogadas do escritório observado, merece relevo a dimensão autoetnográfica da pesquisa (REED-DANAHAY, 1997; ELLIS; BOCHNER, 2000; VERSIANI, 2005; CHANG, 2008), uma vez que, no âmbito profissional, a figura da advogada se confunde com a da pesquisadora, o que implica em certa categorização bivalente: advogada-pesquisadora-advogada. Estamos, pois, diante de uma abordagem metodológica etnográfica de orientação interpretativa e autobiográfica (CHANG, 2008), entendendo-se a autobiografia no sentido de se explorar a interação do “eu” engajado nas descrições culturais mediadas pela linguagem, história e explicação etnográfica (ELLIS & BOCHNER, 2000). O ponto chave deste tipo de abordagem, segundo Versiani (2005), é a subjetividade do pesquisador como questão central do próprio saber linguístico e antropológico.

Trabalharemos no presente artigo com um segmento de excerto de pouco mais de seis minutos de interação. O encontro em apreço se deu entre seis advogados que trabalham no mesmo escritório de advocacia situado na Faixa de Gaza capixaba durante um almoço com duração de cerca de uma hora e meia. Esse almoço se deu durante o intervalo do segundo dia

do II Congresso de Direito Previdenciário do Espírito Santo – evento em que os advogados estavam participando e cujas pistas de contextualização surgem ao longo da interação. Tais dados foram gravados em áudio, com posterior transcrição com base nas convenções adaptadas e simplificadas da Análise da Conversa (SAKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974, com incorporações de LODER & JUNG, 2009) - intervalo de 25'19'' a 31'33''.

Como pontuado anteriormente, a escolha do excerto se deu em razão da recorrência de elementos interacionais e narrativos que indicializassem corpo e ordem moral. Priorizamos esse tipo de realização narrativa por ser uma das ações mais frequentes desempenhadas pelos participantes no curso das interações. No *corpus* dos dados⁴ de Ísis e Ícaro – clientes do escritório analisado e participantes da pesquisa – não são raros os segmentos cujo tópico sejam narrativas que constroem corpo e moral na comunidade.

Corpo, emoções e agência: uma análise de fala-em-interação em práticas cotidianas

Quando refletimos acerca do *poder designativo* da linguagem, necessariamente devemos trazer à tona a força designativa expressa no pertencimento identitário. Isto é, “a designação é sempre *representação*, nunca apresentação da coisa em si”, assim, no jogo entre sujeito, linguagem e mundo a identidade é apreendida como “um construto de atributos que se alinham ao longo da história, porquanto designações, sob o ponto de vista pragmaticista e/ou simbólico” (FERREIRA, 2004, p. 07), produzindo, assim, efeitos de sentido inscritos num sistema de valorações simbólico-cultural.

Essa noção é sobretudo importante para que analisemos os dados que se seguem e para que, em sua leitura, não deixemos de considerar o fato de que os signos não são simplesmente replicados, mas sim deslocados, recriados e revalorados (FABRÍCIO; PINTO, 2013). Nesse sentido, será a construção de práticas de significação, engendradas em meio ao diálogo dinâmico entre referências locais e não-locais entrelaçadas na narrativa o que estará em jogo. Entendendo, assim, que a microanálise das interações cotidianas podem contribuir para a compreensão do nível macro da vida social. Vejamos:

Excerto 01: Episódios de sofrimento

85	Thatiana	[Mas ele não tá tão bonitinho
86		agora?

⁴ Trata-se de um conjunto de dados mais extenso do que ora apresentamos, dados esses que compõem o *corpus* das pesquisas de doutorado e de pós-doutoramento da autora deste trabalho. Tais dados foram gerados, segmentados, transcritos e analisados ao longo de cinco anos. Nesse sentido, os segmentos que aqui analisamos correspondem a um recorte de um universo investigativo e analítico muito maior.

87 88 89	João	[é a ex- mulher. (0.4) A ex mulher dele que vem de quinze em quinze dias na casa dele, tá!?
90 91 92	Thatiana	Ele chega lá no escritório assim, ó ((estende os braços e gesticula com as palmas das mãos)). Com o dinheiro assim, [ó ((gesticula)).
93	Mayara	[Nossa! Veio tudo e a carne não vem!
95 96 97 98 99 100	Thatiana	Ele embola o dinheiro todinho no com o valor do saque. "<Douto::ra>, aqui ó ((gesticula)). A senhora tira a sua parte e o fo o <resto é meu>, né!?". Aí é fo esse mês ele falou "ah, doutora, esse mês passado, como eu não tinha troca:do, faltou DOIS reais. A senhora tem que tirar DOIS reais a mais esse mês".
102	Mayara	.hh tadinho
103 104	Jader	Corta o coração da gente, né!? Eu falei ali pra uma <bichona> ali, o Fabrici[ano, que
105 106	João	[Jader, você chegou uns vinte ve (incompreensível)
107 108	Jader	[Eu falei "Fabriciano, como não tira o (incompreensível) do senhor disso, né!?
110	Thatiana	Corta o meu coração.
111	Jader	Não é:?
112		(.)
113	Thatiana	Ele é muito bonzinho, menina!
114	Rosângela	É, ele é sim.
115 116 117	Jader	O Luiz, né, Thatá!? Todos eles são assim. Interessante, né!? (.) E aí, Luciana!? ((sorri para ela, que retribui)) (0.7) O Luiz vai lá entregar o dinheiro ou deposita.
119 120	Thatiana	Ah, é!? (.) Tá vendo, ali era <dignida:de HUMANA> mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele.
121	Jader	Mudou.
122	Thatiana	E é [um salariozinho mínimo.

De acordo com Oliveira e Bastos (2015), de um modo geral, as performances narrativas de experiência são entrelaçadas por posturas morais, as quais são apresentadas como relativamente corretas e se mantêm constante através da narração. Nos dados deste trabalho observamos um duplo movimento de moralidade: um primeiro movimento relacionado à

moralização do corpo por questões econômicas (“porque o homem mudou <até o VISUAL> dele”, linha 120); e um segundo movimento ligado ao discurso heteronormativo (“Eu falei ali pra uma <bichona> ali, o Fabrici[ano]”, linhas 103-104). Há que salientar o fato de *moralização econômica* aqui se relacionar à lógica jurídica de reparação, isto é, diante de um dano (moral, físico, psíquico, etc.) ou ato ilícito, há que haver uma reparação que lhe confira moralidade (no caso: reparação pecuniária).

Entretanto, Ochs e Capps (2001) admitem a possibilidade de um *hibridismo* entre as posições de posturas morais, como quando se tem narradores que inicialmente parecem certos de sua postura moral e no curso da narração tal certeza se dissolve, desestabilizando quando o duplo *self* é diretamente ou indiretamente desafiado por um outro conarrador (Cf. OLIVEIRA; BASTOS, 2015). Quando o participante Jader nas linhas 107-108 categoriza Fabriciano como <bichona> o faz se valendo de marcas interacionais muito significativas, dentre elas a indeterminação inicial do sujeito, sua animalização e a fala mais lenta quando da pronúncia do vocábulo misógino. Tudo isso confere um tom e uma tensão interacional que não é sustentada pela participante Thatiana nos turnos seguintes. Thatiana usa do recurso da repetição referindo-se a construções anteriores e *performa silêncio* ante a fala de Jader, seu chefe e dono do escritório. Nota-se, assim, um micromovimento de uma tomada de posição confirmada pelo direcionamento de seu posterior turno para Mayara (“Ele é muito bonzinho, menina!”, linha 113). Assim, nota-se um movimento de fuga à afiliação de fronteiras identitárias binárias relacionadas à sexualidade, colocando, portanto, esse corpo produzido no/pelo discurso normativo sob ameaça (BUTLER, 2015) e evidenciando constrangimentos institucionais e possibilidades de agenciamento. Nesse sentido é possível observar que de fato, como sustentam Fabrício e Pinto (2013, p. 25), em performances, os interactantes referem-se, com mais, menos ou nenhuma clareza, de que o que estão fazendo, relaciona-se a um conjunto de regras e valores culturais prescritivos em relação ao qual se posicionam de modos variados e nuançados, compreendidos em um *continuum* cujos polos seriam a sujeição total e a transgressão transformadora observada analiticamente pelas “ações indexicais que apontam para o liame entre os contextos micro-interacionais e os contextos das crenças e ideologias socioculturais”.

Uma das categorias que se revelou de grande importância na observação no trato com os dados é a noção do *sofrimento*, tomado aqui não como algo essencializado ou universal, mas, antes, concebido como socialmente situado e construído, existindo, pois, diferentes modos de sofrer bem como diferentes modos de perceber o sofrimento ainda que no interior de uma mesma comunidade. Assim, o sofrimento corresponde a um fenômeno social e

interacionalmente construído (BASTOS, 2008) e os afetos/posicionamentos de inclusão e de exclusão em relação a direitos e deveres relacionados às emoções correspondem a um conjunto de “regras de sentimentos” construídos cultural e sócio-historicamente (FABRÍCIO; PINTO, 2013)

Nesse sentido, as emoções evocadas, entendidas como jogos de linguagem de teor avaliativo, indexam a ordem moral reguladora dos direitos e deveres. Assim, os episódios de sofrimento construídos na interação observada são estabelecidos a partir da articulação entre eventos e recursos avaliativos, como em: “como eu não tinha troca:do, faltou DOIS reais. A senhora tem que tirar DOIS reais a mais esse mês” (linhas 99 a 101) e “.hh tadinho” (linha 102). Ora, serão os prolongamentos, ênfases, risos, escolhas lexicais e uso de diminutivo que conferirão à avaliação narrativa o reconhecimento de uma multiplicidade de desigualdades articuladas, dentre as quais a de ordem social.

Aferir visibilidade a essa microfísica de poderes reflete traços discursivos da construção de nossa vida cotidiana e apontam para o modo como os sentidos são construídos e reproduzidos. A descrição da cena narrada e a classificação em categorias assimétricas (senhora; tadinho) insufla um *lócus* não apenas da experiência situada, mas de configurações sociais que significam. Razões essas que nos leva a afirmar que ordem moral e sofrimento são circunscritos *pelas* e *nas* relações de poder.

Nas linhas 75 e 76, Thatiana torna relevante o fato de que a aparência de Adomar alterou, e essa alteração se dá após o recebimento do benefício assistencial que corresponde a “um *salariozinho* mínimo”. Ora, o uso reiterado de diminutivo e os contornos entoacionais sinalizam avaliações encaixadas por parte da narradora, a qual constrói relação de afeto pelo reconhecimento do sofrimento do Outro: pouco recurso financeiro foi capaz de deixar Adomar “tão *bonitinho* agora” (linhas 85 e 86) por se tratar de uma questão de “<dignida:de HUMANA> mesmo, porque o homem mudou <até o VISUAL> dele” (linhas 119-120). O vetor econômico, então, afeta a hierarquização dos corpos e das identidades, uma vez que capital, reconhecimento, redistribuição de renda e identidade precisam andar juntos tanto para o empoderamento de minorias, quanto para a moralização de seus corpos para existências dignas. Classe, então, não é uma propriedade dos indivíduos, mas algo que se *faz*, que se constitui e que se reflete em atos e corpos, produzindo um efeito pragmático de um amálgama de recursos semióticos (entonação, prolongamentos, pausas) usados localmente no *aqui* e *agora*. A inscrição material e simbólica do corpo, portanto, é uma marca que se impõe no efeito da linguagem situada na fala-em-interação.

Nessa linha, a narrativa que emerge na linha 90 sobre o pagamento de honorários advocatícios e a importância dada ao valor de “DOIS” reais, alinha-se à defesa do posicionamento afetivo de Thatiana e evidencia o sofrimento de Adomar em virtude da situação socioeconômica a que está inserido. Bem assim, observa-se um fluxo em cadeia de alinhamento dos demais participantes no que tange a condição do cliente: “.hh tadinho”; “corta o coração da gente, né!?”; “corta o meu coração”; “ele é muito bonzinho, menina!?”; “É, ele é sim” (linhas 102, 103, 110, 113 e 114, respectivamente).

Assim, há uma relação mútua de envolvimento dos participantes àquilo que é considerado duradouro (classe econômica) e importante para o outro – no caso, sua saúde e condição social, a partir de uma forte dramatização indiciada por sequências de ações dramáticas trazidas pela advogada em narrativa argumentativa. Ao contar a história de Adomar, Thatiana socializa a experiência individual, que é generalizada por Jader (“O Luiz, né, Thatá!?! Todos eles são assim. Interessante, né!?!”, linhas 115-116). O grupo, por seu turno, ao participar da narração por meio de avaliações coordenadas, estabelece similaridades nos julgamentos compartilhados, dimensionando um reconhecimento intersubjetivo.

Nas palavras de Bastos (1999, P. 27), “o que é dito nas histórias de vida relaciona-se também com construções sociais mais amplas, pois elas contêm pressuposições sobre o que pode ser tomado como certo ou errado, sobre quais são as normas e sistemas de crenças nos diferentes grupos sociais”. Essa moralização do corpo pelo vetor econômico na construção narrativa localiza a participante como “agente moral positivo em um mundo de bons e maus comportamentos” que “se posiciona como construtor da ordem moral. Em uma ação recíproca, portanto, as narrativas são formatadas (por) e formatam a realidade quando o narrador faz seu recorte singular da realidade, influenciado por uma matriz de princípios e valores” (OLIVEIRA; BASTOS, 2013, p. 274).

Os dados aqui analisados sob o olhar e o aparato analítico-epistêmico da Análise da Narrativa, em convergência aos preceitos da Análise Crítica do Discurso, evidenciaram que nossas observações corroboram com os estudos de Ochs e Capps (2001) no sentido de que foi possível observar na construção narrativa dos participantes um hibridismo entre as posturas morais dos interactantes e a desestabilização do *self* de que tratam as autoras. Notou-se ainda que os participantes *performam* regras e valores na fala-em-interação (FABRÍCIO; PINTO, 2013), mostrando o que compreendem enquanto moral/moralização sob diferentes prismas, dentre os quais o prisma heteronormativo, econômico e vinculado à idade.

Pelo que sustenta a Análise da Narrativa, toda e qualquer análise que se sustente em seu escopo deve primeiramente partir da observação dos dados e só após a leitura cuidadosa e atenta dos dados partir para categorias que dali brotam. Numa postura, portanto, inversa ao que tradicionalmente conhecemos nos bancos da academia. É justamente esse movimento êmico o que possibilitou e o que justifica a análise aqui empreendida, bem como as observações construídas a partir da observação e análise da interação e da narrativa.

Considerações finais

Considerando a trajetória teórico-analítica deste estudo, podemos afirmar a produtividade da abordagem performática das narrativas e das identidades para a compreensão dos modos como a realidade social é potencialmente (re) construída em diferentes contextos e práticas sociais. Desse modo, urge politizar o cotidiano e situar os contextos sociodiscursivos de interação a partir das relações de forças constitutivas da vida social, as quais frequentemente situam no corpo o significante para inscrição de múltiplos sentidos.

No movimento microanalítico denso do trabalho emocional aqui observado em sua minúcia, é possível reconhecer uma multiplicidade de diferenciações sociais e diversas desigualdades articuladas, que, com frequência, guardam no corpo *o locus* de experiências e epistemicídios (TAVARES, 2009). Conferir visibilidade à microfísica de poderes, operando justamente um território-sede das experiências “internas” e, supostamente, “livres” do controle social, o do *sentir*, desvela marcas discursivas, históricas e culturais da construção da vida ordinária. Mesmo em um curto segmento forças normalizadoras e transgressoras são passíveis de observação.

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1962] 1990.
- BASTOS, L. C. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio*. Vol. 6, n.2, p. 76-85, mai/ago, 2008.
- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, 3(2): 2005, pp. 74-87.
- BASTOS, L. C. Histórias de mulheres e homens: narrativa, sexo e construção de identidade. *The Specialist*, v. 20, n. 1, p. 17-29, 1999.
- BAUMAN, R. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: CUP, 1986.

BONFIM, M. A. L. Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas Práticas identitárias raciais. *Linguagem em foco* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. V. 8, Volume Temático: Linguagem e Raça: diálogos possíveis, N. 2, 2016.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, 43, julho-dezembro de 2014. p. 441-474.

BRUNER, J. *Making stories: law, literature, life*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

BUTLER, J. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of “Sex”*. Nova York, Routledge, 1993.

BUTLER, J. Excitable speech. *A politics of performative*. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2015.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, v. 7, n. 4/5, p. 585-614, 2005.

CHANG, H. *Autoethnography as Method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. *Domínios De Lingu@Gem Revista Eletrônica de Linguística*. V. 4, - n° 2 – 2° Semestre 2010

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp.733-768). Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

ERICKSON, F. Qualitative methods. In: LINN, R. L.; ERICKSON, F. (Orgs.). *Quantitative methods; Qualitative methods*. V.2. New York: Macmillan, 1990.

FABRÍCIO, B. F.; PINTO, J. P. Inclusão e exclusão sociais em práticas discursivo-identitária: microresistências e possibilidades de agenciamento. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. *Exclusão e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013. pp. 11-31.

FERREIRA, D. M. M. Processo designativo e construto identitário da primeira-dama: pragmatismo e simbolismo. *Intercâmbio*, v. 13, 2004.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). *Fala-em-interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

GEORGAKOPOULOU, A. *Narrative performances: a study of modern greek storytelling*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002. p. 107-148.

JAGGER, Gill. *Judith Butler: Sexual Politics, Social Change and the power of the performative*. Nova York, Routledge, 2008.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354-396.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LANGELLIER, K. M. “You’re Marked”: breast cancer, tattoo and the narrative performance of identity. In: BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. (Orgs.). *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

LIVIA, A.; HALL, K. “É uma menina!”: a volta da performatividade à Linguística. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. (Orgs.) São Paulo, Parábola Editorial, [1997] 2010. P. 109-127.

MISHLER, E. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.) *Identidades*. Recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Contextos institucionais em linguística aplicada: novos rumos. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 5, p. 3-14, 1996.

NOGUEIRA, I. B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano 13, n. 135, p. 40-45, 1999.

NOGUEIRA, M. O. *Narrativas, prática profissional e ética social: negociação e coconstrução de identidades*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative: Creating Lives in Everyday Storytelling*. Harvard: Harvard University Press, 2001.

OLIVEIRA, L. M. *A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, M. C. L.; BASTOS, L.C. Saúde, doença e burocracia: pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C.; LOPES M. T. D. (eds.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro, IPUB-CUCA, 2001. p. 161-187.

OLIVEIRA, L. M.; BASTOS, L. C. A performance narrativa de mulheres com afasia. *Veredas On-Line*. 2015/2 - p. 269-291.

PENNYCOOK, A. Performativity and language studies. *Critical Inquiry on Language Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2004.

PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Londres e Nova York, Routledge, 2007.

PENNYCOOK, A. *Language as a local practice*. New York: Routledge, 2010.

PEREIRA, M. G. D; CORTEZ, C. M. Agência e performance em narrativas sobre o tratamento da tuberculose em Vila Rosário: projeções do “eu” avaliativo e agentivo. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. *Exclusão e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Câne Editorial, 2013.

PINTO, J. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, vol. 23, n. 1, 2007.

PINTO, J. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na linguística aplicada. *Delta*, São Paulo, v. 31, p. 199-221, 2015.

PINTO, J. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 751-768, set./dez. 2018.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. P. 85-107.

RIESSMAN, C. K. *Narrative methods for the human sciences*. London: Sage, 2008.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turno. Tradução de Adauto Villela. *Veredas*. Juiz de Fora, MG, v. 7, n. 1, [1974] 2003.

SALES JÚNIOR, R. Democracia racial: o não-dito racista. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006.

SCOLLON, R.; SCOLLON, S. W. Discourses in place. *Language in the material world*. London e New York: Routledge, 2003.

SCHEGLOFF, E. Overlapping Talk and the Organization of Turn-taking for Conversation. *Language in Society*, v. 29, p. 1-63, 2000.

SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: sociolinguistic construction of identity. *Language in Society*, v. 25, n. 2, p. 167-203, 1996.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

SILVA, D. C. P. Micropolíticas de resistência *queer* na performance narrativa de uma professora da educação básica. *Revista Humanidades e Inovação*. v.6, n.10, p. 85-109, 2019.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1987] 2002. p. 183-214.

TAVARES, M. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (Orgs.) (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 532pp. Revista Lusófona de Educação, Coimbra, v. 13, n. 13, p. 183-189, 2009.

VERSIANI, D. B. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

YAMANAKA, Juliana Harumi Chinatti. Do “corpo falado” à “fala corporificada”: a compreensão das convergências de estruturas de poder para repensar a Linguística Aplicada. *Rev. Bras. Linguíst. Apl.*, v. 19, n. 4, p. 825-848, 2019.

“O CORPO COMO ARMADURA DE RESISTÊNCIA”: CORPOS TRANS* NA CENOGRAFIA DE DIÁRIO EM PROSA E EM POESIA

Rafael Cossetti¹
Jarbas Vargas Nascimento²

RESUMO: Este artigo investiga a produção discursivo-literária de sujeitos trans* desenvolvida em uma cenografia de diário em prosa e em poesia. Fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de modo particular, na perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Dominique Maingueneau. Para o autor, a paratopia é o caráter paradoxal dos discursos constituintes, como os discursos filosófico, científico, religioso e literário, os quais se comportam como discursos fundadores que validam a si próprios por meio de suas cenas de enunciação. Nosso objetivo é examinar a constituição da paratopia em um *corpus* de três discursos literários da coletânea *Nós, trans: escrevivências de resistência do Grupo Transcritas Coletivas*. Nessa perspectiva, analisamos, a princípio, sua rede interdiscursiva e, a partir dela, concentramo-nos nas três dimensões sobre as quais incide a paratopia: a cenografia, o *ethos* discursivo e o código linguageiro. Além de constituir-se de forma paratópica nas dimensões analisadas, os resultados da análise indicam que essa produção discursivo-literária de sujeitos trans* busca criar um lugar social para esses sujeitos e seus corpos e fazem-no em resistência à cisgeneridade compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Discurso literário. Paratopia. Cenografia. Identidade de gênero.

ABSTRACT: This article investigates the literary-discursive production of trans* subjects developed in a scenography of diary in prose and poetry. We employed the theoretical-methodological framework of French Discourse Analysis (DA), in particular, in the discursive-enunciative perspective proposed by Dominique Maingueneau. According to the author, paratopia is the paradoxical character of self-constituting discourses, such as philosophical, scientific, religious and literary discourses, which behave like founding discourses that validate themselves through their enunciation scenes. Our aim is to examine the constitution of paratopia in a *corpus* of three literary discourses from the collection *Nós, trans: escrevivências de resistência* by Grupo Transcritas Coletivas. In this perspective, we analyzed, at first, its interdiscursive network and, based on it, we concentrated on the three dimensions upon which paratopia falls: the scenography, the discursive *ethos* and the linguistic code. In addition to being constituted in a paratopic way in the dimensions analyzed, the results of the analysis indicate that this literary-discursive production of trans* subjects seeks to create a social place for these subjects and their bodies and they do so in resistance to compulsory cisgenerality.

¹ Doutorando e mestre em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), *campus* Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil. Licenciado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo também pela UFES. Bolsista CAPES. E-mail: rafaelcossetti@gmail.com

² Doutor em Letras – Semiótica e Linguística Geral – pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP, São Paulo, SP. E-mail: jvnf1@yahoo.com.br

KEYWORDS: Discourse Analysis. Literary discourse. Paratopia. Scenography. Gender identity.

Considerações iniciais

Investigamos, neste artigo, a produção discursivo-literária de sujeitos trans*³ desenvolvida em uma cenografia de diário em prosa e em poesia e a constituição da paratopia nesses discursos. A valorização dessa produção discursiva requer uma luta contra essencialismos e dicotomias. Faz-se necessário, antes de tudo, problematizar posicionamentos assentados em modelos tradicionais e homogêneos, alicerçados em relações políticas de subordinação e de dominação, e refletir sobre mudanças sociais recentes, seja no dia a dia, seja na condução de nossas pesquisas. Abre-se espaço, desta forma, para uma perspectiva que celebra a complexidade da diferença.

Diferentemente do cisgênero, segundo as orientações de Jesus (2012), o transgênero não se identifica, de formas e em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhe foi designado antes mesmo do momento do seu nascimento. Os termos “transgênero” ou “trans*” funcionam como uma espécie de guarda-chuva utilizado para um conjunto diversificado de sujeitos com vivências bastante distintas, que lutam contra a rede complexa de regulação social que organiza e modela identidades, corpos e comportamentos.

Fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de modo particular, na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Maingueneau (1995; 1997; 2008; 2016). A fim de darmos conta do caráter interdisciplinar da análise, dialogamos com a perspectiva teórico-política *queer*, representada aqui sobretudo pelas obras de Butler (2002; 2015; 2016). Nesta orientação, aborda-se o gênero social como um conjunto de atos performativos, ou seja, uma norma que se materializa discursivamente. A pesquisa é de cunho analítico e emprega como *corpus* três discursos literários da coletânea *Nós, trans: escrevivências de resistência do Grupo Transcritas Coletivas*⁴.

A paratopia, de acordo com Maingueneau (2016), é o caráter paradoxal dos discursos constituintes, como os discursos filosófico, científico, religioso⁵ e literário, os quais se

³ Optamos por empregar, ao longo do trabalho, a construção “trans*”, com a presença do asterisco, a fim de evidenciar uma expansão de sentido dos termos “transgênero” e “trans”, que passa a se referir não só a mulheres ou homens trans ou transexuais, mas também a várias outras identidades de gênero, como travesti, não binário, gênero-fluido, etc.

⁴ Referimo-nos aos discursos por meio da referência “Grupo Transcritas Coletivas”, com o intuito de respeitar a forma coletiva de sua produção, indicando nas notas a responsabilidade de cada discurso.

⁵ Maingueneau (2016) enquadra o discurso religioso nos discursos constituintes. Nascimento e outros (2009) e Nascimento (2020), entre outras/os pesquisadoras/es, defendem a “constituência” do discurso teológico, na medida

comportam como discursos fundadores que validam a si próprios por meio de suas cenas de enunciação. A paratopia se articula em um investimento de uma cenografia que faz do discurso um lugar de representação de sua própria enunciação, de um *ethos* discursivo que faz emergir do discurso uma voz que ativa o imaginário estereotípico de um corpo enunciante socialmente avaliado e de um código linguageiro, cuja configuração específica opera sobre a diversidade de zonas e registros de língua com um efeito prescritivo que liga o ato de enunciação que dá origem ao discurso ao universo de sentido que ele realça.

Este estudo busca inserir a Linguística na compreensão do discurso literário e, neste empreendimento, busca valorizar discursos produzidos por sujeitos que historicamente foram e continuam sendo marginalizados, inclusive nos campos científico e acadêmico. O caráter interdisciplinar da AD viabiliza a pesquisa sobre o resgate e a criação, por meio do discurso literário, de uma memória coletiva na conjuntura atual de produção e de circulação desse tipo de discurso.

Dividimos o texto em quatro seções. Na primeira, discutimos a sedição dos discursos literários produzidos por sujeitos trans* contra uma conjuntura sociocultural de, pelo menos, três séculos que os exclui de diversas maneiras. Abordamos, na segunda, as características do discurso literário, para procedermos à análise na terceira, examinando a constituição da paratopia no nosso *corpus*. Na seção final, retomamos os resultados da análise e indicamos caminhos possíveis para a continuação e a ampliação deste estudo.

O discurso literário produzido por sujeitos trans* como “contradiscurso”

Para as diferentes correntes da Teoria *Queer*, o controle sobre os corpos e identidades de gênero é reconhecido como um dispositivo de poder e saber. Por isso, os sujeitos trans* acabam não sendo vistos como seres humanos, mas como seres abjetos “cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002, p. 161), ou seja, por não serem inteligíveis dentro dos padrões hegemônicos de gênero e de sexualidade baseados em um sistema binário. Para além da aceitação de um lugar “minoritário”, a perspectiva teórico-política *queer*⁶ propõe uma genealogia dos discursos que instituem a heterossexualidade e a cisgeneridade como normas compulsórias.

em que ele serve de base para o discurso religioso, que pode ser compreendido como profundamente institucionalizado, logo, não constituinte.

⁶ Concordamos com Pelúcio (2014) no que diz respeito à importância de uma reflexão sobre a forma segundo a qual adaptamos a perspectiva teórico-política *queer* ao contexto brasileiro. As categorias de gênero, de sexualidade e de raça/etnia se sobrepõem de forma distinta no contexto brasileiro daquele referenciado pelas/os autoras/es estrangeiras/os pertencentes a essa corrente. Essas/es pensadoras/es adotaram a ofensa “*queer*”, uma identidade

Os discursos literários constituídos em um regime de escrita de si buscam responder a uma conjuntura sociocultural de, pelo menos, três séculos que exclui sujeitos que não se conformam a suas regras compulsórias. A classificação de condutas individuais realizadas no século XIX se assenta na invenção de dois sexos “verdadeiros” no século anterior, de acordo com Laqueur (2001). Essa invenção se dá por intermédio da genitalização da sexualidade e das subjetividades e torna possível a naturalização dos gêneros.

Ao atravessar diversos campos e posicionamentos, o sistema binário masculino-feminino alega que o gênero espelha o sexo e todas as outras características constitutivas dos sujeitos estão atreladas a uma determinação biológica, natural. Em um sistema que só admite duas possibilidades, “a natureza constrói a sexualidade e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais” (BENTO, 2008, p. 17). Tal naturalização de dois sexos pode ser compreendida, se as condições sócio-históricas de surgimento dessa divisão forem recuperadas. Nicholson (2000, p. 18) argumenta que, no século XVIII, transforma-se “[...] o sentido das características físicas, que de sinal ou marca da distinção masculino/feminino passaram a ser sua causa, aquilo que lhe dá origem”.

Tanto Nicholson (2000) quanto Bento (2006) ilustram essa mudança no século XVIII com o estudo da literatura médica sobre o corpo desenvolvido por Laqueur (2001). Esse estudo identifica uma mudança importante no século XVIII. Dos gregos ao século XVIII, embora variável, conforme as especificidades de cada conjuntura, circulou uma noção “unissexuada” do corpo. Em contrapartida, uma noção “bissexuada” começa a surgir no século XVIII. Enquanto naquela noção o corpo feminino era concebido como uma versão inferior, incompleta do corpo masculino, nesta os corpos feminino e masculino são “criaturas” diferentes:

[...] a ideia de duas carnes, dois novos sexos distintos e opostos, seria cada vez mais incorporada ao corpo. Os interessados nesses assuntos não mais veriam a mulher como uma versão menor do homem ao longo de um eixo vertical de infinitas gradações, mas como uma criatura completamente diferente ao longo de um eixo horizontal, cujo solo intermediário era vazio (LAQUEUR, 2001, p. 182-183).

A construção de uma divisão natural entre dois sexos conduz o olhar médico na sua tarefa de desfazer “disfarces”. O trabalho de assepsia dos gêneros voltado para intersexuais e transexuais e conduzido no espaço hospitalar se intensifica no século XX (BENTO, 2006). Neste sentido, somente uma teoria e uma política pós-identitária conseguem promover uma

apontada mas até então não reivindicada, e conformaram um lugar político. Ademais, como o termo “*queer*” não significa nada ao senso comum brasileiro, perde-se a politização do termo desqualificador.

crítica a essa conjuntura, sem que acabem presas por sua lógica de prescrição de identidades e corpos a serem seguidos.

Essas normas prescritivas são rejeitadas, quando se percebe o gênero, como o faz Butler (2002, 2016), como um conjunto de atos performativos⁷, visão que permite compreender as vivências trans* fora dos modelos patológicos. Enquanto performance, o gênero se mostra como um efeito instituído, mantido e repetido no e pelo corpo, não um conjunto de processos socioculturais localizados em corpos sexuados. Segundo Butler (2016), essa performance deve ser entendida como um processo que articula sexo, desejo e prática sexual, como se houvesse uma coerência necessária entre eles.

A contribuição principal desse projeto é viabilizar atos de subversão dos gêneros. Dado que os sujeitos não são como meros resultados de um processo de socialização, podem optar por atualizar ou não as regras compartilhadas. Apropriar-se de termos ofensivos, por exemplo, mostra-se como uma maneira de subversão, uma prática que rivaliza com os valores que tornam esses enunciados depreciativos possíveis. Assim,

[...] palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2016, p. 235).

Entretanto, as performances não partem do nada e obedecem às normas vigentes, que são ensinadas aos sujeitos e demandam uma submissão compulsória. Em outras palavras, qualquer performance se mantém vinculada, de uma maneira ou de outra, à matriz heterossexual. Ao mesmo tempo que dita regras a serem seguidas, essa matriz fornece possibilidades de transgressões. Tanto os corpos que se conformam a suas normas quanto os que as subvertem o fazem em referência a ela.

Dentro dessa visão *queer*, assumimos “contradiscurso” como uma posição de resistência e subversão da matriz cisheterossexual. Os discursos literários que tematizam o próprio sujeito que assume responsabilidade por eles, as escritas de si, reagem a uma cena de interpelação que pergunta “quem é você?”. Um sujeito tematiza a si próprio em um discurso, conforme Butler (2015), quando é obrigado por um sistema de justiça e castigo. No caso dos discursos que

⁷ Para Butler (2016, p. 56, grifo da autora), “o efeito substantivo [do gênero] é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”.

compõem o *corpus*, que constituímos, a consideração desses sujeitos como seres abjetos incita que essa cena se configure violentamente. Mesmo assim, os enunciadores respondem e o fazem de modo a possibilitar a discussão e a luta por direitos.

O estatuto do discurso literário na Análise do Discurso

Como indicamos na seção introdutória, o discurso literário participa, como defende Maingueneau (2016), junto com os discursos filosófico, científico e religioso, de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes. Esses tipos de discursos podem parecer, de antemão, muito distintos para serem agrupados; no entanto, integram uma mesma categoria devido à sua “[...] função (fundar e não ser fundado por outro discurso), [a] certo recorte das situações de comunicação de uma sociedade (há lugares e gêneros vinculados a esses discursos constituintes) e [a] certo número de invariantes enunciativas” (MAINGUENEAU, 2016, p. 61).

Os discursos constituintes se caracterizam pelo acesso ao *archeion* de uma coletividade, isto é, à sede de autoridade que confere sentido aos atos da coletividade, mantendo um corpo de magistrados e arquivos públicos que estão sempre sendo atualizados. No *archeion*, associam-se “o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar vinculado com um corpo de locutores consagrados e uma elaboração da memória” (MAINGUENEAU, 2016, p. 61). Graças a esse acesso privilegiado, esses discursos se localizam na fronteira entre o mundo comum e um mundo superior, que excede o mundo humano. Essa característica faz com que eles sejam validados por uma cena de enunciação que os autoriza e que servem de origem para os outros tipos de discurso. Esse estatuto único, portanto, torna-os a um só tempo auto e heteroconstituintes: somente um discurso que se constitui gerindo em termos textual-discursivos sua própria emergência pode servir de fonte para outros discursos.

Maingueneau (2016) aponta que há duas dimensões indissociáveis na emergência desse tipo de discurso. Uma delas se refere a uma ação de se estabelecer legalmente, regrado sua emergência no interdiscurso, enquanto outra se relaciona aos modos de organização, em um sentido de estruturação de elementos que compõem uma totalidade textual. Nos discursos constituintes, a “[...] enunciação se instaura como dispositivo de legitimação de seu próprio espaço, incluindo seu aspecto institucional; ela articula o engendramento de um texto e uma maneira de inscrever-se num universo social” (MAINGUENEAU, 2016, p. 62). Nessa

perspectiva, uma análise da “constituência”⁸ desse tipo de discurso deve atentar para a imbricação entre uma atividade enunciativa e uma organização textual.

A inscrição dos discursos constituintes no universo social leva o autor a tratar da produção, do consumo e das relações que esses discursos mantêm com as mais diversas instituições sociais. Sem se filiarem a elas por completo, esses discursos guardam uma condição paradoxal. Assim, o discurso literário, como discurso constituinte, apesar de surgir em diferentes âmbitos sociais, não se fixa em nenhum deles; conserva-se em um pertencimento impossível que alimenta o próprio ato de enunciação que, por sua vez, acaba se revestindo da impossibilidade de inscrição tanto no interior quanto no exterior da sociedade. Quem produz um discurso constituinte “[...] não pode situar-se no exterior nem no interior da sociedade: está fadado a dotar sua obra do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento a essa sociedade” (MAINGUENEAU, 2016, p. 68). Resta uma difícil negociação entre lugar e não lugar. Esse caráter paradoxal, que se manifesta discursivamente, é denominado paratopia.

Em seus primeiros trabalhos sobre o discurso literário, Maingueneau (1995) cunha a noção de embreagem paratópica, um conjunto de relações que participam simultaneamente do potencial paratópico dos produtores desses discursos e do mundo delineado por eles. É possível analisá-la em termos de categorias, como a cenografia, o *ethos* discursivo e o código linguageiro. Tratamos agora de cada uma dessas categorias que são fundamentais para a análise do *corpus* desenvolvida na próxima seção.

A cenografia é uma das cenas da enunciação⁹, aquela com a qual o interlocutor lida mais diretamente. Mesmo sendo instituída na e pela enunciação logo de início, Maingueneau (2016) lembra que ela legitima o discurso e deve ser por ele legitimada. Em outros termos, a cenografia se confunde com o enunciado que sustenta, e o enunciado, por sua vez, também sustenta a cenografia. No entanto, não se trata de um simples suporte; ela é, antes, um dispositivo capaz de articular a obra e as condições que propiciam sua criação. Maingueneau (1997) esclarece esse dispositivo constituído por elementos da dêixis discursiva¹⁰, a partir de coordenadas

⁸ O termo “constituência” é específico da AD, especialmente vinculado a diversos textos de Dominique Maingueneau que tratam de discursos constituintes. Serve para enfatizar o caráter de autoinstauração desses discursos.

⁹ Em vários trabalhos, Maingueneau (2016) distingue três cenas de enunciação. Além da cenografia, há a cena englobante, que “corresponde ao que se costuma entender por ‘tipo de discurso’” (MAINGUENEAU, 2016, p. 251), e a cena genérica, negociada por meio de um gênero de discurso específico que participa de uma determinada cena englobante.

¹⁰ A dêixis e a dêixis discursiva possuem a mesma função, mas esta se manifesta “num nível diferente: o do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação. Em geral, as três instâncias da dêixis discursiva não correspondem a um número idêntico de designação nos textos, mas cada uma recobre uma família de expressões em relação de substituição. Distinguir-se-á nesta dêixis o **locutor** e o **destinatário discursivos**, a **cronografia** e a **topografia**” (MAINGUENEAU, 1997, p. 41, grifos do autor).

espaçotemporais implicadas na cena de enunciação, que consistem em um primeiro acesso à cenografia; ela implica uma figura de enunciador e co-enunciador, uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar), marcas das quais o discurso emerge. Se existe dêixis discursiva é porque a formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de uma conjuntura histórica e de um espaço evidentemente determináveis, mas a partir da cena que sua enunciação produz. A escolha da cenografia é essencial para constituir e legitimar seu *ethos* discursivo e para mostrar que o enunciador negociou um código linguageiro adequado àquele universo.

O *ethos* discursivo é construído por meio do discurso em um processo interativo de influência sobre o co-enunciador. Isto é, concerne um comportamento socialmente avaliado, que é compreendido dentro de uma situação específica de comunicação e de uma conjuntura sócio-histórica determinada. Além disso,

[...] o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica... (MAINGUENEAU, 2008, p. 18).

A ideia de que cada discurso possui um tom específico que aponta para seu enunciador implica também a determinação de uma instância subjetiva encarnada que desempenha a função de fiador. Por meio de indícios textuais, o co-enunciador constrói um conjunto de traços físicos e psíquicos que se sustentam em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, em estereótipos culturais, que são reforçados ou transformados (MAINGUENEAU, 2016). Em concomitância ao desenvolvimento do *ethos*, a tensão entre enunciação e mundo representado produz o seu oposto, o *antiethos* (MAINGUENEAU, 1995, 2016), uma estratégia ao mesmo tempo de avaliação negativa da comunidade imaginária concorrente e de enaltecimento do seu próprio *ethos* discursivo.

O código linguageiro, enfim, diz respeito a uma configuração específica que determinada formação discursiva emprega no momento da enunciação, posto que ela não enuncia por meio de uma língua, mas através de um código específico (MAINGUENEAU, 2016). O uso que se faz da língua é constitutivo de uma formação discursiva e este código participa da autolegitimação do enunciador.

Em se tratando de campo literário, o criador negocia um código linguageiro que lhe é característico, colocando a sua produção em interação com outros códigos e, muitas vezes, com os limites inferior (infralíngua) e superior (supralíngua) de uma língua natural. Nos termos de Maingueneau (2016), enquanto a infralíngua “[...] está voltada para uma origem que seria uma

ambivalente proximidade do corpo, pura emoção” (MAINGUENEAU, 2016, p. 191), a supralíngua “[...] acena com a perfeição luminosa de uma representação idealmente transparente ao pensamento” (MAINGUENEAU, 2016, p. 191).

Corpos trans* na cenografia de diário em prosa e em poesia

Com base nos apontamentos e nas categorias apresentadas até aqui, analisamos nesta seção os três discursos literários produzidos por sujeitos trans* que compõem o nosso *corpus*. Os três discursos fazem parte da coletânea *Nós, trans: escrevivências de resistência* do Grupo Transcritas Coletivas (2017), publicada no formato de livro eletrônico pela LiteraTRANS. Essa editora é voltada exclusivamente à produção discursivo-literária de sujeitos trans* e mantém envolvidos na parte criativa da produção dos livros somente sujeitos trans*. Essa política editorial de valorização garante uma interferência mínima de sujeitos cisgênero e, por consequência, uma produção discursivo-literária lídima desses sujeitos.

Observamos o interdiscurso, a cenografia, o *ethos* discursivo e o código languageiro, a fim de examinarmos o funcionamento da paratopia na encenação literária. Uma vez que a paratopia se manifesta em dois níveis, o de discurso constituinte e o de cada produtor/a de um discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2016), nossa análise considera a cenografia como produto central do nível do discurso constituinte e o *ethos* discursivo como projeção da/o produtora/o desses discursos.

Com efeito, predominam, nos discursos selecionados, interdiscursos que tornam possíveis a apresentação de uma conjuntura sócio-histórica de produção de narrativas sobre os sujeitos trans*. Trata-se de uma conjuntura sustentada por um olhar cisheteronormativo sobre esses sujeitos. À primeira vista, temos interdiscursos dos campos médico e político. Mesmo que seja conduzida uma cena na qual se apresente um sujeito enunciador particular, a ideia de uma coletividade trans* percorre esses discursos.

No *corpus* constituído, verificamos a administração de uma cenografia de diário em prosa, com traços narrativos dominantes, que cedem espaço, em algum ponto, à poesia. Existe uma fluidez no processo de negociação dessa cenografia, na medida em que uma de suas partes se desenvolve em prosa, um regime de enunciação mais objetivo, no qual o enunciador se dirige para o mundo, e outra, em poesia, um regime que direciona o discurso sobre o próprio enunciador, não havendo uma separação explícita entre “eu” e “não eu”. Trata-se de uma escolha que agrega à cenografia a valorização da diferença em mais um nível discursivo.

A narração de experiências cotidianas e íntimas funciona, em primeiro lugar, como afirmação de sua presença e de suas angústias enquanto sujeito trans* e, em segundo, uma

maneira velada de criar a adesão do co-enunciador; talvez contando com a sua disponibilidade devido ao apelo público que as narrativas trans* conservam há tempos (MOIRA, 2018), talvez, o que é mais possível, por optar selecioná-lo, levando em conta um posicionamento que concorde com o seu próprio.

Embora não igualemos a função infralíngua ao regime de enunciação da poesia, para os objetivos deste trabalho, defendemos que há entre eles uma relação especial, dado que, nesse *corpus*, o retorno enunciativo ao “eu”, seja ele individual ou coletivo, é mediado por uma relação de pura emoção, que é comprovada pelo emprego infralinguístico. Diferentemente da prosa, que narra, descreve, explana, nesse recorte, a poesia serve, desse modo, para mostrar a visão específica do “eu” e evocar uma gama indistinta de efeitos que abarcam essa identidade.

Ao longo desses discursos, como veremos, há um movimento, não necessariamente nesta ordem, no qual a predominância da supralíngua, a função coerente e gradual da língua, é substituída pela força da infralíngua, em um grito emotivo de resistência. No momento em que predomina o regime da poesia, o enunciador reflete sobre sua identidade, considerando a diferença que a constitui, e sobre as consequências para a imagem de si, que resultam do tipo de pertencimento dos sujeitos trans* à sociedade. Antes da análise de cada um dos três discursos, apresentamos dados biográficos dos responsáveis pelos discursos. Não os indicamos como uma alternativa à imagem de si mostrada no e pelo discurso, mas como uma extensão dela, aproximando, como é usual em escritas de si, identidade empírica e identidade discursiva.

(1) O corpo como armadura de resistência¹¹

- [1] Era mais ou menos 8 da manhã de um dia qualquer, quando fui no mercado do bairro com minha renda no rosto, óculos escuros e peruca chanel vermelha comprar ração para os meus gatos. Notar a expressão indignada das pessoas ao me ver causa em mim um prazer indescritível, é tanto que fico rindo sozinha.
- [2] No caminho de volta pra casa, lembrei da minha época de escola, quando passei a transbordar minha transgeneridade e, conseqüentemente, meu estilo “extravagante” aos olhos da sociedade. A partir daí, as opressões diárias que eu sofria naquele lugar deram espaço a olhares curiosos, espantados e quase sempre silenciosos. Foi aí que percebi que minha expressão funcionava como uma afronta a todos aqueles que me oprimiam e me violentavam; minha aparência se tornou meu escudo, minha armadura, e é assim até hoje.
- [3] O armário nunca foi uma opção, então fiz e faço do meu ser a minha maior arma. Mesmo com as consequências, empoderar-me da minha identidade foi um dos maiores atos que pude fazer por mim mesma, contrariando quem achou que iria me reprimir, me acuar, me fazer ter vergonha de mim mesma, pois é isso o que eles querem.
- [4] Mas a gente não dá o que eles querem
A gente dá o troco

¹¹ Na coletânea, o discurso é assinado por Ana Giselle.

A gente vive
A gente resiste
Falando, gritando, lutando, tentando ser feliz
Até que nos matem

(GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 19-20).

O discurso 1 é de Ana Giselle, recifense de 21 anos, artista e DJ, que se apresenta como “transalien” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 161). O co-enunciador engaja-se em uma identidade e um corpo subversivos, que resistem em um lugar (topografia) de espaços rotineiros autorizados à cisgeneridade, como o mercado do bairro e a escola. Essa escolha topográfica é significativa, posto que, nesses ambientes, os sujeitos trans* são confrontados pelo posicionamento regulador da matriz cisheterossexual. À medida que se ostenta um “escudo”, uma “armadura”, uma “arma”, o *ethos* singular consegue produzir um deslocamento dos estereótipos sobre os sujeitos trans*.

Nesse discurso, a identidade do enunciador é considerada em uma condição sócio-histórica bem delimitada e, ao seu corpo, é reservado um lugar destacado no conjunto de práticas discursivas produtoras de identidades. O processo de constituição e de afirmação da identidade do enunciador passa a admitir o papel medular da diferença e o peso de aspectos corporais e expressivos. Diante disso, concebemos que “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (WOODWARD, 2014, p. 14).

Nesse sentido, o corpo do fiador sobressai como um discurso que se insurge contra a cisgeneridade compulsória dos espaços públicos, intervindo neles. Observamos, em 1§1º: “notar a expressão indignada das pessoas ao me ver causa em mim um prazer indescritível, é tanto que fico rindo sozinha” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 19). O enunciador explicita sua posição consciente e percebe seu corpo como um dispositivo discursivo, cujo poder é desestabilizador, como uma “arma” que engendra “[...] uma cadeia de identificações e de negações sucessivas” (PRECIADO, 2014, p. 87) e ameaça uma série de binarismos basilares para o sistema da cisgeneridade compulsória.

Em sua posição de enfrentamento da cisgeneridade, o enunciador se afirma como trans* não passável, quer dizer, define-se como uma identidade que não se conforma aos aspectos culturais, que caracterizam as identidades cisgênero e não sente “vergonha” por isso: “o armário nunca foi uma opção, então fiz e faço do meu ser a minha maior arma” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 19). O conceito de passabilidade é visto pela primeira no âmbito do gênero social com o estudo de Garfinkel (2006 [1967]), apesar de o autor não

empregar, de maneira explícita, essa terminologia. A passabilidade, como indicam Butler (2016) e Bento (2008), pode ser compreendida como a construção de uma expressão de gênero inteligível, que se adequa à cisgeneridade compulsória.

Se considerarmos o embreante código linguageiro, a narração dominante, nessa cenografia, demanda a utilização de um de seus princípios mais básicos, o tempo pretérito perfeito. Nesse exemplar, a narração que rememora experiências passadas do enunciador decompõe o tempo em dois momentos diferentes, um mais remoto, da “época de escola”, da fragilidade, e outro mais recente, de resistência, de ocupação dos espaços públicos. A dinâmica entre um momento mais remoto e um mais recente reforça outra instância que ratifica essa cenografia: um tempo (cronografia) de mudança.

Por sua opção narrativa, a escrita de si depende da presença constante da primeira pessoa do singular. Dentro do movimento de deslocamento do regime enunciativo da prosa para o da poesia, em 1§4º, o “eu” cede seu lugar para “a gente”. A identidade do enunciador, agora em uma perspectiva mais coletiva, afirma a luta e a resistência dos sujeitos trans* e protesta, no último enunciado, contra a violência da cisgeneridade compulsória.

O segmento desse discurso que usa o regime da poesia manifesta uma identidade alargada. O “eu” que retorna sobre si mesmo, que caracteriza a poesia, faz-se aqui “eu” coletivo. Junto com os outros embreantes, essa identidade estabelece representações da paratopia de gênero, que são gerenciadas com base na marcação simbólica que recebem socialmente certas identidades de gênero, certas expressões de gênero e certos corpos.

(2) 22 de agosto¹²

[1] Um corpo em disforia. Dor
Um corpo trans. Um soco, dor
Raiva, sangue... dor
Gozo, bocejo. Ódio, ócio
Dor
Odiar-se, reparar-se, remendar-se
Transmutar-se, transformar-se

[2] Hoje eu me olhei no espelho, nu. E detestei. Eu cuspi no reflexo, ameacei cravar uma faca no meu peito e nunca mais respirar. Segurei minhas coxas com raiva, enfiei minhas unhas nelas num movimento animalesco e gritei. Fiz o mesmo com a cintura, belisquei minhas cicatrizes (como se pudesse me livrar delas). Bem, eu não consegui. E eu me odeio. Eu me odeio por não conseguir e me odeio ainda mais por persistir.

[3] Vocês nunca vão saber como é não se sentir bom o bastante para nada.

¹² O discurso é assinado por Kaique Theodoro.

[4] Eu escrevo por sobrevivência. Parece que as palavras saem da minha boca com o peso de toda essa existência, pouco a pouco. Parece que consigo me livrar de mim assim. Eu só queria dizer que estou aqui.

[5] E dói.

(GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 40).

Kaique Theodoro, homens trans de 22 anos, carioca, modelo, músico autodidata e ator do grupo Transarte, assina o discurso 2, cuja cenografia inverte o movimento prosa-poesia sistematizado no discurso anterior. Aqui, a poesia do recorte inicial vai se deslocando para a prosa. Nesse discurso, a imagem de si e a de seu corpo são confrontadas na fala do enunciador.

Em primeiro lugar, o enunciador se move por um lugar (topografia) de intimidade doméstica, para em frente ao espelho e observa seu corpo: há uma divergência entre sua identidade de gênero e sua materialidade corporal. Esse *ethos* discursivo do isolamento, em uma dimensão experiencial, é sancionado pela falta de um diálogo explícito com outras corporalidades. Essa cena de fechamento em si, porém, cria um efeito intimista, cujo objetivo é ganhar a adesão do co-enunciador. A busca pela adesão do co-enunciador pode ser comprovada, em uma visada patemizante reforçada (CHARAUDEAU, 2007)¹³, no recorte “vocês nunca vão saber como é não se sentir bom o bastante para nada” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 40).

Menciona-se, em segundo lugar, a “disforia” de gênero, desde o princípio, e seus efeitos sobre o enunciador são desenvolvidos ao longo da cenografia de diário. É importante lembrar que, apesar de nem todo trans* ser disfórico, essa condição de ansiedade duradoura, que se origina do descompasso entre identidade e expressão corporal, pode marcar a experiência de alguns sujeitos trans*. A enunciação fica, assim, respaldada por uma cronografia de lamento, de dor, que remete à instância temporal da reivindicação coletiva de acesso ao processo transexualizador e à cidadania plena.

A paratopia de gênero, como está expressa em “hoje eu me olhei no espelho, nu. E detestei” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 40) estabelece, na figura do espelho, um embreante que dialoga com o mito do duplo¹⁴. Por intermédio desse objeto, o enunciador lida com uma percepção de sua materialidade física que não condiz com a imagem que tem de si. As escolhas discursivas nos diferentes níveis desse discurso criam um efeito de

¹³ Extrapola nosso objetivo discutir o conceito de visada patemizante de Charaudeau (2007). Em suma, quando o sujeito enunciador reforça a visada patemizante de seu discurso, quer dizer que intenciona emocionar seu público, para conseguir sua adesão.

¹⁴ As relações entre o mito do duplo e a produção do Grupo Transcritas Coletivas são discutidas em Cossetti (2019).

expressividade que evocam uma corporalidade aflita. Esse fiador revela a necessidade de adequar seu corpo, de “transmutar-se, transformar-se” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 40), o que aponta para uma superação do duplo da estética romântica, segundo o qual se costumava aludir à inversão, no íntimo das personagens, de princípios morais.

A paratopia, nesse discurso, também está na posição do enunciador como pertencente à classe artística, literária. Devido ao seu lugar social incongruente, a/o artista precisa discursivizar, em suas obras, sua errância, fazendo emergir nelas variadas representações da paratopia.

A paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento. Na qualidade de enunciação profundamente ameaçada, a literatura não pode dissociar seus conteúdos da legitimação do gesto que os propõe; a obra só pode configurar um mundo se este for dilacerado pela remissão ao espaço que torna possível sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2016, p. 119).

Em 2§4º, a paratopia atravessa a figura da/o artista que se expressa pela palavra escrita: “eu escrevo por sobrevivência” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 40). O potencial paratópico de uma vivência ameaçada se transforma em ato ameaçado, o da literatura. A pressuposta reincidência desse ato, já que dele depende a sobrevivência do enunciador, é aprofundada pelo título “22 de agosto”, que, ao que tudo indica, trata-se de um dia como qualquer outro.

Ademais, em relação ao código linguageiro, notamos que o percurso da função infralíngua, no recorte dominado pela poesia, para a supralíngua, configura uma tentativa de o enunciador racionalizar e controlar sua dor. Essa atitude resulta em uma repetição do “eu”, em um movimento cenográfico de afirmação de sua identidade e, por conseguinte, de consciência da interferência discursiva do discurso constituinte no espaço social.

Em 2§5º, reitera-se a função supralinguística e conclui-se o discurso, reafirmando a dor do enunciador, agora de forma sucinta e estoica, se a compararmos com o primeiro recorte dessa configuração cenográfica, no qual prevalece a função infralíngua.

(3) Florescer no feminino¹⁵

[1] É difícil se amar. É difícil se querer bem.

¹⁵ O discurso é assinado por Lana de Holanda.

- [2] Coluna reta! Boca fechada! Pernas cruzadas! Senta igual homem! Essa maquiagem tá muito forte! Quer ser mulher? Mulheres não falam isso. Mulheres não escrevem isso. Mulheres não postam isso. E o silicone, tá juntando dinheiro? Mas não pode ser muito grande, vai parecer uma puta. E a buceta? Ah não! Mulher de pau não pode! Mulher tem que ter buceta, mulher é buceta! E os namorados? Mas como vocês se relacionam? Ah tá, ele é gay. Ué, mas você não é gay? Trans não é gay? Vamos falar a verdade, é tudo igual né. Pouca vergonha. Falta de respeito. Isso é falta de Deus. Falta de amor próprio. Doença. Eu não entendo direito como funciona esse negócio de nascer de um sexo, mas se perceber de outro. Me explica? Ah não, explica não. Agora tô sem tempo. Eu não entendo, mas respeito, isso que importa. Drama! E daí que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans? Morre gente todo dia. Todo tipo de gente. É muita vitimização. E quem garante que essas travestis não estavam fazendo algo errado? Prostituição? Quem quer trabalha. Você mesma trabalha, por que as outras não fazem igual? Transfobia?! Ah não, é muita palavra nova. Muito esquerdismo. Mimimi.
- [3] É preciso tentar. É preciso seguir.
- [4] Não me curvo, além do que já sou curvada normalmente. Não desvio meu olhar. Não boto galho dentro. Ok, às vezes olho pro chão. Mas esse é um hábito que tenho desde pequena. Andar olhando pro chão. O que será que estava procurando? Eu tava me procurando pelo caminho? Me encontrei, mas a mania ficou. “O chão é duro demais”, minha terapeuta disse. Aí, quando lembro dela falando isso, eu levanto o olhar. Vejo alguns rostos, alguns olhares, vejo o sol, as flores, os carros e as paredes. Quando me dou conta, já estou olhando pro chão de novo. Não sofro por isso, nem fico remoendo. Só me preocupo com a postura mesmo. Com os eventuais problemas de coluna.
- [5] Mas, nessa vida escrota, eu aprendi muita coisa. Aprendi a dizer “ela” quando dizem “ele”. Aprendi a falar “Lana” quando dizem o outro nome. Aprendi a apenas revirar os olhos e respirar fundo com quem não vale a pena bater de frente. Aprendi a ser política. Aprendi a sorrir e ver beleza no meio de tanta exigência e de tanta imposição. Aprendi a ver isso, porque realmente existe muita beleza e muitos motivos pra sorrir. Nem tudo são flores, mas nem tudo são dores. Não, não. “Você é forte”, eles dizem. Eu me pergunto se realmente sou, ou se é só a máscara que decidi usar. Sou sim, sou forte. Não alguém do planeta Krypton, mas forte. Apenas o suficiente. Forças e fraquezas, sorrisos e choros, sinceridade e deboche, curiosidade e preguiça. Muita preguiça. Paixões, amor pelo Amor, tesão e sono. Gargalhadas incontroláveis. Essas coisas fazem eu ser a mulher que sou. A mulher que muitos duvidam. A mulher que eu vivo. A mulher que resiste. A mulher que brota e floresce diariamente. A mulher de pau. A mulher humana. A mulher eu. Lana.

(GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 112-113).

O discurso 3 é de autoria de Lana de Holanda, mulher trans de 26 anos. Nascida em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, é estudante de Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criou a página *Transgressiva* e foi assessora parlamentar da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ). Nesse discurso, o enunciador particulariza a voz do Outro, de posicionamento inconciliável, mostrando um *antiethos* bem delimitado que orienta sua paratopia criadora.

Por todo o parágrafo 3§2º, introduzem-se vozes resultantes de um posicionamento heteroconformista opressor que ordena o cumprimento de normas de gênero, baseadas em marcas biológicas, como a genitália. A construção dessas vozes retoma um contexto sócio-

histórico de controle sobre os corpos e de patologização de identidades dissidentes, o qual foi examinado de forma sucinta em uma parte anterior de nossa pesquisa.

O caráter e, conseqüentemente, o corpo do Outro se mostram como uma personagem múltipla que enlaça o potencial paratópico dos sujeitos trans* ao seu discurso. O *ethos* discursivo associado ao posicionamento *queer* do enunciador é de autopertencimento, de uma corporalidade, que se revela em uma topografia de resistência rotineira e pública. O enfrentamento entre esses dois modos de existir fazem funcionar a paratopia de gênero, que é condição e produto dessa enunciação.

Essa instabilidade entre autopertencimento e opressão, no nível do embreante código linguageiro, é abordada na seleção de itens lexicais e expressões que ajudam a construir um caráter controlador e transfóbico para o *antiethos*. Aparecem, ao longo de 3§2º, por exemplo, “doença”, “vitimização”, “pouca vergonha”, “muito esquerdismo” para indicar a condição social dos sujeitos trans*. Nesse mesmo parágrafo, há uma série de enunciados diretivos, “Coluna reta! Boca fechada! Pernas cruzadas! Senta igual homem!” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 112).

Em resposta, o enunciador dirige-se, em 3§3º, a si e ao seu grupo com as seguintes diretivas: “É preciso tentar. É preciso seguir” (GRUPOS TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 112). O efeito intimista criado, nesse exemplar, pela cenografia de diário não deixa de ser uma forma de maquiar a persuasão pretendida. De acordo com Amossy (2007), todo ato enunciativo, mesmo quando não se mostra argumentativo em um senso mais específico do termo, acaba orientando a forma de ver e refletir do co-enunciador. Podemos defender que essa dinâmica é destinada a co-enunciadores que compartilham um posicionamento aproximado ao do enunciador.

O enunciador aborda sua corporalidade como um dispositivo discursivo que se insurge contra a cisgeneridade compulsória, ocupando os espaços públicos, como acontece no discurso 1. A consciência do poder de seu próprio corpo é conquistada por meio de uma cronografia de aprendizagem gradual, descrito no começo de 3§5º, que é, igualmente, tempo de mudança, de reivindicação. Então, à interpelação controladora do Outro – “E a buceta? Ah não! Mulher de pau não pode! Mulher tem que ter buceta, mulher é buceta!” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 112) –, que equivale genitália à identidade de gênero, o corpo da “mulher de pau” responde com a asserção de sua presença desestabilizadora.

O título “Florescer no feminino” se insere nesse tempo de aprendizagem gradual e descreve um processo reiterado “diariamente”. Essa cena de metamorfose reproduz o mito literário do duplo, presença constante em toda a coletânea, que se comporta aqui como um

modo de gerenciamento discursivo que emerge da dificuldade do processo encarado pelo enunciador de substituição irreversível de uma identidade ilusória por uma identidade legítima.

A poesia, em 3º, é elaborada pelo retorno do enunciador a si mesmo em um movimento circular, que vai certificando, em uma enumeração, diversas características dessa identidade discursiva legítima. Nesse recorte, o ritmo deve ser marcado pela repetição do item “mulher”, que funciona, nesse retorno sobre si, como uma afirmação da identidade de gênero.

Termina-se o discurso em: “A mulher humana. A mulher eu. Lana.” (GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS, 2017, p. 113). O extravasamento do “eu” que se sobressai no segmento em poesia é, em última instância, encerrado com a afirmação do nome, cujo peso simbólico também pode ser constatado em outras escritas de si de sujeitos trans*.

Nos discursos analisados, cumulam-se vários efeitos da paratopia de identidade. A paratopia de gênero se encontra em primeiro plano e combina-se com a paratopia do tipo social e a do tipo corporal. A essa combinação de efeitos, soma-se o gerenciamento de dois regimes de enunciação diferentes, a prosa e a poesia, resultando em uma atualização da paratopia nessas condições sócio-históricas de produção discursivo-literária.

Considerações finais

Examinamos, neste trabalho, o ato de criação discursivo-literário de sujeitos trans* desenvolvido em uma cenografia de diário em prosa e em poesia, buscando focalizar sobretudo a dimensão corporal encenada. Os resultados da análise confirmam que, além de constituir-se de forma paratópica nas três dimensões analisadas, essa produção discursivo-literária busca criar um lugar social para esses sujeitos e seus corpos por meio da resistência à matriz cisheterossexual.

Por estarem alicerçados em um posicionamento *queer*, segundo o qual o gênero é performado discursivamente e, por isso, pode apresentar-se em inúmeras expressões, esses discursos geram em suas cenas um dissenso com um posicionamento conversador e biologizante do gênero. O conflito entre esses dois posicionamentos insere, pois, nesses discursos uma caracterização pejorativa para os associados a um posicionamento cisheteroconformista e uma apreciativa para os vinculados ao posicionamento *queer*, no qual se localizam todos os enunciadores dos discursos analisados.

Defendemos, ainda, que há nesse *corpus* um agenciamento coletivo da enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2017), no e por meio do qual cada característica individual citada é

índice para uma história maior, coletiva¹⁶. Nesses discursos, um enunciador, que representa um grupo, coloca-se em uma posição de confronto em relação ao pertencimento social reservado às identidades e aos corpos do seu grupo.

Os discursos aqui analisados abarcam uma luta travada pela liberdade de expressão da identidade de gênero e equivalem a uma porção pequena de um tipo de produção discursiva bastante heterogênea, que requer outras investigações linguístico-discursivas. Julgamos, por fim, que a análise de escritas de si torna possível uma expansão do estudo sobre a representação da paratopia de identidade. Esse movimento ajudaria a explicitar o discurso literário em uma dimensão também pedagógica, configurando-se como uma prática discursiva que indaga os comportamentos e/ou papéis de gênero estabilizados para determinada identidade. Além disso, este tipo de discurso auxilia na chancela ou na desestabilização do imaginário de gênero corrente, ou seja, as identidades discursivas podem ser agenciadas como embreantes paratópicos resistentes à estratificação das identidades de gênero, baseada em argumentos que a fazem parecer natural, imutável.

Referências

AMOSSY, R. O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Trad. Adriana Zavaglia. *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Trad. Susana Bornéo Funck. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Entrevista concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹⁶ Em Cossetti (2019), esse movimento discursivo, em que histórias e características individuais servem de índice para uma história coletiva, é analisado em outras cenografias.

CHARAUDEAU, P. *A patemização na televisão como estratégia de autenticidade*. Trad. Renato de Mello. 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>. Acesso em: 6 maio 2020.

COSSETTI, R. *Diferença e coletividade: a produção discursivo-literária de sujeitos transgêneros*. Orientador: Jarbas Vargas Nascimento. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS. *Nós, trans: escrituradas de resistência*. São Paulo: LiteraTRANS, 2017. *E-book*.

GARFINKEL, H. Passing and the managed achievement of sex status in an “intersexed” person. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (ed.). *The transgender studies reader*. New York: Routledge, 2006. p. 58-93.

JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. rev. ampl. Brasília: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadeseaxual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOIRA, A. De quando elas e eles contam suas histórias: uma breve genealogia das autobiografias trans mostra a potência dessas obras. *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 145, p. 4-5, mar. 2018. Disponível em: http://www.suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_145_web.pdf. Acesso em: 23 abr. 2020.

NASCIMENTO, J. V. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, J. V.; FERREIRA, A. (org.). *Discursos constituintes*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 34-59.

NASCIMENTO, J. V. et al. *A parábola do filho pródigo*. São Paulo: LPB, 2009.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. Trad. Luiz Felipe Guimarães Soares. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 68-91, maio/out. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acesso em: 2 abr. 2020.

PRECIADO, [Paul B.]. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

CORPO SILENCIADO, VOZ SILENCIADA: ANÁLISE DO DISCURSO DOS HOMENS TRANSEXUAIS SOBRE O ATENDIMENTO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Jonathan Ribeiro Farias de Moura¹
Bruna Valentim da Silva²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso de dois homens trans que usaram o Sistema Único de Saúde brasileiro. As entrevistas foram realizadas para que eles relatassem suas experiências. Para tanto, iremos utilizar os pressupostos da Análise Materialista do Discurso que teve como um dos precursores Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil. Trabalharemos o conceito de Silêncio, Discurso, identificação e contra identificação. Ao fim, perceberemos que há ainda muito o que se consolidar na inserção da comunidade transexual para ter um atendimento pleno e respeitoso nas unidades de atendimento do Sistema Único de Saúde brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Homens Transexuais. Silêncio. Discurso. Saúde.

ABSTRACT: The present work aims to analyze the discourse of two trans men who were users the Brazilian Unified Health System. Their experiences were reported through interviews. Therefore, we will apply the assumptions of the Materialist Discourse Analyses that had as one of the precursors Michel Pêcheux, at France, and Eni Orlandi, at Brazil. We'll the concept of Silence, Discourse, Identification and counter-identification. At last, we will realize that there is still much to consolidate in the inclusion of the transexual community in order to have full service and respect in the care units of the Brazilian Unified Health System

KEYWORDS: Transsexual Men. Silence. Discourse. Health.

Introdução

Os transexuais são sujeitos que não se identificam com o seu sexo biológico, gerando um conflito, devido ao não-pertencimento ao sexo, entre sua identidade de gênero e o seu sexo anatômico. O sexo biológico é determinado pelas características fenotípicas e genotípicas presentes no corpo do indivíduo, enquanto identidade de gênero diz respeito a como o indivíduo enxerga-se dentro do conceito de gênero estabelecido na sociedade, sua forma de expressar o seu gênero, podendo ser divergente do sexo biológico. Portanto, uma pessoa transexual não tem suas características anatômicas, fenotípicas e genotípicas correspondente à sua forma de ver-se dentro dos padrões de gênero. (ARÁN; MURTA & LIONÇO, 2009)

¹ É membro do Laboratório de Formação Geral da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fiocruz – Rj, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jonathan.moura@fiocruz.br

² Cursando o 5º período de Farmácia pela UFRJ. E-mail: brunavalentims@hotmail.com

A condição de pessoa transexual faz diferença no aspecto da saúde, pois essas pessoas podem ou não buscar formas de readequar seu corpo à sua identidade de gênero através de cirurgias que são garantidas pelo Sistema Único de Saúde (doravante SUS) desde 1997, quando foi autorizado pelo Conselho Federal de Medicina na Resolução nº 1.482/97. Esse tipo de cirurgia só é garantido aos transexuais, porque essas pessoas são consideradas, equivocadamente, portadoras de disforia de identidade de gênero. Para ter acesso à cirurgia, o paciente precisa apresentar critérios que o identifique com disforia de gênero e faça o acompanhamento do programa durante, no mínimo dois anos, e, ao final do processo, ocorra uma confirmação do "diagnóstico"(Idem).

O processo readequação sexual oferecido pelo SUS ocorre através de cirurgias de transgenitalização (neocolpovulvoplastia, neofaloplastia, mastectomia e histerectomia), hormonioterapia e acompanhamento com psicólogos, ginecologistas, endocrinologista, urologistas, clínicos gerais e serviço social. Para ter acesso aos procedimentos cirúrgicos, é necessário que o paciente faça o acompanhamento de dois anos com uma equipe de multiprofissionais e tenha o "diagnóstico" confirmado, além, também, de ter no mínimo 18 anos para a realização das cirurgias e 16 anos para o início da hormonioterapia, dados que estão presentes no Plano Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais formulado pelo Ministério da Saúde (2013).

Dentro do grupo de pessoas transexuais, existem os homens transexuais e as mulheres transexuais. De acordo com Cartilha de Atenção integral à saúde da população trans do Ministério da Saúde (2013, p. 5-6)

Mulheres transexuais: são mulheres que não se identificam com seus genitais biológicos masculinos, nem com suas atribuições sócio-culturais. Em alguns casos, podem exercer sua identidade de gênero feminina em consonância com seu bem estar bio-psico-social através da cirurgia de redesignação sexual.

Homens transexuais: são homens que não se identificam com seus genitais biológicos femininos, nem com suas atribuições sócio-culturais. Em alguns casos, podem exercer sua identidade de gênero masculina em consonância com seu bem estar bio-psico-social através da cirurgia de redesignação sexual.

Esses aspectos, também, influenciam no âmbito da saúde. Atendimentos especializados no gênero masculino são restritos ao órgão genital, portanto o homem transexual não-operado sofre com esse processo, muitas vezes, por discriminação e constrangimento. As demandas dos homens transexuais na área da saúde são muitas,

como podemos ver nesse relato do transexual Alexandre dos Santos, dado à revista Fórum Semanal³, sobre quais as demandas dos homens transexuais na saúde:

Precisamos de uma atenção básica à saúde dos homens trans desde o processo transexualizador a todas as outras transversalidades que dizem respeito à saúde integral, considerando a perspectiva como o corpo lido como do sexo feminino, somos homens e exigimos respeito a nossa identidade de gênero. (NERY; SANTOS, 2014. Sem página.)

Na área da saúde, apesar da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, que tem como objetivo garantir equidade no SUS, qualificar os profissionais para um atendimento integral à população LGBT, entre outras estratégias; há um despreparo dos profissionais em relação aos atendimentos às pessoas transexuais. Isso ocorre devido a uma falta de estudos, debates e discussões sobre gênero na profissionalização dessas pessoas que entram em contato direto na assistência desse público específico gerando situações constrangedoras aos pacientes.

Essas pessoas, além de buscar o SUS para cirurgias, também buscam para consultas médicas rotineiras. Entretanto, há casos em que os atendimentos aos transexuais são negligenciados ainda na chegada, pelos recepcionistas, além de também serem negligenciados pelos médicos. O caso de negligência ao atendimento às pessoas transexuais no SUS é relato de várias pessoas transexuais que buscam assistência. É possível encontrar diversas descrições sobre violência, preconceito e falta de preparo de funcionários em atendimentos a esses pacientes. Muitos transexuais buscam meios alternativos para não sofrer tais violência, como, por exemplo, a automedicação, colocando em risco a sua própria saúde.

Pensar o silenciamento (ORLANDI, 2007) dos corpos e das vozes de pessoas trans dentro de uma perspectiva discursiva passa também por essa violência simbólica que o Estado, na figura das unidades básicas de saúde, submete sujeitos transexuais. O silêncio provocado não é pela ausência de voz, mas é por esse apagamento, ou pela tentativa, em que as pessoas trans, mesmo sendo sujeitos de direito, pagadoras de impostos, não são contempladas. Seus corpos são silenciados, porque há toda uma estrutura que os impedem e os marginalizam dentro de um discurso da área da saúde mental.

Atualmente, não há tanta pesquisa no meio acadêmico sobre as pessoas transexuais, principalmente, o homem transexual que é preterido na maior parte das vezes.

³ Link de acesso da entrevista: <https://revistaforum.com.br/lgbt/com-palavra-os-homens-trans/> (Acessado em 31/08/2020).

A falta de conteúdo nessa área dificulta uma pesquisa mais aprofundada além de não propor um maior debate/reflexão sobre pessoas transexuais. Existem inúmeras políticas de saúde e direitos voltadas para as pessoas transexuais proporcionada pelo SUS, mas por que ainda existem muitos relatos e denúncias de violência e preconceito dentro dos serviços do SUS? O que ainda impede que essas ações não sejam postas em práticas? Faremos uma reflexão futuramente para entender quais são as barreiras que impedem que as propostas sejam realmente aplicadas, para que, finalmente, o nosso Sistema Único de Saúde seja integral, igualitário e universal.

O objetivo deste trabalho é analisar o discurso de dois homens transexuais que foram atendidos por unidades do Sistema Único de Saúde brasileiro. A partir disso, teremos como: debater sobre a falta de preparo na formação dos profissionais do SUS; compreender a importância do nome social no processo de eliminar os descumprimentos de direitos e o acesso dos serviços de saúde; refletir sobre a falta de visibilidade dos homens transexuais.

Relatos de homens transexuais: o silenciamento do homem trans

Na primeira parte da seção, serão abordados os aspectos do sujeito-homem trans, como silenciamento, posição no movimento LGBT, entre outros. Na segunda parte, o objetivo será as experiências dos entrevistados no SUS e seus relatos.

O silenciamento dos homens transexuais é recorrente dentro dos espaços de luta e dentro de representações midiáticas das pessoas transexuais. Além dessas diferenças entre o homem transexual e a mulher transexual apresentadas no início, existe a diferença da participação e visibilidade entre os dois. Apesar de ambos serem tratados com preconceito, discriminação e serem marginalizados pela sociedade, há uma maior invisibilidade no caso de homens transexuais. Como, por exemplo, nas participações na mídia, quando há presença de transexuais, sempre é a mulher transexual que aparece representada. O homem transexual é quase sempre silenciado, até mesmo dentro do movimento LGBT.

Segundo Orlandi (2007), o Silêncio é fundante, ou seja, ele constitui o significar na linguagem. De acordo com a linguista:

(...) o silêncio não se reduz à ausência de palavras. As palavras são cheias, ou melhor, carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras assim como não se pode, por outro lado, recuperar o sentido só pela verbalização.(...)
A “legibilidade” do silêncio nas palavras só é tornada possível quando consideramos que a materialidade significante do silêncio e da linguagem

diferem e que isso conta nos distintos efeitos de sentido que produzem. (ORLANDI, 2007, p. 67).

Dessa forma, há uma relação ao que as instituições fazem com os sujeitos trans, ao silenciar o seu desejo, o seu corpo e sua voz. Além do silêncio fundador, a autora postula que há a política do silêncio que são dois: i) o silêncio contitutivo e o ii) o silêncio local; o primeiro está ligado a quando falamos/escremos algo, nós deixamos de falar/escrever outras coisas, ou seja, digo “x” para não (deixar) dizer “y”; o segundo é a interdição do dizer que está ligado a censura, por exemplo.

Paralelo ao conceito de silêncio, podemos pensar o de invisibilidade que, de acordo com Porto (2014), a invisibilidade é um termo que se refere àqueles que são invisíveis diante da sociedade, sendo por meio de discriminação, preconceito ou descaso. Esses sujeitos, constantemente, são marginalizados e suas vozes são silenciadas. A invisibilidade também é associada com a identidade do sujeito e sua relação com sua função social. Como, por exemplo, em esferas de ambiente de trabalho, quando mulheres apresentam suas opiniões e seus pontos de vistas não são levadas em consideração na presença, principalmente, de homens. Isso é um reflexo de ambientes machistas que diminuem mulheres tornando-as invisíveis. Como é dito por Orlandi : "Como no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos 'lugares', ou melhor, proíbem-se certas 'posições' do sujeito.". Ou seja, a invisibilização está ligada aos "lugares" ocupados socialmente por grupos que sofrem por isso, afetando diretamente a identidade dos sujeitos.

Na situação de homens trans, a invisibilidade social gera o silenciamento de suas questões de luta por direitos. Todos esses processos levam ao enfraquecimento do movimento dos homens trans. Como apontado anteriormente, o silenciamento do homens trans também está relacionado à passabilidade (ou seja, ter uma aparência como a de um homem cisgênero) e à sociedade falocêntrica e machista. De acordo com Butler, além do falocentrismo e do machismo, podemos pensar na heterossexualidade:

A heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder/discurso com maneiras frequentemente divergentes de responder às questões centrais do discurso do gênero: como a linguagem constrói as categorias de sexo? (BUTLER, 2015, p. 11)

Assim, pensando a problemática do sujeito- homem trans, segundo o entrevistado J⁴., 25 anos, essas questões são ainda mais profundas:

Sequência 1 do informante J

O homem transexual, vou falar por uma parte, na verdade, uma parte dos homens trans, não liga pra essa coisa de passabilidade. Eles não querem passabilidade, eles querem viver do jeito que querem. Só que, infelizmente, na sociedade que a gente vive, precisamos da passabilidade, pra que a gente não seja estuprados no banheiro, não seja agredido no corredor, pra que a gente consiga entrar no bar sem ser... [pausa] Sei lá, passar por um constrangimento [...]. E a gente realmente passa com mais facilidade na transição. Conseguimos esconder ali ou aqui, gestos, posturas. Não passar como homem, mas passar sem ser morto, sem ser agredido.

Segundo J., com relação às travestis⁵, que possuem bem menos passabilidade que os homens trans, muitas vezes elas agem como um escudo para eles, devido à história de resistência das mulheres travestis no Brasil (KUBRICK, 2013). Portanto, muitos homens trans acabam escondendo-se atrás das travestis, como forma de proteção, e preferem permanecer assim para não ter que passar pela mesma violência que elas passam todos os dias. Desse modo, a passabilidade acaba ajudando os homens trans viverem de forma quase imperceptível na sociedade, tornando difícil criar um movimento que seja unido e forte. Importante dizermos que passabilidade significa o sujeito trans ter traços, características, a performance (BUTLER, 2015) de pessoas cisgêneras, ou seja, pessoas que se identificam com o sexo biológico.

É extremamente compreensível a preferência de muitos homens transexuais de permanecerem ocultos na sociedade. As mudanças que essas pessoas passam em suas vidas, desde a identificação como transexual à violência, torna-se muito mais reconfortante passar sua vida sem o risco de agressões, hostilidades e violências simbólicas. No entanto, isso acarreta em um silenciamento, uma vez que fica difícil se organizar coletivamente, com outros sujeitos trans para reivindicarem por seus direitos.

Para J., a situação de homens trans apresenta esperanças devido às mudanças que estão ocorrendo dentro do movimento. Muitos homens trans, agora, estão começando a integrar as mesas de debates e estão entrando avidamente no ativismo T (Ativismo Transexual). Mas, infelizmente, há muito ainda o que caminhar, porque além da

⁴ Optamos por não mostrar o nome dos participantes, uma vez que o rito institucional sobre as entrevistas já havia sido feito pelo Comitê de Ética da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio unidade técnico-científica da Fiocruz.

⁵ Há um debate sobre a denominação em relação à travesti ou à mulher transexual, respeitamos a fala do informante que usou o termo travesti. Os dois termos não apresentam diferença, o vocábulo escolhido para denominar vai da vivência e de uma questão política.

invisibilidade em relação às mulheres trans e às travestis, a situação piora muito quando o assunto se trata do movimento LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais.) em geral. Segundo os entrevistados, as demandas dos sujeitos transexuais são deixadas de lado, principalmente, dos homens trans. De acordo com o K.:

Sequência 1 do informante K

É o famoso "nós por nós". Tem gente preocupada, mas não vejo o movimento para isso. Ainda há muito apagamento e silenciamento. Nós que devemos nos unir e fazer nossas reivindicações, até porque, apenas os homens trans podem saber de suas necessidades.

Um dos principais motivos apontados é a maneira como muitas lésbicas feministas radicais e gays misóginos lidam com os homens trans. O feminismo radical tem uma visão de gênero que entra em contraposição à visão de gênero que estabelece as questões transexuais. Desse modo, muitas feministas radicais e pessoas trans acabam entrando em conflito. Já os homens gays cisgênero têm uma visão sobre os homens trans sexualizada e tratando-os como objetos. Além disso, o machismo de muitos homens gays interfere nas possíveis relações entre eles. Como conta J.:

Sequência 2 do informante J:

Um exemplo foi a parada LGBT, o tema foi "Minha identidade de gênero", sobre transgêneros. E eu cheguei na Parada e simplesmente, não tinha nenhuma bandeira trans. Quem chegou lá com a bandeira foi a Indianara (Indianara Siqueira, ativista e vereadora suplente) e um rapaz que chegou com a bandeira e jogou na mão do João Nery (Primeiro trans a conseguir cirurgia no Brasil). Todos os carros... [pausa] Não tinha... Não podíamos nem subir nos carros. E um carro só conseguimos subir porque a Indianara ajudou. Todos os outros estavam lotados de pessoas cis, e pior, cis héteros que eles contrataram... Gogoboys pra ficar dançando de anjinho. Não sei que merda é aquela.

Há nesse relato de J. o que Pêcheux (2009) coloca como identificação e contra-identificação, nesse caso, dentro do movimento LGBT. Segundo o filósofo, ao que toca à reflexão sobre ideologia, há uma articulação com o sujeito do discurso distinguindo em três modalidades de funcionamento subjetivo: a identificação, a contra-identificação e a desidentificação. Deixaremos a desidentificação de lado, porque não será um conceito necessário nesta análise. Desta forma, identificação é quando há uma relação direta entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal (da ideologia). Já a contraidentificação:

(...) caracteriza o discurso do 'mau sujeito', quando o sujeito de enunciação 'se volta' contra o sujeito universal por meio de uma 'tomada de posição' que consiste numa separação (...) com respeito ao que o sujeito universal lhe 'dá a pensar'(...). (PÊCHEUX, 2009, p. 199).

Se pensarmos que o sujeito universal é este que preza e promove a heterossexualidade, que diz que a heterossexualidade e a cisgeneridade são os normais/naturais; conseguimos perceber dentro do movimento LGBT uma separação, porque os gays e lésbicas (sujeitos cisgêneros) vão se opor às pessoas T (sujeitos transgêneros) dentro da fala de J. É aí que opera um silenciamento tanto de vozes, quanto de corpos. Algo que começa dentro do movimento. O discurso, para Michel Pêcheux, é efeito de sentido entre locutores (2009). Assim, o discurso não é texto longo, nem pronunciamento político, engloba esses gêneros, mas vai além, é o que circula na sociedade em materialidades significantes cuja ideologia é intrínseca e interpela os sujeitos.

Para melhorar essa situação, os sujeitos informantes acreditam que é preciso os outros movimentos reconhecerem seus privilégios diante à situação das pessoas trans e potenciá-los, dando força e compreendendo a melhor forma de fortalecer todos. De acordo com J.

Sequência 3 do informante J

Eles (gays) não têm privilégio perante a sociedade, mas ao movimento, os gays têm privilégio. Assim como o homem trans branco tem privilégio sobre o homem trans negro. Então, temos que reconhecer isso. Ter noção das coisas. Um ajudando o outro, entendeu? Mas... tipo [pausa] Pro movimento melhor, as pessoas têm que parar com isso de estrelismo, reconhecer os privilégios no movimento e botar o outro pra cima também. Dar a mão pro outro pra puxar pra cima também porque se não estiver juntos a gente não consegue.

A consciência coletiva de J. nos mostra o quão difícil é participar do movimento político, mostra o conflito, a contradição. Todos querem direitos, mas se um não é contemplado, tudo bem, porque a “a maioria” está sendo. Esse conflito, essa contradição são importantes para Análise de Discurso porque corrobora com o que a teoria postula. Na seção seguinte, iremos pensar a questão do homem trans na saúde pública.

Relatos de homens transexuais: a saúde

Nesta seção, serão analisados as principais partes dos relatos sobre as experiências dos dois homens trans em unidade de saúde do Sistema Único de Saúde. Essas descrições são necessárias para que seja possível a compreensão sobre o cenário que muitos homens transexuais sofrem para conseguir atendimento até a cirurgia de redesignação.

Muitas dessas informações têm um ponto de partida: a recepção. Para pessoa cisgênero, ir a uma recepção de um hospital é apenas uma parte burocrática cotidiana para a preparação do atendimento. Para uma pessoa trans, é um início de uma longa batalha como, por exemplo, o uso do nome social. Muitos profissionais não têm conhecimento algum sobre o que é transexualidade, tampouco sobre nome social. O direito ao uso do nome social é garantido pela Carta de Direito dos Usuários do SUS⁶. Além de garantir, o SUS precisa preparar os agentes para atender as pessoas trans. As experiências dos entrevistados mostram que não é exatamente o que acontece quando procuram um atendimento, segundo J. de 25 anos:

Sequência 4 do informante J

Já começou o problema na recepção. Na recepção eles não sabem tratar uma pessoa transexual. Eles ficam conversando, você chega pra falar com a pessoa, eles ficaram horas batendo papo de costa pra você sem te dar atenção. Já começou aí. Só que eu já tinha noção dos direitos. Eu fui com esse meu amigo porque ele estava iniciando a transição. Eu expliquei pra recepcionista colocar o nome social e ela não se importou, disse que não tinha como e eu expliquei novamente, mas enfim... [pausa] Falei pra ela só avisar a médica e ela foi... e não anotou o nome social. Eu peguei o papelzinho, se eu não me engano, eu que coloquei o nome. E ela levou pra médica e depois que eu cheguei na médica, a médica ficou indecisa em qual nome chamar. Era uma endócrina essa. E ele pediu pra que eu entrasse na sala com ele. Ele me pediu. E aí ela chamou pelo nome feminino e aí quando ele entrou, eu entrei com ele e falei "Não, fica tranquilo, deixa, eu tô com você, não tem problema as pessoas ficarem te olhando. A gente 'tá' junto". E aí a gente entrou e ela disse que não estava entendendo porque tinha dois nomes e a gente explicou. E aí a resposta foi a mesma, foi muito engraçado porque já tinha se passado um bom tempo e ai repetiu a história que aconteceu comigo.

Uma simples questão como o nome se torna um grande problema para sujeitos transexuais. O nome social é importante para as pessoas trans, pois os reconhece pela identidade de gênero e evita o contrangimento que acaba levando ao afastamento de tratamento médico dos sujeitos trans. O direito ao uso do nome social deve ser respeitado em todas as unidades do SUS no país. A história citada por J., acima, conta quando ele foi no mesmo lugar e o médico recusou a dar encaminhamento para o Centro de Referência para começar a transição. Após a recepção, a batalha não acaba. Os médicos recusam aceitar pacientes transexuais por não saberem o que fazer ou por puro preconceito. Já quando os médicos não negam o atendimento, a assistência é uma série de discriminação.

Uma das denúncias principais de um dos entrevistados é sobre o processo transexualizador em um dos Centros de Referência do SUS. O informante J., depois de um longo caminho para conseguir encaminhamento, conseguiu, ter sua chance de realizar

⁶ Desde agosto de 2018 o Supremo Tribunal Federal afirma o direito das pessoas transexuais de mudarem o nome no registro para o nome social.

a cirurgia de redesignação. Lamentavelmente, não foi como o esperado. O rapaz faz uma denúncia muito grave ao hospital em que deu entrada para o processo da cirurgia e ao psiquiatra que o atendeu. O nome do hospital e do psiquiatra serão mantidos em anonimato ao longo de todo o relato.

Sequência 5 do informante J

Então, na portaria (Portaria 2.803, que garante direito a cirurgia pelo SUS) você tem que ter acompanhamento com uma equipe multidisciplinar, é um endócrino, assistente social, psiquiatra, psicóloga, de repente um (médico) clínico (geral), mas os principais são esses quatro, eles trabalham juntos. Tudo que você faz, um passa pro outro. Pra no final, você pegar um laudo com assinatura de todo mundo. No H. (Hospital que realiza as cirurgias pelo SUS), na época, como falei, quando cheguei lá... Cheguei cheio de esperanças porque, finalmente, consegui o encaminhamento. Pra entrar lá, só de início eles dizem que tem uma fila... [pausa] uma fila que não existe. Cheguei lá com meu encaminhamento, consegui me cadastrar e esperei a tal data e fui ser atendido por esse tal psiquiatra, aí falaram "Não, primeiro a consulta é com Dr. C., e depois de um certo tempo, você tem que passar na urologia que o urologista que é o cirurgião que faz a cirurgia dos homens trans e das mulheres trans e travestis, e ele também é endócrino. [...] E eu fiquei "Gente, quando que vai abrir a vaga?" aí falaram "Ah, mas 'tá' fechado a vaga". Aí fiquei esperando, coloquei meu nome lá mas fiquei no psiquiatra. E esse psiquiatra, você pode perguntar pra qualquer pessoa trans, todos vão te dizer a mesma coisa, os que passaram por ele e a maioria passa por ele. Eu entrei lá com uma fobia social, antigamente, e to tratando agora, mas eu saí de lá com vontade de me matar, e não foi apenas na primeira consulta, foi durante as consultas, eu fiquei lá por um ano até que não aguentei mais. Eu desisti, nem peguei o laudo porque o laudo é só com dois anos. Ele faz muitas brincadeiras psicológicas mesmo, ele... ele... [pausa] apesar de ter que fazer o trabalho dele, eles tratam a transexualidade como doença, mas uma pessoa sã sabe que não é bem isso, mesmo que tenha que fazer o trabalho dele.

Com todos os abusos psicológicos, o entrevistado desistiu de realizar a cirurgia pelo SUS, preferiu pagar com ajuda de outras pessoas e empréstimos para conseguir realizar seu desejo. O segundo entrevistado também desistiu de realizar a cirurgia no SUS. A intolerância leva muitas pessoas transexuais a realizar as cirurgias no sistema privado. O SUS garante um atendimento humanizado e igualitário, não é exatamente o que acontece com os transexuais quando buscam ajuda nos serviços de saúde pública. É perceptível a falta de preparo dos funcionários em relação às pessoas trans, mesmo com a Política Nacional de Saúde Integral LGBT tendo uma das principais estratégias a preparação dos profissionais de saúde para o atendimento às pessoas trans, como conta o entrevistado K.

Sequência 2 informante K

Nossos médicos não estão preparados para atender as pessoas trans. Precisamos de exames de diagnóstico, por exemplo, e é sempre um constrangimento para um homem trans fazer uma simples ultrassonografia. Tenho o privilégio de ter um bom plano de saúde e nenhum endócrino aceitou fazer o acompanhamento por falta de preparo. É extremamente necessário mais pesquisas a cerca de nossas vivências de forma científica e não apenas sociológica.

O tema "transexual verdadeiro" abordado no trabalho de Borba (2016) é recorrente durante o processo transexualizador no SUS. Baseado em um sistema binário,

os profissionais que não estão preparados para atender as pessoas transexuais buscam formas de enquadrá-las nos papéis de gênero masculino e feminino, fundamentando seu diagnóstico em puro preconceito. Muitos transexuais, para conseguir seu diagnóstico, seguem um modelo que seja aceito pelos médicos que liberam o laudo para cirurgia, mudando suas roupas, cabelos e acessórios. Isso mostra como o sistema, para proporcionar a cirurgia, é falho e baseado em pré-julgamentos acerca do tema. Continua o sujeito trans J.:

Sequência 6 informante J

Esse dr. C. começou fazer pergunta do tipo se a blusa que eu tava usando era de que setor de loja, masculina ou feminina. Aí eu estranhei porque achei que fosse ser acolhido. Aí ele perguntou porque eu estava lá, aí eu falei "Tô aqui porque tenho que seguir a portaria, sou um homem transexual, não sou doente e eu preciso de um laudo pra cirurgia." Fui bem direto, porque sou bem sincero e não ia me fingir de boneco pra ele fazer o que quer. [...] E tipo assim, [pausa] nessas perguntas ele começou a perguntar se eu usava cueca ou calcinha, começou a perguntar, na época estava namorando outra pessoa, ele começou perguntar se namorava homem ou mulher. [...] E ele era mt doido, porque ele tava, assim, conversando comigo aí do nada levantava e ia numa sala e não voltava. E eu ia procurar o assistente dele e ele tinha ido embora. E isso aconteceu várias vezes. Depois de um tempo, fiquei incomodado porque no início achava que era normal, não sabia de nada. Conversei com um amigo e disse que não estava me sentindo bem e toda vez era umas perguntas estranhas. Perguntava várias vezes a mesma pergunta para me deixar nervoso. Aquilo foi me deprimindo cada vez mais porque, por eu ser muito tímido, eu não sou de gritar, não gosto de discutir, prefiro abandonar e procurar outra coisa... desistir.

Além das denúncias sobre os médicos que prestam assistência durante o processo transexualizador de dois anos, há denúncias sobre a longa fila e as cirurgias que são realizadas no Centro de Referência H. As denúncias são de negligências até experimentos durante as cirurgias com transexuais sem aprovação ou consentimento dos homens transexuais. Esses relatos revelam o quanto pessoas transexuais sofrem com o descaso dentro do SUS. Segue o relato de J.:

Sequência 7 informante J

Só que o H. já tem uma fama de usar pessoas pra estudos, inclusive, nas cirurgias. Mas não é um estudo muito bom não, é tudo bem pesado. [...] E tem um outro cara que esse não é meu amigo, mas ele é do movimento que, segundo ele, isso já não sei se é verdade, só ele mesmo poderia dizer, mas ele falava isso para todo mundo. Isso é uma história bem complicada por isso que eu não duvido muito porque eu tenho um parente que já que... [pausa] não são transexuais, são cisgêneros, mas que fizeram acompanhamento no H. também e quase morreram lá dentro. Mas ele... [pausa] diz ELE que ele também conseguiu fazer a cirurgia depois de muitos anos e já estava entrando com processo já. Quando ele fez a cirurgia, segundo ele, além de ter passado por muitos constrangimentos, porque os estagiários... os residentes ficam em volta... A questão não era nem essa, era que eles não respeitavam ele como um homem transexual, mas sim como um estudo totalmente errado, porque eles vão sair dali reproduzindo aquilo, passando aquilo adiante e o médico, o urologista não dá informações do jeito que tem que dá, ele trata como se fosse... [pausa] Depois a gente descobriu que ele... estava pegando transexuais que tivessem mamas gigantes porque ele estava tratando como uma mulher... Como é mesmo? Não sei o termo para mama gigante, e era também uma forma de eliminar da fila, porque estávamos pressionando. E pros estagiários, residentes, ele falava isso... Que era uma cirurgia de retirada ou redução pra eles verem, era uma coisa, sabe? Suja. Tava fazendo tudo errado e passando informação errada. E esse cara que fez cirurgia com ele, diz ele, que a anestesia não pegou, que ele gritou durante toda a cirurgia até terminar. Inclusive, deu ate probleminha lá. Hoje em dia, ele é um cara super perturbado da cabeça.

Denúncias como essa são extremamente preocupantes. Experiências realizadas em humanos sem autorização do paciente e de um Comitê de Ética é uma grave violação dos direitos humanos. Essas legalidades são os direitos que todos as pessoas possuem, dependendo de etnia, gênero, orientação sexual, nacionalidade, entre outros. Segundo o site Nações Unidas no Brasil: "Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação." Esses direitos impedem que situações como as descrições citadas acima, de experimentações e de extrema violência, aconteçam com seres humanos.

Esse trecho da entrevista diz muito sobre como os médicos e cirurgiões veem as pessoas transexuais: como objetos de estudos e não como um ser humano. Passar essa visão para os médicos em processo formativo torna ainda mais preocupante. Absurdos como esses não devem ser tolerados, sobretudo dentro do SUS. Vivências como essas, dentro do SUS, resultam em problemas psicológicos graves nos pacientes, como por exemplo do entrevistado J., pensamentos suicidas. Acontecimentos que prejudicam a saúde dos pacientes que vão buscar ajuda no SUS tornam o caso ainda mais incoerente, ao invés de fornecer uma melhoria na condições de vida de sujeitos transexuais, eles saem ainda mais traumatizados e com mais problemas de saúde.

Há um silenciamento tanto da voz, quanto dos corpos dos sujeitos trans. A voz é silenciada, porque não há uma escuta, mas também porque falam pelos homens trans e aumentam a voz em detrimento da deles, isso é validado pelo discurso médico, aquele que chancela quem é doente e quem não é. Sabemos por Orlandi (2007) que o silêncio não é só ausência de som, pode ser também a presença de som, porém que significando de outra maneira, silenciando um outro significar.

É necessário fazer aqui uma distinção entre sujeitos e instituições, enquanto instituição é algo maior e segue um rito, o sujeito é algo micro, mas que dentro da lógica capitalista, ele representa o macro. Daí, a partir de ações, falas e comportamentos de sujeitos que trabalham na área da saúde pública serem completamente descabidas, é comum que nasça frases de efeito como "O SUS não presta" que ressoam na sociedade generalizando uma instituição de saúde que é muito importante para muitos brasileiros.

Logo, homens transexuais buscam meios alternativos para não enfrentar episódios de constrangimento e discriminação nos acompanhamentos médicos, para que não prejudique ainda mais sua saúde. Muitos homens transexuais não buscam o SUS para

assistência médica quando necessitam, evitando utilizar ao máximo. No entanto, eles precisam ir periodicamente a ginecologistas e a endocrinologistas devido ao uso de hormônios. O uso dessas substâncias sem acompanhamento médico pode levar complicações graves de saúde aos homens trans, como câncer de ovário e de fígado. As consequências de um trauma causado pela negligências no SUS causam muitos transtornos para homens transexuais.

Quando o homem transexual consegue permanecer nos atendimentos com a equipe multidisciplinar e, finalmente, obter o laudo médico para realização da cirurgia, a espera não acaba, segundo J., é apenas o começo. A fila de espera para realizar a cirurgia no Centro de Referência H. é de 10 a 14 anos. Depois de dois longos anos passando por todas as experiências descritas anteriormente, os homens transexuais têm uma década de espera para conseguir entrar na cirurgia. A informação de que a fila demora tanto não é dada aos pacientes, quando eles entram no processo transexualizador pelo SUS, só vão saber em contato com as outras pessoas que estavam há anos na fila.

Enquanto a situação no Centro de Referência não muda, os homens transexuais buscam ajuda em outras instituições. O Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, recebe esses pacientes fornecendo toda a estrutura necessária com a equipe multidisciplinar, apenas não realiza as cirurgias. De acordo com J., o atendimento no IEDE é excelente:

Sequência 8 do informante J

Elas (as atendentes) até perguntaram assim: "você acham legal a gente fazer uma reunião a cada três meses pra vocês falarem, é... o que vocês acham que deveria ter aqui, o que vocês precisam?" E isso tem até hoje, desde que entrei lá. Temos um grupo com o contato delas, a gente conversa. Posso estar com mil problemas e posso entrar em contato com a psicóloga e ela me responde na hora. A assistente social... Nossa, ela é MUITO BOA. Ela ajuda com tudo. Se alguém te tratar com... [pausa]. Se você descer lá na recepção e a recepcionista não te tratar com o nome social, se você subir e falar com a assistente social, ela vai até lá e ela conversa com a menina "Não pode, está escrito aqui. Não quero ver esse nome aqui". Tanto que tem uma recepcionista maravilhosa, ela conversa com a gente já, ela tá lá desde que a gente entrou. Então, o atendimento lá é muito bom, cresceu muito. [...] E... [pausa] e nunca nenhuma delas trataram a gente como se fôssemos doidos ou tivéssemos alguma doença. A própria psicóloga fala: "A gente tem que agir conforme a Portaria, mas a gente tem consciência de que vocês não são doentes, por isso que a gente faz a reunião com vocês porque queremos saber de tudo." [...] O IEDE não tenho o que reclamar, a não ser a questão que lá não tem cirurgia. Mas elas estão querendo, de toda forma, colocar a cirurgia lá. Já botou o diretor pra conversar com a gente, ele explicou o porque eles não estavam conseguindo se credenciar pra ser também o centro de referência do processo transexualizador e ter o acesso as coisas que Ministério da Saúde oferece, né (...)

Segundo os informantes, as experiências vivenciadas no IEDE são completamente diferentes do Centro de Referência H., o que torna os relatos tão diferentes se ambas são instituições públicas ligadas ao SUS? O hospital H. deveria estar preparado para receber pessoas transexuais, tratando-se de um centro de referência. O IEDE faz reuniões para

ouvir as demandas dos homens trans e, dessa forma, adequa suas estruturas às necessidades afirmadas nas pautas das reuniões. Essa forma de ouvir o que os homens trans têm para falar ajuda na melhoria de suas experiências dentro do Instituto. É preciso dar atenção máxima ao que essas pessoas precisam, pois são elas que sofrem cotidianamente com as consequências de uma má organização dentro dos hospitais. Só os sujeitos trans podem dizer como querem ser tratados, uma vez que isso é um ponto nevrálgico na atenção básica, e como isso pode melhorar o SUS.

Conclusão

É explícito o silenciamento por parte de sujeitos agentes do SUS com os homens transexuais. Esses relatos e denúncias feitas durante as entrevistas são extremamente importantes na compreensão das situações que esses sujeitos vivem quando vão procurar assistência médica em sistema público no Brasil, desde a busca por exames de rotina às cirurgias do processo transexualizador, que é um direito dos sujeitos transexuais. Muitos desses casos de negligências são resultados da falta de preparo de todo o Sistema Único de Saúde que ainda não é capacitado para receber pessoas transexuais, que resultam num ambiente e em profissionais nocivos a esses pacientes.

O SUS deve preparar o ambiente e os funcionários para receber essas pessoas que se encontram em condições vulneráveis para não piorar o estado em que se encontram, dando toda assistência médica necessária sem negligência, descaso, constrangimento e preconceitos, para que essas pessoas não tenham medo de buscar tratamento. Principalmente, dando assistência psicológica para os sujeitos trans que se encontram desamparados e suscetível a violências. É necessário melhorar o acesso às cirurgias de redesignação e nas técnicas realizadas nas cirurgias para que seja possível a diminuição das filas e dos anos de espera.

Os discursos e as ações não podem silenciar sujeitos que vêm sendo marginalizados ao longo da história. A ideia de silenciar voz se marca aqui pelos relatos dos dois sujeitos trans que percebem ainda no atendimento básico, como as suas questões não são consideradas pelas instituições de saúde. O silenciamento do corpo se dá pela negação que a instituição faz sobre as intervenções que os sujeitos trans jugam de extrema importância para ter autoestima. Corpo e voz são silenciados, mas estão significando dentro de um sistema que os oprime com um discurso hegemônico da cisgeneridade-heterossexualidade (BUTLER, 2015).

Os relatos dos sujeitos trans neste trabalho são extremamente importantes e contêm experiências claras de violência e preconceito tornando possível a reflexão acerca do que os homens trans vivenciam no SUS. Ainda que seja apenas dois homens entre inúmeros que vivem no Brasil, é possível enxergar através dessas duas histórias o que é o SUS para os homens trans.

É extremamente necessário que haja mais estudos sobre as vivências dos homens transexuais no país, já que há enorme escassez de materiais que possibilitem uma pesquisa mais aprofundada. Inclusive, dados sobre os homens trans como por exemplo: violência, números de cirurgias, denúncias, etc, para que não se continue perpetuando o silenciamento das vozes e dos corpos trans.

Portanto, é fundamental que a Política Nacional Integral de Saúde seja aplicada totalmente no SUS, pois, como observamos, essas políticas não são realizadas na prática. Essas mudanças são necessárias para que o SUS, futuramente, torne-se equânime, integral e universal, principalmente, para que homens e mulheres transexuais tenham a oportunidade de utilizá-lo sem medo de sofrer qualquer dano à sua vida e, assim, colocar em prática o que está nas bases dos documentos do SUS de assistência a todos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei número 8.080, 19 de setembro de 1990. *Lei Orgânica da Saúde*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm> Acesso em 28/11/2017.

BRASIL. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 1ª ed. Local: Ministério da Saúde, 2013. 36p.

BRASIL, *Cirurgias de mudança de sexo são realizadas pelo SUS desde 2008*. Governo do Brasil. Portal Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>> Acesso em 22 de nov de 2017.

BRASIL. *Conselho Federal de Medicina*, RESOLUÇÃO CFM nº 1.955/10. Brasília, 2010. 6p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 457, 19 de agosto de 2009. 15p. Disponível em:<<http://www.saude.gov.br/public/media/EU6sWLAaw55isy/10903169095990901106.pdf>>. Acesso: 28/11/2016>

BRASIL, Ministério da Saúde. *Carta dos Direitos dos Usuários do SUS*. Brasília, 2012. 26p.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Cadernos de Atenção Básica. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva*. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. *PENSE SUS*. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/determinantes-sociais>> Acesso em: 28/11/2017.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. *Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos: Balanço das Denúncias de Violações de Direitos Humanos*. 2016. 132p. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque100/balancos-e-denuncias/balanco-disque-100-2016-apresentacao-completa/>> Acesso em: 21 de novembro de 2017.

BRASIL. *Cartilha de Atenção integral à saúde da população trans*. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf>> Acesso em: 16/09/2020.

BRASIL. *Transexuais e travestis poderão usar nome social em cartão do SUS*. Portal Brasil. 2013. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/01/transexuais-e-travestis-poderao-usar-nome-social-em-cartao-do-sus>>. Acesso em: 28/11/2016.

ALMEIDA, G. S. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2), p. 513-523, maio-agosto 2012.

ARÁN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. *Transexualidade e Saúde Pública no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol. 14. Nº4. Jul./Ago. 2009.

ARÁN, M.; MURTA, D. *Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. Vol 19. Nº 1. 2009.

ÁVILA, S & GROSSI, M. P. *Maria, Maria João, João*: reflexões sobre a transexoeriência masculina. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 9, 2010.

ÁVILA, S & GROSSI, M. P. *Reflexões sobre igualdade, justiça e tecnologias no processo transexualizador do Sistema Único de Saúde*. Artigo apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, GT22 - Sexualidades, corporalidades e transgressões, 2011.

BORBA, R. *Receita para se tornar um "transexual verdadeiro"*: Discurso, interação e (des)identificação no processo transexualizador. *trab. ling. aplic.*, campinas, n(55.1): 33-75, jan./abr. 2016

BRAZ, C; SOUZA, E. *Antropologia e políticas de saúde para homens trans no Brasil contemporâneo* – diálogos entre duas pesquisas. 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB. 20f.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ. 9ª edição. Ano [1990] 2015

BUSS, P.M.; FILHO, A.P. *A Saúde e seus Determinantes Sociais. Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 78-87, 2007.

CONNELL, R. & PEARSE, R. *Gênero: Uma perspectiva global*. São Paulo, SP. Ed. nVersos. 1ª Ed. Ano 2015.

GONÇALVES, D; CARDOSO, L. *A invisibilidade dos homens trans na bandeira colorida*. Carta Capital. 27 de jul de 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-invisibilidade-dos-homens-trans-na-bandeira-colorida-1921.html>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

JESUS, Beto. et al. *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. CORSA/ECOS, 2008

KOMETANI, P. et al. *Dois homens trans contam como é procurar emprego no mercado de trabalho formal*. G1. 29 de ago de 2017. Vídeo-reportagem. (3min47s).

KULICK, D. *Travesti — prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Fiocruz. 1ª reimpressão. Ano [1998] 2013.

LEITE, H. Correio Brasiliense. *Receber cuidados médicos é desafio para transexuais*. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transexuais>> Acesso em 22 de nov de 2017.

LIMA, F.; CRUZ, K.T. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Rio de Janeiro. Nº 23. Mai/Ago 2016.

MARTINS, F. Mulheres e homens transexuais relatam rotina de humilhações no acesso ao mercado de trabalho. [29 de jan de 2017]. *Revista Fórum, Os Entendidos*. São Paulo. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2017/01/29/mulheres-e-homens-trans-relatam-rotina-de-humilhacoes-acesso-ao-mercado-de-trabalho/>> Acesso em: 22/11/2017.

NERY, J.; SANTOS, A. Com a palavra, os homens trans. [12 de dezembro de 2014] São Paulo: *Revista Fórum Semanal*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/com-palavra-os-homens-trans/>> Acesso em: 31/08/2020 Entrevista concedida a Jarid Arraes.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. 6ª Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Ed: Unicamp. 4ª edição. Ano [1975] 2009.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 6ª edição. Ano [1983] 2012.

PORTO, J. *Invisibilidade social e a cultura do consumo*. 2009. 4p.

ANÁLISE DIALÓGICA DE MARIA DA VILA MATILDE: A CANÇÃO NO EMBATE CONTRA A VIOLÊNCIA DE GÊNERO*

Mayra Pinto¹
Rainy Sena dos Santos²

RESUMO: O presente trabalho analisa a canção Maria da Vila Matilde, de Douglas Germano, interpretada por Elza Soares, sob a perspectiva da Teoria dialógica do discurso. Em tempos em que o discurso feminista está ganhando força (boa parte por conta das redes sociais) e que a luta contra o machismo vem crescendo cada vez mais, o discurso artístico pode contribuir para fortalecer uma atitude de empoderamento e de enfrentamento dessa questão. Na análise, observa-se quais valores sociais e categorias discursivas constituem um discurso de denúncia da violência doméstica contra a mulher. A interpretação da cantora é analisada em sua clave irônica de modo a observar como essa categoria discursiva pode estabelecer os diversos matizes que constroem axiologicamente o tom de confronto do eu lírico feminino com os valores machistas.

PALAVRAS-CHAVE: Valorações sociais. Entonação. Ironia. Canção.

ABSTRACT: This work analyses Douglas Germano's song "Maria da Vila Matilde", sung by Elza Soares, from the perspective of the dialogical discourse theory. In a moment such as this, in which the feminist discourse is strengthening (in part, due to the social medias), and the fight against chauvinism is growing, the artistic discourse can contribute to strengthen an empowering attitude towards the confrontation of such questions. In the song analysis, we can observe which social values and discursive categories constitute a domestic violence denunciation discourse. Elza Soares' singing of the song is analyzed in its ironic key in order to observe how this discursive category can establish several tinctures which create, axiologically, the confrontational tone of the female lyrical voice against chauvinist values.

KEYWORDS: Social validation; Intonation, Irony, Song.

Introdução

A arte é também eminentemente social.

Volochínov (2013)

Em tempos em que o discurso feminista está ganhando força (boa parte por conta das redes sociais) e que a luta contra o machismo vem crescendo cada vez mais, canções como Maria da Vila Matilde, composta por Douglas Germano e interpretada por Elza

* Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida no Projeto de Iniciação Científica intitulado "Análise de canções do álbum 'A mulher do fim do mundo', de Elza Soares, sob a perspectiva da teoria do humor e da teoria dialógica do discurso", que se vincula à linha de pesquisa Teoria Bakhtiniana do Grupo de Estudos da Linguagem do Instituto Federal de São Paulo – GELIFSP.

¹ Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO), São Paulo, SP, Brasil. Coordena o Grupo de Estudos da Linguagem do Instituto Federal de São Paulo – GELIFSP. Endereço eletrônico: mayrapinto@ifsp.edu.br.

² Graduanda em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO), São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: rainy.sena@aluno.ifsp.edu.br.

Soares, parte do CD “A mulher do fim do mundo”, podem contribuir para fortalecer uma atitude de empoderamento principalmente por ser cantada na voz de uma mulher que ecoa o grito de socorro de tantas outras.

Segundo o Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil (WAISELFISZ, 2015), o Brasil é o quinto país com maior índice de violência contra mulheres (o primeiro é El Salvador, seguido respectivamente por Colômbia, Guatemala e Rússia), aproximadamente 13 mulheres são mortas por dia em nosso país. O Mapa revela ainda que os homicídios contra mulheres brancas, em dez anos (2003 a 2013), diminuíram 9,8%, enquanto homicídios contra mulheres negras aumentaram 54,2%, no mesmo período. Não queremos, nem poderíamos utilizar esses dados para quantificar ou mesmo para qualificar o sofrimento e a dor entre as mulheres, sabemos que cada pessoa é única, logo, suas vivências são específicas. Dados como esses são importantes, pois nos ajudam a pensar e enxergar como as opressões e as violências de gênero estão estruturadas. Quando dizemos que mulheres pretas sofrem mais assassinatos que mulheres brancas não estamos dizendo que uma sofre mais que a outra, essa seria uma análise individual imprecisa, leviana e injusta. O que essa pesquisa nos mostra é como o racismo e as desigualdades sociais atuam e corroboram diretamente com a violência de gênero.

Nascida e criada nas periferias do Rio de Janeiro, Elza Soares conhece bem as dores de ser mulher, preta, periférica e mãe. Aos 13 anos, quando levava café para seu pai, avistou um louva-deus (inseto pelo qual sempre teve grande apreço pelo som que emite) e resolveu pegá-lo. Ao observá-la entrar no mato, um rapaz, poucos anos mais velho, resolve segui-la para ver o que estava acontecendo, chegando até o local, Elza derrama o café e se desentende com o rapaz. No meio da briga, o pai de Elza Soares aparece e pensando que os dois estavam tendo um caso, ordena que se casem. Um ano depois do casamento, Elza tem seu primeiro filho. Alguns anos mais tarde, decide participar do programa de talentos de Ary Barroso, pois, depois de ter perdido dois filhos, essa foi a única maneira que encontrou de conseguir dinheiro a fim de comprar os remédios para salvar seu primogênito que estava ficando cada vez mais doente (CAMARGO, 2018).

Em seu programa Calouros em Desfile, Ary Barroso dava oportunidade para pessoas das classes populares mostrarem suas qualidades artísticas, caso não atendessem as expectativas, eram humilhadas pelo apresentador, mas se fizessem uma boa

apresentação, tinham uma carreira garantida, foi o que aconteceu com Elza Soares. Em entrevista ao programa Roda Viva, em setembro de 2002, Elza Soares conta que no dia em que fez o teste para o programa, foi alertada de que teria de “ir bonita” no dia do programa. Sua família, no entanto, não tinha televisão (raridade naquela época), tampouco contato com a elite carioca, logo, Elza não sabia o que seria “ir bonita”. Então, ao subir ao palco trajando o vestido de sua mãe, que pesava 30 quilos a mais, ajustado ao seu corpo por grampos, a plateia e o apresentador começaram a debochar da cantora. É nesse momento que acontece o inesquecível diálogo abaixo, transcrito da supracitada entrevista:

Ary Barroso:

- O que você veio fazer aqui?

Elza Soares:

- Seu Ary, eu acho que aqui a gente canta, né?

- E quem disse que você canta?

- Eu canto.

- Então me faz o favor e me diga de que planeta você veio?

-Do mesmo planeta seu, seu Ary.

- E qual é o meu planeta?

- Planeta fome.

A cantora conta que ao falar isso, todos os presentes, inclusive o apresentador, sentiram-se constrangidos e sentaram-se para assisti-la. Após sua apresentação, Ary Barroso afirma “Aqui nasce mais uma estrela”, consagrando a carreira de Elza Soares, que muito inocente na época, não imaginava tudo o que estaria por vir.

Aos 21 anos, quando fica viúva de seu primeiro marido, Elza já havia dado à luz seis filhos e perdido dois para a desnutrição. Aos 32, conheceu o jogador de futebol Garrincha, com quem teve um relacionamento conturbado durante 17 anos³. Apesar de todas as dificuldades de cor, gênero e status social, Elza conseguiu se sobressair com sua voz potente, seu timbre único e suas interpretações marcantes, que lhe renderam prêmios como o de “Melhor cantora do milênio” pela BBC, “Melhor disco de 2016”, pelo Grammy e “Personalidade do ano 2016” pela Bravo.

³ Em 1962, Elza Soares se envolveu em um relacionamento com Mané Garrincha. Por ele ser casado, a cantora sofreu grande preconceito por parte da sociedade e viu a vendagem de seus discos decair. O relacionamento dos dois foi marcado por constantes brigas, boa parte, por conta do problema com álcool do jogador. Até que um dia, em completo estado de embriaguez, Garrincha agride Elza fisicamente e ela o abandona. Um ano após o divórcio, Mané Garrincha morre em decorrência do alcoolismo.

Em “A mulher do fim do mundo”, lançado em 2015, a cantora sintetiza as vozes da periferia, as vozes dos marginalizados, sua própria voz e suas vivências. O disco começa com Coração do mar, poema de Oswald Andrade, que traz as vozes da África e o coração dos marinheiros dos cantos da umbanda. Assim, à capela, Elza anuncia seu disco: como um “navio humano, quente, negreiro do mangue”. É o que se ouve a seguir: um CD quente, repleto de negritude, repleto do humano.

Em A mulher do fim do mundo, música homônima ao CD, que ganhou videoclipe em março de 2017, é como se estivéssemos diante de sua própria história: ouvimos o canto da mulher preta solitária, que se entrega a um desfile de carnaval, deixando suas dores, suas falas e suas opiniões na avenida, como se personagem e intérprete se fundissem, pedindo em uma só voz que a deixem “cantar até o fim”. E nas 9 músicas que se seguem (Maria da Vila Matilde, Luz Vermelha, Pra fuder, Benedita, Firmeza?!, Dança, O canal, Solto e Comigo) Elza traz o cenário das periferias, das quebradas, o empoderamento da mulher negra, o crime, o sexo, a transexualidade, o querer viver mesmo depois da morte, as resistências e termina cantando saudade e eterna gratidão à sua mãe.

Tendo em vista a grande contribuição de Elza Soares para o cenário musical brasileiro e a importância de debater um assunto tão sério quanto a violência de gênero, este artigo analisa, com base na Teoria Dialógica do Discurso, a canção Maria da Vila Matilde a fim de verificar quais valores sociais estão sendo retratados na canção e, por meio da entonação, qual a posição axiológica do eu-lírico.

Qual o tom da denúncia?

MARIA DA VILA MATILDE, de Douglas Germano

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E joga água fervendo
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix guix guix guix
Eu quero ver

Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
Eu mostro o roxo no meu braço
Entrego teu baralho
Teu bloco de pule
Teu dado chumbado
Ponho água no bule
Passo e ainda ofereço um cafezim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
Eu capricho no esculacho
Digo que é mimado
Que é cheio de denngo
Mal acostumado
Tem nada no quengo
Deita, vira e dorme rapidinho
Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo
Dedo, cheio de unha suja
E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, mané!

Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Em “A palavra na vida e a palavra na poesia” (2013), Valentin Volochínov afirma que é um erro analisar uma obra literária apenas de um ponto de vista, somente pela estrutura da obra ou só pela parte social. Defende que os discursos poético e cotidiano estão diretamente ligados, logo, é preciso analisá-los em conjunto, pois o discurso poético sintetiza o discurso do cotidiano, provocando efeitos de sentido a partir da ideologia do autor. Em *Maria da Vila Matilde*, encontramos um discurso poético constituído por várias vozes do cotidiano: uma voz popular que se enuncia com palavras como "quengo", "samango" e "cafezim", por exemplo; uma voz oprimida, a das mulheres que sofrem o machismo estrutural de nossa sociedade, mas também vitoriosa, quando enfatiza que as mulheres podem não ser mais submissas e subservientes, dado que hoje há um poder público que reconhece sua necessidade de proteção para se defender da violência masculina. Volochínov (2013) diz ainda que o discurso é constituído por valorações sociais. Na canção de Douglas Germano, por exemplo, encontramos um discurso

revelador de valores conflitantes nas relações amorosas: há uma voz de denúncia e combate da violência doméstica que deixa subentender o fim da submissão ao gesto machista: “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”.

Segundo a teoria construída por Volochínov (2013), é possível identificar os valores subentendidos nos discursos por meio de três aspectos: valorações sociais, entonação e contexto. Logo, há uma relação entre nós (ouvintes) e a intérprete (enunciador), pois vivenciamos, de uma forma ou de outra, o tema retratado na obra, o que possibilita que entendamos o dito e o não dito da canção. A entonação, uma das categorias que constituem a construção da valoração social no processo de interação (e entendimento) entre o falante e seu público, permite perceber intenções ou sentimentos, que não são verbalizados, por meio do tom da voz, gestos corporais e expressões faciais, por exemplo. Nas obras escritas a entonação é marcada pela escolha do vocabulário, figuras de linguagem, sintaxe e pelo ritmo que o autor emprega ao seu texto.

Em Maria da Vila Matilde, por se tratar de uma canção, a entonação pode ser percebida em vários aspectos: no texto e na entonação que a intérprete escolhe para cantar, assim como na melodia, harmonia e arranjo da música. A canção é iniciada com um *sample* - som grave e constante que faz a marcação do tempo da música. Em seguida, ouvimos a voz de Elza Soares, com uma entonação firme e séria, perguntar onde está seu celular, pois ligará para o 180, número da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência, para denunciar seu companheiro por agressão física. Na primeira estrofe, começa a ser construída a imagem de uma mulher segura, consciente, que não está mais sozinha como em tempos remotos, quando apenas ficava em casa à mercê do marido. Agora, amparada pela lei, ganha força para enfrentar seu agressor ou mesmo para simplesmente não aceitar de maneira submissa as violências domésticas que por muito tempo foram naturalizadas como “briga de casal”. Maria da Vila Matilde, personagem da canção, além de denunciar seu agressor para o 180, também ameaça revidar seus ataques jogando-lhe “água fervendo” caso “se aventure” a agredi-la.

A interpretação de Elza Soares, somada ao grave do *sample*, marca o tom sério da primeira estrofe que, embora se repita mais duas vezes durante a canção, se diferencia das demais por estar anunciando que tal situação não se repetirá ou mesmo que jamais chegará a acontecer. Embora os verbos estejam no futuro, indicando ações que provavelmente aconteçam, a entonação usada por Elza Soares é contundente e não deixa espaço para que duvidem de sua palavra.

Recuperando o conceito de entonação elaborado por Valentin Volochínov (2013), observamos que é a entonação de Elza Soares que nos possibilita reconhecer nessa estrofe o tom mais sério e pungente, sem que, para isso, tenha sido preciso a verbalização de um alerta prévio. Por se tratar de canção, o tom sério é corroborado por outro elemento: o *sample*. A adição de tal elemento como marcação do tempo da canção faz toda diferença no arranjo, funcionando como um lembrete de que apesar de ser um samba que constrói imagens cômicas, esse é um humor que não acha graça no assunto abordado, a violência doméstica.

A passagem para a segunda estrofe – que completa o estribilho da canção – se dá em tom levemente diferenciado. Para completar a advertência de que seu agressor não entrará mais em sua casa, a personagem introduz imagens cômicas, situações constrangedoras que poderão acontecer com seu agressor: “Eu solto o cachorro/ E apontando pra você/ Eu grito: péguix/ Eu quero ver/ Você pular, você correr/ Na frente dos vizin”. Socialmente, a imagem de um homem fugindo de um cachorro é motivo de risos e zombaria, principalmente porque, em uma sociedade patriarcal, espera-se que esse homem, atendendo às expectativas de gênero, cumpra seu papel social de “macho” e enfrente a situação demonstrando força física e bravura. Tais valores sociais são reforçados no verso “na frente dos vizin”, onde fica explícito na canção o ideário popular de que o homem nunca deve demonstrar fraqueza e agora a ameaça além de física passa a ser moral, pois diante dos vizinhos esse homem seria ridicularizado, passando a ser popularmente motivo de deboche.

É nesse primeiro minuto da canção que se começa a construir o tipo de ironia que segundo Beth Brait (2008) é o que permite que sejam descortinados certos aspectos culturais, sociais ou mesmo estilísticos que geralmente não são vistos em discursos mais sérios e que em geral são tratados com menos criticidade. A autora ressalta que o humor não está necessariamente a serviço do riso, mesmo que essa seja uma consequência inevitável e que a ironia não é necessariamente cômica⁴. É justamente esse tipo de humor e ironia que encontramos em Maria da Vila Matilde, um humor que não ri, apenas constrói imagens cômicas como estratégia de chamar a atenção para assuntos urgentes como a violência doméstica.

⁴ Fazendo uma distinção entre palavras do mesmo campo semântico, tais como ironia e riso, Beth Brait, baseada em diversos estudiosos, traz o riso como fenômeno fisiológico e o cômico como uma construção da linguagem (2008).

A seguir vem a segunda parte da canção, é nessa estrofe que temos acesso ao contexto socioeconômico do agressor, pois a personagem diz que quando o samango (gíria utilizada para se referir a policiais) chegar, além de apresentar a prova do crime: “Eu mostro o roxo no meu braço”, também irá delatar para a polícia as maneiras escusas pelas quais seu companheiro se utiliza para ganhar dinheiro: “Entrego teu baralho/ Teu bloco de pule/ Teu dado chumbado”. Podemos perceber nesses três versos, que se trata de uma pessoa com conceitos de ética deturpados ou inexistentes, pois além de praticar violências contra a mulher, tem sua renda financeira advinda de jogos corrompidos: “Teu dado chumbado”. Ou seja, ganha dinheiro à medida que trapaceia, engana as pessoas. Trata-se de alguém que coloca suas vontades e seu conforto acima dos homens e da lei.

No sexto e sétimo versos “Ponho água no bule/ Passo e ainda ofereço um cafezin”, o tom de deboche da estrofe se acentua. Começa com uma gradação de denúncias em que a personagem vai elencando os delitos cometidos pelo agressor e a partir do sexto verso, temos uma quebra dessa gradação para dar espaço a um clima amistoso e cordial entre a personagem e os policiais. Ao observarmos essa estrofe, percebemos que ela foi construída por meio de oposições, as imagens que nela se apresentam não seguem a sequência linear a qual estamos acostumados socialmente. À luz de Volochínov (2013), constatamos que essa contraposição configura a ironia que atravessa toda a canção. Tal gesto, de servir café para os policiais como se esses fossem amigos em um dia de visita, demonstra a posição adotada por Maria da Vila Matilde nessa discussão, ao tomar tal atitude, a personagem, ao mesmo tempo em que trata com firmeza seu agressor, mostra total segurança no controle da situação, aparentando, até certo ponto, tranquilidade.

Com relação aos aspectos rítmicos-melódicos, notamos que segue indissolúvelmente o tom da canção de forma a reforçar os efeitos de sentido propostos tanto pela letra, quanto pela entoação de Elza Soares. O sample que, no primeiro minuto, marca o tom grave da canção, agora é cessado para dar lugar ao baixo que, conjunto à voz de Elza no primeiro verso “E quando o samango chegar”, cria o clima de suspense que marca o início da estrofe, como se a personagem estivesse brincando com os sentidos de seu interlocutor, ou quisesse deixá-lo apreensivo com o que estaria por vir.

Após a repetição do estribilho, já com todos os elementos musicais da canção, a segunda estrofe é introduzida. Estilisticamente essa é igual à primeira, há uma breve suspensão na melodia para que a voz de Elza Soares seguida do baixo crie o clima de suspense para a armação da cena seguinte. Dessa vez, no porvir vingativo, entra a figura

da mãe do agressor e novamente o tom da hipotética conversa via telefone é amistoso. O eu-lírico afirma que quando a mãe ligar irá “caprichar no esculacho”, falando de todos os defeitos do filho dela - ser “mimado”, “cheio de dengo”, “mal acostumado”, não ter “nada no quengo”⁵ e não ter uma atuação sexual satisfatória. Fazendo um breve levantamento do léxico apresentado nessa estrofe, percebemos que pertencem ao campo semântico do egoísmo e do egocentrismo. Se na primeira estrofe conhecemos o lado trapaceiro, de alguém que está acostumado a enganar os outros, nessa, em tom de intimidade, temos acesso a traços da personalidade desse agressor que indicam que essa é uma pessoa que apenas se preocupa com seu bem-estar, está – mal – acostumado a ser tratado com mimos e tenta obter aquilo que deseja por meio de manhas, além de não ter juízo ou responsabilidade, ou seja, alguém que costuma agir por impulso. Tais lexemas pertencem ainda ao campo semântico da infantilidade, pois, geralmente, são palavras utilizadas para descrever uma criança. Dessa forma, podemos percebê-lo como uma pessoa que ainda não passou completamente pelo processo de amadurecimento que se espera de uma pessoa adulta.

A partir de um processo interativo – locutor, interlocutor, espaço/tempo, horizonte valorativo –, assumimos uma atitude responsiva com relação à canção, notamos sob uma perspectiva dialógica que esse é um “discurso sobre o mundo que se funde com o discurso confessional sobre si mesmo” (BAKHTIN, 2008), ou seja, ao retratar seu relacionamento íntimo, o eu-lírico, ao dizer “deita, vira e dorme rapidinho”, reflete a situação de incontáveis mulheres que permanecem em seus relacionamentos mesmo estando insatisfeitas em vários aspectos da vida conjugal. Nos campos espaço-temporal e valorativo, observamos que esse é um comportamento machista de subordinação da mulher que atravessa décadas e persiste até os dias de hoje, pois, como explicitado por Simone De Beauvoir (2016), nos anos de 1940, o casamento ainda é o destino tradicionalmente oferecido à mulher como uma forma de reconhecimento social carregado de positividade.

Por meio da Teoria do Humor, de Mikhail Bakhtin (2008), podemos pensar que tipo de humor constitui Maria da Vila Matilde. Pela abordagem histórica do autor russo, vimos que na Idade Média o riso assumiu um caráter libertador; agindo como forma de esclarecimento de mundo; que tornava tudo o que era temível em cômico, mas que, no

⁵ Quengo é uma gíria utilizada para se referir à cabeça. Nesse contexto, equivale a “não ter juízo”.

entanto, não se misturava com o sério⁶. É no Renascimento que o cômico esforça-se para entrar em todas as esferas da vida ideológica, porém, encontra dificuldades devido a fatos históricos como a monarquia absolutista e a expressão ideológica na filosofia racionalista e na estética do classicismo, que empregavam um tom sério e autoritário, dessa forma, a partir desse período o riso passa por um processo de degradação. Até que no século XVIII torna-se vil e desprezível. No romantismo, período em que era bastante aplicada a visão subjetiva do mundo, o aspecto regenerador e positivo do riso reduz-se ao mínimo, então, o riso é eliminado e transforma-se em ironia e sarcasmo.

O humor que atravessa a canção é ainda esse humor libertador que permite o esclarecimento de mundo, pois as imagens cômicas não são construídas aleatoriamente, mas de forma dialógica, refletindo nesse discurso as valorações sociais presentes no nosso cotidiano. Embora achemos graça em ver um homem fugindo de um cachorro, as imagens que se seguem mesmo cantadas em igual tom de deboche revelam também um tom sarcástico, de alguém que emite uma entoação quase comemorativa e alegre ao dizer que vai mostrar o “roxo no braço” para a polícia. Se pensarmos que a palavra é carregada de valorações sociais e que na enunciação o sujeito revela sua ideologia e ou a ideologia de seu contexto social, mesmo que por meio de ironia (VOLOCHÍNOV, 2013), observaremos que o humor e o sarcasmo estão repletos de crítica e consciência social. Assim, no conjunto da canção notamos o tom de ambiguidade, pois, apesar de estar em situação de confronto, o eu-lírico mantém-se tranquilo para tomar café com os policiais e suficientemente à vontade para “esculachar” seu agressor para a mãe dele.

Essa ambiguidade no posicionamento da personagem é característica ao contexto sócio-histórico atual. De acordo com os estudos de Simone de Beauvoir (2016), o casamento se configura sob aspectos diferentes para o homem e para a mulher, apesar de ambos serem necessários um ao outro, essa necessidade não gera reciprocidade, pois o homem é visto socialmente como um indivíduo completo e autônomo e à mulher é imposta (socialmente) a obrigação de “dar filhos”, cuidar da casa e atender as necessidades sexuais do marido. Embora a condição econômica da mulher tenha evoluído, ainda hoje vemos que há resquícios desse casamento tradicional. Em tempos remotos, em que a condição da mulher era de total submissão e que o homem tinha plenos direitos sobre sua esposa, essa canção não seria possível, pois em toda enunciação deve-

⁶ “O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época” (BAKHTIN, 2008).

se levar em consideração o interlocutor e o contexto histórico e social (BAKHTIN, 2016). Somente em 22 de setembro de 2006, entrou em vigor a Lei 11.340, conhecida popularmente como “Lei Maria da Penha”; com esse dispositivo foi possível uma maior eficácia na prevenção e na punição de crimes de violência doméstica. Atualmente, além da Lei Maria da Penha, há uma maior conscientização social com relação às causas de gênero, as pautas de violência contra mulheres estão bem mais difundidas e atingem cada vez a um número maior de pessoas. Dessa forma, a canção, ambigualmente marcada pela comicidade, é na verdade um brado sério e contundente contra a violência doméstica e violência de gênero de modo geral; é também, antes de tudo, um incentivo e um alerta para que as mulheres denunciem seus agressores, pois não estão mais sozinhas nessa luta, agora – depois de séculos de negligência – há políticas públicas voltadas para que se pense a melhor forma de assegurar a vida de mulheres.

O refrão “Ce vai se arrepender de levantar a mão pra mim” é repetido ao final do estribilho e ao final de cada estrofe e funciona como um reforço da admoestação presente na totalidade da canção. Um reforço de que ela não irá tolerá-lo por mais tempo e que aquela situação não se repetirá. Sendo todo falante respondente de outros discursos com os quais teve contato, todo enunciado é constituído por discursos anteriores e discursos futuros⁷, assim, vemos que esse verso - que se diferencia formalmente dos outros por ser um verso bárbaro (13 sílabas poéticas), enquanto os demais são livres, compostos em sua maioria por versos em redondilha maior e redondilha menor - também se diferencia por sintetizar em uma oração o grito de guerra de tantas mulheres que assim como Maria da Vila Matilde não aceitam mais que a coloquem em posição passiva de subordinação ao marido. Essa atitude fica ainda mais evidente ao final da canção, quando à voz de Elza Soares juntam-se vozes de outras mulheres, o que subjetivamente sugere a imagem de várias mulheres gritando num só coro: “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”; deixando claro que o machismo não mais passará impune e as violências não mais serão naturalizadas.

Para arrematar, a canção termina em tom coloquial, a voz de Elza deixa de seguir o ritmo melódico da canção e em tom de prosa constrói a imagem da agressão física: “mão cheia de dedo/ Dedo cheio de unha suja”; para, de uma vez por todas, negá-la,

⁷ O discurso futuro constitui o enunciado do falante, pois esse está sempre atento ao seu público e suas possíveis respostas, o que dependendo do contexto pode fazer toda a diferença no discurso do enunciador. (BAKHTIN, 2016),

reafirmando que não vai admitir que tal situação aconteça com ela: “E pra cima de mim? Pra cima de moi?/ Jamais, Mané!”.

Apesar de refletir um discurso de mulheres conscientes de que podem ocupar os espaços públicos e privados se e como quiserem, mulheres que sabem que são donas de seus próprios corpos e vidas e que não têm obrigação de atender a nenhuma expectativa de gênero, esse ainda não é um discurso hegemônico. Muitas mulheres ainda se encontram em situação de violência sem perspectiva de solução para seus problemas, embora a Lei Maria da Penha tenha sido um grande passo, ainda há muito o que fazer para salvaguardar de fato a vida das mulheres. Sobre o empoderamento feminino, Angela Davis (DAVIS, 2017, p. 22) afirma que “o empoderamento das massas de mulheres deste país nunca será alcançado enquanto não tivermos êxito em deter a maré de racismo”. A essa fala, além do racismo, devemos acrescentar todas as questões urgentes de adversidades vividas por mulheres, nos atentando para o fato de que somos muitas e somos plurais. Nesse sentido, Maria da Vila Matilde é uma canção de extrema importância e bastante necessária para que o debate sobre questões de gênero possa ser cada vez mais acessível, pois “de todas as formas de arte (...) a música atuou como a principal catalisadora no despertar da consciência social da comunidade” (DAVIS, 2017, p. 167).

Referências

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais*. Tradução: Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAKHTIN, M. *Gêneros do Discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

CAMARGO, Z. *Elza*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

CRISTIANE SERRA. *Garrincha e Elza Soares: Paixão, Futebol e Música, ao extremo*. Disponível em: <https://crisserra.wordpress.com/2009/06/25/garrincha-e-elza-soares-paixao-futebol-e-musica-ao-extremo>. Acesso em: 30 mar. 2020.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

RODA VIVA. *Roda Viva – Elza Soares*. [São Paulo]: Roda Viva, 2012. 1 vídeo (1h). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ko447IATMk&t=547s>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SOARES, E. *A Mulher do Fim do Mundo*. São Paulo: Selo Circus, 2015.

VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N. Tradução: João Wanderley Geraldi. *A construção da Enunciação e Outros Ensaio*. São Carlos: Pedro & João editores, 2013. cap, 7. p. 71-100.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015.

MATÉRIA EM EVIDÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CORPO FEMININO NA ERA DA TECNOLOGIA

Laís Sousa Di Lauro¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve discussão acerca do culto ao corpo na era da tecnologia, em especial no universo *online*. Em um cenário repleto de aparatos tecnológicos e redes sociais, que facilitam a disseminação de imagens e propiciam a exibição corporal, este torna-se uma vitrine que, muitas vezes, reflete uma preocupação excessiva com a estética corporal, podendo, portanto, gerar graves consequências para a vida das mulheres. Deste modo, tornam-se cada vez mais necessárias as discussões acerca dos corpos, em especial dos corpos femininos que estão constantemente em exposição nos espaços virtuais, e dos discursos que os compõem e afetam. Assim, com intuito de compreender esse fenômeno na prática, utilizamos Foucault (2014a), para realizar uma análise da rede de enunciações produzidas acerca do corpo a partir de uma foto publicada em dezembro de 2019 pela atriz e cantora Cleo Pires, no seu perfil do Instagram, usando um biquini que mostrava parcialmente seu corpo, o que gerou grande repercussão e inúmeras críticas. A publicação teve mais de um milhão de curtidas e cerca de 24 mil comentários. Ademais, recorremos a conceitos de autores como Novaes (2006), Goldenberg (2002) e Ortega (2008) para compor o referencial utilizado aqui.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo. Estudos do Discurso. Estereótipos. Mídia. Instagram.

ABSTRACT: This article aims to present a brief discussion about body obsession in the age of technology, especially in the online universe. Such a scenario, full of technological devices and social networks, facilitates the dissemination of images and provides display of the human body. This becomes a showcase that often reflects an excessive concern with body aesthetics and can therefore lead to serious consequences for women's lives. Thus, discussions about bodies, especially female bodies that are constantly on display in virtual spaces, and speeches that compose and affect them, become increasingly necessary. Therefore, in order to understand this phenomenon in practice, we used Foucault (2014a), to carry out an analysis of the network of expositions produced about the body from a photo published in December 2019 by the actress and singer Cleo Pires, on her Instagram profile, wearing a bikini that showed only part of her body, which generated great repercussion and numerous criticisms. The publication had more than one million likes and about 24 thousand comments. Furthermore, we used concepts from authors such as Novaes (2006), Goldenberg (2002) and Ortega (2008) to compose the framework used here.

KEYWORDS: Body. Discourse Studies. Stereotypes. Media. Instagram.

Introdução

Assim como a beleza, a concepção de corpo também é subjetiva e o que é considerado corpo belo depende de uma série de fatores, entre eles a época, a sociedade, a cultura e outras

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM), UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: laisdilauro@gmail.com.

inumeráveis condições. A compreensão de corpo varia de acordo com o meio social e temporal ao qual este se encontra, podendo ser apreendido como um amontoado de células e órgãos, um conjunto das várias partes que compõem um todo, uma coleção de massas tomadas uma a uma, como o cárcere da alma.

Para Foucault, “o corpo pode ser entendido como superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 1979, p. 22). A análise do corpo através da genealogia foucaultiana, por exemplo, rompe com a análise linear do corpo, sugerindo uma percepção através da articulação deste com a sua história, com as suas marcas. De acordo com essa vertente, o corpo não pode ser compreendido apenas como uma objetificação da matéria, mas deve abarcar a totalidade inteiramente impregnada de história.

O corpo, para além da matéria, está impregnado com nossa essência de tal modo que cada pequena modificação é capaz de afetá-lo. Em sua totalidade social, biológica, histórica e social, ele é capaz de refletir o ser. No contexto da cultura pós-moderna, que pode ser definida como cultura do narcisismo (LASCH, 1985) e do espetáculo (DEBORD, 1997), na qual a exigência infinita de “performance” e o “parecer” se sobrepõem ao ser, o corpo transformou-se em um objeto de apresentação, do ver e do ser visto – de tanta imagem, tanto espelho, como dizem Lucia e Pinto (2003), causa a cegueira da razão. Ao longo do tempo o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias. No entanto, atualmente, esse corpo “encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente” (GOLDENBERG, 2002, p. 9).

O excessivo culto ao corpo, que marca o momento o qual estamos imersos, é facilitado pelas tecnologias e por práticas e discursos que, de acordo com Ortega (2008), investem no corpo humano seja para controlá-lo, modificá-lo e/ou visualizá-lo de uma forma mais completa. No entanto, as práticas e discursos que, de certa maneira, investem neste corpo, tendem a “desprezar à carne”, visto que as representações principais do corpo remetem a um modelo ideal, modificado por meio de tecnologias, caracterizando o que Ortega (2008) denomina de “rejeição corporal da corporeidade”. Sobre isso, Gimenes (2011) comenta que

Tendo em vista o considerado “corpo perfeito”, a variedade dos corpos passa a ser considerada fora da norma, o que leva ao desenvolvimento de um constante sentimento de insatisfação com o corpo próprio e um eterno desejo de autoaperfeiçoamento. As pessoas subjetivam-se com base em um modelo ideal do corpo, que nunca será o delas, que sempre estará na dimensão do outro, do fora (GIMENES, 2011, p. 461).

A devoção ao corpo pode, então, ser percebida como um estímulo para a ascensão de uma cultura somática (ORTEGA, 2008). Neste cenário, a construção da subjetividade e da identidade do corpo se fundamenta em características biológicas, ocasionando a formação de grupos sociais baseados em características específicas, que, como desdobramento, implicam no reforço da disseminação de estereótipos.

O corpo e suas relações de poder e disciplina

Em Foucault (1979), encontramos que o poder penetrou no corpo e encontra-se exposto no próprio corpo. Na conjuntura da imersão tecnológica e eclosão das redes sociais, ele torna-se instrumentalizado, cercado de estereótipos e dotado de poder. Esse corpo exerce inúmeras relações de poder-saber e nelas nos deparamos com fenômenos complexos, que não obedecem à forma hegeliana da dialética.

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito de investimento do poder no corpo. A ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Em suas reflexões na obra “A hermenêutica do Sujeito”, Foucault (2006a) levanta a discussão acerca do biopoder: poder que envolve o corpo e a vida por meios de dominação, técnicas e cuidados de si ou, pela governamentalidade (o governo de si por si mesmo e pelos outros; ou o governo de si e dos outros).

Para Foucault (2014b), o corpo encontra-se envolto em relações complexas de poder e de dominação que “o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam” (FOUCAULT, 2014b, p. 25). Através dessas relações, há a disciplinarização dos corpos, que se volta para a produção de corpos dóceis. Esse poder disciplinar, nos diz Foucault, é uma técnica de poder “pela qual a função-sujeito vem se superpor e se ajustar exatamente à singularidade somática” (FOUCAULT, 2006b, p. 69), que tem por objetivo fazer do sujeito apenas um corpo sujeitado.

Esse corpo, ao qual nos referimos, é o corpo socialmente construído e constituído. É o corpo que perpassa as redes discursivas e ali nasce, cresce e se reproduz, condensado em redes de enunciação. É o corpo que sofre influência, e interferência, dos mais distintos dispositivos sociais e está preso as lógicas dos dispositivos, inconstantes e incertas, que se modificam rapidamente. É o corpo, em sua essência, impregnado de subjetividades, narrativas, moralidades e estereótipos. E é, também, o corpo submetido ao poder disciplinar, da docilidade. Assim é regulado, doutrinado e submetido à vigilância.

As subjetividades encontram-se sufocadas pelo modelo que é imposto a todos, independente das suas características biológicas e fisiológicas. A vestimenta que cobre o corpo do outro é colocada ali, para todos os corpos, e o sujeito deve fazer cabê-la em si. E a indústria da beleza e do capitalismo, com milhares de produtos e sugestões, está ao seu dispor para fazer com que isso ocorra. Recorre-se as mais diversas cirurgias e procedimentos, dietas e exercícios até a exaustão do corpo. Caso não seja possível caber naquele modelo, o corpo é realocado ao local de falência. Falência social, falência moral e, possível, exclusão social.

Imagem corporal e o “corpo ideal”

Para Schilder (1999), a Imagem Corporal não pode ser restringida a uma construção cognitiva, mas deve ser levada em consideração, também, a reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros. Por isso ela é construída com base nos eventos diários e envolve diversos fatores emocionais, sociais, culturais, genéticos e físicos que determinam como os indivíduos se posicionam no mundo e o percebem. Desse ponto de vista, podemos compreender que a utilização das redes sociais atua, também, moldando a concepção que o indivíduo tem do seu corpo.

Lira et al (2017), nos mostra que a Imagem corporal pode ser definida como a imagem do corpo construída em nossa mente e os sentimentos, pensamentos e ações em relação ao corpo. Ela é influenciada por diversos fatores, mas três deles apresentam maior interferência: os pais, os amigos e a mídia e, de acordo com autores, esta última, sinônimo de “meios de comunicação social”, é a mais pervasiva das influências. Acredita-se que a internalização do padrão do corpo “ideal”, ou seja, a incorporação do valor ao ponto de modificar as atitudes e comportamentos pessoais, é um importante mediador da insatisfação corporal.

A significativa carga simbólica que as imagens possuem dentro das plataformas sociais, como por exemplo o Instagram, agregam valor simbólico, mnemonicamente, aos usuários. A frustração de, muitas vezes, não se encontrar em padrões corporais específicos, tidos como ideais, pode levar os indivíduos a um descontentamento consigo e com o seu corpo, podendo essa insatisfação ser capaz de afetar a percepção sobre o corpo e sobre a imagem corporal.

Segundo Delalibera (2005), a obsessão pelo “corpo ideal” está atingindo uma população preocupada com a perfeição do corpo. Essa população é afetada por alterações psíquicas caracterizadas por distúrbios na representação pessoal do esquema corporal e na consciência do corpo como meio de comunicação consigo mesmo e com o mundo. Segundo Paim e Strey (2004), o corpo torna-se um objeto virtual, agora saturado de estereótipos, que aparece como

um quadro inacabado e transforma-se em imagem do corpo, torna-se um objeto de autoplastia: “fique nu..., mas seja magro, bonito, bronzado!” (FOUCAULT, 1979, p. 83).

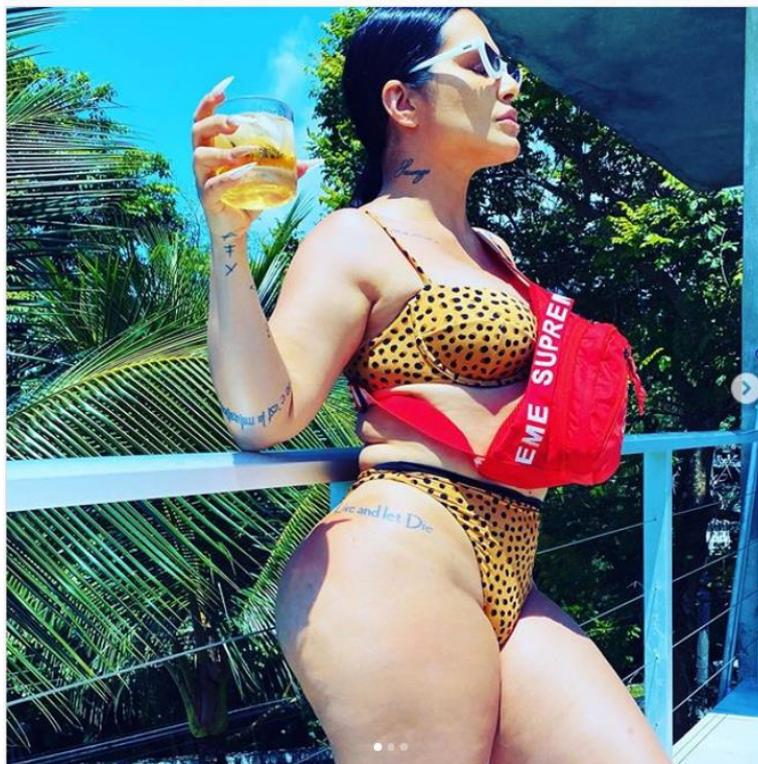
Em Paim e Strey (2004) encontramos ainda que o corpo ocidental se situa em plena metamorfose e o indivíduo contemporâneo está sempre em busca de descobrir em seu corpo uma verdade sobre si mesmo que a sociedade não consegue mais lhe proporcionar. Assim, “na falta de realizar-se em sua própria existência, este indivíduo procura hoje realizar-se por meio do seu corpo” (PAIM; STREY, 2004, s/p). E essa busca incessante pelos ideais de beleza pode acabar culminando em problemas maiores, como a exemplo dos distúrbios de imagem.

Discursos e enunciados

Os discursos, a partir do ponto de vista foucaultiano, são práticas sustentadas por estruturas históricas, sociais e culturais que os modelam e restringem. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelos rituais, que definem os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso. Assim, os discursos carregam em si grande carga simbólica e, ao serem proferidos, causam efeitos àqueles aos quais se dirige (FOUCAULT, 2014a).

Com intuito de compreender as redes discursivas acerca do corpo, recorreremos a Foucault (2014a) para realizar a análise de enunciações tecidas em uma postagem realizada em dezembro de 2019 pela atriz e cantora Cleo Pires, no seu perfil do Instagram. Nesta análise, levamos em consideração apenas os comentários realizados no post da atriz e cantora, sem nos ater as respostas aos comentários, feitas por outros usuários.

Figura 1: Foto da publicação da atriz e cantora Cléo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

A publicação, realizada em formato de álbum com três fotos, chamou atenção dos usuários da plataforma em comparação com as demais postagens do perfil da atriz que possuem uma média de 300 mil curtidas. Tendo mais de um milhão de curtidas e cerca de 24 mil comentários, o post gerou grande repercussão pelo fato de a atriz e cantora exibir um corpo “fora dos padrões”. Deste modo, acreditamos ser importante levantar a discussão acerca dos discursos de estereótipos sobre, e sob, o corpo feminino.

Em virtude dos inúmeros comentários, optamos por analisar os últimos quatrocentos comentários presentes na publicação, agrupando-os por afinidade. É importante ressaltar que, por vezes, comentários se sobrepuseram em mais de uma categoria. Por fim, com base em critérios didáticos, destacamos os seguintes subgrupos para explanação: 1) discursos de comparação; 2) discursos de negação e ódio e 3) discursos de desleixo.

1 - Discursos de comparação

“Por meio de um jogo de espelhamento infinito, o outro passa a ser objeto de comparação uma vez que o reflexo devolve, além da própria imagem do sujeito, inúmeras

outras imagens” (NOVAES, 2006, p. 157). A comparação, muitas vezes, é uma forma de diminuir uma pessoa, salientando as qualidades do outro ou os defeitos de quem está sendo comparado. Na postagem de Cleo, foram identificados vários comentários de seus seguidores comparando-a com outros famosos, a fim de colocá-la em um local de inferioridade, de exclusão: o local do gordo.

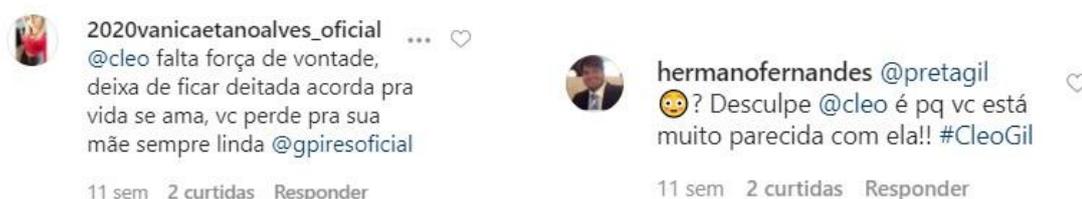
Paim e Strey (2004) afirmam que o corpo em forma se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual homens e mulheres podem aspirar. Assim sendo, os corpos que não se esquadram nesse esquema são vistos como “falidos” e, por isso, não são almeçados e são desqualificados.

Identificamos nesse eixo os comentários em que o gordo é tido com desdém e com espanto, por representar o “fracasso” ao ser comparado negativamente com outros corpos. Agrupamos aqui, também, comentários que remetiam a falta de força de vontade da atriz em “se manter na linha” confrontando-a com outras mulheres famosas que “dão de zero a 10” na atriz, conforme comentário de um dos seguidores.

Nunca, afirma Novaes (2006), o poder do olhar do outro sobre o corpo foi, a tal ponto, invasivo. Ao compararem Cleo Pires com outras mulheres, os seguidores exprimem a indignação de ver uma pessoa famosa com um corpo que não é aceitável para os padrões de corpo feminino. Essa comparação pode ser relacionada ao fato de os indivíduos buscarem se encontrar em uma imagem externa a si, visto que “o reconhecimento da própria imagem através da projeção do outro passa a ter um papel vital na vida do sujeito, sua imagem agora se imiscui com a do(s) outro(s) em uma intrincada cadeia que define e explica a preocupação dos sujeitos” (NOVAES, 2006, p. 157).

Nesse agrupamento notamos, também, comentários que associam o fato de a atriz ter engordado à falta de força de vontade, comparando-a com a sua mãe (Glória Pires) que, apesar de ser bem mais velha, é magra e conseqüentemente, para os padrões de belo feminino, linda. Além desses, alguns comentários comparavam a atriz com outros famosos que também não se encaixam no padrão aceito de corpo feminino.

Figura 2: Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Para Delalibera (2005), nessa era da magreza provocada e globalizada, ser gordo, apresentar barriga, pelancas, ou quaisquer glândulas adiposas é praticamente um crime. A beleza e a feiura, quando atribuídas ao corpo de alguém, podem ser vividas como sentenças que decidem sobre o direito de ter ou não uma identidade humana plenamente reconhecida (NOVAES, 2006). E assim, Cleo Pires é sentenciada, pelo tribunal da internet, por exibir um corpo fora dos padrões socialmente aceitos de corpo belo.

2 - Discursos de negação e ódio

“Eis-nos em pleno domínio da ditadura da aparência” (NOVAES, 2006, p. 17). Aqui, reunimos os comentários que reduzem o corpo da atriz a seus aspectos físicos e biológicos, através de discursos de cunho odioso e de negação. Se em Novaes (2006), encontramos que o sujeito reconhece a sua própria imagem através da projeção do outro, a negação do corpo, aqui em questão, torna-se a rejeição da sua própria imagem.

O discurso do corpo fala das relações internas à sociedade e também nele vai se expressar a busca da felicidade plena. Palco privilegiado dos paradoxos e dos conflitos, o corpo que busca a sua singularidade é o mesmo que tenta negar a diferença e a alteridade (NOVAES, 2006, p. 74).

Paim e Strey (2004) dizem que o corpo representado pela mídia é um corpo musculoso, sarado e restrito a poucos, e esse corpo seria sinônimo de saúde e beleza para a grande maioria das mulheres. Neste ponto, reiteramos que o maior número de comentários deixados nesta publicação tem autoria feminina e que alguns dos discursos separados nesse eixo associam o gordo a problemas de saúde, como a existência de doenças físicas e mentais, conforme demonstram os comentários abaixo de duas seguidoras do perfil.

Figura 3: Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Busca-se negar o corpo em sua própria realidade pois, ao fazê-lo, os ideais sociais aceitos são reafirmados e realocados como única possibilidade. O que não se enquadra, deve buscar o aperfeiçoamento; é incabível um corpo se expor acima do peso, ainda mais parcialmente despido. A nudez é privilégio dos poucos que conseguem atingir a marca do ideal. Por isso, qualquer outra forma de corporalidade incomoda o olhar treinado e acomodado dos sujeitos devotos da magreza enquanto belo; é inaceitável e “esteticamente horrível”, conforme ilustra figura abaixo.

Figura 4: Comentário publicado na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Goldenberg (2002) nos diz que cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde. Assim, o sujeito gordo carrega em seu corpo a culpa por não enquadrar-se em ideais socialmente ditos.

3 - Discursos de desleixo

“Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos” (GOLDENBERG, 2002, p. 9). Neste agrupamento, reunimos os comentários que associavam o fato do ganho de peso da atriz a questão do desleixo. Neste sentido, a gordura encontra-se entre os piores tipos de desleixos com o corpo, sendo concebida como um tipo de transgressão moral que traduz “um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos exercícios físicos regulares, esforço, disciplina, persistência, obstinação e autoestima” (NOVAES, 2006, p. 29). O gordo, então, seria o corpo “desobediente”; o corpo que não teria sido submetido ao “poder disciplinar” (FOUCAULT, 1979).

Figura 5 : Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. Denota descuido, preguiça, desleixo, falta de disciplina. “A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo” (VASCONCELOS et al, 2004, p. 68). Para Goldenberg (2002), a gordura, a flacidez ou a moleza são tomadas como símbolo tangível da indisciplina, do desleixo, da preguiça e da falta de certa virtude, isto é, “da falta de investimento do indivíduo em si mesmo” (GOLDENBERG, 2002, p. 31).

A associação entre o gordo e o desleixo vem da necessidade de justificar o porquê de o corpo ter tomado tal forma. E, na falta de explicação, não há outra justificativa: a culpa é da falta de cuidado de si. É importante ressaltar que, nesse eixo, a maior parte dos comentários vieram de mulheres, com enunciados discursivos de que se deve perder peso para ser bela. É nesse mesmo discurso que encontramos, também, resquícios de concepções corporais pré-estabelecidas e do machismo enraizado nas mulheres, que repercute no cotidiano e em seus corpos.

Considerações finais

O corpo é socialmente constituído e modelado por discursos, contínuos e sistemáticos, que o perpassam e estabelecem relações de verdade. Imerso em complexas relações de poder e de domínio, que tendem a torná-lo dócil e útil, o corpo está sujeito a coerções estéticas imperativas e excludentes.

A cultura do culto ao corpo tem nos levados a uma eterna frustração com a nossa própria imagem corporal. O magro, o esbelto e o sarado, entre outros, são tidos como características do corpo em um local de privilégio alcançado por poucos, enquanto o gordo é associado a ausência de saúde e de beleza. E esse corpo, gordo, fora os padrões considerados ideais, é apontado, julgado e condenado por discursos ancorados no belo, no moral, no ético, no religioso, na medicina e na biologia, na publicidade, na mídia, na indústria da beleza e farmacêutica, na estética, nos estereótipos, e incontáveis outros.

Tenta-se fazer caber os mais diversos tipos de corpos dentro de padrões e percepções que não cabem em todos, padronizações, estas, que acobertam o verdadeiro ser. E nessa emergência de fazer o outro caber nos desejos de si, matam-se as subjetividades.

Apresentamos aqui uma pequena discussão sobre um tema vasto, que não tem intenção de esgotar esse tema em si, mas sim de suscitar novos debates. Assim, deixamos em aberto para discussões futuras as questões acerca dos estereótipos de corpo ideal nos tempos atuais, da exibição do corpo nas plataformas digitais e da representação social e midiática do corpo gordo.

Referências

- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELALIBERA, M. A. *A imagem do corpo e a angústia sobre o corpo no envelhecer e no morrer*. 2005. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~bdsepsi/177a.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- GIMENES, G. F. *As incertezas do corpo*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 459-466, 16 ago. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38607>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo com valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- LIRA, A. G. et al. *Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras*. Jornal brasileiro de psiquiatria, v. 66, n. 3, p. 164-71, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v66n3/0047-2085-jbpsiq-66-3-0164.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- LUCIA, M. C. S.; PINTO, K. O. *Dismorfia corporal: Sintomas da Realidade?* In: Psicologia Hospitalar, vol. 1(1): 36-53, São Paulo, 2003.
- NOVAES, J. V. *O Intolerável Peso da Feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. *Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 10, n. 79, dez. 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASCONCELOS, N. A. et al. *Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia*. Rev. Mal-Estar e Subj., Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/04.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

O ATO DE NOMEAR NO DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER

Ângela Alves de Araújo Barbosa¹

Richardson Silva²

Denise Lima Gomes da Silva³

RESUMO: O ato de nomear é um processo marcado pela constituição de alteridade, em que o outro constitui nosso horizonte social (MOIRAND, 2004; SIBLOT, 1998, 2007). As palavras selecionadas para nomear o outro são carregadas de posicionamentos, apreciações e/ou ideologias. Ao referirmos o nosso outro pela nomeação, dizemos mais de nós mesmos, pois há uma tomada de posição por aquele que nomeia, uma definição de si, sendo este outro uma imagem ou objeto do discurso a ser referido. Considerando como o outro a mulher vitimizada pela violência pelo fato de ser mulher, objetivamos analisar a nomeação do corpo feminizado no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher até a culminância do feminicídio, cujas agressões são carregadas pelo discurso de ódio. Temos por questionamento, portanto: como a mulher é nomeada no discurso de ódio pelo autor da agressão, no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, até a culminância do feminicídio? Nosso estudo está inserido na teoria dialógica da linguagem, com bases conceituais no dialogismo, no princípio da alteridade, no posicionamento, no ponto de vista e na apreciação dentro da concepção da nominação e do discurso de ódio, que impera no contexto violento, contra a resistência da vítima.

PALAVRAS-CHAVE: Nomeação. Dialogismo. Discurso de ódio. Violência contra a mulher. Corpo feminizado.

ABSTRACT: The act of naming is a process marked by the constitution of otherness, in which the other constitutes our social horizon (MOIRAND, 2004; SIBLOT, 1998, 2007). The words selected to name the other are loaded with positions, appraisals and / or ideologies. When referring to our other by nomination, we say more about ourselves, as there is a position taken by the nominator, a definition of himself and the other becomes an image or object of the discourse to be referred to. Considering like that other, the woman victimized by violence due to the fact of being a woman, we aim to analyze the nomination of the feminized body in the context of domestic and family violence against women until the culmination of femicide, whose aggressions are carried over hate speech. Our question is, therefore, how is the woman named in the hate speech by the perpetrator of the aggression in the context of domestic and family violence against women until the climax of femicide? Our study is inserted in the dialogical theory of language with conceptual bases in dialogism, in the principle of alterity, in the positioning, in the point of view and in the appreciation within the conception of the nomination and hate speech, which prevails in the context of violence, against the victim's resistance.

¹ Doutoranda filiada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-CAPES/PROSUC), no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mails: aangelaraujo@gmail.com; angela.2019800009@unicap.br.

² Doutorando filiado à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e Professor Universitário filiado à Faculdade Boa Viagem DeVry Brasil (UniFBV | Wyden). Ambas as filiações em Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: richardson.sds@gmail.com.

³ Pós-doutora pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: dslima@gmail.com.

KEYWORDS: Name. Dialogism. Hate speech. Violence against women. Feminized body.

Introdução

A Análise Dialógica do Discurso tem por marco os pesquisadores russos que vivenciaram o contexto da União Soviética de domínio stalinista e propuseram o dialogismo no âmbito da linguagem, dos discursos, com saturação ideológica e valorativa na dimensão da vida. Bakhtin, Volochínov e Medvedev são os nomes mais conhecidos do Círculo no ocidente.

O primeiro escrito filosófico de Bakhtin (1923/1993), *Para uma filosofia do ato*, constrói uma discussão acerca da relação alteritária, de espaço-tempo, que inter-relaciona a noção de organismo, posicionamento, excedente de visão, valoração, como também a concepção de ato e responsabilidade. O campo da experiência e o da vida são lugares desse desenvolvimento filosófico. Esta primeira fase filosófica de Bakhtin está presente no desenvolvimento dos demais trabalhos.

Volochínov (1929/2017) desenvolve as noções de signo ideológico, compreensão responsiva, enunciado concreto e diálogo, considerando seu interlocutor ou auditório social, no campo da linguagem, na sua obra amplamente conhecida *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Desenvolve o conceito de acento, acentuação ou apreciação em sua obra *Discurso na vida e discurso na poesia*.

Partindo da reflexão proposta pelos autores russos, Siblot (1990, 1997, 2001) e Moirand (2009, 2011) abordam o ato de nomear na perspectiva dialógica e axiológica. De acordo com esses autores, entre o sujeito e a realidade nomeada existe uma multiplicidade de interações, de representações e de sentidos que é reajustada a cada atualização discursiva. As palavras são revestidas de uma memória, e cada ato enunciativo, que é singular, revela um ponto de vista do enunciador.

Portanto, com base na perspectiva dialógica do discurso proposta pelos autores russos, e na leitura sobre o ato de nomear proposta por Siblot e Moirand, propomos, neste artigo, refletir sobre o discurso violento, mais precisamente no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, a partir das agressões verbais do enunciador e seus desdobramentos. Para tanto, as nomeações proferidas pelo enunciador serão a unidade de análise que condensa posicionamentos, apreciações e ideologias, com marcação da relação de alteridade: relacionamento violento, verbalização violenta contra a mulher, disseminação do discurso de ódio.

Para a seleção do corpus, realizamos uma leitura prévia de casos de violências contra a mulher no contexto doméstico e familiar, de domínio público, divulgados pela mídia

jornalística na rede de computadores (internet). O corpus selecionado foi originário do caso de feminicídio em massa conhecido como “a chacina em Campinas”, que causou grande impacto no Brasil, divulgado pelo jornal *Estadão*, com o título de “Autor de chacina em Campinas escreveu carta sobre seu plano” (ESTADÃO, 2017).⁴ Trechos da carta foram publicados no jornal, apresentando conteúdo misógino, verbalização de discurso de ódio por parte do agressor que culminou em feminicídio.

Linguagem e dialogismo

Nas críticas de Volochínov aos formalistas russos, no início do século XX, quando trata dos “problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista são combatidos por ele. O autor russo defende uma concepção de linguagem indissociável das condições de comunicação e das estruturas sociais, colocando a criação ideológica no domínio dos signos: “Sem signo, não existe ideologia. [...] Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica [...] Ali onde um signo se encontra, encontra-se também a ideologia. Tudo que é ideologia possui um valor semiótico” (VOLOCHÍNOV, 1929/2017, p. 31-32).

Sériot (2015) esclarece a definição de ideologia em Volochínov, que é diferente das definições de outras análises do discurso sobre alienação do sujeito. Essa definição da ideologia é, portanto, “[...] o conjunto dos produtos culturais dos quais faz parte a ciência: são todas as ideias que as pessoas têm na cabeça, conjunto sempre manifesto e transparente na consciência [...]” (SÉRIOT, 2015, p. 16). O autor também mostra uma definição de ideologia compreendida e assumida por Volochínov, que frisa ter sido a única ocasião em que ele a definiu, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), como todo conjunto do que é refletido e refratado da realidade social e natural pela consciência e que seja expressada e fixada por ela sob qualquer forma semiótica, incluindo a forma verbal (SÉRIOT, 2015).

Dessa maneira, a palavra é o “fenômeno ideológico *par excellence*” (VOLOCHÍNOV, 1929/2017, p. 98). A palavra-discurso é definida como um campo de batalha e denominada de arena, onde valores sociais divergentes entram em confronto, em uma cadeia dialógica, em movimento constante. A palavra-signo é um palco de luta de classes, em que há o cruzamento de interesses sociais com ênfases multidirecionadas, que Volochínov (1929/2017) denomina de multiacentuação do signo ideológico, cujo cruzamento de acentos dá vida, movimenta e desenvolve o signo.

⁴ ESTADÃO. Conteúdo 01/01/17 - 18h33 - Atualizado em 01/01/17 - 19h29.

Bakhtin (2016) também irá defender que toda comunicação é sempre dialógica, constituída pela lógica da interação semiótica. As relações dialógicas são relações semântico-axiológicas entre todas as espécies de enunciados na comunicação discursiva. O discurso é, em Bakhtin (2016), a língua *in actu*, sendo inadmissível contrapor língua e discurso. O discurso é tão social quanto a língua, e as formas de enunciado, assim como a língua, são sociais e igualmente determinadas pela comunicação.

Conforme Todorov (1981), o dialogismo enquanto essência da linguagem está ligado à concepção de mundo como acontecimento; da realidade, enquanto processo; e do ser, em constante devir pela palavra. Entre o discurso e o objeto, diz Bakhtin (2015, p. 48), existe um meio “elástico e amiúde dificilmente penetrável de outros discursos alheios a respeito do mesmo objeto, no mesmo tema”. É somente no processo de interação viva e tensa, uma vez que não há sujeito passivo, que o sujeito concorda, discorda, reage e age com o discurso que se individualiza.

É justamente nesta dialética axiológica entre linguagem e realidade que veremos a questão da nomenclatura a seguir.

O ato de nomear: dialogismo da nomenclatura

O ato de nomear⁵ (MOIRAND, 2004; SIBLOT, 1998, 2007) é um processo marcado pela constituição de alteridade, em que o outro constitui nosso horizonte social. Advém do dialogismo da nomenclatura, de estudos franceses do campo da Praxemática. As palavras selecionadas para nomear o outro são carregadas de posicionamentos, apreciações e/ou ideologias. Ao referirmos o nosso outro pela nomenclatura, dizemos mais de nós mesmos, pois há uma tomada de posição por aquele que nomeia, uma definição de si, sendo este outro uma imagem ou objeto do discurso a ser referido.

De acordo com Siblot (2001), dialética entre locutor e realidade nomeada abarca uma multiplicidade de interações, categorizações, representações e sentidos que são reajustados a cada atualização discursiva. Nomear é não apenas se situar em relação ao objeto, mas também tomar uma posição em relação a outras denominações do mesmo objeto. Dessa maneira, uma reflexão sobre a questão da nomenclatura envolve uma dialética entre linguagem e realidade. O objeto é nomeado a partir de um ponto de vista, do lugar que o enunciadador ocupa e o percebe,

⁵ O ato de *nomear* tem por sinônimo o ato de *nominar*. As traduções são a partir do francês, podendo encontrar também os termos *nomenclatura* ou *nomeação* como sinônimos. Optamos em deixar no título do artigo a tradução designada em *nomenclatura* e no corpo do texto optamos por *nomeação*, enfatizando que são sinônimos no Dialogismo da nomenclatura/nomeação.

tomando uma posição diante do objeto e da diversidade de nomeações relacionada a ele.

Para Moirand (2011, p. 170-171), três dimensões estão relacionadas ao ato de nomear:

A realidade do mundo, que categorizamos para lhe dar significado; a *realidade do sujeito*, que expressa a representação que ele faz deste mundo e a posição que ele toma em relação a ele; a *realidade do sujeito para outras pessoas* com quem ele necessariamente entra em diálogo. (grifos nossos).

De acordo com Cordeiro (2017), o estudo do dialogismo da nomenclatura está inter-relacionado às vozes sociais, pois:

[...] as palavras são trazidas e retomadas por meio de numerosas vozes. Algumas delas, inclusive, tentam “aprissonar” os sentidos em que certas palavras são usadas. Contudo as palavras não tratam de um objeto que é mudo, mas circulam na vida e são empregadas pelos sujeitos em planos axiológicos distintos e por meio de pontos de vista, desejos e afetos que também podem ser diversos. (CORDEIRO, 2017, p. 59).

O ato de nomear na relação de alteridade (eu para o outro, o outro para mim, eu para mim mesmo) implica, pois, relações de sentidos e valorações que, no contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher, a relação alteritária é de dominação e submissão, mobilizando a nomeação de saturação ideológica/axiológica sobre a mulher, sobre seu corpo feminizado.

Discurso do ódio e violência

O discurso de ódio tem íntima relação com a violência contra o outro. Nas palavras de Garcia *et al.* (2008, p. 2551), “a violência contra o ser humano é um dos eventos bioéticos de maior relevância, pois, além dos danos físicos e psicológicos que ocasiona, necessita de um grande número de ações para a sua prevenção e tratamento”.

Especificamente no que concerne ao discurso de ódio, Schäfer, Leivas e Santos (2015, p. 147) demarcam traços característicos e tipos desse discurso, partindo do direcionamento discursivo, pois este é orientado para “estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão”.

Dois tipos distintos de discurso de ódio, do ponto de vista conceitual, são verificados por Rosenfeld (2001 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015). Estes tipos são denominados de *hate speech in form*, manifestando explicitamente o ódio, e *hate speech in substance* ou discurso de ódio velado, que “pode apresentar-se disfarçado por argumentos de proteção moral e social, [...] pode provocar agressões a grupos não dominantes. Ele produz violência moral, preconceito, discriminação e ódio contra grupos vulneráveis e intenciona articuladamente a sua segregação” (ROSENFELD, 2001 *apud* SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015, p. 147).

O discurso de ódio contra a mulher, de conteúdo misógino, é configurado como crime no Brasil por propagar ódio ou aversão às mulheres, de acordo com a Lei n. 13.642, de 3 de abril de 2018, sendo assim um atentado aos direitos humanos de ação discriminatória e de intolerância que incita a violência. É um discurso que tende à hierarquização, à anulação da pluralidade humana.

O discurso de ódio também é compreendido, em seu sentido amplo, como violência verbal por sua base discursiva de rejeição do convívio com as diferenças, motivado por preconceitos sociais. Por vezes, também é denominado de agressão verbal. Cunha (2013) explica que, nos estudos linguísticos, a violência verbal é uma noção geral para verbalizações de insultos, ataques pessoais, xingamentos, palavrões, etc.; e alguns desses termos são utilizados como sinônimos pela fluidez das noções. No contexto de violência doméstica e familiar contra a mulher à culminância do feminicídio (crime de ódio), as agressões verbais são recorrentes, tornando-se gradativamente mais violentas em discursos que minam ódio, em um ciclo de violências diversas.

Estudos sobre a temática da violência doméstica e familiar contra a mulher e sobre o feminicídio apontam que o agressor assume uma posição de possuidor da vítima, cuja representação para o agressor é de objeto de posse, estando o corpo feminizado percebido e estabelecido nessa relação como objeto.

O corpo feminizado: violência doméstica e familiar contra a mulher

Federici (2017 *apud* ASSIS; ALVES, 2017) atribui ao corpo da mulher “a última fronteira de conquista do capital” e que “a dependência econômica é a última forma de controle sobre nossa sexualidade” (FEDERICI, 2019, p. 59), indicando o ódio da mulher sobre o próprio corpo, referindo-se à comercialização do corpo feminino, porque:

Precisamente por causa da troca envolvida, a sexualidade para nós é sempre acompanhada por ansiedade, e essa é sem dúvida a parte do trabalho doméstico mais responsável pelo ódio que sentimos de nós mesmas. Além disso, a comercialização do corpo feminino torna impossível que nos sintamos confortáveis com o nosso corpo, independentemente de suas medidas ou formas. (FEDERICI, 2019, p. 59).

Segundo Federici (2019), a respeito do ódio do homem contra a mulher, no contexto doméstico e familiar, “os homens têm sido sempre autorizados a voltar seu ódio contra nós se não estivermos à altura do papel, particularmente quando nos recusamos a executá-lo” (p. 57).

Assim:

[...]inevitavelmente nos tornamos o objeto sobre o qual *os homens descarregam sua violência reprimida*. Somos estupradas, tanto em nossa cama quanto na rua, precisamente porque fomos configuradas para ser as provedoras da satisfação sexual, as válvulas de escape para tudo o que dá errado na vida dos homens. (FEDERICI, 2019, p. 57, grifo nosso).

Ainda segundo afirmação da autora, questionar sobre o que é ser “mulher” significa implorar por uma resposta sexista.

O feminicídio, portanto, é o último estágio de agressão, a violência extrema, um crime de ódio motivado pela razão de a vítima ser mulher. Reflete uma estrutura de superioridade do agressor para com a vítima, uma ação autoritária, rompendo o princípio da relação de alteridade com a inexistência de diálogo no sentido bakhtiniano. Dito isso, “o não reconhecimento do outro é a morte” (FARACO, 2019).

Análise do corpus

Para iniciarmos a análise, traremos a contextualização do crime a partir da matéria publicada, intitulada de “*Autor de chacina em Campinas escreveu carta sobre seu plano*”, com conteúdo de responsabilidade do *Estadão*, em 01/01/17. O autor do crime deixou cartas premeditando matar a ex-mulher, o filho e membros da família, executando tiros no momento de celebração de Réveillon.⁶ Mediante trechos de uma das cartas escritas pelo agressor/executor do crime, publicada em domínio público, segue a análise do ato de nomear na violência verbal contra a mulher.

De início, a carta foi direcionada ao próprio filho, que também foi vítima do assassinato, justificando para o menor sua motivação do crime, um feminicídio em massa, seguido de suicídio. No decorrer da carta, o autor faz referência à ex-mulher com discurso de ódio, de conteúdo misógino, culpando não apenas a ex-mulher, mas todas as mulheres, como apresentado neste enunciado:

- (i) por causa de um **sistema feminista** e umas **loucas**.

A verbalização de ódio do agressor está explicitamente direcionada ao gênero [discriminação de gênero], ao movimento feminista, instaurando uma oposição ideológica. Ao nomear todo corpo feminino como *um sistema feminista*, marca sua posição de menosprezo sobre o sistema e reflete sua autoridade na fala, indiciando a representação “das outras” [*e umas loucas*] no somatório do sistema feminista. A relação do agressor com o outro aponta duas formas relacionais, uma de ordem social/ideológica/cultural e outra de ordem subjetiva/emocional, mobilizando uma antecipação do ato agressivo de nomear a ex-mulher e as mulheres que compõem a família da vítima [*loucas*]. O agressor segue o direcionamento da violência verbal contra a ex-mulher, no enunciado abaixo, denotando o corpo feminizado, em

⁶ Disponível em: <https://istoe.com.br/autor-de-chacina-em-campinas-escreveu-carta-sobre-seu-plano/333/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

verbalização odiosa de xingamento, na qualificação de *vadia*.

- (ii) A *vadia* foi *ardilosa* e inspirou outras *vadias* a fazer o mesmo com os filhos, agora os pais quem irão se inspirar e acabar com as *famílias das vadias*. As *mulheres* sim têm *medo de morrer* com pouca idade.

O tom negativo da nomeação cria uma imagem do outro em padrões amorais, com conotações de ordem sexual e de estereótipo feminino. Esse ato de nomear reflete, no próprio agressor, um padrão machista, sexista. Além de *vadia*, o seu discurso qualifica a vítima de *ardilosa*, fonte de inspiração maléfica, provocadora da mesma “ação maléfica” em outras mulheres consideradas por ele como *vadias*. Esse ato do agressor fala mais de si mesmo por ser o reflexo de sua própria intenção, por desejar ser ele mesmo a fonte de inspiração para outros homens, refratando uma soberania da qualidade masculina sobre a qualidade feminina. Impõe-se como a fonte de inspiração não maléfica, uma inspiração de justiça. Seu discurso tem uma articulação explícita de ódio, destila ódio, incita a violência contra mulheres, mas, ao mesmo tempo, procura velar o discurso através de uma justificativa de reversão discursiva, culpabilizando e desqualificando o corpo feminizado pelas nomeações de *vadias*, *loucas*, *feministas*, *medrosas*. Sua articulação discursiva instiga um desdobramento de ódio para a conjuntura familiar de outras famílias, incita a mesma prática a outros homens. Nesse sentido, os enunciados (i) e (ii) podem ser compreendidos na perspectiva de Siblot (2001), quando este afirma que a dialética entre enunciador e realidade nomeada abarca uma multiplicidade de interações, categorizações, representações que são reajustadas a cada atualização discursiva. É possível perceber, então, que o discurso violento, nos enunciados (i) e (ii), é constituído por mecanismos de sentidos, cujas nomeações — *vadias*, *loucas*, *feministas*, *medrosas*, *ardilosa* — são recuperadas da memória histórico-cultural e patriarcal, e seu caráter axiológico depreciativo é ratificado.

No enunciado seguinte, o agressor encadeia sua verbalização odiosa com a nomeação de *bandidas*, dimensionando para a corrupção do país, minimizando e ridicularizando-o por *paizeco*, assim como para as leis vigentes. Retoma a nomeação de *vadias* correlacionando ao não merecimento e às atitudes erradas de todas as mulheres/*vadias* como causadoras do distanciamento entre os filhos e seus genitores [homens], apoiadas pela lei. Do ponto de vista do agressor, ele reflete uma avaliação de si mesmo como vítima, injustiçado e de ações corretas. A lei e as mulheres [mães] são suas inimigas.

- (iii) Ela não merece ser chamada de mãe, mas infelizmente muitas *vadias* fazem de tudo que é errado para distanciar os filhos dos pais e elas conseguem, pois as leis deste *paizeco* são para os *bandidos* e *bandidas*.

A carta do agressor direcionada ao filho antecipa a resposta com uma articulação verbal do tipo discurso de ódio velado, com um disfarce argumentativo de “proteção moral e social”,

para convencer o filho. No enunciado (iv), o uso de negação (*não sou machista e não tenho raiva das mulheres*) encadeado pela afirmação constitui uma contraposição valorativa, carrega determinações axiológicas. De acordo com Bakhtin (2011), ao elaborar seu ponto de vista, o enunciador dialoga com o discurso do outro em diferentes graus de alteridade, seja em relação de maior ou menor convergência ou divergência. Dessa forma, a negação (iv) aponta a presença do dialogismo interdiscursivo, a existência de duas vozes dialógicas divergentes, indicando ser o objeto da negação, uma afirmação.

O corpo feminizado novamente é nomeado como objeto amoral, com fins reprodutivos para receber benefícios por isso. A lei de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, a Lei Maria da Penha, recebe a nomeação de *vadia*. O agressor retoma as referências das nomeações anteriores, da bandidagem assegurada pela lei e de um sistema feminista corrompido, que frustra sua autorrepresentação masculina. A Lei Maria da Penha é alvo da agressão verbal, em que o agressor expressa sua raiva contra a resistência feminina e os direitos assegurados pelas mulheres com a proteção da lei.

- (iv) Filho, *não sou machista e não tenho raiva das mulheres* (essas de boa índole, eu amo de coração, tanto é que me apaixonei por uma mulher maravilhosa, a Kátia), *tenho raiva das vadias* que se proliferam e muito a cada dia se beneficiando da *lei vadia da penha!*

A mulher nomeada como inimiga é a raiz do mal, cuja vulnerabilidade feminina está no medo da morte. No enunciado abaixo, o agressor revela seu propósito de matar a ex-esposa como um ato vingativo. Sua entonação expressa um lugar que ele ocupa como homem detentor do direito de executar seu crime de ódio contra a(s) vítima(s), o feminicídio, o não reconhecimento do outro. Profere seu discurso autoritário como um ato de castigo merecido pela vítima e sua família, deixando como exemplo para que outros homens também venham a executá-lo. Demonstra, dessa forma, sua “virilidade”, “superioridade” — uma demonstração de força contra a resistência do corpo feminizado. Quando verbaliza que “a força está em suas mãos”, a decisão de matar sua vítima reflete o quanto a resistência feminina o incomoda, não aceitando o empoderamento feminino. Há, portanto, um embate em seu próprio discurso.

- (v) [...] vou *vingar o mal* que ela nos fez! [...] Toda mulher tem medo de morrer nova, ela irá por minhas mãos!

A nomeação *vadia* é o eixo-valorativo da violência verbal do agressor para minimizar a mulher e as demais, destruindo o corpo feminizado para construir uma imagem superior de si. Ser forte e homem é verbalizar o ódio que se estende à violência física.

- (vi) Sei que me achava um *frouxo* em *não dar uns tapas na cara dela*, mas eu não podia te dizer as minhas pretensões em acabar com ela! Tinha que ser no momento certo. Quero pegar o máximo de *vadias da família* juntas.
- (vii) Chega!! Ela tem que pagar pelo que fez.

O corpo feminizado é requerido pelo agressor. O grito autoritário exige o preço pelo corpo feminizado que ainda resiste.

Considerações finais

O ato de nomear no discurso de ódio, no corpus analisado, revelou um embate discursivo para ferir e destruir o outro em duas modalidades de discurso de ódio – explícito e velado. O ato de nomear a vítima pelo agressor demonstrou a saturação ideológica machista/sexista, o posicionamento violento e a apreciação de ódio, repugnância e desprezo.

O corpo feminizado foi nomeado como objeto amoral para fins reprodutivos, desdobrado pelas nomeações *vadias*, *ardilosas*, *bandidas*, *mulher medrosa*, *loucas*. Procurando criar uma imagem negativa desse outro, o encadeamento dos enunciados do agressor reflete sua própria imagem, ou seja, no ato de nomear a mulher de maneira que a minimiza para exaltar a si mesmo, o funcionamento do seu discursivo torna-se reverso, revelando o corpo feminizado em resistência.

O próprio discurso de ódio do agressor revela um embate de corpos, que ele amplia para o movimento feminista, para a instituição da família (mulheres, esposas, mães), para a Lei Maria da Penha, impondo seu discurso autoritário, que rompe o dialogismo.

Referências

ASSIS, C.; ALVES, L. ‘O corpo da mulher é a última fronteira de conquista do capital’, diz historiadora italiana Silvia Federici. *Opera Mundi*. São Paulo, 24 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/48536/corpo-da-mulher-e-ultima-fronteira-de-conquista-do-capital-diz-historiadora-italiana-silvia-federici>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (Tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

BAKHTIN, M. M. *Teoria do romance I*. A estilística. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34. 2016.

CHÄFER, G.; LEIVAS, P. G. C.; SANTOS, R. H. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143. Acesso em: 15 abr. 2017.

CORDEIRO, R. Q. F. *Nominações, vozes e pontos de vista sobre a loucura na e pela mídia: da reforma psiquiátrica ao boom das doenças mentais*. Recife, 2017. 477 f.: il., fig. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24983>. Acesso em: 29 maio 2020.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópio*, São Leopoldo: Usinos, v. 1, n. 3, p. 24-249, set./dez. 2013. <https://doi.org/10.4013/cld.2013.113.02>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.113.02>. Acesso em: 11 maio 2020.

FARACO, C. A. *Seminário Bakhtin, autoria, axiologia e heteroglossia*. Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

FREDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GARCIA, M. V. *et al.* Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p. 2551-2563, nov. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008001100010>. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 maio 2020.

MOIRAND, S. De la nomination au dialogisme: quelques questionnements autour de l'objet de discours e de la mémoire des mots. In: CASSANAS, A.; DEMANGE, A.; LAURENT, B.; LECLERC, A. *Dialogisme et nomination*. Montpellier, Publications de l'Université de Montpellier 3, 2004, p. 27-61.

MOIRAND, S. *Du sens tel qu'il s'inscrit dans l'acte de nommer*. 2011. Disponível em: <https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01503526/document>. Acesso em:

SÉRIOT, P. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SIBLOT, P. Une linguistique qui n'a plus peur du réel. *Cahiers de praxématique* 15. Montpellier: Pulm. 57-76. 1990.

SIBLOT, P. Nomination et production de sens: le praxème. *Langages Année*, 1997, v. 31. n. 127. p. 38-55.

SIBLOT, P. De l'un à l'autre. Dialectique et dialogisme de la nomination identitaire. In: BRÈS, J.; DELAMOTTE-LEGRAND, R.; MADRAY-LESIGNE, F.; SIBLOT, P. (eds.). *L'Autre en discours*. Montpellier: Publications de l'Université Paul Valéry, Montpellier 3, 1998, p. 27-43.

SIBLOT, P. De la dénomination à la nomination. Les dynamiques de la signifiante nominale et le propre du nom. *Cahiers de praxématique*, v. 36, p. 189-214, 2001.

SIBLOT, P. Nomination et point de vue: La composante déictique des catégorisations lexicales. In: CISLARU, G. *L'acte de nomme: Une dynamique entre langue et discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2007, p. 25-38.

TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine. Le Principe Dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017. 376p.

OS DISCURSOS DE ÓDIO CONTRA O CORPO GORDO FEMININO NO *INSTAGRAM*: DOS ESTEREÓTIPOS ÀS RESISTÊNCIAS

Débora Caruline Pereira Silva¹

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares²

Resumo: Este artigo trata-se de um recorte feito do trabalho de conclusão do mestrado, abordando questões sobre os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino na mídia digital *Instagram*, além de mostrar como mulheres resistem através de seus corpos. Utilizamos como método de análise a Análise do Discurso de tradição francesa, mais especificamente o método arqueogenealógico do discurso, em que os diálogos são construídos, especialmente, pelos trabalhos de Foucault e Pechêux. Num primeiro momento, abordamos a teoria do nosso trabalho, resgatando a história da AD e algumas categorias de análise, e abordamos um pouco da história do corpo feminino discursivizado através de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, analisando, descrevendo e interpretando o *corpus*. Como resultados, percebemos que o corpo gordo feminino ainda passa por diversos problemas na sociedade e isso se dá, principalmente, pelos discursos de ódio que predominam sobre seus corpos e interligados através dos estereótipos criados. Mesmo assim, a mídia, especificamente a digital, mostra como esses corpos ainda podem e devem mostrar empoderamento e resistência.

Palavras-Chave: Corpo gordo feminino. Discursos de ódio. *Instagram*. Resistência.

Abstract: This article is an excerpt made from the master's thesis, addressing questions about hate speech against the female fat body in the digital media *Instagram*, in addition to showing how women resist through their bodies. We used the Discourse Analysis of French tradition as the method of analysis, more specifically the archeogenealogical method of discourse, in which the dialogues are constructed, especially, by the works of Foucault and Pechêux. At first, we approach the theory of our work, rescuing the history of AD and some categories of analysis, and we approach a little of the history of the discursivized female body through a descriptive and bibliographic research, analyzing, describing and interpreting the corpus. As a result, we realize that the female fat body still goes through several problems in society and this is mainly due to the hate speeches that predominate over their bodies and interconnected through the stereotypes created. Even so, the media, specifically the digital one, shows how these bodies can and should still show empowerment and resistance.

Keywords: Fat female body. Hate speech. *Instagram*. Resistance.

¹ Graduada em Letras – Português/UERN. Aluna do mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Mossoró/RN. E-mail: debinha.caroline723@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora permanente do programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró/RN. E-mail: luciahelenamct@hotmail.com

Introdução

Atualmente, o corpo gordo tem sido vítima de constantes discursos de ódio nas redes sociais, sendo ridicularizado e exposto como se não pudesse existir, ou melhor, como se todos os corpos devessem seguir um padrão universal de beleza, como o corpo magro, ou o “corpo ideal”. Assim, imaginar mulheres que, mesmo diante de tantas críticas contra seus corpos, ainda utilizam formas de poder para postar suas fotos, é pensar que os estereótipos contra os corpos gordos ainda existem e estão cada vez mais presentes nas mídias digitais.

Nesse sentido, pode-se entender o corpo gordo feminino como uma forma de ser, existir e resistir, considerando o que FOUCAULT (1998) diz: “onde há poder, há resistência”. É precisamente por isso que os corpos exercem esse “poder” – visto que esse poder está em toda parte; em qualquer situação. Assim, o objetivo geral de nosso trabalho é analisar os discursos de ódio contra o corpo gordo feminino no Instagram, mostrando os estereótipos e as resistências dessas mulheres nas redes sociais.

Assim, as materialidades discursivas que analisamos foram retiradas do aplicativo virtual *Instagram*, que vem servindo como meio de diversão de jovens e adultos, além de prestar serviços em relação a divulgações, publicidade, militância, entre outros. Nele, fotos e vídeos são postados com o intuito de garantir vários likes e comentários. No entanto, imagens que, para a sociedade, são consideradas “anormais”, pois não pertencem ao padrão politicamente correto de corpos, vêm recebendo duras críticas, gerando, assim, discursos de ódio que denigrem a imagem do sujeito que se expõe na mídia digital.

Sabendo que a pesquisa que desenvolvemos tem como base teórica a Análise do Discurso de tradição francesa, procuramos, a partir disto, verificar como são produzidos os discursos de ódio, além de identificar os diversos estereótipos que são criados na busca incansável por uma “perfeição” de corpos fitness que possa ser exibida na rede social *Instagram*. Analisamos os discursos com base em categorias da AD, como: sujeito discursivo, sentido, relações de saber/poder, resistência.

Para tanto, cabe citar que nossa análise também terá forma por meio das teorias do discurso abordadas por Foucault (1970; 1995; 1998). Sobre a história do corpo, nossa fundamentação é composta pelas abordagens de Priore (2013), Perrot (2012), além Tiburi (2019), Pinsky (2013), entre outros.

Para tanto, a proposta desta pesquisa prioriza uma temática que aborda questões com implicações na vida cotidiana de mulheres contemporâneas em um mundo influenciado pelas

mídias digitais, no caso em foco, os discursos referentes às postagens no *Instagram*, feitas por mulheres de corpos gordos. A constituição do corpus dar-se-á a partir da análise de discursos de ódio produzidos através de postagens de mulheres famosas de corpos gordos nas redes sociais, descrevendo como foram produzidos, quais os estereótipos por trás destes, mostrando o ideal de “corpo perfeito” para a sociedade. Sobre as resistências, a análise levará em consideração as postagens de mulheres que não são famosas, mas que utilizaram do *Instagram* para mostrar a resistência através de seus corpos gordos.

Historicizando a análise do discurso de linha francesa

A AD (Análise do Discurso) caracteriza-se como uma disciplina e constitui-se através da ligação de diversas áreas do conhecimento. Tem como proposta ligar âmbitos que vão desde a articulação das ciências sociais, até o estudo de disciplinas como Linguística, Teoria do Discurso e Psicanálise, abordando, assim, as concepções de ideologia, e da linguagem.

Nela, o que se busca compreender é como a língua faz sentido, e esses sentidos são despertados por meio da articulação entre história e memória. Uma das construções defendidas pela Análise do Discurso é a de que sempre irá existir uma relação entre língua e ideologia. É nesse sentido que Pechêux (1975) diz não haver um discurso sem sujeito ou um sujeito sem ideologia, pois é através dessas duas pontes que a língua irá fazer sentido.

As propostas desse estudioso fez com que suas ideias se tornassem interdisciplinares, pois juntavam diversos campos de estudo com um objetivo principal: estudar o discurso. Essa proposta chegou não só com a vontade de que a Análise do discurso fosse considerada uma disciplina, mas como radicalização de uma nova forma de se ver o discurso de várias esferas diferentes.

A compreensão desse objeto de estudo, voltava-se, assim, não só para o “extra-linguístico”, mas para tudo que fosse social, histórico, ideológico e que produzisse discursos. Com base nisso, Pechêux (1975) diz que, quando se fala em discurso, torna-se sempre impossível “analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada em si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1990, p. 79). Esse conjunto de relações possíveis ao se analisar um discurso é o que faz com que ele tenha sentido no jogo de ideias proposto por um falante.

Assim, nos estudos discursivos não se pode haver uma separação entre forma e conteúdo, pois é reunindo esses dois que a materialidade terá sentido e significação para alguém ou algo. A simbologia tratada pela Análise do Discurso é o que a faz ter um caráter único, histórico e social com o mundo e com o “eu” que pronuncia um enunciado.

Para tanto, tem-se, na Análise do Discurso, considerações a respeito de que a língua tem sua própria ordem; a história é realmente afetada pelos sentidos com que um discurso é produzido; o sujeito não controla o seu dizer, pois é através dela que muitas ideologias irão surgir, consciente ou inconscientemente (ORLANDI, 2015).

Diante disso, vale salientarmos a importância que a Análise do Discurso possui, pois, além de trabalhar diversos conhecimentos, traduz fronteiras que antes eram desconhecidas. O discurso, seu principal objeto, reflete, conceitua, produz e ideologiza novas formas de pensar. Em outras palavras, a perspectiva do discurso faz sentido porque produz sentidos diversos.

É nesse contexto que a escola francesa da Análise do Discurso se torna responsável por repassar as tradições europeias e fazer a ligação entre Linguística, marxismo e psicanálise, levando em consideração a interdisciplinaridade que envolvia esse campo, Historiadores, psicólogos e pesquisadores se juntaram para que a Análise do Discurso fosse um campo cada vez maior de produção de conhecimento.

Dessa forma, a linguagem passou a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica (BRANDÃO, 2012, p. 17).

A linguagem, assim, torna-se algo que deve ser compreendido através das várias formações ideológicas e discursivas em que um determinado sujeito se encontra. O próximo tópico abordará as categorias de análise como forma de mediar um discurso.

Sinais de Foucault na AD: Algumas categorias de análise

Nesta parte, pretendemos compreender como Foucault colaborou para os estudos do discurso. O autor é bastante conhecido por tratar, sob a ótica de vários temas, o discurso. Por isso, resultante de inúmeras interpretações, foi muitas vezes criticado. Nosso olhar, portanto, parte do princípio de que todas as polêmicas geradas em torno desse pesquisador objetivaram fazer com que a Análise do Discurso se aprimorasse cada vez mais.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Na obra *A Arqueologia do Saber*, por exemplo, o filósofo francês nos propõe uma maneira de pensar através de seus estudos e postulados, nos proporcionando uma nova maneira de construção de pensamento. Com enfoque para o título da obra vemos que:

o uso da palavra arqueologia remete ao procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas dos discursos pronunciados sem, no entanto, procurar depreender as estruturas universais presentes em qualquer conhecimento ou qualquer ação moral (AZEVEDO, 2013, p.149).

As formações discursivas abordadas nesta obra são concebidas a partir de elementos compostos, como: ordem, correlação, funcionamento e transformação. Assim, essa formação consiste “no conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tais como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria e etc” (AZEVEDO, 2013, p. 155).

A análise de formações discursivas se dá a partir de um momento que construímos algum enunciado, determinando o que deve ou não ser dito, para que, através dele, os acontecimentos venham a emergir. Segundo Foucault (1969, p.135), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Foucault também cita a importância dos enunciados na(s) prática(s) discursiva(s) e na formação de um discurso, já que, para ele, um conjunto de enunciados constitui um discurso. Vejamos que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

Considerando a importância dos enunciados e a sua compreensão para uma análise discursiva eficaz, Foucault (1926, p. 25) diz que:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que podem estar ligados [...].

A AD estuda a língua e sua função em relação ao sentido, visto que se faz necessário compreender os diferentes discursos que circulam na sociedade, sejam eles políticos ou do cotidiano particular de cada um.

Quando consideramos os estudos e contribuições de Foucault na AD, estamos entrando em contato com muitas realidades e embates. A AD cria, assim, diversas possibilidades e os pesquisadores da área suas categorias de análise que nos auxiliam a compreender os domínios discursivos, como a música, a política, a religião e a mídia, entre outros. Analisar as materialidades com base em categorias como formação discursiva, relações de saber e poder e sujeito discursivo é atribuir sentidos aos discursos. E são a elas que nos deteremos nos próximos itens.

O discurso— como citado acima, está intrinsecamente ligado às condições de produção da história, ou seja, o sujeito o constrói com base em suas vivências, identidades e ideologias. Assim, quando optamos por observar e analisar um discurso, sempre teremos que pensar nas condições em que ele foi produzido e na memória presente.

Foucault (1969, p.146) diz que “um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”. Assim, para que um discurso possa produzir efeitos de sentido, se faz necessário reconhecer toda a formação discursiva que está envolta nessa produção.

Neste sentido, as formações discursivas são guiadas pelo conceito de discurso por se tratarem de algo que “influencia a luta de classes, determinando o que pode ou não ser dito” (SILVA, 2017, p. 56). A luta das mulheres, por exemplo, foi e é algo que faz parte de nossa história, mesmo tendo sido esquecida e apagada por alguns.

São essas mesmas formações discursivas que permitem dar conta do fato de que os sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar aos enunciados.

Nesse contexto, os discursos e as formações discursivas são como um espaço em que saber e poder se articulam, pois, os falantes, ao proferirem um determinado discurso, falam de algum lugar, sobre um determinado assunto e para alguém. Esse discurso – que faz parte de uma vontade de verdade se dá em uma relação de poder.

Cabe, então, à Análise do Discurso buscar caminhos para que língua, história e discurso estejam sempre ligados, sempre atribuindo sentido às “contradições ideológicas” presentes em um discurso. Por isso Foucault (1986, p.187) nos fala que “analisar o discurso é fazer desaparecer ou reaparecer as contradições: é mostrar o jogo que jogam entre si; é

manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência”. Nesse sentido, as FD podem ser tratadas como objeto de múltiplas faces e dimensões, pois carregam consigo diversos saberes. É, portanto, através dessas várias transformações que o sujeito se constitui, seja enquanto falante, seja enquanto mediador de um discurso que pode ou não ser dito.

Outra categoria de análise que necessita de bastante atenção é o **enunciado**, visto que é a partir dele que se tratam as formações discursivas discutidas anteriormente. Logo, enunciado é o que os gramáticos chamam de frases; os lógicos de proposição e, neste caso, os analistas de ENUNCIADO. Considerando esta ideia, pode-se dizer que toda frase é um enunciado, mas nem todo enunciado é considerado uma frase, já que as estruturas linguísticas são diferentes.

O enunciado não é, pois, uma unidade elementar que visa somar-se ou misturar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica. Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas definir as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos (...) (FOUCAULT, 1986, p. 125).

É preciso, então, saber o que se refere o enunciado; o que está em jogo, ou seu tema, para que possamos descobrir seu referente. Assim, ao analisarmos uma materialidade discursiva retirada da mídia, precisamos encontrar nela o que o enunciado está se referindo, para que depois disso o conteúdo falado possa fazer sentido.

O sujeito do enunciado é aquele que produziu seus diferentes elementos como uma intenção de significação. Não existe enunciado livre, neutro ou independente, mas enunciados que fazem parte de uma série ou um conjunto. “O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e oculto” (FOUCAULT, 1984, p. 126). Não oculto, visto que caracteriza uma série de signos já existentes.

Assim, mesmo que o enunciado não seja oculto, nem por isso ele deixa de ser visível. Ou seja, ele se manifesta de uma maneira que os sujeitos devam ter uma determinada atenção para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si. Talvez ela esteja muito evidente, ou talvez esteja escondido a fim de que os sujeitos possam encontrá-lo.

Foucault (2007) ressalta que não existe um discurso sem que hajam enunciados. Neste sentido, em cada texto que é (re) produzido através da mídia ou de qualquer outra manifestação discursiva, há a presença de muitas vozes que foram constituídas através do outro. Esse sujeito que dá sentido aos enunciados historiciza, reproduz e agrega

conhecimentos ao discurso. No caso de nossa pesquisa, falar sobre enunciado é essencial, considerando que, através da história dos corpos e da beleza, encontramos sentido para verificarmos as condições de produção de determinados enunciados.

Sujeito, relações de saber/poder e resistência

O sujeito é um ser que traz consigo intensas lutas ligadas à história e à memória e é cheio de (re)significações, valores; não é estável, mas aparece em constante movimento. Considerando os múltiplos significados que o termo “sujeito” possui, percebemos que também são várias as concepções usadas pelos estudiosos para falar sobre isso. Na Análise do Discurso, podemos falar em um lugar do sujeito. Nesse sentido, é aí que compreendemos o sujeito como algo que pode estar em diferentes lugares, assumindo diversos papéis sociais. Para compreender o sujeito é necessário que se compreendam às várias vozes que estão presentes em sua constituição.

Em linhas gerais, esse sujeito que pertence a vários lugares pode ser visto, na concepção de FOUCAULT (2002), como algo que é construído através de relações entre saber e poder, moldado através de discursos que produzem uma subjetividade. Ou seja, está em constante transformação, sendo ligado, também às várias formas de resistência.

Nessa via de pensamento, ao tratarmos o sujeito como um ser de resistência, isso se dá exatamente por sua liberdade de “distribuir” seus discursos de acordo com as relações de força que o constituem. Sob essa ótica, as relações de poder estão intrinsecamente ligadas ao sujeito, pois são essas relações entre os indivíduos que fazem com que os discursos estejam em constante movimento. O poder, assim, não está em um lugar específico, mas em todos os campos da esfera social. Assim, para Foucault (1994, p. 28), o sujeito: define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se.

O sujeito constitui-se como algo que é responsável por seus atos, fazendo com que seus modos de subjetivação estejam ligados às suas formas de comportamento no ambiente

em que estão inseridos. É como afirma Foucault (1985) ao citar as relações que os sujeitos estabelecem em sua relação com as ações como ferramentas constitutivas de moral.

Assim, não se pode considerar um sujeito sem que se considere, também, suas várias formas de resistência. Sendo assim, a resistência é, para Foucault, uma atividade da força que se subtrai das estratégias efetuadas pelas relações de forças do campo do poder.

As resistências são mutáveis, ou seja, estão em constante mudança através da sociedade. Considerando o que foi citado acima sobre as relações entre homem e mulher, vemos que essa transformação está muito presente hoje, pois, ao compararmos as mulheres de 50 anos atrás com as de hoje, percebemos que muito mudou, as formas de resistência mudaram. As que foram submissas em sua geração, hoje veem a nova geração de mulheres se tornarem mais livres e donas de suas verdades. O corpo, mais especificamente o gordo, apesar de sofrer preconceitos, ainda mostra resistência ao ser considerado livre e empoderado.

O corpo feminino discursivizado

Falar sobre o corpo é escancarar diversas realidades que estiveram presentes no decorrer dos séculos, sejam aqueles mais propensos a admirar um corpo gordo, seja aqueles em que o ideal de magreza tornou-se um fator de sensualidade para a sociedade.

A história da mulher e sua relação com seu corpo foi marcada, assim, por uma trajetória de repressão e silenciamento, em que as mulheres eram obrigadas a verem seus corpos de acordo com o que os seus companheiros achavam e a sociedade ditava. Assim, mesmo sendo algo inteiramente pessoal, o corpo se transformava em “um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (PERROT, 2008, p. 76).

No passado, abordar questões sobre o corpo feminino era alvo de rejeição. As marcas de sensualidade não existiam e a inferioridade fazia com que muitas mulheres escondessem suas curvas – muitas vezes contra sua vontade, apenas por medo do rechaço da população. As indígenas, por exemplo, foram o primeiro alvo dos colonizadores ao chegarem às terras brasileiras. Os corpos “nem gordos e nem magros”, a inocência de estarem sem roupa fez com que os colonizadores, inclusive Pero Vaz de Caminha se encantassem cada vez mais por essas terras.

Apesar do encantamento que o corpo feminino gerava, a subordinação e o fato de “ser mulher” fazia com que muitos corpos sofressem comentários negativos. Segundo os médicos, o corpo feminino era menor, seus ossos eram pequenos, suas carnes moles e esponjosas, seu

caráter débil. Contudo, na outra ponta da submissão, a beleza dos corpos era considerada “perigosa, pois era capaz de perverter os homens” (PRIORE, 2000, p.14). No mais, a sacralização dos corpos fazia com que muitas mulheres se achassem indignas de mostrar seu corpo socialmente.

O século XX foi um marco para o corpo feminino. A mulher passou a ser vista como um símbolo sexual na mídia, pois despiu-se, escancarou o desejo e a liberdade de expor um corpo, seja ele magro ou gordo. “Diferentemente das nossas avós, não estamos mais preocupados em salvar nossas almas, mas salvar nossos corpos da desgraça e da rejeição social” (PRIORE, 2013, p. 36).

Dentro de muitos padrões impostos, a mulher viu e viveu o “corpo” ser transformado. A depilação, o uso de anticoncepcionais, os decotes, o aumento do volume dos sutiãs, entre outros, fizeram com que cada vez mais as mulheres tentassem se despir dos estigmas impostos sobre seus corpos, como o de que “o corpo da mulher não as pertence” (PERROT, 2005, p. 447).

Foucault (1998) diz que o desejo de governar seus próprios corpos era uma questão de disciplina. Assim, é por isso que esse desejo se apresentava em todas as épocas, seja quando a cultura dos corpos nus fica aparente por meio das indígenas, ou pela simples forma das mulheres pensarem em um ideal de corpo e que pudessem usar as roupas que sentissem vontade. O corpo transformou-se, então, em “uma realidade biopolítica” FOUCAULT (1998, p. 80) passando a ser controlado por indivíduos de uma determinada população.

O século XXI, por exemplo, foi um marco na moda da mulher magra, seja através de corpos esculturais ou de dietas consideradas milagrosas. O corpo gordo ainda é um estigma. Assim:

As mulheres estetizam o corpo mais que os homens, pela roupa, maquiagem, adereços, esculpindo-os por exercícios físicos e dieta. Pela atividade física e o controle do corpo as mulheres constroem sua imagem, definindo, cada uma a sua maneira, a própria leitura de sua identidade (CASTRO, 2007, p. 102).

Ser mulher era sinal de perfeição. Ser bonita exigia um corpo escultural. Esse ideal aprisiona muitas mulheres e as fazem sentirem-se piores que alguém com um corpo mais escultural. As magras estão cada vez mais conquistando espaços que antes podiam ser também de mulheres com corpo gordo.

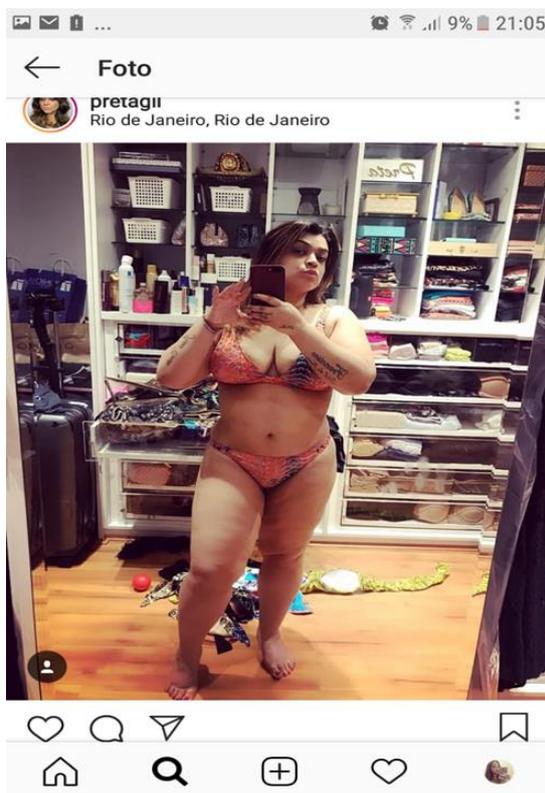
A cultura de massa fez com que houvesse uma produção capitalista de identidades e subjetividades. O corpo magro exposto nas capas de revistas, outdoors e banners era desejo de

consumo em diferentes níveis da sociedade. Assim, em um mundo onde a mulher, até então, só teria sucesso amorosamente e profissionalmente se estivesse seguindo à risca os padrões de beleza, muitas mulheres quebraram padrões, até mesmo universais. A resistência ao exibirem seus corpos fazia com que muitas mulheres se tornassem seres de luta. O corpo gordo assumido segue, até então, como modelo de empoderamento e também pode ser considerado um corpo político, pois transforma algo indesejável em um corpo que transcende os limites de perfeição. Assumindo seus corpos essas mulheres sentem-se felizes, mesmo sem pertencerem ao que é pregado como “correto” no mundo da beleza.

“Nosso corpo nos pertence”: Os discursos de ódio produzidos contra o corpo gordo

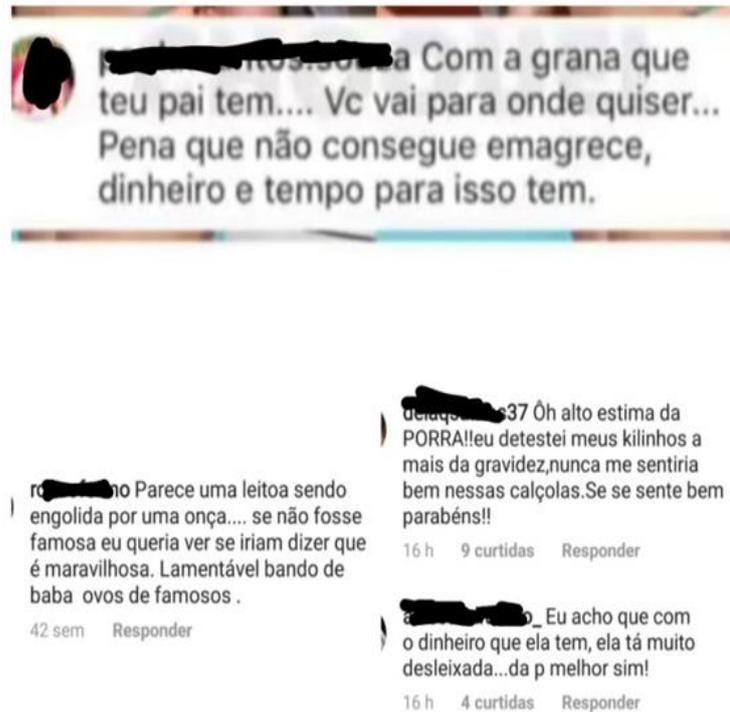
No quesito influência, a mídia chega exatamente para ditar padrões, principalmente às mulheres que gostam de estar sempre na moda, mesmo que para isso precisem seguir o que lhes é imposto. Quando isso não acontece e muitas escolhem agir e ter o corpo que querem e/ou podem, os discursos surgem como alvo de “tortura, punição” (FOUCAULT, 2002, p.48).

Veremos abaixo como a sociedade impõe padrões de perfeição aos corpos de mulheres (o que também acontece com homens), julgando-os e denegrindo-os:



Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Imagens retiradas do *Instagram* @pretagiloficial



Na foto acima apresentada, Preta Gil posa de biquíni em frente ao espelho do seu closet. O espelho, tão adorado pelas mulheres, funciona como um mecanismo de desejo dos sujeitos, já que, se compararmos esse instrumento com a sua historicidade, veremos que até nos clássicos da Branca de neve ele já estava ligado à beleza e à vaidade, sendo usado pela madrasta má para se exibir.

De acordo com Foucault (2006, p.15) o espelho pode ser considerado uma heterotopia, na medida em que “é a partir do espelho que eu me descubro ausente no lugar em que estou porque me vejo lá longe”. Dessa maneira, ao tirar uma foto em frente ao espelho Preta Gil cria outros espaços para exibição de seu corpo; subjetiva seu corpo. É a partir deste objeto que o sujeito consegue enxergar seu corpo nas mais variadas formas. Em alguns casos, por exemplo, enxergar o corpo significa ver apenas aquilo que a sociedade acha bonito, e, quando isso não acontece, os discursos difamam a imagem de quem posta a foto.

O primeiro comentário é bastante pertinente para citarmos a cultura da magreza como ideal da sociedade. A pessoa que profere o discurso cita o dinheiro do pai de Preta e o tempo

que ela tem como sinônimo para que ela consiga emagrecer. É interessante notarmos que, mesmo sendo uma cantora famosa e bem-sucedida a figura do homem (no caso de Gilberto Gil) ainda surge como o dominador, pois é através do dinheiro dele que ela poderia emagrecer. Já em outro comentário, as condições financeiras de Preta também são alvo de discursos contra o corpo gordo, como se por meio de cirurgias ou dietas milagrosas ela estivesse dentro dos padrões.

O segundo comentário “parece uma leitoa” utiliza de termos pejorativos e ofensivos como leitoa e onça para denominar as formas corporais de Preta Gil. E mais, a questão da cantora ser famosa ainda gera tabus, pois como cita a pessoa do comentário, “se não fosse famosa duvido que iriam chamar de maravilhosa”. A fama da cantora, neste caso, é a justificativa para alguns elogios que Preta recebe em suas fotos. No emaranhado de ideias que surge através deste discurso, podemos perceber que os sujeitos – no caso, Preta Gil, por estar mostrando seu corpo no *Instagram*, é vista como uma celebridade que tem os holofotes virados para ela.

No penúltimo comentário, o discurso da autoestima é predominante. A pessoa que profere o discurso em questão diz que detestou os kilos que ganhou na gravidez e que jamais se sentiria bem usando calças “grandes” como as que Preta Gil está usando. O sujeito do comentário, neste caso, pode ser caracterizado como aquele que “busca pela beleza e perfeição corporal, diretamente ligada à definição da identidade, aspecto que permeia o universo da juventude” (CORDEIRO; FORTUNATO, 2012, p. 9), apesar de já ter passado pelo corpo gordo logo depois de ter dado à luz.

A questão da autoestima surge, então, como um estigma para quem possui corpo gordo, pois, para pessoas que tem preconceito com a própria imagem isso causa repugnância. No caso de Preta, sua autoestima é alvo de comentários que podem servir de exemplo para outras pessoas, já que, mesmo sem estar nos padrões, sua “coragem” – como bem cita a pessoa que proferiu o discurso serve de exemplo.

É nesse contexto que percebemos o quanto estar em forma é sinônimo de poder para algumas mulheres. A visão de classe do corpo é algo que privilegia o que “está na moda”. O mais terrível é que, como visto nos discursos acima expostos, independente de classe social, cor ou religião muitas mulheres ainda se condenam pelo corpo que possuem (como visto no comentário em que a mulher fala de seu kilos a mais pós-gravidez). No entanto, a beleza natural, despretenciosa e cheia de autoestima de mulheres que possuem corpos gordos ainda é considerada como empatia, já que vimos discursos em que parabenizavam Preta pela coragem

de expor seu corpo. O corpo de Preta passa a ser sinal de resistência e empoderamento nas mídias digitais, servindo de inspiração para outras mulheres resistirem.

O corpo empoderado

A conquista da liberdade do corpo é algo que é muito discutido na sociedade. A luta das mulheres pela sua autonomia atravessa campos que vão, desde a busca pela liberdade de escola, até pontos como o livre arbítrio de mostrar seus corpos como são. O empoderamento feminino é, assim, uma condição de liberdade e autonomia constante em muitas mulheres. Assim, na imagem abaixo, veremos corpos gordos de mulheres ‘não famosas’ que foram expostos no *Instagram*, servindo de resistência social.

"Parem de achar que casais bonitos, são os que ambos tem corpos definidos. O melhor casal é aquele que se ama"



Fonte: quebrando o tabu

A foto acima apresentada se comporta como uma imagem povoada por vários enunciados, sendo eles verbais e não verbais. A imagem verbal mostra um casal heterossexual deitado em uma cama. Acima de sua figura lê-se o enunciado: “Parem de achar que casais bonitos são ambos os que tem corpos definidos. O melhor casal é aquele que se ama”.

Esse enunciado foi escrito na postagem justamente para que exista uma quebra de estereótipos, já que a mulher possui um corpo gordo e o homem não. Apesar disso ainda existe uma desconstrução de padrões no casal como um todo, já que a mulher, apesar de possuir um corpo gordo é branca, e o homem, mesmo tendo um corpo magro, é negro.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Percebe-se, na imagem, que nem o homem e nem a mulher são identificados, mas que o enunciado em questão pode ser proferido por ambos, visto que homem e mulher abraçam a causa da felicidade em primeiro lugar, independente do corpo que carregam.

O imperativo “parem” exerce a função de ordem e desejo. Desejo de que as pessoas parem de normatizar os corpos; ordem para que todos possam exercer sua liberdade. Curiosamente, ao lermos esse enunciado em alto tom, carregamos esse verbo de significados, já que existe aí o que chamamos de “gestos verbais”, “[...] acompanhados em geral de entonação particular e, não raro, de gestos físicos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 350) – que são representados pela posição feliz do homem e da mulher deitados na cama. A felicidade do casal representa, também, uma relação de poder, visto que:

o poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Assim, o casal da imagem representa um casal livre: livre de preconceitos entre si e de estigmas que a sociedade tenta impor sobre eles. Esse campo de possibilidades a que Foucault se refere diz respeito, na imagem, as várias formas como esse casal pode agir na sociedade, quebrando tabus já antes preconcebidos. O fato de um negro, magro, homossexual se envolver com uma mulher branca e gorda é um fenômeno de resistência, visto que utilizou uma forma de poder sobre pessoas para que elas pudessem resistir – no caso em questão, o casal da foto.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •



Fonte: *Instagram* “feminiismo”.

A imagem da página do Instagram @feminiismo, também traz uma figura com enunciados verbais e não verbais. Na imagem não verbal, reparamos uma mulher negra e de corpo gordo na praia. Já o verbal exposto na imagem, diz respeito ao enunciado:

“Fotos lindas demais para ficarem guardadas no celular só porque estou com medo de mostrar o meu corpo gordo na Internet”. A significação desse enunciado verbal está em consonância com a imagem postada, já que o enunciado incita a realização do ato de postar fotos mesmo possuindo um corpo gordo – visto que é isso que é mostrado na imagem: Uma mulher feliz, exibindo seu corpo gordo na praia.

O enunciado possui, assim, uma existência material que é produto de uma enunciação. Foucault (2007, p.114) explica isso quando diz que “diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido. Cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal.” A partir dessas significações é que um conjunto de signos se torna um enunciado.

É na tentativa de descrever os enunciados que Foucault formula conceitos como “frase”, “proposição” e, logo depois, o próprio “enunciado”, que permite com que os sujeitos se posicionem em relação a um objeto ou lugar. Com isso, o conceito de discurso é estabelecido por Foucault como: “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema

de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 2007, p.122).

Assim, um discurso e um enunciado devem sempre se relacionar ao conjunto de características não verbais em uma imagem – como na analisada acima. Considerando isto, ao analisar um enunciado precisamos levar em consideração à posição sujeito em que se encontra a pessoa que profere o enunciado; as materialidades discursivas presentes; e um campo associado.

Considerando, pois, a imagem que analisamos, percebemos que o enunciado, assim, como o da figura 16, também traz consigo um verbo imperativo que denota ordem ou pedido. Este verbo “pare” (na imagem, “parem”) faz com que percebamos o tom valorativo com que o enunciado é concebido: O de que as pessoas precisam parar de achar que não se deve postar fotos quando não se tem um “corpo perfeito; normal” (PRIORE, 2013, p. 45). O fato de uma mulher gorda e negra estar na praia de biquíni também é um fator a ser mencionado, pois mostra o empoderamento feminino concebido através da imagem. Berth; Ribeiro (2019) dizem em seu livro “Empoderamento” que esse termo se trata de uma construção que liga forças e competências individuais e comportamentos de mudança perante aspectos sociais. Neste caso, a mulher da foto – que é conhecida como “Beyonce de São Gonçalo” mostra um empoderamento perante concepções que a sociedade julga, sendo que é construído através de um sentimento de mudança: A mulher de corpo gordo também pode frequentar a praia, usar biquíni e ter relacionamentos saudáveis.

Considerações finais

Quando os corpos gordos se expõem e mostram para a mídia que mulheres reais também têm corpos fora dos padrões, a culpa, os preconceitos e estereótipos da mídia são jogados nas mulheres em forma de discursos de ódio. Apontar erros sobre quem não segue padrões já vem desde o século XIX, quando os maridos e a família impunham a mulher como ela devia ser e se comportar para a sociedade a ver com bons olhos.

Hoje, em pleno século XXI, ainda vemos e ouvimos o massacre dos corpos femininos como sujeição a um ideal imposto e enraizado. O biquíni utilizado pelas mulheres de corpo gordo para ir à praia, ou os homens que escolheram viver como mulheres que não se encaixam nos padrões viraram alvo de duras críticas na sociedade – como foi bem explicitado nesta dissertação. Quando Fernandes (2012, p. 57) diz que “o poder coloca em jogo relações

entre sujeitos. O poder é um exercício, um modo de ação de alguns sobre os outros (...)” percebemos que a mídia desenvolve esse poder através dos discursos de ódio sobre os corpos, mas que, é sobre e contra isso que as “lutas” (FOUCAULT, 2006, p. 34) existem. Neste caso, a luta feminina.

Embora por muitas vezes a mídia queira impor e ditar padrões sobre a mulher, ela também não nega que essa mulher que antes era “reprimida, calada” (TIBURI, 2017, p. 34) hoje tem mais voz na sociedade. E essa voz foi construída através de muitas lutas e pela ocupação de espaços que antes lhes eram negados, como por exemplo nas universidades, como professoras, ou na política, como candidatas à vice-presidência. O apagamento que antes era comum na história das mulheres, hoje não é mais tão possível, visto que as lutas são mais frequentes e a mulher cada dia que se passa muda mais a história. O silenciamento das mulheres dá lugar à força de vontade de pertencerem a uma sociedade que anda longe de ser justa, mas que já avançou muito se comparada a séculos como o XVIII.

Por motivos de vergonha, muitas mulheres criticam as que expõem seus corpos. E podemos perceber isto ao observamos os discursos de ódio que analisamos, pois a maioria provém de outras mulheres que, insatisfeitas com seus próprios corpos, julgam e discriminam as que mostram empoderamento através dos seus. Um discurso que nos chamou atenção quanto a isso, foi o fato da mulher citar os kilos que ganhou na gravidez como forma de julgamento na foto de Thaís Carla. Ou seja, existe aí o que chamamos de uma não aceitação social, que nada mais é do que o não pertencimento a um lugar: Como ela já passou pelo momento de ter um corpo gordo e era infeliz, julga Thaís por estar feliz com o seu. Neste caso, existe na sociedade uma imposição de padrões e que tenta, a todo custo, forçar a mulher a segui-los. E não é fácil manter uma identidade através de julgamentos, pois existe um poder que incide sobre as mulheres e tenta fabricar sujeitos que ajam de acordo com as verdades que a sociedade considera como ideais.

É sobre esse poder que as mulheres que analisamos suas postagens se impõem as disciplinas que foram criadas para lhes sujeitarem a seguir o que é “normal”. Nesse sentido, foi estudando e analisando as postagens desta dissertação que vimos o quão grande é a luta por espaço a que se submete a classe feminina. Utilizamos classe feminina, em geral, pois a luta é de todas. Uma representa a outra. Até mesmo as que têm vontade de lutar, mas sentem-se oprimidas, veem na companheira de luta uma forma de encorajamento. Vencendo barreiras e preconceitos, a mulher, mais especificamente a que falamos na nossa pesquisa, vem quebrando barreiras, superando preconceitos e tabus impostos pela sociedade ditadora. A

mulher precisa quebrar barreiras e provar ao outro que é feliz com a condição que carrega. É aí que percebemos o quanto poder e resistência caminham lado a lado na luta das mulheres.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Sara Dionísia. **Formação discursiva e discurso em Michel Foucault**. FMGS, Mato Grosso do Sul. 2013

BERTH, Joice; RIBEIRO, Djamila. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do Discurso** – 3 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CASTRO, M. **Uma questão de gênero**. São Paulo, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. 2 ed. São Paulo, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Discurso e sujeito em MICHEL FOUCAULT**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero e Antônio Carlos Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-293.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições. Graal, 2005.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 12. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37. Ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso princípios e procedimentos.** ed, Pontes Editores, Campinas, SP.2015.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres.** ed, São Paulo: Contexto, 2019.

PÊCHEUX M & FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F & HAK. (Org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1993. (p. 311-319) (Col.Repertórios)

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: Uma história de peso no Brasil.** 1º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

_____ **História da beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: Para todas, todes e todas.** -7ºed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

“A MULHER NO MERCADO”: NARRATIVA DE SOFRIMENTO E DENÚNCIA POSTADA NO *BLOG* DE UMA MULHER COM CÂNCER DE MAMA

Renata Martins Amaral¹

Maria das Graças Dias Pereira²

Resumo: Esse artigo investiga o posicionamento narrativo de Vitória, nome fictício de uma mulher em tratamento de câncer de mama que utiliza as redes sociais para compartilhar suas histórias de vida, especialmente, após o diagnóstico da doença. Assim, selecionamos uma narrativa de sofrimento e denúncia postada em seu *blog* na fase inicial de seu tratamento. Nela é possível identificar temas transversais como estigma, preconceito e resistência através da denúncia. No arcabouço teórico-metodológico, estabelecemos uma interlocução entre estudos sobre *performances* identitárias na narrativa, discurso como mudança social e posicionamento narrativo. A metodologia da investigação é qualitativa e interpretativa de cunho netnográfico. Desse modo, os objetivos do estudo são: (i) analisar as *performances* identitárias de Vitória através de uma narrativa postada em seu *blog*; e (ii) compreender de que forma os discursos da participante apontam para sua transformação em pessoa com mais agência no decorrer de sua luta contra o câncer de mama. A análise indica que: (i) a participante ressignifica sua experiência de dor e lamentação, em uma perspectiva de discurso como ação social com foco na emoção; e (ii) o agenciamento é direcionado aos interlocutores nas redes sociais, enquanto posicionamento político e identitário de enfrentamento do câncer.

Palavras-chave: Mulher com câncer de mama. *Blog*. *Performances* identitárias. Discurso como ação social. Posicionamento narrativo.

Abstract: This article investigates the narrative positioning of Vitória, the fictitious name of a woman undergoing breast cancer treatment who uses social networks to share her life stories, especially after the diagnosis of the disease. Thus, we selected a narrative of suffering and denunciation posted on her blog in the initial phase of her treatment. It is possible to identify transversal themes such as stigma, prejudice and resistance through denunciation. The theoretical and methodological framework proposes a dialogue between studies on identity performances in the narrative, discourse as social change and narrative positioning. The research methodology is qualitative and interpretive of a netnographic nature. Thus, the objectives of the study are: (i) to analyze Vitória's identity performances through a narrative posted on her blog; and (ii) to understand how the participant's Discourses point to her transformation into a person with more agency during her fight against breast cancer. The analysis indicates that: (i) the participant reframes her experience of pain and regret, in a

¹ AMARAL, R.M. é Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A autora tem vínculo institucional com a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Seu endereço eletrônico é: martinsamaralrenata@gmail.com.

² PEREIRA, M.G.D. é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A autora tem vínculo institucional com o Departamento de Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Seu endereço eletrônico é: mdgpereira@terra.com.br.

perspective of discourse as social action focusing of emotions; and (ii) the agency is directed to the interlocutors on social networks, as political and identity positioning to face cancer.

Keywords: Woman with breast cancer. Blog. Identity performances. Discourse as social action. Narrative positioning.

Introdução

No trabalho em tela, investigamos o posicionamento narrativo de Vitória, nome fictício de uma mulher em tratamento de câncer de mama que utiliza as redes sociais para compartilhar suas histórias de vida, especialmente, após o diagnóstico da doença. Na fase inicial do tratamento, Vitória interage com seus seguidores, principalmente, através de seu *blog* pessoal. Por ser este um ciberespaço com características semelhantes às do tradicional diário, com nossas experiências do cotidiano, encontramos ali histórias de sofrimento e, ao mesmo tempo, de denúncia, que remetem às suas primeiras experiências de dor e lamentação vivenciadas como mulher com câncer de mama na sociedade brasileira. Assim, através da narrativa intitulada “A mulher no mercado”, uma história compartilhada por Vitória em seu *blog*, será possível observar temas transversais que permeiam a vida cotidiana de mulheres com câncer de mama, como o estigma, o preconceito e a resistência através da denúncia.

Este trabalho faz parte de uma investigação mais abrangente, com enfoque também nas demais fases do tratamento de Vitória, o que nos possibilitou entender que, através de suas postagens *online*, Vitória constrói-se como sujeito estigmatizado ao descobrir o câncer e, no decorrer do processo, passa a agir como protagonista em redes sociais, por meio da linguagem, na luta contra a doença. Sendo assim, os objetivos deste artigo, que enfoca a fase inicial de seu tratamento, são: (i) analisar as *performances* identitárias de Vitória através de uma narrativa postada em seu *blog*; e (ii) compreender de que forma a narrativa apresenta discursos da participante que apontam para sua transformação em pessoa com mais agência no decorrer de sua luta contra o câncer de mama.

Para tanto, o arcabouço teórico eleito conjuga estudos sobre *performances* identitárias na narrativa (GOFFMAN [1959] 2013, BASTOS, 2005, 2008), discurso como mudança social (FAIRCLOUGH, [1992] 2001; MOITA LOPES, 2002) e posicionamento narrativo (BAMBERG, 1997 e 2002). A metodologia da investigação é qualitativa e interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2006) de cunho netnográfico (KOZINETS, 1997). O excerto em análise consiste em uma narrativa de Vitória que foi compartilhada publicamente em seu *blog*.

A seguir, indicamos o posicionamento teórico e metodológico, fazemos a análise da narrativa “**A Mulher no Mercado**”, nossas reflexões e trazemos as considerações finais.

Performances identitárias na narrativa

Entre as obras desenvolvidas dentro da noção de performance, central para o estudo de narrativas, estamos alinhadas com o trabalho de Erving Goffman ([1959] 2013) *A apresentação do eu na vida cotidiana*, que tem grande expressividade e nos oferece muitas contribuições para a análise que será apresentada. A relevância da sua abordagem se deve, especialmente, ao fato de estar relacionado à *performance* de identidade. Goffman traz reflexões sobre o comportamento humano na situação social (GOFFMAN, [1964] 2013a) utilizando a metáfora da representação teatral e partindo de princípios de caráter dramático para tratar da *performance*. Nessa metáfora, o mundo é entendido como palco “que apresenta coisas que são simulações” e o indivíduo como ator que “se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores”. Nesse sentido, conforme Goffman, “a plateia constitui um terceiro elemento da correlação, elemento esse que é essencial” ([1959] 2013, p.11; [1964] 2013b).

Conforme sinalizado por Goffman ([1959] 2013), tanto os atores quanto a plateia são muito importantes na composição da cena, já que a situação social é moldada por todos os presentes. Assim, as identidades são construídas a partir das informações que podem ser acessadas em uma dada situação social específica. Informações sobre o indivíduo servem “para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (p. 13). Além disso, o conhecimento prévio de informações sobre o indivíduo pode trazer, de certa forma, confiabilidade a respeito do que o indivíduo “diz de si mesmo ou em provas documentadas que exhibe, referentes a quem é e ao que é” (p. 13). Entretanto, muitos fatos estão “além do tempo e do lugar da interação” (p. 14) e, neste caso, só poderão ser verificados e avaliados como “verdadeiros” com base na expressividade do indivíduo, isto é, em sua capacidade de dar impressão. São “verdades” relacionadas a sua expressividade e performance. Segundo Goffman, essa expressividade pode se manifestar de dois modos, a partir da expressão que o indivíduo transmite e da expressão que ele emite.

A expressão que o indivíduo transmite é a comunicação no sentido tradicional³, ou seja, que inclui símbolos verbais ou seus substitutos com propósito de veicular informação que todos

³ A posição sobre comunicação aqui é de Goffman, com foco na expressividade e performance. Ver Pereira (2013: p. 73-4), que comenta modelos de comunicação em Schiffrin (1994).

consigam associar a esses símbolos. Já a expressão emitida abrange várias ações, que podem ser consideradas sintomáticas do ator. Tanto as expressões transmitidas quanto as emitidas pelo indivíduo podem, segundo Goffman ([1959] 2013), transmitir “informação falsa intencionalmente” (p. 14), com intenção de que pensem bem a seu respeito. Nesse sentido sua influência sobre os outros é um ponto relevante pois é de seu interesse “atuar de forma a transmitir [aos outros] a impressão que lhe interessa transmitir” (p. 16), o que, por conseguinte, passa a “exercer uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar” (p. 25).

De acordo com Goffman ([1959] 2013), um indivíduo tem inúmeros motivos para controlar a impressão que os outros têm sobre ele em uma interação. O autor considera como interação “toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros” (p. 28) e pode ser intercambiado pelo termo “encontro”. Nesses encontros, pode-se observar *performances* – “toda atividade de um determinado participante, em cada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (p. 28) – do participante tomado como referência, assim como dos coparticipantes.

Nesse empreendimento de *performances*, Goffman ([1959] 2013) afirma que, ao desempenhar um papel, o indivíduo de maneira implícita demanda que seus observadores acreditem em sua impressão, isto é, acreditem em seu personagem. Em outras palavras, o indivíduo solicita que haja crença no papel que ele está representando. Desse modo, o público estaria bem convencido do espetáculo que o ator encena. Se transportarmos essa metáfora de Goffman para as nossas interações sociais cotidianas, um indivíduo que está engajado em um empreendimento de apresentação do *self* (auto-representação) pode ser considerado um ator social, que ao agir (encenar) no mundo social (palco), constrói sua identidade através de suas *performances*.

A respeito da representação, Goffman ([1959] 2013) diz ainda que utiliza esse termo para se referir a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (p. 34). Aqui, compartilhamos da visão de representação nos termos de Goffman ([1959] 1993) e consideramos que esse conceito está associado à construção de identidades fluídas ou fragmentadas (MOITA LOPES, 2002), mas, sobretudo, com múltiplos papéis. Sendo assim, as *performances* de identidade são situadas localmente, de acordo com os

propósitos do ator social. Ao pensarmos nas *performances* identitárias em narrativas, caberá ao(s) narrador(es) estabelecer(em) os propósitos que ele(s) quer(em) projetar em sua audiência (plateia).

Diante dessa perspectiva teatral, Goffman ([1959] 2013) utiliza princípios da dramaturgia na *performance* identitária ou apresentação do *self* (representação). A dramaturgia teatral também está presente em Goffman (1974) como performance (p. 124- 25). A encenação como um espetáculo remete à construção da cena descrita por Goffman (1974 ap. BASTOS, 2005, p. 81; BASTOS, 2008, p. 78) como recontagem de um evento longo por um narrador experiente (Goffman, 1974, p. 504).

Segundo Bastos, parafraseando Goffman (1974), passamos a maior parte do tempo de fala “recontando eventos, isto é, apresentando aos nossos ouvintes versões do que aconteceu, fornecendo evidências da justiça ou injustiça de situações presentes” (BASTOS, 2005, p.81). Segundo a autora, essas recontagens “não são, portanto, meros relatos de eventos, mas sim *replayings* pessoais e dramáticos de experiências passada” (p.81). A respeito desses *replayings*, Bastos (2008) retoma:

Em resumo, falar costuma envolver o relato de um evento – passado, corrente, condicional ou futuro, contendo uma figura humana ou não – e esse relato não precisa ser, mas comumente é, apresentado como algo a ser re-experenciado, a ser saboreado, a ser elaborado, ou qualquer outra ação que o apresentador espera que seu pequeno show induza a audiência a experimentar.

(GOFFMAN, 1974, p. 506 ap. BASTOS, 2008, p. 77⁴)

Assim, a narrativa é concebida como um pequeno show do falante, “que envolve e emociona o ouvinte, e não um simples relatório de um evento” (BASTOS, 2008, p. 77), conforme a dramaturgia de Goffman (1974: p. 124- 25). Para a autora, Goffman entende que, ao contar a história, “o narrador se engaja em uma dramatização de sua experiência, organizando-a temporalmente, de sua perspectiva pessoal. É assim caracterizado o aspecto dramático da *performance* narrativa” (BASTOS, 2008, p. 77).

Discurso como ação e mudança social

A visão de discurso à qual o trabalho se filia é a de discurso como forma de ação e mudança social (FAIRCLOUGH, [1992] 2001). Nessa abordagem de discurso, não só agimos no cotidiano, mediante discursos que circulam ideológica e socialmente, como também como

⁴ Tradução de Bastos (2008, p. 77).

como são construídos discursivamente no mundo (social) a nossa volta, “nas (redes de) práticas sociais realizadas na (e pela) linguagem” (SANTOS, 2013, p.11).

A esse respeito, Fairclough ([1992] 2001) esclarece que “o discurso é um modo de ação, uma forma na qual as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente umas sobre as outras” (p. 63). Assim, podemos entender que, via discursos, os “atores da mudança social” (CASTELLS, 2013, p. 18) visam mudar as realidades a sua volta. Nessa mesma linha de reflexão, Moita Lopes (2002, p. 93) considera que “as pessoas estão constantemente criando o mundo em volta delas tão bem como elas mesmas e os outros nas práticas sociais onde atuam”. Em síntese, “o discurso é uma prática não somente de representar o mundo, mas de significar o mundo, constituindo e construindo o mundo através do significado” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 64).

É importante destacar que, através dos discursos, os participantes são posicionados em relações de poder. Todavia, eles podem agir em relação uns aos outros, via contradiscursos. Sendo assim, relações de poder não são consideradas fixas, podendo ser contestadas, conforme argumenta Fairclough (1992, p. 45): “os sujeitos sociais são formados por práticas discursivas, contudo também são capazes de remodelarem e reestruturarem estas práticas”. Em relação aos contradiscursos, Moita Lopes (2002) aponta que, em algumas sociedades, partem de grupos não-hegemônicos, como camponeses em luta por terras, pessoas homoeróticas e mulheres, por exemplo.

No presente estudo, Vitória pertence a um grupo marcado como não-hegemônico – o de mulheres com câncer de mama. Seus contradiscursos vão em direção aos discursos preconceituosos e ao descaso da sociedade para/com a comunidade em tratamento da doença.

De acordo com Moita Lopes (2002, p.93), o traço mais marcante do discurso é seu aspecto social, haja vista: (i) sua natureza dialógica (utilizamos a linguagem em relação a alguém que, por sua vez, utiliza a linguagem em relação a nós); (ii) socioconstrucionista (construímos o mundo e as pessoas de acordo com o contexto cultural, histórico e institucional no qual estamos situados); e (iii) a alteridade (através dos discursos nos quais nos engajamos, podemos modificar o outro que, do mesmo modo, também pode nos alterar).

Segundo Moita Lopes (2002, p. 95), “a alteridade implica em moldarmos o que dizemos, assim como nos percebemos à luz do que o outro representa para nós”. Sendo assim, à medida em que observamos as identidades dos participantes junto aos discursos, estamos (re)construindo suas identidades nas práticas discursivas em que estão inseridos. Em outras palavras, as práticas discursivas moldam as identidades sociais (FAIRCLOUGH, [1992] 2001).

Pode-se dizer então que “as identidades são construídas no discurso, sendo, portanto fragmentadas, contraditórias e ambíguas” (MOITA LOPES, 2002, p. 95).

Ao assumirmos o ponto de vista de que as identidades não são qualidades inerentes ao ser humano, e sim concebidas na interação com o(s) outro(s), concordamos com Moore (1988 ap. MOITA LOPES, 2002, p. 95), para quem “não é mais fácil se falar do indivíduo ou do si-mesmo como uma unidade autônoma e coerente, ao contrário, acabamos por compreender que somos feitos de e vivemos nossas vidas como uma massa de fragmentos contraditórios”.

Para Moita Lopes (2002) e Moore (1988), as identidades são fragmentadas e continuamente construídas quando construímos histórias de nossas vidas. Consideramos assim importante voltarmos nossos olhares para a construção identitária nas narrativas que contamos em diversos contextos, sejam presenciais ou virtuais.

No contexto virtual, os textos publicados por Vitória em diferentes ciberespaços possibilitam observar as posições identitárias que Vitória ocupa não somente em diferentes fases de seu tratamento, mas também mediante os Discursos que articula quando atua na e pela ação e mudança social. Discursos como o de Vitória, no excerto que será analisado, extrapolam o nível textual de análise e denunciam estigma e descaso sociais cotidianos, que muitas vezes ecoam vozes da comunidade (oncológica) da qual ela participa (v. DE FINA, 2006).

Posicionamento narrativo

Vimos, anteriormente, no arcabouço teórico do presente artigo, *performances* identitárias na narrativa e discurso como mudança social. Nesta seção, detalharemos o conceito de posicionamento narrativo.

Em Bamberg (1997), *Positioning Between Structure and Performance*, o autor faz considerações sobre o modelo proposto por Labov e Waletzky (1967) para a análise de narrativas, considerando sua abordagem mais estrutural e a *temporalidade* (orações ordenadas no passado marcando uma sequência de eventos que, de fato, ocorreram). De acordo com Bamberg, apesar do mérito atribuído ao pioneirismo do referido estudo no âmbito das análises de narrativas, esse modelo apresenta limitações por focar sobretudo na textualização, mais do que na função. Para o autor, o modo de olhar para as narrativas deve estar mais voltado para as *performances*. Nesse sentido, Bamberg (1997) propõe uma abordagem para a *avaliação* (componente estrutural da narrativa laboviana) que leva em conta contribuições originais de Labov e Waletzky (1967), porém com uma visão mais alinhada à orientação funcionalista. Nesse caso, a temporalidade é vista como um entre outros recursos performáticos que estão a

serviço de propósitos discursivos e de construção de identidades locais (BAMBERG, 1997, p. 36).

A propósito dos recursos performáticos aos quais Bamberg se refere, são os recursos considerados como pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002). Para Gumperz, as pistas sinalizam, por exemplo, como o(s) narrador(es) quer(em) ser entendido(s). As pistas apontam para significados a serem construídos no processo interativo e apenas validados e reconhecidos em conjunto pelos participantes. As pistas de contextualização podem ser linguísticas (como por exemplo o uso de expressões formulaicas e escolhas lexicais), paralinguísticas (ritmo, pausa e hesitações), prosódicas (entonação, acento e tom de voz) e não-vocais (gestos, movimentos do corpo e do olhar).

A avaliação, nos termos labovianos, é também importante no posicionamento e objetiva informar sobre o clima emocional da situação ou dos protagonistas. É responsável pelas informações sobre a carga dramática e a razão de ser da narrativa, ou seja, o seu ponto. Contudo, segundo Bamberg (1997), em sua proposta de análise de posicionamento “a narrativa é definida consideravelmente de modo mais amplo do que por Labov e Waletzki, para quem a situação e o propósito discursivos são tão centrais quanto a organização semântica da narrativa” (BAMBERG, 1997, p. 341).

Em comparação à concepção de Labov e Waletzki, Bamberg (1997) sugere que sua proposta de análise de posicionamento confere maior centralidade ao engajamento ativo do falante no processo de construção da narrativa. Ademais, “embora as análises de narrativas tradicionalmente tendam a privilegiar as narrativas de experiência pessoal, as narrativas como atos de narração, em geral, servem de igual modo à análise de posicionamento” (p. 342).

Para o autor (opus. cit.), a noção de posicionamento é fundamental para a interpretação da interação através da narrativa. Ao parafrasear Harré e van Langenhove, Bamberg (2002) argumenta que “com o posicionamento, o foco está em como as práticas discursivas constituem os falantes e ouvintes de certas maneiras e, no entanto, ao mesmo tempo, são um recurso pelo qual [eles] podem negociar novas posições” (p. 155). Nesse sentido, as atividades humanas são interpretadas como posicionamentos e as pessoas são concebidas como agentes, que, de forma consciente, se posicionam. À medida que os agentes se autoposicionam, eles também se engajam de forma ativa na construção do próprio mundo e do *self* (BAMBERG, 2002).

Essa noção de posicionamento narrativo, de certa forma, remete também ao que Gee (1990) denomina como “discursos com ‘D’ maiúsculo”.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Um discurso com uma ‘D’ maiúsculo é composto de formas distintas de falar/ouvir e muitas vezes, também, escrever/ler, juntamente com distintas formas de agir, interagir, valorizar, sentir, vestir, pensar, acreditar, com outras pessoas e com vários objetos, ferramentas e tecnologias, para representar identidades socialmente reconhecíveis engajadas em atividades específicas socialmente reconhecíveis. Essas identidades podem ser coisas como ser - fazer um membro Latino de uma gang de rua de Los Angeles, um policial de Los Angeles, um biólogo de campo, um aluno de primeiro grau em uma sala de aula específica e escola, (...) um certo tipo de médico, advogado, professor, afro-americano, trabalhador em um ambiente de ‘controle de qualidade’, homem, mulher, namorado, namorada ou frequentador de um bar local, etc. e etc. através de uma lista quase infinita. Os Discursos dizem respeito ao modo como as pessoas ‘articulam seus atos juntos’ para serem reconhecidas como um determinado tipo de pessoa em um horário e local específicos.

(GEE, 1990, p. 155)

Para Gee (1990), em se tratando de Discursos, o cerne da questão consiste em focar no que as pessoas querem dizer coisas umas às outras, quando sempre há mais do que a linguagem em jogo. A fim de ilustrar o que significa “estar em um Discurso”, o autor utiliza a metáfora da dança. Segundo ele, é como poder se engajar em um determinado tipo de ‘dança’ com palavras, ações, valores, sentimentos, outras pessoas, objetos, ferramentas, tecnologias, lugares e horários. A finalidade é ser reconhecido como um tipo distinto como alguém que faz um determinado tipo de coisa. De acordo com Gee, “ser capaz de entender um Discurso é ser capaz de reconhecer tais ‘danças’” (p. 155).

A respeito desses Discursos com ‘D’ maiúsculo, Bamberg (2002) salienta que as pessoas têm livre-arbítrio para escolherem se orientar por Discursos sociais preexistentes. Dentre uma variedade deles, os indivíduos se engajam interacionalmente na construção discursiva de como fazer sentidos de si próprios e do lugar de pertencimento. Assim, ao se engajarem em algum embate discursivo, as pessoas têm a oportunidade de fazer uso de determinados Discursos para se (re)construírem e, simultaneamente, (re)construírem as identidades de seus interlocutores como determinados tipos de pessoas. Essa visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais é consoante com a premissa de que cada indivíduo é membro de muitos Discursos, e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades (GEE, 1990).

Com base nas reflexões no que tange ao posicionamento narrativo, concordamos com a ideia de que, ao se posicionarem e posicionarem os outros nas interações, as pessoas produzem a si mesmas e aos outros como seres sociais.

No intento de compreendermos as formas como Vitória se auto posiciona e posiciona os outros indivíduos na narrativa, elegemos o modelo de análise de posicionamento

desenvolvido por Bamberg (1997 e 2002) para nortear a análise do excerto “ A Mulher no Mercado”. Nesse modelo, o autor propõe três níveis de análise que são orientados por três perguntas:

NÍVEL	PERGUNTA NORTEADORA
1	Quem são os personagens e como eles são posicionados em relação uns aos outros nos eventos reportados?
2	Como o falante/narrador se posiciona (e é posicionado) na situação interacional diante de (por) seus interlocutores (audiência)?
3	Como os narradores se posicionam para si mesmos?

Quadro 1: Níveis de Posicionamento de Bamberg (1997 e 2002)

A proposta de Bamberg (1997) para desenvolver a noção de posicionamento serve para compreendermos como o trabalho de identidade pode ser realizado especificamente pela narração. De acordo com Bamberg (2002), cada nível de posicionamento tem um foco: no nível 1, o conteúdo da história; no nível 2, o âmbito interacional; no nível 3, o posicionamento do narrador diante de discursos culturais, ou seja, em dimensão mais macro.

De acordo com Bamberg (2002), no nível 1 de posicionamento, investigamos linguisticamente como são construídos os personagens na história, isto é, o modo como os personagens são caracterizados e colocados uns em relação aos outros, buscando responder à pergunta sobre os eventos narrados.

No nível 2 de posicionamento, a fim de elaborar posicionamentos frente a plateias diversas, são feitas diferentes escolhas linguísticas e supralinguísticas para que os interagentes possam chegar a um dado entendimento interativo (BAMBERG, 2002). Os participantes se envolvem na narrativa de forma a criar expectativas sobre a história relatada, fazem avaliações que podem indicar se vale a pena contar a história e negociam a sequência do relato, mostrando que a relevância da história é alcançada na interação. Outra característica do nível 2 de análise diz respeito a como a história se encaixa no contexto da entrevista de pesquisa. O narrador se posiciona para compartilhar aquilo que sabe, se envolvendo ou resistindo a fornecer uma

resposta à pergunta formulada, que pode indicar índice de aceitação ou rejeição, por exemplo (BAMBERG e GEORGAKOPOULOU, 2008).

Para Bamberg (2002), embora os níveis 1 e 2 de posicionamento sejam analiticamente distintos, suas fronteiras ainda são tênues. No entanto, entendemos que, no nível 1, a história é construída. Em ambos os níveis, os falantes se posicionam a respeito de quem são, ou seja, em um trabalho contínuo de construção de identidade. Os participantes desenvolvem posicionamento de sujeito que podem se consolidar e dar um sentido de continuidade do *self*, e suas questões morais são indexadas em conjunto pelos participantes.

O nível 3 de posicionamento está associado às ações desencadeadas face aos Discursos com ‘D’ maiúsculo (fora da situação), os mesmos aos quais Gee (1990) se refere. No terceiro nível, há uma preocupação em compreender como a linguagem é usada para defender os pontos de vista do narrador, suas crenças, que vão além daquela conversa e o posicionam em um contexto macro. Desse modo, o nível 3 visa ao posicionamento do sujeito face aos Discursos que circulam na sociedade e ideologias (BAMBERG, 2002).

Segundo De Fina (2013), esse nível de análise explora como o narrador/falante posiciona um senso de *self*/ identidade no que diz respeito aos discursos dominantes e como o sujeito faz esse posicionamento relevante para a interação no “aqui” e “agora”, e assim se constrói como um tipo particular de pessoa. A autora sugere ainda que a análise deva ter exclusivamente uma direção, partir do nível micro para acessar o nível macro a fim de se compreender os macroprocessos de construção de identidade. Assim, os discursos localizados nas narrativas se relacionam a estruturas mais amplas como Discursos, construtos culturais e narrativas hegemônicas. Em outras palavras, De Fina (2013) defende que o nível 3 de posicionamento envolva a conexão do que é dito em nível local com processos e Discursos pertencentes a uma escala diferente.

Do ponto de vista de De Fina (2013), a natureza e relevância de ideologias e Discursos para o posicionamento local podem também ser estabelecidos além do nível individual e local ao se olhar para os padrões da comunidade, isto é, para as tendências gerais na forma como as questões são vistas e tratadas pelas comunidades às quais os indivíduos pertencem. Desse modo, a autora argumenta que os padrões apontam para a existência de representações coletivas, que por sua vez, podem estar relacionadas a processos sociais mais amplos, como lutas econômicas e culturais. Como salienta De Fina (2013), o nível 3 de posicionamento envolve posições individuais face aos Discursos, mas tais posições podem se tornar comuns entre os diferentes membros de uma comunidade e apontar para processos de posicionamento coletivo.

Ao retomar os três níveis de análise de posicionamento propostos, Bamberg (1997) afirma que o arranjo sequencial dos mesmos obedece a uma organização: iniciar a análise em âmbito textual/narrativo, em seguida passar para o nível interacional (como os falantes se colocam), e, finalmente, estabelecer como os falantes chegam a fazer sentidos de si próprios (BAMBERG, 2002). Além de concordar com essa organização, De Fina (2013) entende que a interpretação do posicionamento está baseada em: (i) na análise minuciosa do discurso em nível local; (ii) nos dados etnográficos; e (iii) na compreensão dos processos macrosociais subjacentes às relações de poder.

Com base na estrutura analítica dos estudos de Bamberg (1997 e 2002), Bamberg e Georgakopoulou (2008) e De Fina (2013), que seguem os três níveis de análise, a saber, – partem suas análises do nível 1, passam pelo nível 2 e chegam ao nível 3 –, no presente estudo o excerto selecionado também será analisado por níveis – primeiro o nível 1, depois o nível 2 e, finalmente, o nível 3 – um de cada vez. Com esta metodologia aliada ao entendimento funcional das categorias de Labov, faremos a análise da narrativa “A Mulher no Mercado” após a seção seguinte, a metodologia da pesquisa.

Metodologia da pesquisa

Ao pensarmos no desenvolvimento da pesquisa em que se insere o presente artigo⁵ (AMARAL, 2018), optamos pela perspectiva qualitativa que, como afirmam Denzin e Lincoln (2006), é interdisciplinar, multifacetada e tem um enfoque multipragmático. Essa perspectiva tem sido privilegiada nas áreas humanas e sociais para descrever, compreender ou explicar os fenômenos relacionados à vida em sociedade. Nesse sentido, “seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativista da experiência humana” (p. 21). Entre os pressupostos da pesquisa qualitativa, inserem-se os de natureza interpretativista, que representa uma forma de compreender as práticas sociais em seus “cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos sociais em termos de significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17).

No entanto, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, doravante denominadas TICs, passamos a experimentar inovações nas formas de agrupamento social, comportamentos, culturas e nas manifestações discursivas. Nesse sentido, Kozinets (2014, p. 09) afirma que “nossos mundos sociais estão se tornando digitais”. Essa premissa implica uma

⁵ A tese é intitulada: “De lagarta a borboleta: protagonismo de mulheres com câncer de mama em redes sociais”.

necessidade de se repensar os modos de compreender a sociedade. Para o autor, é preciso “seguir as atividades sociais e interações das pessoas na Internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia” (p.09).

Sendo assim, novos métodos de investigação passaram a ser pensados, mediante a inquietude a respeito da utilização de métodos tradicionais para a realização de estudos contemporâneas no contexto digital. Dessa demanda surgiu na academia a metodologia de pesquisa conhecida como netnografia. Esse termo foi utilizado pela primeira vez em 1998 pelo norte-americano Robert Kozinets e pode ser aproximado da tradicional etnografia; contudo a netnografia é feita em ambiente digital. Para o autor, a netnografia se apresenta como uma metodologia apropriada a investigações no ciberespaço. Kozinets (2014) explica que a netnografia utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é importante para estudar fóruns, grupos de notícias, *blogs* e redes sociais em geral, com as alterações necessárias a netnografia como uma metodologia em potencial no contexto da pesquisa, junto à pesquisa qualitativa.

A seguir, fazemos a análise do excerto selecionado para o presente artigo.

Análise da narrativa “A Mulher no Mercado”

Na fase inicial do tratamento, mais precisamente no dia 14 de janeiro de 2012, Vitória contou em seu *blog* “Divã de Vitória Peixoto” (nome fictício de seu blog) um episódio que aconteceu em sua vida no dia anterior, durante sua ida ao mercado acompanhada de seu filho Bruno, na época um menino de 9 anos de idade.

Vitória postou uma narrativa que tem como título “A mulher no mercado”. A partir das escolhas lexicais que compõem o título da narrativa, Vitória – narradora e personagem da história – orienta sua audiência para uma personagem de destaque do que potencialmente será contado. Até aqui, o que a narradora informa à audiência é uma posição de destaque para essa mulher que é localmente situada em um mercado, mas não se sabe ainda se se trata de uma protagonista, antagonista ou coadjuvante.

A Mulher no Mercado

- 01 O dia de hoje foi ótimo, produtivo e motivador. Eu estava realmente muito bem até
- 02 resolver ir ao supermercado. Tudo normal, afinal, o que pode haver de tão
- 03 ameaçador numa simples ida à um supermercado?

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

04 Iniciei minhas compras e estava distraída c/ meu filho, escolhendo quais os sabores
05 p/ pipocas de microondas, quando uma moça, que eu nunca vi na vida, me cutucou,
06 pediu licença e me perguntou: “vc se curou?”
07 Eu, pega de surpresa e sem entender a intenção da pergunta, respondi
08 automaticamente que SIM.
09 E ela completou: “Tomara que sim. Tive uma amiga que teve câncer de mama e que
10 tb pensou que tinha se curado, mas quatro anos depois apareceu uma metástase e
11 ela morreu”. Virou as costas e saiu, como se nada tivesse acontecido. Travei.
12 Gente!!!! Perdi o chão. O meu filho, tadinho, arregalou os olhos assustado. Só me
13 fez uma pergunta óbvia: “mãe, vc conhece essa mulher?”
14 Conclusão: Não consegui terminar minhas compras e entrei em desespero... me vi de
15 novo dentro do mundo paralelo, perdida. Caí em prantos, no meio do supermercado.
16 Fiz um esforço enorme p/ manter o controle por conta do Bruno, que ficou sem
17 entender nada.
18 Voltamos rapidinho p/ casa e p/ completar, nossa noite de sábado terminou c/ um
19 black-out por conta de um vendaval que atingiu toda a baixada santista. Com a
20 cabeça bombando de dor, tomei um banho gelado à luz de velas. Me debulhei em
21 lágrimas numa dor emocional aguda, um transbordamento... adormeci.

Nível 1 de Posicionamento: Quem são os personagens e como eles são posicionados em relação uns aos outros nos eventos reportados?

Na narrativa em análise, há quatro personagens: duas principais e dois coadjuvantes. As personagens principais são Vitória, que também assume o papel de “mãe” (linha 13), e a mulher no mercado, que é tratada pela narradora como “uma moça” (linha 05) e, por um dos personagens coadjuvantes no diálogo reconstruído pela narradora, como “essa mulher” (linha 13). Os personagens secundários ou coadjuvantes são Bruno (o filho de Vitória) e uma amiga da mulher do mercado, que não é apresentada por seu nome, apenas por uma referência mais abstrata (BAMBERG, 2002).

Ao focar na avaliação que a narradora e também personagem principal faz dos personagens ao longo de toda a narrativa (LABOV e WALETZKY, 1967), percebo que, já na ação complicadora, Vitória atribui recursos avaliativos a si própria como uma pessoa “distraída” (linha 04) e na conclusão como uma pessoa “em desespero” (linha 14) e “perdida” (linha 15). Além disso, ela avalia Bruno demonstrando pena do menino “tadinho” e “assustado” (linha 12). Sendo assim, ambos recebem atributos desfavoráveis para agentividade. No entanto, ao se referir à moça que é responsável por tornar um evento ordinário (a ida ao mercado) em um evento com *status* de contável, Vitória utiliza a oração avaliativa “que nunca vi na vida” (linha 05), marcando distanciamento entre ambas.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Iniciei minhas compras e estava distraída c/ meu filho, escolhendo quais os sabores p/ pipocas de microondas, quando uma moça, que eu nunca vi na vida, me cutucou, pediu licença e me perguntou: “vc se curou?”

Eu, pega de surpresa e sem entender a intenção da pergunta, respondi automaticamente que SIM.

E ela completou: “Tomara que sim. Tive uma amiga que teve câncer de mama e que tb pensou que tinha se curado, mas quatro anos depois apareceu uma metástase e ela morreu”. Virou as costas e saiu, como se nada tivesse acontecido. Travei.

Ao avaliar as ações dos personagens, Vitória se constrói como uma personagem central que se revela à mercê de forças externas. Em outras palavras, como uma pessoa que sofre com as ações de outros sujeitos ou circunstâncias.

Na orientação da narrativa, a narradora avalia o dia como “ótimo, produtivo e motivador” (linha 01). Segundo ela, tudo estava “muito bem”, “normal” (linhas 01 - 02). Contudo, as ações indesejáveis da mulher no mercado contribuíram para a desestabilização do *self* de Vitória, haja vista que inesperadamente a desconhecida “cutucou”, “pediu licença” e perguntou à narradora “vc se curou?” (linhas 05 - 06).

A partir desse ponto na narrativa, a sequência de orações do diálogo reconstruído narrado por Vitória – “uma amiga...tb pensou que tinha se curado”, “quatro anos depois apareceu uma metástase e ela morreu” e “virou as costas e saiu” (linhas 09 – 11) – apontam maior grau de agentividade discursiva da desconhecida e, em contrapartida, nuances rumo a um assujeitamento de Vitória “Travei” e “Perdi o chão” (linhas 11 - 12). Na resolução da narrativa, Vitória ratifica sua posição de mártir através da negação da ação “Não consegui terminar minhas compras” e da sequência de eventos “entrei em desespero”, “me vi de novo num mundo paralelo”, “caí em prantos” e “me debilhei em lágrimas” (linha 14 - 20).

No âmbito da narração, através dos dispositivos avaliativos dos personagens e das ações das personagens centrais, Vitória se posiciona como protagonista, sofredora e como sujeito com menos agência, e na contramão, ela posiciona a mulher no mercado como antagonista, cruel e como sujeito com mais intenção. Bruno e a amiga da mulher no mercado são posicionados pela narradora como coadjuvantes e, assim como ela, alvos das ações da antagonista, só que indiretamente.

Diante desta caracterização dos personagens da narrativa, destacamos que, na fase inicial do tratamento, Vitória se projeta como a protagonista da história, mas a agentividade da antagonista que é representativo do que Fairclough (1992) esclarece acerca do discurso. De acordo com o autor “o discurso é um modo de ação, uma forma na qual as pessoas podem agir

sobre o mundo e especialmente umas sobre as outras” (MOITA LOPES, 2002, p. 93). Logo, o poder do discurso da mulher no mercado interfere diretamente sobre o *self* de Vitória.

Nível 2 de posicionamento: Como o falante/narrador se posiciona (e é posicionado) na situação interacional diante de (por) seus interlocutores (audiência)?

Para iniciar a análise do segundo nível de posicionamento, vale retomar uma questão estrutural do ponto de vista analítico: trata-se de uma narrativa canônica. Diferentemente das narrativas orais contadas em situação de entrevista ou que são co-narradas, essa é uma narrativa escrita em um *blog*. Neste ciberespaço, que funciona como uma espécie de diário, as postagens são mais longas (as narrativas são mais completas, do ponto de vista das narrativas tipicamente labovianas), sem interrupções e há pouca ou quase nenhuma interação, como no caso do segmento em análise.

A audiência de Vitória é uma audiência projetada, provavelmente composta por pessoas que a conhecem e gostam de acompanhar suas histórias postadas no “Divã de Vitória Peixoto” (GOFFMAN, [1959] 2013; [1964] 2013b). Vitória escreve para uma audiência projetada porque suas escolhas das formas linguísticas e das características de desempenho servem para elaborar posições diante de sua audiência (BAMBERG, 2002). Analisamos assim como a narradora se posiciona para a audiência, mas, como não há registro escrito e nem oral no âmbito da interação no *blog*, não foi possível investigar como a narradora é posicionada por seus interlocutores.

No excerto em questão, Vitória se posiciona para sua audiência projetada, os seguidores de seu *blog*, como vítima no cenário interacional apresentado pela narrativa. Uma estratégia discursiva que a narradora utiliza para marcar esse posicionamento é trazer para seus interlocutores a ação complicadora através de diálogo reconstruído com a sua própria voz e com a voz da antagonista (a mulher no mercado) em discurso direto. Ao recriar a cena – “quando uma moça, que eu nunca vi na vida, me cutucou, pediu licença e me perguntou: ‘vc se curou?’/ Eu, pega de surpresa e sem entender a intenção da pergunta, respondi automaticamente que SIM./ E ela completou: ‘Tomara que sim. Tive uma amiga que teve câncer de mama e que tb pensou que tinha se curado, mas quatro anos depois apareceu uma metástase e ela morreu’” (linhas 05 – 11) –, Vitória confere veracidade aos eventos narrados. Através desta estratégia linguística, a narradora e protagonista da história oferece aos seus interlocutores o acesso direto às suas experiências e identidades (BAMBERG, 2002).

Como afirma Bastos (2005), as narrativas são importantes para compreendermos a nós próprios e as relações que estabelecemos com os outros. Nesse empreendimento, nos construímos discursivamente como seres socialmente inseridos e nossas construções identitárias não são necessariamente autênticas (BAMBERG, 2002), mas refletem a maneira como queremos ser compreendidos.

Conforme Moita Lopes (2002), acerca do caráter fluido e fragmentado das identidades, percebemos que Vitória se constrói inicialmente como uma pessoa motivada e “muito bem” (linha 01) para realizar suas atividades rotineiras como ir ao mercado em companhia de seu filho. No entanto, a ação da antagonista de indagá-la sobre seu tratamento – provavelmente ao julgar a aparência física de Vitória (um lenço na cabeça ou o corpo inchado em decorrência da medicação, por exemplo) típica da fase inicial do tratamento de câncer – motivou a desestabilização do *self* da protagonista da história. Em decorrência desta instabilidade, Vitória nega a verdade sobre estar curada “respondi automaticamente que SIM” (linhas 07 e 08), talvez para receber um *feedback* positivo da mulher no mercado e encerrar os questionamentos da estranha. A partir deste momento, sua *performance* identitária passa a ser a de vítima daquela situação interacional e pode ser percebida através de uma sequência de ações “travei”, “perdi o chão”, “não consegui terminar minhas compras”, “entrei em desespero” e “caí em prantos” (linhas 12 – 15).

Assim, apesar de ser a protagonista da história narrada, Vitória se constrói na maior parte da narrativa como um sujeito assujeitado, não-agente (MARTINS FERREIRA, 2017), incapaz de reagir contra os discursos da mulher no mercado.

Nível 3 de posicionamento: Como os narradores se posicionam para si mesmos?

A análise do nível 3 de posicionamento nos leva a compreender como Vitória quer ser entendida por sua audiência a partir de uma construção identitária localmente situada que pode ser relacionada a Discursos mais amplos, construções culturais e narrativas hegemônicas (DE FINA, 2013). Com isso, é possível associar as posições do narrador, suas crenças que perpassam a situação interacional, com posicionamentos em um macro contexto.

No caso de Vitória, percebemos que um possível assujeitamento e um grau de sofrimento e dor diante dos discursos da mulher no mercado refletem posições comumente assumidas por pessoas em tratamento de câncer de mama, face aos discursos hegemônicos que circulam na sociedade brasileira sobre a doença. Esses discursos frequentemente associam o câncer de mama à sentença de morte ou outro estigma depreciativo. Com a difusão e o caráter

libertário das redes sociais (CASTELLS, 2013), tem sido cada vez mais comum a emergência de marcas de estigma relacionadas ao câncer de mama nas narrativas de mulheres com a doença que interagem no ciberespaço (AMARAL, 2017). De acordo com a autora, essas mulheres publicitam marcas de estigma nas redes sociais digitais contemporâneas e, com isso, ressignificam suas experiências de lamentação, tornando-as instrumentos de denúncia e descontentamento político (AMARAL e PEREIRA, 2015).

Com base nas reflexões acima pudemos inferir que, no âmbito interacional, Vitória assume a posição de “vítima” da sociedade, de sujeito assujeitado e, aparentemente, com pouca agência no que diz respeito às ações de oposição por parte do indivíduo (AHEARN, 2001). No entanto, se considerarmos a concepção de agência como uma forma de ação social e pensarmos em seu posicionamento em um macro contexto, Vitória se revela um sujeito com agência, que surge da dor como um modo de ação (ASAD, 2003; SILVA, 2010). O fato de Vitória tratar questões que envolvem estigmas sociais, por exemplo, em ringues públicos digitais corrobora a necessidade de discutirmos essa problemática também em espaços urbanos, em um hibridismo entre redes sociais (CASTELLS, 2013). Destarte, o conteúdo difundido entre seus seguidores a partir de sua narrativa sobre a mulher no mercado, ainda de modo incipiente – por refletir uma inquietação da fase inicial de seu tratamento e compartilhamento de experiências sobre o câncer de mama em seu *blog* –, já aponta a posição de Vitória como ator social (CASTELLS, 2013; MARTINS FERREIRA, 2017).

Considerações

A análise indica que: (i) a participante ressignifica sua experiência de dor e lamentação, em uma perspectiva de discurso como ação social via discursos de emoção; e (ii) o agenciamento é direcionado aos interlocutores nas redes sociais, enquanto posicionamento político e identitário de enfrentamento do câncer.

Nossa proposta de análise da narrativa com base na interlocução entre *performances* identitárias na narrativa, discurso como mudança social e posicionamento narrativo, por meio de uma metodologia de investigação qualitativa e interpretativa de cunho netnográfico, nos pareceu bastante profícua. A partir de nossos objetivos, pudemos compreender que Vitória, em suas performances identitárias inicialmente construídas no âmbito do sujeito com menos agência, para a ressignificar sua experiência de dor e lamentação, em uma perspectiva de discurso como ação social via discursos de emoção. Dessa forma, a participante direciona seu

agenciamento aos interlocutores nas redes sociais, enquanto posicionamento político e identitário de enfrentamento do câncer.

Ao situarmos a narrativa de Vitória para o macro contexto social viabilizado pela Internet, percebemos o compartilhamento de sua história de vida como uma possibilidade de entendermos que a descoberta de uma doença invasiva como o câncer de mama não representa o fim da vida. Pelo contrário, o estudo apresenta a alternativa da transformação, da mudança de posicionamento do *self* no mundo social. Experiências de dor e sofrimento podem ser redimensionadas em práticas sociais de enfrentamento da doença através das redes sociais.

Quando Vitória opta por dividir sua experiência com seus interactantes virtuais, além de denunciar Discursos estigmatizadores em função de sua aparência física sob os efeitos da doença, ela também tende a se tornar inspiradora de outros sujeitos. Sua narrativa compartilhada no ciberespaço convida seus interlocutores a repensarem os modos de lidar com as mudanças trazidas pela doença.

Referências

AHEARN, L. M. Language and agency. *Annual Review of Anthropology*, California, v. 30, p. 109-137, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.30.1.109>. Acesso em 09 de novembro de 2017.

AMARAL, R. M. e PEREIRA, M. G. D., *Discussing Breast Cancer in Cyber Spaces: a Pragmatic Study*. 14th IPrA Conference, Belgium. 2015.

AMARAL, R. M. “Pobres coitados estão com os dias contados”: marcas de estigma nos discursos de mulheres com câncer de mama postados no contexto digital. *XI Jornada de Estudos do Discurso – Estigma na Vida Social*. 2017. Disponível em <https://jedpucurio.wixsite.com/jedpucurio> Acesso em 12 de janeiro de 2018.

_____. “De lagarta a borboleta”: *Protagonismo de mulheres com câncer de mama em redes sociais*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

ASAD, T. **Formations of the secular: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

BAMBERG, M. G. W. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: Moita Lopes, L. P. & Bastos, L. C. (orgs.) *Identities: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, cap. 8, p. 149 – 185, 2002.

_____. *Positioning between structure and performance*. *Journal of Narrative and Life History*. Volume 7 (1 - 4), p. 335 – 342, 1997.

BAMBERG, M. & GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.

BASTOS, L. C. *Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais* – uma introdução ao estudo da narrativa. In: *Calidoscópico*. Vol. 3, n. 2, maio/agosto, 2005.

BASTOS, L. C. *Diante do sofrimento do outro* – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. In: *Calidoscópico*. Vol. 6, 2008. p. 76-85.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*/Manuel Castells; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DE FINA, A. Positioning level 3: Connecting local identity displays to macro social processes. *Narrative Inquiry*, 23 (1), John Benjamins Publishing Company, p. 40-61, 2013.

DE FINA, A. Group Identity, narrative and self-representations. In: DE FINA, A., SCHIFFRIN, D., BAMBERG, M. (Orgs.) *Discourse and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 351-375. Disponível em <http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/o-protagonismo-das-manifestacoes-esta-no-social-e-nao-no-facebook/71395/> Acesso em 02 de dezembro de 2017.

DEPPERMAN, A. Editorial: Positioning in narrative interaction. *Narrative Inquiry*, 23 (1), John Benjamins Publishing Company, p. 1-15, 2013.

DENZIN, N. K.& LINCOLN, Y. S. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GEE, J.P. *Social Linguistics and literacies: Ideology in discourses*. Bristol: The Falmer Press, p. 155 – 158, 1990.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19. ed. Petrópolis: Editora Vozes, [1959] 2013.

_____. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio d'Água. ([1959] 1993).

_____a. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. [1964] 2013. pp. 13-20.

_____b. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. [1964] 2013. pp. 107-148.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

_____. *Frame analysis. An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolingüística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, p. 149-182, 2002.

_____. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University, 1982.

KOZINETS, R. *On Netnography: Inicial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture*, 1997.

_____. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 203 p. 2014.

LABOV, W. & WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

MARTINS FERREIRA, D. M. Do semelhante ao mesmo, do diferente ao semelhante: sujeito, ator, agente e protagonismo na linguagem. In: *RBLA*, Belo Horizonte, aop0617, 2017.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Coleção Letramento, Educação e Sociedade. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MOORE, S. “Getting a bit of the other: pimps of postmodernism”. In: CHAPMAN, R. e RUTHERFORD, J. (eds.). *Male order*. Londres, Lawrence e Wishart, 1988.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. Discordâncias na interação entre atendentes e clientes em uma Central de Atendimento de Seguro Saúde: o cumprimento do mandato institucional com estratégias de convencimento. *ReVEL*. v. 11, n. 21, 2013.

SANTOS, G. P. O Jornal *Aurora da Rua* e o protagonismo na situação de rua: um estudo crítico. Brasília, 203 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Linguística, Português e Letras Clássicas, Universidade de Brasília, 2013.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

SILVA, D. N. e. Pragmática da violência: o Nordeste na mídia do Brasil. São Paulo, 181 p. Tese de Doutorado – Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

O CORPO DA MULHER SOB DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O SENSO COMUM E A REPRODUÇÃO DE SEUS DISCURSOS PELA MÍDIA

Carlos Alexandre Molina Noccioli¹

RESUMO: Este trabalho, inserido no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica, associado à Teoria das Representações Sociais, busca analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações acerca de um tópico temático tradicionalmente visto como tabu em nossa cultura, designadamente o relacionado a questões sexuais que representam o homem e a mulher. Para tanto, elegemos uma reportagem publicada na revista brasileira de divulgação e curiosidades científicas, a *Mundo Estranho*, acessível de modo on-line a partir do portal da *Super*. Procuramos nos debruçar sobre como o conhecimento em questão é representado socialmente ao se considerar a linha editorial da revista. Partimos do preceito de que o texto divulgativo tende ao emprego de recursos expressivos próximos do senso comum, evitando-se termos técnicos, valendo-se de tipos narrativos, modalizando-se o discurso, utilizando-se de variadas expressões e de paráfrases de textos complexos, no processo de recontextualização da informação sobre ciência. Nesse sentido, a *variação* aparece como produtiva estratégia de inteligibilidade, mas, para além disso, a utilização de termos jocosos, analogias inusitadas e metáforas parecem buscar aumentar o interesse de um leitor jovem, o que, em contrapartida, não contribui para a dissolução de discursos do senso comum, recorrentes nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Divulgação Científica. Corpo.

ABSTRACT: This work, inserted in the theoretical-methodological framework of the Discourse Analysis of Scientific Dissemination, associated with the Theory of Social Representations, seeks to analyze the linguistic-discursive treatment of information on a thematic topic traditionally seen as taboo in our culture, namely or related to sexual issues that represent man and woman. To this end, it chooses a report published in the Brazilian magazine for dissemination and scientific curiosities, in *Mundo Estranho*, accessible online on the *Super* portal. We seek to delve deeper into how the knowledge in question is socially represented and consider itself an editorial line of the magazine. We start from the principle that the published text makes use of expressive resources close to common sense, technical terms are avoided, narrative types are validated, modifications or discourses, variables and paraphrases of isolated texts are used in the process recontextualization of science information. In this sense, a variation appears as a strategy of productive intelligibility, but, in addition, with the use of playful terms, unusual analogies and methods to increase the interest of a young reader, or that, on the other hand, does not use to dissolve common sense discourses, recurrent in contemporary social practices of our culture.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, na linha de pesquisa Tecnologias, Corpo e Cultura, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Rio Claro/Brasil. Professor do Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), campus Muzambinho, Minas Gerais/Brasil. Endereço eletrônico: carlos.noccioli@ifsuldeminas.edu.br.

KEYWORD: Discourse analysis. Scientific Dissemination. Body.
Preliminares

Buscando-se uma análise em torno do tratamento linguístico-discursivo de informações sobre temas considerados tabu, referentes a questões sexuais frequentemente associadas à mulher, em nossa sociedade contemporânea ocidental, elegemos uma publicação, intitulada “O que é o clitóris? Para que ele serve?”, da revista *Mundo Estranho*², em sua versão *on-line*, para que se verifique como o processo de recontextualização do discurso sobre ciência ocorre na mídia brasileira.

Quando nos referimos à reformulação do discurso científico em discurso geral, ou seja, à transposição do discurso da esfera técnica para a esfera do público leigo, emerge uma questão central da nossa discussão: como o discurso sobre ciência é apropriado pela revista em questão no espaço concreto e ideológico destinado ao público-leitor?

A análise do texto aqui proposta compreende o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso da Divulgação Científica como forma de estudo das representações sobre temas considerados tabu na mídia brasileira.

Por essa razão, faz-se interessante analisar o tratamento linguístico-discursivo das informações de caráter científico na mídia acerca de tópicos temáticos referentes a aspectos sexuais humanos, tradicionalmente vistos como tabu, uma vez que suscitam discussões polêmicas e, conseqüentemente, estratégias de reelaboração, em termos, não só de intercâmbio de registro, mas também de modalização e adaptação do discurso, a fim de que se pondere acerca dos impactos que poderiam causar uma informação de caráter interdito em determinadas convenções sociais.

O encontro do âmbito científico com a experiência social cotidiana obriga o divulgador a uma troca de registros. O processo de divulgação de informação, abrangendo desde a coleta de informações selecionadas para serem organizadas até a reformulação do discurso, presta-se a um grande número de estratégias comunicativas. Partindo-se da concepção de que para que uma informação específica do campo científico possa ser compreendida por um alocutário leigo seja

² A aludida reportagem poderia ser acessada por meio do seguinte link: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-clitoris-para-que-ele-serve/>, mas, no decurso desta publicação, houve atualização da reportagem. Ainda assim, é possível termos acesso ao texto original, por meio do seguinte link: <https://web.archive.org/web/20110522214949/https://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-o-clitoris-para-que-ele-serve>. Esta ferramenta online permite recuperar versões antigas de sites e encontrar páginas fora do ar.

necessário um tratamento linguístico-discursivo das informações, trabalhamos com a hipótese de que a revista *Mundo Estranho* se configura como campo fértil para o estudo do processo de recontextualização, já que o texto de divulgação científica caracteriza-se a partir da construção de um novo discurso em consonância com o contexto sócio-comunicativo em que a informação reformulada se apresenta.

Uma vez que a *Mundo Estranho* funciona como veículo mediador para a aproximação entre a informação técnica-científica e as concepções típicas das relações sociais habituais, supomos alguns propósitos comunicativos inerentes à revista, tais como divulgar, debater e/ou fomentar a curiosidade em relação ao conhecimento que envolva algum tipo de tabu: em nosso caso particular, o que tange um aspecto sexual relacionado à anatomia feminina.

Portanto, esse artigo busca expor uma investigação acerca dos processos divulgativos, em termos de reformulação e recontextualização da terminologia técnica, referentes à temática tabu, em uma revista de divulgação científica destinada ao público geral. Desse quadro do leitor geral, destaca-se, em relação à *Mundo Estranho*, que seu público é formado por jovens pertencentes às classes A e B (BACCEGA; FREIRE, 2007).

A *Mundo Estranho* mantém, no cenário brasileiro, publicações do tipo mensal. Entretanto, além do suporte impresso, a revista amplia sua abrangência através de seu *site*. Nesse contexto, através de um levantamento (ainda que) preliminar, podem-se observar registros de que a revista vem abordando informações relativas a tabus, interessantes ao trabalho aqui proposto.

Nesse sentido, o estudo das informações acerca de tópicos temáticos considerados tabu, relacionados a questões sexuais, como é o caso desta proposta de pesquisa, permite que se analise o discurso a partir da linha editorial da revista *Mundo Estranho*, não se limitando a uma unilateralidade de tal enfoque, mas considerando o discurso como algo complexo e dinâmico, cuja composição está atravessada por questões sociais, culturais, econômicas e institucionais, (in)formando opiniões e (re)produzindo o senso comum.

Análise do Discurso da divulgação científica

Observar o processo de reformulação da informação sobre ciência é necessário para se promover um trabalho analítico baseado em reflexões linguísticas na reportagem aqui escolhida – cuja temática está ligada a um tabu sexual, trazido à tona pela revista *Mundo Estranho* – através

do qual possam se identificar as principais estratégias divulgativas utilizadas pela revista em questão. Busca-se, com isso, conhecer os procedimentos de transformação do texto (re)produzido em forma de reportagem para o “grande público”.

Calsamiglia (1997) define a “difusão dos saberes”, ou seja, a divulgação da ciência, como um processo historicamente constituído, tal qual se configura a própria cultura de um povo. Cada cultura terá seus próprios meios, canais e protagonistas intrínsecos à transmissão do saber. Destarte, em dada cultura contemporânea ocidental, os conhecimentos se confundem com um mundo economicamente industrializado, cuja organização política deve se estruturar a partir de um funcionamento democrático.

A tarefa de popularização da ciência, entretanto, enfrenta uma série de percalços, dentre os quais, Cassany e Martí (1998) destacam a transferência do conhecimento especializado, técnico – cujo sistema conceitual apresenta um alto grau de abstração, refletindo-se, por exemplo, em uma sintaxe complexa – para um público abrangente e heterogêneo, que possivelmente não tem contato com esse tipo de registro e, conseqüentemente, não tem acesso aos dados científicos específicos desse âmbito.

Segundo Calsamiglia (1997), da interação entre interlocutores desencadeia-se um processo de adaptação de várias ordens: desde aspectos da língua enquanto sistema formal (léxico e sintaxe, por exemplo) até aspectos linguístico-discursivos (relação entre interlocutores e configuração da macro-estrutura textual, por exemplo). Práticas de proximidade na relação entre o emissor e o receptor se estabelecem entre especialista e leigo, portanto, uma relação assimétrica no que diz respeito ao conhecimento (re) produzido. Entretanto, Calsamiglia adverte que essa relação não se dá simplesmente sob uma assimetria entre conhecimentos, ou seja, deparamo-nos, para além disso, com mundos de referências distintos. A relação entre esses dois mundos pode ter um intermediário que relaciona o âmbito da ciência ao âmbito do não-especialista, o que criaria a necessidade de um veículo mediador para a aproximação dessas duas esferas. Dessa forma, é perfeitamente aceitável que esse tipo de informação passe por um processo de reformulação, objetivando um discurso acessível, voltado para a comunicação com o público em geral.

Para tanto, a utilização de marcas linguísticas concretas (estratégias, procedimentos discursivos, formas de construção textual) servem aos propósitos dos protagonistas inseridos na interação discursiva de transformação do texto. Segundo Cataldi (2007), é possível encontrar uma

diversidade muito grande de estratégias discursivas utilizadas nesse processo comunicativo, tais como *argumentos de autoridade, definições, metáforas, analogias, explicações*, dentre outras.

Cassany e Martí (1998) utilizam-se do termo estratégias divulgativas para referirem-se a diferentes tipos de recursos ou procedimentos verbais que são usados nos textos para tornar acessíveis ao público leigo os diferentes conceitos técnicos: “Trata-se de um conjunto variado de fenômenos linguísticos que engloba seleção da informação, organização da mesma, formulação discursiva, seleção léxica, tratamento tipográfico, etc.”³ (CASSANY; MARTÍ, 1998, p. 60).

Considerando-se que algumas estratégias (como a narrativização, a contextualização dos conceitos técnicos e a modalização) são típicas do âmbito mais geral e que o texto de divulgação científica é formado por variados discursos, podemos dizer que essas estratégias seriam características do texto divulgativo propriamente dito, já que não seriam exclusivas de nenhum dos discursos que o compõem. Normalmente em textos de registro técnico-científico ou mesmo em certos gêneros textuais (como artigos científicos) em que se formulam conhecimentos, podem ser encontrados: “discursos objetivos, neutros e carentes de expressões subjetivas, buscando uma estruturação mais lógica, não narrativa, enquanto que na divulgação, aparecem elementos modalizadores, construções narrativas e perguntas retóricas” (CASSANY; MARTÍ, 1998, p. 66).

Portanto, o texto, cujo caráter é divulgativo, tende ao emprego de recursos expressivos próximos do senso comum: evitando-se termos técnicos, valendo-se de tipos narrativos, modalizando-se o discurso, utilizando-se de variadas expressões e de paráfrases de textos complexos. Dessa forma, consegue-se discorrer sobre dados teóricos, altamente abstratos e técnicos de forma que esses possam ser compreendidos por leigos.

É preciso, ainda, considerar que, diante desse enfoque linguístico-discursivo, o processo de recontextualização – composto de um rico arsenal de artifícios linguísticos e cognitivos intrínsecos ao próprio processo – demonstra a pluralidade de pontos de vistas capaz inclusive de formar a opinião do público em relação a, por exemplo, como abordar temas sobre a sexualidade, considerando-se a diversidade de vozes que expressam visões de mundo submetidas à reformulação de um novo locutor. Dessa forma, torna-se possível a identificação de representações que expressam a visão de mundo não apenas da linha editorial da *Mundo Estranho*, mas da sociedade

3 Tradução minha de “Se trata de un conjunto variado de fenómenos lingüísticos que abarca cuestiones de selección de la información, organización de la misma, formulación discursiva, selección léxica, tratamiento tipográfico, etc”.

de nosso tempo, já que a revista pode além de formar opiniões, reproduzir discursos do senso comum.

O processo de recontextualização da informação sobre ciência

O processo de recontextualização do conhecimento científico é caracterizado como uma “re-criação” desse tipo de conhecimento para cada público específico. Entretanto, Cataldi (2007) chama atenção para o fato de essa prática discursiva não ser simplesmente um resumo ou redução aleatória de dados científicos, mas sim uma habilidade em selecionar, reorganizar e reformular as informações de caráter técnico para leitores com interesses e objetivos diversos no processo de compreensão dos fatos científicos. É, portanto, o texto divulgativo um tipo de discurso primário, baseado em textos secundários⁴ que vão se modificando dependendo da situação comunicativa. Isso gera a necessidade de “procedimentos, utilizados na mídia [...] a partir de um uso linguístico escrito” variáveis “segundo certos parâmetros contextuais, como a situação comunicativa, os propósitos de quem a realiza e as características dos destinatários” (CATALDI, 2009, p. 49).

Em termos de estrutura cognitiva do discurso de caráter científico, fica a cargo do divulgador a decisão acerca de qual *estratégia divulgativa* utilizar, consoante o propósito comunicativo: “O produtor pode utilizar procedimentos *léxico-semânticos* (sinonímia, paráfrase, definição, descrição, denominação, generalização, etc.), *discursivos* (contextualização, modalização, etc.) e/ou *cognitivos* (analogias, metáforas, metonímias, etc.)” (Ibidem). No que tange a esse último procedimento, o mais comum é que se usem em discursos de divulgação científica representações conceituais calcadas em analogias com o cotidiano.

Para tanto, a recontextualização das informações sobre ciência está diretamente relacionada com os procedimentos concretizados pelo uso linguístico-discursivo específico de *expansão* e *variação*. Cataldi (2007, p. 161) destaca que em discursos escritos as condições de interação recíprocas não são imediatas, “o comunicador utiliza o procedimento de *expansão*, ou inclusão, com o objetivo de proporcionar os significados conceituais necessários para lograr a efetiva participação cognitiva e comunicativa do leitor”.

⁴ Usamos as terminologias “discurso primário” e “texto secundário” conforme Ciapuscio (1997), para quem “texto secundário” representa o intertexto subjacente a um discurso ao qual temos acesso, ou seja, o “discurso primário”.

Nesse sentido, a *expansão* constitui-se por meio de determinadas estratégias discursivas como a explicitação de algum conhecimento compartilhado pelos participantes, bem como pela apresentação de algum tipo de informação nova que contribui para que o leitor estabeleça relações de sua vida diária com o conhecimento científico. Ciapuscio (1997) afirma que as formas de *expansão* são diversas, dentre as quais se destaca a *definição*. Já a *metáfora* seria um recurso do plano emotivo, contribuindo também para associações com objetos do mundo cotidiano. Já a *variação* é um procedimento caracterizado a partir de certas estratégias discursivas de ordem lexical, semântica, ou mesmo de registro – entre termos e conceitos especializados e vocabulário corrente – ocorridas durante o processo de reformulação do texto científico para o texto de divulgação. Dentre outros aspectos linguístico-discursivos, destacam-se a seleção lexical e a modalidade enunciativa.

Assim, *expansão* e *variação* são pilares importantes a serem especificados em nossa análise, de modo a identificarmos sintomaticamente as estratégias que compõem o discurso divulgativo na reportagem da revista *Mundo Estranho*.

A representação do tabu

Dada sociedade, imbuída de preceitos culturais típicos de seu povo, reflete comportamentos em função de interpretações da realidade sobre o que convém e o que não convém ser feito, dito ou tocado, configurando, assim, representações sociais que emergem na comunicação e na inscrição social e institucional do grupo, acerca do tabu.

Como um tabu é designado a partir de uma temática – incluindo-se desde um determinado assunto até determinada conduta ou comportamento – interdita em certa sociedade, observa-se a relevância de aspectos sociais e culturais para sua interdição. Se essa ordem do “evitado” remete a razões que interferem, de algum modo, na sensibilidade das pessoas, ou atentam contra a moral de dada sociedade, os temas considerados tabu estão atrelados a questões variáveis entre grupos sociais, inevitavelmente sujeitos a representações de um determinado povo.

A partir disso, podemos compreender as representações sociais como um conjunto de “regras” que regem o comportamento de dada sociedade, inerente ao processo de sociabilidade de cada indivíduo. Augras (1989, p. 33) explica a contribuição de Lévi-Strauss no que se refere à constituição dessas “regras sociais”. Segundo a autora, “em cada sociedade, as crianças aprendem,

desde o nascimento, como sua cultura representa o mundo, e quais são as regras de comportamento dentro dele”, configurando-se o sentido do termo “socialização”. A socialização é, no âmbito das representações e valores, capaz de transformar “regras de conduta e representações do mundo em vivências individuais”.

Nesses termos, a realidade que o ser humano constrói dá-se em conjugação com a sociedade e “é no significado que cada grupo atribui aos elementos que compõem seu mundo que devemos buscar a compreensão” do tabu (AUGRAS, 1989, p. 34).

Rodrigues (1983) aponta que o corpo humano, ou mesmo o sistema biológico humano como um todo, está sujeito à representação da própria espécie, à luz de fatores sociais e culturais. Portanto, é importante observar essas representações no campo da linguagem, dado que as “formas linguísticas estigmatizadas e de ‘baixo prestígio’, condenadas pelos padrões culturais” (PRETI, 1984, p.3) tendem a sofrer algum tipo de variação, associada ao contexto de produção a que estão veiculadas. Em nosso foco de análise particular, a divulgação científica de um tema considerado tabu atrelados à anatomia feminina inscreve-se nesse tipo de associação.

Poderíamos, a partir disso, conceber que a representação social é uma ação simbólica que, além de nortear o mundo, facilita sua compreensão; já que “tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a construção social da realidade” em via de mão-dupla entre ação e comunicação (ARRUDA, 2003, p. 142). Neste artigo, cujo interesse remete a uma análise de uma reportagem de divulgação científica, destaca-se a necessidade de uma dilatação teórica que possa subsidiar questões referentes a representações no plano da sexualidade masculina e feminina, entendidas como tabu.

Considerando, então, o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, pode-se dizer que esse construto é valioso instrumento de compreensão acerca de dada sociedade, não transcrevendo, ou refletindo fielmente a realidade, mas interpretando-a a partir do olhar do observador. Sob esse viés, é natural que se identifiquem, nos discursos considerados tabu de uma revista, como a *Mundo Estranho*, não só as ideologias que partem da linha editorial da revista, como também a representação do discurso de nossa sociedade.

Reportagem em análise

No texto publicado sob a Edição 45 da *Mundo Estranho*, disponível em versão *on-line* no site da revista, cuja reportagem intitula-se “O que é o clitóris? Para que ele serve?”, constante da seção *Saúde*, o jornalista Rodrigo Ratier propõe-se a fazer um guia através do qual o leitor pudesse encontrar o pequeno órgão específico da anatomia feminina. Para tanto, o texto apresenta a estrutura da genitália feminina, nomeando seus elementos numa intenção divulgativa.

O título da reportagem aparece em forma de perguntas retóricas, remontando o caráter almanaquista da revista de satisfazer curiosidades a partir de perguntas e respostas. Nessa expectativa divulgativa das perguntas retóricas, a interatividade e a inclusão do leitor no texto, mesmo que de forma simulada, remetem a construções que se assemelham a interações face a face, observáveis através de marcadores discursivos típicos da oralidade, como nos exemplos seguintes:

- (1) *Hein, ereção? Você leu certo: é a mesma coisa que acontece com o pênis [...]*
- (2) *Ou seja, já deu para sacar uma coisa: o "clit" é supersensível.*
- (3) *Se você quer dar prazer, não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.*
- (4) *Mas não esqueça que quem mergulha nessa aventura "lingüística" tem que se proteger.*

Os marcadores discursivos, bem como a evocação da cumplicidade do leitor (conforme grifos), buscam, pela função apelativa da linguagem, fomentar a adesão do leitor.

Em outra parte do texto, a segunda, e última, destacada com sombreamento cinza⁵, intitulada “Mapa da mina”, cujo subtítulo é “Um guia visual para encontrar o caminho da felicidade”, há a sugestão de que a exposição a ser apresentada estará configurada como um texto do tipo injuntivo, por meio do qual se pudesse chegar até o clitóris. No entanto, essa seção mais apresenta *explicações* anatômicas sobre a genitália feminina do que propriamente um passo a passo para encontrá-lo. Ainda assim, como um mapa, o texto oferece uma representação visual da região, expondo localizações, distâncias e coordenadas espaciais:

- (5) Ele [clitóris] fica escondido embaixo do prepúcio na maior parte do tempo, mas pode aparecer quando a mulher fica excitada
- (6) [...] essa pequena abertura [...] fica uns 2 centímetros acima da vagina [...]
- (7) O "botão do prazer" feminino fica na abertura superior da vagina, onde os pequenos lábios se encontram.
- (8) [Os pequenos lábios] Ficam entre os grandes lábios e o canal vaginal.

⁵ Conforme pode ser visualizado na reportagem por meio do mesmo link já disponibilizado.

Esse tipo de analogia traduz um traço de coisificação associado à sexualidade feminina. Ao simplificar a busca pelo clitóris a uma “caça ao tesouro”, mapeada em contornos práticos de um guia, a revista reproduz o discurso do senso comum, presente ainda em nossa sociedade, arraigado no tabu inerente à figura feminina, qual seja o da mulher objeto. Não obstante ao valor intrínseco ao que, literalmente, se define por “mina”, designadamente uma fonte de recursos economicamente exploráveis, a comparação implícita presente na utilização do termo remete a mulher ao universo “material”, reduzindo o valor da anatomia feminina ao plano do explorável, da felicidade reificadamente encontrável (por outro alguém). Essa associação reconstrói aquilo que está subjacente nas práticas sociais contemporâneas, refletindo não só uma mera expressão linguística do senso comum, a saber, “mapa da mina”, mas os sentidos gerados a partir de valores radicados que tangem às questões sexuais conexas à mulher.

Nos termos da Divulgação Científica, destaca-se que a expressão “mapa da mina” é comum ao vocabulário cotidiano, o que serviria a promover uma maior aproximação entre a informação técnica e o público leigo na divulgação do tema. Para além disso, vale dizer que, na utilização do vocabulário de alguns grupos sociais formados por jovens urbanos, a expressão “mina” pode mesmo designar jovens do sexo feminino, ou seja, em carácter ambíguo, o título pode até ser uma dupla referência: (i) uma mera associação com uma expressão do senso comum, explorando nuance de sentidos próximos ao mapeamento de lugares valiosos; ou (ii) um possível entendimento para a genitália das mulheres, em variação provocada no intercâmbio entre os vocábulos mina/mulher. Ainda assim, é importante destacar que, no primeiro sentido, a tonalidade de “valor” é cambiante, sugerindo ser valioso ou para as mulheres cujo órgão possa ser encontrado ou para quem quer que o encontre. Em outras palavras, a questão verdadeira é: valioso para quem? A quem se pode fazer valioso o conhecimento do mapa?

Essa demanda pode nos nortear a busca pela identificação do público leitor da reportagem, já que, embora o tema divulgado remeta ao universo da anatomia feminina, o guia para encontrar o “caminho da felicidade” pode ser volátil. É possível encontrar marcas textuais que apontem para a inferência de que o texto seja mais voltado ao público masculino do que ao feminino. O texto não se configura, pois, como um guia de autoconhecimento para as mulheres. Essas pistas textuais são

deixadas em construções nas quais a figura feminina aparece não como interlocutor, mas como referente da discussão:

(9) A função desse pequeno órgão é uma só: dar prazer *pra mulherada*.

A preposição “para” (sob a forma reduzida “pra”, típica da informalidade no texto) conduz o valor semântico de *direção*, apontando a mulher não como agente de sua própria felicidade, mas como fator objeto, fim a que se mira; a propósito, neste caso, objetivam-se não poucas mulheres, mas um agrupamento numeroso, a “mulherada”. Ao conflitarmos essa construção com outras em que a interatividade inclui um leitor masculino⁶, relega-se a mulher ao estatuto de terceira pessoa, sugerindo que o foco da discussão não envolva a procura do caminho da felicidade pela mulher. Ou ainda, que encontrar o caminho da felicidade não seja desempenho da própria mulher. Em (10), a função apelativa promove a instigação do processo pelo parceiro agente:

(10) Se você quer dar prazer, não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.

A expressão “dar prazer” provoca um efeito de sentido associado à atribuição do sucesso da relação sexual ao parceiro atuante. Para a questão sexual envolvida, todavia, o sucesso de um compartimento inevitavelmente implica o sucesso do outro. Não obstante, justamente no emprego dessa construção, engendra-se o sarcasmo assinalado pela subjugação do ato sexual, no momento em que se relaciona um caráter lúdico à “busca pela mina”. E a instituição de “quem vai buscar” promove a imagem do homem que consegue satisfazer de forma eficiente a parte alvo, passiva na relação.

A partir desse ponto, para descrevermos as estratégias divulgativas com auxílio das quais se estrutura a reportagem, passamos a identificar os procedimentos linguístico-discursivos afluídos no texto.

⁶ A discussão poderia se estender à possibilidade de a reportagem tratar de um guia para um parceiro(a) não necessariamente do sexo masculino, entretanto, essa argumentação pode ser derrubada ao identificarmos construções do tipo: “Uma opção é usar um filme plástico do tipo magipack entre a língua do *menino* e a vagina da *menina*” (itálicos meus).

Procedimentos linguístico-discursivos de *expansão* e *variação*

a) Procedimento de *expansão*

O procedimento linguístico-discursivo de *expansão*, utilizado para a ampliação do conhecimento, próprio do discurso de divulgação, incide no texto por meio de quatro estratégias divulgativas que se sobressaem: *argumento de autoridade*, *definição*, *analogia* e *explicação* (este último predominantemente na segunda parte do texto).

Na primeira parte do texto, dois argumentos de autoridade são estrategicamente utilizados. Em um primeiro momento, o jornalista ratifica a resposta às perguntas retóricas do título, sinalizando (i) *definição* e (ii) *função* do órgão por meio da *afirmação* de uma autoridade, apontando a citação direta de uma ginecologista da Universidade Federal de São Paulo:

(11) "Por causa de seus milhares de terminações nervosas, o clitóris é a parte da vagina mais sensível ao toque, ao contato e à fricção, podendo levar a mulher ao orgasmo", afirma a ginecologista Carolina Teixeira de Carvalho, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Num segundo momento, também em citação direta, o *argumento de autoridade* apresenta os riscos sobre o sexo oral, bem como alternativas para se evitem possíveis contágios:

(12) "Afinal, o contato da boca com a vagina também pode transmitir doenças - inclusive a aids, se um dos dois parceiros tiver algum ferimento no local. Uma opção é usar um filme plástico do tipo magipack entre a língua do menino e a vagina da menina", diz Carolina.

Observam-se dados relevantes, em termos de credibilidade científica, atribuídos à evocação do nome da pesquisadora e de sua instituição. Informações sobre o contexto científico, como (i) quem realizou a publicação e (ii) a partir de qual instituição o fez, conferem à divulgação na mídia jornalística um efeito de sentido conexo ao verossímil – os detalhes, bem como a constituição de um texto que apresenta informações sobre a pesquisa, atribuem um caráter mais crível ao discurso.

Podemos observar em (11) a *definição* atrelada ao discurso de uma autoridade na área, por meio de uma conformação prototípica da definição: a utilização do verbo “ser” em “o clitóris é” e de termos especificadores tais como “sensível ao toque, ao contato e à fricção”. Para além das

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

definições associadas aos *argumentos de autoridade*, destacam-se outras definições no desenrolar do texto:

- (13) [...] o misterioso "clit" é um botãozinho na parte de cima da vagina [...].
(14) [...] o clitóris é a parte da vagina mais sensível ao toque, ao contato e à fricção, podendo levar a mulher ao orgasmo [...].
(15) [Grandes lábios] São a camada mais externa da vagina.

A *analogia* é outra importante estratégia divulgativa, já que facilita a compreensão dos leitores por associação a elementos cognoscíveis. A partir dela, os conceitos abstratos são comparados a aspectos mais próximos da realidade do público leigo. Observemos, a seguir, os casos de *analogias* encontradas no texto:

- (16) [...] onde os pequenos lábios formam um "V" [...].
(17) [...] comparado com o corpo dos meninos, o clitóris equivale à cabeça do bilau.
(18) [...] não dá para apertar o treco como se fosse uma campainha.
(19) [Pelos pubianos] Servem como um "tapete" para dificultar que a sujeira e microorganismos nocivos cheguem até a vagina.
(20) [Grandes lábios] funcionam como uma "almofadinha" durante a transa

Destaca-se deste último pequeno grupo do *corpus*, a *analogia* promovida em (17). Desde a apresentação de equivalência entre “corpo das meninas” e “corpo dos meninos”, o jornalista abre precedente para uma discussão de correspondência entre os gêneros – se os meninos mostram semelhanças com as meninas em seu corpo, isso quer dizer que, reciprocamente, as meninas manifestam traços do corpo dos meninos no seu próprio corpo.

Ao reduzir aspectos mais complexos acerca da anatomia humana, em particular, com relação à genitália indiferenciada que dá origem tanto à genitália masculina quanto à feminina, o texto divulgativo exhibe, em princípio, o corpo prototípico, para que, enfim, possa se compreender algo sobre sua dissidência. Parte-se do conhecimento acerca da anatomia masculina, a fim de se esclarecer sobre a, então, obscura anatomia feminina, numa espécie de ratificação do mito da costela de Adão, criadora da Eva, sendo o cerne masculino o princípio para referência à mulher.

b) Procedimento de *variação*

Considerando a necessidade de adequação da linguagem da revista de divulgação de curiosidades ao seu público geral e jovem, observa-se na reportagem a utilização de diversos exemplos de *variação*, através dos quais o jornalista articula uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática enfocada seja relativa ao tabu, a maior parte das *variações* não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário disso, ocorrem mais provocações de disfemismos para gerar humor, por meio de trocadilhos, ambiguidades e analogias inusitadas.

Organizamos, conforme os quadros subsequentes, as *variações* encontradas no texto, tanto para “clitóris”, quanto para as questões relativas ao tabu sexual de modo mais amplo:

Quadro 1: *variações* encontradas no texto para “clitóris”

Clitóris
“clit”
botãozinho
pequeno órgão
treco
campainha
“zona do agrião”
“botão do prazer”

Fonte: Produzido pelo autor.

Destaca-se deste quadro a utilização de expressões corriqueiras, tais como “botãozinho”, “treco” e “campainha”, corroborando a hipótese de que existe uma tentativa de aproximação com o público geral. A expressão “zona do agrião”, em especial, remete ao universo do futebol. Neste contexto, do esporte, o termo é utilizado para designar o espaço do campo próximo ao gol, local onde a movimentação dos jogadores é mais cuidadosa, mais decisiva. Nesse sentido, embora o futebol esteja radicado na cultura brasileira e seja o esporte mais popular do país, a utilização de uma gíria mais específica como esta pressupõe uma aproximação entre os leitores da revista e os conhecedores de tal prática esportiva. Enfim, dessa associação, pode-se depreender que sexo seja jogo. No jogo do sexo, o ato mais importante da partida se dá no entorno do gol. Assim é que, para se cumprir o principal objetivo do desafio, a dinâmica bola, impulsionada por um ativo jogador, ultrapassa por completo a linha entre as estáticas traves, imóveis como passivos postes que são. Por fim, há um eficiente vencedor, há um submisso vencido.

De ora em diante, ao identificarmos, de forma mais abrangente, sentidos conexos ao ato sexual, exibem-se, na reportagem, expressões também próprias do senso comum:

Quadro 2: *variações* encontradas no texto para “ato sexual”

Ato sexual
<i>amassos violentos</i>
<i>rala-e-rola</i>
<i>aventura lingüística</i>
<i>transa</i>

Fonte: Produzido pelo autor.

No que diz respeito, notadamente, à expressão “aventura lingüística”, destaca-se o caráter chistoso creditado ao termo “língua”, explorando-se sua ambiguidade e resvalando-se, a partir disso, no sentido da palavra derivada. Dessa forma é que se provoca uma referência ao sexo oral e, além disso, aos “mergulhadores” dessa prática. A construção “quem mergulha nessa aventura” habilita uma imaginação burlesca na relação entre mergulhar e fazer sexo oral, aprofundando seu risco através da palavra “aventura”.

Tanto esse processo sustentado sobre construções jocosas, quanto a cumplicidade simulada entre revista e leitor ostentam-se como recursos típicos do texto de divulgação científica publicado pela revista *Mundo Estranho*. Desde esses elementos lingüístico-discursivos, podemos, ademais, perceber representações de nossa sociedade que dizem respeito a questões não só sobre sexo, mas, sobretudo, sobre a imagem da mulher evocada em interações sociais ligadas ao senso comum.

Uma síntese para esta análise

Destacamos do texto o caráter explicativo e, principalmente, impregnado de recursos divulgativos que remetem ao prosaico, tematizando uma questão curiosa ao universo jovem. Nessa esteira, para além de uma função informativa que poderia ser atribuída à revista, percebemos a construção de chistes de maneira burlesca, os quais reafirmam o senso comum.

O número significativo de *variações* apresentadas no texto faz com que a reportagem esteja permeada de estratégias para torná-la mais acessível ao público leigo, superando os inevitáveis termos técnicos através de relatos mais familiares ao interlocutor não especialista. Entretanto, o que se observa não é somente a utilização da *variação* como uma estratégia de inteligibilidade, mas sim uma inserção a partir de termos jocosos, analogias inusitadas e metáforas, que aumentam o interesse de um leitor jovem. Para tanto, vale a pena destacar o tipo de registro utilizado, dotado de uma linguagem peculiar a esse universo. A representação dessas *variações* está atrelada à visão de mundo do público leitor em relação ao tema: os jovens e a abordagem sobre a questão sexual. Nesse

sentido, o que se observa é a utilização de uma linguagem além daquela tipicamente empregada em textos de divulgação científica, dotada de termos usuais e voltada para um público geral. A linguagem da *Mundo Estranho* vale-se de um léxico a reboque do achincalhamento.

Na mesma esteira, o emprego das estratégias divulgativas demonstra-se estar relacionado à tentativa de se promover uma maior aproximação com o leitor. Embora a temática abordada tenha sido relativa à uma questão tabu, a maior parte dos recursos não se dá em vista da modalização eufêmica da linguagem. Ao contrário, são mais provocações de difemismos para gerar humor.

Esses tons jocosos somente são possíveis uma vez que a temática em questão é o próprio tabu. Ao debochar do tabu, o jornalista procura se aproximar mais do cômico e do transgressivo. Dessa forma, a linha editorial da revista entra em sintonia com o público leitor, a qual apresenta uma aparente conduta de transgressão de paradigmas, através de piadas com assuntos interditos e da abordagem de temas curiosos a essa faixa etária.

Assim, a reportagem analisada não se configura como um veículo de mera difusão do conhecimento, facilitador de informação, mas sim um veículo que intenta também ironizar o tema de caráter tabu, visando a uma maior adesão de seu público leitor. Ao contrário do que se espera de um veículo difusor do conhecimento científico, ou seja, de uma mídia que buscava desfazer mitos arraigados em nossa cultura, esse tipo de comportamento pode contribuir ainda mais para a manutenção das concepções sexuais já difundidas pelo senso comum.

Ao apresentar um aporte científico para a abordagem do tema, é possível depreendermos do discurso da revista, através do tema relacionado à questão sexual que representa o homem e a mulher (ou o menino e a menina, nos termos do jornalista), o debate aventado na reportagem: a constituição de um discurso científico que considera o eixo de comparação acerca do universo feminino a partir do universo masculino e vice-versa.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o texto escrito por Rodrigo Ratier atinge uma relativa adequação à situação comunicativa a que se propõe a revista *Mundo Estranho*: divulgar o conhecimento através da aproximação entre a revista e o leitor, despertando a curiosidade deste, por meio de chistes e construções pilhéricas. No entanto, ao mesmo tempo que se coaduna com seu imaginável público, a publicação reproduz o discurso do senso comum, ainda patente nas práticas sociais contemporâneas de nossa cultura, associadas às questões sexuais relacionadas a figura da

mulher. Nessa perspectiva, reifica-se a sexualidade feminina, outorga ao homem o protagonismo na construção do prazer e reduz discussões sexuais complexas ao nível da zombaria.

Referências

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)*, Campinas, SP, v. 117, p. 127-147, 2003.

AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BACCEGA, M.; FREIRE, D. A publicidade nos livros didáticos do Ensino Médio. *Comunicação & Educação, Brasil*, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/7098>>. Acesso em 13 mar. 2012.

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerarios discursivos del saber: una necesidad, un problema, un hecho. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9-18, 1997.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto príon. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 12, p. 56-66, 1998.

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Gênero discursivo, mídia e identidade*. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007, p. 155-164.

CATALDI, C. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade*. Viçosa, MG: UFV, Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLet, 2009, p. 43-63.

CIAPUSCIO, G. Lingüística y divulgación de ciência. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p.19-28, 1997.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

TALKEY SHOWS E IMPRENSA: UMA LEITURA BASEADA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Maria Stella Galvão Santos¹

Resumo: O objeto desta comunicação é analisar os pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro no contato diário mantido com repórteres, na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília, batizados por seus assessores de “Talkey shows”. Destacaremos dois episódios que explicitam o grau de esgarçamento da relação entre jornalistas e o chefe do Executivo nacional. O do “furo” dirigido à jornalista Patrícia Campos Mello, da Folha de S. Paulo, e o das bananas oferecidas aos repórteres por um humorista durante um “talkey show”, respectivamente nos meses de fevereiro e março deste ano. Utilizaremos as ferramentas teóricas da Análise Crítica do Discurso, vertente teórica que postula o uso social da linguagem em interações nas quais se estabelecem relações de poder e dominação por grupos econômicos e políticos que utilizam a linguagem como forma de controle social, por meio de várias formas de práticas discursivas. Inclusive a chacota e a demonização da imprensa, no caso em exame. Utilizamos como referencial teórico Van Dijk (1990, 2009, 2011, 2017), Fairclough (2003), Charaudeau (2003, 2015) e Sodré (2017), entre outros, recorrendo às ferramentas de viés linguístico para analisar as relações entre linguagem, poder e controle social.

Palavras-chave: Imprensa. Análise Crítica do Discurso. Talkey shows.

Abstract: The purpose of this communication is to analyze President Jair Bolsonaro's pronouncements in his daily contact with reporters outside the Palacio da Alvorada in Brasilia, baptized by his advisors of "Talkey shows". We will focus on two episodes that explain the degree of breakdown in the relationship between journalists and the head of the national executive. The "scoop" episode, aimed at journalist Patrícia Campos Mello, from Folha de S. Paulo, and the bananas offered to reporters by a comedian during a "talkey show", in February and March of this year, respectively. We will use the theoretical tools of Critical Discourse Analysis, a theoretical aspect that postulates the social use of language in interactions in which power relations and domination are established by economic and political groups that use language as a form of social control, through various forms of discursive practices, such as mockery and demonization of the press. We use as theoretical references Van Dijk (1990, 2009, 2011, 2017), Fairclough (2003), Charaudeau (2003, 2015) and Sodré (2017), among others, using linguistic tools to analyze the relationships between language, power and social control.

Keywords: Press. Critical Discourse Analysis. Talkey shows.

¹ Jornalista, doutora em Educa o pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aluna de Letras Língua Espanhola (UFRN), Natal-RN, Brasil. E-mail: stellag@uol.com.br.

Resumen: El propósito de esta comunicación es analizar los pronunciamientos del presidente Jair Bolsonaro en el contacto diario con los reporteros en las cercanías del Palacio de la Alvorada, en Brasilia, bautizados por sus asesores de "Talkey Shows". Destacaremos dos episodios que explican el grado de fricción en la relación entre periodistas y el jefe del ejecutivo nacional. El del "furo" dirigida a la periodista Patrícia Campos Mello, de Folha de S. Paulo, y los plátanos ofrecidos a los periodistas por un comediante durante un "show de charla", respectivamente, en febrero y marzo de este año. Utilizaremos las herramientas teóricas del Análisis Crítico del Discurso, un aspecto teórico que postula el uso social del lenguaje en las interacciones en las que las relaciones de poder y dominación son establecidas por grupos económicos y políticos que usan el lenguaje como una forma de control social, a través de diversas formas prácticas discursivas incluyendo la burla y la demonización de la prensa. Utilizamos Van Dijk (1990, 2009, 2011, 2017), Fairclough (2003), Charaudeau (2003, 2015) y Sodré (2017), entre otros, utilizando herramientas de sesgo lingüístico para analizar las relaciones entre lenguaje, poder y control social.

Palabras-clave: Prensa. Análisis crítico del discurso. Talkey shows.

Introdução

Este artigo se propõe a analisar a prática discursiva do presidente Jair Bolsonaro em duas circunstâncias nas quais a relação conflituosa do chefe do Estado brasileiro com jornalistas chegou às raias do paroxismo, produzindo uma reação em cadeia dos meios de comunicação, das entidades representativas do setor, além de políticos de diferentes legendas. A nosso ver, os dois episódios explicitam a tática bolsonarista de demonizar os repórteres e os veículos que representam, apontando para uma intrincada relação entre a fala e as iniciativas concretas do governo. Líder de um governo marcado por enfrentamentos praticamente diários com jornalistas, Bolsonaro elevou a tensão no embate com o campo jornalístico em diversas oportunidades ao longo de 17 meses iniciais do mandato de quatro anos.

Esta análise se propõe, ainda, a desvelar os mecanismos pelos quais o atual mandatário do país transformou entrevistas coletivas diárias em um misto de espetáculo pessoal em tons histriônicos e em festival de desaforos vociferados para os profissionais de diversos veículos de comunicação, entre impressos, meios digitais, rádios e TV's. Busca, ainda, expor os artifícios utilizados por aqueles que controlam o discurso público e engendram estratégias que determinarão o teor das informações disseminadas. Ainda que desarticuladas e não raro burlescas, são elas que circularão no espaço público.

Uma das particularidades de tais "shows" é seu protagonista não admitir que jornalistas no exercício das atividades profissionais questionem declarações e ações do

governo. Quando isso ocorre, ele sobe o tom agressivo e encerra abruptamente a entrevista. O discurso diário de Bolsonaro nos arredores do Palácio da Alvorada, invariavelmente aplaudido pelos simpatizantes presentes, foi apelidado por assessores palacianos de talk show e adaptado para "talkey show", devido ao vício de linguagem dele, de terminar frases com a pergunta "tá ok?". Esta análise está baseada em dois episódios paradigmáticos do enfrentamento a que nos referimos acima, ocorridos em fevereiro e março/2020, selecionados em função de representarem um ataque frontal aos profissionais de imprensa e que geraram ampla repercussão junto à opinião pública e aos meios de comunicação.

Inicialmente, abordaremos os pressupostos conceituais da metodologia empregada, Análise Crítica do Discurso (ACD), seguindo-se os relatos episódicos dos textos (ou discursos, melhor compreendido), seu contexto e repercussão. Trata-se de um recorte metodológico que se propõe a destacar eventos episódicos como exemplos de uma prática corrente em dado contexto, no caso, o atual cenário político brasileiro. Contemplado desde meados dos anos 1960, este campo de estudos se institucionalizou de forma mais explícita a partir da década de 1980. Este tipo de análise bebe, entre outras fontes, na Linguística Crítica, conduzida no final da década de 1970 na Inglaterra por Roger Fowler, que propôs ferramentas de viés linguístico para analisar as relações entre linguagem, poder e controle social. Nesta direção convergem as ideias do também britânico Norman Fairclough, para quem a prática discursiva é indissociável da prática social.

Diferentes discursos são diferentes perspectivas sobre o mundo, e eles estão associados com as distintas relações que as pessoas assumem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, suas identidades sociais e pessoais, e as relações sociais que elas instauram com os outros. Discursos não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como ele é visto que é); eles são também projetivos, imaginários, representando mundos possíveis que são diferentes do mundo real, e ligados a projetos para mudar o mundo em determinadas direções. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124)

Diferentes âmbitos da análise do discurso

De fato, como abordagem metodológica para análise de manifestações pessoais ou institucionais (discursivas, portanto), a análise do discurso se constituiu em um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos realizada por sujeitos históricos, utilizando-se de linguagens de uso corrente para disseminar informações e pontos de vista. Segundo van Dijk (2011), em *Ideología y Discurso*, os mais variados recursos, como as

figuras de linguagem ou a estrutura textual utilizada por um grupo de agentes sociais acerca de outro, desempenham funções ideológicas dentro do discurso. Como afirma o autor, o significado do discurso não se limita ao significado das palavras e frases. “O discurso também conta com significados mais globais, como os “temas”, que representam a informação mais importante do discurso e explicam do que este trata em geral.” (van Dijk, 2011, p. 59). Especialmente na medida da sua redundância, como na ênfase do presidente ao dirigir-se em tom ofensivo à imprensa. E, de acordo com Fairclough (2003, p. 22), “qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”.

Por outro lado, ainda que as agressões sistemáticas aos profissionais de imprensa por parte do chefe do Executivo apareçam com frequência no noticiário, elas podem ser inferidas a partir da análise do conjunto textual do fato reportado. “Na condição de analistas críticos, podemos mostrar como determinados elementos léxicos ou metáforas são utilizados com o propósito de construir os detalhes dos acontecimentos ou as características de algumas pessoas nesses modelos mentais.” (Van Dijk, 2009, p. 48). Utilizaremos alguns níveis de análise propostos por este autor, seja por sua aplicabilidade a diversos âmbitos discursivos ou porque o modelo defendido por este autor reporta-se, de modo geral, a texto (discurso) e contexto (social e cognitivo). A análise do teor discursivo das falas presidenciais será feita em três tópicos relacionados ao significado daquilo que é proferido, a saber:

- a) **Temas:** Representam a informação mais importante e explicam a abordagem do discurso.
- b) **Nível de descrição:** Fornece muitos ou poucos detalhes sobre um fato, ou descreve-o de maneira específica ou abstrata e geral.
- c) **Exemplos e ilustrações:** Uso de narrativas e ilustrações que servem de apoio às proposições e argumentos. Neste tópico inscrevemos duas imagens obtidas por fotojornalistas durante os episódios analisados, de maneira a destacar os aspectos da representação e processamento visual do contexto, como pontuado por van Dijk. (2017, p. 123)

Há, ainda, a categoria das estruturas proposicionais também elencadas por Van Dijk para análise de como o significado do discurso se organiza e pode ser decomposto em assertivas ou proposições. Uma frase expressa uma ou mais ideias que podem ser verdadeiras ou falsas ou expressam um “pensamento completo” (van Dijk, 2011, p. 25) Esta modalidade se adequa ao emissor presidencial, cujas expressões preferenciais, no calor do embate com os jornalistas, são sentenças soltas e pontuadas por interrogações ou impropérios. As estruturas

proposicionais que compõem um discurso podem lançar mão de pressuposições e generalizações, buscando efeitos de verdade a partir de ocorrências e/ou declarações pontuais.

Dois discursos paradigmáticos do conflito

No histórico dos embates de Bolsonaro com profissionais da apuração jornalística, destacamos dois eventos marcantes, ambos ocorridos no primeiro trimestre de 2020. Preliminarmente, é importante citar que tais eventos se inscrevem nos chamados *Talkeys Shows*², encontros diários do presidente com jornalistas e apoiadores na saída da residência oficial, em Brasília. Nesses encontros diários, o roteiro do mandatário que atua como porta-voz do próprio governo inclui dar recados a aliados e adversários, comentar acontecimentos e hostilizar, com agressões verbais e eventualmente gestuais, a repórteres, fotógrafos e cinegrafistas. Na segunda semana de fevereiro/2020, Bolsonaro mandou uma repórter da Folha "calar a boca", ao ser questionado sobre o conflito de interesses envolvendo o chefe da Secretaria de Comunicação, Fabio Wajngarten, sócio de uma empresa que tem clientes contratados pelo governo.

O primeiro entrevero grave que é objeto desta análise envolveu uma jornalista da Folha de S.Paulo, Patrícia Campos Mello, que se notabilizou especialmente por reportagens sobre a compra de mensagens ilegais por apoiadores do então candidato à presidência pelo PSL. Em 18 de outubro de 2018, o escândalo veio à tona sob o título “Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*”. A investigação, tema de várias reportagens de Mello, tornou-a alvo de mensagens de ódio e notícias falsas na Internet, e foi um dos fatores geradores da CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) das *Fake News*³, criada em setembro/2019 no Congresso Nacional.

Ao contrário do que preconiza Charaudeau (2003), ao afirmar que a linguagem não é transparente e apresenta sua própria opacidade mediante a qual se constrói uma visão e sentido particular de mundo, a verborragia do atual ocupante do Palácio do Planalto produz um sentido explicitamente insultuoso em todas as ocasiões nas quais ele ou seu governo foram confrontados com perguntas incômodas por parte dos profissionais de imprensa. A

² Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/talkey-show-de-bolsonaro-reune-ex-petistas-padres-e-youtubers-no-alvorada.shtml>>. Último acesso em 15/4/20.

³ A CPMI foi instalada em setembro de 2019 para investigar, no prazo de 180 dias, "os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de *cyberbullying* sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio". Fonte: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51745900>>. Último acesso em 10/4/20.

mecânica de construção do sentido produzida pelos meios de comunicação, como afirma Charaudeau, resulta “da imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas” (2015, p. 40). Ou seja, as ideias que habitam os discursos nascem de uma lógica discursiva interiorizada e, simultaneamente, reagem ao peso das circunstâncias e dos interesses nos e pelos quais são produzidas. No caso de Bolsonaro, esta lógica está centrada em uma tática de confrontação simbolicamente belicista e não raro baseada em inverdades. Buscamos, assim, examinar o impacto do discurso presidencial em seu intento de desqualificar o trabalho da imprensa e relativizar seu papel no Brasil atual.

Em 18 de fevereiro/2020, sob o título “Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual”⁴, o repórter Gustavo Uribe relata a fala presidencial dirigida a Patrícia Mello no encontro com jornalistas no chamado “cercadinho” do Palácio da Alvorada, em Brasília⁵. “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo⁶ [risos dele e dos demais] a qualquer preço contra mim.” A declaração referia-se ao depoimento de um ex-funcionário de uma agência de disparos de mensagens em massa por WhatsApp que havia sido dado na semana anterior à CPMI das *Fake News*. No mesmo dia do insulto público dirigido à repórter, a Folha de S.Paulo emitiu nota de repúdio: “O presidente da República agride a repórter Patrícia Campos Mello e todo o jornalismo profissional com a sua atitude. Vilipêndia também a dignidade, a honra e o decoro que a lei exige do exercício da Presidência”.

Ainda no dia 18, à tarde, ao deixar o Palácio da Alvorada após reunião com ministros, como relata reportagem do portal G1⁷, do grupo Globo de Comunicação, Bolsonaro voltou ao tema, conhecedor da repercussão e dos ruídos produzidos pela grosseria destilada na manhã daquele dia. “Alguém da Folha de S.Paulo aí? Eu agredi sexualmente uma repórter hoje? Parabéns à mídia aí. Não quero conversa.”

Esta construção discursiva se insere na ideia de que modelos mentais precedem um acontecimento ou manifestação. “Na análise ideológica do discurso, é muito importante estudar porque estão explícitos alguns significados inferidos de uma frase ou um texto. A

⁴ Disponível no link <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>>. Último acesso em 10/4/20.

⁵ O “cercadinho” do Palácio da Alvorada ganhou notoriedade ao longo do primeiro 1,5 ano de mandato de Jair Bolsonaro. É ali que ele fala ou esbraveja com os jornalistas, após deixar o local, no início das manhãs, e onde se dirige aos apoiadores que formam uma claque ruidosa a cada xingamento ou vitupério em tom jocoso dirigido aos profissionais de imprensa. Estes estão separadas dos apoiadores por uma grade.

⁶ Furo, no jargão da imprensa, refere-se à informação exclusiva obtida por jornalistas. Assim, um veículo “fura” os demais ao publicar essa informação que só ele dispõe, por mérito dos seus profissionais.

⁷ Disponível no link <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/18/bolsoro-repete-declaracao-de-empresario-de-que-jornalista-ofereceu-sexo-por-informacao.ghtml>>. Último acesso em 10/04/20.

opção de expressar uma informação ou deixá-la implícita não é neutra.” (van Dijk, 2011, p. 60). É possível referir-se aos jornalistas utilizando muitas expressões e descrições mais ou menos sinônimas, mas os significados nos usos e nas implicações ideológicas serão diferentes. Outras propriedades semânticas do discurso se definem na relação entre proposições como as paráfrases, expressões cujo significado é aproximado mas não configuram sinônimos. O trecho “parabéns à mídia aí” unifica no termo mídia⁸ uma referência que se tornou recorrente no imaginário popular aos meios de comunicação, incluídos os produtos de entretenimento, em frases como “a culpa da mídia” ou “a mídia impõe padrões”. No caso da fala de Bolsonaro, o advérbio “aí” transforma-se em interjeição e agrega uma condição intrinsecamente reducionista da chamada “mídia”. Como pontua Charaudeau (2003), cada discurso modula seus efeitos de verdade de uma maneira particular.

No caso do discurso da informação, este modula esses efeitos de acordo com o que se poderia considerar razões pelas quais se transmite uma informação, segundo as características particulares e sociais de quem fornece a informação (identidade e segundo os meios que utiliza para provar sua veracidade. (CHARAUDEAU, 2003:60)

Um aspecto estratégico a ser analisado nos estudos de comunicação [nos referimos, aqui, à comunicação institucional promovida por detentor de cargo público] é, conforme Bourdieu (1989), a maneira pela qual o campo político e o campo midiático transformam-se em um complexo espaço de lutas simbólicas que são atravessadas pela figura fundamental da palavra do porta-voz (o político, o líder comunitário, a fonte, o âncora, o repórter etc.): “O porta-voz é aquele que, ao falar de um grupo, ao falar em lugar de um grupo, põe subrepticamente a existência do grupo em questão, institui este grupo, pela operação de magia que é inerente a todo o ato de nomeação.” (BOURDIEU, 1989, p. 159). O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem – como diagnostica o sociólogo que se debruçou sobre a seara dos discursos informativos – ou, melhor dizendo, “o poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. (idem, pp. 14-15).

⁸ Os primeiros teóricos dos meios de comunicação empregaram a palavra latina *media*. Como eram teóricos de língua inglesa, diziam: *mass media*, isto é, os meios de massa. A pronúncia, em inglês, do latim *media* é “mídia”. Quando os teóricos de língua inglesa dizem “the media”, estão dizendo: “os meios”. Por apropriação da terminologia desses teóricos no Brasil, a palavra “mídia” passou a ser empregada como se fosse uma palavra feminina no singular – “a mídia”. (CHAUÍ, 2006, p. 35).

Em artigo publicado na Folha em 8 de março, intitulado “No Brasil, ser mulher nos transforma em alvo de ataques”⁹, Patrícia Mello detalhou as razões da fala misógina e grosseira a ela dirigidas pelo titular do executivo federal. O linchamento virtual, como qualifica Mello, começou depois que Hans River do Rio Nascimento, ex-funcionário da agência de marketing Yacows, fez um depoimento à CPMI das *Fake News*. Hans foi entrevistado para a reportagem “Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de *WhatsApp* na eleição”, publicada pela Folha em 2 de dezembro de 2018 e escrita pelos repórteres Artur Rodrigues e Patrícia Campos Mello. Ela esclareceu que a reportagem, baseada em documentos públicos da Justiça do Trabalho, fotos, planilha e em relatos de Hans, mostrou que uma rede de empresas, entre elas a Yacows, recorreu ao uso fraudulento de nome e CPFs de idosos para registrar chips de celular e garantir o disparo de lotes de mensagens em benefício de políticos. “Em seu depoimento à CPMI, Hans contou diversas mentiras, entre elas a de que eu teria tentado obter informação ‘a troco de sexo’.”

Bananas simbólicas e reais

O acirramento das reações raivosas do presidente da República aos questionamentos dos jornalistas no “cercadinho” da Alvorada teve no gesto de “dar uma banana” à imprensa uma representação paradigmática do desprezo do nosso personagem pelos profissionais que cumprem a pauta diária e obrigatória de acompanhar a movimentação pública da autoridade máxima do Executivo. No início, o gesto foi usado em pelo menos duas vezes antes daquela que se converteria em um *case* da comédia de *stand up* imiscuída na política brasileira. Em 8/fevereiro, de forma inédita, a reação envolveu a conhecida maneira de demonstrar desdém, sujeitar o antebraço direito com a mão esquerda e levantar o braço direito com o punho cerrado em direção ao próprio rosto. A “banana” (**Foto 1**) direcionada ao grupo de profissionais que portavam microfones, gravadores e câmeras foi a resposta do presidente às perguntas dos repórteres relacionadas à repercussão negativa a uma declaração sua, três dias antes, sobre pessoas com HIV representarem uma despesa para o país. Portadores de HIV, conforme registro da BBC Brasil de 6/fevereiro¹⁰ utilizaram a *hashtag* #EuNaoSouDespesa para criticar declaração de Bolsonaro sobre o tema.

⁹ Disponível no link <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depoimento-no-brasil-ser-mulher-nos-transforma-em-alvo-de-ataques.shtml>>. Último acesso em 10/04/20.

¹⁰ Disponível no link <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51409101>>. Último acesso em 10/04/20.

Foto 1



Fonte: Último Segundo (15/02/2020). Crédito: Reprodução

A segunda "banana" foi motivada por perguntas sobre o desmonte da tradicional Biblioteca da Presidência da República, no Anexo I do Palácio do Planalto, para abrigar a equipe do programa Pátria Voluntária, coordenado pela primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Em registro de O Correio Braziliense¹¹ de 15/fevereiro/2020, disse o marido de Michelle: “Vocês só se preocupam com besteira. Nenhum livro vai embora, vai ficar tudo lá. [...] Em vez de vocês elogiarem, vocês criticam. Tenha paciência. Quem age assim merece uma banana”.

O melhor, em termos de metáfora abusiva no trato com os jornalistas, estava por vir. Nenhum gesto foi tão depreciativo das atitudes do governante frente à imprensa quanto o aval dado à performance do comediante Márvio Lúcio, o Carioca. Na manhã de 4 de março, ele chegou à área externa do Palácio da Alvorada pouco antes do presidente, em um carro oficial, fantasiado de Jair Bolsonaro e com faixa presidencial, oferecendo bananas reais e simultaneamente simulacros, aos jornalistas (**Foto 2**).

Na Folha de S. Paulo¹², a notícia sobre a insólita apresentação foi veiculada na editoria de Economia, que atribuiu o cenário e seu teor a uma estratégia diversionista montada pelo governo, como explicita o título da reportagem: “Após PIB desacelerar, Bolsonaro usa humorista para evitar assunto”. O tema do dia era o de que a economia brasileira, mensurada

¹¹ Disponível no seguinte endereço, acessado em 15/03/20:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/15/interna_politica,828365/bolsonaro-volta-a-dar-banana-a-jornalistas-so-se-preocupam-com-beste.shtml>

¹² Disponível no link <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm>>. Último acesso em 10/04/20.

pelos números atrelados ao Produto Interno Bruto (PIB), havia crescido apenas 1,1% em 2019, primeiro ano do novo governo, pior desempenho dos últimos três anos, segundo a reportagem da Folha de S. Paulo. Quando o presidente chegou à cena montado com o ator e as bananas [fartamente distribuídas entre os ruidosos apoiadores do governo], os repórteres prontamente quiserem ouvi-lo sobre a pífia atividade econômica do ano anterior. “PIB? O que é PIB? Pergunta para eles [jornalistas] o que é PIB”, disse Bolsonaro ao humorista, ambos às gargalhadas.

Foto 2



Fonte: O Estado de S. Paulo (04/02/2020). Crédito: Dida Sampaio

Os discursos sob análise

No primeiro episódio objeto desta análise, em 18 de fevereiro, pela primeira vez a fala do presidente é dirigida a um profissional de imprensa em particular, a jornalista Patrícia Campos Mello, cujas reportagens estavam no centro das audiências e depoimentos colhidos pela CPMI das *Fake News* [instalada na Câmara dos Deputados em setembro/2019]. A íntegra

da passagem discursiva feita na manhã daquele dia no “cercadinho da Alvorada” foi extraída da edição online do jornal Correio Braziliense.¹³ Segue o teor integral:

“Olha a jornalista da Folha de S.Paulo. Tem mais um vídeo dela aí. Não vou falar aqui porque tem senhoras aqui do lado. Ela falando: ‘Eu sou ‘tá, tá, tá’ do PT’, tá certo? No depoimento do Hans River, no final de 2018, para o Ministério Público, ele diz do assédio da jornalista em cima dele. Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim. Lá em 2018, ele [Hans] já dizia que ela chegava e ia perguntando: ‘O Bolsonaro pagou para você divulgar pelo *Whatsapp* informações?’ E outra: se você fez *fake news* contra o PT, menos com menos dá mais na matemática. Se eu for mentir contra o PT, eu estou falando bem porque o PT só fez besteira.”

O **tema** abordado pelo presidente foi extraído, em verdade, de uma ocorrência factual, o depoimento de Hans River à CPMI em 11/fevereiro/2020, quando este repetiu o mesmo argumento já utilizado junto ao Ministério Público Eleitoral, em dezembro/2018, alegando um hipotético assédio, prontamente rechaçado pela jornalista. Bolsonaro voltou ao tema usando a palavra "furo" em duplo sentido, somando ao jargão jornalístico a clara associação com a disponibilidade sexual de uma mulher ou ainda mais expressamente, à sua genitália. "Ela queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim", disse aos risos, entre gargalhadas da plateia.

O **nível de descrição** é sofrível, limitando-se a frases soltas com interjeições que se tornaram a marca registrada do político: isso aí, tá certo, tá ok, invariavelmente em tom interrogativo, buscando a complacência e identificação dos interlocutores. Inexiste qualquer preocupação de contextualizar o comentário, que principia de maneira aleatória. “Olha a jornalista da Folha de S. Paulo, mais um vídeo dela aí.” Na sequência, aparece de maneira confusa uma onomatopeia, “tá tá tá do PT” para sugerir que a repórter disse ter votado no Partido dos Trabalhadores. A legenda partidária é usada no curso da frase com **exemplo**, de maneira repetida, configurando, à maneira obsessiva, um pleonasma. No período de oito linhas que compõem a fala atabalhoada do titular do Executivo, o partido adversário é citado quatro vezes.

No segundo episódio marcante do embate do presidente frente aos repórteres, o **tema** é, na realidade, uma metáfora despida de qualquer indício de sutileza. A banana brandida pelo

¹³ Disponível no seguinte endereço, acessado em 15/03/20:
<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml>.

comediante Carioca é uma metáfora **ilustrativa** e significa, na prática, um escarnecimento frente ao trabalho desenvolvido pelos profissionais de imprensa, um gesto de desprezo poucas vezes ousado por um político em atividade. Vejamos o diálogo travado entre repórteres e os dois “presidentes”:

Repórter: Presidente Bolsonaro, o senhor falará sobre o PIB?

Bolsonaro: PIB? O que é PIB?

Carioca: O que é PIB? Paulo Guedes, Paulo Guedes...

Repórter: A pergunta é para o presidente, não pro senhor. Bolsonaro: Posto Ipiranga.

Carioca: Posto Ipiranga.

Bolsonaro: Outra pergunta.

Carioca: Outra pergunta, outra pergunta.

Repórter: Presidente, comenta o PIB conosco.

Carioca: Mas é o Paulo Guedes, é o Paulo Guedes.

A cena, batizada em coluna da Folha de S. Paulo como “Circo Bolsonaro”¹⁴, representa “o contorcionismo que Jair Bolsonaro faz para não responder perguntas indesejadas”, escreveu a colunista Mariliz Pereira Jorge em 5/março. A intervenção também configura a chamada entrevista anedótica, caracterizada por “conversações frívolas, ineptas, complacentes”. (MEDINA, 1986, p. 14). A autora agrupa as entrevistas em duas tendências: a de espetacularização e a de compreensão [aprofundamento]. Na primeira, sobressai o grotesco, o picante, os traços sensacionalistas (idem, p. 16).

Inexiste qualquer descrição acerca da cena montada além de atuar, como já relatado, como cortina de fumaça para encobrir o mau desempenho do PIB brasileiro em 2019. O comediante reforça o caráter histriônico da cena repetindo, qual ventríloquo, o que é perguntado ao presidente. Este tipo de caso é apenas um dos efeitos da relação invertida entre acontecimento e informação, como pondera Sodré ao citar uma máxima de Baudrillard segundo a qual “a informação do acontecimento é substituída pelo acontecimento da informação” (BAUDRILLARD *apud* SODRÉ, 2012, p. 134). Ou seja,

¹⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2020/03/circo-bolsonaro.shtml>>.  ltimo acesso em 10/05/20.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Quando a informação é parte ativa no acontecimento, o sujeito da recepção (o público leitor ou espectador) é lançado na incerteza quanto a qualquer verdade da ocorrência, o que concorre para neutralizar a ideologia “realista” do discurso informativo (logo a objetividade da notícia) e aproximá-lo dos discursos em que reinam os efeitos mitológicos, como os da publicidade e os da performance espetacular, em que se tornam irrelevantes as distinções entre o verdadeiro e o falso. (idem)

Em “A narração do fato, notas para uma teoria do acontecimento”, Sodré sustenta que há certas características, nas narrativas jornalísticas, que podem provocar uma sensação de ordenamento e segurança na experiência do cotidiano de leitores habituais. “O acontecimento jornalístico reaviva em cada indivíduo o sentimento de mundo, quando não uma reacomodação sensível do cotidiano, amenizando, senão neutralizando, a impotência terapêutica coletiva.” (SODRÉ, 2012, p. 97).

A contribuição de Bourdieu neste campo é decisiva para explicitar os mecanismos simbólicos entranhados nas mensagens que circulam no meio social, incluídas as de mídias massivas. O autor propõe que o que circula no mercado linguístico não é exatamente a língua corrente, “mas discursos estilisticamente caracterizados ao mesmo tempo do lado da produção [...], e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para *produzir* a mensagem que ele percebe e aprecia.” (BOURDIEU, 2008, p. 25, grifo do autor). Na perspectiva do sociólogo francês, isolar a linguagem de suas condições sociais de produção é ignorar que a resposta para a eficácia simbólica da comunicação não está na linguagem em si, mas no mundo social que a produziu. Logo, relações de comunicação são relações de poder fundadas em um arbítrio, em relações de violência simbólica, socialmente instituídas.

Na mesma direção, Castells pontua que o poder se exerce fundamentalmente construindo significados na mente humana mediante processos de comunicação que têm lugar nas redes de comunicação de massa, incluída, como destaca o autor, a autocomunicação de massa. Logo, os discursos diários de Bolsonaro, aparentemente frívolos e desarticulados, revelam uma estratégia com alvos bem direcionados quanto à recepção das mensagens, a começar pela claque ruidosa presente a esta modalidade de entrevista coletiva. A demonização da imprensa válida, em contrapartida, a estrutura das *fake news*. Dia após dia, ao longo dos primeiros 500 dias de mandato, o presidente fez dessa prática uma parte importante do seu *modus operandi*, convergindo para parte da ritualística do poder um componente de histrionismo agressivo que mira o teor informativo a ser disseminado. Diz Castells: “Ainda que as teorias sobre o poder e a observação histórica apontem para a importância do

monopólio da violência por parte do estado (...), a capacidade para empregar com êxito a violência ou a intimidação requer o enquadramento individual e coletivo das mentes.” (CASTELLS, 2009, p. 535). Nisto consiste, em grande parte, o teor irascível que emana do arremedo de entrevistas coletivas na Brasília comandada por Jair Bolsonaro.

Considerações finais

A atividade jornalística na seara política, especialmente para repórteres lotados nas sucursais dos veículos na capital federal, tornou-se uma atividade de risco. Em boa medida, pelas posturas e atitudes adotadas pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, no contato diário com estes profissionais. São sessões diárias marcadas por gritos, humilhação, escárnio e desqualificação do trabalho dos jornalistas, o que termina potencializado pela presença de apoiadores do governo que reforçam o discurso do mandatário do país. Uma situação tão limítrofe que, na última semana de maio/2020, vários meios de comunicação, liderados por Folha de S. Paulo e O Globo, anunciaram que deixariam de enviar repórteres para tais sessões. Outros veículos de imprensa os seguiram, poupando seus profissionais do arremedo de entrevista coletiva travestido de afago nos apoiadores, por sua vez incitados a subir o tom contra os jornalistas. Foi o que se viu em 31 de março, quando os xingamentos dos populares levaram a uma retirada da tropa jornalística. Convém ressaltar que, à época da edição final deste artigo, na primeira semana de agosto/2020, o (des)encontro matutino de Bolsonaro com os repórteres foi praticamente suspenso, em parte para evitar-se aglomerações como recomendado pela pandemia do novo coronavírus, aliás, recomendação seguidamente descumprida pelo presidente em encontros de rua com seus apoiadores.

A ruptura ocorrida em maio/2020 representou uma quebra na relação de tácito respeito que marcou, na história republicana brasileira, a relação entre poder e mídias. Fonseca, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada), informa que a história brasileira é atravessada por episódios nos quais a imprensa teve papel decisivo no curso de eventos que produziram impactos substantivos na estrutura sociopolítica do país. Ele também chama a atenção para o fato de que a mídia, concebida como ator político-ideológico, representa uma das instituições mais eficazes quanto “à inculcação de ideias junto a grupos estrategicamente reprodutores de opinião, caracterizando-se como polos de poder.” (Fonseca, 2010, p. 16).

Curiosamente, no dia anterior ao infeliz episódio das bananas oferecidas aos profissionais por um comediante travestido de presidente, o governo reeditou e publicou uma

cartilha de 2018 sobre a proteção de jornalistas e outros comunicadores. O documento traz as obrigações governamentais acerca da prevenção, proteção e acesso à justiça em casos de violência cometida contra esses profissionais em razão do exercício do seu direito à liberdade de pensamento e expressão. Entre as obrigações do governo, incluem-se a de fazer discursos públicos que contribuam para prevenir a violência contra jornalistas e comunicadores e campanhas e capacitações de agentes do Estado sobre o papel desses profissionais em sociedades democráticas, diz o documento. Exatamente o oposto das ações do presidente.

A atual gestão levou às últimas consequências o que o professor Marcondes Filho vem apontando em seus livros acerca da precarização da atividade dos jornalistas. “O trabalho aumentou, o contingente foi reduzido, as responsabilidades se tornaram mais individuais.” (Marcondes Filho, 2009, p. 61) No atual momento da democracia brasileira, esses riscos se tornam ainda mais evidenciadas, como é exemplo o escárnio com que são tratados estes profissionais. Dos encontros no cercadinho [também classificado informalmente de “chiqueirinho”], quando não há produção de fatos, senão das diatribes de um presidente preocupado, como um monarca aparvalhado, a falar a seu séquito e ser por ele incensado, com prejuízo para os profissionais colocados em situação vexatória.

Enfim, acreditamos que a ferramenta analítica oferecida pela ACD permite voltar nosso olhar para este novo cenário no caso brasileiro, em particular, e buscar compreender de que maneira tais encenações buscam, de maneira sub-reptícia ainda que discursivamente explícita, atuar como cortina de fumaça para evitar a abordagem, pelos repórteres, de assuntos espinhosos e polêmicos no cotidiano de governos. Como afirma van Dijk, vemos que a produção e o entendimento do texto e da fala implicam fundamentalmente o que tradicional e informalmente se conhece como o contexto deste discurso, “o que compreende categorias como a identidade e papel do participante, a instituição, o lugar, o momento, as ações políticas e os artifícios a elas relacionadas” (VAN DIJK, 2017, p. 21-22). E, claramente, compreende as estratégias e táticas diversionistas e manipuladoras de discursos articulados desde um lugar e com propósitos evidentes.

Referências:

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CASTELLS, M. *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
- CHAUÍ, M. *Simulacro e Poder*. Uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- _____. *El discurso de información: La construcción del espejo social*. Barcelona: Gedisa, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UnB, 2003.
- FONSECA, F. *Mídia e Poder: elementos conceituais e empíricos para o desenvolvimento da democracia brasileira*. Brasília: Editor IPEA. Setembro/2010.
- FOWLER, R. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. Londres: Routledge, 1991.
- MARCONDES FILHO, C. *Ser jornalista: O desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MEDINA, C. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- SODRÉ, M. *A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- VAN DIJK, T. *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990.
- _____. *Discurso y poder*. Barcelona: Gedisa, 2009.
- _____. *Discurso y Contexto: Un enfoque sociocognitivo*. Barcelona: Gedisa, 2017.
- _____. *Ideología y Discurso*. Barcelona: Ariel, 2011.

DISCURSO DE RESISTÊNCIA ÀS AVESSAS: O CASO DO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL A RESPEITO DA PANDEMIA

Anderson Silva¹

RESUMO: Este artigo objetiva evidenciar um discurso de resistência às avessas, no qual o Presidente da República procurou descredibilizar os fatos e recomendações dos discursos científicos, largamente conhecidas no país e no mundo, a respeito das medidas de prevenção contra o Coronavírus. Para tal empreendimento, recorremos aos construtos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, tendo como instrumentos de análise os conceitos de enunciado concreto, relações dialógicas e polêmica aberta. Em termos organizacionais, utilizamos como base o pronunciamento disponibilizado na página oficial do governo federal, no qual delimitamos por sua versão escrita. Em nossas considerações finais, observamos relações dialógicas dissonantes ao que foi recomendado pela Organização Mundial de Saúde, bem como pelas autoridades sanitárias brasileiras, governadores e prefeitos, indo contra a tudo que a ciência recomendava, caracterizando um discurso de resistência ao que foi comprovado pela ciência e experiência de países que passaram pela pandemia antes do Brasil. **PALAVRAS-CHAVE:** Polêmica aberta. Relações dialógicas. Enunciado concreto. Pandemia.

ABSTRACT: This paper aims to highlight a discourse of resistance to the reverse, in which the President of the Republic sought to discredit the facts and recommendations of Scientific discourses regarding the measures to prevent Coronavirus widely known in the country and in the world. For this endeavor, we resort to the theoretical and methodological constructs of Dialogical Discourse Analysis, having as instruments of analysis the concepts of utterance, dialogical relations and open controversy. In organizational terms, we use as basis the pronouncement made available on the official page of the federal government. In our final remarks, we observed dissonant dialogical relations to what was recommended by the World Health Organization, as well as by Brazilian health authorities, governors and mayors, going against everything that science recommended, characterizing a discourse of resistance to what was proven by science and experience of countries that went through the pandemic before Brazil.

KEYWORDS: Open controversy. Dialogical relations. Utterance. Pandemic.

Palavras iniciais

Em meio a pandemia originada pelo Coronavírus² e o crescimento dos casos positivos de COVID-19, bem como das muitas mortes no Brasil no início de 2020 em decorrência da

¹ Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP)/ Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LAEL/PUCSP. São José dos Campos, São Paulo, Brasil. E-mail: andcs23@hotmail.com.

² Informações do Ministério da Saúde do Brasil: Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. **O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19** após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela

pandemia, na noite de 24 de março de 2020, houve um pronunciamento em cadeia nacional do então Presidente da República Jair Bolsonaro. Indo contra explicitamente ao pedido de isolamento social e ressaltando a amenização das regras desse isolamento, esse discurso destacou-se pelas polêmicas lançadas que desagradaram a imprensa, autoridades de saúde, políticos, parte da população, bem como por figuras próximas dentro do próprio Palácio do Planalto. As opiniões contrárias ao discurso presidencial de flexibilização foram massivamente divulgadas por diversas autoridades de diferentes áreas por meio de jornais impressos, telejornais e pela mídia virtual, por meio de redes sociais de grande circulação, chamando-nos nossa atenção pela temática.

Nesse sentido, alinhada à temática do dossiê deste periódico, esta investigação tem como escopo evidenciar um discurso de resistência às avessas, no qual o Presidente da República procurou desacreditar fatos e recomendações dos discursos científicos a respeito das medidas de prevenção ao Coronavírus. Destarte, esta investigação explicita também a importância que o pronunciamento de um chefe da nação possui, servindo de exemplo, positivo ou negativo, para milhares de cidadãos. Como representante de uma parcela considerável da população, o Chefe do Poder Executivo possui, com seu discurso, uma influência considerável em parte dos seus simpatizantes, algo que pode ser prejudicial, dependendo da mensagem a ser passada por suas palavras e atitudes.

Justificado a constituição deste trabalho, bem como a contextualização sócio-histórica em que se insere nosso objeto de análise, nossas leituras e análises críticas considerarão as polêmicas levantadas pelo discurso apresentado no pronunciamento oficial elegido, bem como as relações dialógicas existentes a partir das afirmações divulgadas por meio da materialidade linguística, o que causou uma sucessão de reações em todos os canais de informação. Desse modo, para embasar nossas discussões, amparamo-nos nos construtos teórico-metodológicos engendrados por Bakhtin e o Círculo, nos quais têm sido largamente difundidos pelo Brasil nos últimos anos como Análise Dialógica do Discurso (ADD). De maneira mais específica, elencamos como conceitos-chave as noções de *enunciado concreto*, *relações dialógicas* e *polêmica aberta*.

primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1. Víde: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

Para distribuição organizacional, houve a divisão em três momentos. No primeiro, discorreremos a respeito dos conceitos-chave elencados, explicitando essas lentes dialógicas que servirão para leitura, observação e reflexão dos dados. Em um segundo momento, iremos nos ater a respeito da nossa metodologia, vislumbrando o detalhamento de nosso objeto de análise como um enunciado concreto. Por fim, a culminância se dará pelas nossas discussões, a partir do viés dialógico, dos diversos enunciados e polêmicas abertas levantadas pelo Presidente da República em um dos seus pronunciamentos em março de 2020, bem como as relações dialógicas e os efeitos de sentido decorridos desse evento enunciativo.

Análise Dialógica do Discurso: evidenciando a base teórico-metodológica de nossas discussões

Nesta investigação, teremos como base os preceitos teórico-metodológicos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, recorrendo a alguns conceitos-chave que servirão como lentes dialógicas, nas quais poderemos ler cientificamente nossos dados a partir do nosso objeto de análise, sendo que para esta pesquisa, dentre os inúmeros conceitos, nos ateremos nas noções de *enunciado concreto*, *relações dialógicas* e *polêmica aberta*.

Em síntese, os preceitos teóricos desenvolvidos por um grupo de intelectuais na Rússia entre as décadas de 20 a 70 do século passado, começam a se destacar no cenário mundial. Esses pensadores dialogavam com diversas correntes teóricas e áreas do conhecimento, na qual destacamos os nomes de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Tendo diversas obras publicadas em diferentes países, elas começam a chegar no Brasil, nas décadas finais do século XX, por meio de traduções indiretas. Os escritos do Círculo começaram a ganhar amplitude no meio acadêmico, mas foi no final do século XX que se tornou ainda mais popular no Brasil, momento em que foi engendrado um importante documento educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no qual tiveram diversos teóricos como base, destacando-se as contribuições do chamado Bakhtin e o Círculo, cujo destaque damos para o conceito de *gêneros do discurso* encontrado na coletânea *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011). Além dessa popularização no meio pedagógico, houve também um crescente aumento de estudos a respeito das publicações do Círculo no meio acadêmico, em diferentes subáreas de Língua e Letras. Com a virada do século, diversos grupos de intelectuais brasileiros, em diferentes centros acadêmicos, começaram a ampliar as pesquisas de perspectiva dialógica, começando a figurar em nosso país como Análise Dialógica do Discurso (ADD).

O *Nuevo diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín* (ÁRAN, 2006), bem com as discussões teóricas delineadas por pesquisadores de ponta, exemplo de Brait e Melo (2008), auxiliam-nos a perceber o delineamento de *enunciado concreto* a partir de sua gênese. Entre os primeiros textos da ADD, no ensaio *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010), o teórico russo investigou o ato ou a ação em sua realização concreta, asseverando que não há enunciado neutro, uma vez que revela o tom axiológico em determinada situação da vida cotidiana. Desse modo, vê-se também o papel fundamental que os sujeitos exercem na enunciação, tornando-se sempre um evento único a partir da interação entre os participantes do discurso. Inserido esse contexto político, o autor-pessoa precisa adaptar a fala, levando em consideração o autor-criador, ou seja, um presidente da república que possui uma influência em parte considerável da nação a partir de suas ações e palavras. Dessa forma, apenas pensando nesse fato, podemos já imaginar essa relação tão complexa entre o *eu* e *outro* a partir da interação enunciativa.

Para uma compreensão de *enunciado* pelo viés bakhtiniano, relembramos as ideias discutidas em *A construção da enunciação* (VOLOCHÍNOV, 2013). Dentro dessas reflexões, compreende-se a reflexão a respeito do intercâmbio comunicativo social e a interação verbal, Volochínov inicia a discussão afirmando que a linguagem é um fenômeno de duas faces: cada enunciado pressupõe a existência de um locutor e de um interlocutor, ou seja, o enunciado é sempre orientado para um ouvinte-interlocutor, mesmo quando não existe uma pessoa próxima e real. No caso, podemos ilustrar um pronunciamento nacional, que tem que objeto a nação brasileira, que configura uma complexidade enunciativa composta por questões de gênero, idade, ideologias, posições políticas etc. Na busca de outros escritos do Círculo que dialogam com a gênese de enunciado, encontra-se no texto *Palavra na vida e a palavra na poesia* (VOLOCHÍNOV, 2013). Em termos gerais, o teórico discute a relação entre a entoação e o contexto cotidiano, afirmando que qualquer tipo de entoação dependerá do contexto no qual ela ocorra, bem como sua compreensão está sempre entre o verbal e não-verbal. Nesse sentido, ainda aludindo ao nosso *corpus*, ou seja, é preciso contextualizar o pronunciamento presidencial em meio a uma pandemia e os diversos problemas em decorrência dessa situação, entre as quais a morte de milhares de brasileiros. Em *O freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2012), Bakhtin defende a ideia de que nenhuma enunciação verbalizada pode ser constituída somente a quem a enunciou, uma vez que é resultado de uma situação social estabelecida entre a interação dos sujeitos. Dessa maneira, por exemplo, um discurso presidencial é engendrado por

várias pessoas próximas e alinhadas ao presidente, em que se configura o reflexo de uma trama enunciativa de vários sujeitos e verbalizada pelo representante do Poder Executivo.

Em acréscimo, em *Marxismo e filosofia de linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), percebe-se como a enunciação é um produto de sujeitos inseridos em um contexto social, no processo de enunciação há sempre os (inter)locutores. Essa relação é construída em um contexto social específico em um dado momento histórico. Desse modo, para analisar o discurso presidencial que elencamos a partir do pronunciamento do presidente brasileiro, elegemos esse como um *enunciado concreto*. No caso, temos como autor-criador o então presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (sem partido político até a escrita deste artigo) que, por sua vez, representa ideologicamente uma posição que reverbera em todas as suas falas e atitudes entre seus apoiadores e opositores.

O *corpus* objeto desta análise parte dos enunciados concretos do presidente brasileiro, enquanto autor-pessoa, indivíduo físico resultante de todas as suas interações nas diferentes esferas, familiar, social, militar e política. Ademais, o discurso apresentado em um pronunciamento oficial foi também resultado de um autor-criador, ou seja, um indivíduo que representa institucionalmente o Poder Executivo da nação, influenciado pelos diversos enunciados de outros articuladores próximos, como os próprios filhos, ministros e assessores de confiança. Destarte, ao analisar as polêmicas abertas levantadas pelo seu discurso, precisamos considerar o sujeito locutor e a trama dialógica que constrói a narrativa dada em um determinado tempo da história.

Em acréscimo, esse *enunciado concreto* pressupõe os interlocutores, que, no caso, a divulgação do pronunciamento em cadeia nacional, em rádio, televisão e em outras mídias digitais tem como objeto a nação brasileira, mas reverbera em outras nações, dado o caráter global do alcance das informações em tempos reais. Nesse ponto, a temática do pronunciamento, conforme o contexto sócio-histórico, pode estar dissonante ou consonante ao pensamento do milhões de brasileiros, fato que pode levantar muitos pontos de vista a respeito de uma determinada posição ideológica e múltiplos efeitos de sentidos.

Além do *enunciado concreto*, outro conceito-chave elegido em nossa investigação são as *relações dialógicas*. A respeito das publicações bakhtinianas, percebe-se que o enunciado apresenta tonalidades dialógicas, sendo preciso considerá-las na compreensão da relação entre os sujeitos envolvidos na cadeia enunciativa. Em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003), o teórico russo mostra uma preocupação explícita com o texto e as questões de (inter)ação. Nesse sentido, aprofunda-se sobre o discurso do autor e das personagens,

asseverando que os discursos entre eles se relacionam entre si, ocasionando as *relações dialógicas*. O termo *relações dialógicas* também é encontrado em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010). Com o enfoque na crítica literária, explicita que o romance polifônico é completamente dialógico e essa característica não aparece apenas no diálogo entre as personagens, mas há *relações dialógicas* em toda a estrutura romanesca. Ao discutir as particularidades da obra dostoiévskiana, Bakhtin admite que as *relações dialógicas* não pertencem exclusivamente ao campo linguístico, mas são objeto da metalinguística. Desse modo, analisar um *enunciado concreto* apenas pelo seu viés material, preocupando-se com o texto, não condiz com uma prática dialógica, uma vez que se parte dos conhecimentos linguísticos em consonância com os resultados da metalinguística.

Assim as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral e concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 2010, p. 209)

Em seu pronunciamento, o Presidente Bolsonaro acaba lendo um texto que foi escrito antecipadamente por uma equipe de pessoas, nas quais possuem alguns objetivos e ideologias intrínsecas ao pensamento do chefe do Executivo e se revelam na superfície textual. Em uma cadeia ininterrupta de enunciados, esses terão *relações dialógicas* diferentes aos discursos em circulação, caso, por exemplo, do discurso científico que há meses recomendava o isolamento social como uma das maneiras mais eficazes para amenizar os efeitos da pandemia, uma vez que não havia ainda vacina ou um remédio específico para o combate contra a COVID-19³.

Pautados pela perspectiva dialógica e a partir das relações no campo discursivo, procuraremos observar as *relações dialógicas* que se estabelecem entre o pronunciamento presidencial e os diversos enunciados a respeito da pandemia no Brasil e no mundo, procurando assim compreender as consonâncias e dissonâncias.

[...]é pertinente lembrarmos que, na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a produção de discursos gera sempre outros discursos, numa espécie de arena discursiva na qual se defrontam vozes, posições e valores, configurando-se o que Bakhtin denominou de *palco entre vozes*. (SILVA, 2017, p.43).

³ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Vide: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

Em consonância com esse pensamento, em nossas discussões, recorreremos a noção de *polêmica aberta* (BAKHTIN, 2010), conceito-chave que possui destaque nas análises que faremos do pronunciamento de Bolsonaro, por tratar-se de ir em um caminho contrário ao que estava sendo propagado pela mídia a partir do discurso de autoridades políticas da época (governadores e prefeitos), bem como pelas autoridades de saúde (representantes da OPAS⁴, OMS⁵, ministro da saúde, secretários estaduais e municipais de saúde, autoridades sanitárias). Considerando a reverberação de discursos negativos causados pelo pronunciamento presidencial no final de março de 2020, lançamos luz a essa palavra bivocal não velada e explicitamente divulgada pelas diferentes mídias.

Pronunciamento presidencial: contextualização do objeto de análise

A partir da perspectiva dialógica, explicitamos uma proposta metodológica a partir de algumas publicações do Círculo. Em MFL (VOLÓCHINOV, 2017), na primeira parte da obra, tematiza o estudo das ideologias e a filosofia da linguagem. Aqui, observa-se a ideia da qual todo signo ideológico possui uma materialização passível de um estudo objetivo.

Para isso, é necessário guiar-se pelas seguintes exigências metodológicas fundamentais:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas de comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas de base material.

(VOLÓCHINOV, 2017, p. 110).

Ademais, encontramos uma discussão a respeito da interação verbal, na qual percebemos a ratificação dessa ordem metodológica para a reflexão sobre a língua em uso, não dissociando as formas e tipos de interação verbal, bem como a intercâmbio com outros enunciados. Ressalta-se também o texto enquanto material de análise, pois um *pronunciamento oficial* não é algo aleatório, falado pelo chefe da nação de maneira espontânea, mas parte de uma estruturação argumentativa engendrada por várias pessoas a partir de uma tessitura enunciativa, revelando-se no fio do discurso. Analisando com acuidade pronunciamentos

⁴ Vide: Organização Pan-Americana de Saúde: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875

⁵ Vide: Organização Mundial de Saúde: <https://www.who.int/es/emergencias/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/q-a-coronaviruses>

presidenciais, Silva (2013) mostra que na constituição desse discurso há o atravessamento da relação saber-poder emergido. Segundo essa investigação, mostrou-se indícios de táticas do que chama de adestramento social, com o qual complementamos a partir da elaboração de diversos enunciados alinhados aos interesses do povo, conforme a temática da época, tentando fazer com que os interlocutores façam adesão as ideias colocadas nesse pronunciamento.

Para observar o que se tem pesquisado a respeito da temática no país, fizemos uma investigação no *Catálogo de Teses e Dissertações*⁶. Dentro dos nossos objetivos, delimitamos a partir da expressão pronunciamento presidencial, refinando para grande área do conhecimento *Letras, Linguística e Artes*, nas áreas de *Letras, Linguística, Linguística Aplicada e Língua Portuguesa*. A plataforma oferece os dados a partir de 1987, sendo encontrado um número de 109 trabalhos que foram desenvolvidos sobre a temática: 75 dissertações e 34 teses nessa área, ratificando que o assunto possui relevância e tem sido objeto de interesse de pesquisas de grande robustez. Desse modo, ratificamos também a contribuição da nossa pesquisa para a ampliação das discussões em âmbito nacional, trazendo para agenda a análise de um assunto muito importante, inda mais em se tratando das palavras de um presidente no meio de uma pandemia sem precedentes.

Ilustrando o resultado de uma dessas pesquisas, Barros et al. (2003) apresenta um trabalho que analisa os processos de manipulação e persuasão presentes em um pronunciamento presidencial. Essa pesquisa contribui para fornecer parâmetros de comparação entre discursos dessa natureza, nos quais os enunciados são organizados para obter adesão de seus interlocutores. Com essa investigação, vê-se que os sujeitos enunciadores se apropriam de várias estratégias discursivas para alcançar seus objetivos, tentando assim manipular e persuadir seu público-alvo. De acordo com Barros (2003), em determinado momento, os chefes de Estado dirigem-se à nação no intuito de obter adesão ao seu projeto político, sendo o pronunciamento um desses recursos institucionalizados. Dentro da perspectiva dialógica, o discurso presidencial, concebido aqui como *enunciado concreto*, constitui-se de enunciados passados, percorre uma trama que se enuncia no presente projetando-se para o futuro, reverberando em efeitos de sentido.

De acordo com as informações do governo federal, de fevereiro de 2019 até março de 2020, houve um número de nove pronunciamentos do então Presidente da República Jair Bolsonaro. Ademais, precisamos levar em consideração que o discurso do chefe da nação

⁶ Pesquisa realizada em abril de 2020. Vide: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

realiza-se em ocasiões importantes, não sendo algo comum de se assistir em cadeia nacional de rádio e televisão aberta. Chamou-nos atenção que em março de 2020, percebemos o número de quatro pronunciamentos oficiais, fato pouco comum em tempos de possível normalidade, mas compreensível com o início da pandemia no país. Desse modo, como critério de delimitação do *corpus*, elegemos o discurso de 24 de março de 2020, pois sua repercussão destacou-se dos demais discursos a partir das polêmicas abertas levantadas pelo chefe do executivo e amplamente comentadas na mídia nacional e internacional.

A partir dessas informações, dentro de uma perspectiva dialógica, temos que considerar o *enunciado concreto* como uma cadeia ininterrupta de enunciados formando uma trama enunciativa. Desse modo, nosso objeto de análise parte de uma página virtual oficial do Poder Executivo em que todos os cidadãos possuem acesso para verificar e acompanhar, não apenas os discursos, mas as informações detalhadas do chefe da nação. Nesse sentido, no próximo segmento iremos dispor o discurso na íntegra, partindo assim para a leitura e análise do *corpus* a partir da perspectiva dialógica.

As polêmicas abertas no pronunciamento presidencial a respeito da pandemia.

Dentro do contexto da pandemia mundial do Coronavírus, no Brasil, nesse período, houve uma mudança radical de todo o cotidiano, tendo o isolamento e o distanciamento social como a melhor forma de prevenir o contágio em massa da população. Nesse período, verificou-se que muitas autoridades sanitárias, bem como autoridades políticas começaram a fazer pronunciamentos diários. No que tange ao presidente brasileiro, além das mídias sociais, houve uma periodicidade maior de pronunciamentos do chefe da nação, sendo que um deles chamou-nos atenção como objeto de análise, dada as diversas polêmicas abertas levantadas.

De maneira organizacional, teremos como referência o discurso escrito disponibilizado pela página oficial do governo federal por meio da internet, no qual reproduzimos no quadro abaixo, sendo que para fins de análise, colocamos uma numeração para cada parágrafo.

Quadro 1: Pronunciamento do presidente brasileiro em 24/03/2020.

- | |
|--|
| <p>(1)Boa noite.</p> <p>(2)Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.</p> <p>(3)Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então,</p> |
|--|

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

(4) Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

(5) Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.

(6) Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

(7) O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. (8) Devemos, sim, voltar à normalidade.

(9) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

(10) O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

(11) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

(12) Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

(13) Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

(14) Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

(15) Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

(16) Estamos juntos, cada vez mais unidos.

(17) Deus abençoe nossa Pátria querida.

Fonte: página virtual do Palácio do Planalto

Nesse enunciado concreto (1), vê-se uma expressão comum de cumprimento do chefe da nação para todos os brasileiros, início que já (d)enuncia o estilo do locutor. Um *boa noite* parece algo desprezioso para o início de um pronunciamento, mas além de fazer a marcação temporal, dá indícios do tom do sujeito, pois cada chefe da nação acaba dando um tom enunciativo a partir das escolhas lexicais, que não são aleatórias. Nesse caso, uma das leituras é um discurso direto e mais informal, numa tentativa de proximidade com parte dos interlocutores, uma vez que há uma heterogeneidade de posições ideológicas e políticas no âmbito dos eleitores brasileiros. Ademais, a escolha do horário do pronunciamento também não é algo aleatório, pois é no período noturno que a maioria dos trabalhadores estão em casa.

Mesmo em período de isolamento social, principalmente recomendado pelos governos estaduais e municipais, muitos trabalhadores ainda estavam na ativa, segundo os segmentos listados pelas autoridades como setores essenciais, como: saúde, transporte e supermercados, por exemplo.

No segundo parágrafo do pronunciamento (2), vê-se que o presidente introduz sua linha de raciocínio com uma ação realizada para resgatar brasileiros que estavam na China, quando esse país começou ações severas de isolamento e confinamento para conter a propagação do Coronavírus. Nesse ponto, o presidente refere-se aos brasileiros como irmãos, dando entre as possíveis leituras uma relação dialógica de aproximação com seus interlocutores, fazendo-os sentir como parte de uma grande família. Na parte final desse segmento, o chefe da nação explicita que ao resgatar os brasileiros nessa província da China, epicentro inicial da pandemia do COVID-9, houve um sinal amarelo, cor utilizada como sentido de alerta no trânsito e remetendo um olhar mais atento ao que estava ocorrendo no mundo. Essa última afirmação permite aos sujeitos, entre os acabamentos enunciativos possíveis, compreender que o governo começa a se preocupar com a situação causada pelo Coronavírus.

No terceiro parágrafo do pronunciamento (3), logo no primeiro período, explicita para a população que o governo brasileiro já havia preparado para a chegada do Coronavírus no país, tendo em vista o caminho feito pelo vírus, que teve seu epicentro na Ásia e que em poucas semanas alastrou-se pela Europa até chegar a América. No segundo período, o chefe da nação detalha ao povo que o Ministro da Saúde do seu governo estava em contato com os Secretários de Saúde dos estados para um plano de enfrentamento conjunto. Desse modo, deixa subentendido em sua afirmação a corresponsabilidade dos poderes na área da Saúde, uma vez que a administração acaba sendo tríade, ou seja, além do Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais e Municipais também possuem a responsabilidade do cuidado com a saúde no setor público. Ademais, o locutor deixa passar uma ideia de unidade entre os poderes, fato que na prática mostrou-se diferente em muitas ações do governo federal em relação aos Estados, revelando uma relação dialógica dissonante das ações observadas e retratadas pela mídia, de incentivo ao distanciamento social.

Na continuidade do pronunciamento, o presidente fala o nome do ministro da Saúde e elogia o trabalho de preparação do Sistema Único de Saúde (SUS) e os esclarecimentos para o atendimento das possíveis vítimas. Nesse ponto, entre a fala do presidente e suas ações, acabam por (d)enunciar uma relação dialógica dissonante, bem como levanta uma polêmica aberta, pois no discurso apresenta um tom de diálogo e um clima ameno, fato que não se configurou nas

semanas seguintes, uma vez que o ministro da Saúde acabou deixando o cargo e seu sucessor acabou renunciando também ao cargo em menos de um mês, deixando o Ministério da Saúde sem o seu principal gestor por semanas, em pleno aumento de mortes diárias causadas pela COVID-19.

De maneira sucinta, indo ao contrário do pronunciamento feito, o Presidente da República, em suas redes sociais e na mídia dava exemplos negativos para a população, por exemplo, a falta de uso das máscaras ou em algumas aglomerações. Enquanto explicitado em coletiva de imprensa, pelo Ministro da Saúde e pelos secretários municipais e estaduais de saúde, ações para diminuir a propagação do vírus, como o uso de máscaras e o isolamento social, o presidente não usava máscaras em compromissos públicos. Ademais, acabou indo visitar lugares populares, cena típica de períodos eleitorais, causando aglomerações e indo contra as recomendações das autoridades de saúde. Mesmo com os dados e alertas da OMS e toda a evolução da pandemia no país, o presidente acaba atenuando a possibilidade de haver vítimas, tendo em vista todos os números divulgados pela mídia, seja por meio da internet ou outros canais de telecomunicação (nacionais ou internacionais).

No quarto parágrafo (4), após evidenciar o momento de preparação para a chegada do vírus, Bolsonaro inicia com a conjunção adversativa, *mas*. Com isso, vê-se que todas as afirmações dadas no outro parágrafo acabam por ter uma força menor para os argumentos que se sucedem. Afastando do foco principal, a saúde de todos os brasileiros, o que se vê na sequência é um início de uma narrativa que explicita um teor econômico e, principalmente, político. Em uma leitura possível, dada pelo acabamento enunciativo, além de estratégias para salvamento de vidas, Bolsonaro acresce outras questões como *histeria, pânico e desemprego em massa*.

Nesse sentido, o governo federal acena discursivamente para suas preocupações colocando no mesmo patamar a questão das possíveis mortes causadas pelo aumento da COVID-19, como também pelos possíveis efeitos psicológicos na população e os eventuais efeitos colaterais ocasionados pelo Coronavírus na economia internacional e nacional. Desse modo, na visão do presidente, há uma ação exagerada dos gestores estaduais e municipais, fato que vai contra ao recomendado pelas ações desastrosas em países que não fizeram o isolamento social, como o caso de regiões no norte da Itália, em que houve um número elevado de mortes.

No período final desse parágrafo, Bolsonaro não menciona nomes, mas assevera estar tentando ir contra as ações propostas por esses representantes da Saúde dos governos estaduais/municipais. Como consequência do isolamento, houve o início da recessão e diversos

problemas sociais ficaram mais aflorados como desemprego, mas também violência doméstica, saúde, educação entre muitos efeitos colaterais. No entanto, o que é de senso comum, é a questão da preservação das vidas em primeiro lugar, para posteriormente pensar nessas questões. Vê-se que o governo federal pauta o assunto econômico como agenda principal, deixando em segundo plano a questão da saúde (e das vidas perdidas), em um momento crítico em que não havia vacinas e a iminência de um colapso nas redes públicas de saúde pelo país. Nesse parágrafo, além de configurar uma dissonância ao que foi afirmado no parágrafo anterior, revela uma relação dialógica dissonante ao discurso da ciência em detrimento de um discurso econômico/político, com vias a justificar as futuras contraindicações do isolamento, a retração do mercado e a recessão econômica.

Na continuidade do pronunciamento, no quinto parágrafo (5), o chefe da nação inicia sua explanação, dando ênfase a um outro foco, atacando diretamente os meios de comunicação por meio do seu discurso oficial. Ele assevera que os meios de comunicação foram contrários ao que o governo estava apregoando, intensificando na sociedade a sensação de *pavor e histeria* ao divulgarem o número de mortes na Itália e os problemas diários enfrentados pelo governo italiano com o alastramento do Coronavírus. Nesse ponto, vê-se novamente uma polêmica aberta e uma relação dialógica dissonante à opinião pública, uma vez que a imprensa nacional estava cumprindo seu papel de divulgar os fatos ocorridos em outros países, alertando os erros e acertos ocorridos nessas localidades, auxiliando não apenas os leigos, mas gestores públicos sobre as eventuais consequências de não acatar as recomendações de saúde, em detrimento de um discurso econômico político. Nesse caso, o presidente expõe a questão do *desemprego em massa*, fato que não seria exclusividade do país, mas de todo o mundo, por tratar-se de uma pandemia com consequências globais. Com isso, entre as muitas colocações de Bolsonaro, essa afirmação levanta muitas polêmicas, uma vez que critica o trabalho desenvolvido pelos diversos canais de televisão e mídia impressa.

Para validar sua posição, o presidente resume e dá duas justificativas sobre os fatos ocorridos na Itália, o número de idosos e o clima desse país como fatores para os problemas enfrentados pelos italianos. Com isso, cita a palavra *cenário*, dando a entender que seria uma narrativa criada pela mídia brasileira para espalhar pânico e histeria entre o povo brasileiro, apontando assim um culpado para essa situação. Ademais, pensando nesse enunciado concreto, entre os efeitos de sentidos possíveis é possível depreender que, visando a uma possível reeleição, a crise econômica causada pela pandemia poderia prejudicar os planos do governo, que se antecipa, insinuando culpados para os efeitos futuros, entre os quais citados: as medidas

exageradas de governadores e prefeitos, bem como pela divulgação exagerada da mídia dos efeitos da doença e da pandemia.

Iniciando o sexto parágrafo (6) com a conjunção adversativa *contudo*, acaba por amenizar as suas acusações do parágrafo anterior, afirmando que parte da imprensa tinha há pouco tempo mudado a postura em seus editoriais, pedindo calma e tranquilidade à população. Acaba por elogiar também a imprensa brasileira, bem como o equilíbrio e a verdade fossem preservados. Nesse sentido, deixa transparecer uma relação dialógica contraditória, pois, ao mesmo tempo que indica para a população seu descontentamento com o papel da imprensa, também deixa revelar no fio do discurso uma espécie de amenização, uma vez que não só o presidente, mas todo o governo sabe o papel que a imprensa possui politicamente ao focar em determinados fatos.

Na sequência, o sétimo parágrafo (7) do nosso *corpus* estrutura-se com quatro períodos curtos em que o chefe de estado deixa claro que o vírus havia chegado ao país e estava sendo enfrentado pelo governo, ratificando que tudo aquilo passaria em breve. Com essa linha de raciocínio, o presidente mostra uma sensação de algo passageiro, configurando uma relação dialógica dissonante, indo contra ao que foi noticiado sobre a China, Itália e outros países em que os problemas da pandemia perduraram por meses (como o controle da proliferação do Coronavírus e a diminuição no número de mortes). Ao falar que tudo iria passar logo, na sequência, o presidente elenca três períodos curtos, justificando que a vida precisava continuar, os empregos serem mantidos e o sustento das famílias precisava ser preservado. Aqui, percebe-se um tom apelativo e a posição do governo acaba indo para o lado econômico afetado pelas medidas de contenção do vírus em âmbito nacional, esquecendo que o principal seria o governo federal, em unidade com outras esferas governamentais, traçarem um plano para diminuir o número de perdas de vidas de cidadãos brasileiros. Na entrelinha, há uma relação dialógica com discurso empresarial que queria um relaxamento nas medidas de isolamento, pois as medidas estavam causando prejuízos econômicos para os pequenos, médios e grandes empresários.

No oitavo parágrafo (8), em um período curto, Bolsonaro enfaticamente emprega o verbo *dever*, convocando a sociedade a voltar à normalidade indo contra todas as ações tomadas pelos governos estaduais e municipais no intuito de amenizar o pico de casos de COVID-19, sobrecarregando o sistema de saúde, particular e público. Com mais essa afirmação no pronunciamento, abre-se mais uma polêmica aberta em que a ideia do governo federal era flexibilizar o isolamento/distanciamento social, fazendo com que os simpatizantes do governo desrespeitassem as recomendações de ficar em casa. Estabelecimento uma relação dialógica

conflituosa entre os enunciados proferidos pelo governo federal e as recomendações das autoridades sanitárias na mídia, ou pelos governos estaduais, a população acaba por ficar confusa, fazendo com que muitos afrouxem as medidas de distanciamento social, aumentando as aglomerações, bem como os casos de internação e mortes.

No nono parágrafo (9), Bolsonaro não dá nomes específicos, mas afirma que poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de *terra arrasada*, fazendo um relaxamento na medida de prevenção contra o Coronavírus, que, segundo as autoridades sanitárias e a OMS, até o momento, a melhor maneira seria o isolamento social em massa para conter o rápido avanço do vírus, podendo colapsar o sistema de saúde público, levando dezenas de milhares de pessoas ao óbito, fato esse noticiado diariamente pelos telejornais. Desse modo, novamente vê-se nesse *enunciado concreto* uma relação dialógica dissonante entre a prescrições de isolamento difundidas pelas autoridades sanitárias e as coletivas de imprensa de gestores estaduais e municipais contra o discurso e exemplos do chefe da nação para o relaxamento dessas medidas. Cabe ressaltar que as medidas de fechamento de comércios, por exemplo, foi uma prescrição dada pelas autoridades sanitárias para tentar conter a velocidade de contágio do vírus e não uma indicação de um partido político ou outro como modo de desestabilizar o governo em vigência.

Ademais, dentro do seu raciocínio, o presidente faz uma relação dialógica consonante à esfera militar, quando usa a expressão *terra arrasada*. Nesse ponto, Bolsonaro faz uma alusão as medidas que os governadores estavam tomando em relação às táticas militares utilizadas em grandes guerras, que consistia em destruir tudo que possa ser proveitoso para o inimigo. Em termos gerais, o conceito consistia em uma espécie de retirada militar ou civil dentro de um território em conflito, ao qual para desestabilizar a tropa inimiga, destruíam tudo que pudesse ser útil, transformando o ambiente em um território hostil. Com isso, percebe-se uma alusão as ações de governos municipais e estaduais que estavam causando efeitos colaterais, como a retração da economia, fato que poderia ser um fator negativo para uma possível candidatura do atual presidente para a reeleição de 2022.

Em um parágrafo (10) um pouco maior, o presidente faz questionamentos e dá exemplos almejando justificar o relaxamento do isolamento prescrito por prefeituras e estados. No primeiro período, Bolsonaro explicita, para justificar o que vem depois em seus argumentos, que as notícias mostram que o grupo de risco era o das pessoas acima de 60 anos. Com essa explanação, deixa de dizer que crianças e a população economicamente ativa poderia contaminar os familiares, podendo também passar para idosos ou o público mais debilitado,

com comorridades. Ademais, com o passar das semanas, constatou-se que mesmo o público adulto abaixo de sessenta anos estava morrendo e precisando de cuidados intensivos, revelando que o pensamento do presidente não abarcava todas essas possibilidades.

Dito isso, o Presidente da República fez um questionamento do motivo de se fechar as escolas. Com essa colocação, levanta outra polêmica aberta contra a esfera pedagógica, uma vez que desconsidera que o ambiente escolar é um espaço de aglomeração constante, em que, principalmente nas escolas públicas, dezenas de jovens ficam muitas vezes apinhados em uma sala desproporcional. Além disso, muitas unidades escolares acabam tendo até três períodos, sendo ocupada o dia todo por centenas de estudantes. Bolsonaro também desconsidera os diversos profissionais dessas unidades escolares, aos quais professores e funcionários que poderiam, além de ter mais de sessenta anos, também possuem comorridades, sendo também um público mais exposto. Por fim, dentro dessa polêmica no âmbito pedagógico, o presidente brasileiro estabelece uma relação dialógica conflitante com os exemplos dos diversos países que interromperam o ano letivo para preservação do isolamento/distanciamento social, visando a manutenção das vidas, bem como a normalidade dos serviços públicos de saúde.

Na sequência, vê-se mais argumentos que (d)enunciam a posição de Bolsonaro, asseverando que raros serão os casos fatais em pessoas com menos de 40 anos e que em 90% dos casos a população que se contaminasse não teria sintomas. Apesar disso, desconsidera que um agravante seria que o aumento dos portadores assintomáticos do vírus poderia acelerar a curva de contaminados e mortes, fato muito importante dentro da administração pública.

Com isso, o chefe da nação mostra argumentos de senso comum, sem exemplos e embasamento científicos que acabam por incentivar seus simpatizantes a não adotarem as recomendações de prevenção contra o Coronavírus, como: isolamento social, higiene com as mãos e uso contínuo de máscaras. Na conclusão desse parágrafo, novamente utiliza o verbo *dever*, afirmando que devemos ter cuidado para não transmitir o vírus para os outros, destacando as figuras dos pais e avós em seu discurso, seguindo as prescrições do Ministério da Saúde, que tem sob seu comando. Nesse sentido, ao mesmo tempo que recomenda o relaxamento das ações de prevenção, acaba por dar exemplos de cuidados com os familiares, acenando a necessidade de um isolamento seletivo.

No décimo primeiro parágrafo (11), Bolsonaro relata seu histórico de atleta e que se fosse contaminado pelo vírus, os sintomas seriam parecidos como uma *gripezinha* ou um *resfriadinho*, colocando essas palavras no diminutivo para atenuar os efeitos apregoados pelo Coronavírus. Desse modo, o presidente levanta uma polêmica aberta ao desconsiderar todas as

informações científicas, bem como os discursos e as recomendações de prevenção por autoridades de saúde de todo o mundo. Com isso, também desconsidera que a figura do presidente tem todo um aparato de médicos e exames ao seu dispor que grande parte da população não possui, dependendo dos serviços públicos que historicamente apresentam muitos problemas. Ademais, com essa afirmação, foi contra a opinião pública, os fatos divulgados pela mídia nacional e internacional e as recomendações da OMS, estabelecendo uma relação dialógica dissonante. Para finalizar seu raciocínio, traz como argumento, em tom irônico, um suposto comentário sem citar nomes diretamente, mas se referindo publicamente ao conhecido médico Dráuzio Varela que trabalha na emissora de TV Rede Globo. Numa postura de ataque direto, mesmo fazendo uso dos implícitos, acaba por atacar publicamente uma emissora de TV, usando de artifícios pouco científicos para justificar sua posição e sua recomendação para os brasileiros. Dentre as várias polêmicas levantadas pelo Presidente Jair Bolsonaro, a atenuação da pandemia por meio do diminutivo dos vocábulos *resfriado* e *gripe*, comparando a doença causada pelo Coronavírus como um entre os muitos resfriados e gripes mais comumente conhecidos pela população.

No décimo segundo parágrafo (12), afirma que enquanto estava falando em seu pronunciamento, o mundo estava buscando um tratamento para a doença. Cabe ressaltar que a questão da vacina, uma das frentes de trabalho amplamente divulgada pela mídia, só seria possível em no mínimo dois anos, respeitando todos os protocolos de saúde. Com isso, não exalta a ciência brasileira, visto que em seu governo os cortes vultosos na Educação e na Ciência fizeram com que centros de excelência tivessem que parar suas pesquisas, bem como muitos profissionais gabaritados tivessem que mudar de país para continuar seus projetos de pesquisas. Bolsonaro dá exemplo da FDA e do hospital particular Albert Einstein, em São Paulo, que estavam buscando comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento contra a COVID-19. O presidente dá como validador a Food and Drug Administration, FDA, que é uma agência federal do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, desconsiderando todo o trabalho de ponta desenvolvido pelas universidades públicas federais e estaduais.

Dentre as diversas polêmicas abertas, a questão do remédio cloroquina foi outra que perdurou por semanas em toda a mídia nacional, pois o presidente, em diversos momentos, explicitou sua posição quanto ao uso do medicamento, mesmo em pacientes em estágios iniciais da doença. Bolsonaro, no pronunciamento, reforça a eficácia do remédio que tem também fabricação nacional e é conhecido por ajudar no tratamento contra à malária, ao lúpus e a artrite. Com isso, mesmo não tendo a expertise da medicina, incentiva o uso de um medicamento que,

segundo a classe médica, poderia trazer contra indicações severas, sendo uma decisão muito particular de cada caso ou médico, conforme o grau da doença. Nesse sentido, vê-se outra relação dialógica dissonante ao que o presidente considera como certo, do que de fato a classe médica apregoa por meio de protocolos clínicos e comprovação científica a respeito dos benefícios e malefícios da cloroquina.

Tendo em vista que parte dos seus simpatizantes e eleitores são de um segmento da sociedade, que no meio político é denominado de *bancada evangélica*, o décimo terceiro parágrafo (13) inicia-se com um tom religioso, atribuindo a Deus o poder de capacitar pesquisadores e cientistas nacionais e internacionais na cura contra a COVID-19. Aqui, o presidente cria uma relação dialógica consonante com os diversos segmentos religiosos que simpatizam com o seu governo, tentando assim ampliar a adesão ao seu discurso a partir dessas colocações, fazendo que os sujeitos associem essa figura como temente a Deus, num discurso apelativo.

Na parte final do discurso (14), o presidente faz uma homenagem aos profissionais de saúde que estão na linha de frente, cuidando dos pacientes infectados, bem como pelo contágio dentro de seus ambientes de trabalho, exercendo suas funções profissionais. Com essa declaração, Bolsonaro tenta a adesão ao seu discurso por meio da solidariedade e simpatia de todos, uma vez que possuem um prestígio muito grande entre a população, ainda mais no meio da pandemia, em que muitas vidas foram salvas graças aos cuidados desses profissionais que se arriscaram em função dos deveres da profissão.

Na continuidade (15), novamente confirma a necessidade da população não entrar em pânico ou histeria, ratificando que ele tinha razão e dando um tom de otimismo ao seu discurso, asseverando que o Brasil venceria logo o vírus e todos se orgulhariam em viver em um novo país, dando um tom de discurso de campanha eleitoral, prometendo um país melhor. Tentando criar um cenário de otimismo, Bolsonaro vai contra as recomendações e dados estatísticos, ampliando um discurso de que a passagem da pandemia pelo país seria diferente do que foi em outros países, como na Ásia ou Europa. Na parte final de seu pronunciamento, (16) e (17), o presidente procura exaltar que todos estão cada vez mais unidos, indo contra ao que aparece na mídia e em seu próprio governo, base aliada, em que o Ministro da Saúde, dando entrevistas diárias para mídia e seguindo a recomendação da OMS, vai contra ao que é apregoadado pelo presidente em suas ações divulgadas pela mídia e seu discurso colocado nas diversas redes sociais. Por fim, encerra o pronunciamento novamente com um tom religioso, pedindo que Deus

abençoe a pátria, estabelecendo uma relação dialógica de consonância com parte do seu eleitorado.

Considerações finais

No período de quatro minutos e setenta e sete segundos, das mais de quinhentas palavras, o pronunciamento presidencial em nenhum momento discorreu a respeito dos mortos no Brasil em decorrência do Coronavírus, bem como do número crescente de casos suspeitos da doença chamada COVID-19. Cabe ressaltar a questão das condolências e solidariedade da perda das famílias, pois cada número representava uma perda dentro de uma família. Considerando o pronunciamento presidencial a respeito da pandemia como um *enunciado concreto*, pode-se perceber uma espécie de discurso de resistência às avessas, em que o Presidente da República lança para os interlocutores diversas polêmicas abertas, estabelecendo relações dialógicas dissonantes às prescrições de autoridades políticas e sanitárias, desprezando os fatos e os discursos científicos.

Indo contra aos discursos que apregoavam o isolamento social, bem como a quarentena para casos positivos da doença, o discurso presidencial mostra-se às avessas de todas as recomendações científicas, aludindo como um dos instrumentos do conceito de *necropolítica*, isto é, “uma política centrada na produção da morte em larga escala” (HILÁRIO, 2016, p. 194). Partindo desse conceito (MBEMBE, 2018), vê-se o quão nefasto pode ser o discurso de uma figura pública, principalmente sendo o chefe de uma nação, causando não somente polêmicas entre os diversos discursos a respeito da pandemia, mas causando estranhamento e dúvidas entre os cidadãos brasileiros sobre as recomendações das autoridades federais, estaduais e municipais.

Com isso, muitos brasileiros, principalmente os mais pobres (e menos esclarecidos), poderiam ampliar a contaminação, elevando os casos de internações, a superlotação dos hospitais, elevando o número de mortes entre a camada mais desfavorecida, que não tem acesso ao sistema privado de saúde. De maneira específica, este trabalho traz para agenda o poder que o discurso pode impactar a vida de uma pessoa, principalmente se esse discurso pode influenciar diretamente na vida de milhares de pessoas, bem como traz também luz a necessidade de discutirmos a influência dos discursos e a necessidade de ampliar a criticidade dos sujeitos.

Referências

ÁRAN, Pampa Olga. *Nuevo diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.

BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução a tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, L. A. et al . Manipulação, contramanipulação e persuasão no discurso presidencial: mecanismos circunstanciais ou sempre atuais?. *DELTA*, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 31-63, 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000100002>.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. *SAPERE AUDE*, Belo Horizonte, v. 7 – n. 12, p. 194-210, jan./jun. 2016. Disponíveis: <file:///C:/Users/ANDERSON/Downloads/11813-Texto%20do%20artigo-44620-1-10-20160721.pdf> Acesso em 02 fev. 2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

SILVA, A. Análise bakhtiniana de um comercial para o dia dos namorados 2015: o caso da polêmica aberta de o Boticário. In: KOZMA, E. V. B.; PUZZO, M. B. (Org). *Múltiplas linguagens: discurso e efeito de sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 43-60.

SILVA, R. B. da. *Relações de saber-poder no pronunciamento de posse da presidente Dilma Roulseff*. 127f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2013. Acesso em xx abril 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15469>

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p 157-188.

VOLOCHÍNOV, V. N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 71 – 100.

DA PALAVRA VIVA À PALAVRA DE ORDEM: UMA LEITURA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA A PARTIR DO CONTEXTO RUSSO-SOVIÉTICO

Fabiana Zogbi Lontra da Conceição¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir as noções de agitação e propaganda a partir de um de seus produtos, a palavra de ordem. Para isso, partimos das leituras de Valentin Volóchinov, notadamente de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2018), *O que é a linguagem/língua?* (2019) e *A palavra e sua função social* (2019). Apoiamo-nos igualmente nos estudos desenvolvidos por Zandwais (2019) sobre a propaganda política em diferentes contextos, nas considerações a respeito da noção de “palavra viva” desenvolvidas em Brandist (2016) e nos estudos dedicados ao Círculo de Bakhtin de Tchougounnikov (2005). Tomamos como base, ainda, os textos *A propósito das palavras de ordem* (2005), *Teses de abril* (2005) e *Que fazer?* (1982), todos de Vladímir Lênin. Como objeto de análise, selecionamos as palavras de ordem “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Pretendemos, através da análise, debater como os princípios políticos de agitação e propaganda se fazem ver da noção de “palavra viva”. A partir das reflexões feitas, buscamos compreender o poder da palavra de ordem com base no contexto russo-soviético, considerando o período histórico entre os preparativos para a Revolução Russa e o período de produção intelectual de membros do Círculo de Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra Viva. Palavra de Ordem. Agitação. Propaganda.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the notions of agitation and propaganda based on one of its products, the watchword. For this, we start from the readings of Valentin Volochinov (2018; 2019). We also rely on the studies developed by Zandwais (2019) on political propaganda in different contexts, on the considerations regarding the notion of “living word” developed in Brandist (2016), on Tchougounnikov's studies about the Bakhtin Circle (2005) and on Vladímir Lenin's texts (2005a; 2005b; 1982). For our analysis, we selected the watchwords “all power to the soviets” and “peace, bread and land”. We intend to debate how the political principles of agitation and propaganda are seen in the notion of “living word”. From the reflections made, we seek to understand the power of the watchword based on the Russian-Soviet context, considering the historical period between the preparations for the Russian Revolution and the period of intellectual production of members of the Bakhtin Circle.

KEYWORDS: Living Word. Watchword. Agitation. Propaganda.

Introdução

Valentin Volóchinov (2018, p. 106, grifos do autor) afirma, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), que a palavra é “o indicador mais sensível das *mudanças sociais*, sendo

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: fablontra@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando [...]”. Consideramos essa afirmação como base de nossa presente investigação. Aqui, pretendemos analisar a tomada de palavra pelo contexto revolucionário russo a partir das noções de palavra de ordem e palavra viva, uma vez que as duas parecem andar juntas naquele período: para Brandist (2016, p. 16), as discussões entre os povos da Rússia sobre os rumos políticos a se tomar após a derrubada da autocracia tsarista “constituíram uma esfera em que a noção de palavra viva desempenhou um papel importante”.

Para conduzir este estudo, começaremos apresentando alguns conceitos teóricos dos estudos linguísticos russos da primeira metade do século XX que consideramos pertinentes. Aqui, tomamos como suporte teórico os estudos de Lev Iakubinski que precederam o Círculo de Bakhtin, os estudos do Círculo e a retomada destes por Tchougounnikov (2005). Em seguida, passaremos ao conceito de agitação e propaganda desenvolvido por Plekhánov e retomado por Lênin ([1902]1982) e Zandwais (2019). Recuperando os conceitos de palavra viva e palavra de ordem, passaremos, então, à análise de duas palavras de ordem dos bolcheviques no período revolucionário russo: “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Por fim, teceremos algumas considerações finais de modo a recuperar os conceitos operados ao longo do trabalho.

A língua e a palavra viva na Rússia

Para compreender o funcionamento da língua tal qual estudado pelos teóricos russo-soviéticos da primeira metade do século XX, acreditamos ser necessário, em primeiro lugar, afastarmo-nos dos preceitos linguísticos difundidos no Ocidente. É preciso, antes de tudo, entender as especificidades da língua russa. Segundo Malamoud e Omelyantchik (2018, p. 277), a língua russa está fundamentada no fenômeno linguístico da diglossia, caracterizado pela “coexistência de duas línguas dotadas de valores diferentes em uma mesma sociedade”. A primeira é o eslavo, a língua litúrgica, literária e, portanto, escrita; a segunda é o russo popular, a língua do cotidiano, das atividades práticas, logo, da fala. Essa distinção constitutiva da língua russa parece influenciar bastante os modos de enxergar a língua dos grandes teóricos da língua e da literatura na Rússia do início do século XX, que abordaram a fala dialogal e a palavra viva de maneira inédita², distanciando-se assim dos estudos ocidentais em Linguística em voga na época, fundamentados majoritariamente na Filologia e no estudo das línguas mortas (VOLÓCHINOV, [1929]2018).

² Brandist (2016) também relaciona a influência da teologia ortodoxa nas elaborações a respeito da palavra viva.

Um dos pioneiros nos estudos da fala dialogal foi Lev Iakubinski, que representava dois aspectos igualmente importantes dentre a intelectualidade russa: a multiplicidade de interesses e a não compartimentação de saberes científicos. Iakubinski estudou desde a fonética da linguagem poética à Sociolinguística e a Linguística Histórica, além de exercer forte atuação na Educação Básica no período pós-revolucionário – foi, ainda, responsável pela criação do Instituto da Palavra Viva na Rússia, em 1918, que tinha como tarefa ensinar o povo a discursar em público (IVANOVA, 2012).

O estudioso também evidenciava outro aspecto importante que permeava os estudos linguísticos da época: o caráter classista, que encontra sua representação máxima no território soviético com a publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* em 1929 pelo Círculo de Bakhtin. Iakubinski foi, na verdade, a base das diversas questões sociológicas e linguísticas abordadas por Volóchinov e Bakhtin, como o aspecto fundamentalmente ideológico da língua e os estudos de dialogismo (BRANDIST, 2003).

Iakubinski tratou do discurso público desde uma perspectiva materialista, levando em consideração o desenvolvimento do capitalismo. Para ele, o discurso público e seus gêneros puderam prosperar nas sociedades através do desenvolvimento do capitalismo, uma vez que o feudalismo não possibilitava alguns aspectos da vida social que fomentavam tal discurso, como debates nos parlamentos, nos tribunais, enfim, na esfera pública.

No entanto, apesar de desenvolver diversos gêneros do discurso público, o capitalismo, em uma faceta de suas diversas contradições, também impede o acesso de grande parte da população a esses gêneros (BRANDIST, 2003). Volóchinov avança ainda mais nesse aspecto quando postula que as relações produtivas e os regimes políticos determinam todos os meios de comunicação verbal entre as pessoas. Pelo fato de várias classes usarem a mesma língua, o signo torna-se palco da luta de classes, evidenciando os múltiplos acentos que se entrecruzam em seu seio. No entanto, essa dialética interna do signo, como pontua Volóchinov ([1929]2018), tende a ser ocultada pelas classes dominantes. É apenas em épocas de crises sociais e revoluções que tal dialética pode apresentar-se em sua totalidade. Para o autor, o fato de estar inserido na história e na luta de classes faz do signo um elemento vivo:

Na verdade, apenas graças a essa refração de opiniões, avaliações e pontos de vista é que o signo tem a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se. Ao ser retirado do embate social acirrado, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em objeto de análise filológica, e não da interpretação social viva. (VOLÓCHINOV, [1930b] 2019, p. 319).

Esses aspectos, portanto, evidenciam a própria natureza social dos enunciados, como formula Volóchinov: para ele, todo o conjunto de condições de uma situação concreta determina a construção do enunciado, sejam as posições sociais dos falantes/público, os temas do discurso, a escolha das palavras, etc. Ainda, a ideologia de classe, como vimos, tem um papel fundamental na construção verbal “ao expressar e realizar não só por meio do seu conteúdo, mas pela sua própria forma, a *relação* do falante com o mundo e as pessoas, bem como a *relação* com dada situação e dado auditório” (VOLÓCHINOV, [1930b]2019, p. 308-309, grifos do autor). Tchougounnikov (2005, p. 16) sistematiza esse ponto ao dizer que “o indivíduo está constantemente investido pelo meio social ambientado por intermédio dos signos lingüísticos”.

Cabe ainda ressaltar os estudos sobre ideologia desenvolvidos no Círculo de Bakhtin e colocados em discussão por Tchougounnikov (2005). O autor retoma as discussões acerca do tema a partir de Mdvedev, Bakhtin e Volóchinov, estabelecendo como ponto de contato entre os autores o aspecto sensível e objetivo do signo como explicação para o fenômeno ideológico da palavra: em síntese, Tchougounnikov (2005, p. 19) afirma que o “signo ideológico é um fenômeno material”. Em Volóchinov ([1929]2018), vemos que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, acompanhando e comentando qualquer ato ideológico: “É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação *sígnica*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99). Assim, se todo o material ideológico pode ser expresso por um material semiótico, Volóchinov chega à conclusão de que tudo que é expresso ou é capaz de ser expresso possui valor ideológico (TCHOUGOUNNIKOV, 2005). O signo ideológico, nessa ótica, possui a característica de refletir e refratar a realidade, cujo trabalho constitui-se fora da língua. Sobre esse aspecto, Tchougounnikov (2005, p. 17) relembra que a materialização de um signo envolve necessariamente sua socialização, fenômeno que “vem abolir a divisão entre o interno e o externo”. O autor avança nesse sentido, pontuando que a rede de relações interpessoais, ou seja, o aspecto social, é a condição de funcionamento do signo.

Para traduzirmos a questão, concluímos esta seção com Tchougounnikov (2005), que sintetiza as formulações do Círculo de Bakhtin a respeito do caráter ideológico, dialógico e polifônico do signo da seguinte maneira: (1) trata-se de uma dimensão fundamental da linguagem humana; (2) trata-se de um elemento presente em todo enunciado; (3) trata-se da própria condição do funcionamento lingüístico.

Agitação, propaganda e palavra de ordem no contexto revolucionário

O discurso da propaganda, como lembra Zandwais (2019), teve desdobramentos diferentes no continente europeu e nos Estados Unidos, principalmente no período entre guerras. Para Zandwais, nos Estados Unidos, a propaganda tornou-se a ferramenta para incentivar o consumo de massas e, assim, alavancar o desenvolvimento da economia de mercado. No continente europeu, por outro lado, “a propaganda buscou inicialmente sustentar a eficácia da disseminação de ideias gestadas no campo político para fazer circular o trabalho de determinadas ideologias” (2019, p. 70), de modo a assegurar as relações de poder de Estado sobre as massas. Pretendemos aqui trabalhar este segundo ponto de vista da propaganda, de viés político e ideológico, a partir da ótica russa.

Enquanto estratégia retórica, a concepção de propaganda foi inicialmente elaborada por Gueorgui Plekhánov (1856-1918), teórico marxista russo (ZANDWAIS, 2019). Mais tarde, a dialética entre agitação e propaganda foi sistematizada por Vladímir Lênin (1870-1924), notadamente em *Que Fazer?*³, brochura publicada em 1902.

Que Fazer?, texto de suma importância para a história da Revolução Russa, retrata um momento crucial para o desenvolvimento político de Lênin: a cisão do Partido Operário Social Democrata Russo (POS DR) entre bolcheviques e mencheviques. A raiz dessa cisão estava na própria concepção de partido. Enquanto o grupo de Julius Martov⁴, os mencheviques, almejava um partido mais aberto, sem restrições, em que bastasse filiar-se para o compor, Lênin, representante dos bolcheviques, defendia uma concepção de partido de militantes profissionais, que desempenhassem tarefas específicas e fundamentais para o desenvolvimento do partido e da revolução, dentre essas a agitação e a propaganda. O historiador e biógrafo Tamás Krausz (2017, p. 158) elucida bem a posição de Lênin em relação à propaganda:

Durante os primeiros anos de exílio na Europa ocidental, Lênin descobriu que o regime impingia à consciência do operariado noções que sustentavam o capitalismo – por meio, por exemplo, de propaganda ou da mídia em geral. A partir daí, concluiu que “não poderá haver movimento revolucionário sem filosofia revolucionária”. Isso deveria se converter em esforços diários de propaganda e teorias que embasassem a rebelião, considerando condições locais e nacionais.

Lênin, apoiado nas elaborações de Plekhánov, diferenciava as tarefas do propagandista e do agitador da seguinte maneira: o propagandista, querendo tratar, por exemplo, do

³ *Что делат? Nabolíéevchie voprocý náchego dvijeniia* [Что делать? Наболевшие вопросы нашего движения]. Neste trabalho, apoiamo-nos tanto no texto original quanto na tradução francesa das Éditions du Progrès.

⁴ Julius Martov (1873-1923) foi fundador, ao lado de Lênin e de outros revolucionários, da União de luta pela emancipação da classe operária (1895) e do POS DR. Com a cisão do POS DR, tornou-se dirigente da fração menchevique.

desemprego, explicará a natureza capitalista das crises, e argumentará da necessidade de transformação da sociedade, mostrando a raiz do problema. Ou seja, ele trará um grande número de ideias que, por sua quantidade, só poderão ser assimiladas por um número pequeno de pessoas. Já o agitador lembrará de um fato conhecido entre seu público, por exemplo, uma família desempregada que morreu de fome, e, com apenas uma ideia, suscitará a indignação da sua audiência contra a miséria, a fome, mas sem desenvolver para isso uma grande argumentação. A explicação, nesse caso, seria tarefa do propagandista (LÊNINE, [1902]1982, p. 166).

A natureza das tarefas também influencia o meio em que elas são desenvolvidas. Nesse ponto, Lênin ([1902]1963, p. 67) faz uma afirmação crucial, também recuperada por Brandist (2016): “*Propagandist deistvuet poetomu glavnyim obrazom petchatnym, agitator – jivym slovom*”⁵. Traduzindo livremente, o que Lênin quer dizer é que o propagandista age principalmente através da escrita, enquanto o agitador se vale da palavra viva. Por precisar desenvolver um grande número de ideias, o propagandista precisa escrever, publicar na imprensa, etc. A ferramenta do agitador, por sua vez, é o discurso público, sua voz e sua palavra, em contato direto com sua audiência. O caráter de disputa no discurso público é essencial na noção de palavra viva, como nos traz Brandist (2016, p. 19):

Especialmente após 1905, com o crescimento do ativismo político, dos discursos parlamentares e apresentações no tribunal, a ideia de que o que estava acontecendo na Rússia era um autêntico renascimento da palavra viva, живое слово, foi amplamente difundida [...].

Segundo o autor, os conceitos de agitação e propaganda foram desenvolvidos por Plekhánov para que os revolucionários pudessem intervir nas assembleias livres e reuniões através de argumentações elaboradas de acordo com as características de sua audiência – o que nos remonta, automaticamente, a Volóchinov ([1930]2019), quando afirma que o conjunto de condições e situações de um auditório determina a construção do enunciado do falante. Brandist (2016) traz o conceito grego de *isegoria* para compreender a importância da palavra viva no contexto revolucionário russo. *Isegoria*, segundo o autor, é o direito de falar em assembleia, relacionado à retórica deliberativa, que envolvia

[...] o *Ethos* (estabelecer confiança no orador); o *Pathos* (despertar os sentimentos da audiência); e *Pistis* (prova) dada por meio de *Paradeigma* (exemplo) escolhido de acordo com sua adequação; como também *Prepon*, que exigia a avaliação das características sociológicas específicas de uma audiência e uma orientação sobre os seus valores. (BRANDIST, 2016, p. 16, grifos do autor)

⁵ “Пропагандист действует поэтому главным образом печатным, agitator – живым словом”.

Essa noção ajuda-nos também a compreender a palavra de ordem, uma vez que esta última também opera, em maior ou menor grau, tais conceitos. Em assembleias, era e ainda é comum começar ou encerrar falas com palavras de ordem, de maneira a sintetizar a exposição e a posição do orador. Ao nosso ver, a palavra de ordem pode ser considerada como um produto da agitação e da propaganda. Segundo Lênin ([1917b]2005, p. 69), no texto *A propósito das palavras de ordem*⁶, originalmente publicado sob a forma de panfleto, “cada palavra de ordem particular deve derivar do conjunto de peculiaridades de uma determinada situação política”. Ela seria, portanto, a síntese propositiva de uma situação política, contendo grande conteúdo em poucas palavras, com um propósito agitativo para com as massas.

Palavra de ordem, palavra viva

Para conduzir esta análise, selecionamos duas palavras de ordem de grande importância para o momento político da Revolução Russa de 1917: “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Tentaremos, aqui, fornecer algumas noções do contexto histórico e social, sem, contudo, tratar minuciosamente dessas questões, devido à limitação do espaço e da proposta do trabalho. Dividiremos a seção em duas partes para tratar cada palavra de ordem mais detidamente.

Todo poder aos soviets

Lênin ([1917b]2005, p. 69) começa *A propósito das palavras de ordem* declarando que, frequentemente, quando há uma mudança brusca na história, mesmo os partidos mais avançados levam um certo tempo para habituarem-se à nova situação, repetindo palavras de ordem até então corretas, mas que de súbito perdem o sentido, tão subitamente quanto as mudanças na história. Ele se refere, nesse texto, à palavra de ordem “todo poder aos soviets”⁷: “Ela foi justa durante um período irrevogavelmente passado de nossa revolução. [...] Esta palavra de ordem agora visivelmente deixou de ser justa” (LENIN, [1917b]2005, p. 69). Para ele, “todo poder aos soviets” era, ainda que nem todos os partidários dela compreendessem, “a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução, que de 27 de fevereiro até 4 de julho era possível, e, naturalmente, o mais desejável, e que já é absolutamente impossível” (LENIN, [1917b]2005, p. 69-70). Lênin referia-se ao começo da revolução, que iniciara em fevereiro, tendo como forças políticas principais o Soviete de Petrogrado e o governo provisório estabelecido pela *duma*, órgão legislativo da Rússia. A palavra de ordem, portanto, propunha a passagem completa do poder aos soviets, de modo a extinguir o governo provisório.

⁶ *K lozungam* [К лозунгам].

⁷ *Vsia vlast sovietam* [Вся власть Советам].

Com o avanço da contrarrevolução no momento de escrita do texto (meados de julho de 1917), Lênin acreditava ser impossível o desenvolvimento da revolução em vias pacíficas – ela deveria, portanto, ser de responsabilidade do proletário revolucionário, que deveria tomar o poder de Estado. Ele clamava pela reorganização da agitação do povo, explicando a necessidade de atualizar a palavra de ordem do dia:

A palavra de ordem da passagem do poder para os soviets soaria agora como quixotismo ou troça. Seguir esta palavra de ordem, objetivamente, seria enganar o povo, infundir-lhe a ilusão de que, mesmo *agora*, bastaria aos soviets querer tomar o poder ou deliberar isto para obtê-lo, de que no soviets ainda se encontram partidos não manchados pela cumplicidade com os verdugos, de que é possível fingir que aquilo que aconteceu não tenha acontecido. (LENIN, [1917b]2005, p. 71, grifo do autor)⁸

No entanto, segundo Tamás Krausz (2017, p. 325),

Quando o equilíbrio de forças mudou em favor dos bolcheviques no fim de agosto, Lênin mais uma vez presumiu que esse era um meio para o “desenvolvimento pacífico” da revolução e declarou a palavra de ordem: “Todo poder aos soviets!”.

Krausz (2017, p. 286), com base em carta de Lênin ao Comitê Central datada em setembro de 1917, relembra que o revolucionário considerava a insurreição como uma arte que não deveria se basear nem em conspirações e nem no partido, mas sim na classe avançada e nas “suas organizações espontâneas, como se expressava pelo lema ‘Todo poder aos soviets!’”.

Esses movimentos de Lênin evidenciam o caráter vivo da palavra de ordem: representando um presente imediato, sempre em disputa, movimentado pela luta de classes, a palavra de ordem não poderia deixar de ser uma palavra viva. Ela era proposta para a fala em público, em grandes multidões. Como relembra Volóchinov ([1930b]2019), a palavra reflete e refrata a história, suas contradições e seu movimento dialético. Estando a palavra inevitavelmente atrelada à história, é perfeitamente aceitável a efemeridade das palavras de ordem para Lênin:

Ao dizer que certas palavras são verdadeiras ou falsas, justas ou tendenciosas, sensatas ou insensatas, profundas ou superficiais, fazemos juízo não em relação às próprias palavras, mas à *realidade* que é refletida e refratada nas palavras-signos. (VOLÓCHINOV, [1930b]2019, p. 316, grifo do autor)

⁸ Lênin refere-se aqui à posição de cumplicidade e entreguismo dos socialistas revolucionários e mencheviques, partidos que compunham os soviets, em relação ao governo provisório.

Lênin, além de propor a palavra de ordem, também escrevia, em cartas ou panfletos, argumentos de defesa da justeza e necessidade de cada palavra de ordem, exercendo, assim, a agitação e a propaganda: a agitação sendo a própria palavra de ordem para a população e a propaganda sendo o convencimento das camadas políticas e intelectuais para a palavra de ordem proposta.

Paz, pão e terra

A palavra de ordem “paz, pão e terra”⁹ remonta a abril de 1917, momento em que Lênin, atento às notícias vindas da Rússia em seu exílio na Suíça, decide voltar clandestinamente ao país para atuar na revolução. Durante a viagem, ele escreve breves notas intituladas *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução*¹⁰, mas conhecidas historicamente sob o nome de *Teses de abril*, que seriam lidas em reunião dos bolcheviques e em reunião preparatória à conferência do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Toda a Rússia e também publicadas no jornal *Pravda*, número 26, em 7 de abril de 1917.

O breve texto aponta, em dez teses, a concepção tática de Lênin para a atuação dos bolcheviques naquele momento, tendo em vista que a Rússia, sob um governo provisório, batalhava na Primeira Guerra Mundial enquanto sua população, alheia aos motivos imperialistas que justificariam a guerra, morria de fome.

Embora a palavra de ordem “paz, pão e terra” não figure nas *Teses*, elas fundamentam as bases para esta síntese. A primeira tese versa sobre a paz, que, para Lênin ([1917a]2005, p. 64, grifo do autor), só poderia acontecer com a saída da Rússia da guerra imperialista e com a confraternização dos soldados: “[...] sem derrubar o capital é *impossível* pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática e não imposta pela violência”. Ele ressalta, ainda, a necessidade da mais ampla propaganda desta primeira tese entre os soldados que estavam na frente de guerra.

A sexta tese trata do direito à terra, principal reivindicação dos camponeses russos. Como proposta ao problema agrário, Lênin propunha o confisco de todas as terras do país para a partilha através do soviete de camponeses. De fato, esta foi uma das primeiras medidas adotadas por Lênin, consolidando assim uma revolução verdadeiramente operário-camponesa, através do “Decreto sobre a Terra”, adotado em outubro pelo II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia (KRAUSZ, 2017). A oitava tese, por sua vez, trata da produção e distribuição de

⁹ *Mir, khleb, zemlia* [мир, хлеб, земля].

¹⁰ *O zadatchakh proletariata v dannoi revoliutsii (Aprel'skie tézisy)* [О задачах пролетариата в данной революции (Апрельские тезисы)].

produtos e gêneros alimentícios para a população, que, para Lênin, deveria ser de responsabilidade e controle dos soviets de deputados operários. Essa transferência de poder poderia ser considerada como uma das primeiras medidas de transição ao socialismo.

A síntese “paz, pão e terra” foi retomada por Lênin diversas vezes após a publicação das *Teses de Abril*. Em carta ao Comitê Central e aos membros bolcheviques dos soviets de Petrogrado e Moscou escrita em outubro de 1917, Lênin ([1917c]1969, p. 341) recomenda a agitação dessa palavra de ordem: “O soviete de Petrogrado pode aguardar, agitando a favor do governo soviético de Moscou. A palavra de ordem: poder aos soviets, terra aos camponeses, paz aos povos, pão aos famintos”¹¹. Aqui, vemos a união das duas palavras de ordem tratadas neste trabalho, o que ressalta a importância delas para Lênin. Vemos também a proposição “paz aos povos”, – utilizando a palavra povos [*narody*/народы] no plural, Lênin evidenciava um grande debate interno da Rússia na época: a autodeterminação e a luta por direitos das diversas etnias e povos minoritários que compunham a nação russa. Segundo Krausz (2017), o POSDR foi um dos primeiros partidos sociais-democratas a reconhecer o direito das nações à autodeterminação. Ainda assim, o partido também reforçava seu caráter de classe em detrimento das nacionalidades, mantendo, dessa maneira, um ponto de coesão entre as diversas etnias.

Na palavra de ordem “paz, pão e terra” também está a síntese do significado de agitação: a capacidade de exprimir um programa político inteiro com o mínimo de palavras e de maneira a tocar a população em suas preocupações mais concretas. Com apenas três signos, Lênin opera uma dimensão ideológica riquíssima, combinando o consenso das necessidades da população com propostas revolucionárias para um país de proporções continentais.

Volóchinov, tanto em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929]2018) como em *A palavra e sua função social* ([1930b]2019), apresenta-nos a possibilidade de objetos, instrumentos e produtos de consumo transformarem-se em signos ideológicos. Ele traz como exemplos ao leitor os símbolos do pão e do vinho no sacramento cristão, ou a foice o martelo do brasão soviético. Aqui, podemos enxergar o mesmo funcionamento ideológico: o pão é a resposta à fome que dizimava a população; a paz, uma saída digna da Rússia de uma guerra que não lhe pertencia; a terra, o direito dos camponeses que nela trabalhavam. Podemos concluir, apoiados em Volóchinov ([1929]2018), que a palavra de ordem, como toda palavra, opera no

¹¹ Tradução nossa. No original: “*Piterckii Soviet mojet vyjdat, agitiruiia za moskovskoe sovetskoe pravitelhstvo. Lozung: vlast sovietam, zemlia krestianam, mir narodam, khleb golodnym*”. [Питерский Совет может выждать, агитируя за московское советское правительство. Лозунг: власть Советам, земля крестьянам, мир народам, хлеб голодным].

universo ideológico, podendo assumir uma função ideológica, mas talvez com fins antecipadamente previstos. Assim, vemos a dialética entre a ideologia da vida (ou do cotidiano) e a ideologia propriamente dita, que designa as esferas da atividade simbólica, de acordo com Lähteenmäki (2012). Para Volóchinov (1973, p. 90 apud LÄHTEENMÄKI, 2012, p. 96), a relação entre os dois tipos de ideologias é recíproca: “a ideologia da vida fornece à ideologia propriamente dita os significados ideológicos ou as matérias-primas, as quais são, então, reformuladas em diferentes esferas da ideologia propriamente dita”. Em movimento contrário, a ideologia propriamente dita influencia a experiência cotidiana, refletindo-se novamente nessa esfera.

Considerações finais

Retomando a passagem de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que apresentamos no começo do trabalho, Volóchinov ([1929]2018, p. 106), ao dizer que a palavra é o indicador mais sensível das mudanças sociais, acrescenta:

A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam.

No recorte histórico que traçamos aqui, tentamos demonstrar a riqueza de debates que tomaram a Rússia no período revolucionário, em que a palavra viva, a palavra de ordem, a agitação e a propaganda foram fundamentais para a decisão dos rumos do país. A revolução, ao menos em seu primeiro momento, almejou proporcionar um acesso democrático à palavra, como vimos em iniciativas como o Instituto da Palavra Viva de Iakubinski (IVANOVA, 2012). A euforia política que tomou a Rússia levou à intensa participação da população nos debates nacionais. Krausz (2017, p. 282-283) fornece uma visão do que foi esse momento histórico:

No verão de 1917, os delegados do I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia representavam mais de 20,3 milhões de pessoas, número vinte vezes maior que o de membros do partido [bolchevique]. Entre os mais de 20 milhões de pessoas, quase 6 milhões eram operários, por volta de 5 milhões eram camponeses, e mais de 9 milhões eram soldados [...]. Os delegados dos soviets foram eleitos por essa população. Milhões estavam organizados no que hoje se denominaria organizações da sociedade civil. O povo, despertado para a consciência de sua liberdade, reunia-se em grupos categorizados pela maior variedade possível de profissões e interesses. Diferentemente dos partidos, membros das organizações civis apresentavam uma constituição de todo heterogênea, em termos tanto sociais quanto ideológicos.

As proposições de Volóchinov e do Círculo de Bakhtin também são fruto do ambiente revolucionário vivido na Rússia na primeira metade do século XX. A ascensão dos debates públicos, a divulgação de palavras de ordem, a participação ativa da população para os rumos da Rússia contribuíram, também, para o riquíssimo ambiente acadêmico onde obras incontornáveis como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* puderam ser escritas e discutidas.

Referências

BRANDIST, C. Bakhtine, la sociologie du langage et le roman. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 14, p. 59-83, 2003.

BRANDIST, C. “Palavra viva”, Isegoria e a política da deliberação na Rússia revolucionária. *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 11, n. 16, p. 15-22, 2016.

IVANOVA, I. Lev Jakubinski (1892-1945): o destino de um linguista russo. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 225-241, dez. 2012.

KRAUSZ, T. *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÄHTEENMÄKI, M. Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido. In: ZANDWAIS, A. (org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora UPF, 2012. p. 92-119.

LÊNIN, V. I. Chto delat? Naboliéevchie voprocý náchego dvijenii. In: _____. *Polnoe sobranie sochinenii*. Tomo 6. 5ª ed. Moscou: Institut marksizma-leninizma, [1902]1963. p. 1-192. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/06.htm#s1>. Acesso em: 1º mar. 2020.

LÊNIN, V. I. Pismo v TSK, MK, PK i tchlenam sovietov pitera i moskvy bolhchevikam. In: LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sochinenii*. Tomo 34. 5ª ed. Moscou: Institut marksizma-leninizma, [1917c]1969. p. 340-341. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/34.htm#p19>. Acesso em: 1º mar. 2020.

LENIN, V.I. Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução (Teses de abril). In: LÊNIN, V. I; ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo, [1917a]2005. p. 63-68.

LÊNIN, V. I. A propósito das palavras de ordem. In: LÊNIN, V. I; ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo, [1917b]2005. p. 69-76.

LÊNINE, V. Que faire? Les questions brûlantes de notre mouvement. In: _____. *Œuvres choisies*. Vol. 1. Moscou: Éditions du Progrès, [1902]1982. p. 113-266.

MALAMOUD, C.; OMELYANTCHIK, V. Russo. In: CASSIN, B. (Coord.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Volume um: línguas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 277-285.

TCHOUGOUNNIKOV, S. O Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética (1920-1930). *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 11-46, 2005.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, [1929]2018.

VOLÓCHINOV, V. O que é a linguagem/língua? In: _____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, [1930a]2019. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, V. A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, [1930b]2019. p. 306-336.

ZANDWAIS, A. Possíveis leituras de “Foi Propaganda Mesmo Que Você Disse?” de Michel Pêcheux. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 14, n. 22, p. 67-79, jul.-dez. 2019.

A CONTRUÇÃO DE VERDADES PARRESIÁSTICAS EM DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO E HETERONORMATIVIDADE

Douglas de Oliveira Domingos¹
Regina Baracuh²

RESUMO: Para filósofos e sociólogos, o ato de tirar a própria vida, embora seja aparentemente individual, é cercado por circunstâncias sociais, visto que o suicídio está circunscrito a uma população. Em comparação a grupos heterossexuais e cisgêneros, a propensão ao suicídio na comunidade LGBTI chega a ser cinco vezes maior. Partimos, então, da problemática de que os sujeitos LGBTI sofrem ainda hoje com discursos que objetivam seus corpos e levam alguns deles ao adoecimento mental e a tentativas de suicídio. Com a disseminação do acesso e dos efeitos das mídias digitais, enunciados-acontecimentos sobre suicídio têm emergido e se acumulado no ambiente virtual, o que também garante visibilidade às fatalidades decorrentes da heteronormatividade. Desse modo, pensando com Michel Foucault, pretendemos analisar três vídeos do *YouTube* relacionados a tentativas de suicídio, investigando os efeitos de verdade gerados pela discursivização parresiástica das tentativas de suicídio de sujeitos LGBTI no ciberespaço. A metodologia utilizada é a abordagem descritivo-interpretativa, de cunho qualitativo. Mobilizamos principalmente os postulados dos Estudos Discursivos Foucaultianos, com ênfase nas noções de *sujeito*, *corpo discursivo*, *parresía* e *confissão*. Verificamos até que ponto a resistência provoca incisões através de sacrifícios quase letais que ganham ressonância nas redes digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Corpo. Heteronormatividade. Parresía. Suicídio.

ABSTRACT: For philosophers and sociologists, the act of taking one's own life, although apparently individual, is surrounded by social circumstances, since suicide is confined to a population. Compared to heterosexual and cistern groups, the propensity for suicide in the LGBTI community is five times higher. We start, then, from the problem of those who are subject to LGBTI even today with speeches that objectify their bodies and lead some of them to mental illness and suicide attempts. With the dissemination of access and effects of digital media, statements about suicidal and emerging events and accumulate in the virtual environment, which also ensures visibility to the heteronormativity fatalities. This way, thinking with Michel Foucault, intends to analyze three YouTube videos related to suicide attempts, investigating the effects of the truth generated by the parresiastic discursivization of suicide attempts by LGBTI individuals in cyberspace. The methodology used is a descriptive-interpretative approach, of qualitative quality. We mainly mobilize the postulates of Foucaultian Discursive Studies, with an emphasis on the actions of individuals, discourse body,

¹ Professor efetivo na Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT-PB). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING - UFPB). Integrante do grupo de pesquisa Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI). E-mail: douglasdeoliveira55@gmail.com.

² Professora Associado Nível IV da Universidade Federal da Paraíba, onde ministra disciplinas e orienta pesquisas em nível de Graduação no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). Líder do grupo de pesquisa CIDADI. E-mail: mrbaracuh@hotmail.com.

participation and confession. We verified the extent to which resistance causes incisions through almost lethal sacrifices that gain resonance on digital networks.

KEYWORDS: Speech analysis; Body; Heteronormativity; Parresia; Suicide.

Introdução

Figura 1: Velório de Victória Jugnet



Fonte: <https://www.metropoles.com/saude/suicidio-de-garota-trans-brasiliense-provoca-apelo-contrapreconceito>.

A bandeira colorida que descansa sobre o caixão branco não é mero adorno. A coroa de flores na cabeça da jovem também não; ela nos remete à memória daqueles que triunfaram por alguma razão. Na morte, ambos os objetos põem a brasileira Victória Jugnet em uma posição diferente daquela que lhe fora imposta ao nascer: lugar de luta e de resistência galgado pela transformação de sua identidade de gênero no país que mais assassina travestis e transexuais no mundo³. Entretanto, o patamar de liderança alarmante do Brasil nesse aspecto não contabiliza casos como o de Victória, que ainda sofrem constante interdição pela opinião pública (FOUCAULT, 1999). A jovem de 18 anos não foi vítima de um homicida. Ela tirou a própria vida em janeiro de 2019 após ter publicado, nas redes digitais, um texto no qual reclamava do preconceito e da exclusão que afligem a comunidade LGBTI⁴. Victória é a concretude da estatística, divulgada pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Segundo pesquisa

³ Consultar a reportagem “Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais”, publicada pelo Correio Braziliense com base nos dados da ONG Transgender Europe (TGEu).

⁴ Dentre as diversas siglas possíveis (LGBT, LGBTQ, LGBTQI+), optamos por LGBTI devido à recorrente utilização dessa sigla nos meios de comunicação e na Organização das Nações Unidas (ONU).

publicada em 2012, adolescentes homossexuais, bissexuais e transexuais estão cinco vezes mais propensos a cometer suicídio do que os heterossexuais da mesma faixa etária (SAMORANO, 2017). E é sobre a problematização dessa temática, ao mesmo tempo tão presente e camuflada na sociedade brasileira, que nos debruçamos neste artigo.

A tarefa de falar sobre o inaudível não é tão simples. Embora a sociedade ocidental, no decorrer dos séculos, tenha posto o suicídio em discurso através de documentos institucionais ou de conselhos filosóficos, recriminando-o em grande parte das vezes, esse assunto sofreu intensificadas interdições a partir do século XIX (MINOIS, 2018). Geralmente atrelado à fraqueza de espírito, à possessão diabólica, ao egoísmo ou à loucura, o suicídio desperta incompreensões, estigmas, vergonhas. Na sociedade em que vivemos, cujo principal imperativo é a majoração da vida, falar sobre a morte voluntária escandaliza, choca, constrange, abala os alicerces dos discursos que exaltam a felicidade incessante (BARACUHY; NOGUEIRA, 2018). O vácuo que se abre em decorrência dos discursos propagados no sentido de condenar – até mesmo penalmente em algumas épocas – a prática do suicídio se estende aos dias atuais, momento em que assistimos a uma série de rupturas no silêncio secular através do reconhecimento desse problema como questão de saúde pública (SILVA, 2016). A mídia, terreno em que o tabu marcou presença através da ausência de reportagens ou campanhas acerca do tema, começa a se ocupar da prevenção do suicídio, ainda que de maneira dispersa. No Brasil, esse movimento de discursivização encontra uma de suas condições de emergência na campanha *Setembro Amarelo*, promovida pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Em sentido divergente do que se pressupõe, o suicídio não somente chama a atenção de médicos, psicólogos e outros especialistas da área da Saúde, mas também aguça o pensamento de filósofos, sociólogos – e por que não linguistas? –, que buscam contribuir com a construção de conhecimento em torno desse fenômeno. Embora aparentemente individual, o suicídio está inserido em uma rede de relações sociais que também concorrem para essa escolha fatal. No século XIX, o sociólogo Émile Durkheim propôs a tese de que os processos que possibilitam e confluem com esse tipo de morte não são solitários, mas dependem de uma série de fatores que ligam o sujeito à sociedade.

Nesse sentido, o preconceito – e a crueldade do seu exercício sutil ou desmedido – firma-se como um dos problemas sociais mais recorrentes desde que as padronizações civilizatórias convencionaram o comportamento humano, pois “enquanto o sujeito humano é colocado em

relações de produção e significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1995, p. 231). No que concerne aos discursos que constituem a heteronormatividade, a aversão à comunidade LGBTI materializa-se em xingamentos, ironias, olhares reprovadores, agressões físicas, homicídios, e – por que não pensar? – suicídios. No Brasil, um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia reforça essa ideia. Em 2015, 3% dos homens homossexuais e 5% dos bissexuais tentaram cometer suicídio no país contra 0,4% da população masculina geral brasileira (SAMORANO, 2017).

Diante dessas inquietações, nosso objetivo geral é analisar três vídeos do Youtube relacionados a tentativas de suicídio, entendendo-as como prática de resistência autoinfligida contra os modos de objetivação / subjetivação da heteronormatividade. Especificamente, pretendemos discutir os efeitos de verdade gerados pela discursivização das tentativas de suicídio de sujeitos LGBTI no ciberespaço, atentando para um processo que Foucault chama *parresía* ou “coragem da verdade”.

Nosso *corpus* é constituído pelos vídeos designados a seguir: vídeo 1 (*MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO*), publicado pelo canal *Mandy Candy* em 7 de junho de 2017; vídeo 2 (*CURA GAY: TERAPIA OU TORTURA? A VERDADE! - Põe na Roda*), publicado em 28 de setembro de 2017 pelo canal *Põe na Roda*; vídeo 3 (*MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO - Qual a sensação de quase morrer?*), publicado pelo canal *MIMDEXA FALAR* no dia 09 de dezembro de 2017.

Como aporte metodológico, mobilizamos os postulados de Michel Foucault sobre *sujeito, dispositivo, corpo discursivo, relações de saber-poder e parresía*, maciçamente incorporados às pesquisas no campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil, que se disseminou a partir dos estudos pioneiros da professora Maria do Rosário Gregolin (2006), responsável por trazer as reflexões do filósofo para o campo da linguagem.

Corpo: lugar concreto de poder e resistência

Ao falarmos sobre o corpo neste artigo, não nos referimos ao conjunto de órgãos que formam, da cabeça aos pés, nem aos sistemas cardiovascular, respiratório, digestório, nervoso, endócrino etc. – a não ser para enxergá-lo como uma fabricação discursiva dos estudos da anatomia biológica, como uma matéria de investimento de saberes que instauram novos modos de percebê-lo e tratá-lo. O corpo a que nos referimos nesta pesquisa é o discursivo, a superfície

de inscrição dos poderes, o espaço mais concreto – tanto íntimo quanto visível – da nossa existência. Como o poder, essa entidade aparentemente tão abstrata, conseguiria atingir-nos se não fôssemos, nós mesmos, palpáveis? Não podemos nos livrar do nosso corpo, ainda que viajemos “até o fim do mundo ou, de manhã, sob as cobertas”, encolhamo-nos, façamo-nos “tão pequenos quanto possível”, deixemo-nos “derreter na praia, sob o sol”. Ele estará sempre conosco onde estivermos. Como afirma Foucault, “meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo” (FOUCAULT, 2013, p. 7).

Por essa razão, não devemos pensar “que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história”, mas sim que “ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (FOUCAULT, 2017, p. 72). Munidos dessas reflexões, enxerguemos o corpo também enquanto enunciado e instrumento de comunicação. Conforme assevera Milanez (2009, p. 215), pode-se considerar o corpo “não somente como uma simples prática corporal e objetivante, mas também como prática discursiva de resistência”. Nesse espaço de encontro, “os discursos são imbricados em práticas não verbais”, “o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto”, “a expressão através da linguagem se conjuga com a expressão do rosto, de forma a não ser mais possível separar linguagem e imagem” (COURTINE, 2013, p. 31).

Devemos, pois, pensar o corpo como um espaço concreto de construção das identidades, como a materialidade sobre a qual funcionam estratégias de estigmatização – como a fixação de padrões ditos masculinos e femininos –, através das quais os sujeitos resistem a tais práticas higieneizantes (MILANEZ, 2009). Assim, o corpo “é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2000, p. 15).

Um dos mecanismos de poder que incidem sobre o corpo é a *sanção normalizadora*. Ela se baseia em regimes de verdade validados pelos saberes socialmente instituídos, de modo que até mesmo o sistema penal procura nas teorias sociológicas, psicológicas, médicas e psiquiátricas, as justificativas para sua ação, “como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso de verdade” (FOUCAULT, 1999, p. 19). Esses saberes convocam divisões dos sujeitos conforme as observações dos comportamentos dos corpos perante parâmetros de normalidade pautados em regimes de

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

verdade. As práticas divisoras agem sob a perspectiva da objetivação, classificando, separando os indivíduos em “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (FOUCAULT, 1995, p. 231), o normal e o anormal, enfim:

A arte de punir, no regime disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto - que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal [...]. A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 2014, p. 179-180, grifo do autor).

Essa normalização recai sobre toda a sociedade no momento mesmo em que caímos nas armadilhas preconceituosas, que rotulam os sujeitos de acordo com os parâmetros de normalidade formulados pelos regimes de verdade dos saberes institucionalizados. Recai também sobre o comportamento viril e másculo que se espera de homens – sejam heterossexuais, sejam homossexuais – em uma ditadura heteronormativa. Recobre de loucura, covardia, coragem, doença os corpos daqueles que nutrem ideações suicidas ou tentaram cometer o irreversível; com essa capa de anormalidade, marginaliza-os e os impelem ao silêncio, ao esquecimento.

Entretanto, esse lugar corporal de sofrimento e submissão destinado aos indivíduos que compõem uma população governada pelos mecanismos disciplinares não está fadado à eternidade. Ao descrever a maquinaria de poder que adentra e dociliza nossos corpos a seu bel prazer, Michel Foucault não considera que os sujeitos sejam meros receptáculos desse controle contínuo, mas essencialmente resistentes, de maneira heterogênea, dispersa. Não há o poder, mas relações de poder, lutas travadas no cotidiano entre sujeitos sociais, resistências às formas de dominação que aprisionam os corpos aos rótulos, às condutas normais, à disciplina homogeneizante. Roberto Machado (2017, p. 18) enfatiza esse caráter provisório e plural das forças que se digladiam na sociedade: “como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social”.

Segundo Foucault, se as resistências não existissem, a História não avançaria. Também não haveria relações de poder sem as possibilidades de reação a ele. Em uma situação de total escravidão – punhos e pés acorrentados, boca silenciada, corpo enclausurado na masmorra –, o que funciona é a dominação e não o poder (FOUCAULT, 1995). Assim, o filósofo nos convida a refletirmos, não apenas sobre quem somos nós hoje, constituídos por essas relações perenes, mas, principalmente, sobre como podemos ser diferentes do que somos, a partir das oportunidades de resistência surgidas através da compreensão sobre o modo com que os poderes nos adestram.

A construção de verdades pela parresía

Uma das maneiras de resistir com o próprio corpo é a parresía. Essa prática pode ser “traduzida” em uma expressão: “coragem da verdade”. O sujeito parresiasta profere um dizer que se relaciona a sua própria experiência; a força da sua verdade se encontra no próprio corpo, no testemunho de vida. Conforme Foucault (2011, p. 13) nos assevera, a parresía é, portanto, “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve”. Ao tratar de heteronormatividade e suicídio, temas ainda considerados tabus na sociedade contemporânea, os sujeitos que aparecem em nosso *corpus* põem-se no fogo cruzado dos xingamentos, da exclusão, dos estigmas; oferecem a própria face aos eventuais tapas reativos à atitude de coragem de expor as experiências dolorosas que denunciam as violências hegemônicas da sociedade.

Em vez de reservarmos uma seção teórica sobre a parresía como processo de constituição de subjetividades e verdades, optamos por realizar uma operação de simultaneidade entre os conceitos filosóficos e a efetiva análise discursiva do *corpus*. Por isso, é chegado o momento de abordarmos resumidamente as questões tratadas em cada vídeo para que, enfim, prossigamos à análise proposta.

O vídeo 1 (MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO), publicado pelo canal Mandy Candy em 7 de junho de 2017, traz a própria *youtuber* transexual Amanda Guimarães relatando sua tentativa de suicídio. A principal motivação para a produção do vídeo surgiu quando Amanda recebeu uma carta de uma seguidora que passa por dificuldades no processo de transição de identidade de gênero e tem pensamentos suicidas. Ao se sensibilizar com a situação da remetente, a *youtuber* narra sua própria experiência com a tentativa de suicídio. Em seu canal,

cujo número de seguidores se aproxima de dois milhões, Amanda traz temas variados, como opinião sobre produtos cosméticos, diários de seu cotidiano ou comentários sobre o mundo artístico. Também são recorrentes conteúdos sobre sua transição e as dificuldades enfrentadas nesse processo.

O vídeo 2 (CURA GAY: TERAPIA OU TORTURA? A VERDADE! - Põe na Roda), publicado em 28 de setembro de 2017 pelo canal Põe na Roda, mostra os depoimentos de um homem e uma mulher homossexuais, Vinícius e Raiane, sobre as pseudoterapias de “reversão sexual” a que foram submetidos em um contexto religioso. Não há, nem no título nem na descrição do vídeo, referências à tentativa de suicídio. Entretanto, ao assistirmos o conteúdo na íntegra, percebemos que Raiane fala brevemente sobre seu processo de adoecimento mental e sobre sua experiência de tentativa de suicídio, ao passo que Vinícius menciona sua relação com o sofrimento psicológico e reconhece a recorrência de reações extremas como a mencionada pela jovem. Além desse vídeo, o *Põe na Roda* produz conteúdos que debatem sobre homossexualidade, bissexualidade e transexualidade com bastante humor. Seu número de inscritos ultrapassa a marca de um milhão.

No vídeo 3 (MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO - Qual a sensação de quase morrer?), publicado pelo canal MIMDEXA FALAR no dia 09 de dezembro de 2017, o *youtuber* Igor Lucas explica detalhadamente suas ideações suicidas, relatando aspectos da infância e da adolescência que o levaram a um processo depressivo. Ele narra, passo a passo, os métodos e os efeitos envolvidos na tentativa de suicídio. Dentre os conteúdos produzidos no canal, estão vídeos cujos temas contemplam a comunidade LBGTI e outros em que o *youtuber* insere suas vivências cotidianas. O número de seguidores é pequeno em relação aos canais anteriores – pouco mais de 50 mil. Contudo, o vídeo selecionado para este artigo possui quase cem mil visualizações e mais de dois mil comentários, o que nos garante um farto material de análise principalmente no último capítulo, que investiga os efeitos da discursivização das tentativas de suicídio de sujeitos homossexuais e transexuais no ciberespaço.

De posse das reflexões teóricas precedentes e dessas informações essenciais sobre o *corpus*, continuemos nosso percurso rumo à execução das análises discursivas a partir da seguinte indagação: de que maneira Mandy Candy, Raiane, Vinícius e Igor Lucas se servem do discurso e das redes digitais para resistir e se libertar dos traumas ocasionados pelas objetivações que incidem nos seus corpos? Que práticas podemos identificar em seus enunciados como facilitadoras da construção de subjetividades e verdades?

Respondamos previamente, a fim de sintetizar as informações. Em todos os vídeos, enxergamos o atravessamento constitutivo *da escrita audiovisual de si*, estratégia comumente utilizada por *youtubers* para falarem de maneira dinâmica sobre si próprios no que concerne a sentimentos, acontecimentos, rotinas, preferências, qualidades e defeitos pessoais, dentre outros aspectos. Em alguns desses enunciados, a escrita de si é formada por, pelo menos, dois recursos discursivos: *a confissão e a parresía*. Esses três mecanismos de linguagem revelam que os sujeitos se conhecem melhor quando se ocupam de si mesmos (FOUCAULT, 2006). E, ao *cuidarem de si*, também *cuidam de outras pessoas*, a exemplo dos internautas que passam por dificuldades semelhantes e se sentem reconfortados ao assistirem aos vídeos. Esse processo acarreta um *governo* não mais das instituições sobre o sujeito, mas *do sujeito sobre si mesmo*. Além disso, a credibilidade proporcionada pela discursivização das próprias verdades leva a um certo *domínio sobre os outros*, cujos pensamentos e atitudes passam a ser governados também pela legitimação da experiência do *youtuber* através do seu testemunho de vida.

Primeiramente, identifiquemos a *confissão*. Esse procedimento, tão caro à Igreja Católica, reconfigura-se no espaço digital. Ao expor suas imagens em rede no *YouTube*, os sujeitos devem responder a um imperativo fundamental dessa plataforma digital: a revelação de seu cotidiano, de suas intimidades (JENKINS, 2009). Sob essa perspectiva, não há a figura do padre como interlocutor no confessionário. Os usuários do *YouTube* é que ocupam a função da “instância que requer a confissão”. Observe os enunciados a seguir:

Essa não é a primeira, não é a segunda, e eu tenho certeza que não vai ser a última mensagem que eu vou receber assim de pessoas que estão passando pelo mesmo que eu passei. Então, Amanda ou você que talvez não esteja vendo uma saída pra sua dificuldade, pro seu problema, *eu vou contar uma coisa que eu nunca contei pra ninguém. Nem minha família sabe. Eu meio que me envergonho de... disso, né?* E eu acho importante compartilhar isso pra vocês porque se eu hoje consigo tá aqui gravando um vídeo, ter realizado tantas coisas, tantos sonhos na minha vida, eu tenho certeza que você também vai conseguir (Mandy Candy, vídeo 1).

Desde os 12 anos eu comecei a participar de um grupo de oração. E eu... era... me estranhava a forma como que eu me sentia atraída por mulheres. *Então eu sempre começava as minhas amizades e eu me afastava, por medo. Medo do que eu poderia sentir por aquela pessoa. [...] Quando eu fiz 16 anos, eu fiquei com a primeira menina. E aí eu contei pro meu coordenador de grupo de oração. E ele ficou assim... Sabe, tipo... Oi?!* (Raiane, vídeo 2)

A minha adolescência foi marcada por choro. *Eu chorava dia sim, dia sim na minha cama, todos os dias na hora de dormir. [...] E aí, automaticamente bastava um olhar, passar na rua e ver um cara lindo passando e eu olhava e falava: “Nossa, que gato, e tal...”*. Pronto, aquilo era o suficiente pra acabar comigo mesmo. *E aí eu entrava em desespero*, porque aí era onde eu via: “cara, não aconteceu, eu não fui curado” (Vinícius, vídeo 2).

E aí eu acho que eu comecei a colocar nas pessoas que me desejavam, sabe? A minha autoestima tava nelas. Então quando eu não estava com uma pessoa, *a minha autoestima chegava ao zero e aí eu me sentia deprimido*. Enfim, aí me oferecia cigarro e eu fumava, me ofereciam bebida e eu bebia... Sabe? É uma falta de personalidade muito grande. Na verdade, *eu acho que é um desespero pra ser aceito em algum lugar, um desespero pra tentar fazer parte do mundo também, eu acho* (Igor Lucas, vídeo 3).

Além do conteúdo sensível presente nos enunciados acima, podemos perceber uma regularidade nos trechos destacados: os sujeitos expressam não apenas os acontecimentos pessoais, mas também os sentimentos que estavam envolvidos neles. Vergonha, medo, desespero, baixa autoestima. O relato de tais emoções nos aproxima da humanidade desses indivíduos e confere às suas palavras efeitos de verdade inerentes ao gesto de desnudar seu ser, suas reações afetivas às situações cotidianas. Todos os sujeitos falam sobre acontecimentos difíceis que provavelmente esconderam, por algum tempo, até mesmo dos mais próximos; são confidências que, naquele momento, certamente os fragilizaram.

A esse recurso de erguimento de verdades testemunhais e soerguimento de vidas marginalizadas, alia-se outro: o “dizer verdadeiro”, a “coragem da verdade” ou, simplesmente, “parresía”. Através dela, os sujeitos chocam-se com o poder e emergem do anonimato (FOUCAULT, 2003). Devemos buscar, simultaneamente, as grades cerradas de poder que tornam possível declararmos que os sujeitos proferem enunciados parresiásticos ou “corajosos”. Em sua aula inaugural no Collège de France, Michel Foucault nos apresentou algumas dessas grades e chamou-as de princípios externos de controle dos discursos ou procedimentos de exclusão. Dentre eles, estão a *interdição*, a *segregação da loucura* e a *vontade de verdade*. Vejamos seus conceitos e a que eles dizem respeito em nossa análise.

Interdição. Em todas as esferas da sociedade, há discursos cuja circulação está submetida a regras que a restringem, limitam. À interdição, deve-se este princípio: “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Para o filósofo, a região da sexualidade é uma das mais afetadas por esse procedimento. Os vídeos aqui analisados evocam discursos comumente censurados em uma sociedade heteronormativa, que se digladiam com esferas polêmicas, como a religiosa. Além disso, os sujeitos relacionam a heteronormatividade ao suicídio, outro assunto tabu em nossa sociedade. Observe os enunciados a seguir:

Todo o respaldo que eles dão são sempre alguns poucos versículos de bíblia que são soltos, isolados. E com isso eles tentam, tipo, mexer com a cabeça das pessoas. *Só te tiram a felicidade e o prazer da vida. O prazer de viver.* (Vinícius, vídeo 2)

Esse processo de mudança, ele tortura. Sabe? E *eu sou a prova viva disso*, do quanto que isso me machucou, o quanto que isso me destruiu, assim... A aceitação me curou. *Quem acredita em Deus, universo, seja lá o que for... Eu acho que ele não tá... ele não se importa com quem eu tô beijando, com quem eu amo, ele quer saber o meu coração.* E o meu coração tá leve, tá feliz, meu coração que retribuir pro mundo tudo aquilo de bom que eu sinto. Eu falo, se eu pudesse ter me aceitado assim antes, teria evitado passar por tanta coisa... Tantos traumas... (Raiane, vídeo 2)

Por muitas décadas, os meios de comunicação se omitiram em relação ao suicídio devido à ideia de que publicar reportagens sobre mortes voluntárias poderia levar a uma onda de atitudes semelhantes por um processo de “imitação” (DAPIEVE, 2007). Essa noção advém do início do Romantismo na Alemanha, época na qual o livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), de Johann Goethe, teve uma repercussão negativa na população. O nível de suicídio entre os jovens no país aumentou nesse período e muitos dos cadáveres foram encontrados segurando um exemplar da história de Werther, um rapaz que tira a própria vida após sofrer desilusões amorosas. Mais de dois séculos depois, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou um manual para profissionais da mídia enfatizando a necessidade de se falar sobre o tema no sentido da prevenção, e oferecendo orientações acerca das maneiras de se abordá-lo com responsabilidade (OMS, 2000). No Brasil, nos últimos quatro anos, o suicídio tem ganhado notório destaque na mídia, geralmente em um mês específico do ano. A campanha de conscientização *Setembro Amarelo*, criada pelo Centro de Valorização da Vida (CVV), pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) tem promovido esse debate. Essa breve arqueologia nos atesta que estamos diante de um assunto tabu cujas singularidades são vagarosamente desconstruídas na sociedade. Os sujeitos dos vídeos, então, desafiam as interdições que recobrem o suicídio usando plataformas mais democráticas para fazer reverberar sua mensagem (LEMOS, 2010). Apesar disso, ainda encontramos rastros das proibições no vídeo de Igor Lucas, por exemplo, como se pode observar na figura abaixo:

Figura 2: Tela que antecede a reprodução do vídeo.

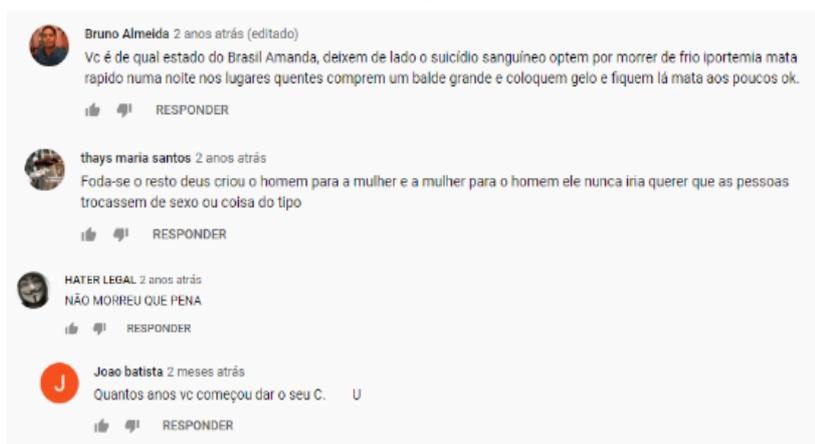


Fonte: Print feito pelo autor.

Ao desafiar as interdições com a parresía, os sujeitos assumem os riscos de serem excluídos, mal vistos, julgados e contestados por pessoas fundamentalistas. Esse é um atributo

inerente ao “dizer verdadeiro”, segundo Foucault (2011, p. 12): “o sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco [...] Para que haja parresía é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva”. Podemos enxergar algumas dessas respostas nos comentários dos internautas. Elas, porém, são raras, pois o consumo de vídeos no *YouTube* acontece de acordo com as preferências e identificações dos usuários, o que acarreta uma enxurrada de comentários apoiadores (JENKINS, 2009).

Figura 3: Comentários de repúdio ao conteúdo dos vídeos.



Fonte: print feito pelo autor.

Marcados por ironias e termos pejorativos, os comentários acima materializam os riscos advindos da “coragem da verdade”. Superexpostos em rede, os indivíduos se submetem também a discursos que reforçam as objetivações das quais tentam se livrar. Embora as palavras aí contidas possam afetar minimamente os sujeitos dos vídeos, as ações de pessoas próximas que assistiram aos conteúdos e discordam de maneira atroz representam, de maneira incisiva, os riscos dos quais falava Foucault.

Segregação da loucura. Esse procedimento se refere ao binômio “razão/loucura”, que baliza aqueles que são considerados “loucos” de “desrazão”. Dessa forma, há uma descrença quanto ao seu dizer na sociedade, geralmente rebaixado ao descrédito. “Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 11). O suicídio é majoritariamente discutido a partir da saúde mental, campo que ainda sofre com recorrentes preconceitos perante outras áreas da Medicina (SILVA, 2016). Os propensos suicidas, em geral, são denominados por estigmas que descredibilizam sua

fala e o marginalizam. Conforme apontam Milanez e Prata (2016, p. 10), esses estereótipos “pretendem eximir a sociedade das obrigações referentes ao sujeito suicida, atribuindo a ele total responsabilidade de sua morte. Fraqueza psicológica, espiritual, distúrbios depressivos, enfim, a lista é vasta quando se pretende responsabilizar o sujeito suicida pelo seu ato”. Nos enunciados abaixo, percebemos que o sentimento de vergonha, conseqüente desses discursos de preconceito, aloja-se também em Mandy Candy. Já Igor Lucas inicia o vídeo destacando a necessidade de desconstrução de tais estigmas.

E, *morrendo de vergonha, não contei isso* [tentativa de suicídio] *pra ninguém, tô contando agora pra vocês, tô contando pra todo mundo, minha família deve tá sabendo agora...* (Mandy Candy, vídeo 1)

Eu não quero que vocês levem esse vídeo pro lado da vitimização. Eu não quero não, sério! Não levem esse vídeo pro lado da vitimização ou sei lá... “Que dó!”, “O coitado”, “Ah, meu Deus”... Não, gente, é só uma conversa, sabe? *Eu acho que essa vitimização em cima... Isso vem do tabu que tem em cima desse tipo de assunto.* (Igor Lucas, vídeo 3)

Dessa forma, além de exercer a coragem de serem vistos como “loucos” ou “fracos na fé”, os sujeitos dos vídeos praticam a parresía, ao evidenciarem suas tentativas de suicídio, não apenas como resultado de uma individualidade, mas também de uma coletividade doente que exclui os desviantes da norma heterossexual. Portanto, podem ser duplamente segregados: pelo estigma em torno dos transtornos mentais e pelo preconceito sobre sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Vontade de verdade. Esse procedimento parte da noção foucaultiana de que cada época tem suas proposições verdadeiras, construídas pelos discursos cuja ordem encontra, na incessante repetição pela sociedade e instituições, sua vigência e legitimidade. A vontade de verdade apoia-se sobre um suporte institucional: “é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...], pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1999, p. 17). Desse modo, diversas vontades de verdade constituíram o suicídio no decorrer dos séculos: ele foi, por vezes, silenciado devido à repressão dos poderes absolutistas e dos dirigentes religiosos, à conotação negativa da “loucura” frente aos diagnósticos psiquiátricos e aos manicômios, ao discurso de felicidade que exalta a vida e rechaça a morte; também foi amplamente discursivizado em decorrência das reformas na psiquiatria, das campanhas de conscientização, e de produtos midiáticos como a série norte-americana *13 Reasons Why* ou o perigoso jogo *Baleia Azul* – cujos ápices de debate, no Brasil, aconteceram em 2017. Conforme mencionamos na introdução deste trabalho, todos os vídeos encontrados no *YouTube*, em que

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

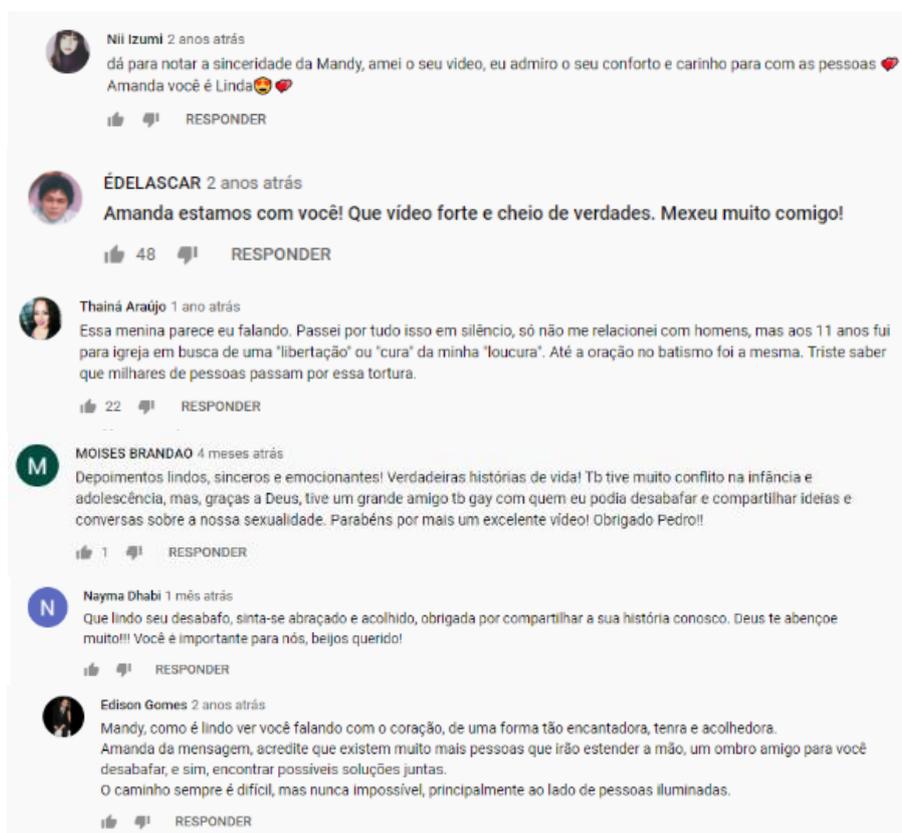
os indivíduos relatam a própria tentativa de suicídio, foram publicados a partir de 2017. Embora parresiásticos, os enunciados aqui analisados lutam contra verdades reinantes sobre o suicídio em nossa sociedade, ancorando-se em vontades de verdade que fomentam o debate sobre o tema, a exemplo daquelas produzidas por *13 Reasons Why* e pelo *Setembro Amarelo*. Perceba que, no trecho abaixo, Igor Lucas mobiliza saberes estatísticos para validar ainda mais seu testemunho e enquadrá-lo em uma vontade de verdade que ganha espaço na contemporaneidade:

Uma porcentagem enorme da população mundial vive com depressão, com ansiedade, e é claro que uma grande parte dela não sabe. Porém, *a depressão ela é uma coisa que tá muito evidente, sabe, hoje em dia? E o suicídio tá cada vez mais aparecendo nas estatísticas de morte. Inclusive o suicídio é responsável por 2% das mortes mundiais. Então isso é muita coisa, cara! Pode parecer pouco, mas assim... 800 mil pessoas morrem anualmente por causa do suicídio.* Então não é uma coisa que deve ser tratada dessa forma, sabe? É só mais um problema, é só uma doença que precisa ser discutida, que *precisa tá em alta*. Assim como o câncer é combatido, sabe, a depressão e a ansiedade, *o suicídio também precisa ser combatido!* (Igor Lucas, vídeo 3).

Além de acoplar discursos institucionais ao seu enunciado, Igor Lucas, assim como os outros sujeitos, usa o testemunho de suas próprias experiências para produzir a relação entre si mesmo e verdade. Para Foucault (2011, p. 11), a parresía “consiste em dizer a verdade, sem dissimulação nem reserva nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la [...] O parresiasta dá sua opinião, diz o que pensa, [...] liga-se a essa verdade, e se obriga, por conseguinte, a ela e por ela”. O filósofo ainda acrescenta a necessidade do *estatuto do outro*, que reconhece e legitima o enunciado parresiástico. No *YouTube*, a maioria dos comentários apresentam sentimentos de identificação e retribuição positiva. Eles, portanto, não questionam a veracidade do conteúdo publicado – não desconfiam, por exemplo, da recuperação dos indivíduos após a ingestão dos medicamentos –, mas partem do pressuposto de que os sujeitos transmitem situações reais; compadecem-se com suas experiências de preconceito e tentativa de suicídio.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Figura 4: Comentários de apoio ao conteúdo dos vídeos.



Fonte: print feito pelo autor.

ntos

lindos, sinceros e envolventes”, “desabafo” sintetizam a legitimidade concedida pelo estatuto do outro para o fortalecimento das verdades construídas nos depoimentos. A relação entre os vídeos e os comentários analisados nos demonstra “sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 04).

A partir desses enunciados, percebemos que, cientes dos controles que os feriam e ocupados com a estetização da própria alma, os sujeitos se agarraram à urgência de reviver, de buscar o equilíbrio de suas emoções, de resistir às endemias sociais que contagiavam seu corpo. Trilhando esse caminho pedregoso de lutar em vida e pela vida, entendemos que sobreviver é um ato contínuo e frutífero de resistência.

Considerações finais

Partindo de enunciados presentes nos vídeos e em alguns dos comentários dos internautas, analisamos a constituição de verdades e subjetividades através das técnicas de si,

mobilizando os conceitos de *confissão* e *parresía*. Tais processos, estudados por Foucault através de textos da Antiguidade, mostraram-se extremamente oportunos e atualizados por uma sociedade digitalizada e midiaticizada. Constatamos, assim, que é preciso remontar ao passado para entendermos as práticas discursivas sociais que se concretizam no presente.

Propusemos, neste artigo, uma reflexão sobre as relações sociais de saber-poder que levam ao sofrimento psíquico e à discursivização do suicídio como uma “reação”, uma forma “corajosa” de resistir. Reflexão revogável, arremessada ao rio descontínuo da história. Este, afinal, é um dos fundamentos dos Estudos Discursivos Foucaultianos: oferecer alternativas para um processo de leitura crítica da sociedade, escavando saberes que constroem o verdadeiro de cada época e instauram poderes, admitindo a existência de inúmeros gestos de interpretação dos quais jamais extrairemos a verdade absoluta.

Este artigo não é sobre morte, mas sobre vida. Na análise discursiva aqui empreendida, estamos falando não apenas sobre suicídio, mas principalmente sobre a valorização do viver, sobre como podemos agir enquanto sociedade para impedir que os outros seres humanos se desfaçam em ruínas emocionais. Este trabalho nos faz refletir sobre práticas de respeito e de empatia que estão ao nosso alcance. Precisamos, sim, falar sobre suicídio! Mas é necessário, acima disso, falar – e agir – com cuidado, compreensão, acolhimento, amor. Precisamos falar sobre vida. Para toda a humanidade.

Referências

BARACUHY, R.; NOGUEIRA, K. O discurso da felicidade como tática biopolítica na revista SuperInteressante. *Revista Discursividades*, Campina Grande, n. 2, mar. 2018.

CANDY, M. *MINHA TENTATIVA DE SUICÍDIO*. 2017. (08m12s). Disponível em: <<https://youtu.be/lzY-xEF2YHI>> Acesso em: 27 ago 2019. (Vídeo do Youtube)

COURTINE, J. J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.

DAPIEVE, A. *Morreu na contramão: o suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FOUCAULT, M. *A Coragem da verdade: O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2010.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017, pp. 7-34.

MILANEZ, N.; PRATA, V. (Orgs.). *Filosofias do suicídio: quando o corpo tem vez*. Vitória da Conquista : Labeledisco, 2016.

MILANEZ, N. Corpo cheiroso, corpo gostoso : unidades corporais do sujeito no discurso. Maringá: *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 31, n. 2, 2009, p. 215-222.

PÕE NA RODA. *CURA GAY: TERAPIA OU TORTURA? A VERDADE!* - Põe Na Roda. 2017. (13m09s). Disponível em: <<https://youtu.be/nkEPIyvsM2A>> Acesso em: 27 ago 2019. (Vídeo do Youtube)

SAMORANO, C. Discriminação e hostilidade levam mais jovens gays ao suicídio. *Metrópoles*, 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/direitos-humanos-br/discriminacao-e-hostilidade-levam-mais-jovens-gays-ao-suicidio>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SILVA, A. B. B. *Mentes depressivas: as três dimensões da doença do século*. São Paulo: Pricipium, 2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 07-72.

A TRAJETÓRIA DE UM SUJEITO TRANSGÊNERO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Felipe Santos da Silva¹

Alexandre Marcelo Bueno²

RESUMO: O discurso sobre identidade de gênero revela, em suas nuances, uma trajetória transformadora quando bem-sucedida. Contudo, tal empreitada não é feita por um percurso linear, sem obstáculos e dramas a serem superados. O objetivo deste estudo é analisar os efeitos de sentido presentes no discurso de um sujeito transgênero e as repercussões sociais, positivas e negativas, que o ser trans vivencia no contexto universitário. A análise incide sobre o recorte de uma pesquisa com um número maior de participantes LGBTTQIA+, acadêmicos de uma universidade local, que foram entrevistados ao longo de 2018. O método consistiu em uma análise semiótica dos relatos apresentados nessa investigação, inter-relacionando o campo de estudos de gênero e a transexualidade. Os resultados apontaram um cruzamento temático com o predomínio do preconceito, da intolerância e da estigmatização da comunidade trans, dentro e fora do contexto universitário. Ao mesmo tempo, observamos temas relacionados à descoberta identitária, sua busca por reconhecimento e respeito. A possibilidade de examinar os discursos de vivências desses sujeitos propicia a visibilidade de uma classe identitária que permanece segregada e excluída.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica francesa. Transexualidade. Transgeneridade. Preconceito.

ABSTRACT: Gender identity speech may present a revolutionary path when well discussed. However, such a path may not have a linear development, likely to present barriers and issues to be surpassed. The objective of this paper is to analyze the projected meanings on the narrative of a transgender person, as well as to discuss the social repercussion that such a person faces in the academic context. The analysis will be performed in the selected portion of this speech, which composes the corpus of a greater 2018's study involving the LGBTTQIA+ scholar community. Methodologically, the Semiotics analysis guided the development of this study. Gender and transgender bibliography also added base to this paper, aiding in the analysis of the testimony. The results presented the presence of prejudice, intolerance, and stigmatization in and out of the academic context. At the same time, identity discovery, self-recognition, and respect aspects were unveiled by the analysis. Concluding, the analysis of the narrative also gives attention to matters such as segregation and exclusion of this social group.

KEYWORDS: French Semiotics. Transsexuality. Transgeneration. Preconception;

Introdução

¹ Psicólogo graduado pela Universidade de Franca. Graduando em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: felipe.stos.sva@gmail.com.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade de Mackenzie .E-mail: alexandrebuono@gmail.com.

Os discursos identitários constituem, na atualidade, um campo fértil para discussões sobre as configurações dos sentidos na contemporaneidade. Em parte, essas discussões se aprofundam pela entrada da diversidade figurativizada em sujeitos, sobretudo os pertencentes à comunidade LGBTTTQIA+, em certos espaços institucionais, como o universitário. Ao mesmo tempo em que se ganha visibilidade, a emergência de problemas, que outrora eram ignorados pela heteronormatividade hegemônica, ganha força por meio das discussões e pesquisas que passaram a ser realizadas nos próprios espaços institucionalizados das universidades.

Dentre os problemas ligados à questão identitária, podemos pensar no acesso à educação ao qual a população LGBTTTQIA+ tem ou não direito. No Brasil, somente em 1999 houve o ingresso da primeira mulher transexual em uma universidade pública³. Essa situação de restrição ocorre, em grande parte, à existência da discriminação na esfera escolar e universitária, que privilegia o sujeito branco, heterossexual e de classe média, e exclui todos os que não se encaixam nesse padrão estabelecido e construído socialmente como ideal.

Em particular, a estigmatização que acompanha o sujeito trans mostra que, além dos diversos dramas e conflitos internos que ele experiencia no decorrer de um longo e árduo processo de descoberta e (re)descoberta identitária, existem ainda inúmeras barreiras institucionais que se colocam como desafios contra os quais ele deve lutar, como o reconhecimento do direito do uso do nome social; ambiguidades e falta de orientações claras sobre o uso de determinados espaços nas dependências da universidade; estranhamentos e preconceitos de colegas de turmas e professores; falta de compreensão sobre o assunto e incertezas em relação ao modo como se comportar e o que esperar das interações, entre outras questões que atravessam a questão identitária nos espaços institucionais e as relações que eles comportam.

Em contrapartida, temos visto emergir um conjunto que se fundamenta na liberdade de um *poder-ser* e *poder-fazer*, que privilegia a ideia de respeito e aceitação do outro em sua diversidade. Se antes havia uma quantidade quase inexistente de pessoas LGBTTTQIA+ inseridas em ambientes universitários (pois não assumiam sua condição perante os demais), atualmente esse quadro tem se modificado com o aumento da possibilidade de acesso desses sujeitos à esfera acadêmica⁴. A mudança nesse quadro se deve tanto à luta pelo respeito e pelo

³ Notícia disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>>.

⁴ Segundo informações divulgadas pela instituição de ensino UFABC, 40 vagas são destinadas para pessoas trans, para ingresso nos cursos de graduação da Universidade Federal do ABC, por meio do SisU. Notícia disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/01/ufabc-vagas-exclusivas-transgeneros/>>.

reconhecimento dos direitos à educação, saúde e trabalho (tal como ocorre com os demais cidadãos brasileiros), quanto pelas políticas públicas existentes até poucos anos atrás.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta sua discussão sobre o discurso identitário a partir de subsídios derivados de uma investigação que coletou depoimentos de acadêmicos de uma universidade local do interior paulista. O objetivo foi analisar discursos que aportam as experiências concernentes ao universo acadêmico, ligadas às orientações sexuais e às identidades de gêneros com as quais eles (as) se identificam.

Como recorte teórico, foi utilizada a semiótica discursiva de linha francesa, que nos permite identificar os efeitos de sentido presentes no texto que se constitui nos depoimentos dos acadêmicos. Além disso, a fundamentação teórica desse trabalho dialoga com os estudos sobre gênero, transexualidade, preconceito propostos por Modesto (2013), Butler (2017) e Jorge; Travassos (2018), e os estudos sobre estigma apresentados por Goffman (2004) sob o prisma da antropologia social, uma vez que, dos seis depoimentos coletados durante a pesquisa, recorremos a alguns fragmentos de apenas um dos participantes entrevistados, que elabora considerações sobre a transexualidade e suas interfaces no contexto universitário.

A existência de universitários que vivenciam conflitos relacionados a si mesmos e aos outros aponta para a necessidade do desenvolvimento da pesquisa científica, com o intuito para entender quais são as influências que concebem tais conflitos e lutas identitárias. Além disso, se busca entender quais os mecanismos psíquicos implicados no sujeito que experiencia a autodescoberta, assim como as relações polêmicas/adversas que surgem nas relações entre identidades e alteridades.

Antes da realização da coleta de dados e gravações dos depoimentos, foram lidos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes da pesquisa. Assim, todos foram orientados sobre o funcionamento e as diretrizes centrais da pesquisa em relação ao sigilo, à confidencialidade e à liberdade de não continuar no estudo, caso não se sentissem confortáveis no momento das gravações. Por se tratar de uma pesquisa que envolveu seres humanos, foi necessária a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos. O número de aprovação CAEE é 88935518.2.0000.5495.

Percursos e percalços identitários

É importante salientar alguns pontos fundamentais que ancoram a semiótica como prática e como se dá a sua aplicabilidade no corpus que pretendemos analisar. Nesse sentido, orientamo-nos a partir das considerações de Landowski (2012):

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

De fato, a semiótica não sendo para nós uma doutrina, mas uma prática, tentamos praticá-la: falá-la (a palavra de ordem está no aprendizado de segundas línguas) mais que falar dela. Pois bem, como todas as outras linguagens, não só ela está por natureza em devir, mas, sobretudo, deve permitir falar de outra coisa que não dela mesma: de textos-objetos, é claro, e de seus contextos, evidentemente, mas também das *práticas reais* nas quais estamos diariamente envolvidos. Por exemplo, dessa prática semiótica em situação, que é precisamente a produção da presença do Outro, como tendo sentido (LANDOWSKI, 2012, p. 08-09).

Nesse sentido, praticar a semiótica é compreender o que o texto diz, como diz, o contexto no qual ele se ocorre e implica também a observância das relações e presenças da identidade e alteridade que se que nele se revelam, e como elas se relacionam e interagem entre si.

Com a finalidade de preservar a identidade do depoente, utilizaremos o nome fictício de Gabriel, de maneira que quaisquer informações aqui apresentadas não tragam traços da identidade do participante da pesquisa. No primeiro momento do depoimento de Gabriel, ele se apresentou e contou como ele lida com o seu corpo desde a sua infância, e como foi para ele lidar com as mudanças que ocorreram da infância para a adolescência.

Meu nome é Gabriel, eu tenho 22 anos, curso Psicologia, tô no segundo ano de Psicologia, nasci em ***** e moro em *****.

Da infância, acho que as coisas são sempre iguais assim, a gente não diferencia muito, que corpo é de quem. É, mas aí com o final assim da infância, com uns nove, dez anos, a gente começa a perceber que algumas coisas começam a ficar diferentes assim, porque antes a gente vê corpos e as pessoas que denominam coisas do que a gente é ou não, de acordo com a genital que você nasceu, de acordo com o seu sexo biológico, mas aquilo não tem tanto significado, porque nada muda, as coisas são corpos iguais. Eu me lembro na infância, de achar que eu era como o meu irmão e que nada mudaria, mas aí com a transição para adolescência, as coisas começaram a mudar no corpo, assim fisicamente, porque na minha cabeça as coisas não tinham mudado. Mas aí eu comecei a ter que tentar adequar as coisas, mas na infância era tudo igual, ou eu me percebia como eu sou hoje. Aí depois, eu tive que ter outra percepção (GABRIEL, 2018, trecho 01).

Gabriel apresenta os elementos primários que constituem a sua identidade, segundo a perspectiva dele mesmo: seu nome, sua idade, o que estuda. Em seguida, ele relata que não identificava diferenças em relação ao seu corpo com os demais durante a sua infância e imaginava-se como igual ao seu irmão. Pierre Bourdieu (2002) destaca que existem elementos da ordem da percepção e da apreciação em que estão imbricados a constituição do masculino. Após ter a consciência perceptível dessa existência e da demarcação que diferencia, categoriza e hierarquiza os sujeitos homem e mulher:

Estamos incluídos como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação (BOURDIEU, 2002, p. 13).

Esses elementos que caracterizam a dominação masculina, ou a construção da ideia de uma categoria que se apresenta como superior às demais, constitui modos de existência e de presença que se diferenciam. A partir do depoimento de Gabriel, identificamos a diferença fundamental entre identidade e alteridade (Landowski, 2002). A identidade relaciona-se com o masculino que ocupa o status de dominador, que recebe privilégios e constitui regras e modelos que devem ser seguidos pelos demais. É o que Landowski (idem) chama de Sr. Todo Mundo, ou seja, uma referência identitária padrão, que comporta o que uma sociedade ou cultura identifica como a norma a ser seguida. A alteridade, no caso do discurso de Gabriel, relaciona-se com todas as demais identidades que não são consideradas masculinas, ou seja, não se trata aqui apenas ou estritamente do feminino, mas de todas as outras identidades de gênero que existem, incluindo o transgênero, transsexual⁵, não-binário entre tantos outros.

O discurso de Gabriel elabora, desde seu início, uma série de temas que podem ser organizados da seguinte maneira: o tema do autodescobrimento identitário, quando a ele ocorre não ser igual à irmã. O tema da sexualidade, quando são apresentadas as figuras “do genital”, “sexo biológico” e dos “corpos” que Gabriel começa a se dar conta que são distintos, entre ele e o seu irmão por exemplo. Além disso, observamos o tema de conflito identitário, quando Gabriel se dá conta das mudanças e diferenças em relação ao seu corpo e de sua necessidade em se adequar a elas e ao movimento que lhe causa desconforto, uma vez que ele não esperava ter que lidar com todas essas questões. Por fim, há também o tema de transição da infância para a adolescência, em que Gabriel adquire um novo modo de pensar si mesmo e o Outro, a partir da identificação de diferenças, de necessidades de mudanças e de ajustamento em relação ao seu corpo.

Ainda em relação ao ajustamento, no final da fala de Gabriel (“ter que tentar adequar as coisas”, devido às mudanças que começaram a surgir em seu corpo), há um *dever-fazer* (uma necessidade) que ele não estava pronto para articular naquele momento de sua vida. Somente quando as mudanças começam a surgir, ele se viu obrigado a ter que lidar com elas.

⁵ Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

No Brasil, ainda não há consenso sobre o termo, vale ressaltar. Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero (JESUS, 2012, p. 10).

Nos momentos finais da fala de Gabriel, ele diz: “mas na infância era tudo igual ou eu me percebia como eu sou hoje”. Essa afirmação é muito importante para compreendermos um fato que se apresenta no discurso de Gabriel. Ele nasceu com o sexo biológico feminino e teve que se adequar a isso, ele viu a necessidade de agir de acordo com o que um sujeito do sexo feminino é e experiencia em sua adolescência (puberdade), diferente do sujeito do sexo biológico masculino.

Gabriel afirma que desde pequeno se sentia como homem. Somente em sua adolescência, devido aos fatores físicos e biológicos implicados no sexo feminino e suas mutações físicas e genéticas (desenvolvimento do corpo feminino, crescimento dos seios, primeira menstruação, entre outros fatores fisiológicos), ele teve que lidar com tudo isso (a sua desorientação e o conflito interno = conflito modal entre o saber-ser e o não-poder-ser), em que a modalização do não-poder-ser, está imbricada com as construções e representações sociais previamente construídas, que fazem saber/crer, o não poder ser um sujeito que se identifique em desacordo com a sua constituição biológica, identificando uma incoerência com o autoconceito que ele tinha.

Os momentos de desorientação são vitais. Existem experiências corporais que perturbam o mundo ou arrancam o corpo de suas raízes. A desorientação como uma sensação corporal pode ser desestabilizante, pode destruir a confiança que a pessoa tem em suas fundações ou a crença de que as fundações que temos podem sustentar as ações que tornam nossa vida mais habitável. Esses sentimentos de destruição, ou de serem destruídos, podem persistir e se tornar uma crise. Ou o próprio sentimento pode ser passado, quando os fundamentos retornam ou quando voltamos a esses fundamentos. O corpo pode ser redirecionado se a mão alcançar ou fortalecer uma ação. Ou a mão pode estender-se e não encontrar nada, e pode agarrar a indeterminação. O corpo, quando perde o apoio, pode se perder, se livrar, ser jogado⁶ (AHMED, 2006, p. 217, tradução nossa).

Esse conflito interno se refere a um conflito modal interno em torno da categoria do /ser/. Assim, Gabriel sabe-ser homem, mas não-pode-ser homem pelas questões já mencionadas. A falta de uma resolução inicial desse arranjo modal é que leva à percepção de “momentos de desorientação”, como menciona Ahmed (2006). De qualquer maneira, o conflito modal leva o sujeito adiante em seu percurso, justamente em busca de uma resolução do

⁶ Texto original: Los momentos de desorientación son vitales. ay esperiencias corporales que trastocan el mundo, o que arrancan al cuerpo de sus raíces. L desorientación como sensación corporal puede ser desestabilizadora, puede destruir la confianza que la persona tiene en sus fundamentos, o la creencia en que los fundamentos que tenemos pueden sostener las acciones que hacen nuestra vida más vivible. Estos sentimientos de destrucción, o de estar destrozada, pueden persistir y convertirse en una crisis.

O el sentimiento mismo puede pasarse, cuando los fundamentos vuelven o cuando volvemos a esos fundamentos. El cuerpo puede ser reorientado si la mano que se tiene alcanza ao para afianzar una acción. O la mano puede tenderse y no encontrar nada, y puede en cambio agarrar la indeterminación del aire. El cuerpo, cuando pierde su apoyo, puede perderse, deshacerse, verse arrojado. AHMED, S. **Queer phenomenology**, London: Duke University Press, 2006.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

impasse em que se encontra. Assim, diante das mudanças que começaram a acontecer na vida de Gabriel, ele conta como encarou tal situação no ambiente escolar e nas relações com a sua família:

Foi difícil assim, eu lembro que com nove anos, minha mãe me levou no ginecologista. Ele falou, tá muito estranho, tá nascendo seios, você tem nove anos, eu fiquei, estranho mesmo, porque não era para isso tá acontecendo e daí a gente foi, foi terrível, nossa, porque eu ficava pensando, o que, que eu tô fazendo aqui? Por que essas coisas estão acontecendo? E eu me lembro de um dia estar sozinho em casa e meu irmão tinha uma daquelas faixas de pôr no pé para jogar bola, eu acho que é faixa o nome daquilo, aquelas brancas. E aí eu coloquei nos seios, assim, muito, muito inocente sabe, eu não tinha ideia, eu só achava que aquilo não tinha que estar ali. E aí eu estava sozinho em casa por algum momento assim, que eu não me lembro. Mas eu lembro de colocar e ficar andando pela casa e pensando, ah será que se eu usar isso, eles vão parar de crescer, e também pensando, como é que eu usaria aquilo sem ninguém perceber, eu tinha assim dez anos e não teria como minha mãe não perceber. E foi muito difícil a aceitação de que as coisas mudariam e a tentativa de adequação assim na adolescência, de pensar que eu tinha que me adequar aquilo que, que diziam que eu era e mesmo que eu soubesse que não, eu tinha que ser, eu não tinha outra opção, eu não sabia da existência de outras opções naquele momento, só me lembro de na infância pensar ser uma coisa e depois eu ter que ser outra coisa (GABRIEL, 2018, trecho 02).

No início do trecho 02 da fala de Gabriel, se manifesta a contraditoriedade de sua identidade de gênero que se contrapõe com o seu sexo biológico. Ao identificar a necessidade de ser tratada por um médico ginecologista, uma especialidade direcionada para problemas relacionados ao sexo feminino, Gabriel se via como um homem e buscava compreender o motivo pelo qual ele estava sendo tratado como uma mulher. Desse modo, observamos que o seu conflito modal é decorrente de uma tensão já existente no nível fundamental em que os termos se contradizem na medida em que ele se concebe de uma maneira e é visto de outro modo em suas interações, o que revela uma outra gramática da sexualidade para este sujeito. Assim, o dever-fazer que se relaciona com a necessidade de Gabriel ser consultado por um médico ginecologista causava-lhe angústia, dor e sofrimento, porque ser tratado e ser sujeitado a receber tratamento no feminino não condiziam com a sua identidade de gênero.

Stoller tinha como objetivo construir um argumento lógico. E, assim, para ele, o que definia o **transexual, mais do que a demanda de cirurgia, era a convicção inabalável de ser “uma mulher no corpo de homem”**. Seu interesse era o desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade, mas os estudos sobre transexuais apontavam as origens da identidade de gênero de forma muito mais clara que nas outras pessoas. O aporte original de seus estudos foi abordar a infância de meninos considerados biologicamente normais que ainda bem pequenos tinham muitas características femininas (andar, gestual, inflexão vocal...), usavam roupas ou as improvisavam com toalhas e outros adereços (JORGE; TRAVASSOS, 2018, p. 76, grifos nossos).

A figura dos seios que Gabriel destaca refere-se ao tema de feminilidade que ele busca afastar-se, uma vez que não era condizente com o autoconceito que ele possui. Um modo de

eliminar essa presença feminina, ainda que por meio de um simulacro criado, momentaneamente, foi encontrada com o uso das faixas de seu irmão, que Gabriel utilizou com a finalidade de fazer desaparecer para si os seios. Gabriel buscava *parecer* algo que, biologicamente, ele não era. Ele acreditava que mascar ou esconder seus seios poderia fazê-lo se sentir como ele já se via internamente (um homem).

Gabriel almejava e tentava *ser* homem e *não-parecer* mulher, tratando-se de um segredo que ela desejava manter (seu gênero biológico). No entanto, quando ele começa a ter que frequentar o ginecologista, por exemplo, ele passa a parecer o que de fato ele biologicamente era. Dessa maneira, ao seu conflito interno (e modal) era acrescido o desejo de não ser biologicamente do sexo feminino (um querer-não-ser).

Segundo Landowski, “não basta apenas *ser*, é necessário também *existir*” ((LANDOWSKI, 2012). Para que isso ocorra, o primeiro passo rumo ao encontro com essa existência própria é adquirir a competência necessária que o modalizará para o poder-fazer o que quer-ser e, assim, entrar em conjunção com a sua identidade que almeja:

Entretanto, por outro lado, ser si mesmo não é apenas ser, ou afirmar-se “outro que não o Outro”. É, ao mesmo tempo, um pouco mais que isso. No mínimo, é também simplesmente, “existir” (mais que não ser), é ser “alguém” ou “algo” (mais que nada) ou, em todo caso, ter a sensação de sê-lo. É “viver” dando, se possível, um sentido ao que se faz com sua própria vida ou, senão, tentando entender o que a própria vida faz de nós. É tentar captar o mínimo de coerência que dá sentido e unidade ao devir que faz com que cada um seja, individual ou coletivamente, o que é (LANDOWSKI, 2012, p. 26).

Ainda em relação trecho 02 da fala de Gabriel, os valores relacionados à sua mãe referem-se à normatividade que ele deveria seguir: se ele nasceu com o sexo biológico feminino, não deveria pensar em ser outra coisa a não ser mulher. Esconder os seios seria algo que a sua mãe não aprovaria, devido aos valores que ela mantinha consigo mesma.

A categoria semântica fundamental que se apresenta nessa parte do discurso de Gabriel é a liberdade vs. opressão, porque quando ele diz que tinha que viver e ser algo que não era, seu discurso está no polo da opressão que ele experienciava. A liberdade, em contrapartida, está relacionada com a possibilidade de ele ser homem, de acordo com o que previa a sua identidade de gênero. No entanto, até aquele momento, Gabriel estava completamente disjuncto da liberdade.

Gabriel buscava, por meio da programação (LANDOWSKI, 2014), convencer-se de que não existia outro caminho, senão aceitar que ele estava destinado e condicionado a viver preso em um corpo feminino, que não era condizente com a maneira como ele se sentia psicologicamente. Manifesta-se ainda a tentativa de Gabriel estar em conjunção com o Sr. Todo Mundo (família, amigos e pessoas do convívio social = escola), ainda que ele precisasse se

camuflar (internamente) como um camaleão (LANDOWSKI, 2002), vestindo uma roupagem que não expressava quem ele era e como ele se sentia de fato, para poder interagir e se sentir aceito pelos demais, sem a ocorrência de nenhum tipo de preconceito ou possibilidade de segregação ou exclusão.

A identidade dos sujeitos que se relacionavam com Gabriel tinha semelhanças físicas com ele. No entanto, sob a perspectiva dele mesmo, eram alteridades coerentes entre elas, mas muito distantes do modo como ele se enxergava. Landowski aponta que:

[...] o que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele (LANDOWSKI, 2012, p. 04).

Esse objeto que Landowski menciona, refere-se, no caso de Gabriel, à identidade de gênero dessas alteridades com as quais ele se relaciona, que estão em consonância com a corporeidade e o sexo biológico delas, o que é diferente dele, que vive em um corpo que é dissonante de sua identidade de gênero.

Em seguida, Gabriel conta como foi em sua adolescência, o processo de lidar com o seu corpo e questões relacionadas à sua sexualidade:

E aí na adolescência, foi um processo de tentar me aproximar da feminilidade, de tentar ter uma vivência enquanto uma mulher cis e me adequar aos padrões sociais do que é ser uma mulher, de como é que a gente se porta, de como é que a gente é, se veste, de como é que a gente fala, de como é que a gente está nos lugares assim e foi difícil, muito difícil. Porque não era, eu não estava naquele lugar, por mais que eu tentasse, não era eu, eu me via no espelho e as coisas estavam muito estranhas, eu estava tentando ser alguma coisa, que eu não era. Parecia que eu estava fantasiado de alguma coisa, como se a fantasia não acabasse assim, eu tinha que viver ela todos os dias e não era uma fantasia que eu gostava (GABRIEL, 2018, trecho 03).

Logo no início da fala de Gabriel, se apresenta o tema de passagem da infância para a adolescência e da continuidade de seus conflitos identitários internos. Mesmo assim, optou por tentar *parecer* e se comportar como uma mulher, algo que ele reitera, em vários momentos, que não era.

A tentativa de se aproximar da feminidade causava sofrimento para Gabriel ao destacar como isso “foi difícil, muito difícil”. Ele buscava criar um simulacro que concebesse a ideia de que de fato ele era um sujeito que condizia com o corpo no qual buscava performativizar seu gênero (feminino). A performatividade e os atos corporais que Gabriel buscava apresentar e desenvolver socialmente se relacionavam com o gênero e a identidade feminina, pois ele destaca que tentava se comportar, falar e se vestir como uma mulher, na tentativa de evitar e lidar com os conflitos relacionados à sua identidade de gênero (biológica), à pressão social e interna.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Se a performatividade é algo linguístico, como os atos corporais se tornam performativos? Essa é a pergunta que devemos nos fazer se queremos entender a formação de gênero, mas também a performatividade das manifestações de massa. No caso de gênero, as primeiras inscrições e interpelações são acompanhadas pelas expectativas e fantasias de outras pessoas, todas elas nos afetam nos aspectos que inicialmente estão além do nosso controle: as normas nos são impostas em termos psicossociais e pouco a pouco eles nos instigam. Aparecem quando não se espera e abrem espaço dentro de nós, incentivando e estruturando nossas próprias formas de responsabilidade. Elas não são padrões que são simplesmente impressos em nós, colocando marcas e rótulos a tantos destinatários passivos de uma máquina cultural. Essas regras também nos produzem, mas não no sentido de que acreditam em nós ou determinam estritamente quem somos. O que elas pretendem é moldar estilos de vida corporizados que adquirimos ao longo do tempo, e essas mesmas modalidades de corporização podem se tornar uma maneira de expressar rejeição a essas mesmas normas, e até mesmo romper com elas (BUTLER, 2017, p. 36, tradução nossa)⁷.

No sentido que Butler apresenta de performatividade e as relações com a corporização, é possível compreender que “ao moldar esses estilos de vida corporizados” socialmente é concebida a ideia e criado um simulacro que *faz-criar* que, se um sujeito que nasceu com o sexo masculino, deve seguir o modelo (por vezes naturalizado) que defende que ele será homem pertencente à categoria do masculino, impossibilitando-o de se identificar com um gênero distinto do seu sexo biológico.

O conflito identitário experienciado por Gabriel durante a sua adolescência aponta o seu *fazer interpretativo*, uma vez que ele, ao identificar o predomínio e linearidade dos modos como a figura feminina deveria ser, agir e se comportar, ele introjeta o modelo e busca replicá-lo em seu modo de ser, na tentativa de se auto convencer de sua feminilidade e ser aceito socialmente, mesmo que isso lhe cause sofrimento. Diante do conflito identitário experienciado por Gabriel, ele conta como encarava tudo que estava acontecendo.

Eu pensava que eu não podia contar para as pessoas. Como é que eu ia, por exemplo, a minha mãe, que é uma pessoa mais próxima assim ou algum amigo muito próximo da escola, como é que eu ia contar para alguém, que estava acontecendo isso. Sendo que a normalidade para todas as pessoas é, você é o que é você, é assim, o que você nasceu, o que disseram que você é a verdade, né. E aí, eu não falava com ninguém e aí na adolescência veio, as questões de sexualidade, eu pensava, ah deve ser por isso, achei o meu caminho e a minha resposta e tudo está resolvido. Mas o incômodo não acabava, o incômodo não era sobre a sexualidade, o incômodo era sobre a identidade,

⁷Texto original: si la performatividad es algo lingüístico, ¿cómo se convierten los actos corporales en performativos? Esta es la cuestión que tenemos que plantearnos si queremos entender la formación del género, pero también la performatividad de las manifestaciones multitudinarias. En el caso del género, esas primeras inscripciones e interpelaciones van acompañadas de las expectativas y fantasías de los demás, todas las cuales nos afectan en aspectos que en un principio escapan a nuestro control: las normas se nos imponen en términos psicossociales y poco a poco se nos inculcan. Aparecen cuando ya no se las espera, y se abren paso en nuestro interior, animando y estructurando nuestras propias formas de responsabilidad. No son normas que simplemente se impriman en nosotros, poniéndonos marcas y etiquetas como a tantos destinatarios pasivos de una máquina cultural. Estas normas también nos producen, pero no en el sentido de que nos creen o determinen en sentido estricto quiénes somos. Lo que hacen más bien es dar forma a modos de vida corporeizados que adquirimos a lo largo del tiempo, y estas mismas modalidades de corporeización pueden llegar a convertirse en una forma de expresar rechazo hacia esas mismas normas, y hasta de romper con ellas.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

muito, muito antes do que a sexualidade. Que a sexualidade, eu vejo hoje, que a gente constrói depois da identidade, eu não consigo construir uma sexualidade sobre alguém que eu não sei quem é, assim, falando de mim, né. É difícil construir uma sexualidade em cima de uma identidade que eu não tinha que eu não consegui construir verdadeiramente antes. Mas aí ela eu não falava com as pessoas, eu não buscava nenhuma ajuda, aí eu lembro de uma vez na escola, assim com uns quatorze anos, eu fui até a coordenadora e perguntei para ela se tinha psicólogo na escola, ela tinha, mas ela saiu, aí eu perguntei: ah, mas não tem nenhum atendimento, nada? E eu não entendia muito bem também para que servia o psicólogo, mas eu tinha ouvido alguém falar que, ah, eles ajudam as pessoas, ah tudo bem, né, talvez eu possa conversar com alguém que me ajude, que me esclareça e aí ela falou que não tinha e, por mais que eu estudasse em uma escola particular assim, que eu era bolsista, ainda assim não tinha. É, fico pensando em alguém que estuda em uma escola menos privilegiada do que essa, mais difícil ainda. Mas aí ela só disse que não tinha possibilidade, aí depois desse dia eu falei ah, acho que eu não posso fazer nada com isso mesmo, tenho que só, deixar as coisas como são (GABRIEL, 2018, trecho 04).

A oposição semântica fundamental que se apresenta no início da fala de Gabriel é *público vs. privado*, pois ele buscava manter oculto para os demais a existência de tais conflitos identitários que ele experienciava. Esse ocultamento ocorria pelo medo que ele sentia de não ser compreendido ou ser sancionado negativamente por sua mãe ou por seus amigos.

Algumas figuras presentes no discurso de Gabriel revelam temas por ele experienciados, entre elas, podemos destacar: a figura do psicólogo que tematiza a busca por respostas que Gabriel detinha em relação à sua identidade e sua sexualidade; a figura da escola particular, lugar onde são concebidos diversos tipos de conhecimentos, tematiza a diversidade, uma vez que nela estão inseridos diversos sujeitos, que assim como Gabriel, experienciam conflitos internos relacionados a sua sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

O retorno negativo da coordenadora da escola de Gabriel, relacionado ao atendimento psicológico que ele buscava, desencadeou a reiteração da crença de que ele não poderia fazer mais nada, senão conviver com aquela situação para ele inominada. Diante da situação que se apresenta, Gabriel segue disjunto do seu objeto de valor (questão identitária). Esse distanciamento ocorre porque, além dele não ter a competência necessária para responder o que se passa em relação à sua identidade, gênero e sexualidade, a sua busca pelo sujeito competente que possa realizar tal performance falha, ele não encontra tal sujeito e a apreensão do seu objeto de valor, se vê como algo distante, quase impossível, e Gabriel se faz crer que deverá viver com tal incompletude.

A seguir, Gabriel conta sobre a sua descoberta da existência de pessoas trans. Isso foi um fato marcante em sua trajetória de busca por respostas.

Eu, quando eu descobri que existiam pessoas trans. Porque eu não sabia assim, que a gente conhece de senso comum, de travestis e pessoas trans, é prostituição, é mulheres

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

trans que não tem emprego, não tem o que fazer, é a única forma de sobrevivência, então que eu conheci, era isso sabe? O que as pessoas ficam fazendo piada de traveco, essas coisas, era o que eu sabia, o que eu conhecia, aí eu ficava pensando que não, não, não é assim que eu sou, e eu não conseguia, e eu não via outra coisa, outro, outro tipo de identidade para eu ter (GABRIEL, 2018, trecho 05).

No primeiro contato de Gabriel com a existência de pessoas trans, ele aponta a presença dos seus preconceitos, ancorados pelo senso comum, que apontavam o simulacro construído socialmente, que definia a figura do sujeito trans e do travesti, tematizando a promiscuidade, prostituição e o desemprego, e sempre eram vinculados a valores negativos/disfóricos. Desse modo, Gabriel se negava a aceitar que a sua identidade era de uma pessoa trans, porque ele não se via daquele modo, construído socialmente pela massa social predominantemente orientada por valores heteronormativos. Trata-se do medo da estigmatização que Gabriel poderia sofrer, ao passar a pertencer à categoria/comunidade de pessoas trans (com significados e sentidos disfóricos que lhes são atribuídos). Segundo Goffman, em seus estudos sobre estigma social, ele destaca que:

O indivíduo estigmatizado pode mostrar uma ambivalência de identidade quando vê de perto que eles comportam-se de um modo estereotipado, exibindo de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhes são imputados. Essa visão pode afastá-lo, já que, apesar de tudo, ele apoia as normas da sociedade mais ampla, mas a sua identificação social e psicológica, com esses transgressores o mantém unido ao que repele, transformando a repulsa em vergonha e, posteriormente, convertendo a própria vergonha em algo de que se sente envergonhado (GOFFMAN, 2004, p. 93).

No caso de Gabriel, até o presente momento, ele não se define como sujeito trans. Essa incerteza demonstra que ele está no estágio de repulsa, quando pensada a identidade trans, porque os atributos (negativos) imputados a essa identidade não condizem com a realidade de Gabriel e o que ele espera para o seu futuro.

Os percursos temáticos figurativos, que contemplam o sujeito trans e o sujeito travesti, concebem a promiscuidade e a repulsa (como valores que os caracterizam) e a exclusão dessas identidades, quando pensada a possibilidade de auto identificação de Gabriel com essa categoria (identidade de gênero). No momento em que Gabriel descreve as características do sujeito trans e do travesti, se apresenta o regime de interação por exclusão (LANDOWSKI, 2002), uma vez que ele exclui e rejeita qualquer possibilidade de assimilar essa identidade como alteridade ou como identidade dele próprio. Essa exclusão parte do simulacro construído pelo sujeito intolerante que caracteriza e categoriza a identidade trans, dotada de atributos negativos/disfóricos.

Gabriel defende que sua busca é estritamente voltada pelo conhecimento teórico desse tipo de identidade (trans) que, segundo ele, nunca tinha ouvido falar e que lhe desperta tanta curiosidade.

A (in)visibilidade e a (im)possibilidade do sujeito trans no contexto universitário

Gabriel destaca sua busca como algo relacionado ao conhecimento, como algo externo, e não concernente a uma motivação interna. É possível pensar que, uma vez que ele estava conhecendo esse universo até então inexplorado, ao identificar histórias permeadas por dramas, conflitos internos e relações delicadas, contadas pela travesti que ele conheceu, e em seguida por seu amigo, que os sujeitos trans vivenciam a possibilidade dele *poder-ser* um homem trans, causava-lhe medo do que ele poderia experimentar, e com o que ele teria que lidar e enfrentar caso se assumisse como homem trans:

E aí eu fiquei dois anos lendo coisas e sofrendo assim, porque eu sabia que eu não estava só lendo para conhecer, que eu não estava só, aí eu tô muito curioso, eu quero entender, eu quero, não precisava de tudo aquilo só para entender. Eu estava buscando coisas que eram minhas, que estava ali, no meio daquilo tudo, que eu tinha que ir lá achar de algum jeito. E, em 2017, eu comecei a fazer terapia, é, no começo de 2017, porque eu estava tendo crises de ansiedade, e eu, não, agora estudando Psicologia, eu não vejo como coincidência, ah os períodos das coisas assim sabe. A partir do momento que eu começo a entrar muito perto, de coisas que eram muito difíceis para mim, eu comecei a ter crise de enxaqueca, que eram todas emocionais, comecei a ter crises de ansiedade, que eram todos emocionais e, assim, era terrível, eu não conseguia fazer coisas normais assim, eu ficava com medo de sair de casa, comecei a ter fobia social e foi muito, muito difícil, porque aí eu não conseguia nada, tudo ficou muito difícil para mim, entrei no estágio depressivo terrível assim. E a terapia me ajudou assim no começo e depois eu parei de ir, porque era difícil também, eu não tinha outra opção, a não ser falar, a não ser pensar as minhas coisas e naquele lugar sabe, passar aqui de 50, 60 minutos, ficou muito difícil. E aí eu parei de ir, no meio do ano passado fui só uns quatro, cinco meses e parei e aí fiquei uns dois meses sem ir (GABRIEL, 2018, trecho 07).

Gabriel descreve que ele reconheceu que se tratava de uma motivação interna, de questões que eram relacionadas com a sua própria descoberta identitária, que ele estava engajado em descobrir mais informações sobre a identidade trans. Em decorrência dos conflitos internos e das descobertas presentes na vida de Gabriel durante esse período, tais situações conceberam a ansiedade, em que ele buscou, por meio do acompanhamento psicológico, solucionar/amenizar esse problema. Trata-se aqui da somatização de algo não físico (crise identitária) que passava a conceber efeitos físicos, como as crises de ansiedade e crises de dores de cabeça (enxaqueca).

Além disso, o medo começou a intensificar-se e Gabriel desenvolveu fobia social e um quadro severo de depressão. Tais situações foram decorrentes das constatações a que ele

chegou, por meio dos estudos e do contato com pessoas da comunidade trans. Mesmo Gabriel identificando sua melhora quando estava frequentando a terapia, em determinado momento ele passou a se ver confrontado, não com a figura do terapeuta em si, mas com ele mesmo. Naquele espaço do setting terapêutico, ele não teria outra opção a não ser lidar com o que ele buscava negar a aceitar: a sua identidade de gênero e os desdobramentos implicados ao assumir essa nova condição.

A oposição semântica fundamental que se apresenta nesse fragmento da fala de Gabriel é saúde vs. doença, em que a sua saúde foi abalada e bombardeada por diversos problemas e doenças de ordem psíquica, uma vez que Gabriel começou a sua trajetória de busca pelo autoconhecimento, e passou a desvelar caminhos que pudessem mostra-lo, elementos que ele almejava conhecer relacionados à sua formação identitária, mas que ainda ele não havia adquirido maturidade (competência) necessária para lidar e dar conta naquele momento de sua vida.

No trecho seguinte, Gabriel conta um episódio marcante em sua trajetória: a tentativa de suicídio devido ao momento delicado que o jovem estava enfrentando em sua vida.

Em agosto do ano passado, eu tentei suicídio, porque eu sabia, eu cheguei em um ponto que eu sabia, o que estava acontecendo, eu sabia quem era, eu sabia de tudo. E eu achava que não era possível, não é possível eu ser uma pessoa trans, não é possível eu querer estar nesse lugar, que é tão, não é um lugar. Sabe o que colocam para pessoas trans e travestis, não existe um lugar. É um corpo muito abjeto, assim, muito distante, muito marginalizado e eu não queria esse lugar para mim, eu achava que era impossível eu lidar com tudo isso e viver dessa maneira, de um jeito de viver mesmo, não só existir nas margens da sociedade ou nas margens de todas as coisas, porque não existe emprego, não existe uma escola que não violente, não existe faculdade que não seja terrível assim, era o que eu ficava pensando, né? E aí eu fiquei que, eu sei o que eu sou, eu sei o que tá acontecendo, então assim, já que eu não consigo lidar com isso, vou ter que morrer, porque não dou conta disso e aí foi um episódio muito difícil, que eu tomei um monte de remédio e tudo e aí eu escrevi uma carta para minha mãe e para os meus amigos e aí eu só dizia eu não consigo mais, mas eu amo vocês e tudo. E aí eu fiquei apagado uns três dias assim e daí a minha mãe leu, porque eu tinha deixado em cima da mesa, assim no quarto e aí um monte de amigos foram lá e ninguém entendendo o que estava acontecendo, porque eu não falava com ninguém assim, diretamente, o que era comigo, que estava acontecendo comigo, o que eu não sabia lidar, eu não conseguia falar. E aí depois disso, a minha mãe ficou muito preocupada assim e eu sinto que nesse momento foi uma virada assim, dela ter um outro olhar, e pensar, tem alguma coisa errada, além do que eu, já estava lá, do que ela já viu que estava acontecendo, né? (GABRIEL, 2018, trecho 08).

A categoria semântica fundamental presente no início do trecho 08 é vida vs. morte. A vida de Gabriel que foi colocada em risco com a tentativa de suicídio, quando ele se deu conta de quem ele era causou-lhe um desequilíbrio emocional, fazendo com que ele buscasse, na tentativa de suicídio, resolver de maneira rápida o conflito que se revelou a ele, ser um homem

trans, e poder-ser um homem trans, diante de todas as informações e conhecimentos que Gabriel havia adquirido até aquele momento.

O medo de pertencer a um não-lugar, como Gabriel mesmo define para a comunidade trans, o paralisou, porque até aquele momento de descoberta, Gabriel ocupava um lugar, de mulher cisgênero. No entanto, não o seu lugar, porque ele não se sentia daquela maneira, e agora, programando-se para aceitar-se como homem trans “diferente”, ele teria sua identidade de gênero concernente com o modo como ele se sentia. Pensando nos regimes de interação, nos espaços sociais e nas relações que ele mantinha até o momento, tudo se tornaria diferente, pois ele estaria rompendo com os contratos e pactos sociais até então respeitados e aceitos. Gabriel naquele momento já conhecia como era a trajetória percorrida pelo sujeito trans, e temia o que no futuro ele poderia vivenciar.

O modo como Gabriel descreve o sujeito trans, como está inserido na sociedade e nos espaços sociais, os valores que estão presentes em todas suas relações são disfóricos. Nesse momento também fica claro o motivo da resistência de Gabriel no passado, por ter se resistido inicialmente a aceitar a sua identidade de gênero, pois ele sabia que a identidade trans é modalizada pelo não-dever-ser e do não-poder-fazer devido à sua condição de alteridade.

Outro ponto importante são as figuras presentes no discurso de Gabriel, entre elas a de sua mãe e os seus amigos, que tematizam as relações e apoio familiar afetivo que foi fundamental para que Gabriel pudesse superar aquela fase tão delicada de sua trajetória de vida. A carta que Gabriel havia escrito para as pessoas com quem ele possuía laços afetivos também tematiza o amor que ele sentia por aquelas pessoas, a dificuldade e o conflito interno que ele enfrentava, no qual ele viu como única saída, acabar com a sua própria vida.

Após esse momento delicado na vida de Gabriel, ele retornou ao acompanhamento psicológico, que lhe possibilitou ver na figura da psicóloga, alguém que ele pudesse confiar, que não ocupasse o lugar de sujeito julgador que tratasse da transexualidade dele como fenômeno psicopatológico, como outros psicólogos fizeram no passado.

E aí eu voltei para, a terapia e aí lá eu consegui assim, me achar, eu consegui entender que tava tudo bem, tive muita sorte de ir numa psicóloga, que não disse que eu tinha um transtorno mental, que não veio falar comigo com o CID na mão e me colocar dentro de um monte de laudos e outras coisas. E ela me ajudou muito assim, a sair de um lugar que eu achava que era impossível sair de lá, eu sentia que eu tava num buraco assim, tão fundo, que não podia, e aí foi uma virada assim, na minha vida, de, tá bom, já que não aconteceu nada e eu tô aqui ainda, e, tenho que lidar com as coisas, eu vou fazer alguma coisa sobre isso. E aí, eu resolvi o que eu ia fazer assim, há um ano e um mês atrás, eu resolvi que eu tinha que falar sobre isso, que eu tinha que contar para as pessoas, que eu tinha que ser quem eu era, que eu tinha que me sentir confortável sendo eu, verdadeiramente assim, depois de vinte e um anos eu tinha que ser quem eu sou, não tinha outra, outra opção, eu não podia mais fingir, não podia estar mais num lugar que não era o meu lugar. Eu não podia mais, ser quem eu não era, e daí eu contei

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

para minha mãe, contei para os amigos, e no final, assim, no final não né, no final depois de ter contado, eu comecei a pensar e perceber que a gente pode criar outros lugares, estar em outros espaços, e, que é muito difícil, sempre é muito difícil, mas ter uma pessoa é melhor do que não tem nenhuma pessoa. Você falar sobre isso, num lugar que não tem ninguém que fale sobre isso, já é fazer as pessoas repensarem sabe. Foi muito difícil, mas consegui, conseguir dizer, conseguir ser quem eu sou, e, nossa foi a melhor coisa que eu fiz (GABRIEL, 2018, trecho 09).

Quando Gabriel conta que se sentia como se estivesse em um buraco, esta figura tematiza a depressão, o medo, a impossibilidade de existir e opressão que ele vivenciou quando o jovem se deu conta de que ele era um homem trans. No entanto, a psicóloga que o acompanhava atuou como facilitadora do processo de auto descoberta e auto aceitação da identidade do jovem.

Ao relatar que começou a se sentir melhor após se identificar como homem trans e aceitar a sua identidade de gênero, Gabriel passa a significar a identidade trans de maneira eufórica e o elemento que reitera essa questão se relaciona com a frase final do trecho 09 de seu discurso: “foi a melhor coisa que eu fiz”, pois daquele momento em diante, ele passou a se sentir melhor, realizado, e seguro de si mesmo, com a convicção de qual era a sua identidade.

Após adquirir a competência necessária (autoconfiança) para contar aos seus familiares e amigos que ele era um homem trans, Gabriel conclui a sua performance e revela para todos qual é a sua identidade. Além disso, ele decide criar outros sentidos em sua história de vida, buscando criar outros espaços e novas configurações que contemplem a comunidade trans, ressignificando a existência dessa identidade com elementos e características distintas daqueles que ele conheceu inicialmente. Ele conta como foi lidar as suas descobertas e transição identitária no contexto universitário.

Durante, foi muito difícil né, porque foi no segundo semestre do primeiro ano, eu não conseguia ir para a faculdade, eu não me sentia bem e Psicologia tem muito dessas coisas, de trabalho em grupo, e seminário, apresentação em público, era terrível para mim, eu não dava conta de fazer essas coisas, e aí eu quase fiquei, bombei o semestre todo né, por que não dava, eu tinha mais de 3 matérias de DP. Mas aí eu tive uns professores muito compreensivos assim, eu não contei exatamente o que tava acontecendo, só falei as coisas não estavam muito bem, e tava óbvio assim, que eu tava com algum problema psicológico difícil naquele momento, de ansiedade tudo. E aí, ainda bem que eu tive muito entendimento sobre isso e aí fiz as provas finais e consegui passar o semestre. E aí quando eu tive que voltar esse ano né, e eu decidi que eu voltaria como eu sou, que eu não, não ficaria fingindo que não estava acontecendo, é... eu pensei em trancar o curso e não fazer, porque achei que ia ser um espaço muito violento assim, mas aí eu vou assim, ah vou tentar né (GABRIEL, 2018, trecho 10).

Em seu relato Gabriel conta que durante o seu processo de descobertas, a experiência no contexto universitário foi bastante difícil para ele, o que afetou seu rendimento acadêmico, fazendo-o repetir todo o semestre devido à sua dificuldade em frequentar o ambiente da

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

universidade. Ele destaca que o próprio curso acaba mobilizando estruturas psíquicas que, de algum modo, causam algum efeito. No caso dele, com a somatização do que estava em desordem na sua constituição identitária, ele se via confrontando quando estava em aula.

A necessidade de parecer (algo que ele não era, agora ciente disso, que de fato ao estava de errado) e o dever-fazer apresentar trabalhos e seminários em aula, lhe causava desconforto, quando ele se encontrava em conjunção com a identidade da sala como um todo.

A categoria semântica fundamental que se apresenta nos fragmentos finais do discurso de Gabriel é público vs. privado, quando ocorre também uma mudança de estado relacionada à identidade e aos modos de presença de Gabriel. Anterior à sua descoberta identitária, a sua identidade de gênero era escondida dos demais alunos e professores de Gabriel, até porque ele mesmo não sabia se auto definir, o que tematiza o conflito identitário experienciado por ele. Após Gabriel descobrir-se como homem trans, ele decide regressar à universidade, agora com a sua identidade de gênero assumida, tornando-a pública.

Havia um simulacro construído na mente de Gabriel de que o ambiente universitário poderia ser violento, mas ainda assim ele decidiu persistir e seguir frequentando, mesmo que houvesse pensamentos de medo ou insegurança. No trecho seguinte, Gabriel relata algumas situações que o deixaram desconfortável, relacionadas aos questionamentos da coordenadora do seu curso, que demonstrou, por meio dos seus comentários, a existência de um preconceito velado, segundo a visão de Gabriel.

E aí fui conversar com a coordenadora do curso e ela assim, no quanto ela conseguiu, ela foi muito receptiva, nas limitações dela assim, que eu percebo que as pessoas têm muito ainda, ela foi muito receptiva e disse, não, porque eu estou, tô aqui, se você precisar de qualquer coisa, e não sei o que lá. Mas ao mesmo tempo, que ela disse que tava aqui, que tudo bem, que a gente podia mudar o nome nas listas, e tudo mais, aí ela perguntou para mim, se eu ia usar o banheiro feminino que era mais seguro, e aí eu fiquei meio... sabe, ela... é porque nossa você sabe a violência não sei o que. Daí eu perguntei para ela, mas você usa o banheiro masculino, e ela falou, não, aí eu falei então eu não uso feminino, e aí ela falou, aí mas têm todas essas questões, eu falei, eu sei que tem essas questões, mas as questões, sempre existem, se a gente ficar com medo de encarar as coisas, eu não ia estar nem aqui assim, na faculdade, não ia ter nem ido falar com ela, e aí foi muito receptivo assim, foi muito bom, e, aí eu troquei de sala, não fiquei na mesma sala que eu tava no ano passado e acho que foi ótimo, por que as pessoas da outra sala eram muito difíceis assim, em relação a isso, algumas vezes, uma vez na sala, teve uma discussão sobre, sobre feminismo e pessoas trans, e, aí falaram muitas coisas terríveis, e aí eu não aguentei só sai da sala assim, e foi mais um ponto, para eu não ir nas aulas direito. Mas aí esse ano, quando eu cheguei, eu não precisei falar, não precisei ficar, eu fico brincando que às vezes, a gente tem que dar mini palestras assim, de explicar coisas, eu não precisei fazer isso, as pessoas já sabiam mais ou menos. E aí uma professora decidiu que ela ia fazer uma, uma dinâmica com a sala, de colocar as pessoas em duplas e depois elas conversavam um pouco e depois elas tinham que apresentar o outro. E aí, eu sentei com uma menina que eu não conhecia assim, e a gente conversou, e aí quando ela foi me apresentar, as pessoas ficaram nossa, e a professora conduziu muito bem, que ela é ótima, maravilhosa, e, fez de um jeito muito, qual é a palavra que eu posso usar? Fez de um jeito muito didático assim, para as pessoas, e no final, as pessoas estavam muito

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

receptivas e, perguntando para mim, aí será que eu posso fazer uma pergunta, e levantavam a mão, a gente tava numa roda assim, bem grande, e eu fiquei um pouco, nossa, pode né, e aí eu tava respondendo às perguntas, e algumas pessoas começaram a chorar assim, nossa, mas como é que você consegue, como é que você tá aqui, eu só pensando, eu não tinha outra opção, a não ser tá aqui, sabe, por que eu acho que desistir das coisas nunca é a melhor opção. Mas essa sala que eu tô, tem sido ótima, nunca aconteceu nada de ruim assim, mesmo a violência, nenhum preconceito, pelo menos para mim nunca falaram nada e tenho sido muito, eu tenho sido muito privilegiado assim (GABRIEL, 2018, trecho 11).

À princípio a coordenadora do curso de Gabriel se mostrou receptiva diante da situação do aluno. No entanto, quando ela o questiona sobre a utilização do banheiro feminino, Gabriel identifica a ação do preconceito e da discriminação, uma vez que ele se vê e se apresenta como homem, ele passaria, então, a frequentar o sanitário masculino. Essa constatação causou certo receio por parte da coordenadora, que alega que seu questionamento se dá porque ela se preocupa com a segurança ou com algum ato de violência que Gabriel poderia vir a sofrer se utilizasse o banheiro masculino.

Gabriel não aceita se sujeitar à manipulação por intimidação e questiona o destinador manipulador (coordenadora), fazendo-a refletir sobre a mesma situação, sendo ela mesma a protagonista da história, e a resposta dela é mesma que a Gabriel, que mantém a sua escolha de utilizar o banheiro masculino. Após esse momento em que a coordenadora tentou convencer Gabriel de continuar utilizando o banheiro masculino, ele destacou que havia se arrependido de recorrer a ela nessa situação, pois encarou aquela atitude como uma manifestação de preconceito, mas ainda assim, seguiu em frente, e reconhece que fora esse episódio ele havia se sentido bem recebido e compreendido diante de sua nova realidade no contexto universitário.

Em sua nova turma, Gabriel pode compartilhar com os demais alunos algumas informações e a sua experiência de descoberta identitária. Segundo o próprio, todos o aceitaram como alteridade, sem quaisquer tipos de julgamentos e isso o confortou e permitiu que ele se sentisse acolhido por todos.

Nos momentos finais do depoimento de Gabriel, algumas pessoas se emocionaram ao escutarem as experiências compartilhadas por ele. Identificamos que elas foram atravessadas pelas paixões da *compaixão* e da *piedade*, quando algumas delas destacaram que não podiam imaginar como Gabriel teria suportado e enfrentado aquela situação.

A *compaixão* e a *piedade*, o pavor e o medo, etc., servem bem para ilustrar a questão colocada. De um modo geral, a *compaixão* e a *piedade*, por exemplo, são concebidas como um sentimento de pesar que o infortúnio de outrem nos desperta; há, todavia, a marca de uma verdadeira partilha do sofrimento, um “sentir com”, na primeira, enquanto na segunda configura-se uma assimetria de lugares, própria a um “sentir por”, mais relacionado ao dever, à virtude. Essa sutil diferença, advinda da etimologia dos termos, faz com que o crer-saber o padecimento do outro, típico ao pesar em ambos os casos, seja de natureza qualitativa diferente. Na *compaixão* ele instaura o

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

querer-ser do compassivo em relação ao sofredor, na piedade, o dever-ser para o piedoso. Assim, se o princípio estruturador (o crer-saber) é o mesmo nos dois estados de alma, o “ser do ser”, ou, melhor dizendo, “o ser do crer” é sobredeterminado, em cada um deles, por predicados modais diversificados – pelo querer no caso da compaixão e pelo dever, na piedade (PORTELA et. al., 2012, p. 102).

Quando os alunos se emocionaram e choraram ao escutarem as palavras de Gabriel, eles sentiram com ele e por ele paixões que se aproximaram daquelas que ele mesmo sentiu, quando vivenciou as experiências contadas. Tratou-se de um querer-ser motivado e revelado pelos alunos relacionado ao sujeito sofredor, Gabriel, e o dever-ser relacionado aos alunos que foram piedosos após serem apresentadas as experiências de Gabriel.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado ao longo dos capítulos analíticos que desvelam diferentes nuances do preconceito e da estigmatização do sujeito transgênero, é possível compreender à priori, a complexidade que reside no percurso de descoberta/(re)descoberta identitária, até que seja possível que o sujeito trans entenda o que se passa em relação à constituição de sua identidade de gênero.

Além disso, as relações complexas que são estabelecidas com os familiares, amigos e no contexto acadêmico de uma pessoa trans, apontam para o lugar onde a diversidade habita, onde impera predominantemente, e por vezes velada, ou em outras, manifestada, a ação do preconceito e da negação em aceitar o diferente, e mais do que isso, presentificam-se os regimes de interação, sobretudo de exclusão/admissão/segregação quando pensadas as relações entre identidade vs. alteridade.

Referências

AHMED, S. *Queer phenomenology*, London: Duke University Press, 2006.

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad. Maria Hehmedhlena Kuhner. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, J. *Cuerpos aliados y lucha política. Hacia una teoría performativa de la asamblea*. Traducción: María José Viejo. Paidós: Barcelona; Buenos Aires e México, 2017.g

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (1963). Tradução: Mathias Lambert, 2004.

JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LANDOWSKI, E. *Presenças do Outro: ensaios de sociosemiótica*. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MAIA, G. F.; PIRES, G. As Transformações no Dispositivo da Transexualidade a partir da Luta pela Despatologização. *Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*, 2019.

MODESTO, E. *Transgeneridade: um complexo desafio*. Via Atlântica, São Paulo, vol. 1, nº 24, dez. 2013, p. 49-65.

PORTELA, J. C.; et al. (Orgs.) *Semiótica: identidade e diálogos* – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

O DISCURSO KINIKINAU: CULTURA, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO

Maira Luana Morais¹

RESUMO: buscamos localizar, via materialidade linguística e com base em regularidades enunciativas, as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os efeitos de sentido possíveis que perpassam a memória discursiva do povo Kinikinau. A pesquisa ancorou-se nos pressupostos da Análise de Discurso para a discussão dos conceitos de sujeito, formação ideológica e discursiva, interdiscurso e memória discursiva, sobretudo nos estudos de Foucault (2008), Coracini (2007); nos estudos culturalistas, na Linguística Aplicada e no método arqueogenealógico de Foucault. O corpus são recortes extraídos de um Trabalho de Conclusão de Curso de um professor indígena Kinikinau e cinco textos produzidos por alunos do ensino fundamental 2 da escola da Aldeia São João. Os resultados apontaram que, em decorrência das inúmeras transformações nas estruturas econômicas e políticas, os povos indígenas tem sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco e, portanto, (re) significam suas práticas, crenças e necessidades na contemporaneidade, situando-se no entre lugar conflituoso que, de um lado, o mantém em uma relação de dependência e integração com a natureza, com os valores culturais, linguísticos e identitários de seu grupo e, do outro, o coloca frente a frente com os valores da sociedade hegemônica que deseja para si.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso indígena. Kinikinau. Língua.

ABSTRACT: we seek to locate, via linguistic materiality and based on enunciative regularities, the different discursive formations, interdiscourses and possible effects of meaning that permeate the discursive memory of the Kinikinau people. The research was based on the assumptions of Discourse Analysis for the discussion of the concepts of subject, ideological and discursive formation, interdiscourse and discursive memory, especially in the studies of Foucault (2008), Coracini (2007); in cultural studies, in Applied Linguistics and in Foucault's archaeogenealogical method. The corpus are excerpts taken from a Course Conclusion Paper by an indigenous teacher Kinikinau and five texts produced by elementary school students 2 at Aldeia São João school. The results showed that, due to the countless transformations in economic and political structures, indigenous peoples have their culture, language and identity affected by the white ways of life and, therefore, (re) signify their practices, beliefs and needs in contemporary times, standing in the midst of a conflicting place that, on the one hand, keeps them in a relationship of dependence and integration with nature, with the cultural, linguistic and identity values of your group and, on the other hand, puts you face to face with the values of the hegemonic society you want for yourself.

KEYWORDS: indigenous discourse, kinikinau, language

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, onde desenvolveu a pesquisa a respeito do discurso Kinikinau sobre Cultura, Identidade e Educação, sob orientação da Prof^ª. Dra Claudete Cameschi. Atualmente, é mestranda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de Literatura Brasileira, da Universidade de São Paulo (USP), campus do Butantã, cidade de São Paulo, estado de São Paulo, Brasil. Endereços eletrônicos: mairaluana@usp.br ou mairaluana_morais@hotmail.com.

Introdução

Misturados a outros povos, sobretudo aos Terena, os Kinikinau foram dados como extintos, por Darcy Ribeiro, conforme registra Cardoso de Oliveira (1976). A respeito dessa extinção, alguns textos apresentam divergências quanto ao número de indivíduos kinikinau quando procuram contestar essa afirmação. Segundo o Instituto Sócio-Ambiental – ISA-, em 1998, o censo empreendido na Reserva Indígena Kadwéu, realizado pela Prefeitura de Porto Murtinho, revelou a presença de 58 indígenas que se autodeclararam Kinikinau em um universo de 195 índios recenseados na aldeia São João, dentre os quais Terena, Kadiwéu e Guarani-Kaiowá. Mais recentemente, em 2003, foram apontados cerca de 180 indivíduos Kinikinau vivendo na aldeia São João. Carvalho (2013) aponta a presença, em 2012, de 193 kinikinau na Aldeia São João. A diferença entre os números se deve ao fato de que em 1998 muitos deles ainda temiam declarar-se Kinikinau. Estima-se que, em 2005, juntos, os Kinikinau dispersos em aldeias Terena e aqueles que estão na aldeia São João chegaram há aproximadamente 250 indivíduos. A maioria não fala mais a língua, filiada à família linguística Aruak, valendo-se da Língua Portuguesa para se comunicarem. Entretanto, na Aldeia São João há alguns kinikinau que dominam a língua e são responsáveis pelo seu ensino em ambiente escolar.

Considerando que, ao perder a língua, perde-se também parte de sua cultura e que esse fato interfere nos processos identitários dos indígenas; e, ainda, que a escola, responsável, no passado, por parte da perda da língua e da cultura desses povos, hoje se apresenta como espaço propício e, às vezes, único, como é o caso dos kinikinau, de revitalização da cultura e língua desses povos, nos propomos, no período de agosto de 2014 a julho de 2015, a refletir sobre o discurso dos kinikinau, sobretudo dos professores e alunos da Escola Municipal Indígena “Koenukunoen”, da Aldeia São João, município de Porto Murtinho, a respeito de sua cultura, língua, educação escolar e processos identitários, afim de contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, tendo como caminho: a análise do discurso desses sujeitos a respeito da cultura, educação escolar e processos identitários; o registro desses discursos; a contribuição na produção de material didático pedagógico sobre esses temas a ser utilizado na escola da aldeia.

Para isso, fizemos o levantamento bibliográfico sobre o povo, língua, cultura e identidade, reunindo os textos em pequenas sínteses que sugerem um estado da questão. O corpus dessa pesquisa é, portanto, composto de recortes do discurso de um professor kinikinau, Inácio Roberto, e seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para a Licenciatura Intercultural

Indígena “Povos do Pantanal”, UFMS/CPAQ, e também de trechos de textos produzidos por alunos do segundo segmento do ensino fundamental da aldeia que foram aplicados e cedidos pela professora de Língua Portuguesa da aldeia via internet. O critério de seleção do corpus foi a análise de discursos provenientes de sujeitos kinikinau fases diferentes de suas vidas, pois assim poderíamos perceber aspectos cruciais da formação discursiva e, por conseguinte, identitária desse povo. Dessa forma, nosso interesse era perceber como esses diferentes sujeitos kinikinau articulavam questões ligadas ao imaginário social, a questões linguísticas e políticas, à representação de si e à relação deles, enquanto indígenas, com o branco. Os recortes foram interpretados a partir das perspectivas teóricas da Análise do Discurso de origem francesa e de algumas noções dos estudos culturalistas, permeados pelo método investigativo de Foucault.

Assim, tem-se como objetivo contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, analisando e registrando, com base em regularidade enunciativas, os interdiscursos e os múltiplos sentidos presentes em sua memória discursiva. Buscamos, assim, compreender o discurso Kinikinau sobre cultura, identidade e educação e contribuir para produção de material didático

No desenvolvimento da pesquisa, encontramos dificuldades em relação à coleta de dados na aldeia. Entretanto, com a chegada da internet naquele local, propusemos à professora de Língua Portuguesa a produção de textos com os alunos da escola da comunidade e o envio dessas produções via e-mail. Esclarecemos que tais textos seriam utilizados na pesquisa, mas que não identificaríamos os autores e nem o nome da professora. A proposta foi aplicada e a professora enviou 18 textos, dentre os quais, quatro foram produzidos por alunos da etnia kinikinau, que em conjunto com os recortes do discurso do professor indígena kinikinau constituem o corpus desta pesquisa. As atividades de pesquisa desenvolvidas foram: a) pesquisa bibliográfica; b) fichamentos e resenhas de textos referentes ao suporte teórico e daqueles produzidos sobre e pelos kinikinau, incluindo aí os textos que constituem o corpus da pesquisa (professor e alunos do ensino fundamental), com o objetivo de registrar as representações desse povo sobre sua cultura, processos identitários e educação escolar, suas variações e discussões em ambiente escolar.

Por fim, dado o compromisso ético assumido em não informar a autoria dos textos produzidos pelos alunos, antecede cada recorte uma sigla que remete à autoria e fonte de origem: R1-SPK, recorte 1 do discurso do professor kinikinau em seu TCC; R2 - SPK a mesma origem; R3- SAK- A, recorte de texto produzido pelo aluno kinikinau A; R4- SAK-B, recorte de texto produzido pelo aluno kinikinau B, e assim sucessivamente.

O discurso Kinikinau em perspectiva

Refletir sobre as questões referentes aos povos indígenas e seus discursos com o objetivo de contribuir para a visibilidade do povo Kinikinau, analisando e registrando, com base em regularidade enunciativas, os interdiscursos e os múltiplos sentidos presentes em sua memória discursiva implica buscar as contribuições de Pêcheux e Foucault, instituidores de reflexões essenciais para que a Análise do Discurso se constituísse como disciplina.

Antes de iniciarmos a interpretação dos recortes, faz-se necessário registrar que no levantamento da bibliografia do/sobre os kinikinau, constatamos que há estudos sobre a língua kinikinau, como o de Ilda Souza, *KOENUKUNOE EMO 'U*: A língua dos índios Kinikinau, tese de doutorado em Linguística, defendida em 2008 na Unicamp; o de Valéria Guimarães de Carvalho Couto, *A língua Kinikinau*: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais, dissertação de mestrado em Letras, defendida em 2005, na UFMS/CPTL; o de Dercir Pedro de Oliveira e Mirian Moreira Alves, Os Kinikinau: dados históricos, vocabulares e linguísticos, publicado em 2005; de Daniele Lucena Santos, *ENTRE A “EXTINÇÃO” E O “RENASCER”*: o processo de revitalização da língua Kinikinau como mecanismo de “resistência”, trabalho de conclusão de curso, do curso de Letras, defendido em 2014, UFMSqCPAQ.

Voltados em específico para a Análise de Discurso, há o texto de Jandercy Penha da Silva Carvalho, *O discurso kinikinau sobre as questões ambientais*, dissertação de mestrado que analisa o discurso de professores kinikinau sobre o meio ambiente, defendida em 2013, na UFMS/CPTL; o texto de Katiana Silva Azambuja, *Língua Kinikinau na construção do material didático: Wrxewo Kwatiti Xane*, dissertação de mestrado, defendida em 2015 na UFMS/CPTL, e que problematiza a construção identitária dos sujeitos indígenas kinikinau, por meio de representações de língua e linguagem, e, em construção, uma dissertação de mestrado produzida por Daniele Lucena Santos, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/CPTL, problematizando as representações de escola e território construídas nos discursos do documento legal das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena na Educação Básica, publicadas em 2012, e no discurso dos próprios indígenas kinikinau.

Há, ainda, outros estudos que foram realizados, como o de Giovani José da Silva e José Luiz de Souza, *O despertar da fênix*: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica Kinikinau em Mato Grosso do Sul, em 2003; os de Rosaldo Albuquerque Souza, O povo Kinikinau e a sua trajetória ao ensino superior, artigo publicado em 2009; e do mesmo autor indígena kinikinau, *Sustentabilidade e processos de reconstrução identitária*

entre o povo indígena Kinikinau (Koinukunoen) em Mato Grosso do Sul, dissertação de mestrado defendida em 2012. Na área de história e antropologia foi defendida, em 2010, a tese de doutorado de Iara Quelho de Castro, *De chané/guaná a Kinikinau: a construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*, na Unicamp. Em 2014, Inácio Roberto, professor kinikinau, defendeu junto à Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” UFMS/CPAQ, o trabalho de conclusão de curso, *A Língua Kinikinau: o ensino da língua kinikinau e produção de material didático*, cujos recortes constituem parte do *corpus* interpretado neste texto, mediante regularidades enunciativas e concepções de formação e memória discursiva foucaultianas.

Tendo uma base teórica transdisciplinar, a Análise do Discurso (AD) desponta na academia no final dos anos de 1960, articulando-se entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Defende a AD que os sentidos são produzidos nas relações estabelecidas entre a língua e a história. Nesse sentido, Orlandi (2009, p.19) afirma que “a história tem seu real afetado pelo simbólico” e destaca a relação da língua com a história e que é por meio dessa relação que os sentidos são produzidos, pois, segundo a autora, é na relação entre língua e história que o sujeito se significa e desloca-se da posição de indivíduo para sujeito pelo simbólico. Conforme Foucault (2004, p. 105), o sujeito é um lugar determinado, ao mesmo tempo vazio, que pode ser ocupado por sujeitos diferentes, portanto não é definitivo, mas “variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma”.

Para Foucault (2008), o enunciado é “inesgotável à língua e ao sentido, podendo, assim ser inúmeras vezes repetido”, mas, ao mesmo tempo, é um acontecimento singular, é possível dizer que a cada aparição em um campo enunciativo toma nova ou novas feições, já que é uma unidade da análise do discurso, na qual se materializa o discurso. Para Foucault (2004), discurso não é apenas a manifestação do desejo, mas é também o objeto do desejo e prática originária dos saberes, suas formações e suas relações com práticas sociais. Para Orlandi (2009, p. 20), o discurso é constituído por ideologias, história do sujeito e por “já-ditos” que se manifestam por meio da língua, da materialização linguística do sujeito que acredita ser seu e único o discurso que articula. É pela ideologia que o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso, de modo a oferecer ao sujeito sua realidade como evidência e, apagando, simultaneamente, a relação da língua com a história.

Adotando as reflexões de Foucault, pode-se dizer que o sujeito é concebido como um lugar discursivo, marcado pela heterogeneidade e a instabilidade das diferentes formações

discursivas que transcorrem em seu discurso, e, desse modo “um único e mesmo indivíduo pode ocupar em uma série de enunciados diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 2008, p. 196). Assim, constituindo-se por outras vozes, outros discursos “já-ditos”, tem-se as formações discursivas (FD) que, no emaranhado de vozes outras que se cruzam, originam o interdiscurso como fragmentos de discursos outros, de múltiplos discursos de que compõem a memória discursiva. Dessa forma, o interdiscurso é constituído por vozes outras que se cruzam e se entrecruzam, que vem antes, que antecede e se presentificam no discurso do sujeito.

Por fim, para Foucault, o discurso é o lugar em que as relações de poder se exercem sendo, simultaneamente, instrumento e efeito de poder, pois, se de um lado o discurso produz poder, de outro, também, se apresenta como o lugar da resistência, da oposição, do outro do poder. Discurso é, portanto, para Foucault “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 133).

Diante do exposto e considerando as representações do professor kinikinau, nos recortes selecionados, sobre sua cultura, língua, processos identitários e educação escolar, trazemos a interpretação, em R1- SPK, produzida no relatório do plano de trabalho anterior, seguida de novos recortes do mesmo discurso desse sujeito.

Em R1- SPK, o sujeito, ao justificar a presença de reflexões sobre o ensino e aprendizagem de línguas na escola da Aldeia São João e a presença da tradução de textos, escritos em português pelos alunos do ensino médio, para outras línguas, além do kinikinau (espanhol e inglês), em seu TCC, traz em seu dizer a visão de um indígena articulado ao mundo moderno e seus “confortos” tecnológicos. Não nega a importância dos conhecimentos tradicionais de seu povo, mas vislumbra a participação no mundo da sociedade hegemônica. Tem-se aí o desejo do outro. Conforme Foucault (2008), discurso não é apenas a manifestação do desejo, mas é também o objeto do desejo e prática originária dos saberes, suas formações e suas relações com práticas sociais.

R1- SPK – [...] Queremos sim nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua, ser reconhecidos enquanto povo, revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original, mas queremos também viver o mundo do hoje, a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interéticos, os conhecimentos universais e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas [...] A escola é nossa grande esperança para a conquista desse sonho. Como já dissemos a língua materna do povo kinikinau, hoje, é a língua portuguesa e a língua indígena é trabalhada como segunda língua e nos moldes do ensino de língua estrangeira [...]

O sujeito de um enunciado fala de um lugar histórico-social, um lugar institucional reconhecido e autorizado, constituído pelas posições ocupadas na sociedade. O professor

Kinikinau fala a partir de uma etnia (Kinikinau) a que, ao mesmo tempo, iguala-o (é indígena) e o diferencia: pertence à etnia Kinikinau; é professor, o que o faz diferente dos demais Kinikinau. E é a partir desse lugar que o sujeito profere seu discurso, carregado de historicidade e sentimento de pertença de um povo sofrido pelas circunstâncias de sobrevivência e busca de território; que perdeu sua língua e cultura e, agora, luta por revitalizá-las.

Assim, ao usar o verbo querer na primeira pessoa do plural em *Queremos sim nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua*, o sujeito se inclui e fala em nome do povo, de todos os kinikinau, há um sentimento de pertença que pode ser constatado na continuação do enunciado: *ser reconhecidos enquanto povo, revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original*, que sintetiza o sofrimento desse povo, pois ao querer ser reconhecido como povo, revitalizar a língua e a cultura e ver demarcado o território, denuncia que não são reconhecidos como povo, estão perdendo a língua e a cultura e não possuem território. O sujeito busca na memória discursiva, na trajetória do povo, fatos que denunciem o processo de exclusão sofrido ao longo dos anos.

Ao trazer para o enunciado *nos tornar falantes e “escreventes” de nossa língua*, o sujeito se utiliza da FD educacional, escolar, uma vez que aprender e ensinar a escrita e o desenvolvimento da língua na modalidade oral são tarefas da escola, remetendo-nos, no caso da língua materna do povo, a FD da legislação da educação, presentes em documentos legais, como a Constituição de 1988, Parecer 14, Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, Decreto 667/MS, entre outros, presentificando o interdiscurso governamental em seu dizer. O que nos permite interpretar, a partir das reflexões de Foucault (2008), que o sujeito é um lugar discursivo, distinguido pela heterogeneidade e a instabilidade das diferentes formações discursivas que perpassam seu discurso, outras vozes, outros discursos “já-ditos”, que se entrelaçam, que se cruzam e entrecruzam, originando o interdiscurso como fragmentos de discursos outros, de múltiplos discursos de que compõem a memória discursiva. Discursos que antecedem o dizer do sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 20) afirma que o discurso é constituído por ideologias, história do sujeito e por “já-ditos” que se manifestam por meio da língua, da materialização linguística do sujeito que acredita ser seu e único o discurso que articula.

O uso do pronome possessivo *nossa* e *nosso*, na primeira pessoa do plural e em concordância com o verbo *queremos* no início do recorte, em *revitalizar nossa cultura e língua, ver demarcado o nosso território original*, reafirma o sentimento de pertença ao povo e marca o lugar de onde fala o sujeito. O operador *mas*, na sequência do enunciado, que conforme a

gramática da língua portuguesa é uma conjunção adversativa, em R1 - SPK exerce duas funções: a primeira refere-se a uma oposição (portanto, funcionando como conjunção adversativa) ao que propõem os documentos oficiais em relação ao ensino da língua indígena e língua portuguesa para as escolas indígenas nacionais, pois não querem só a garantia de seu ensino (língua indígena) e a obrigatoriedade do ensino e aprendizagem da língua oficial do país; e a segunda funciona, semanticamente, como uma conjunção aditiva (e), já que querem o que propõem os documentos legais e querem mais: *mas queremos também viver o mundo do hoje, a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas*. O efeito de sentido que irrompe neste enunciado é de resistência ao que lhe é imposto como trabalho pedagógico com línguas na escola de sua comunidade. Desponta, neste discurso, o professor kinikinau, aquele que exerce o poder no espaço escolar, por meio da FD capitalista das *tecnologias*.

Em *queremos também viver o mundo do hoje*, o sujeito deixa emergir o jogo estratégico dos discursos indígenas: a busca, no passado, de fatos que lhe sirvam como argumentos para a reivindicação de direitos, em especial da revitalização e uso de sua língua, cultura e demarcação de territórios *versus* o desejo do outro, presente, o mundo que se mostra diferente e distante do seu, no imaginário social, no qual se inclui o sujeito: *a tecnologia, os saberes, os conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais e [...]caminhar por entre línguas*. O item lexical *também* produz o efeito de sentido de que não quer deixar no passado sua cultura, língua, conhecimentos tradicionais e a busca pelo território, mas quer mais, quer *isso e aquilo*. O passado e o presente com as *tecnologias, saberes, conhecimentos interétnicos, os conhecimentos universais*.

O verbo *viver* no infinitivo, logo no início do enunciado, extrapola o sentido constante no dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos (2011): “acostumar-se, habituar-se, conviver”, produzindo o efeito de sentido de “participar”, “ser” e “pertencer” à modernidade, ao mundo de hoje, ao mundo do outro (branco). Na conclusão do enunciado, o sujeito aponta o caminho a ser seguido, marcado pelo operador discursivo *e*, conjunção aditiva: *e, para isso, queremos e precisamos caminhar por entre línguas [...]*. A expressão *para isso* funciona como uma locução conjuntiva conclusiva, encaminhando para a conclusão, para a possível solução: *queremos e precisamos caminhar por entre línguas*, marcada enfaticamente pela presença dos verbos *querer e precisar*, unidos pela conjunção aditiva “e”. Há, nesse enunciado conclusivo, o efeito de sentido de exigência, resistência e denúncia em relação ao que “não temos”, por isso

queremos e precisamos caminhar por entre línguas. A representação de si e do outro encaminha para a igualdade, o “índio da/na modernidade” do outro que o constitui.

A expressão *caminhar por entre línguas* nos remete ao discurso de políticas públicas, políticas linguísticas que, talvez, o professor kinikinau tenha aprendido, estudado no curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” e ao interdiscurso do “entre-lugar”, discutido por Bhabha (1998). O indígena kinikinau localiza-se no entre-meio, no espaço que não é totalmente indígena e também não o é do branco. O mesmo em relação às línguas, a língua materna que utiliza não é a língua indigna de seu povo, é a língua portuguesa, por isso precisam ser contempladas na escola. O local onde residem os kinikinau está muito próximo de Bonito/MS, cidade turística, na qual muitos trabalham em hotéis, pousadas e restaurantes, e que recebe muitos turistas internacionais, que usam o inglês como língua franca, justificando a reivindicação para o trabalho com a língua inglesa. A região do Município de Porto Murtinho, jurisdição da Aldeia São João, e a relação fronteiriça com o Paraguai e com o MERCOSUL, que tem como idiomas oficiais o português e o espanhol, justificam o interesse pela língua espanhola, além de ser a língua estrangeira escolhida para a escola da aldeia e para o curso de Licenciatura em que o professor se formou.

Em *Caminhar entre línguas* emerge o efeito de sentido do multilinguismo, do conhecimento de outras línguas de convívio, e remete a FD da educação escolar, já que a escola, microterritório kinikinau em terras kadiwéu, é para o sujeito a *nossa grande esperança para a conquista desse sonho*. Nesse enunciado emana o efeito de sentido de inversão no papel que a escola exerceu sobre os povos indígenas, dizimando línguas e culturas, e o papel que representa hoje: *esperança para a conquista desse sonho*, o sonho de revitalizar a língua e a cultura ancestrais e promover o *viver o mundo de hoje*.

Levando em consideração que o sujeito é atravessado por ideologias e pelo inconsciente, e que fala de um lugar institucional reconhecido e autorizado, formando-se a partir da relação com o outro, não sendo este origem do seu próprio discurso, mas inscrito em uma ordem discursiva, passemos à análise do recorte R2 - SPK

R2 SPK – [...] Pertencemos à família linguística Aruak e estamos sofrendo, ao longo do tempo, um processo de perda cultural, identitária e, sobretudo linguística. Não falamos mais a língua kinikinau no cotidiano da aldeia, o português é a nossa língua materna; A língua franca em nossa comunidade é o português [...].

Ao utilizar o verbo pertencer na primeira pessoa do plural em *Pertencemos à família linguística Aruak*, assim como no recorte anterior, o sujeito marca o seu lugar discursivo, assim como o do seu povo, evidenciando a condição de pertencer e falando em nome de todos. Há,

então, um sentimento de pertença expresso logo no início do enunciado e que é confirmado na continuação da sentença com a conjunção “e” e o verbo na primeira pessoa do plural. Essa confirmação é consolidada em forma de denúncia em que o sujeito delata estar sofrendo “*e estamos sofrendo, ao longo do tempo*”. Percebe-se que o sujeito, ao trazer para o enunciado a expressão temporal *ao longo do tempo*, recupera o passado, evidenciando uma historicidade que percorre o tempo e está inserido em sua memória discursiva.

Neste sentido, reconhece-se que há uma memória discursiva, da qual emerge a memória coletiva marcada pela história, a memória de um povo que sofreu no passado, no decorrer do tempo e que continua sofrendo no presente. É por meio deste enunciado que o SPK traz para o discurso todo seu percurso sócio-histórico de desrespeito e exclusão, marcado, em especial, pela *perda cultural, identitária e sobretudo linguística*. Do advérbio intensificador *sobretudo* emerge o sentido de sobreposição, de destaque entre as perdas anunciadas por SPK. Ele sofre pela perda cultural, identitária, mas, acima de tudo, sofre pela perda da língua.

Para compreendermos o significado e a dimensão desta última perda que se sobrepõe as demais, faz-se necessário buscar na fala do próprio SPK referências mais específicas a ela, conforme R3 - SPK

R3-SPK a nossa língua é um meio de (re) construção, revitalização, e transmissão cultural, como documento de identidade étnica do nosso povo que vive um intenso e denso processo de renascimento, de luta por reconhecimento étnico, cultural e linguístico [...]. Não falamos mais a nossa língua no cotidiano da aldeia [...] Em relação à língua kinikinau, acreditamos também que é um documento de reivindicação étnica [...]

Em R3-SPK, o sujeito, movido pela luta de reconhecimento étnico e pelos processos identitários do povo, além da garantia instituída por lei, pela Constituição Federal, artigos 210, 215 e 231 e pela LDBEN, lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 32, parágrafo 3º, fala pelo povo, pelo processo de ensino aprendizagem da língua materna a partir de um viés político, trazendo para o discurso pelo intradiscurso a FD da legislação, o discurso já dito em documentos oficiais como a Carta Magna, a LDBEN (lei nº9.394) e as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica das Escolas Indígenas. Afinal, foi a partir das duas primeiras que o currículo da Escola Municipal Indígena Koenukunoen, desde sua criação, em 1999, contempla o trabalho com a língua Kinikinau, ficando a cargo daqueles que a dominam a responsabilidade pelo seu ensino. E, em 2011, considerando a co-existência da etnia kadiwéu naquela aldeia, introduziram outra língua indígena no currículo da escola da aldeia: a língua kadiwéu, ficando a encargo dos pais, no ato da matrícula, optar por uma delas para o aprendizado de seus filhos.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

A língua de cada povo torna-se, portanto, instrumento importante, pois marca as diferenças, ao mesmo tempo que aproxima as semelhanças, na constituição dos processos identitários, considerado o fato de todos serem indígenas, mas possuírem língua e cultura diversificadas e que estabelecem as diferenças entre esses povos. Daí a língua ser considerada *como documento de identidade étnica do nosso povo que vive um intenso e denso processo de renascimento, de luta por reconhecimento étnico, cultural e linguístico [...]*; é preciso, pois, documentar a existência do povo co-habitando o local, em território alheio e em busca de reconhecimento identitário étnico. Reconhece, portanto, em sua língua o poder político de revitalização de sua cultura, de sua identidade e etnicidade. Tem-se aí uma paráfrase do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, que afirma:

A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história. (BRASIL, 1998, p. 113).

Ao trazer para o discurso a afirmação de sua crença em relação ao que diz tal documento, o SPK faz uso novamente da formação discursiva da legislação, tornando presente o discurso governamental que demonstra e confirma, conforme prescreve a análise do discurso, que o sujeito carrega em si o outro. O discurso é heterogêneo e se relaciona com outros dizeres e outros discursos. O SPK ao utilizar o verbo *acreditamos*, acompanhado do item lexical *também*, e inserir em sua fala um recorte de outro discurso, se apropria do discurso do referencial e este discurso passa a ser seu também. É neste outro discurso apropriado que podemos consolidar a compreensão da importância da língua para este povo e o porquê da perda desta sobrepor-se às demais, apontado no R1. Mesmo diante da perda da cultura e da identidade, é a perda da língua que marcará um fim, pois é ela quem detém o poder de construção, de fazer reviver e emergir toda uma cultura e um povo.

Em *não falamos mais a língua Kinikinau no cotidiano da aldeia*, repetido em R1, R2 e R3, a junção de *não* e *mais* expressam a conformidade, a aceitação, de não mais falar sua própria língua, antes, sim, eles se comunicavam pela língua Kinikinau no cotidiano da aldeia. Hoje, não mais. O português passou a ser *sua língua franca*. (R2). No entanto, essa conformidade com o momento atual não expressa o desejo que tem o professor Kinikinau, que em outro recorte afirma:

R4- SPK[...] O fato de termos a língua portuguesa como língua materna não nos diminui como indígenas kinikinau, mas dominar e usar a nossa língua indígena vai

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

umentar a nossa autoestima. E, o domínio da língua portuguesa nos ajuda a reivindicar os nossos direitos à cultura, identidade étnica, território, reconhecimento e aprendizado da língua kinikinau[...].Defendemos, portanto, a permanência da língua kinikinau em nosso currículo, mesmo que seja trabalhada, até o momento, como segunda língua.

Ele não rejeita a língua portuguesa, mas vê nela um meio que o fará dominar e usar a própria língua. É por meio do português que o povo Kinikinau pode reivindicar seus direitos e aprender a sua língua. Assim, falando em nome de todo o seu povo, o SPK diz *Defendemos, portanto a permanência da língua kinikinau em nosso currículo, mesmo que seja trabalhada, até o momento, como segunda língua*. A expressão *mesmo que seja* evidencia o conformismo, citado acima, de ter a língua portuguesa como língua materna e a língua indígena como segunda língua, no entanto, essa expressão tem o sentido modificado com a expressão *até o momento*, que denota que este conformismo não é total, mas, sim, parcial, enquanto não há o que se fazer, eles concordam com o fato e não abrem mão de ter a língua Kinikinau sendo ensinada, “até o momento”, como segunda língua. Esta expressão, *até o momento*, diz mais, faz emergir o sentido de que eles têm esperança de no futuro reverter essa situação e ter como língua materna a língua Kinikinau.

Assim, na escola da aldeia, o ensino e aprendizagem das línguas indígenas representam o estabelecimento de fronteira étnica entre as etnias que habitam o local, entre as línguas étnicas e a língua da sociedade hegemônica, a língua portuguesa, por todos utilizada, entre a língua estrangeira ensinada na escola (Espanhol) e entre a língua franca (Inglês) utilizada pelos turistas e comércio local na cidade de Bonito.

A respeito das línguas indígenas, Rodrigues (2005, p.35) afirma que nos dias atuais são faladas no Brasil cerca de 181 línguas indígenas. O autor ressalta que há nesse levantamento pequena margem de erro, para mais ou para menos, em decorrência da imprecisão e, em alguns casos, da distinção entre variedades tão pouco diferenciadas que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes. No caso dessa pesquisa, é o que acontece com a língua Terena e Kinikinau, ambas pertencentes à família linguística Aruak. Talvez, por essa razão, ainda não foi introduzida no currículo da escola da aldeia a língua terena, já que a etnia terena também divide o espaço físico daquele território com os kadiwéu e os kinikinau.

Em outras palavras, movido pela fronteira cultural e linguística do seu local, Roberto (2014) discute em seu trabalho de conclusão de curso (TCC) o trabalho com a linguagem em ambiente multilinguístico, como a escola de sua aldeia. Embora as discussões de Roberto

(2014), no corpo do texto de seu TCC, abriguem a língua portuguesa, espanhola e inglesa, o viés político das discussões atribui maior força argumentativa nas reflexões sobre a língua kinikinau, trazendo à tona a história do povo, cultura, conhecimentos tradicionais e a necessidade de produção de material didático para o trabalho com línguas na escola que, em um movimento discursivo, vai constituindo o processo identitário de seu povo, sobretudo pelo papel documental da língua.

O discursos dos alunos não diferem do discurso do professor, embora apresentem-se com uma estrutura menos organizada do pensamento e problemas sequenciais na exposição das ideias, além de problemas linguísticos em relação ao uso da língua na variante padrão, o conteúdo centra-se em questões linguísticas políticas; questões ligadas ao imaginário social, isto é, como acreditam que o outro (branco) o vê; e a representação de si, ou seja, como eles se representam, o que, no conjunto, constituem traços de processo identitário em constante construção. Assim, pela semelhança entre os textos, apresentamos, em conjunto três recortes que são interpretados juntos.

R5-SAK-A ser índio é uma coisa bom porque a gente tem muitas coisas aqui na aldeia muitas coisas boa. eu adoro ser índio. por exemplo nos temos estudos, faculdade e escola Muitas coisas boas que fais parti da nossa vida aqui na aldeia. Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da linhua kinikinau (sic)

R6-SAK-B ser índio, para mim, é ter de mostrar para a sociedade a minha cultura e tradição e o modo de viver na minha comunidade, sem falar que ser índio é ter os mesmos direitos que as outras e poder des frutar de todas as oportunidades que nos são ofertadas. Mesmo em meio a tantas dificuldades e preconceito não me envergonho de dizer que sou índio porque eu posso exigir os meus direitos quanto cidadão indígena. (sic)

R7-SAK-C ser índio é saber que sou respeitado. o nome da minha aldeia é São João têm três etnia kadiweu, kinikinau e terena., eu gosto de ser índio porque vem medico dentista e aprender ler os professores ensinam a quem não sabe ler, a minha etnia é kinikinau eu gosto de morar na aldeia Nos sentimos o ar puro ver os peixes nadando. vê os animais andando pastando os passarinhos cantando, e quando a gente fica doente vai no posto de saúde e chama o carro para levar no hospital é por isso que eu gosto de ser índio. (sic)

R8-SAK-D ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas. Nós indigenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a ceramica, comidas, roupas, e a própria lingua.quam uma Pessoa Pergunta para outra como ela imagina um índio. A Resposta sempre é quase a mesma. Um ser, seminu, de penaxos na cabeça, com arco e flechas. Mas nos os Povos indigenas somos alem disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro. Muitos imdios têm o costume de diser que os brancos são brasileiros. Mas nos os imdios, que sofremos difersos tipos de preconceitos é que somos os verdadeiros brasileiros, e é por isso que tenho orgulho de ser índio. (sic)

A leitura dos recortes aponta que a proposta da professora indígena partiu de um tema em forma de questão: o que é ser índio? Você tem orgulho de ser índio?, pois todos os recortes iniciam com a expressão *ser índio é* e marcam o orgulho em ser índio, ressaltando as belezas naturais do local (aldeia) que nos remetem à Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal quando aqui desembarcaram: *eu gosto de morar na aldeia Nos sentimos o ar puro ver os peixes nadando. vê os animais andando pastando os passarinhos cantando* (R7). Temos, portanto nesses recortes a FD histórica. O desejo de igualdade no interior da diferença, o desejo do outro (branco) é marcado em todos os recortes: *nos temos estudos, faculdade e escola* (R5); *ser índio é ter os mesmos direitos que as outras* (R6); *eu gosto de ser índio porque vem medico dentista e aprender ler os professores ensinam a quem não sabe ler* (R7); *Mas nos os Povos indigenas somos alem disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro* (R8). Os sujeitos tomam para si o discurso do outro (branco) presentes em leis, trabalhos acadêmicos que já se tornaram *senso comum* e são veiculados nas redes sociais, constituindo-se, portanto, em FDs política, legal, acadêmica, educacional e tecnológica.

Assim como no discurso de SPK, os alunos também, estrategicamente, buscam o passado cultural e histórico do povo para argumentar em seu favor as questões do presente: *de mostrar para a sociedade a minha cultura e tradição e o modo de viver na minha comunidade* (R6); *ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas. Nós indigenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a ceramica, comidas, roupas, e a própria lingua.*(R8). Em relação aos aspectos linguísticos, destacamos *Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da lingua kinikinau* (R5), cujo efeito de sentido nos remete ao discurso de SPK, em relação à “língua indígena como documento”, a língua como marca de identidade. Se considerado o enunciado inicial deste recorte, *ser índio é uma coisa bom porque a gente tem muitas coisas aqui na aldeia muitas coisas boa. eu adoro ser índio*, podemos interpretar que há aí um afunilamento, pois o sujeito parte do maior, *ser índio é*, trazendo para o discursos todos os índios marcados pela expressão *a gente*, que funciona como pronome pessoal, na primeira pessoa do plural “nós”, os índios, incluindo-se nesse nós em *eu adoro ser índio*. Em seguida, traz [...] *coisas boa que fais parti de nossa vida aqui na aldeia*, que já afunila o ser índio. Não se trata mais de todos os índios, mas os índios da Aldeia São João. A busca pela diferença é marcada pelo enunciado seguinte, no qual o plural de *a gente* ou nós é substituído pelo pronome pessoal na primeira pessoa do singular, produzindo o efeito de sentido de que não é kadiwéu ou terena, é kinikinau, o sentimento de pertença se dá em *Eu sou da Língua Kinikinau Eu gosto muito da lingua kinikinau*, que o difere das demais etnias que habitam o local.

O R8-SAK- D resume todo o discurso do SPK. Em *ser índio é ser um povo que não tem vergonha de mostrar suas culturas*, há o interdiscurso com a história da maioria dos povos indígenas que, em determinado período histórico social, negavam a sua origem por se sentirem envergonhados de

sua cultura, por ser considerada menor, diferente da cultura do branco e pelo fato de dominarem mal a língua portuguesa. Continuando, o sujeito traz para o discurso a etnia kinikinau, registrando o sentimento de pertença e evocando a história de seu povo, contrariando o fato de terem sido considerados extintos *Nós indígenas da etnia kinikinau A Pouco tempo Atrás estávamos Praticamente extintos. Em O povo kinikinau possui diversos tipos de atividades cultural. tais como a cerâmica, comidas, roupas, e a própria língua* ecoa o grito desse povo, também evocado por SPK: nós estamos aqui e podemos provar nossa existência com as atividades culturais *como a cerâmica, comidas, roupas, e a própria língua*. Em seguida, o sujeito traz para o discurso o imaginário social que ainda vê o índio como a mais de quinhentos anos, quando da chegada dos portugueses ao Brasil: *quam uma Pessoa Pergunta para outra como ela imagina um índio. A Resposta sempre é quase a mesma. Um ser, seminu, de penaxos na cabeça, com arco e flechas*. Há, nesse trecho, uma generalização dos povos. Todos os povos são vistos da mesma forma. A presença da conjunção adversativa “mas”, no enunciado seguinte, introduz certa ironia em relação às representações que o branco tem dos povos e sugere que hoje são diferentes: *mas nós os Povos indígenas somos além disso, somos um povo os verdadeiros brasileiro*. No entanto, emana, neste momento, o não pertencimento, o sentimento de estrangeiros em sua própria pátria, remetendo-nos ao que Bhabha (1998) denomina o “entre lugar”: *somos um povo os verdadeiros brasileiros*. O sujeito procura um lugar que seja seu. Em seguida, tomando o discurso do outro e delegando a outros índios, talvez as outras etnias que habitam a comunidade da aldeia São João, a negação de brasileiros aos brancos *Muitos índios têm o costume de dizer que os brancos são brasileiros*, seguida da afirmação do sujeito de quem são os verdadeiros brasileiros *Mas nos os índios, que sofremos diversos tipos de preconceitos é que somos os verdadeiros brasileiros, e é por isso que tenho orgulho de ser índio*. Temos presente nesse enunciado a FD da legalidade, do discurso científico e do senso comum em relação ao índio que produzem a representação de si e reafirma a constituição do processo híbrido, móvel de construção identitária desses povos. O sujeito fala por todos os indígenas, mas, ao finalizar, marca o seu lugar em meio a esse todo quando assegura que *é por isso que tenho orgulho de ser índio*.

Considerações finais

Constituído ao longo de um processo sócio-histórico de desrespeito, exclusão e estigmatização social, o discurso do professor indígena Kinikinau e dos alunos kinikinau são atravessados por discursos outros que, na forma *da não-coincidência do discurso consigo mesmo*, carregam em si a alteridade que os constituem, os inúmeros discursos que constituem a memória discursiva. A interpretação dos recortes aqui apresentada nos permitem dizer que, em decorrência das inúmeras transformações nas estruturas econômicas e políticas, os povos indígenas tem sua cultura, língua e identidade afetadas pelos modos de vida do branco e, portanto, (re) significam suas práticas, crenças e necessidades na contemporaneidade, situando-

se no entre lugar conflituoso que, de um lado, o mantém em uma relação de dependência e integração com a natureza com os valores culturais, linguísticos e identitários de seu grupo e, do outro, o coloca frente a frente com os valores da sociedade hegemônica que deseja para si.

Perpassados pela linguagem e pelo inconsciente, os sujeitos são heterogêneos, cindidos, clivados, constituídos pelo outro (s) e pelo inconsciente, sendo interpelados por formações discursivas instáveis e contraditórias (históricas, legais, capitalista, educacional, tecnológicas e cultural) que remetem a um exterior discursivo, à história, às transformações sociais da atualidade e aos impactos causados pelas mudanças globais nos modos de vida das comunidades étnicas, de maneira que os recursos naturais não mais dão conta das necessidades desses povo.

SPK e SAK se apresentam como o outro do poder e da resistência, em um contrapositionamento que se manifesta no fio discursivo pelo entrelaçamento entre os valores tradicionais dos povos indígenas e os valores do branco. Há uma negociação constante entre si e o outro, de modo que outras temporalidades passam a ser introduzidas na invenção da tradição, vez que o aspecto fluido do processo identitário desse povo reverte o processo formal de recusa aos valores do outro (“escola”) e projeta uma (re) invenção desse espaço ao caracterizá-lo como determinante para o discurso do SPK e do SAK na modernidade.

A escola é representada nos recortes analisados como lugar de poder, estratégia de sobrevivência desse povo em oposição ao outro (branco/ Terena/kadiwéu). É a partir desse espaço que o Kinikinau passa a ter sua etnicidade reconhecida, conquista visibilidade, reconhecimento em relação ao outro, distingue sua etnia e demarca as fronteiras existentes entre si e o outro. Surge em meio a esse embate de fronteiras, uma identidade contrastiva que implica a afirmação identitária do indígena Kinikinau em oposição a outros grupos.

Referências

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. -Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas*. Brasília: Mec, 2012.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, secretaria- Geral da Mesa, 2003. 221 p.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Acesso em 13/10/2013 às 13h 38 min. Disponível:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC, 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- CARVALHO, J. P. S. *O discurso indígena sobre as questões ambientais*. Dissertação (Mestrado em Letras) UFMS/CPTL. 2013. 143 p.
- CASTRO, I. Q. *De chané/guaná a Kinikinau: a construção da etnia ao embate entre o desaparecimento e a persistência*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) UEC/SP. 2010, 347 p.
- CORACINI, M. J. R. F. História de vida e pobreza: por uma (intro)dução. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas: Pontes, 2011, p.17-28.
- CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- COUTO, V. G. C. *A língua kinikinau: estudo do vocabulário e conceitos gramaticais*. Dissertação (mestrado em Letras) UFMS/CPTL. 2005.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 10 ed. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola (Trabalho original publicado em 1971), 2004.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Trad. Luiz F. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Trabalho original publicado em 1969), 2008.
- HOUAISS. Dicionário de sinônimos e antônimos. 3.ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- ISA. Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil , 2006. Disponível em: www.socioambiental.org.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- OLIVEIRA, D. P.; ALVES, M. M. *Os Kinikinau: dados históricos, vocabulares e linguísticos*. In: Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem. GUERRA, V.M. L (org). Cáceres: UNEMAT, 2005, 10 p. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.com.br>.
- RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- ROBERTO, Inácio. *A língua kinikinau: o ensino da língua kinikinau e produção de material didático*. 2014 (Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”) UFMS/CPAQ.
- RODRIGUES, A.D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. São Paulo: *Ciência e Cultura*, v. 57, nº2, 2005.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

SANTOS, D. L. *Entre a “extinção” e o “renascer”*: o processo de revitalização da língua kinikinau como mecanismo de “resistência”. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras) UFMS/CPAQ. 2014.

SILVA, G. J.; SOUZA, J. L. O despertar da fênix: a educação escolar como espaço de afirmação da identidade étnica kinikinau em MS. *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 2, julho/dezembro, 2003.

SOUZA, I. *Koenukunoe Emo'u – A língua dos índios Kinikinau*. 2008. 196 f. Tese (doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

SOUZA, R. A. O povo Kinikinau e a sua trajetória ao ensino superior. 2009, 6 p. Disponível em: <http://www.rededesaberes.org>.

SOUZA, R. A. *Sustentabilidade e processos de reconstrução identitária entre o povo indígena kinikinau (koinukunoen) em Mato Grosso do Sul*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) UnB. 2012.

“NOVA(S) DESCOBERTA(S) DO NOSSO BAIRRO”: LETRAMENTO COMUNITÁRIO, GÊNEROS DISCURSIVOS E AÇÃO SOCIAL

Alana Driziê Gonzatti dos Santos¹
Maria do Socorro Oliveira²

RESUMO: Considerando a relevância da articulação entre as esferas escolar, familiar e comunitária, este artigo tem como objetivo discutir impactos de um projeto de letramento comunitário (PLC) no redimensionamento de práticas de fala, leitura e escrita no espaço escolar, a partir de enunciados produzidos por colaboradores no âmbito do projeto em análise. O aporte teórico desta investigação parte dos Estudos de Letramento, em especial práticas de letramento e PLC, do Círculo de Bakhtin e da Nova Retórica, no que tange a considerações sobre os gêneros discursivos. A partir do paradigma qualitativo e da abordagem etnográfico-crítica, a geração de dados ocorreu em uma escola pública da capital potiguar, na promoção de ação de extensão, materializada como PLC, intitulada “Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: escola, família e comunidade”, tendo como colaboradores discentes de uma turma de primeiro ano de ensino fundamental, membros da equipe escolar, familiares de alunos e agentes comunitários do bairro de Nova Descoberta, onde a escola é situada, e de seu entorno. A ação teve como produto um *e-book*, em que os saberes locais dos colaboradores estão apresentados a partir de suas produções orais, escritas e multissemióticas, em gêneros discursivos como relatos, entrevistas, apresentação, histórias, comentários e outros. A análise desses enunciados demonstra, entre diferentes aspectos, as questões sociais próprias do bairro, os interesses e as motivações dos sujeitos da pesquisa, as implicações do PLC na aprendizagem, a distribuição de tarefas em trabalhos colaborativos, o papel da escrita de promover acesso a novos mundos e as experiências culturais construídas a partir dos discursos dos colaboradores, mobilizados como ferramentas de atuação na vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento comunitário. Gêneros discursivos. Projeto de letramento. Ação social.

ABSTRACT: Considering the relevance of the articulation between the school, family and community spheres, this communication aims to discuss the impacts of a community literacy project (CLP) on the resizing of speech, reading and writing practices in the school space, based on statements produced by collaborators within the scope of the project under analysis. The theoretical contribution of this investigation comes from New Literacy Studies, especially literacy and CLP practices, from the Bakhtin Circle and New Rhetoric, with regard to considerations on genres. From the qualitative paradigm and the ethnographic-critical approach, data generation took place in a public school in Natal - RN - Brazil, promoting an extension action, materialized as a CLP, entitled “Nova(s) Descoberta(s) of our neighborhood”: school, family and community”, with collaborating students from a

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Macau, Rio Grande do Norte, Brasil. alana.drizie@ifrn.edu.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. msroliveira.ufrn@gmail.com

class of first year of elementary school, members of the school team, family members of students and community agents from the neighborhood of Nova Descoberta, where the school is located, and its surroundings. The action resulted in an e-book, in which the collaborators' local knowledge is presented from their productions, oral, written and multisemiotic, in genres such as reports, interviews, presentation, stories, comments and others. The analysis of these statements demonstrates, among different aspects, the social issues specific to the neighborhood, the interests and motivations of the research subjects, the implications of the CLP in learning, the distribution of tasks in collaborative works, the role of writing to promote access to new worlds and cultural experiences built from the speeches of collaborators, mobilized as tools for acting in social life.

KEYWORDS: Community literacy. Genres. Literacy Project. Social action.

Considerações iniciais

Sabendo que a linguagem está presente nas esferas de atividade social e reconhecendo nossa inserção em uma sociedade grafocêntrica, torna-se relevante atentar a como práticas de oralidade, leitura e escrita se organizam nesses contextos, bem como a sua relação com a instituição escolar, notadamente uma agência de letramento de relevância nesse circuito.

Nessa direção, a articulação entre as esferas escolar, familiar e comunitária por meio da linguagem surge como interesse de pesquisa no campo teórico dos letramentos. Em investigações anteriores (SANTOS, 2015; SANTOS, GOMES, OLIVEIRA, 2017; SANTOS, OLIVEIRA, 2017; 2020), apresentamos projetos de letramento – por exemplo, “Engajando famílias na escola” – com o foco na ação social de alunos, famílias e membros da comunidade, dando destaque à legitimação de saberes comunitários no espaço escolar a partir do engajamento em atividades de linguagem.

Para dar continuidade a essa problemática, o objetivo geral deste artigo é discutir impactos de um projeto de letramento comunitário (PLC) no redimensionamento de práticas de fala, leitura e escrita no espaço escolar, a partir de enunciados produzidos por colaboradores no âmbito do PLC “Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: famílias, memórias e histórias”. Especificamente, buscamos apresentar o projeto em análise e explicitar os gêneros discursivos mobilizados no PLC em relação às ações sociais protagonizadas.

Na sequência, apresentamos o aporte metodológico da investigação (“Contexto da pesquisa”), os construtos teóricos que a subsidiaram (“Estudos de letramento e gêneros discursivos”) e os dados em análise (“Letramento comunitário, gêneros discursivos e ação social”), seguidos das considerações finais e referências bibliográficas do trabalho.

Contexto da pesquisa

A partir do paradigma qualitativo e da abordagem etnográfico-crítica (ERICKSON, 1990; LAKATOS, MARCONI, 2010; LANDIS, MIRSEITOVA, 2014), compreendemos a importância do contexto sócio histórico em que os colaboradores estão envolvidos como parte fundamental da investigação, fato justificado, inclusive, por nosso foco no bairro situado e no letramento comunitário.

Nessa direção, a discussão dos impactos do PLC empreendido leva em conta subjetividades – experiências, saberes, interpretações – próprias dos sujeitos, materializadas por meio da linguagem oral e escrita. Em uma perspectiva etnográfica, temos o foco em um grupo social, a partir de ações sistemáticas com a pesquisadora inserida em determinado contexto. Assim sendo, nosso contato foi realizado pelo período de 2011 a 2017, tendo nossa geração de dados sido executada por meio de ações semanais durante todo o ano letivo de 2017, o que totalizou quarenta e oito encontros, que variavam entre duas e quatro horas de duração cada.

Sua promoção foi realizada por meio de ação de extensão, materializada como um PLC, intitulado “Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: escola, família e comunidade”, tendo cem sujeitos colaboradores envolvidos, dentre eles vinte e quatro discentes de uma turma de primeiro ano de ensino fundamental, seis membros da equipe escolar, trinta e sete familiares de alunos e trinta e dois agentes comunitários de dez estabelecimentos de Nova Descoberta, onde a Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, agência catalizadora das ações e *locus* central da pesquisa, é situada, e de seu entorno.

Destacamos, a respeito dos colaboradores, que todos os envolvidos (ou responsáveis, quando menores de idade) concordaram com a participação na pesquisa por meio de assinatura de termos de consentimento e autorização para uso de imagem/vídeo, bem como a escola emitiu autorização para realização da pesquisa.

Os procedimentos metodológicos seguiram o trajeto de mapeamento etnográfico da comunidade, efetivação de parceria com a escola, participação de reuniões pedagógicas, apresentação do programa aos colaboradores, realização de entrevistas com equipe escolar e familiares, estabelecimento de contato com agentes e instituições da comunidade, mobilização de ações na/da comunidade, promoção de *workshops* com as famílias,

construção de redes de conversa com as famílias acerca de suas histórias de vida e seus mundos de letramento e organização, edição, revisão, publicação e lançamento de um *e-book* de histórias, disponível no *link* < www.novasdescobertas.com.br >, em que os saberes locais dos colaboradores estão apresentados a partir de suas produções orais, escritas e multissemióticas.

A proposta resultou em dezessete atividades, das quais quatro relacionadas à escola, quatro à família e nove à comunidade, que foram registradas por meio de instrumentais como notas de campo, registros imagéticos e audiovisuais, transcrições de áudio e vídeo e práticas de escrita. Considerando nosso objetivo neste artigo, apresentaremos para análise, no tópico *Letramento comunitário, gêneros discursivos e ação social*, as dimensões do PLC e os gêneros discursivos que circularam em três atividades da rede desenvolvida.

Estudos de Letramento e gêneros discursivos

Inserido na Linguística Aplicada, área preocupada com problemáticas sociais e sua relação com a linguagem (LEFFA, 2001), o aporte teórico desta investigação parte da vertente sociocultural dos Estudos de Letramento – internacionalmente, *New Literacy Studies* – (STREET, 1984; KLEIMAN, 1995, 2016; OLIVEIRA, TINOCO, SANTOS, 2014), em especial a práticas de letramento e PLC.

De modo conceitual, “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). O(s) letramento(s), nessa perspectiva, leva(m) em conta os usos e impactos sociais da fala, leitura e escrita, instituindo-se como prática(s) coletiva(s) e situada(s) presente(s) em diversos domínios de atividade.

Em Oliveira, Tinoco e Santos (2014), são ressaltadas como características de projetos de letramento aprendizagem situada, ensino orientado para a resolução de problemas, rede de atividades, desterritorialização dos lugares de aprendizagem, tempo escolar reinventado, distribuição de tarefas, o professor como agente de letramento e inserção num sistema de redes de comunicação.

Na esfera comunitária (GRABILL, 2001; CAIRNEY, 2005), destacamos que os estudos se encontram em construção, especialmente em nível internacional. Entretanto, têm se mostrado relevantes, tendo em vista que “comunidades e instituições são inter-

relacionadas e construídas. Elas, por sua vez, dão significado e valor aos letramentos”³ (GRABILL, 2001, p. 87).

Nesse contexto, os PLC surgem como iniciativas para tratar de problemas sociais situados com a proposta de transformação/mudança. Possuem foco em práticas de letramento, que compreendem a materialidade textual e as significações dela apreendidas, que ocorrem no âmbito da comunidade, tratando de aspectos culturais, históricos e identitários para evitar o silenciamento ou apagamento desses saberes locais.

Acerca dos enunciados presentes em nossa análise textual, resgatamos reflexões do Círculo de Bakhtin e da Nova Retórica, no que tange a considerações sobre os gêneros discursivos. Em Bakhtin (1997, p. 279), temos-os como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”; conforme Bazerman (2011), os gêneros são entendidos como *frames* para agir socialmente. Nesse entendimento, temos o gênero como “tipo” ou “modelo” composicional inserido em um contexto dêitico e múltiplo de mudanças, tecnologias, usos e desusos, que nos circunda em locais específicos, tendo em vista que os gêneros fazem parte do repertório ou sistema de atividades em que um indivíduo opera em determinadas ocasiões.

Na relação de gêneros e letramento no contexto escolar (OLIVEIRA, 2010), vemos a possibilidade de relacionar o currículo com a prática social, ou seja, reverberar gêneros vinculados a seu uso cotidiano. Assim, esses enunciados são inseridos em PLC no intuito de atender a propósitos dos colaboradores envolvidos. Nesse sentido, são mobilizados gêneros discursivos considerando-se sua função para que, a partir deles, possa ser realizada a agência social.

Letramento comunitário, gêneros discursivos e ação social

Figura 1: Ilustração do projeto

³ “Communities and institutions are interrelated and constructed. They, in turn, give literacies meaning and value.” (Tradução nossa)

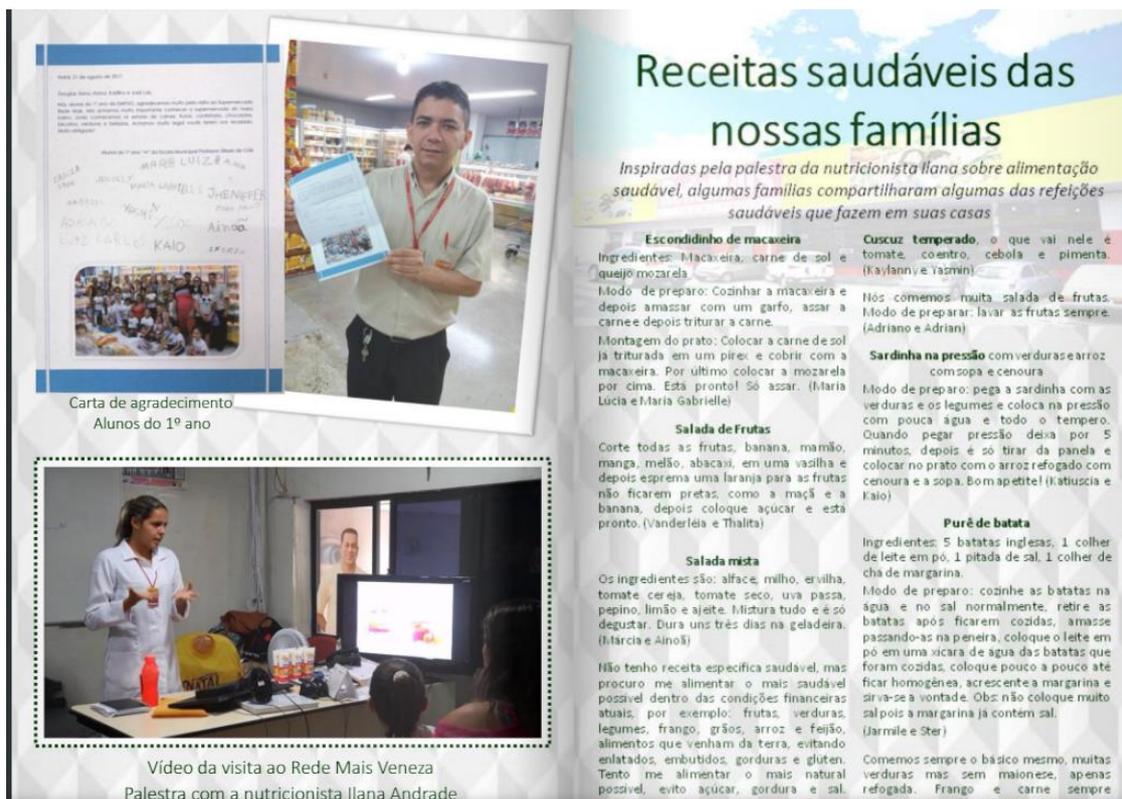


Fonte: Das autoras (2017).

Partindo dos princípios de rede de atividades, engajamento escola-família-comunidade, recursos, desterritorialização, artefatos culturais e saberes locais, o PLC “Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: famílias, memórias e histórias” se desenvolveu perante uma abertura da escola para outras esferas, que atuaram com responsabilidade social na promoção de ações vislumbrando o resgate de memórias da comunidade e a atuação comunitária agentiva.

A rede de atividades contou com três frentes: nossa escola (palestras, entrevistas, passeio-guiado), nossa família (histórias de vida, *workshop*, roda de conversa, atividades em casa) e nossa comunidade (*city tour*, oficina, desfile cívico, aulas de campo, entrevista, palestra, ações de melhoria, lançamento de livro). Destacaram-se entre os gêneros discursivos multissemióticos mobilizados no PLC relatos, entrevistas, comentários, faixas, ofícios, histórias de vida, fotografias e desenhos, além do *e-book*, compreendido como gênero catalizador de vários outros. Vemos, a seguir, alguns exemplares desses enunciados; destacamos que todos eles foram produzidos pelos colaboradores em circunstâncias de produção coletiva variadas (em sala de aula, em casa ou em espaços da comunidade).

Figura 2: Práticas de letramento em análise (1)



Fonte: Das autoras (2017).

Uma das atividades do PLC consistiu em palestra e visita guiada de alunos e familiares realizada no supermercado local (Figura 2), que fica a duas quadras da escola, pela nutricionista do estabelecimento. Para tal, foi produzido e entregue *ofício* escrito ao gerente do local, contendo informações do projeto e da proposta. A partir do *agendamento* da ação, foram feitos *convites* e *termos de autorização* para os responsáveis. Inserir o alunado nessas práticas, devido a necessidades e demandas do projeto, foi um passo essencial na compreensão e valorização do texto escrito e de seus usos sociais.

Durante a visita – que foi gravada em vídeo e está disponível no *e-book* – os enunciados orais predominaram, a partir de *palestra* sobre a alimentação saudável (Tabela 1), *exposição oral* acerca de setores internos e externos do estabelecimento e *perguntas* de alunos e familiares durante o percurso:

Tabela 1: Transcrição de trecho do vídeo da visita ao supermercado

Nutricionista: O que é a nutrição? O que a nutrição faz no dia a dia das pessoas? É o ato ou feito de se nutrir por meio de alimentos. Então todo alimento vai fornecer nutrientes para a gente. Para que servem esses nutrientes? Para que a gente cresça forte e saudável e tenha saúde. Em tudo isso a nutrição ajuda. Como também previne doença, ajuda no tratamento de doenças. Então a nutrição é muito ampla. Aqui

eu coloquei umas fotozinhas de lancheiras escolares, não é? A parte que a criança fica na escola é muito importante, porque ali ele vai aprender muitas coisas, inclusive a alimentação. Quanto mais a gente colocar alimentos saudáveis, frutas, biscoitos integrais, suco de frutas e quanto mais natural a alimentação, melhor. Porque a criança vai se desenvolver bem, saudável e forte. Então isso é muito importante no dia a dia de hoje. [...]

Fonte: Das autoras (2017).

Após a aula de campo, mais três gêneros discursivos foram mobilizados, considerando as necessidades e os interesses dos colaboradores: *relatos* colaborativos escritos por familiar e aluno(s) acerca da atividade, desenvolvidos em caderno de atividades realizadas em casa, que ressaltaram a importância de conhecer os procedimentos do mercado que frequentam para abastecer seus lares; *carta de agradecimento* redigida em sala de aula com os alunos de forma colaborativa, no quadro negro, e entregue ao gerente do estabelecimento; *receitas* saudáveis de cada casa, levadas pelos responsáveis dos alunos e compartilhadas com as outras famílias envolvidas no PLC.

Outra atividade de destaque em nossa rede foi a preparação para participação no desfile cívico do bairro (Figura 3). O evento é organizado anualmente por líder comunitário – que, à época do projeto, atuou como vereador da capital potiguar – e reúne as escolas e pessoas da comunidade de Nova Descoberta.

Figura 3: Práticas de letramento em análise (2)

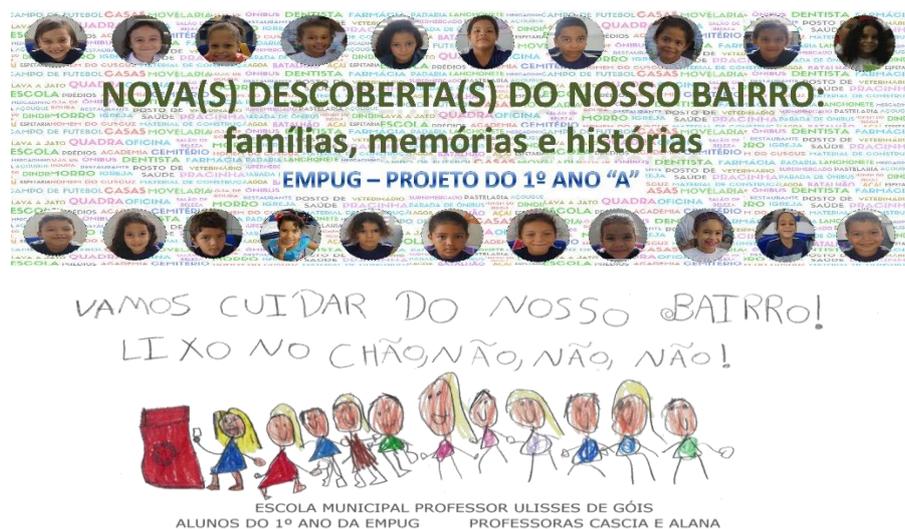


Fonte: Das autoras (2017).

Como atividades de organização, realizamos *entrevista* oral com o líder comunitário, que narrou sua trajetória e história no bairro bem como do surgimento e desenvolvimento do desfile. Nesse contato, ele ainda compartilhou seu acervo fotográfico, que contava com diversas *fotografias* de desfiles cívicos já realizados.

Além disso, em decisão coletiva, a turma decidiu levar como temática ao desfile nosso projeto e os espaços que foram conhecidos durante ações na/da comunidade inseridas no PLC. Como materiais, foram desenvolvidos *pirulitos*, com fotografias e legendas do bairro, e *faixas* (Figura 4), desenvolvidas a partir de *desenhos* e decisões dos colaboradores. A preocupação com a limpeza do bairro, ressaltada na segunda faixa, é resultado de discussões e sugestões de melhoria de Nova Descoberta a respeito da sujeira presente nas ruas.

Figura 4: Práticas de letramento em análise (3)



Fonte: Das autoras (2017).

Acerca de melhorias no bairro, houve a preocupação de trazer para discussões do PLC as problemáticas situadas da comunidade. Por isso, alunos e familiares foram levados a refletir por meio de *relatos* e *desenhos* acerca do que gostariam que fosse diferente no

bairro (Figura 5), apresentando queixas relacionadas a asfaltamento, segurança, lazer, saúde e meio ambiente.

Figura 5: Práticas de letramento em análise (4)

O que vocês gostariam que fosse diferente no bairro de Nova Descoberta?

Descoberta?

As ruas do bairro deveriam ser mais largas, pois tem rua muito estreita, os carros passam com dificuldade. (Maria Lúcia e Maria Gabrielle)

Eu gostaria que o nosso bairro tivesse mais segurança e áreas de lazer para as crianças, os órgãos responsáveis poderiam investir mais nas nossas crianças. (Maria dos Prazeres e Gabriel)

O posto de saúde e uma lotérica. Poderia ser por marcação e só a pessoa com a identidade marcar, e uma lotérica para saque e depósito de dinheiro. (Claudeane e Adna)

Ruas asfaltadas, um posto policial e uma UPA pronto socorro, mais concursos públicos, contratar mais pessoas para trabalhar na mudança do bairro de Nova Descoberta. (Flávio e Ainoã)

Policimento, segurança, organização sobre carros na rua. (Kaylanny e Yasmin)

Que voltasse a ser como antes, podia dormir de porta aberta, não ter medo de assalto. A insegurança está demais, o que falta é policial. (Roberta e Nicolly)

A segurança e a saúde, com mais policiamento nas ruas e melhorar o atendimento com mais médicos. (Luzinete e Luiz Gabriel)

Falta de uma casa lotérica, ter um posto de saúde que atendesse normal, um posto policial e mais disciplina do bairro, tirar essas pessoas das ruas. (Rosmary e Jheniffer)

Deveria ter mais lugares onde as crianças e as pessoas pudessem brincar, andar de bicicleta e ter um pouco mais de lazer, com certeza um projeto onde nós, os moradores, contribuíssem de alguma forma, só assim acredito que algumas pessoas iriam cuidar melhor do nosso ambiente! (Jarmile e Ster)

A insegurança que vivemos no nosso bairro assusta, poderíamos criar algum aplicativo de comunicação entre os moradores com abas de lugares mais perigosos, acontecimentos e onde devemos andar, como acompanhador.

O que poderia ser feito para mudar isso?

Desenho por Kaio

Nossas ações

Abertura de processo na SEMSUR por meio de Ofício de solicitação no dia 08/08/2017

Processo Nº 00000.027206/2017-45

Não foram feitas movimentações por parte da SEMSUR após essa data (até o momento de publicação deste livro).

Desenho por Jheniffer

Desenho por Maria Luiza

Desenho por Ster

Fonte: Das autoras (2017).

A partir disso, reunimos os colaboradores e a equipe gestora da instituição escolar para organizar um *ofício de solicitação* à Secretaria Municipal de Serviços Urbanos de Natal, focando em um dos pontos centrais do bairro: a praça, que estava abandonada em relação a sua manutenção. As melhorias solicitadas (pintura, consertos e serviços de jardinagem) foram realizadas após alguns meses, contribuindo para o bem estar da comunidade.

Considerações finais

Dentre os impactos observados na execução do PLC “Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: famílias, memórias e histórias”, destacamos a relação entre saberes escolares e locais mobilizada, o que reforça o caráter etnográfico da investigação e traz visibilidade para temáticas e espaços relevantes no contexto situado e que normalmente não fariam parte do currículo escolar tradicional, pois partem de necessidades da comunidade (por exemplo, melhorias no bairro).

Os enunciados orais e escritos analisados neste artigo demonstram questões sociais situadas, como práticas rotineiras (desfile cívico do bairro, ida ao mercado) ressignificadas a partir de novos letramentos mobilizados a seu respeito por meio da escrita. O bairro ganha vida literária, ficando registrado por meio do *e-book* produzido, para muito além de dados geográficos do município: com suas histórias, seus membros sociais e seus lugares de memória.

Essa valorização faz com que colaboradores com habilidades e competências diversas, que vão além do conhecimento escolar, possam contribuir com as práticas como autores, segundo os interesses e as possibilidades individuais de cada um – o que, em um dispositivo didático que envolve desde crianças em fase de alfabetização a adultos, torna-se primordial. Nessa direção, as relações estabelecidas são igualitárias, constituindo-se pesquisadora, alunos, equipe escolar, agentes comunitários e familiares agentes do processo de ensino-aprendizagem, com articulação entre as esferas da escola-família-comunidade.

Além disso, o local é repensado criticamente, uma vez que os sujeitos que ali habitam experimentam novos usos das práticas letradas como ferramentas de ação. O poder do letramento – que não se limita ao fato de ser alfabetizado – é apreendido na compreensão de que, por meio de enunciados escritos, é possível atuar frente a interesses da comunidade, como o registro da memória ou as possibilidades de melhoria local.

De modo geral, foram demonstradas as questões sociais próprias do bairro, os interesses e as motivações dos sujeitos da pesquisa, as implicações do PLC na aprendizagem, a distribuição de tarefas em trabalhos colaborativos, o papel da escrita de promover acesso a novos mundos e as experiências culturais construídas a partir dos discursos dos colaboradores, mobilizados como ferramentas de atuação na vida social.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal* / Mikhail Bakhtin (Tradução: Maria Emsantina Galvão G. Pereira / revisão da tradução Marina Appenzellerl] — 2ª edição — São Paulo Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. (Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel) – 2ª edição – São Paulo: Cortez, 2011.

CAIRNEY, T. H. Literacy diversity: Understanding and responding to the textual tapestries of home, school and community. In: *Portraits of Literacy across families, communities and schools* (Orgs. ANDERSON, J.; KENDRICK, M; ROGERS, T; SMYTHE, S.). London:

Lawrence Erlbaum Associates, 2005. Disponível em: < <http://ebookers.org/0805848606/> > Acesso 12 Dez 2019.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: M. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 119-161). New York: Macmillan, 1990. Disponível em: < <https://bit.ly/2wBW7f2> > Acesso em: 10 Abr 2020.

GRABILL, J. T. *Community literacy programs and the politics of change*. Albany: State University of New York Press, 2001.

KLEIMAN, A. B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. / Angela B. Kleiman, Juliana Alves Assis (organizadoras). Campinas: Mercado de Letras, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANDIS, D.; MIRSEITOVA, S. *Knowing what's local: ethnographic inquiry, education and democracy*. Charlotte: Information Age Publishing, 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/3oor4h> > Acesso em: 10 Jan 2020.

LEFFA, V. A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte: Associação de Linguística Aplicada do Brasil, 2001. Disponível em: < http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/la_sociedade.pdf > Acesso em: 15 Abr 2020.

OLIVEIRA, M. S. Gêneros textuais e letramento. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010a. Disponível em: < <http://wac.colostate.edu/siget/rbla/socorro.pdf> > Acesso em: 10 Abr 2020.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. *Projetos de letramento e formAÇÃO de professores de língua materna*. Natal: EDUFRN, 2014. Disponível em: < <https://bit.ly/2Jh5NOU> > Acesso em: 25 Abr 2020.

SANTOS, A. D. G. *Programa "Engajando famílias na escola": estratégias, possibilidades e desafios*. 2015. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21252/1/AlanaDrizieGonzattiSantosDISSERT.pdf> > Acesso 15 Abr 2020.

SANTOS, A. D. G.; GOMES, R. C.; OLIVEIRA, M. S. (Org.). *Nova(s) Descoberta(s) do nosso bairro: famílias, memórias e histórias*. 1.ed. Natal: Caule de Papiro, 2017. v.1. 100p. *E-book*. Disponível em: < www.novasdescobertas.com.br > Acesso 18 Dez 2019.

SANTOS, A. D. G.; OLIVEIRA, M. S. Escola-família-comunidade: pistas para o engajamento colaborativo em práticas de letramento. In: *Letramentos em cena*. João Pessoa: Ideia, 2017 (p. 549-560). Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/323384614_Letramento_em_Cena > Acesso 29 Set 2019.

SANTOS, A. D. G.; OLIVEIRA, M. S. Letramento comunitário e ação docente: saberes em diálogo e (re)configurações identitárias. In: *Letramentos na, para e além da escola.* / Dorotea Frank Kersch, Glícia Azevedo Tinoco, Renata Garcia Marques e Vaneíse Andrade Fernandes (Org.) 1ª edição. Campinas: Editora Pontes, 2020.

STREET, B. V. *Literacy in theory and practice.* Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

INFLUÊNCIA ESPAÇO-TEMPORAL NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS DA REVISTA LINGUAGEM E ENSINO

Albanyra dos Santos Souza¹

RESUMO: A lógica virtual universalizada e materializada na realidade não concreta, têm produzido significativas transformações na dialética da relação do sujeito com o mundo, revolucionando todas as dimensões da vida humana, inclusive as práticas sociais de interação em espaços educacionais. É pensando nas interações sociais que ocorrem nesses espaços e em como as práticas de leitura e escrita são influenciadas pelo uso das tecnologias na contemporaneidade, que este estudo objetiva analisar o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como refletir sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Adotamos como base teórica estudos sobre cronotopia (BAKHTIN, 2011, 2014; BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010) e estudos sobre o universo virtual (LEVY, 2010, 2011; LEMOS, 2003; LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO; BARBOSA, 2015). Durante o período de 2008 a 2017, destacamos 38 publicações sobre o uso das tecnologias nas aulas de línguas e analisamos quais os espaços educacionais influenciaram na constituição dos objetos de estudo. Dos resultados, ressaltamos que os tempos hipermodernos se manifestam nos espaços educacionais, sejam eles os espaços escolares, acadêmicos, ciberespaço, ciberescola ou ciberacadêmico, e ainda que esses estudos trazem contribuições relevantes para pensarmos as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Espaço. Tecnologias. Leitura. Escrita.

ABSTRACT: The virtual universalized and materialized in reality without concreteness, have produced significant changes in the dialectic of the subject's relationship with the world, revolutionizing all dimensions of human life, including the social practices of interaction in educational spaces. It is thinking about the social interactions that occur in educational spaces and how the practices of reading and writing are influenced by the use of technologies in contemporary times, the study seeks to analyze the space / time that constitutes research on technology and language, as well as reflect on the social voices of research, chronotopically crossed, that guide contemporary reading and writing practices. Then, we adopted theoretical studies about chronotopy (BAKHTIN, 2014; BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010) and studies about the virtual universe (LEVY, 2010, 2011; LEMOS, 2003; LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO; BARBOSA, 2015). In the years 2008 to 2017, we highlighted 38 publications on the use of technologies in language classes and analyzed which educational spaces influenced the constitution of the objects of study. Among the results, we emphasize that hypermodern times are present in educational spaces, that is, school, academics, cyberspace, cyberschool or cyberacademic, and even though these studies bring relevant contributions to think about contemporary reading and writing practices.

KEYWORDS: Time. Space. Technologies. Reading. Writing.

¹ Doutoranda e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: albanyra.souza@hotmail.com.

Introdução

As tecnologias digitais, popularizadas no Brasil nos anos 1990 (RIBEIRO, 2016), possibilitaram um movimento novo em direção à pesquisa e ao ensino. No campo da Linguística Aplicada, por exemplo, muitos pesquisadores e professores inquietos e incomodados, principalmente com as novas perspectivas de ensino de línguas, investigam, testam e avaliam os impactos das novas tecnologias no ensino de línguas. Notadamente, nas primeiras décadas do século XXI, houve um crescimento significativo de pesquisas voltadas, de alguma maneira, ao uso das tecnologias relacionadas aos diversos contextos de ensino e aprendizagem de línguas.

Na tentativa de compreender de que forma essas tecnologias têm influenciado espaço-temporalmente nas pesquisas contemporâneas, este estudo faz um levantamento de publicações da revista *Linguagem e Ensino*, cujas pesquisas dão conta da relação tecnologia, linguagem e ensino, publicadas no período de 2008 a 2017. Assim sendo, o estudo busca analisar o espaço/tempo constitutivo das pesquisas sobre tecnologia e linguagem, bem como refletir sobre as vozes sociais das pesquisas, cronotopicamente atravessadas, que orientam as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Consideramos, enquanto base teórica, o cronotopo bakhtiniano (BAKHTIN, 2011; 2014) os estudos contemporâneos sobre cronotopia (BEMONG, et al, 2015; MACHADO, 2010), algumas considerações sobre o universo virtual e sobre os tempos hipermodernos (LEVY, 2011; ROJO e BARBOSA, 2015). Objetivamos, contudo, compreender a constituição espaço-temporal das pesquisas e ainda refletir sobre as vozes dos pesquisadores quanto ao ensino de leitura e escrita influenciado pelas novas tecnologias.

Estamos diante de espaços sociais de infinitas possibilidade de interação, de comunicação, de construção de novas identidades e de práticas sociais de sujeitos que se constroem mediante a concretização desses espaços. São espaços como a cultura do ciberespaço ou cibercultura (LEVY, 2010) influenciados pelos tempos hipermodernos (ROJO; BARBOSA, 2015).

A realidade virtual

A lógica virtual universalizada e materializada na realidade não concreta, têm produzido significativas transformações na dialética da relação do sujeito com o mundo, revolucionando

todas as dimensões da vida humana, inclusive as práticas sociais de interação em espaços educacionais.

Entre o real e virtual há uma relativa oposição fácil e enganosa, como afirma Pierre Levy (2011). O *real*, considerado oposição ao virtual, seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite evocar as diversas formas de virtualização. Para o autor, a palavra *virtual* é empregada frequentemente para significar a pura e simples ausência de existência, a realidade possui concretude enquanto virtual. Para Levy, (2011, p. 15),

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes.

Nesses termos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. A atualização parece ser a solução de um problema – a árvore está virtualmente presente na semente, porém o problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore. Para o autor, “A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (LEVY, 2011, p. 16), ou seja, acontece algo mais que a dotação da realidade a um possível – algo que se realizará –, o verdadeiro devir que alimenta a volta do virtual. O real assemelha-se ao possível, enquanto o atual em nada se assemelha ao virtual, ao contrário, responde-lhe.

O movimento de passagem do atual para o virtual, considerado como a *virtualização*, inclui uma dinâmica do particular para uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica, ou seja, o virtual assume o lugar do significado em oposição a atualização particularizada do significante, “A *virtualização pode ser definida como um movimento inverso da atualização*, consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação de potência” da entidade considerada” (LEVY, 2011, p. 17, grifos do autor), pois enquanto a atualização ia de um problema a uma solução, a virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema.

Uma das principais modalidades da virtualização, definida por Levy é o desprendimento do aqui e agora. Para o autor, o virtual com muita frequência, não está presente, a exemplo de uma empresa virtual, cujos elementos são nômades e dispersos. Uma empresa virtual tende a substituir a presença física dos seus empregados pela participação numa rede de comunicação eletrônica e pelo uso de recursos e programas que favoreçam a cooperação.

Quando pensamos no texto, especialmente o texto virtual, este passa a apresentar-se como atualização de um hipertexto, que embora possua endereço enquanto arquivo digital, é desterritorializado. Sobre esta característica do texto virtual, o autor afirma:

Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados. Embora necessite de suportes físicos pesados para substituir a atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar. (LEVY, 2011, p. 17-18).

A desterritorialização de uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação é torna-se *não presente*, ausente, não materializado. Da mesma forma o hipertexto, habitante onipresente do ciberespaço, não possui um lugar, nem é totalmente independentes do espaço-tempo de referência, mas deve sempre estar inserido em um suporte físico e se atualizar constantemente.

Pensar este tipo de texto é fazer referência a uma unidade de tempo sem unidade de lugar, vistas as interações em tempo real por redes eletrônicas, as transmissões ao vivo, vista ainda a continuidade de ação apesar de uma duração descontínua, a exemplo da interação por meio da secretária eletrônica.

Compreender o universo virtual em suas particularidades é compreender também a pluralidade de tempos e espaços que se abrem aos novos meios de interação e ritmos. Não se pode mais considerar apenas uma única extensão territorial ou uma cronologia uniformizada, mas uma quantidade de tipos de espacialidades e de duração temporal, “*Cada forma de vida inventa seu mundo*, e com esse mundo, um espaço e um tempo específicos” (LEVY, 2011, p. 22, grifos do autor). Assim também não se pode pensar apenas uma única forma de texto, pois tal como são várias as espacialidades e a duração temporal, e diante da realidade de que cada forma de vida inventa seu mundo, a comunicação presente nesse espaços e tempos também se constitui de variadas formas para dar conta das complexas relações sociais, por isso também falamos no texto virtual influenciado pelo espaço-tempo. Vejamos um pouco mais sobre essa unidade espaço-temporal.

A unidade espaço-temporal em Bakhtin

As teorizações acerca do conceito de cronotopo foram escritas e publicadas por Bakhtin em *Questões de Literatura e Estética* (2014) – “Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios da poética histórica), em ensaios sobre tempo e espaço nos escritos de Rebelais, e ainda

na obra *Estética da Criação Verbal* (2011) – “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. Nos textos, o autor apresenta análises referentes a aspectos espaço-temporal do gênero romance, porém vislumbramos o uso dessa categoria para análise em outras esferas da comunicação e da atividade humana, na tentativa de estabelecer entendimentos na relação tecnologia, linguagem e ensino. Essa nova perspectiva analítica se explica quando Bakhtin afirma que “Qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 2014, p. 362), ou seja, o cronotopo é a porta de entrada para a compreensão dos significados, seja no estudo do romance, ou de qualquer outro gênero discursivo.

Acerca do entendimento do conceito de cronotopo, Bakhtin (2014) explica que esse é um termo empregado nas ciências matemáticas, introduzido e fundamentado na teoria da relatividade de Einstein e transportado para a crítica literária. Nas palavras do autor,

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura chamaremos *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim como o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase mas não totalmente); nele é importante a expressão de insolubilidade de espaço e de tempo (tempo como quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura. (BAKHTIN, 2014, p. 211, grifos do autor).

Para entender a indissolubilidade de tempo e espaço, Bakhtin ressignifica o conceito de cronotopo no campo literário, e busca analisar, por exemplo, os diversos cronotopos que se instauram no romance – o cronotopo do encontro, o cronotopo da estrada, “No romance os encontros ocorrem frequentemente na ‘estrada’. Ela é o lugar preferido dos encontros casuais” (BAKHTIN, 2014, p. 349). É na estrada que os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas se cruzam, pessoas separadas pela hierarquia social e pelo espaço, porém com destinos cruzados pela metaforização do caminho-estrada.

Destaca-se ainda o cronotopo da soleira, com características que se aproximam do tema do encontro, contudo substancialmente mais completo, “[...] é o cronotopo da crise e da mudança de vida” (BAKHTIN, 2014, p. 354). Bakhtin trata também dos cronotopos em Dostoievsky,

Em Dostoievsky, por exemplo, o limiar e os cronotopos da estrada, da antessala, do corredor, que lhes são contíguos, e também os cronotopos da rua e da praça, que lhes seguem, são os principais lugares da ação nas suas obras, são os lugares onde se realizam os acontecimentos das crises, das quedas, das ressurreições, dos renascimentos, das clarividências, das decisões que determinam toda uma vida. (BAKHTIN, 2014, p. 354).

Em seus estudos, Bakhtin buscou descrever os “[...] ‘cronotopos maiores’ que definem o gênero e constituem o principal campo para eventos em mundos particulares” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 442, grifos dos autores). Todavia, nos limites de uma obra observamos uma grande quantidade de cronotopos, sendo um deles englobador e dominante, conforme também interpreta Bemong, et al. (2015, p. 22, grifos do autor) “[...] a interação entre as unidades cronotópicas concretas de uma narrativa deixa o leitor com uma impressão global, a que chamamos de *cronotopo maior ou dominante*”. Nos estudos de Bakhtin, foram esses “cronotopos maiores” o objeto de análise.

As interações entre os cronotopos são de natureza dialógica, ou seja, “todos os diálogos têm lugar num dado cronotopo, e os cronotopos entram em relações dialógicas. Cada conceito é necessário para uma compreensão plena do outro, mas os dois são, não obstante, distintos” (MORSON; EMERSON, 2008. p. 444).

Bakhtin (2014) afirma que os cronotopos são característicos de vários significados, dentre eles o significado temático e figurativo. Sobre o significado temático, os cronotopos são centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance, “Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo” (BAKHTIN, 2014, p. 355). O significado figurativo dos cronotopos relaciona-se a concretização dos acontecimentos do enredo, uma vez que “O próprio cronotopo fornece um terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos. Isso graças justamente a condensação e concretização espacial dos índices do tempo [...] em regiões definidas do espaço” (BAKHTIN, 2014, p. 355).

Nas colocações de Bemong, et al (2015, p. 20-21), Bakhtin situa o significado dos cronotopos em pelo menos quatro itens diferentes: “Eles têm significado na geração da narrativa do enredo, da trama; têm significado representacional; fornecem a base para discutir os tipos de gêneros; têm significado semântico”, ou seja, na observação dos autores, são vários os significados que surgem dos cronotopos, desde a geração da narrativa, sua constituição representacional e genérica, até o seu caráter de significado semântico.

Machado (2010, p. 212) ao refletir sobre a temática afirma, “Cronotopo se firmou como categoria que define não apenas o *continuum* espaço-tempo, mas a semiose de diferentes sistemas de signos [...]”. O tempo e o espaço são construídos na composição da obra literária como texto de cultura, uma vez que os signos da cultura fazem parte da sua composição. Nas palavras da autora,

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

O cronotopo foi concebido como uma forma arquitetônica da narrativa que configura modos de vida em contextos particulares de temporalidades. O tempo, para Bakhtin, torna-se pluralidade de visões de mundo: tanto na experiência quanto na criação, manifesta-se como um conjunto de simultaneidades de que não são instantes, mas acontecimentos no complexo de seus desdobramentos. A pluralidade de que fala Bakhtin só pode ser apreendida no grande tempo das culturas e das civilizações, quer dizer, no espaço. (MACHADO, 2010, p. 214).

Nessa direção, a narrativa e os gêneros do discurso são instâncias estéticas de representação do tempo-espaço. Na orientação dialógica de investigação bakhtiniana, tempo e espaço configuram modos de vida em contextos particulares, simultaneidade de experiências, acontecimentos complexos que emergem de ações particulares. Os gêneros, bem como as narrativas tornam-se campo fértil de investigação, uma vez que neles se constroem os discursos sobre o mundo.

Assim, partindo da reflexão de que “O cronotopo é uma forma de compreensão da experiência” (MACHADO, 2010, p. 212), representada através das diversas práticas sociais, buscamos compreender como o tempo-espaço, ao se movimentar e se transformar, significa as experiências humanas na esfera de produção científica, vista a relação entre tecnologias, linguagem e ensino.

Dados metodológicos da pesquisa

Neste estudo, adotamos o paradigma qualitativo de pesquisa, no qual tomamos o contexto social, os participantes da interação e os usos que se fazem da língua enquanto imprescindíveis para a realidade pesquisada.

Para a constituição do corpus de pesquisa, foi feito um levantamento de estudos publicados na revista *Linguagem e Ensino*. A escolha pelo periódico se deu, respeitados os critérios: Fluxo contínuo de publicações; interesse por estudos inseridos na área da Linguística Aplicada; interesse pelo eixo de pesquisa tecnologia e ensino; qualidade acadêmica relevante, classificada como A1 no Qualis; e confiabilidade dos estudos publicados. Além disso, a revista apresentou uma quantidade considerável de estudos sobre a temática tecnologia e ensino de língua, sendo, portanto, relevante para a constituição de pesquisas preocupadas com a temática.

A revista foi analisada no período de 2008 a 2017, cujas estudos que tratam da relação tecnologia, linguagem e ensino somam-se 38 artigos publicados. Esses estudos são reflexões de pesquisas desenvolvidas por professores/pesquisadores que buscam respostas para as diversas questões que se colocam sobre o uso da tecnologia no ensino. São pesquisas que se construíram em espaços diferenciados, que ora se individualizam claramente, ora se mesclam, sendo eles

importantes para entendermos a complexidade das relações sociais e as necessidades diferenciadas de interação.

A revista *Linguagem e Ensino* é uma publicação científica trimestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. Desde 1998, colabora com a publicação de textos acadêmicos de pesquisadores nacionais e estrangeiros que refletem sobre questões teóricas em literatura, linguística, tradução, literatura e imagem e ensino em Letras. O fluxo de edição se dá por chamadas de publicações temáticas. A revista objetiva a divulgação de trabalhos inéditos, partindo de pesquisas originais, teóricas ou empíricas – quantitativas ou qualitativas – nas áreas da linguagem e/ou de ensino, incluindo, por exemplo, aprendizagem e aquisição de línguas, tanto materna como estrangeira; desenvolvimento e avaliação da produção textual; aspectos sociais e psicolinguísticos da compreensão textual; formação de professores de língua materna e estrangeira; discurso pedagógico, midiático e institucional em geral; e aspectos da interação verbal e não-verbal.

O seu lançamento se deu em outubro de 1997 durante o primeiro Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino (SENALE), cujo editor fundador foi Wilson José Leffa, hoje ativamente atuante na Comissão Editorial da revista. Na avaliação Qualis CAPES de 2015, publicada em 2016, a revista passou da qualificação A2 para A1 em Letras².

A revista, com ISSN 1983-2400, oferece acesso *online*, livre e imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Vejamos de que forma os estudos da revista foram influenciados espaço-temporalmente.

O espaço-tempo das pesquisas na revista *Linguagem e Ensino*

No período em análise, a revista publicou estudos variados sobre tecnologia e ensino de línguas. Esses estudos refletem espaços também variados, que se construíram ao longo do tempo e apontam significados para as práticas de ensino de línguas.

Nos estudos, destacamos os espaços: I) *espaço escolar*; II) *espaço acadêmico*; III) *ciberespaço*; IV) *ciberespaço inserido no espaço escolar - ciberescola*; e V) *ciberespaço inserido no espaço acadêmico – ciberacadêmico*.

² Informações disponíveis em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/about>. Acesso em 20 julh. 2017.

O I) *espaço escolar* é percebido em estudos que se preocupam em refletir sobre determinada tecnologia nos espaços escolares. Nesses estudos, os pesquisadores apontam para possibilidades de inserção de variadas tecnologias na prática de ensino da educação básica.

O II) *espaço acadêmico* se manifesta em pesquisas que discutem o uso das tecnologias digitais no ensino superior. Nessas pesquisas, são apresentadas as vozes dos pesquisadores sobre o uso de tecnologias, tanto pensando na formação de professores, quanto na inserção de determinadas práticas digitais na educação superior em geral.

O III) *ciberespaço* manifesta-se nas pesquisas que se preocupam com o estudo de ferramentas, aplicativos, software, redes sociais e gêneros digitais relacionados a temáticas diversas. Entendemos esse espaço como um ambiente virtual que se utiliza dos aparatos da comunicação digital para o estabelecimento das relações virtuais. Para Levy (2011), esse é uma espaço de relações e interações entre as pessoas intermediado pela interconexão das redes de computadores, cujas informações são de natureza digital e as relações acontecem virtualmente. Por isso, podemos considerar não só o computador como mediador dessas interações, mas também outros aparelhos tecnológicos que estabelecem uma comunicação virtual.

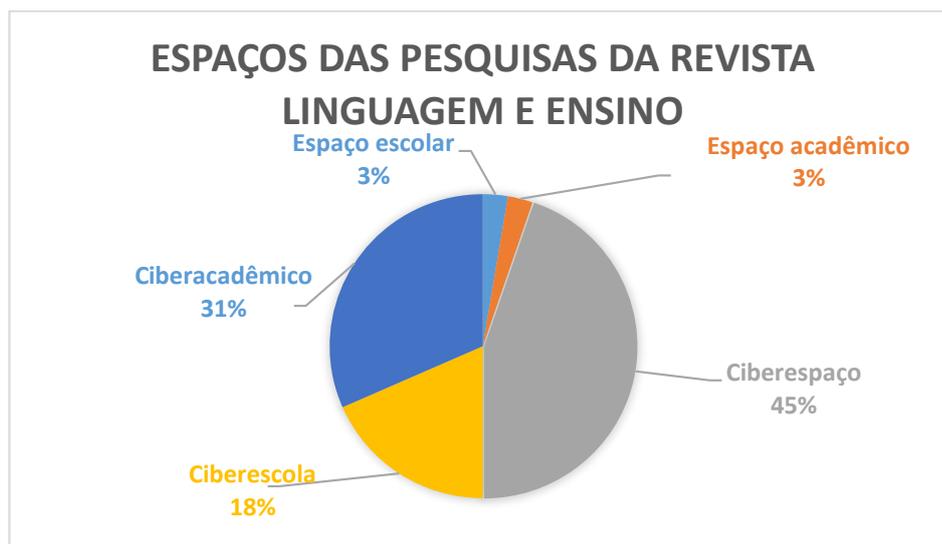
O IV) *ciberescola* ganha destaque nas pesquisas que buscam refletir sobre o ensino mediado pelas tecnologias na educação básica. Nessas pesquisas, o espaço educacional e o ciberespaço se combinam para significar as interações sociais, constituindo-se um traço inovador nas pesquisas contemporâneas.

O V) *cibereacadêmico* contempla pesquisas que se preocupam com o ensino mediado pelas tecnologias nos espaços acadêmicos.

As pesquisas analisadas neste estudo respondem, a priori, a espaços sociais de produção de sentido, em que práticas de ensino e aprendizagem se fazem presentes. Percebemos, por exemplo, no gráfico apresentado a seguir, que algumas pesquisas se colocam claramente diante de realidades características dos espaços escolares e acadêmicos. Porém, também vislumbramos outros espaços de pesquisa, ou mesmo espaços não concretos, no entanto reais, como o ciberespaço, designadamente espaço virtual (LEVY, 2011). Cabe destacar ainda, uma hibridização de espaços que separadamente não são mais suficientes para dar conta da complexa realidade que se coloca atualmente, são *ciberescola* e o *ciberacadêmico*.

Gráfico 1: Espaços sociais dos artigos da Revista *Linguagem e Ensino*

Gráfico 1 – Espaços das pesquisas da Revista *Linguagem e Ensino*



Fonte: particular.

De acordo com o gráfico 1, 3% dos estudos abordam questões que se propõe a pensar as tecnologias no ensino de línguas voltadas para a educação básica, por isso a denominação espaço escolar, sendo estes estudos uma possibilidade de reflexão sobre a aplicabilidade das tecnologias em situações de ensino que contemplem a educação básica.

Diante das informações, constatamos que apenas alguns estudos se inserem no espaço escolar, a fim de compreender as tecnologias e relacioná-las ao ensino. Com isso, podemos inferir que embora o interesse pelas tecnologias tenha aumentado nos últimos anos, presentes nas pesquisas de norte a sul do país (PAIVA, 2019), percebemos ainda pouca ênfase em estudos que se preocupam propriamente em estudar a tecnologia direcionada ao ensino básico.

Porém, esse dado muda quando lançamos nosso olhar ainda para o ambiente escolar, desta vez para as pesquisas que tomam a tecnologia como objeto de ensino e buscam refletir sobre a prática pedagógica mediada pela tecnologia, são as pesquisas influenciadas pelo *ciberescola*, cujo número revela 18% das pesquisas. Ou seja, embora não existam muitas pesquisas que busquem compreender pedagogicamente as tecnologias para a educação básica, há um número mais expressivo de estudos sobre a prática de ensino mediada pela tecnologia. Isso significa dizer que o *ciberescola* se constitui um espaço com maior incidência de pesquisas científicas, cujas preocupações de estudo são constitutivas da hibridização de espaços.

Quando tratamos das tecnologias voltadas para o ensino superior, os dados nos apresentam que, na revista, 3% buscam refletir a tecnologia direcionada ao ambiente acadêmico. Identificamos, semelhantemente, um número mais expressivo de pesquisas inseridas na hibridização dos espaços, com 31% das pesquisas voltados ao espaço

ciberacadêmico. Isso significa que o uso da tecnologia em situações reais de ensino acadêmico tem sido mais objeto de estudo dos pesquisadores do que propriamente a tecnologia fora de contexto de uso.

Quando voltamos nosso olhar para o *ciberespaço*, percebemos um número ainda mais considerável de estudos que tratam de tecnologias variadas e buscam compreendê-las face as diversas realidades sociais. É o caso, por exemplo da análise de comentários online de redes sociais para investigar as valorações sobre identidade, ou ainda, a análise de experiências lúdicas de determinados aplicativos, ou mesmo estudar módulos de educação a distância.

No gráfico 1, 45% dos estudos estão inseridos no *ciberespaço*. Este espaço de pesquisa dá conta do maior número de estudos publicados na revista. Isso significa que há uma grande preocupação dos pesquisadores em construir conhecimento sobre artefatos tecnológicos, práticas online, materiais didáticos voltados ao ensino, plataformas de ensino, sites, redes sociais, aplicativos, enfim, recursos que podem somar ao ensino e aprendizagem de línguas.

Todos os estudos apresentados são instâncias estéticas de representação de espaços sociais marcados temporalmente e que configuram modos de vida em contextos particulares. São discursos sobre realidades sociais que se colocam à compreensão das várias representações sociais num determinado contexto. Por isso, notadamente, os espaços são variados e variam também as significações característica de cada um, já que as atividades sociais são diversas e as representações dessas atividades presumem diferentes tipos de espaços inseridos em um dado tempo.

Há nesses estudos um entrecruzamento cronotópico, uma inevitável relação espaço-temporal. Schmidt (2013), ao refletir sobre a evolução de uso das tecnologias de comunicação, afirma que elas progrediram numa velocidade sem precedentes, cuja evolução é vistas em números. Para o autor, na primeira década do século XXI o número de pessoas conectadas à internet aumentou de 350 milhões para mais de dois bilhões. A quantidade de usuários de celulares subiu de 750 milhões para mais de cinco bilhões. O autor coloca ainda que, até 2025, “[...] se o ritmo atual da inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra, estimada em oito bilhões de pessoas, estará on-line” (SCHMIDT, 2013, p. 12), ou seja, no mundo em desenvolvimento, as tecnologias digitais serão cada vez mais acessíveis e práticas.

Esses avanços tecnológicos impactaram diretamente os modos de vida em sociedade, e conseqüentemente, as práticas de ensino e aprendizagem que diante da efemeridade, fez sentir a emergência dessa tecnologia nos contexto de ensino.

Notadamente o século XXI está se revelando um *tempo hipermoderno* (LIPOVETSKY; CHARLES, 2004; ROJO e BARBOSA 2015), ou mesmo o tempo da era digital (SCHMIDT, 2013), em que ferramentas tecnológicas ou gêneros digitais jamais imaginados passam a fazer parte da realidade social, e assim também objetos de estudo significativos para investigar novos percursos metodológicos.

Após analisarmos o tempo e o espaço constitutivos das pesquisas, vejamos as vozes de um estudo, em especial, sobre o ensino de leitura e escritas no espaço ciberacadêmico.

Vozes sociais sobre o ensino de leitura e escrita na contemporaneidade

Nos estudos em análise, percebemos objetos de estudo influenciados pelos tempos hipermodernos que adquiriram relevância para as práticas sociais. Esses objetos ganham significados sociais mediante os espaços que circulam e o tempo que os circunda. Dentre os vários objetos de estudos dos artigos publicados, destacamos leitura e escrita no espaço *ciberacadêmico*. Sobre a temática, identificamos vozes dos pesquisadores que buscam compreender possibilidades de ação pedagógica em meio aos tempos hipermodernos e espaços híbridos. Vejamos um artigo como exemplo.

O artigo, *Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos*, foi escrito por Fernanda Correia Silveira Galli da Universidade Estadual Paulista, publicado no volume 18, número 1, de 2015. O estudo aborda práticas de leitura no contexto acadêmico com foco na caracterização dos modos de ler na/em rede e seus efeitos na formação do sujeito-leitor universitário. O objetivo é compreender a constituição histórica dos sujeitos-leitores e dos sentidos a partir do “dito” (pelo estabilizado dos recursos eletrônicos) e do “compreendido” (pelas discursividades possíveis) nos percursos de leitura/escrita realizados por universitários. A pesquisa considerou as bases teóricas da Análise do Discurso de linha francesa e dos Estudos de Letramento.

Para análise, a autora considerou duas produções textuais produzidas por universitários em um curso de extensão intitulado “Leitura – sentidos do/no ciberespaço”. As produções foram realizadas a partir da proposta: “Com base em Xavier (2004) e tendo como ‘fio condutor’ a reflexão sobre LEITURA - CIBERESPAÇO - HIPERTEXTO, faça um desenho que represente seu percurso de leitura numa ferramenta de busca de sua escolha, a partir da pesquisa de MAÇÃ.”. Cem por cento dos universitários optaram pelo motor de busca Google na atividade de escrita. Sobre esse dado, a autora afirma:

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

O fato de cem por cento dos universitários terem optado pelo motor de busca *Google*, na atividade de escrita proposta em nosso curso de extensão universitário sobre leitura e ciberespaço, pode estar estreitamente relacionado à *posição dominante que o Google ocupa na lista de buscadores da internet*, efeito tanto das formações imaginárias que resultam de processos discursivos e se manifestam por meio das relações de força e da antecipação (PÊCHEUX, 1997) quanto da “manipulação” do letramento num modo de ‘ritual’ definido” que pode, também, estabelecer e/ou reforçar autoridade e posição política (STREET, 2014, p.109). (GALLI, 2015, p. 208-209, grifos nossos).

Isso implica, inicialmente, que a escolha por um determinado motor de pesquisa relaciona-se ao seu poder de dominação dentre os demais. Nesse site de busca, a indexação dos links se dá a partir de critérios para exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinado usuário, o que possibilita ao sujeito princípios pré-estabelecidos de leitura na rede, pois o mecanismo de busca oferece como resultado uma sequência de links com informações “filtradas”, um perfil já foi traçado para o leitor. Os resultados de busca e, conseqüentemente, de leitura na rede devem considerar a pluralidade dos sujeitos leitores, visto que a busca por uma mesma informação não se dá de forma homogênea, embora se tenha um mesmo modelo técnico e o uso da mesma ferramenta de pesquisa. A autora afirma ainda:

A imposição/aceitação de um “modelo ‘técnico’ de letramento” – digital, neste caso – pode funcionar como uma maneira *de doutrinar o sujeito e seus modos de ler na/em rede* e, ainda, “restringir a arena na qual o protesto ‘político’ pode ser considerado legítimo.” (STREET, 2014, p.111). Entretanto, esse funcionamento também parece evidenciar, por um lado, *a internet como uma ferramenta além de simples técnica de comunicação e informação*, e, por outro lado, *os diferentes modos de significar das diferentes materialidades significantes* (ORLANDI, 2010) no/do digital. (GALLI, 2015, p. 211, grifos nossos).

A internet é vista tanto como uma simples técnica de comunicação e informação, quanto por diferentes modos de significar as diferentes materialidades significantes. Ou seja, a busca pelo significado da palavra “maçã” chama atenção pela variedade de significados, sejam os que relacionam a fruta “à fome” (maça/alimento), “ao desejo” (maça/pecado), “à proibição” (maça/casamento), “ao castigo” (maça/morte). Essa pluralidade de significação aponta para um movimento parafrástico, cujos significados se constituem a partir de similaridades de informações, bem como para um movimento polissêmico, cujas informações se dão a partir de uma variedade de significados. A compreensão dos sentidos do texto, para autora, deve considerar tanto a relação intergenérica na composição do texto, quanto a história de sua produção, por isso afirma que o processo de leitura não é individual, mas sócio-histórico.

A análise dos fragmentos nos proporcionam três apontamentos para o ensino/aprendizagem de leitura e escrita nos ambientes digitais: I) *os sites de buscam determinam a exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinados usuários*, considerando o controle de acesso das informações, por isso o processo de leitura e, conseqüentemente, de escrita não se constituem procedimentos similares; II) *a leitura na rede possibilita diferentes modos de significação e diferentes materialidades significantes*; e ainda III) *o processo de leitura do texto em rede não é singularmente individual, mas sócio-histórico*, pois considera a história de sua produção, as relações intergenéricas na composição do texto, e, claro, a compreensão dos sujeitos e os sentidos atribuídos.

São vozes sociais relevantes para compreendermos as implicações dos tempos hipermodernos agindo nos variados espaços sociais educacionais. Percebemos, portanto, que o ato de ler escrever também se constitui uma consequência social, com inferências diretas nas práticas de ensino de línguas.

Conclusão

Este estudo buscou compreender a constituição espaço-temporal de pesquisas publicadas na revista Linguagem e Ensino, no período de 2008 a 2017. Identificou-se espaços sociais relevantes para a produção do conhecimento, com destaque para o espaço educacional, espaço acadêmico, o ciberespaço e os espaços que sofrem um processo de hibridização, o ciberescola e o ciberacadêmico. Desses espaços, percebemos um maior número de pesquisas no ciberespaço, cuja implicações se voltam para compreender o funcionamento de diversas tecnologias, sites, redes sociais, aplicativos, enfim, estudos que se preocupam com a construção de conhecimento de artefatos tecnológicos.

Esses espaços de construção de pesquisa são reveladores dos tempos hipermodernos, ou mesmo da era digital, pois são característicos objetos de estudo que emergem diante da efemeridade das relações sociais, como por exemplo ler e escrever em tempos hipermodernos.

Na tentativa de refletir sobre a implicação espaço-temporalmente na pesquisa, algumas vozes sociais foram discutidas sobre as práticas de leitura e escrita influenciadas pela era digital. Como conclusão da análise, destacamos que os sites de busca determinam a exibição por ordem de relevância de conteúdo para determinados usuários; que a leitura na rede possibilita

diferentes modos de significação e diferentes materialidades significantes; e ainda que o processo de leitura do texto em rede não é singularmente individual, mas sócio-histórico.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. Formas de tempo e de cronotopo no romance. In: BAKHTIN, M. M. *Questões de Estética e de Literatura*. 5. ed. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2014.

BEMONG, N. et al. *Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. São Paulo. Parábola. 2015.

GALLI, F. C. S. Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos. *Linguagem e Ensino*. V. 18, n. 1, 2015. P. 201-2018.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2011.

LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.

MACHADO, I. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria in(classificável)*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. (Série: Bakhtin: Inclassificável, v. 1).

MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.

PAIVA, V. L. M. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. *Revista da Abralín*. V. XVIII, n. 1, 2019.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. *Revista Linguagem & Ensino* (Online), v. 19, p. 91-111, 2016F.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SCHMIDT, Eric. *A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios* / Eric Schmidt, Jared Cohen; tradução Ana Beatriz Rodrigues, Rogério Durst. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO INTERIOR DOS INTERTÍCIOS DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS, DOS ACONTECIMENTOS E DAS ASSEMBLAGENS

Adilson Crepalde¹

Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro²

RESUMO: Este trabalho consiste no estudo de um de cartaz encontrado em praça pública depois de uma manifestação em defesa da liberdade sexual e de gênero. Objetiva-se discutir o processo de construção de sentido, refletindo-se sobre o enunciado do cartaz que manifestava apoio à luta, e o fazia em nome do amor cristão. Para atingir o objetivo proposto, o enunciado é estudado do ponto de vista do chamado pensamento rebelde, com destaque para às reflexões de Michel Foucault. O estudo mostra como um simples e aparentemente inocente cartaz recobre toda a complexidade do processo de construção de sentido, o que deve interessar não somente ao analista do discurso, ao filósofo e ao semanticista, mas também a todos que entendem que compreender os processos de construção de sentido ajuda nas interações sociais, sobretudo aquelas que se passam dentro do espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Sentido. Construção. Forças. Dinâmica. Devir.

ABSTRACT: This article consists of a study of a placard left on the ground of a public square after a rally in defense of sexual and gender freedom. We aims at discussing the meaning construction process, by thinking on the placard wording that manifested support to the fight for sexual and gender freedom, and it did that in the name of Christian love. To achieve our goal, the wording is studied from the so called rebel thought point of view, with emphasis on the Michel Foucault's thoughts. The study shows that a simple and an apparently innocent placard encompass a complex and dynamic process of meaning construction, what may be of interest not only to discourse analysts, to philosophers and semanticists but also to all those who feel that studies of the meaning construction process can contribute to the social interaction, including those that take place in school spaces.

KEYWORDS: Meaning. Construction. Forces. Dynamics. Becoming.

Considerações preliminares

Este trabalho consiste na análise de um cartaz encontrado em praça pública por ocasião de um evento realizado em defesa da diversidade sexual e de gênero (DSG) por militantes e simpatizantes. O cartaz nos chamou a atenção, em relação aos outros, pela maneira como havia sido escrito e pela mensagem religiosa que veiculava, aparentemente

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente do Curso de Letras Hab. Português-Inglês, UEMS, Dourados/MS, Brasil. E-mail: crepalde@uems.br

² Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Discente do Curso de Letras Hab. Português-Espanhol, UEMS, Dourados/MS, Brasil. E-mail : carlinhosla@hotmail.com

fora do contexto, pois defendia a diversidade sexual e de gênero por meio de um discurso com características religiosas. Essa aparente contradição nos pareceu uma oportunidade de *refletir sobre os processos de construção de sentido*, pois aquele enunciado se apresentava como um elemento novo, uma alternativa nas discussões sobre DSG e das causas LGBTQI+ que, neste momento histórico, têm sido marcadas por disputas discursivas dicotômicas e radicais. O evento traduzia essa dicotomia, pois os discursos exaltavam diversas causas do LGBTQI+ e se construía em oposição a um discurso, que segundo os enunciadores, era reacionário e calcado em passagens da Bíblia. Escolhemos o referido cartaz por se apresentar como algo intersticial, o que nos levou a perguntar o que o estudo desse cartaz poderia dizer sobre a dinâmica dos processos de construção de sentido.

Muitos estudos têm sido realizados com base nas reflexões de pensadores, como Saussure, Pierce, Wittgenstein, Greimas e tantos outros que têm subsidiado e desencadeado inúmeros trabalhos importantes sobre o processo de construção de sentido. Trata-se de um assunto complexo que tem sido abordado do ponto de vista socio-histórico, cognitivo, ideológico, psicológico, estruturalista, etc. Um assunto inesgotável que interessa a todos aqueles que se esforçam para compreender como se dá o funcionamento da linguagem, os processos interativos por meio da linguagem e como os sentidos são elaborados nessas interações.

Neste trabalho, optamos por fazer nossa análise apoiados no pensamento dito rebelde de Deleuze (1996, 2003, 2019, Abecedário de Gilles Deleuze); Derrida (1997, 2002); com destaque para as discussões de Foucault (1971, 1985, 1999, 2000, 2008). Além dos referidos autores, recorreremos a reflexões teóricas de outros pensadores, principalmente de Bakhtin, pois entendemos que esse autor, embora tenha construído sua teoria com base em premissas diferentes de Deleuze, Derrida e Foucault, oferece conceitos para se compreender a dinâmica do processo de construção de sentido que acreditamos serem pertinentes para o estudo em tela.

As reflexões proporcionadas por este trabalho são esforços em problematizar os processos de construção de sentido, na medida em que levam a perguntar sobre os jogos de poder, sobre as dispersões, as rupturas, os interstícios, as ausências, as brechas, as linhas de fuga, as contradições, as vozes, etc., que os permeiam. .

Assim, procuramos refletir sobre as ações que acontecem no interior das formas de dizer, isto é, uma forma de discurso ou formação discursiva - entendida neste trabalho como um meio que percorre todos os espaços e tempos -. Nesses espaços, os sentidos só se

concretizam discursivamente, por meios de maneiras de arranjar os elementos significativos (estratégias) e por meio de práticas sociais (Orlandi, 2011).

Essa concretização permite observar a manipulação dos elementos simbólicos no processo desencadeado pela necessidade humana de produzir sentidos. Desse modo, esses conjuntos relacionais são caracterizados por regras de organização como nos remete o conceito de “Formação Discursiva” em Foucault (2008). Esse recorte teórico nos pareceu apropriado, pois visávamos discutir não apenas a ideologia, o significado, a história por trás do enunciado, mas quais forças que movem o discurso e o dizer, forças essas que fazem emergir o sentido dentro das relações que o condicionava. No entanto, nos pareceu importante levar em consideração também como os agentes se movem, como se afetam, como buscam territórios para por em jogo suas potências que investem no processo Neil (2017). Buscamos entender o cartaz como resultado de ato criativo e responsivo, um ato dialógico carregado de vozes, mas que busca manter uma individualidade, um ponto de convergência. Entendemos o cartaz como um ato irrepetível que mostra os desejos e emoções de agentes atravessados pelo mundo. Nesse sentido, não é contraditório colocar Bakhtin, Deleuze e Foucault na mesma análise, pois, embora, para Bakhtin, o sentido emerja de um sujeito histórico concreto no interior dos modos de produção, pelo qual os valores são acionados no processo de construção de sentido, esses autores colocam o sentido em uma construção coletiva como em um grande diálogo, e essa construção está sempre situada, seja em uma formação discursiva, seja em uma assemblage, seja em um acontecimento.

Os sujeitos se constituem em relação com o outro e se fazem outros dentro desses enquadramentos e seguem normas para participar do processo aberto no diálogo. Deleuze, Foucault e Bakhtin tiram o sentido das mãos do sujeito iluminista, consciente e todo poderoso. Para Foucault, os participantes da construção do sentido são vértices de poder, para Bakhtin são atravessados por vozes e para Deleuze por afetos, por volições, mas são determinados por forças imanentes, por possibilidade de ação socio-historicamente desenvolvidas. Dessa maneira optamos por uma teoria que possibilitasse demonstrar a complexidade do processo, apontando para o inconsciente, para as memórias, para as potências que habitam o ser humano. Nesse processo, devemos destacar diversas forças criativas que culminam na carnavalização, nas linhas de fuga e nas rupturas, na construção de novos objetos. Muito embora essas forças sejam tolhidas pelas ideologias, pelas formações discursivas e pelas forças centrípetas das relações, algo novo acaba sempre acontecendo, e é o que o cartaz revela. Revela um discurso como ação, engendrado por forças que elaboram

os sentidos e que constituem os sujeitos.

Para buscar compreender o cartaz nessa perspectiva, na primeira parte deste trabalho, apresentamos o contexto em que se encontrava o enunciado em reflexão. Na segunda parte, refletimos sobre quais forças e os elementos de sentido que se constituem no cartaz. Na terceira parte, fazemos nossas considerações finais, comentando a pertinência do uso dos conhecimentos teóricos, os resultados alcançados e às possibilidades de aprofundamento sobre os processos de construção de sentido.

A praça como texto e contexto

Os enunciados que ecoavam na praça eram marcados por uma infinidade de linguagens: falas, gestos, danças, roupas e músicas. A praça converteu-se em um suporte de um texto heterogêneo, um espaço de relação de signos em convergência e divergência. Esse texto dinâmico e móvel, ao mesmo tempo que afirmava à DSG e os direitos dos LGBTQI+, se convertia em um espaço de denúncia em relação aos discursos contrários à diversidade e demarcava um posicionamento político no debate.

Inúmeros grupos de LGBTQI+ e simpatizantes da causa compunham o discurso da praça, formando uma totalidade, mas também impondo suas diferenças. Cada grupo tinha seu modo de se expressar por meio de cores, de vestimentas, de danças, de palavras de ordem, etc. Seus enunciados tratavam do mesmo objeto, mas não com o mesmo olhar, assim formavam uma unidade discursiva notadamente marcada pela heterogeneidade, por dispersões, rupturas e disputas de poder internas; todavia, essa totalidade de diferenças impunha uma fronteira, uma diferença em relação a outros discursos (Foucault, 2008).

Não se tratava de uma unidade discursiva organizada linearmente e configurada na alternância entre interlocutores que respeitavam seus turnos de fala, mas sim, de um rizoma, um sistema aberto, como afirmou Deleuze (1996). Um rizoma que havia um núcleo irradiador do qual se expandiam os signos verbais e não verbais para todos os lados, atingindo outros núcleos que recebiam essa irradiação e, ao mesmo tempo, emitiam outras irradiações. Por meio dessas trocas e na sua multiplicidade, formava-se uma rede de relações extremamente complexa e heterogênea, com vozes em conjunção e em disjunção, um aglomerado de assemblagens eram formadas por meio de agenciamentos criativos, que misturavam toda sorte de elementos significativos. Esses enunciados multimodais eram marcados por signos verbais e não verbais multicoloridos que se manifestavam nos corpos, nas vozes e nas roupas

- escrituras ambulantes que se combinavam e se recombinavam em semelhanças e diferenças.

Havia também momentos em que palavras de ordem pareciam acabar com as diferenças, impelindo todos os sujeitos para um centro, marcando a filiação em torno das premissas básicas do discurso em prol da liberdade e da DSG e da causa dos LGBTQI+. Essas palavras de ordem, ao mesmo tempo em que exaltavam o direito de escolha e a liberdade de orientação em relação às distintas sexualidades, impunham uma fronteira em relação ao discurso contrário à DSG.

Nesses momentos de convergência, essa unidade de vozes da praça demarcava às fronteiras entre o discurso da DSG e do discurso contrário, denominado, pelas palavras de ordem, de reacionário, homofóbico e patriarcal. Os enunciados da praça marcavam um posicionamento radical, desautorizando argumentos do discurso ao qual se opunham, atacando suas premissas de base, inclusive aquelas fundamentadas na moral ancorada na Bíblia.

No meio do mar de signos que tomou a praça e que impunha diferenças internas entre os dois discursos radicalmente opostos, apareceu um enunciado estampado em um cartaz jogado no chão com uma característica peculiar. Um conjunto de signos linguísticos encerrando vozes, um enunciado convidando o interlocutor a se dirigir a outro modo de ver as questões relacionadas às sexualidades e aos gêneros. Um enunciado que seduzia os olhares dos interlocutores para uma tese contra homofobia, porém elaborada por pessoas que se afirmam cristãs. O cartaz chamava a atenção pela articulação da linguagem, pela argumentação e pela ousadia de buscar um espaço, uma possibilidade de vir a ser dos sentidos dentro daquele contexto.

A maquinaria da inocência

Figura 1 - Cartaz



Fonte: Foto de Carlos Fabrício de Souza Ribeiro de Castro na parada da diversidade em Dourados/MS

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

Ao se olhar para o cartaz, depreende-se rapidamente que se trata de uma voz contra a homofobia e em favor das causas LGBTQI+. Podia-se dizer que se trata de mais uma manifestação de simpatizantes da causa e ponto. No entanto, uma leitura mais demorada e que leve em consideração a forma como o cartaz foi escrito, a maneira como o conteúdo foi organizado e as condições de produção desse enunciado pode nos levar a importantes reflexões. Pode ajudar a compreender as diversas estratégias para gerar efeitos de sentido e as condições e possibilidades de emergência de um objeto vir a ser ou se tornar dentro de uma formação discursiva.

No caso em que se puder descrever, entre um (sic) certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 47).

Dessa maneira, começamos pela organização dos signos na confecção do enunciado que busca estabelecer uma verdade, e que é feito de uma determinada maneira. Nesse sentido não se toma o enunciado da praça como um mero enunciado do dia a dia, mas uma maneira de falar.

Não se trata, todavia, de qualquer ato discursivo: enunciados do cotidiano, por exemplo, mas de “atos discursivos sérios”, isto é, enunciados que manifestam uma incessante “vontade de verdade”. Esses enunciados sérios então se relacionam com enunciados do mesmo ou de outros tipos e são condicionados por um conjunto de regularidades internas, constituindo um sistema relativamente autônomo, denominado de formação discursiva (BARONAS, 2011, p. 385).

O enunciado é iniciado por um advérbio de negação, o que já causa um efeito de sentido e mostra um estilo de argumentação. O advérbio “não” no início de enunciados é uma característica de enunciados injuntivos, religiosos e panfletários tanto escritos como orais, um recurso que marca enfaticamente o posicionamento radical do sujeito discursivo conferindo-lhe uma identidade inequívoca e impondo uma fronteira rígida entre o sujeito e aquilo que se nega. Desse modo, ao abandonarmos a rigidez dos gêneros discursivos e centrarmos mais no agenciamento do processo de construção de sentido, percebemos que a força do advérbio “não” é relativizada e utilizada com perspicácia, pela capacidade criativa de relacionar signos e montar, dentro de uma determinada situação, uma unidade significativa.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

³Uma “*assemblage*” não é apenas uma mistura heterogênea de elementos; essa definição é demasiadamente simplista. A definição da expressão francesa “*agencement*” não se refere simplesmente a uma composição heterogênea, mas implica a um processo construtivo que dá forma a um tipo de arranjo específico (NAIL, 2017, p. 24, tradução nossa).

Dessa maneira, pode-se tomar o enunciado como uma unidade que fala muito mais do que aquilo que aparentemente enuncia, pois carrega outros dizeres e aponta sempre para o outro, tratando de construir um objeto novo, algo criativo e elaborado dentro de uma determinada situação. Os sentidos se revelam e são fortes pelo caráter coercitivo do signo, como afirmou Foucault (2000).

Ao aprofundarmos um pouco mais a leitura, podemos ver que a frase: “*não preciso ser gay para lutar contra a homofobia*”, diz muito mais do que uma opinião de simpatizantes e mobiliza outras atitudes que não somente destes e para além deles por revelar um chamamento muito maior, sobretudo quando lemos a frase ligada pela conjunção “mas” à sentença seguinte: “*mas preciso amar para ser cristão*”. O “mas” aqui cria um efeito de sentido estabelecendo não uma relação de contrastividade, mas de condição. *Não preciso ser gay*, mas necessariamente preciso amar para ser cristão. Indiretamente, o enunciado mostra o lugar de quem fala, anuncia uma maneira de dizer, traz marcas ideológicas e socio-históricas profundas e admite sutilmente e diminui a tensão entre as categorias “gay” e “cristão”. Quebra-se a rigidez das fronteiras entre duas categorias consideradas opostamente dicotômicas no âmbito do discurso religioso mais ortodoxo e abre uma possibilidade de conciliação entre duas formações discursivas contrárias.

A condição de estar dos sujeitos encontra-se entre os contrários e anuncia a possibilidade de um *interstício*, de um espaço de construção de sentido que sugere a negação de uma das características do discurso religioso ortodoxo que é o princípio da não contradição. Isto é, não se pode ser duas coisas diferentes a um só tempo.

Nessa linha de raciocínio, o enunciado parece querer desconstruir a premissa bíblica de que o homem foi feito por Deus para cumprir a função de homem e se relacionar sexualmente unicamente com mulheres, premissa da qual derivam todos os juízos que envolvem questões sobre sexualidade no contexto do discurso religioso ortodoxo. Um discurso que desbiologiza o sexo e os corpos, como traz Foucault (1985). O enunciado parece

³ Do Original: An assemblage is not just a mixture of heterogeneous elements; this definition is far too simplistic. The definition of the French word *agencement* does not simply entail heterogeneous composition, but entails a constructive process that lays out a specific kind of arrangement.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

querer contestar o que Derrida (2006, 1997), chama de pensamento logocêntrico, e se apresenta como uma tentativa de desconstrução.

A “racionalidade” – mas talvez fosse preciso abandonar esta palavra, pela razão que no final desta frase – que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não é mais nascida de um logos e inaugura a destruição, não a demolição mas a des-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de logos (DERRIDA, 2006, p.13).

É possível dizer que é algo criativamente *engendrado* para a situação, consiste em uma proposta de desconstrução, elaborado com características de um tipo de discurso, mas que surge ao mesmo tempo como uma ruptura a essa maneira de dizer anterior, trazendo novos contornos e relações ao discurso ortodoxo. No entanto, um olhar mais cuidadoso vai fazendo surgir contradições. Por exemplo, o verbo “precisar” é usado duas vezes; na primeira, forma uma locução com o verbo “ser”, e, na segunda, com o verbo “amar”. Neste caso remete a uma condição necessária para ser cristão, ou seja, não se pode ser cristão e não amar. Uma leitura que se detenha somente nos elementos significativos pode constatar que o verbo “amar” remete ao amor incondicional de Cristo. No entanto, se buscarmos entender a escritura, *o verbo “amar” aparece como uma categoria intersticial complexa e contraditória*, um espaço no qual cabem os diferentes, ou seja, gays e cristãos. O enunciado cria mais um grande efeito de sentido, destacando o amar como uma categoria pacificadora, incontroversa, uma tentativa de apagamento das contradições e violências que encerram o fato de ser gay, cristão e amar (Derrida, 2006).

Sagazmente este cartaz interpela a um só tempo, nas entrelinhas do enunciado, tanto os cristãos como os defensores da causa LGBTQI+. Dessa maneira, se apresenta como *uma terceira via no processo de construção do sentido*, instigando os interlocutores a agirem, a mudarem suas posições, insinuando de maneira sutil que ambos devem amenizar suas posições de radicalidade e convergirem para o espaço do amor cristão.

O verbo “amar” funciona como um operador lógico que impõe uma categorização rígida, por meio da categoria “amar incondicionalmente”. Nesse sentido, a argumentação organizada no cartaz toma forma de raciocínio silogístico, ou seja, há uma premissa maior, uma premissa menor e a conclusão Aristóteles (1979). Nesse formato lógico, todo cristão necessariamente deve amar incondicionalmente. Se você não ama incondicionalmente, logo você não é cristão. Esse tipo de raciocínio impõe *o princípio do terceiro excluído*, ou seja,

não há possibilidade de outro resultado nesse cálculo lógico dedutivo. Assim, o enunciado que parecia ser uma ruptura com o logocentrismo, assume esse formato de construir sentido.

A categoria “cristão” aparece grafada em letra maiúscula e em vermelho. O uso dessa cor remete a um significado convencional na cultura brasileira que tem sido usada nos mais variados tipos de enunciados como recurso icônico para chamar a atenção, para dar mais destaque e simbolizar fortes emoções e sentimentos.

Os critérios para distinguir um fenômeno visual estão imbricados com o uso da nossa linguagem, do que entendemos pela palavra vermelho, de como podemos distinguir um amarelo-alaranjado de um laranja-avermelhado, enfim, como o fenômeno cromático pressupõe uma gramática das cores (GIANNOTTI, 2010, p. 98).

Todavia, além do significado convencionalizado pela cultura, o vermelho do cartaz estabelece uma relação de diferença com as outras cores, criando espaços que geram mais sentidos, pois é no jogo das diferenças, das presenças e das ausências e nos espaços em branco que surgem outros sentidos, além daquele evocado pela letra, pela cor, pela forma e outros elementos que compõem a representação de algo (DERRIDA, 2006).

E é nesse jogo complexo, realizado por meio de um enunciado arranjado de maneira sutil, que o outro é *interpelado*; é nesse embate de forças discursivas que o enunciado constrói sentido, fazendo vir a ser o objeto da sexualidade ou sexual, moldado segundo um conjunto de regras (FOUCAULT, 2000).

Ao olhar para o enunciado, deve-se buscar compreender todas as condições de possibilidade de sua existência e não somente seu significado em si (apoio à luta em defesa da DSG). Isto quer dizer que o cartaz é organizado segundo regras de uma formação discursiva, cuja premissa de base parte sempre do um sujeito transcendental, que no caso é o Cristo e seu amor incondicional.

Essa premissa de amor maior que compreende tudo, aceita tudo e promove a paz põem o foco sempre no outro, no bem-estar do outro, um tipo de discurso apelativo que constrói justificativa com base na transcendentalidade do Cristo, colocando em suspensão os processos socio-históricos, as contradições e a complexidade do ser humano.

Esse efeito de sentido está na força da palavra “cristão” que está grafada em vermelho e em caracteres maiores que as outras palavras, o que dá destaque à palavra “cristão” no jogo entre os significantes. Além disso, a cor vermelha é um signo icônico que evoca uma multiplicidade de sensações desencadeadas pela lembrança do próprio sangue do Cristo e está relacionada à paixão, que no caso tem a ver com a paixão do Cristo em relação aos humanos.

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

As raízes podem formar-se de várias maneiras. Por onomatopeia certamente, que não é expressão espontânea, mas articulação voluntária de um signo semelhante: fazer com a voz o mesmo ruído que faz o objeto que se quer nomear. Por essa utilização de uma semelhança experimentada nas sensações: A impressão da cor vermelha, que é viva, rápida, dura à vista [...] (FOUCAULT, 2007, pág. 151).

O cartaz impõe uma regra básica: proceder pelo amor como o único caminho que não só leva ao paraíso, mas também soluciona problemas terrenos. Isso tem um efeito de sentido muito forte em uma sociedade religiosa e humanista como a brasileira, pois o poder do sujeito transcendental não é contestado, nem é contestada a força do amor.

O enunciado também põe em cheque as contradições daqueles que se dizem cristãos, mas que, em certos momentos, em vez de seguir o mandamento do Cristo, optam, convenientemente, por seguir orientações do Antigo Testamento para fundamentar suas posições contrárias à diversidade de sexo e de gênero. O enunciado aponta para essa contradição, pois os mandamentos do Cristo vieram justamente para substituir os Antigos Mandamentos, colocando o Amor maior acima de qualquer outra lei.

O cartaz demonstra as possíveis mudanças no processo de construção do objeto sexualidade que emergem dos jogos de poder. Ao anunciar um cristão capaz de compreender diferentes manifestações sexuais, enuncia um novo objeto, uma mudança na série histórica da construção de um objeto dentro de uma mesma formação discursiva. Um objeto que nasce nas brechas, nos interstícios, nas contradições e no exercício de poder. Um objeto que nasce das contradições no interior da mesma formação discursiva, mas também nos interstícios entre formações discursivas diferentes.

Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar (FOUCAULT, 2008. p. 55).

O enunciado do cartaz chama a atenção dos cristãos que excluem os defensores da DSG e dos LGBTQI+, ou seja, entra em conflito com aqueles que pertencem à mesma formação discursiva, e o fazem dentro da lógica e do estilo dos enunciados utilizados pelo conjunto dos sujeitos que pertencem a essa formação. Isso mostra que *as formações discursivas não são espaços de concordância, mas espaços de rupturas*, da incompletude, do

eterno jogo de poder nos processos de construção de objetos e de verdades como afirmou Foucault (2008).

O cartaz instaura um espaço enunciativo no qual o “eu” desse espaço configura-se em um agente ligado pelas relações de poder a uma ideologia e a um modo de dizer que interpela o “tu” do espaço enunciativo, no qual pode ser entendido tanto como os cristãos que não toleram a liberdade sexual como os que defendem à DSG.

O enunciado do cartaz atinge dois interlocutores diferentes, filiados a duas formações discursivas diferentes. O apelo ao amor também foi o ponto de intersecção utilizado no enunciado do cartaz para iniciar um diálogo com os defensores da diversidade sexual e de gênero. O amor é um sentimento libertário, por isso cria possibilidades de convivência dos diferentes e contingencia outros tipos de relações entre os seres humanos, para além das convencionais. Nesse sentido, o enunciado sagazmente estabelece uma relação entre o amor de Cristo e o amor libertário, no entanto, afirma que o amor de Cristo deve ser colocado em primeiro plano, pois é somente nesse espaço de fala ou pensamento que há a possibilidade de incluir todos os diferentes, inclusive aqueles que pensam contra a questão da diversidade sexual e de gênero.

A maneira como o cartaz foi escrito estabelece um diálogo e possibilita a participação no evento, funcionando também como um pedido de licença. A participação oportuniza a prática social cristã que é a de frequentar espaços ocupados pelas minorias, pelos perseguidos, pelos incompreendidos. A maneira como o cartaz está escrito chama a atenção para como os sentidos são elaborados nos interstícios, na opacidade e no poder da ambiguidade e da ambivalência da linguagem.

No enunciado, é possível compreender *a tentativa de fertilizar o interstício*, a brecha, para fazer vir a ser um novo objeto. Nesse caso a sexualidade representa-se no interior da linguagem e encontra-se, como afirma Foucault (2007, p. 93), “*no interstício da ideia, nesse tênue espaço onde ela joga consigo mesma, decompondo-se e recompondo-se*”.

O enunciado provoca efeitos de sentido jogando com o ser e o não ser, apresentando-se em favor de uma suposta liberdade, mas que está sujeita ao amor de Cristo. Nesse sentido, o discurso interdita sem aparentemente interditar na linguagem.

O ciclo da interdição: não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma única lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob a pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa de duas inexistências (FOUCALUT, 1988, p. 94).

Nesse sentido, o enunciado mostra a construção de objetos nas bordas, nos interstícios de definições rígidas. O sentido nasce das relações de vários feixes de poder, nas ausências, na força criativa do devir. Uma construção plasmada na linguagem, um processo no qual o ser humano age sobre os signos, compartilhando coisas (objetos, imagens, representações e significados) nos jogos de alteridade, no processo dialógico inacabado de construção de sentido que fazem vir a ser outros significados nos mesmos espaços discursivos sobre os mesmos objetos.

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. Esses atos podem ser infinitamente variados em função da infinita diversidade das situações em que a vida pode colocar-nos, a ambos, num dado momento (BAKHTIN, 1997, p. 44).

Os indivíduos, pelos sentidos, criam suas identidades, sendo possível *amalgamar* várias identidades no interior da sociedade, isso faz os grupos serem representados e representarem-se nos mesmos espaços e disputá-los, num conflito e numa tensão discursiva, observada, instituída e presente na linguagem dos sujeitos, como observado na materialidade em estudo.

O poder de ser alguém se faz quando se cria identidades condicionadas a um espaço de fala que os sujeitos adotam dentro das relações de poder, agindo sobre o espaço de fala e potencializando-o naquilo que acreditam e aceitam como verdade. Uma verdade sempre parcial que precisa do espaço discursivo para viver sua parcialidade, mas também sua reiteração (FOUCAULT, 1985). Esse saber que emana em torno das identidades que tem a ver com convicção ideológica, com assimilação de valores e formas culturais, com a necessidade de pertencimento e com o desejo insaciável de sentido que torna o processo de construção de sentido mais amplo, abrangente e complexo.

Nessa perspectiva, os locutores, fazendo uso do verbo amar, propõem a liberdade e a prisão, insinuado que os interlocutores podem ser o que quiserem, desde que amem. Destacam a liberdade que o amor possibilita, mas escamoteiam as regras e deveres que esse amor impõe. Assim, *constroem uma imagem ambígua como estratégia argumentativa para*

convencer seus interlocutores a aderirem ao seu ponto de vista. Os interlocutores, diante dessa teia argumentativa, são instados a participar em outra modalidade de jogo, regido por outro conjunto de regras. Dessa maneira, em nome da paz, aqueles que escreveram o cartaz fazem *a guerra dos sentidos*, tentando impor uma maneira de ver o mundo por meio de táticas sutis que visam à derrota final do outro. O cartaz permite pensar em uma tática de guerra que escolhe o flanco para atuar, para derrotar dois exércitos de sentido a um só tempo.

Essa complexidade só se revela com o trabalho do arqueólogo quando escava signos organizados em papel em branco, espaço que se oferece ao traço, à trama na qual viceja o sentido. Os traços, nesse papel em branco, criam um novo espaço, um mapa que traz indicativos do caminho percorrido, um mapa que se apresenta ingênuo e cristalino na sua proposta de propor a paz. Todavia, o arqueólogo pode mostrar as camadas que recobrem a mensagem, que, ao serem removidas, mostram que a ingenuidade pode ser astúcia e paz pode ser tática de guerra.

A cor vermelha expressa uma pausa, um ponto final, mas também uma sequência não linear de signos formada por uma organização sintagmática que sugere uma leitura vertical, uma categorização e uma possível intersecção entre essas categorias. Existe um suporte gramatical que dá sustentação ao enunciado traçado no fundo branco que permite o jogo com as cores e a construção de sentidos em torno dos eixos identidade, sexualidade e pensamento cristão.

A maneira como o enunciado foi elaborado possibilita pensar como os interlocutores foram aliciados para o ato de interlocução. O cartaz convida para um encontro, para um engajamento para a instalação de um complexo processo dialógico Bakhtin (1997). Nesse processo, o “eu” do discurso se apresenta como um eu investido de uma maneira de falar; no entanto, a radicalidade da voz cristã tenta ser apagada no jogo dialógico.

Apenas um amor desinteressado segundo o princípio eu o amo não porque ele é bom, mas ele é bom porque o eu amo, apenas a atenção amorosa interessada é capaz de desenvolver uma força suficiente poderosa para abranger e reter a multiplicidade do Ser, sem empobrecê-la ou esquematizá-la. Apenas o amor é capaz de ser esteticamente produtivo; apenas em correlação com o amado é possível a multiplicidade plena (BAKHTIN, 1993, p. 81-82).

A voz cristã como a única possibilidade de solução de um impasse joga com os outros do discurso, com os defensores da DSG e com os cristãos intolerantes a um só tempo. Coloca-os de maneira sutil como radicalidades a serem vencidas, e o faz impondo sutilmente

outra radicalidade. Uma voz que se constrói a partir de outras vozes e estabelece uma identidade, um espaço de pertencimento. A polifonia do cartaz (...) *não é mosqueteira – todos por um; também não é platônica – muitos em um. É Dostoiévskiana – muitos em um, pertença pela diferença, unidade pluralizada* (SHAFTER, 2011, pg. 3). E o jogo nesse processo não significa somente possibilidades de ações dentro de regras, mas um feixe de possibilidades de maneiras de agir que encerra a ideia de manipular, ter prazer, de zombar, representar teatralmente, etc., elementos evocados por Bakhtin quando trata da carnavalização.

No enunciado em questão, a primeira pessoa circunstancia-se com a segunda, já que a imagem do eu é a partir do outro, seja afirmando a si mesmo ou negando o outro, como diz Bakhtin em “Para uma Filosofia do Ato”, essa é a consciência a ser desperta no Ser. A respeito do dialogismo, ele coloca que o locutor se insere e se atravessa no interior desse ir e vir dialógico, um movimento que entrelaça e se choca entre aquilo que é e não é, tentando modular o outro e a si mesmo – esse é o choque do acontecimento que se move na eventicidade no Ser, cobrando dele uma atitude responsiva. O enunciador, como trata Orlandi (2011), tenta deslocar conceitos para uma cena enunciativa diferente. Esse deslocamento é operado pela paráfrase na qual se reconverte o dito em um dizer, por meio da polissemia, da ambiguidade e da heterogeneidade para escamotear a noção de pecado, sempre implicada no discurso religioso e assim move os sujeitos.

Diante dessa conflagração complexa e fragmentada que são as identidades, sexualidades e os gêneros - que ganharam visibilidade na era moderna - surgem maneiras novas de pensar e praticar os discursos em relação às diferenças. Essas diferenças pressupõem um conjunto de práticas e construções discursivas no interior dos discursos, como foi demonstrado anteriormente ao longo deste trabalho, mas também pelas próprias *práticas sociais*, quando se opera, por meio das mesmas, táticas para desconstruir ou manter os conhecimentos construídos e presentes na linguagem - entendida como o conjunto de todos os sistemas semióticos -, mediante um conjunto de regras e convenções, mas que permite as sutilezas de táticas que levam a subversões.

Lá onde um pensamento prevê o fim da história, o outro anuncia o infinito da vida; onde um reconhece a produção real das coisas pelo trabalho, o outro dissipa as quimeras da consciência; onde um afirma os limites do indivíduo as exigências de sua vida, o outro os apaga no murmúrio da morte. (FOUCAULT, 2007, p. 386).

Se a identidade é percebida como transitória, nunca pronta e acabada, esse processo semelhante acontece em relação ao signo linguístico. Enxergado em sua devida

complexidade, ele se instaura junto aos outros signos no campo da vida em que atua na dinamicidade e vivacidade em todos os âmbitos das relações humanas. O processo discursivo perpassa os sentidos, sempre o afetando em sua construção e desconstrução, modelado pela ação de agentes que atuam e se movem na linguagem, elaborando maneiras de ser e operar com a heterogeneidade discursiva (Foucault, 2007). Esses procedimentos resultam na múltipla e dinâmica relação de sentido do processo em eterna construção que são os sujeitos, a língua e os discursos. Como ação, Foucault (2007, p. 401) afirma que a linguagem exprime uma vontade profunda, o que tem duas consequências: a primeira é, para ele, paradoxal, pois está para um olhar mais imediato centrando a linguagem em torno do fenômeno da expressão e a segunda a qual se filia como:

[...] consequência consiste em que a linguagem não está mais ligada às civilizações pelo nível de conhecimento que elas atingiram (a finura da rede representativa, a multiplicidade dos liames que se podem estabelecer entre os elementos), mas pelo espírito do povo que as fez nascer, as anima e se pode reconhecer nelas. (FOUCAULT, 2007, p. 401).

Como afirma Foucault (2007, p. 384), “*a vida escapa às leis gerais dos seres*” não sendo somente “*o ser uma aparência*”; nessa proposição, os indivíduos sempre procuram atribuir uma verdade por meio da qual se assentam e acreditam estar contida em sua essência, a sua consciência, ou seja, o seu discurso. Isso quer dizer que, muito embora a dúvida, a impossibilidade da verdade absoluta permeie o processo de construção de sentido, é a verdade absoluta que os rege como uma mirada, um porto seguro que possa aplacar a angústia de viver sob a ameaça do erro e da dúvida, o que, aliás, é a luta de todas as epistemes, ele afirma.

A linguagem materializa todos os momentos da história e as possibilidades de destinos que emergem das relações sociais. A linguagem que organiza e que promete ser uma máquina de cálculo precisa, é a mesma que rompe “*com a objetividade das coisas*” estabelecendo que nada mais é que a própria “*ilusão do conhecimento*”, sobretudo nestes tempos de aceleração da fragmentação nos quais o verbo “ser” funciona “*como núcleo do ser e do não-ser: só há ser porque a vida*”.

Esses aspectos do processo de construção de sentido só podem emergir se nos dispormos a *perscrutar o movimento e não a essência das coisas*, como indicam Deleuze, Derrida e Foucault. O movimento, o eterno devir é a única essência. Nessa linha de pensamento, Deleuze (2006) nos orienta a ficar sempre em alerta ao jogo das afetações; Derrida (2007) nos indica que a escrita não é apenas representação, suplemento de uma essência, mas condições de possibilidade de realização de sentidos, e Foucault (2007) destaca

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

os feixes de relações e as disputas de poder. Esses autores nos levam a considerar as relações, as rupturas e as dispersões desencadeadas pelo desejo de poder. Os três, no entanto, colocam toda essa dinamicidade entre espaços relacionais, que se configuram como rupturas e tentativas de agrupamento, a saber, a escritura, a assemblage e as formações discursivas. Por fim, Bakhtin ajuda a pensar os feixes de relações como heterogeneidade de vozes, não apenas para implicar o aspecto coletivo e histórico do processo, mas também para chamar a atenção para a necessidade de construir espaços de pertença, uma coletividade na qual os indivíduos lutam por suas individualidades.

A maneira como o enunciado do cartaz se deu e o momento e o lugar em que foi dito, nos mostram a dinâmica e a sutileza da interpenetração dos discursos, na formação da complexidade da rede interdiscursiva, portanto a convivência do ser humano em suas múltiplas facetas que não ocorre de forma harmônica, apesar da intenção por vezes ser essa. Aqueles que escreveram o cartaz e que o levaram à praça são sujeitos inscritos em uma formação discursiva que não falam de qualquer jeito, mas conhecem os arranjos e as regras da produção do discurso e das práticas não discursivas de uma dada formação. Eles são capazes de construir sentido nas brechas que se abrem no interior da formação à qual se filiam. Eles são capazes também de construir sentido nos interstícios entre as fronteiras das diferentes formações discursivas, o que remete a um processo interdiscursivo e a uma dinâmica de construção de objetos que lança mão de toda sorte de recurso.

As reflexões sobre o enunciado em estudo nos levam a dizer que a busca pela construção de um objeto se dá de maneira complexa, e que essa complexidade não pode ser refletida se nos concentramos apenas no significado do objeto, nas relações entre um significante e um significado, colocando em suspensão as grades, as forças que os determinam, a polifonia, os agenciamentos, etc.

Ao procurarmos refletir sobre a construção de uma verdade, buscando compreender as forças que permeiam esse processo. Isso por que, como ensina Bakhtin, não basta ser verdade, a verdade tem de ter validade. Nesse sentido, podemos dizer que, para quem está no jogo, o mais importante não é a construção do objeto em si, a verdade em si, mas uma verdade que possa ser espaço de pertença, que dê sentido não apenas ao um objeto, mas também àqueles que lutam para construir o objeto.

Parece-nos que se trata de uma de luta inevitável que necessariamente temos de travar na eterna busca pelo sentido, pois essa luta, além de nos dar uma verdade que garante uma estabilidade, ainda que parcial, abre-nos um espaço de pertencimento e uma possibilidade de

romper com as origens, de buscar adeptos para esse determinado espaço, enfim, de vivenciar o inescapável: o eterno devir, o que nos parece ser mais vital do que o significado em si.

Considerações posteriores

Entendemos que as reflexões realizadas sobre o simples cartaz encontrado na praça nos possibilitaram demonstrar, ainda que de maneira parcial, a complexidade do processo de construção de sentido. O cartaz revela-se como parte de um texto maior elaborado com signos linguísticos e não linguísticos. Este foi suporte de um enunciado que nos pareceu apenas contraditório na primeira aproximação. No entanto, a análise guiada pelas reflexões dos teóricos que elegemos pode demonstrar que o sentido não ocorre de uma dedução simples, mas envolve um conjunto de forças que o determinam. Tentar compreender essa complexidade nos levou a refletir sobre as sutilezas, as manobras criativas, os desejos que permeiam o processo, mas também as forças que o determinam e que o fazem mover-se na busca de novas possibilidades, contudo, um movimento que não consegue romper totalmente com as bases sobre as quais se constituem. Entendemos que o conceito de formação discursiva de Foucault, foi de fundamental importância para refletirmos sobre a dinâmica do processo de construção de sentido que selecionamos para análise. Tal conceito nos possibilitou compreender vários fatores que concorreram para que o cartaz fosse escrito da maneira que foi. Pudemos refletir sobre questões ideológicas, semânticas e estilísticas, sem que nos detivéssemos apenas a elas. A reflexão de Deleuze sobre as possibilidades de rupturas nos remeteu à inquietude, à força que nos move diante das questões colocadas pelo mundo. Ao olhar para o cartaz, por meio de alguns conceitos de Deleuze, podemos identificar uma construção de sentido rizomática que encerra um movimento de forças centrípetas e centrífugas que possibilita a arregimentação de elementos significativos que são construídas com a mesma rapidez que se desfazem. Os conceitos de Derrida como *pharmakon*, escritura, jogo, brisura nos levaram a desconfiar de todos os conceitos usados no enunciado, buscando compreender as ausências, os conflitos, nas tensões que encerram e que fazem proliferar ao se relacionarem com outros conceitos, com outras ausências, etc. As leituras que temos feito de Bakhtin nos ajudaram a pensar na criatividade da manipulação da linguagem e, ao mesmo tempo, permitiu-nos pensar no dilema entre ser social, necessitar do outro, e ao mesmo tempo ter de preservar uma individualidade. Nesse sentido, o enunciado do cartaz chega a ser comovente, pois mostra, nas entrelinhas, as emoções, as potências, as determinações, as

memórias, as habilidades humanas postas em ação na tessitura de uma teia de sentidos que nos envolve a todos.

Por fim, entendemos que a escolha teórica nos possibilitou demonstrar a dinâmica e a complexidade dos processos de construção de sentido a partir de um simples cartaz encontrado no chão de uma praça, depois da realização de uma manifestação em defesa da DSG e das causas LGBTQI+. A realização deste trabalho nos permitiu demonstrar, dentro de seus limites, as possibilidades de ruptura, de linhas de fuga, as estratégias para estabelecer rupturas, o exercício do poder, a criatividade para manipular a linguagem e interagir com o outro, para gerar espaços de pertença, de criar vozes a partir de outras vozes, enfim, de ser humano nessa luta entre construir verdades sempre parciais.

Entendemos que estudar os mecanismos que fazem surgir “verdades”, pode ajudar a pensar e repensar em como os preconceitos, às fake news e diversas propostas de conciliação são construídas de forma sagaz e criativa, logo a melhor maneira de combater tentativas de dominação é saber que não apenas que elas existem, demonstrando seu significado, mas como funcionam em todo seu aparato como leva a pensar o pensamento rebelde, como levam a pensar as reflexões de Bakhtin. E tudo isso interessa para refletirmos sobre toda sorte de enunciado, inclusive um simples panfleto jogado na calçada anunciando a vinda de um redentor transcendental ou político.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro. 1979.

BAKHTIN, M. *Para uma Filosofia do Ato*. Toward a Philosophy of the act. HOLQUIST, Michael; LIAPUNOV, Vadim. University of Texas Press. 1993. Tradução FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão. Disponível em: <<http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/BAKHTIN,%20M.%20Para%20uma%20filosofia%20do%20ato.pdf>>. Acesso em: 14/04/2020.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. - 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1997.

BARONAS, R. L. *Discurso em Foucault e em Pêcheux*: Notas de leitura para discussão. In Colóquio Internacional de Texto e Discurso, 1º Colóquio Internacional de Texto e Discurso – UENESP, Campus de Assis, 2011, p. 381-395. Versão online. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/anais_cited/files/assets/basic-html/page381.html>. Acesso em: 1/10/2020.

DELEUZE, G, GUATARRI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. - 34 ed. SP, São Paulo. Editora 34. 1996.

DELEUZE, G. *Proust e os signos*. - 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. 2003.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro-São Paulo, 2019. Paz & Terra. 2019.

DERRIDA, J. *A Farmácia de Platão*. - 2 ed. São Paulo, SP: Iluminuras. 1997.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. - 2 ed. São Paulo, SP: Perspectiva. 2006.

FOUCAULT, M. *Estruturalismo e Teoria da Linguagem*. São Paulo, SP: Vozes. 1971.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no collège de France (1975-1976)*. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1999.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. - 5 ed. - Rio de Janeiro, RJ: Graal. 1985.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. - 8 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1999.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. - 6 ed. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2000.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. - 7 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. 2008.

GIANNOTTI, M. Uma imagem escrita. *Revista ARS (São Paulo)*, São Paulo - SP, v. 1, n. 1, p. 91-115, Ano 2003. ISSN 1678 - 5320. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ars/v1n1/09.pdf>>. Acesso em: 15/04/2020.

NAIL, T. What is an assemblage?. *Revista SubStance* (by Johns Hopkins University), Baltimore/Maryland - EUA, Volume 46, N° 1, Edição 142, Ano 2017, páginas 21-37. SN - 1527-2095. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/650026>>. Acesso em: 17/04/2020.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e o seu Funcionamento*. - 6 ed. Campinas, SP: Unicamp. 1981.

O ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze: em uma série de entrevistas com Claire Parnet (1888 – 1889). Direção de Pierre-André. Disponível em: <www.facebook.com/watch/?v=349262982103631>. Acesso em: 20/05/2010.

SCHAEFER, S. Dialogismo, polifonia e carnavalização em Dostoiévski. *Revista BAKTINIANA*, São Paulo – SP, Volume 6, N° 1, páginas 194 – 209, Ano 2011. ISSN 2176-4573. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a13.pdf>>. Acesso em: 30/04/2020.

ESTADO ISLÂMICO E SUA OPÇÃO DISCURSIVA PELA POLÊMICA E A VIOLÊNCIA

Eduardo Assunção Franco¹

RESUMO: Neste artigo, que investiga as estratégias discursivas que o grupo radical Estado Islâmico (EI) utiliza para divulgar suas ações violentas, no sentido de se firmar no espaço público e captar seguidores ou voluntários, partimos da hipótese que ele se vale de recursos linguísticos como o discurso profético/apocalíptico, a polêmica e o discurso propagandístico/incitação. Nosso *corpus* foi composto por textos divulgados pelo grupo em suas redes sociais e reunidos no site www.jihadology.net. A metodologia de pesquisa que utilizamos consistiu em selecionar três textos mais representativos e estudá-los de acordo com as categorias de análise que criamos, considerando os recursos discursivos que elegemos. O referencial teórico considerado por nós foi baseado em estudos sobre profecia/apocalipse feitos por Rabatel (2016 e 2019) e São João ([Séc.I d.C.],1990); pesquisas sobre polêmica realizadas por Amossy (2017), que incluiu investigações feitas por Schopenhauer (2009), Kerbrat-Orecchioni (1980), Dascal (1998) e Coser (1964, [1956], 1970); e estudos sobre o discurso propagandístico/incitação empreendidos por Charaudeau (2010), Emediato (2019), Pereira (2008) e Dahlet (1996). Depois de analisar nosso *corpus*, conseguimos confirmar nossa hipótese. Nossa expectativa é de que outras pesquisas sejam realizadas para reforçar ou confrontar os resultados que obtivemos.

PALAVRAS-CHAVE: Estado Islâmico. Profecia. Polêmica. Discurso propagandístico. Incitação.

ABSTRACT: In this article, which investigates the discursive strategies that the radical Islamic State (EI) group uses to publicize its violent actions, in the sense of establishing itself in the public space and capturing followers or volunteers, we start from the hypothesis that it uses linguistic resources such as speech prophetic/apocalyptic, controversy and propaganda/incitement discourse. Our corpus was composed of texts published by the group on its social networks and gathered on the website www.jihadology.net. The research methodology we used consisted of selecting three more representative texts and studying them according to the categories of analysis that we created, considering the discursive resources that we chose. The theoretical framework considered by us was based on studies on prophecy / apocalypse made by Rabatel (2016 and 2019) and São João ([Sec. I d.C.], 1990); controversy research conducted by Amossy (2017), which included investigations by Schopenhauer (2009), Kerbrat-Orecchioni (1980), Dascal (1998) and Coser (1964, [1956], 1970); and studies on the propaganda / incitement discourse undertaken by Charaudeau (2010), Emediato (2019), Pereira (2008) and Dahlet (1996). After analyzing our corpus, we were able to confirm our hypothesis. Our expectation is that further research will be carried out to reinforce or compare the results we obtained.

KEYWORDS: Islamic State. Prophecy. Controversy. Propaganda discourse. Incitement.

¹ Bolsista PNPd da Capes no POSLIN/FALE/UFMG, sob a supervisão do Professor Doutor Wander Emediato. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. E-mail: eduardodfranco@gmail.com.

Introdução

Nosso objetivo principal, com este artigo, é analisar alguns textos divulgados pelo grupo Estado Islâmico (EI), nas redes sociais, procurando identificar marcas de discurso profético, polêmica, discurso propagandístico e de incitação. A hipótese que sustentamos é que o grupo se vale desses recursos discursivos para justificar suas ações de violência e captar voluntários para sua causa. Um dos objetivos complementares será contar a origem do Estado Islâmico, sua estruturação enquanto grupo terrorista, sua ligação com o Islamismo, o trabalho de divulgação de suas ações violentas e seu propósito de captar novos voluntários, que vão garantir a realização de suas atividades, sua expansão e manutenção, do ponto de vista financeiro.

Nossa justificativa para realização dessa pesquisa, que redundou na produção deste artigo, é tentar desvendar as estratégias linguística e de comunicação utilizadas pelo Estado Islâmico para divulgar suas ações violentas e, por meio delas, gerar o efeito de identificação e conquistar voluntários em vários países. Também apontaremos alguns dos motivos que levaram o grupo a realizar ataques terroristas contra países ocidentais e também orientais, só que nesse segundo caso considerados infiéis ao Islamismo.

A metodologia que utilizamos consistiu em selecionar textos publicados por grupos integrantes do Estado Islâmico, nas redes sociais, e coletados pelo site www.jihadology.net. Escolhemos aqueles que consideramos mais representativos, no sentido de apresentar elementos proféticos/apocalípticos, polêmicos e de incitação à ação, para compor nosso *corpus*. Em seguida, realizamos a análise dele, utilizando como ferramental as categorias de análise elaboradas a partir do referencial teórico que elegemos.

O arcabouço teórico montado por nós foi baseado em estudos sobre profecia/apocalipse feitos por Rabatel (2016 e 2019) e São João ([Séc. I d.C.], 1990); pesquisas sobre polêmica realizadas por Amossy (2017), que incluiu investigações feitas por Schopenhauer (2009), Kerbrat-Orecchioni (1980), Dascal (1998) e Coser (1964, [1956], 1970); e estudos sobre o discurso propagandístico/incitação empreendidos por Charaudeau (2010), Emediato (2019), Pereira (2008) e Dahlet (1996).

O terrorismo e o Islamismo

Prestes a completarem 20 anos, os atentados de 11 de setembro de 2001, ao qual me referirei posteriormente apenas como “atentados de 11 de setembro”, ao World Trade Center e à Casa Branca, nos Estados Unidos, são um marco histórico nas ações de grupos terroristas contra países desenvolvidos, no Ocidente. Sutti e Ricardo (2002, p. 6) explicam que:

Terrorismo pode ser definido como uma intimidação coercitiva ou, mais amplamente, como o uso sistemático de assassinatos, ferimentos e destruição ou ameaças, para criar um clima de terror, para divulgar uma causa, e coagir pessoas a se submeterem aos seus objetivos. (BOGDANOR, 1987, *apud* SUTTI & RICARDO, 2002, p. 6)

Para Morin (2016), os atentados de 11 de setembro, que mataram cerca de 3 mil pessoas, fizeram com que os terroristas tivessem a certeza de que era possível enfrentar os Estados Unidos, país mais rico e poderoso do mundo, em termos bélicos. Eles eram ligados a grupos radicais, que se diziam motivados pela *jihad*² (guerra santa) islâmica, para combater alguns segmentos da sociedade, entre eles países ricos que oprimiam e exploravam países do Oriente Médio, ligados à tradição islâmica.

Para alguns autores, os atentados de 11 de setembro foram a eclosão de uma insatisfação desses grupos radicais em relação a intervenções das grandes potências mundiais em países do Oriente Médio. Segundo Fonseca e Lasmar (2017, p. 27), “o fenômeno envolvendo combatentes estrangeiros ligados a movimentos radicais do islamismo político é relativamente recente. Esse movimento se inicia de forma mais significativa e regular após a intervenção soviética no Afeganistão, na década de 80”.

Nesse mesmo período, no vizinho Paquistão, mais precisamente na cidade de Hayatabad, um jovem saudita, adepto do salafismo³ e herdeiro de uma família bilionária, dava os primeiros passos para fundar uma organização para implementar os valores desse movimento: era Osama bin Laden, dando corpo à Al Qaeda. Weiss e Hassan (2015, p. 19) comentam que o mentor de bin Laden era o palestino Abdullah Azzam, autor de um livro, considerado um manifesto pelos muçulmanos afegãos, “que argumentava que os muçulmanos tinham tanto uma obrigação individual, quanto comunitária, de expulsar exércitos conquistadores ou de ocupação de suas terras sagradas”.

Azzam dividia as atenções de bin Laden com outro líder jihadista em ascensão: Ayman al-Zawahiri, um cirurgião egípcio, adepto do salafismo radical. Depois de ficar preso durante um tempo, por envolvimento com grupos radicais, al-Zawahiri voltou à ativa, porém tornou-se adepto de um salafismo mais extremo. Weiss e Hassan (2015, p. 20) comentam que “ele andara

² A jihad remete à realização de um esforço individual (jihad maior: combate contra as paixões da alma, altruísmo, elevação individual) assim como ao engajamento na guerra para a promoção do Islã contra os infiéis (jihad menor). A teoria da jihad como cruzada religiosa contra os infiéis surge no século IX.

³ O salafismo, segundo Weiss e Hassan (2015, p. 18), é “uma doutrina, que na sua forma contemporânea defende um retorno à pureza ideológica e às tradições do profeta Maomé. (...) Na ponta mais extrema das suas fileiras, os salafistas também são adeptos da jihad, uma palavra que significa “luta” em árabe e contém uma série de definições”.

flertando com o conceito de takfirismo – a excomunhão de pares muçulmanos baseada em sua suposta heresia, e uma injunção que quase sempre trazia consigo uma sentença de morte”.

Essa proposta radical contra muçulmanos, especificamente os xiitas⁴, era contrária ao ponto de vista de Azzam, que tinha como inimigos apenas os infiéis do Ocidente. No final de 1989, Azzam e dois filhos morreram, ao serem atingidos por uma bomba. Weiss e Hassan (2015) relatam que um mês depois chegou a Peshawar (Paquistão), integrando um grupo que veio se juntar à Al Qaeda, Abu Musab al-Zarqawi, que alguns anos mais tarde ajudaria a fundar o Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS). Ele também se tornaria conhecido como “sheik das chacinas”, por seu método de decapitar prisioneiros e postar vídeos e fotos dessas execuções nas redes sociais.

O relacionamento de bin Laden com Zarqawi foi conturbado desde o início, tendo em vista que o líder da Al Qaeda não aprovava medidas extremas contra os xiitas e os governos islâmicos da região. Fonseca e Lasmar (2017, p. 53) relatam que “para Zarqawi, esses governos teriam se desviado do que entendia ser o “verdadeiro Islã” e por isso deveriam ser tratados como governos apóstatas e derrubados”.

A origem e a formação de Zarqawi revelam um pouco do seu comportamento. Segundo Weiss e Hassan (2015, p. 18), o jordaniano, cujo nome de batismo é Ahmad Fadhil Nazzal al-Khalayalah, “foi um estudante pouco promissor e semianalfabeto em árabe, vindo a abandonar os estudos em 1984, no mesmo ano que seu pai morreu, e assumindo imediatamente uma vida de crimes”.

Zarqawi chegou a ser preso por posse de drogas e ataque sexual. Preocupada com o futuro do filho, sua mãe o matriculou em cursos religiosos na Mesquita Al-Husayn, em Amã. Weiss e Hassan (2015) comentam que a experiência foi, relativamente, transformadora, pois o jordaniano se encantou com a fé. Porém, optou pelo salafismo radical e, a partir daí, se filiou a grupos extremistas.

Um dos campos de treinamento que Zarqawi frequentou, no Afeganistão, foi o mesmo por onde passou Khalid Sheikh Mohammed que, segundo Fonseca e Lasmar (2017), teria sido o mentor dos ataques de 11 de setembro. Depois desse fatídico atentado e da caçada humana

⁴ O grande cisma entre sunitas e xiitas ocorreu em 632, quando da morte do profeta Maomé, já que os fiéis não estavam de acordo quanto à escolha de um califa (sucessor). O genro do Profeta, Ali, reivindicou o direito de sucessão, alegando ser esse o desejo de Maomé. Aqueles que o apoiavam foram denominados xiitas. Os sunitas, que representam 85% da comunidade muçulmana no mundo, venceram a disputa, argumentando que o califa deveria ser escolhido pela comunidade islâmica.

que o presidente George Bush empreendeu contra a Al Qaeda, invadindo o Iraque, em 2003, bin Laden viu que não tinha alternativa se não convocar Zarqawi para suas fileiras.

Armstrong (2002) avalia que a associação que bin Laden e os responsáveis pelos atentados de 11 de setembro fazem da violência ao Islamismo é equivocada. Mesmo tendo se valido da *jihad* na fase inicial da instituição da religião, o profeta Maomé mudou sua posição em relação à violência. A autora (2002, p. 13) esclarece que “a própria palavra islam, que significa “submissão” existencial de todo o seu ser a Deus, exigida dos muçulmanos, está relacionada a salam, “paz””.

Weiss e Hassan (2015, p. 39) relatam que, em outubro de 2003, bin Laden convocou os *mujahidin*⁵ estrangeiros para se engajarem na sua *jihad*. De acordo com os autores, nessa ocasião os “Saddamistas” já tinham criado trajetos seguros, chamados de “corredores de ratos”, para levar esses voluntários estrangeiros ao Iraque. Trataremos mais da captação de voluntários quando formos analisar nosso *corpus*.

Zarqawi prestou juramento de obediência a bin Laden, em 2004, conforme Fonseca e Lasmar (2017). Mesmo tendo propostas de atuação diferentes, foi uma espécie de “casamento de conveniência”. Ao primeiro interessavam os recursos financeiros e o poder de recrutamento do líder da Al Qaeda, enquanto para esse o jordaniano poderia contribuir com seu destemor e poder de mobilização na luta contra os norte-americanos. Os autores (2017, p. 59) comentam que “Zarqawi passou a conduzir sistematicamente ataques suicidas contra tropas norte-americanas e xiitas com a utilização de homens bomba e “veículos bomba””.

Além de alvos diferentes dos de bin Laden, Zarqawi usava uma estratégia de comunicação mais agressiva que, segundo estudiosos, ajudou na captação de voluntários:

Zarqawi iniciou o uso da internet para a propaganda de sua “causa” de uma maneira nunca antes alcançada pela Al Qaeda. Suas novas técnicas de apelo pela internet conseguiram atrair milhares de combatentes estrangeiros, principalmente de países árabes (STERN; BERGER, 2015a). Ao contrário da organização de Bin Laden, acostumada a reproduzir longos e entediantes discursos, Zarqawi postava vídeos de ataques terroristas e suas primeiras decapitações. (FONSECA & LASMAR, 2017, p. 60).

No curto período em que atuou na Al Qaeda, já que foi morto por tropas norte-americanas em 2006, Zarqawi implantou a nova estrutura do grupo que se tornou conhecido como Estado Islâmico ou Islamic State of Iraq and the al-Sham (ISIS) ou Islamic State of Iraq and the Levant (Isil) ou Daesh. Optamos por usar o termo Estado Islâmico por considerar ser o

⁵ Mujahidin são pessoas que lutam em favor do Islã. O termo foi usado pelos próprios combatentes que lutaram no Afeganistão contra os soviéticos na década de 1980 e, desde então, passou a fazer parte do vocabulário “jihadista”, como forma de mistificar e romantizar a figura do militante combatente.

mais divulgado pela mídia de referência e, por esse motivo, tornar-se o mais conhecido no mundo.

Novas lideranças dos grupos terroristas foram erigidas e outros sequestros e execuções, postadas em suas redes sociais, ocorreram nos anos subsequentes. A caçada a bin Laden, apontado pelo Governo norte-americano como responsável pelos atentados de 11 de setembro, prosseguiu até a sua morte, em 2011. Seu sucessor, à frente da Al Qaeda, foi al-Zawahiri, porém o grupo já não tinha a mesma força do início dos anos 2000.

O modelo de grupo terrorista mais radical e com uso da mídia digital, criado por Zarqawi, fizera escola e outros líderes se encarregaram de dar continuidade a ele. Weiss e Hassan (2015) relatam que, em 28 de junho de 2014, Abu Bakr al-Baghdadi, ungido como Califa Ibrahim, proclama o nascimento do Estado Islâmico (Califado). No ano seguinte, Fonseca e Lasmar (2017) afirmam terem sido realizados mais de 50 atentados, fora do eixo Iraque/Síria, que resultaram na morte de mais de 1 mil civis. Os países mais atingidos foram França, Bélgica, Iraque, Turquia e Indonésia.

A morte de al-Baghdadi se deu em outubro de 2019, quando ele detonou seu cinto de explosivos, ao ser localizado por tropas americanas em um túnel, na Síria. Por meio de suas redes sociais, o Estado Islâmico reconheceu a morte de seu líder e anunciou que seu sucessor era Abu Ibrahim al-Hashemi al-Quraishi. Como podemos observar, mesmo com os Estados Unidos tendo anunciado a vitória definitiva sobre o Califado, o Estado Islâmico não parece disposto a encerrar suas atividades.

Quadro teórico

Acreditamos que, para conseguir analisar os textos que representantes do Estado Islâmico postam nas suas redes sociais, geralmente para justificarem suas ações violentas, fazer reverência a Maomé e captar voluntários, precisaremos nos valer de pelo menos três elementos do universo linguístico/discursivo: profecia/apocalipse, polêmica e discurso propagandístico/incitação. Mesmo tendo significados próprios e aplicações autônomas, eles possuem conexões discursivas e permanecem imbricados, quando buscamos entender a dinâmica de funcionamento do Estado Islâmico.

Grosso modo, o Estado Islâmico é formado por um grupo de pessoas, que se diz filiado ao Islamismo. O fundador do Islamismo, no século VII d.C., foi Maomé, que se autointitulou o único profeta de Allah. Por meio de textos, com caráter profético, o Estado Islâmico parece querer estimular seus seguidores a desenvolverem ações violentas, que levem ao apocalipse e

ao martírio. Na divulgação de alguns de seus atentados terroristas e outros atos de violência pelas redes sociais, os integrantes do grupo se valem da *erística*, um dos recursos da polêmica, enquanto elemento da retórica e da argumentação.

Para divulgação de suas ações violentas, que cientistas e estudiosos da religião acreditam ter entre os seus propósitos a captação de novos voluntários; e de suas mensagens, também com caráter persuasivo, ao ressaltarem as injustiças econômicas e sociais cometidas pelos países ricos em relação aos países pobres, o Estado Islâmico recorre ao discurso propagandístico. Com caráter profético e polêmico, essas mensagens, em forma de imagens e textos, têm se mostrado capazes de atrair pessoas de várias partes do mundo. A maioria se mostra insatisfeita com o atual sistema político e econômico, no qual um grupo de 20 países detém a maior parte do capital do planeta e o restante se divide entre os que garantem uma vida simples para sua população e aqueles que não conseguem oferecer nem os direitos básicos.

Segundo Fonseca e Lasmar (2017), entre os fatores que estão facilitando a captação, principalmente de jovens europeus pelo Estado Islâmico, estão as altas taxas de desemprego e as precárias condições de trabalho. Há também jovens muçulmanos que, mesmo vivendo em alguns desses países há muitos anos, não se sentem integrados à sociedade local. Conforme depoimentos de alguns que retornaram para casa, depois de algum tempo, “eles decidiram migrar para o Estado Islâmico para começar uma vida nova sob outra identidade. Buscavam, assim, encontrar um sentido para suas vidas e se refugiarem em um local onde seriam aceitos como “iguais” (COOLSAET, 2015b *apud* FONSECA; LASMAR, 2017, p. 95).

Já a antropóloga Dounia Bouzar (2016), que acompanhou 130 famílias francesas cujos filhos se engajaram no Estado Islâmico, informa que apenas 20% deles tinham convicção religiosa. Ela comenta que os grupos radicais visam, principalmente, jovens idealistas, sem ligação com o Islã, por considerarem que assim a doutrinação se torna mais fácil. As famílias são, em sua maioria, de classes média e alta. A doutrinação, conforme a antropóloga, é feita por meio de vídeos com a teoria da conspiração, as imagens subliminares de videogames e imagens chocantes de violência. “O islã radical não passa pelas mesquitas”, salienta Bouzar (2016, p. 52).

Para completar, dentro do discurso propagandístico existe um elemento que é fundamental para fazer com que os integrantes do Estado Islâmico aprendam a desenvolver a violência e colocar seus mecanismos em prática: a incitação à ação. Segundo Emediato (2019), se na propaganda de um eletrodoméstico ou na preparação de uma receita culinária, as pessoas são incitadas a montar o aparelho ou misturar corretamente os ingredientes, com o objetivo de

usá-lo ou preparar o prato; no caso dos grupos terroristas, a incitação consiste em ensinar seus integrantes a montarem uma arma ou uma bomba; partindo, em seguida, para a ação, quando são convencidos a usá-las para matar e, em alguns casos, se matarem.

Discorreremos agora sobre cada um desses elementos, para que possamos entender seus conceitos no campo da Linguística, assim como sua utilização na área da Análise do Discurso. Aproveitaremos para, a partir deles, definir algumas categorias de análise, que nos permitirão investigar o nosso *corpus*.

Profetas do apocalipse

Alguns dos líderes do Estado Islâmico e também da Al Qaeda, que consideramos ter dado origem a ele, estudaram as leis islâmicas, aplicando-as de forma rígida e distorcida, conforme alguns especialistas. De acordo com Armstrong (2002), eles fizeram o mesmo com os ensinamentos do profeta Maomé, fundador do Islamismo. O profetismo é uma marca presente nos textos divulgados pelo grupo, provavelmente com a intenção de reforçar o caráter religioso de suas ações.

Segundo Rabatel (2019), a profecia tem uma conotação religiosa e outra temporal. Com base nos dicionários Tesoureiro Informatizado da Língua Francesa (TLFi) e a Grande Larousse da Língua Francesa (GLLF), o autor (2019, p. 55) define “profecia”, no seu aspecto religioso, como “o anúncio de eventos futuros por uma pessoa sob inspiração divina”.

Já os significados do item lexical “profeta” nos Dicionários utilizados por Rabatel (2019, p. 55) são: “aquele que é o intérprete dos deuses”; 2. “(na Bíblia) Aquele a quem Deus escolheu transmitir e explicar sua vontade” (TLFi). É por esse segundo significado que o TLFi evoca falsos profetas e cita a máxima de que “ninguém é profeta em seu país”.

Entendemos que a figura do “profeta” foi a forma didática que Rabatel (2019) encontrou para nos falar do enunciador no seu papel de *homo narrans*. Ele reúne qualidades, como empatia e credibilidade, que o credenciam para assumir o papel de “profeta”. Sobre a máxima de que “ninguém é profeta em seu país”, lembramos o caso de Maomé. Fundador do Islamismo, no século VII d.C., ele precisou sair de Meca, sua terra-natal, onde era criticado e até ameaçado por revelar suas profecias e tentar estabelecer as normas do Islamismo. Junto com sua família e um grupo de seguidores, Maomé se mudou para Medina, onde conseguiu conquistar mais adeptos e implementar a nova religião.

O evento profetizado (o enunciado), de acordo com o autor (2019), faz sentido, não apenas por ser extraordinário, mas também porque imediatamente coloca a questão da ação (o

agir) para a sobrevivência individual e coletiva. Observamos que algumas enunciações feitas pelo Estado Islâmico, por meio de textos e imagens, têm o claro objetivo de levar seus voluntários, que na concepção de Rabatel são chamados de testemunhas proféticas, a agirem contra aqueles que são considerados infiéis.

Existe uma diferença entre profeta e testemunha profética. O profeta se autointitula como “o escolhido”, ao passo que a testemunha profética é arregimentada. Rabatel (2019, p. 61) explica que “enquanto o profeta é chamado a testemunhar uma verdade imanente, a testemunha não é escolhida, mas conduzida por circunstâncias históricas, frequentemente independentes de sua vontade de dizer o que viu, experimentou”.

Isso significa que o profeta afirma ter se envolvido diretamente com os fatos. É como se ele tivesse recebido uma distinção divina. O profeta procura demonstrar que vivenciou os fatos e, depois, os enuncia. Entre os enunciadores do Estado Islâmico, há aqueles que garantem ter o poder de distinguir os infiéis e inimigos do Islamismo, propondo ações para eliminá-los ou, no mínimo, expulsá-los dos territórios sagrados.

A figura do *homo narrans* e o conceito de Ponto de Vista (PDV), também desenvolvidos por Rabatel, serão fundamentais para que o profeta obtenha êxito nessa sua empreitada de fazer com que a testemunha absorva a profecia, transformando-se numa testemunha profética. Rabatel (2016, p. 24) explica que “*homo narrans* é, finalmente, o homem com mil pontos de vista, que sabe empatizar seus personagens e simpatizar com eles, para o maior proveito de seu auditório”. O autor acrescenta que o *homo narrans* é um sobre-enunciador, que fala com os outros e por sobre a fala deles. Isso nos faz deduzir que o profeta é um *homo narrans*. Essa figura singular tem mil pontos de vista, entre os quais pode estar a profecia.

Um dos objetivos do profeta, enquanto sobre-enunciador, é persuadir as testemunhas proféticas a agirem para atingir o apocalipse:

Apocalipse quer dizer revelação (1,1). Este livro, portanto, é uma mensagem reveladora. O autor procura revelar o mistério (10,7) do que está acontecendo e do que vai acontecer: Deus vai agir na história, julgando e destruindo o mal, para implantar definitivamente o seu Reino entre os homens (11, 15). (BÍBLIA PASTORAL, Apocalipse de São João, Introdução, 1990, p. 1.589).

A conjuntura política do período em que João escreveu o Apocalipse era bastante opressora. Os cristãos estavam temerosos com o que lhes poderia acontecer, principalmente depois da perseguição que sofreram durante o império de Nero (54-68 d.C.). O texto é de difícil compreensão, já que o autor usa imagens, símbolos, figura e números misteriosos, em forma de código. O objetivo de João ([Séc. I d.C.], 1990, p. 1.589) era o de preparar as comunidades

cristãs, para que elas se fortalecessem por meio do testemunho de Jesus e resistissem “às perseguições e desenvolvendo ação libertadora, que manifestasse ao mesmo tempo decidida crítica à situação de opressão e firme esperança de uma sociedade nova”.

O Islamismo prega a existência de um Deus, chamado de Allah, e o Alcorão é resultado de revelações feitas a Maomé. O Apocalipse parece ter inspirado o profeta. Conforme Fonseca e Lasmar (2017, p. 62), “a narrativa escatológica e apocalíptica iniciada por Zarqawi, (...) foi desenvolvida e bastante aprimorada pela atual liderança do Isis. Essa narrativa tem sido capaz de seduzir ainda mais estrangeiros, inclusive ocidentais nascidos e criados no Ocidente”.

Para alguns voluntários do Estado Islâmico vale qualquer tipo de ação, mesmo as mais radicais que impliquem em dar fim à própria vida, para colocar em prática as ordens dos profetas do apocalipse:

Estrangeiros são utilizados em operações suicidas usando coletes ou automóveis explosivos, ou em operações individuais de alto risco. Especialmente no Iraque e Síria, muitos cidadãos árabes de países próximos são utilizados para fins suicidas, como sauditas e tunisianos, obcecados pela ideia do martírio (BARRET, 2014a). (FONSECA; LASMAR, 2017, p. 74).

Estudiosos do Islamismo esclarecem que homens e mulheres-bombas recebem um *status* especial entre seus pares dos grupos radicais. O automartírio, nos ataques contra os infiéis e os inimigos da “causa”, associado de forma distorcida ao Islamismo, faz com que essas pessoas permaneçam em alta conta entre os outros seguidores. Eles acreditam que homens e mulheres-bombas são distinguidos com a entrada franqueada no paraíso ou céu.

Uso da polêmica com propósitos persuasivos

A polêmica, como elemento da retórica e da argumentação, tem sido trabalhada por Amossy (2017), que leva em conta estudos anteriores realizados principalmente por Schopenhauer (2009), Dascal (1998), Kerbrat-Orecchioni (1980) e Coser ([1956]1964; 1970). A autora avalia que elementos com o dissenso e a erística, próprios da polêmica e contrários ao acordo, à heurística e ao diálogo, possuem efeitos persuasivos. Ao verificarmos a atração que os textos e imagens com tons extremamente violentos, como os vídeos de decapitações divulgados pelo Estado Islâmico, concordamos com os resultados dos estudos de Amossy e de outros teóricos, que apostam na eficácia persuasiva da polêmica.

Os acordos que, como explicam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), podem levar o orador a interagir e tentar persuadir o auditório, não fazem parte das ações retóricas/argumentativas do Estado Islâmico em relação aos infiéis. Para tentar estabelecer

acordos seriam necessários diálogos e o uso de argumentos, porém o grupo parece descartar essa possibilidade. O dissenso, como um dos elementos da polêmica, é a opção escolhida pela facção.

Amossy (2017, p. 18) comenta que “dissensão está, então, relacionada a uma discordância, como uma profunda, até mesmo violenta, diferença de opiniões”. O dissenso é justificado pelo Estado Islâmico em virtude das invasões de países do Oriente Médio por tropas russas, norte-americanas e de outros países europeus. O grupo também mantém a dissensão em relação aos xiitas e governantes de países do Oriente Médio, que consideram ter traído o Islamismo.

Como observa Amossy, existem cenários e espaços públicos apropriados para desenvolvimento da polêmica. A autora (2017, p. 8) assinala que “evidentemente, pode-se explicar o fenômeno pela incapacidade dos cidadãos, como pessoas políticas, de seguir as regras do debate racional, ou ainda pela curiosidade insana que o público das mídias tem pelo espetáculo da violência verbal”.

O recurso retórico/argumentativo utilizado para inflamar a polêmica é a erística, que privilegia as discussões acaloradas, os insultos e toda sorte de agressões verbais. Podemos denominá-la como “combustível da discórdia”:

Sob sua égide, o debate se torna um combate sem escrúpulos e sem regras, uma arte da disputa em si mesma. A partir de então, todos os golpes são permitidos. “A erística”, lembra Marc Angenot (2008, p. 52), é “uma arte (...) que não recuará diante dos piores expedientes, nem ante os insultos, os sarcasmos, a ridicularização. (AMOSSY, 2017, p. 21).

Os enunciadores, que se valem da erística, descartam a possibilidade de diálogo civilizado e baseado em argumentos, como se faz na heurística. Sua opção pelos insultos e agressões verbais parece querer convocar os interlocutores para uma espécie de “ringue” de troca de ofensas e golpes baixos. A ideia é a de que aquele que gritar mais e utilizar ofensas mais fortes sairá vencedor da contenda. Schopenhauer (2009, p. 9 *apud* Amossy, 2017, p. 38) salienta que “disso resulta, em geral, que aquele que se envolve em uma controvérsia luta não pela verdade, mas por sua proposição”.

Algumas vezes, o polemista radical convoca a figura do demônio para fortalecer o seu enunciado e aterrorizar os enunciatários. Os adversários ou inimigos são apresentados como símbolos do “mal absoluto”, com intuito de gerar o medo e até o ódio. Amossy (2017, p. 60) assinala que “o outro demonizado só pode ser excluído, porque é impensável estabelecer um diálogo com Satã em pessoa”.

Líderes políticos ou religiosos, assim como grupos radicais, costumam usar a figura do demônio com o intuito de angariar apoio à sua causa. Amossy (2017, p. 60) se recorda que o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chaves, num pronunciamento, em 2006, na sede das Nações Unidas, se referiu ao então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, seu inimigo político, com essa conotação: “E o diabo veio aqui ontem. Ontem o diabo veio aqui. Justo aqui (ele aponta para si mesmo). E ainda cheira a enxofre hoje”.

Discurso propagandístico e a incitação

Uma das características do Estado Islâmico e que o diferencia de outros grupos radicais, como a Al Qaeda, é uso da internet, principalmente das redes sociais, para postar textos e vídeos justificando suas ações e também execuções sumárias de oficiais do Exército e profissionais da imprensa oriundos de países como os Estados Unidos e outros da Europa. Entendemos que, ao agir dessa maneira, o grupo está fazendo uso do discurso propagandístico. Um dos objetivos parece ser o de difundir o terror virtual entre os governantes e a população dos países considerados inimigos ou infiéis. O segundo objetivo é o de gerar identificação entre pessoas que possam simpatizar com a “causa”, por se sentirem injustiçadas pela conjuntura política e econômica atuais, levando-as, num segundo momento, a quererem se engajar na luta desses grupos radicais.

Para Charaudeau (2010), o discurso propagandístico pode ser enquadrado como um discurso de incitação, que procura motivar as pessoas a “fazerem” alguma coisa. Ele é composto de quatro elementos, que o levam a funcionar. O primeiro é a presença do “eu”, ou seja, o sujeito que, sem impor autoridade, usa uma estratégia de “fazer crer” ao outro sujeito “tu”, que o “eu” idealiza como “dever crer”. O segundo elemento é a instância de produção, individual ou coletiva, muitas vezes imputável quanto à responsabilidade do produto gerado.

O terceiro elemento indicado por Charaudeau (2010) é o dispositivo de difusão, que tem como alvo uma instância coletiva. No caso do Estado Islâmico, o dispositivo primário são as redes sociais, porém muitas vezes esse material também é propagado pela mídia de referência, ampliando a sua difusão. O quarto elemento diz respeito ao uso do duplo esquema cognitivo, narrativo e argumentativo, que será fundamental para que a instância de recepção ative sua posição de “dever crer”.

Na opinião de Charaudeau (2010), embora o esquema argumentativo tenha um propósito persuasivo mais explícito, o uso do modo narrativo pode ser mais eficiente no

discurso propagandístico. O autor (2010, p. 63) explica que “uma narração não impõe nada, ela apenas propõe um imaginário de busca cujo interlocutor poderia, se quisesse, ser o herói, sob a forma de uma narrativa”.

O discurso propagandístico também tem propósitos de profecia:

Ela consiste em levar as massas a aderirem a um projeto de idealização social ou humana. Para isso: 1) deve-se poder referir-se a uma *fala de revelação*, porque a verdade reside nesta fala; 2) esta fala de revelação deve prometer, de uma maneira ou de outra, “dias melhores”; 3) a instância propagandista deve ter um estatuto de *representante simbólico* autorizado como portador desta fala (profeta/o pequeno pai do povo); ela deve dispor de grandes meios de comunicação (o cinema soviético, os espetáculos nazistas); 4) a instância “público” é levada a reconhecer-se desejosa de um *absoluto*. (CHARAUDEAU, 2010, p. 74-75).

A estratégia de propaganda do Estado Islâmico se encaixa como uma luva nesses propósitos profetizantes descritos por Charaudeau. Para completar, Emediato (2019) comenta que o recurso da incitação à ação, utilizado no discurso publicitário para levar o público a montar um eletrodoméstico ou executar uma receita culinária, serve para que grupos radicais orientem os voluntários, que conseguem captar por meio das redes sociais, a aprenderem e se convencerem a montar e utilizar armas e bombas para matar e também se matarem.

Pereira (2008) acrescenta que o discurso publicitário, em algumas situações, faz uso de máscaras dentro da noção bakhtiniana. Elas podem ser entendidas como metáforas de identidades. O objetivo não é de ocultação da face, mas como uma imagem de identidade frente a outrem. A autora (2008, p. 30) também registra nesse discurso a presença de ideologia e da formação discursiva que, pela concepção de Foucault, estabelece “relações de antagonismo, aliança ou dominação”.

A condução da violência que leva à sujeição no campo social é outra característica desse gênero discursivo:

Simultaneamente, o discurso publicitário também é, portanto, retenção da violência das relações sociais exteriores a suas próprias convenções: exatamente por isso, a publicidade é retenção obrigatória de sua própria violência, a de seu propósito que, em última instância, sempre verifica os interesses conflitantes do campo institucional ao qual está organicamente ligada mas que, no contexto, transforma em modalidades de sedução, suas modalidades de sujeição. (DAHLET, 1995, p. 19).

Interessante observar como o Estado Islâmico se vale de todos esses recursos do discurso propagandístico e, em alguns casos, do discurso publicitário, para tentar alcançar seus objetivos. Em seus textos ou vídeos, o grupo recorre ao modo narrativo e às formações discursivas para mostrar o sofrimento que países como os Estados Unidos e outros da Europa impõem às famílias de países do Oriente Médio. Isso parece gerar um efeito de identificação,

que faz com que pessoas de vários países se engajem nessa luta. Por meio da incitação à ação, elas são treinadas e aprendem a usar armas para matar e se matarem.

Metodologia, categorias de análise e *corpus*

Encontrar textos produzidos pelo Estado Islâmico não é uma tarefa muito simples. Pesquisamos nas redes sociais abertas e também na *deep web*, mas sem sucesso. Foi a partir de uma conversa com o professor e escritor Guilherme Damasceno Fonseca, um dos autores do livro “Passaporte para o terror – os voluntários do Estado Islâmico” (2017), que chegamos até o site www.jihadology.net.

Nosso *corpus* é composto por um conjunto de três textos que coletamos no site www.jihadology.net. Seu fundador, o pesquisador e escritor Aaron Zelin, estabeleceu parceria com o jornalista Jawad al-Tamimi, responsável por um blog que disponibiliza textos e vídeos do grupo Exército de Khalid bin al-Waleed (JKBW), afiliado ao Estado Islâmico (EI). Fundado em 2016, o grupo JKBW atua no sul da Síria e, em 2018, teve seu nome alterado para Província de Hawran.

Os critérios para seleção do *corpus* foram baseados na relevância do material, tendo em vista que os excertos estão relacionados com a estratégia do Estado Islâmico de criar uma relação de empatia e identificação com seus interlocutores. Nosso *corpus* comprova o esforço de comunicação do grupo radical no sentido de ganhar a confiança das pessoas e tentar captar adeptos para a sua causa.

Criamos três categorias de análise, baseadas em nosso referencial teórico, que utilizaremos para analisar o *corpus* selecionado. Elas foram estabelecidas de acordo com elementos da profecia/apocalipse, polêmica e discurso propagandístico/incitação. No que tange à profecia/apocalipse, observaremos o tom profético dos textos, que tenham propósitos apocalípticos e que, de algum modo, possam incentivar o martírio. Na parte da polêmica, procuraremos verificar marcas de dissenso, violência verbal e outros elementos da erística. Por fim, no que diz respeito ao discurso propagandístico, tentaremos identificar itens lexicais que induzam à incitação e à divulgação de propósitos, identificação e engajamento à causa do Estado Islâmico.

A metodologia que utilizamos foi a de ler a coleção de textos no site www.jihadology.net, selecionar os três que consideramos mais representativos e que se enquadraram nos quesitos de profecia, polêmica e propaganda. Em seguida, analisamos o material, observando as marcas que pudessem incluí-los em nossas categorias de análise. Em

virtude da exiguidade de espaço, não pudemos estender muito a análise, porém procuramos realizá-la da forma mais aprofundada possível.

O primeiro excerto que analisaremos foi retirado de uma convocação feita pelo setor de Relações Públicas do grupo Província de Hawran aos ex-moradores locais, para que retornassem às suas casas:

Excerto 01

Sabemos que a guerra que aconteceu entre os soldados do califado - que Deus o faça poderoso em tawheed - na bacia de Yarmouk e nas facções do Exército Livre, foi uma das razões pelas quais você deixou sua casa. Por isso, pedimos que você retorne a ela, e isso será através de Masakin Jalin. E recebê-lo na terra do Islã, pois nossos postos de controle estão abertos diante de você. E Deus é o administrador dos piedosos⁶. (Tradução nossa).

A opção do grupo/enunciador em utilizar o seu setor de Relações Públicas para fazer a convocação já dá um caráter propagandístico ao EXCERTO 01. O tom propagandístico prossegue quando o enunciatário, tratado de forma individual, é tranquilizado, quanto ao motivo que o levou a abandonar sua casa, e sobre a situação do momento, que leva a crer que o local está livre de conflitos. Como bom anfitrião, o grupo ressalta que as portas da “terra do Islã” estão abertas.

Também no EXCERTO 01 verificamos a presença de elementos do discurso profético. A referência aos “soldados do Califado” indica que foi cumprida a profecia de se criar um Califado, que o Estado Islâmico delimitou, em 2014, numa área entre o Iraque e a Síria. Ainda é utilizado o item lexical “taweed”, que faz referência a Allah, o Deus do Islamismo, cujo único profeta é Maomé. A figura de Deus, apresentada como “administrador dos piedosos” confere ao próprio Estado Islâmico o caráter do acolhimento e da bondade. O que não é revelado, conforme observam alguns estudiosos do grupo, é que o interesse maior para que as famílias retornassem às suas casas era para que auxiliassem nas atividades de rotina, pagassem tributos e servissem de escudo para o EI.

No EXCERTO 02, extraído de um texto denominado “Califado do Estado Islâmico: metodologia profética” (tradução nossa), observamos situações discursivas que indicam o uso da polêmica e da profecia:

Excerto 02

Depois do discurso do sermão dos irmãos na sexta-feira - esta semana foi compensado - foi feito um discurso ao povo sobre o perigo dos túmulos elevados para Tawheed. Então pedimos a todos que fossem conosco ao cemitério

⁶ We know that the war that has gone on between the soldiers of the Caliphate- may God make it mighty in tawheed- in the Yarmouk Basin and the factions of the Free Army, has been a reason why you have left your homes. Therefore we call on you to return to them, and that will be through Masakin Jalin. And we welcome you in the land of Islam, and our checkpoints are open before you. (Islamic State – Public Relation, 2018).

para nivelá-lo, para que todos participassem da destruição, nivelamento e remoção desses atos condenados, e louvassem Deus⁷. (Tradução nossa).

A intolerância religiosa pode ser caracterizada como um recurso da polêmica, enquanto elemento da retórica/argumentação. Pelo que observamos nas entrelinhas do texto, em Hawran deve existir um cemitério de cristãos, onde provavelmente há imagens de Jesus, Maria ou dos santos sobre os túmulos. Os muçulmanos consideram isso idolatria. O sermão alertou os moradores sobre o problema e, depois, eles foram conduzidos ao cemitério para “destruir, nivelar e remover os atos condenados”. Ao que tudo indica, não existe possibilidade de diálogo ou acordo com as famílias cristãs, o que cria o dissenso.

No que tange aos aspectos proféticos do EXCERTO 02, observem que antes do pronunciamento ao povo, foi realizado um sermão para os integrantes do grupo. Na metodologia profética proposta por Rabatel (2019), o profeta, que é provavelmente o líder máximo do EI no local ou alguém mais preparado, no âmbito religioso, que tenha sido indicado por ele, enuncia a mensagem profética. O propósito deve ser o de reforçar a *sharia* (leis islâmicas) entre as testemunhas proféticas, que no caso são os integrantes do grupo.

No EXCERTO 03, extraído do comunicado “Início da regulação da geração de energia elétrica: Província de Ninawa” (tradução nossa), constatamos a presença do discurso propagandístico e da polêmica:

Excerto 03

A operação real será de 8 horas a partir das 13:00 às 16:00, e 17:00 às 20:00 e 21:00 às 23:00. Durante o horário de operação, no caso de haver eletricidade na rede nacional, o período será prorrogado até depois da meia-noite. (...) Responsabilizaremos todos os que violarem o horário de funcionamento ou a folga na operação e tomaremos medidas firmes contra aqueles que não cumprirem⁸. (Tradução nossa).

Fonseca e Lasmar (2017) comentam que o Estado Islâmico costuma agir como um gestor público, concedendo benefícios à população das cidades e províncias que ocupa. No caso do EXCERTO 03, verificamos que o grupo oferece e regula o uso da energia elétrica. Para conquistar simpatia, oferece até uma ampliação no horário de utilização, caso a rede nacional permita. O efeito propagandístico é o de tornar o grupo mais simpático junto à população local.

⁷ After the sermon address of the brothers on Friday- this week was on compensation- a speech was given to the people about the danger of the elevated graves to Tawheed. Then we asked them all to go with us to the graveyard to level it so all should participate in destroying, levelling and removing these condemned acts, and praise be to God.(Islamic State – Caliphate on teh prophetic methodology, 2019).

⁸ Real operation will be 8 hours beginning from 1 p.m. until 4 p.m., and 5 p.m. until 8 p.m. and 9 p.m. until 11 p.m. During operation hours, in the event that there is national grid electricity, the period will be extended until after midnight. (...) We will hold accountable all who violate the hours of operation or slack in operation and we will take firm measures against those who fall short. (Early regulations on electricity generation: Ninawa Province, 2019).

O tom ameaçador na última frase do EXCERTO - 03 é uma marca da erística. Ela costuma guiar a polêmica e se caracteriza por insultos, agressões verbais e toda sorte de impropérios. Quando o enunciador avisa que “tomaremos medidas firmes contra aqueles que não cumprirem (as orientações quanto aos horários para se usar a energia elétrica)”, identificamos a presença da erística.

Considerações finais

Verificamos, por meio da análise do *corpus* indicado, que a nossa hipótese de que o grupo Estado Islâmico (EI) utiliza recursos como o discurso profético, a polêmica e o discurso propagandístico para difundir suas ações e captar voluntários dispostos a se engajarem na sua causa, foi confirmada. Usando uma mensagem, que mistura indignação contra países ricos que subjuguem países do Oriente Médio, principalmente os de maioria muçulmana, e a convocação de pessoas que também se sintam exploradas e injustiçadas para viverem num espaço (Califado), no qual esses problemas serão resolvidos, o grupo chegou a reunir entre 10 mil e 30 mil seguidores, muitos deles estrangeiros. A estratégia de divulgação contemporânea, por meio das redes sociais, favorece essa captação.

No nosso *corpus*, observamos que o grupo Província de Hawran, pertencente ao Estado Islâmico, conta, inclusive, com um setor de Relações Públicas (EXCERTO 01). Num tom bastante cordial, as famílias que abandonaram suas casas por causa dos conflitos armados na região, são convidadas a retornarem. O Califado é mostrado como “terra do Islã” e Deus como “administrador da piedade”.

Mesmo a utilização de medidas polêmicas e de intolerância, como podemos ver no EXCERTO 02, quando na sua metodologia profética o EI determina que o cemitério cristão tenha as imagens destruídas, consideramos que isso tem um caráter persuasivo, como acredita Amossy (2017). É provável que os simpatizantes do Islamismo possam ver esse tipo de ação como uma “limpeza” do espaço onde antes vigorava o Cristianismo e a adaptação do Califado, de acordo com a *sharia*.

Por fim, também acreditamos que a, aparentemente, simples nota com orientações sobre o uso da energia elétrica (EXCERTO 03) cumpre seu papel de divulgar o Estado Islâmico na função de um gestor público, que proporciona conforto aos moradores da Província. O rigor no cumprimento dos horários de utilização da energia elétrica e as ameaças àqueles que os descumprirem se enquadram na erística, que não deixa de ter tintas persuasivas, principalmente

entre aqueles que consideram que o mundo ocidental vive um período de liberalismo exacerbado.

Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

ARMSTRONG, K. *Maomé – uma biografia do profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BÍBLIA, E.P. Apocalipse. In: *BÍBLIA*. Sagrada Bíblia Católica – Edição Pastoral. Tradução, introdução e notas: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus Editora, 1990. P. 1.589-1.614.

BOUZAR, D. Os jovens franceses da jihad. In: FOTTORINO, E. *Quem é o Estado Islâmico? – Compreendendo o novo terrorismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHARAUDEAU, P. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R (Orgs.). *Análises do discurso hoje – volume 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DAHLET, P. Reflexões sobre a prática publicitária. In: FARIAS, Y. O. *O discurso publicitário – Instrumentos de Análise*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

EARLY REGULATIONS ON ELECTRICITY GENERATION: Ninawa Province. Jihadology.net, 2019. Disponível em: <https://islamicstatearchives.com/category/mosul/> - acesso em 16/04/2020.

EMEDIATO, W. *Discurso de incitação à ação* (apresentação). Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

FONSECA, G. D.; LASMAR, J. M. *Passaporte para o terror – Os voluntários do Estado Islâmico*. Curitiba: Appris Editora, 2017.

ISLAMIC STATE – Caliphate on the prophetic methodology. Jihadology.net, 2019. Disponível em: <https://islamicstatearchives.com/2019/10/07/sample-islamic-state-weekly-hisba-report/> - acesso em 06/03/2020.

ISLAMIC STATE - Public Relations. Jihadology.net, 2018. Disponível em: <http://www.aymennjawad.org/2018/06/jaysh-khalid-bin-al-waleed-public-relations> - acesso em 16/04/2020.

MORIN, E. Tentando compreender. In: FOTTORINO, E. *Quem é o Estado Islâmico? – Compreendendo o novo terrorismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PEREIRA, R. C. *Discurso e publicidade – Dos processos de identificação e alteridade pela propaganda brasileira*. Niterói: Editora UFF, 2008.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RABATEL, A. *Homo narrans – por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

RABATEL, A. Prophétic, fonction prophétique et témoignage prophétique. In: *L'Analisi linguistica e Letteraria*. Publicação da Facoltà de Scienze Linguistiche e Letterature Straniere. Università Cattolica del Sacro Cuore. Milão: Litografia Solari – Peschiera Borrono. Ano XXVII, 01/2019, p. 55-80.

SUTTI, P.; RICARDO, S. *As diversas faces do terrorismo*. São Paulo: Harbra, 2003.

WEISS, M.; HASSAN, H. *Estado Islâmico – Desvendando o exército do terror*. São Paulo: Seoman, 2015.

ENTRE AS PRESCRIÇÕES DO CONCURSO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-AUTOR: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM CRÔNICAS ESTUDANTIS

Tatiana Simões e Luna¹

Resumo: Ancorado nos estudos de Bakhtin ([1929] 2015a, [1934-1935] 2015b, [1952-1953] 2016), de Volochínov ([1929]2017) e de Authier-Revuz (2007, [2009] 2011, [2004] 2015), este trabalho investiga as produções vencedoras na categoria crônica, da quinta edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (doravante, OLPEF), realizada em 2016. A escolha dessa categoria reside no caráter anfíbio do gênero, formado na interface entre as esferas de atividade literária e jornalística. Nosso objetivo é analisar as inter-relações estabelecidas entre as prescrições desse concurso de textos para a escrita cronística e a constituição dos sujeitos-autores, identificando os posicionamentos assumidos pelas vozes estudantis. Verificamos como os discentes, em suas produções, negociaram com as regulações do Programa e inscreveram seus pontos de vista em relação à proposta temática do concurso, “O lugar onde vivo”, observando, com um olhar mais atento, os modos como eles representaram seu cotidiano local. Os resultados apontam que os estudantes se apropriaram das normas olímpicas, mas também assinalaram suas posições por meio de representações temáticas, de estratégias discursivas e de recursos linguístico-estilísticos não previstos. Ou seja, eles subverteram parte das coerções genéricas prescritas, estabelecendo com propriedade suas vozes, seu querer dizer e seus valores em relação à OLPEF.

Palavras-chave: Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Crônica. Relações dialógicas.

Abstract: Anchored in studies by Bakhtin (BAKHTIN, [1929] 2015a, [1934-1935] 2015b, [1952-1953] 2016), Volochínov ([1929]2017) and Authier-Revuz (2007, [2009] 2011, [2004] 2015), this paper investigates the winning chronicles of the 5th Portuguese Language Olympiad Writing the Future (hereinafter, OLPEF), held in 2016. The choice of this category resides in the amphibious character of the genre, formed at the interface between the sphere of literary and journalistic activity. Our aim is to analyze the interrelationships established between the prescriptions of this competition for the writing of chronicles and the constitution of the subject-authors, by identifying the positions assumed by the students' voices. We verified how the students, in their compositions, dealt with the Program's guidelines and registered their points of view in relation to the thematic proposal of the contest, “The place where I live”, taking a closer look at the ways in which they represented their local daily life. The results show that the students appropriated the rules of the olympiad, but they have also marked their positions through thematic representations, discursive strategies and unforeseen linguistic and stylistic resources. In other words, they subverted part of the prescribed generic constraints, properly establishing their voices, what they mean, and their values in relation to OLPEF.

Keywords: Portuguese Language Olympiad Writing the Future. Chronicles. Dialogical relations.

¹ Doutora em Linguística e professora adjunta do Departamento de Educação da UFRPE, Recife, Pernambuco, Brasil. simoes.luna@gmail.com

Introdução

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (OLPEF) é simultaneamente um programa de formação de professores da disciplina homônima e um concurso de textos estudantis sobre o tema “O lugar onde vivo”. Por ser o maior programa nessa área, a OLPEF referenda, nas escolas, um modelo de escrita dos gêneros que integram a competição. Dentre os gêneros olímpicos (poemas, memórias, crônicas, documentários e artigos de opinião), tomamos a crônica como objeto de estudo, dada sua natureza discursiva ambivalente, constituída no entremeio das esferas jornalística e literária, tornando-se, assim, mais propícia a uma abordagem bakhtiniana.

O *corpus* é formado pelas crônicas campeãs na quinta edição do Programa, em 2016, porém, dadas as limitações de espaço, tomamos três como exemplos para este artigo, a saber: “O amanhecer (num dia inqualquer)”, de Yanca Fragata dos Santos (Parintins/AM); “O palhaço e o menino”, de Ana Heloisa Milani Coelho (Piracicaba/SP); “E livrai-nos do mal”, de Giulia Martins Vilela Silva (Campo Novo do Parecis/MT)². Postulamos como categorias de análise: o tom emotivo-volitivo (BAKHTIN, [1924] 2012, [1952-1953] 2016); as relações dialógicas (BAKHTIN, [1929] 2015a, [1934-1935] 2015b); as formas de transmissão do “discurso alheio” e suas variações (VOLOCHÍNOV, [1929] 2017) e as formas de representação do discurso outro (AUTHIER-REVUZ, 2007, [2004] 2015).

Os textos aqui analisados são necessariamente heterogêneos, porque abrangem simultaneamente a representação dos dizeres da OLPEF, sua proposta e prescrições, expostas no regulamento, nos materiais didáticos e em outros informativos do Programa, e o discurso autoral dos discentes, que, em resposta à OLPEF, se inscrevem numa troca implicitamente reportada. Vale ressaltar que esse diálogo é mediado pelas orientações do professor em sala de aula e, dada a natureza lítero-ficcional do gênero, é estabelecido de modo indireto.

Nosso trabalho está organizado em quatro partes: esta introdução sobre os objetivos e os princípios teórico-metodológicos da pesquisa; a fundamentação teórica acerca da representação do discurso outro; a análise das crônicas, centrada no modo como os sujeitos-autores se posicionam e marcam sua singularidade, a partir dos movimentos de retomada e modificação de outros discursos (em particular, os da OLPEF), do enfoque temático, do agenciamento de determinados recursos linguístico-expressivos e do tom escolhido; e, por fim, as considerações finais a respeito da congruência entre as produções vencedoras e os

² Tais textos estão disponíveis no link <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6138/textos-finalistas2016.pdf>. Acesso em: 09 maio 2020. Por motivos de espaço, não pudemos transcrevê-los integralmente.

critérios de avaliação da OLPEF, destacando os movimentos de resistência dos estudantes.

A representação do outro no dizer

Todo discurso tem uma dupla, ou melhor, tripla orientação: voltado para o seu objeto temático, enquanto discurso comum, e voltado para o heterodiscurso, enquanto resposta às vozes que lhe precedem e às que lhe sucedem no fluxo discursivo. Interessam-nos os efeitos expressivos e estilísticos que a presença do outro provoca no discurso, ou, nas palavras de Volochínov ([1929] 2017), as interações que ocorrem entre o contexto autoral e o “discurso alheio”, ou ainda, nos termos de Bakhtin ([1929] 2015a), as relações dialógicas que se estabelecem entre os discursos.

Mais do que traços formais, o que caracteriza o “discurso alheio” é o seu conteúdo semântico, a sua construção estilístico-composicional e o seu propósito ou intuito discursivo, isto é, as razões de um enunciado reportar ou evocar outro em determinado contexto enunciativo e sócio-histórico-cultural. Enquanto a concepção instrumental de língua supõe que as formas de se representar o discurso outro são fixas, prontas, de que o autor se serve quando deseja reportar a fala e/ou o pensamento alheio, Volochínov ([1929] 2017) mostra que os três tipos clássicos de discurso – direto, indireto e indireto livre – são modelos que apresentam uma gama de modificações.

Situando-se em uma perspectiva próxima à de Volochínov, Bakhtin ([1929] 2015a) analisa a atitude dialógica do escritor de criar um mundo ficcional a partir da representação do discurso alheio, das personagens, enquanto palavras de sujeitos sócio-historicamente situados. A consciência das personagens, tal qual a dos homens, é dialógica e só pode ser representada através da interação com o outro, pois é através do diálogo (seja o diálogo interior, seja a comunicação dialogada) que a personagem se revela aos outros e a si mesma. Para Bakhtin ([1934-1935] 2015b), a construção de um mundo ficcional implica apreender o universo de vozes socialmente circulantes (os estilos dos gêneros, as linguagens das profissões e outras linguagens da época), selecioná-las, operar com elas e introduzi-las no contexto da obra.

A narração do narrador constitui o meio pelo qual o autor orchestra essa representação de vozes, substituindo o discurso efetivo do autor, com o qual estabelece maior ou menor distanciamento, que pode chegar à completa fusão discursiva. Tanto a fala da personagem como a narração do narrador servem como objeto da orientação apreciativa do escritor: ora são introduzidas de forma aberta e com contornos nítidos, determinando diretamente o conteúdo do discurso autoral, ora de forma velada, dissimulada e difusa, disseminando nele as

palavras alheias e determinando o seu modo de construção (BAKHTIN [1929] 2015a).

Segundo a ótica de Bakhtin e de Volochínov, a obra literária também está voltada para o destinatário e para o contexto de recepção. O leitor exerce papel relevante na construção da prosa ficcional, pois a sua imagem e a de seu horizonte verbo-ideológico são assimiladas pelo autor no contexto da obra, vide as histórias fantásticas voltadas para adolescentes e as crônicas clariceanas dirigidas às donas de casa etc. É nessa inter-relação com o fluxo discursivo e com o destinatário, isto é, com os enunciados anteriores que discursaram sobre o mesmo objeto e com as avaliações e respostas presumidas do outro, que o sujeito define o tom emotivo-volitivo do enunciado e sua posição responsiva (BAKHTIN, [1952-1953] 2016).

O cerne dos estudos desses autores encontra-se, portanto, no reconhecimento de que a voz alheia penetra constitutivamente o campo do dizer. Ancorada nesse princípio, na noção de interdiscurso da teoria pecheutiana e de sujeito clivado da psicanálise freudo-laciana, Authier-Revuz ([2004] 2015) desenvolve um estudo das formas de representação do discurso outro (doravante, RDO) que considera a heterogeneidade radical a que todo enunciado está submetido, entendendo-a em duas dimensões: a da heterogeneidade mostrada, que se vinculada à demarcação do espaço do outro no dizer; e a da heterogeneidade constitutiva³ de todo discurso, que se relaciona à memória de dizeres, de fatos e eventos, podendo ser sinalizada por certas expressões cristalizadas, por certas fórmulas e construções sintáticas.

O campo da RDO estrutura-se a partir de cinco modos de combinação desses três planos, que englobam as formas linguístico-estilísticas marcadas e as não marcadas (AUTHIER-REVUZ, [2004] 2015): discurso indireto (DI); discurso direto (DD); discurso indireto livre (DIL); modalização em discurso segundo (MAS)⁴; e modalização autonímica de empréstimo (MAE). Tanto o DD como o DI são marcados, introduzidos por verbos *dicendi*, por locuções ou perífrases verbais e, em alguns casos, por nominalizações (a exemplo de “resposta”, “grito”). O contexto emoldurador desses discursos, ou contexto autoral, nos termos de Volochínov ([1929] 2017), localiza a fonte do dizer e indica o seu modo de enunciação (entonação, gesticulação, olhares, movimentos corporais e faciais etc.).

Enquanto o DI é o modo de representar o conteúdo semântico da fala alheia, o DD representa o discurso outro por meio da autonímia. Na escrita, ele é marcado por sinais de pontuação: aspas, travessão, dois pontos e, mais raramente, *itálico*. Já o DIL é bivocal, pois traz duas vozes fundidas, duas linguagens imbricadas, duas visões de mundo entrelaçadas,

³ Ao longo da análise, usamos os termos correlatos dialogismo mostrado e constitutivo, em consonância com o dialogismo bakhtiniano que fundamenta os escritos de Authier-Revuz e o nosso trabalho.

⁴ A MAS não será definida, por não haver ocorrência significativa no *corpus*.

duas posições semântico-axiológicas amalgamadas, a do escritor e a da personagem, sem haver limites formais entre elas (BAKHTIN, [1934-1935] 2015b).

A modalização autonímica de empréstimo (MAE), por sua vez, é “definida pelo fato que falamos de um objeto qualquer *a partir* de um outro discurso, cuja imagem passa pela exposição das palavras” (AUTHIER-REVUZ, [2004] 2015, p.16). Trata-se de um comentário metaenunciativo em que o dizer se desdobra, isto é, promove um retorno reflexivo sobre si, pois usa as palavras para se referir a algo e, concomitantemente, as menciona, tomando-a como “seres do discurso”. Essa duplicação reflexiva do enunciado, que promove o encontro com o outro no âmago da própria enunciação, configura-se em quatro campos, nominados por Authier-Revuz (2007) de “não coincidências do dizer”:

- não coincidência interlocutiva entre dois interlocutores, demarcando a não partilha de determinadas palavras e expressões (“se você prefere...”, “como você diz...”, “..., permita-me dizer”, “digamos...”);
- não coincidência entre as palavras e as coisas, dada as dificuldades de nominar e de alcançar a adequação entre elas (“se se pode chamar ...”, “..., para usar uma metáfora” “..., por assim dizer...”, “ousaria dizer ...”);
- não coincidências das palavras consigo mesmas, visto serem perpassadas por outros sentidos ou outras palavras (caso da polissemia, da homonímia, da ambiguidade etc.);
- não coincidência do discurso consigo mesmo, assinalando que o dizer é constituído por outros dizeres (“como diz...”, “para falar como...”, “eu retomo aqui as palavras de.....”, “segundo a expressão, o que x chama...”);

A MAE representa o enunciado alheio a partir do modo de expressão de outrem ou da forma como lhe designam e interpretam, através de uma variedade de estratégias e recursos, desde os explícitos (aspas) até os implícitos (alusão). Trata-se de um modo de funcionamento da heterogeneidade ou do dialogismo constitutivo em sua dupla face interlocutiva e interdiscursiva (AUTHIER- REVUZ, [2004] 2015), pois depende da recepção para construir sentido e estabelece uma semelhança com um discurso alheio à linearidade textual e não claramente determinado⁵:

Abandonando as amarras do uso de qualquer marca linguística, assegurando de forma mínima a informação do empréstimo realizado, a alusão é proposta para ser reconhecida pelo outro e só pode ganhar corpo se reconhecida; apostando no

⁵ A heterogeneidade ou dialogismo interdiscursivo refere-se aos discursos anteriores, à exterioridade do dizer, ao já dito, e a heterogeneidade ou dialogismo interlocutivo diz respeito a “esse outro dizer específico de – ou emprestado a – aquele a quem alguém se dirige” (AUTHIER-REVUZ, [2009] 2011, p.7).

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

outro-receptor para reconhecimento do terceiro-outro – o já-dito presente em suas palavras –, o enunciador que escolhe a alusão escolhe correr o risco de perda de seus lucros e o risco do fracasso: ao praticar esses jogos dialógicos — interdiscursivos e interlocutivos — sem qualquer garantia, o enunciador perde a sua aposta... ou duplica os seus ganhos. (AUTHIER-REVUZ, 2007, p.26)

Essa perspectiva de RDO confere papel especial ao receptor, pois o sentido da alusão não está em um ponto específico da cadeia discursiva. É preciso que o interlocutor acione a memória interdiscursiva para dar sentido, isto é, realize movimentos de um discurso a outro, colocando-os em ressonância.

Entre as normas do concurso e o ponto de vista autoral: análise das crônicas estudantis

Os textos vencedores da OLPEF ocupam lugar em duas esferas simultaneamente, a escola e a literatura. São crônicas escolares, pois respondem às demandas da direção da escola ou do docente que os inscreveu no Programa, e literárias, pois cumprem com a função estética de emocionar – “O amanhecer (num dia ‘inqualquer’)”, “O palhaço e o menino” –, de fazer rir ou refletir – “E livrai-nos do mal” –, explorando o cotidiano de uma forma única, singular. Mesmo visando à vitória em um concurso, tais textos atingem, em maior ou menor grau, o estatuto literário de recriar o conteúdo por meio da forma. Assim como eles, muitas obras são concebidas em função de prêmios, dadas as dificuldades que os escritores encontram de publicarem seus trabalhos.

Sumarizando todas as prescrições da OLPEF acerca do gênero, contidas em seu material didático, o Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor* (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016), podemos dizer que se espera encontrar, nas crônicas vencedoras, a maior parte dos traços característicos abaixo⁶: a) título sugestivo, convidativo; b) conteúdo temático voltado para a realidade local; c) cenário curioso, que revele o ambiente onde se vive; d) modo particular de dizer, de narrar e contar a história; e) envolvimento e diálogo com o leitor; f) elementos da narrativa (narrador, foco narrativo, personagens, tempo, espaço, conflito, desfecho); g) descrição das personagens e do lugar; h) tom (poético, lírico, irônico ou humorístico); e i) desfecho surpreendente, conclusivo ou aberto.

No que concerne, em especial, aos aspectos linguísticos, espera-se ainda que as crônicas apresentem: a) diferentes tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre), diálogos e verbos de dizer; b) figuras de linguagem (comparação, metáfora, personificação, ironia,

⁶ Alguns desses traços, tidos pela OLPEF como inerentes ao gênero crônica, tais quais o “cenário curioso”, são por nós questionadas em nossa tese de doutoramento.

metonímia, hipérbole, sinestesia, eufemismo, antítese); c) adequação vocabular; d) marcas do tempo presente e do espaço cotidiano; e) recursos coesivos; f) registro de linguagem coloquial ou semiformal; g) correção gramatical.

Iniciemos a análise pelo texto vencedor da região Norte, “O amanhecer (num dia ‘inqualquer’)”, de Yanca Santos. A autora apropria-se de várias dessas prescrições, mas faz um recorte muito particular do tema, que constitui um movimento de resistência às normas olímpicas e um indício de discurso autoral. A unidade de ação passa de sua casa para o universo amazônico, dessa região para a pracinha do bairro, dessa pracinha para o rio Amazonas, e desse rio para sua relação familiar. A autora transpassa a temática do espaço físico do “lugar onde vive” para falar dos afetos que nele se instauram.

Apesar do aparente clichê do título, “O amanhecer”, a expressão apositiva que o segue é bastante sugestiva e motiva a leitura. As aspas destacam o neologismo “inqualquer”, isto é, a não coincidência da palavra com ela mesma (AUTHIER-REVUZ, 2007). A autora dispensa termos, como “especial”, “diferente”, “notável”, ou qualquer sinônimo dicionarizado, que denotasse a especificidade do dia. Esse dia reserva tamanha surpresa à narradora-personagem que foi necessária uma nova palavra para nominá-lo: “inqualquer”. E é essa surpresa que se torna o motivo da crônica, tal qual o flagrante de um “instante”, mencionado em “Peladas”, de Armando Nogueira, e em “Caso de burro”, de Machado de Assis (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.55, p.68-69), evocadas implicitamente.

Após o dialogismo mostrado e marcado por MAE (aspas) no título, a narradora-personagem estabelece um diálogo implícito com outros textos e com o discurso didático do Caderno. O parágrafo de abertura estabelece esse diálogo com algumas tentativas de definições do gênero, a exemplo de: “tem a capacidade de por vezes nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.20) e “na crônica a narração capta um momento, um flagrante do dia a dia” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.22).

Encontramos, ainda nesse parágrafo, vestígios de dialogismo interdiscursivo, dada a similaridade entre a definição traçada e as reflexões iniciais de outro texto do material didático, “A última crônica”, de Fernando Sabino: “Nesta perseguição do acidental quer no flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial.” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.32).

Em busca de encontrar “a grandeza que há numa pequena cena, a poesia nas coisinhas do dia a dia”, a autora desloca-se da posição distanciada de narradora, que reflete sobre o discurso cronístico em curso, e incorpora a personagem juvenil, que sofre e é agente da ação

narrativa. Ela mobiliza uma figura de linguagem, a personificação, para apresentar o material sobre o qual discorre a crônica: “Naquele dia *um calafrio me madrugou*”. O dêitico “naquele” remete a algo distante, temporal e espacialmente, dando um tom memorialístico à narrativa. A indicação posterior e precisa das horas pela narradora-personagem – “Os ponteiros luminosos do despertador *em silêncio* marcavam *exatamente 5 horas*” –, com destaque para a locução adverbial e para o advérbio modal, articula-se à bela imagem do “calafrio me madrugou”, algo que a despertou do sono *silenciosamente*, mal amanhecera.

Na sequência, o discurso narrativo-descritivo flagra momentos clichês do cotidiano: vestir-se, sair do quarto, passar pelo corredor, ir à cozinha, preparar o café da manhã e tomá-lo de frente ao quintal. São estereótipos discursivos que conferem coerência à narrativa. Outro exemplo é que, apesar do pleonasma em “o calafrio foi ficando ainda mais frio”, que provoca o efeito de clichê descritivo, a autora mantém a coerência figurativa, ao indicar o “casaco” como vestimenta. Além disso, mobiliza outra figura semântica, a antítese, para reforçar a sensação de frio, em contraste com o calor, emanado pela bebida quente e pela floresta amazônica, despertando no leitor a curiosidade de saber do que se tratava o “calafrio”.

Os parágrafos seguintes do enredo sustentam o clima de suspense por meio da reiteração de termos e de expressões de referência vaga e indefinida: “*Algo* entristecia meu coração (...) *Algo* difícil de compreender.”, “(...) *algo* me entristecia por dentro”; “*Naquele instante*, quis ler meu livro preferido”, “*Naquele* dia um calafrio me madrugou”, “um simples *instante* muito especial”. Apenas o mote da crônica, o calafrio, é claramente referido – “então fui, e o *calafrio* comigo.”, “O *calafrio* de alguma forma me acompanhava para onde eu fosse.” – e o seu efeito, o sentimento de tristeza que ele provoca na narradora-personagem. Duas figuras retóricas corroboram com a construção desse efeito: o paradoxo e a comparação.

A primeira não foi abordada pelo Caderno, o que revela certa resistência às prescrições do concurso e a autonomia autoral no manejo de recursos expressivos: “*Algo* entristecia meu coração, fazendo-o *bater devagar e forte ao mesmo tempo*.”. E a analogia da leitura de seu livro preferido com a ventania caracterizam o anúncio do mistério (o “inqualquer” do amanhecer daquele dia) que tanta tristeza causa à narradora-protagonista: “Quando abri o livro, foi *como se libertasse dele um forte vento de prenúncio do amanhecer daquele dia*.”. A leitura conduz a narradora a outros mundos e permite a passagem dessa angústia solitária para uma tensão compartilhada com a personagem que logo mais surge na história, sua mãe.

Em todo o enredo, a narradora-personagem encontra um modo particular de dizer que evidencia suas reflexões sobre o sentimento vivido nos diferentes locais onde vive (a casa, a

praça, o rio). O desenvolvimento do conflito, assim como os recursos linguísticos e expressivos mobilizados, contribuem para o envolvimento do leitor e para construção do tom lírico. Assim é que ela apresenta sua mãe de forma singela, a partir de uma metonímia: “De repente, sinto *o toque de uma mão* amaciando meus cabelos. E mesmo sem falar nada, logo percebi que era *minha mãe*”. O uso de mais essa figura retórica revela a incorporação das recomendações do concurso, além de certa autonomia autoral da escrevente, ao escolher um par de palavras próximas fonologicamente (paranomásia), criando um efeito sonoro.

A coesão é estabelecida por elipse (sujeito oculto) e por itens gramaticais (pronomes e advérbio “ali”), enquanto o léxico selecionado (“leve sorriso”, “forte abraço”, “envolvida em meus braços”, “criança aos prantos”, “olhos úmidos”, “suas lágrimas”, “como se nunca mais fosse soltar”) descreve, de forma emotiva e afetuosa, essa personagem:

Quando a olhei, *me deu um leve sorriso*. Ela segurou minha mão *como se nunca mais fosse soltar*, olhando-me com os *olhos úmidos*. Naquele instante tudo que eu consegui fazer foi *lhe dar um forte abraço*. E *ali, envolvida em meus braços*, senti *suas lágrimas* caírem em minha costa. Foi como se os papéis tivessem se invertido: eu era a pessoa que *a* protegia e *a* consolava; e *ela, uma criança aos prantos, que precisava de ajuda*. (SANTOS in OLIMPÍADA, 2016b, p.175, destaques nossos)

O trecho acima ilustra a linguagem da crônica, de natureza poética. E foi em um mero “instante” que os papéis de mãe e filha se inverteram, e se apresentou um momento de fragilidade emocional da mãe, com que diferentes tipos de leitores podem se identificar. Esse momento prepara para a resolução do conflito, a expulsão do “calafrio”, o desfecho inesperado, concomitante ao clímax, que surpreende o público-leitor:

O abraço já durava minutos. E com os primeiros raios solares espelhando nas águas barrentas do Amazonas, no toldo do barco que passa singrando o rio, na copa das samaumeiras soberanas na outra margem, nos bandeirões dos currais dos Bois- Bumbás Garantido e Caprichoso, nos telhados das casas da nossa encantada ilha de Parintins, nos cabelos de minha mãe e na minha alma, *expulsando o calafrio, disse- lhe: “Feliz Dia dos Pais, Mamãe!”* (SANTOS in OLIMPÍADA, 2016, p.175)

A introdução do DD dá-se por meio do tradicional verbo “dizer”, mas é antecedida por uma longa descrição do lugar, a ilha de Parintins, que contribui com a criação do clímax. A paisagem local é revelada aos poucos e, de súbito, a razão do “calafrio” que atormenta a narradora-personagem: a ausência da figura paterna em um dia “inqualquer”, o Dia dos Pais. O final suscita a imaginação do leitor: O que provocou tal ausência? Morte? Abandono?

Separação? Desaparecimento? O “lugar onde vivo” é o pano de fundo, o contexto que emoldura o olhar peculiar da autora sobre uma relação familiar comum a muitos lares brasileiros, nos quais a mãe também assume o papel de pai. A felicitação da figura materna, ressaltada pelas maiúsculas iniciais, provavelmente gera empatia e emoção no público-leitor.

Embora funcione como enquadre para o relato de um drama familiar, a ilha de Parintins é tematizada, ao longo do texto, por meio de clichês ou estereótipos discursivos e pela seleção lexical, que anuncia a paisagem natural, idílica e cultural: “samaumeiras”, “barco”, “vento”, “rio”, “águas barrentas”, “bandeirões dos currais dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso”. Alguns indícios contextualizam a região amazônica, onde a cidade se situa, como o costume indígena de dormir em redes, ainda praticado por seus habitantes, as casas com quintais, situadas à margem do rio, e o intenso calor do clima equatorial. A proximidade com a natureza amazônica é evidente nos excertos abaixo, que assinalam a imbricação dos espaços em que a narradora circula, a casa, a praça e o rio:

Antes de tomá-lo, abri a porta de saída para o quintal, sentei no batente e por segundos aspirei o cheiro da fumaça que saía do copo, olhando para a imensidão das posses do meu vizinho dos fundos, o Rio Amazonas.

(...) Depois de muitas páginas lidas, desço a escadaria da pracinha, ponho minhas mãos na água e sinto a correnteza do maior rio do mundo. (SANTOS *in* OLIMPÍADA, 2016, p.174)

Nem mesmo as construções impedem esse contato com a natureza: “Sentamos lado a lado no passeio do muro de arrimo, com nossos pés dentro da água”. A bela imagem descritiva – “imensidão das posses do meu vizinho de fundos” – e o clichê nominativo – “o maior rio do mundo” – exaltam a grandeza do rio Amazonas. No desfecho, a disposição gradativa das imagens da ilha (o rio, o barco, a árvore, os bois, as casas) corroboram com seu enaltecimento pela narradora por meio do adjetivo “encantada”. Logo, vemos que a narradora revela envolvimento afetivo e emocional com o lugar onde vive e que, a partir de um foco temático singular, constitui seu discurso autoral e de resistência às normas da OLPEF.

O texto a seguir incorpora a entonação lírica, que funciona como válvula de escape para o tema proposto. Ao dar ênfase às emoções, a crônica mobiliza o “lugar onde vivo” apenas como um elemento espacial de onde se focaliza o cotidiano, demarcando a posição da autora e sua resistência às normas do concurso. E foi na observação de um episódio circunstancial das ruas que a aluna Ana Coelho encontrou o motivo para a escrita de “O palhaço e o menino”. O título anuncia as personagens centrais, convidando o leitor a elaborar hipóteses interpretativas, haja vista que o parágrafo de abertura não fornece indícios claros

dos papéis por elas assumidos, os quais só irão ser mencionados no transcorrer do enredo.

Seu ângulo de visão está inicialmente voltado para a trivialidade das coisas e das pessoas, tanto que articula as ideias do parágrafo por meio de palavras e construções frasais indicativas do mecânico e do habitual: “Os *semáforos ficam verdes* e, em uma *sincronia* lenta e *ordinária*, os *carros seguem seu caminho*. *Aqui de longe* posso ver a *indiferença* com que *pessoas se esbarram*. A *banalidade* com que *mundos se cruzam e deixam de fazer parte um do outro*.”. O dêitico espacial “aqui”, de modo particular, aponta a proximidade com o cotidiano, apesar da postura exotópica e distante da narradora em relação ao cenário, acenada pelo advérbio locativo “de longe”.

O enredo é abruptamente suspenso por um cenário descritivo. A força da natureza irrompe a paisagem urbana. A rotina das ruas contrasta com a beleza do outono, com a imagem das flores caindo e de suas diversas cores que redecoraram o pavimento das ruas: “As flores caem. *Primeiro* as roxas, *depois* as rosas, as amarelas e *por último* as brancas, colorindo o asfalto e deixando um ipê seco para trás.”. Os recursos coesivos enumerativos enfatizam a queda floral em sequência e conferem maior poeticidade à cena. Porém, a digressão narrativa encerra, e o enredo volta-se para os costumes das pessoas e para o banal do asfalto:

Quando o semáforo deixa de ser verde para ficar finalmente vermelho, *pessoas* atravessam as ruas *alheias ao espetáculo*. *Vendedores* tentam convencer seus clientes, *velinhos* sentam-se na varanda. Dois *namorados estão no banco da praça* com a companhia não desejada de antigos *jogadores de truco*. *Pombas* caminham lado a lado com pessoas, *senhoras* se preparam para o início da *missa* e uma *moça continua presa à tela de um aparelho*. *Todos alheios ao espetáculo*. (COELHO in OLIMPIADA, 2016, p.192, destaques nossos)

As cenas são bastante corriqueiras e de tal modo partilhadas por outras narrativas, a exemplo de “Peladas”, de Armando Nogueira (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.55), que dialogam com a memória interdiscursiva. Vendedores no comércio, velinhos na varanda de casa, senhoras indo à missa, jogadores de truco, pombas e namorados em banco de praça são estereótipos discursivos datados do século passado e ainda hoje recorrentes, à exceção da jovem vidrada no tablete ou no celular, que é um clichê mais recente. O automatismo das ações humanas é tal que a narradora enfatiza a indiferença delas ao universo ao seu redor por meio da repetição de “*alheia(o)s ao espetáculo*”, na abertura e no fim do parágrafo.

Mediante as reflexões da narradora sobre o comportamento humano, o termo “espetáculo” anuncia a entrada seguinte da personagem “palhaço”, visto ambas as palavras fazerem parte do campo semântico-lexical do “circo”. E a indiferença humana será novamente por ele destacada, afinal, ninguém se atém ao “espetáculo” do “palhaço” durante o

intervalo do semáforo. No barulho e no movimento intenso do tráfego, a autora capturou uma cena fugaz e singela, um instante que envolve e emociona o leitor: no intervalo do sinal, um menino entrega uma flor ao palhaço. A emoção aqui não é de tristeza, como na crônica “O Amanhecer (num dia ‘inqualquer’)”, mas de surpresa, de compaixão. A observação da cena tem um quê de epifânico, de descoberta do outro, da alteridade:

Um homem, ou talvez um menino, não se sabe ao certo, seu rosto estava todo pintado, equilibrava-se em uma corda bamba enquanto fazia uma apresentação de malabarismo. *Um pequeno espetáculo em meio ao caos organizado.*

O sinal abre novamente, nenhum motorista reconhece ou recompensa o responsável pelo show. De repente, em um ato *puro e instintivo*, uma criança, que apenas agora posso notá-la, entrega ao palhaço uma flor, mira-o nos olhos e, por *alguns instantes, o olhar medroso do menino encontra o olhar cansado do artista de rua. Com a mesma pressa que veio, a criança se foi.* (COELHO in OLIMPÍADA, 2016, p.192, destaques nossos)

Quebrando cânones da narração tipicamente escolar, a entrada das personagens e de sua caracterização ocorre já próxima ao desfecho. É também nesse momento que a narradora situa o conflito e conduz ao clímax, em mais um movimento discursivo de resistência às prescrições do concurso. A identidade do palhaço é incerta (Um homem? Um menino? Um malabarista? Ou um palhaço fazendo malabarismo?), tanto quanto seu modo de ganhar a vida, buscando o equilíbrio “em uma corda bamba”. Seu reconhecimento é nulo, salvo pelo gesto da criança, cujo medo não a impediu de se abrir ao outro e de oferecer poesia ao “olhar cansado do artista de rua”, que se transformou em “olhar de ternura”.

A pressa costumeira dos transeuntes, já assimilada pelo menino, opõe-se ao seu ato de entrega, ainda “puro e instintivo”, como se espera de uma criança. A narradora tece uma apreciação positiva desse encontro entre o palhaço e o menino. A relação entre essas personagens é mediada pelo seu “olhar” afetuoso, que também guia a busca da cronista pelo inesperado do cotidiano. O tom emotivo-volitivo que ela imprime no texto contrasta com a indiferença dos que compõem a cena. Perante o “caos organizado” da cidade, sua visão atenta ao fato cria certa cumplicidade com os leitores. De certo modo, a narrativa surpreende-os, pois subverte a expectativa gerada pelo título, de um palhaço que encanta o menino com seu espetáculo. É o menino que o encanta com seu gesto de ternura. Em um intervalo do semáforo, o gesto do menino quebra a rotina dos artistas de rua.

A aparente digressão narrativa da queda das flores encontra agora sua razão: a “flor murcha” também simboliza o fim do dia, da jornada diária do palhaço, já cansado de seu trabalho nos sinais de trânsito, ou ainda, o fim das expectativas de maiores aplausos e reconhecimentos. O desfecho é conclusivo. O marcador de tempo confirma essa ideia de final

do expediente do trabalho, mas a indicação de elementos habituais – “a hora da Ave-Maria”, “o sinal fecha novamente” – corroboram com a ideia de continuação do tráfego e do espetáculo, isto é, da rotina diária:

Era uma flor murcha, que carregava em si as marcas do fim.

Tive o privilégio de contemplar esse episódio. Raros são os que já viram um olhar de ternura em um rosto de palhaço.

O sino da igreja bate seis vezes, é hora da Ave-Maria. Amarelo e depois vermelho, o sinal fecha novamente. (COELHO in OLIMPÍADA, 2016, p.192, destaques nossos)

Embora não desenvolva todos os elementos do enredo, nem explore estratégias e recursos recomendados pelo Caderno, o texto “O palhaço e o menino” lança mão de outros expedientes que lhe dão caráter literário e cronístico, como a digressão, a repetição, os estereótipos discursivos, a enumeração e a situação bem descrita. A constituição do discurso autoral dá-se, portanto, a partir de um movimento de resistência às normas da OLPEF, indicado pela seleção do objeto temático e desse modo de dizer (os recursos expressivos e a organização do enredo), que contribui com a construção do tom poético-lírico.

O último texto vencedor, “E livrai-nos do mal”, de Giulia Silva, sobressai-se, sob nossa ótica, por apurar certos traços constitutivos do gênero. O diálogo com o leitor é mais que um expediente, é o eixo estilístico-composicional da crônica, que assume ares de uma conversa, de um comentário espontâneo dirigido ao público. E, nesse relato, a cronista pouco desenvolve os aspectos estruturantes do enredo, ou de aprofundar o caráter das personagens que habitam o local. Ela põe em relevo um acontecimento que surpreende a todos, um fato inusitado para a própria narradora-personagem e para o cotidiano da comunidade.

O título sugestivo dá indícios do aspecto do cotidiano tematizado e realça a entonação irônica que a autora imprime no texto. Ela conta a história de uma forma particular ao tomar um cenário de fé e religiosidade para falar de um problema social, a violência que se espalha na região. Esse conflito, conhecido no local, é apresentado aos leitores por meio da alusão aos antigos filmes *hollywoodianos* de faroeste, repletos de tiroteios entre xerifes, policiais e bandidos, ambientados no “Velho Oeste” americano. O “Velho Oeste” simboliza a cidade onde vive a autora, no interior do Mato Grosso, distante dos centros urbanos, seca, suja e, provavelmente, relegada à sua própria lei, o que favorece a criminalidade e a violência.

Desde o título alusivo à oração cristã universal do Pai Nosso, observamos a prevalência do dialogismo interdiscursivo. Ainda nessa apresentação, vemos a dimensão dialógica constitutiva interlocutiva, que irá prevalecer em todo o texto, por meio do diálogo

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

direto com o leitor, ora identificado pelo pronome “você”, ora pelas perguntas retóricas:

Você com certeza já ouviu falar do *Velho Oeste*. Cidades *inóspitas*, com ruas desertas, poeirentas, marcadas principalmente pela carência da lei. Lugares, onde aconteciam combates armados ou não, brigas de bar, assassinatos banais, entre outras *calamidades*. *Você* pode até achar que isso é coisa do passado, mas é porque não conhece a *minha* cidade.

Aqui tem Fórum, Ministério Público, Polícia Militar, Delegacia Civil, entre tantos *outros* órgãos que trabalham pela segurança e pela ordem pública, no entanto, nada tem sido suficiente para controlar as *ondas de assaltos desmedidos* que *assolam esta* cidade. São inúmeros e dos mais variados graus, *oscilando desde o embaraçoso ladrão de galinhas, que já nos dizia Rui Barbosa, a homéricas organizações criminosas, com sugestivos nomes ligados ao cangaço da clássica obra Os sertões, de Euclides da Cunha.*

Ultimamente, nada tem escapado aos ataques da bandidagem. *E nós, os mocinhos da história*, vivemos *presos, trancafiados* em nossas próprias casas com *medo* de sermos o próximo alvo desses *impiedosos vilões*. *Acha que estou exagerando?* *Você* irá mudar de ideia num *piscar de olhos*, quando eu *te* disser que *num prazo de seis meses* roubaram em plena luz do dia, com fortes armamentos, bancos, correios, metade do comércio, fazendas, além de incontáveis celulares nas portas das escolas. (SILVA *in* OLIMPÍADA, 2016, p. 210, destaques nossos)

No trecho acima, a narradora aproxima-se do leitor por meio do uso reiterado do pronome “você”, do pronome “te”, do diálogo pressuposto pela pergunta “Acha que estou exagerando?” e de expressões populares cristalizadas, como “onda de assaltos” e “piscar de olhos”. À medida que ela expressa seu pertencimento ao lugar por meio dos dêiticos espaciais – advérbio locativo “aqui” e pronome demonstrativo “esta” (“esta cidade”) – e dos pronomes pessoais – “minha cidade” e “nós, os mocinhos da história” –, seguindo as recomendações da OLPEF, as expressões temporais “ultimamente” e “num prazo de seis meses”, situando o acontecimento no tempo presente, estabelecem proximidade com o cotidiano local.

No entanto, nesse fragmento, há o uso de vocábulos demasiado formais para o tipo de registro comumente adotado nas crônicas, os quais contrastam com a coloquialidade predominante: “inóspita”, “calamidade”, “desmedido”, “assolam”, “oscilando”, “embaraçoso”, “homéricas”, “trancafiados”, “impiedosos”⁷. Essa escolha lexical rebuscada, ao lado da evocação de célebres literatos, como Rui Barbosa⁸ e Euclides da Cunha, atestam o conhecimento lítero-cultural da autora e geram possivelmente efeitos positivos mediante as comissões julgadoras da OLPEF, ainda que destoem de suas prescrições. O verbo *dicendi* no pretérito imperfeito – “dizia” –, à medida que evoca os dizeres do escritor, assinala a não

⁷ Mais adiante no texto, encontram-se outros exemplos de formalidade: “comumente”, “forasteiro”, “súplica”, “exaltavam”, “ílesos”, “judiado”.

⁸ Trata-se de um lendário caso envolvendo Rui Barbosa e um ladrão de galinhas que havia invadido seu quintal e se tornou piada por contrapor a erudição do escritor frente à coloquialidade do ladrão, que não entendera a interdição devido ao rebuscamento linguístico. Disponível em: <<https://www.piadas.com.br/piadas/ladroses/rui-barbosa-o-ladrao-galinhas>> Acesso em: 18 nov. 2018.

coincidência do discurso consigo mesmo (AUTHIER-REVUZ, 2007).

Tais intertextos conferem um tom mais erudito e solene à crônica mundana, além de lhe darem um maior grau de perenidade, uma vez que evocam clássicos brasileiros e universal. Eis mais um movimento discursivo de resistência pela qual se constitui o sujeito-autor. A articulação desses clássicos através dos conectivos “desde...a” ressalta a diversidade e a gravidade do problema dos assaltos na região, o que é reforçado novamente pela alusão às histórias do “Velho Oeste”, protagonizadas por “mocinhos” e “vilões”. Ao evocar tais personagens-tipo, a narradora retoma os estereótipos discursivos que as cercam, a fim de situar o fato como cerne da crônica. Os antagonistas são nominados como “impiedosos vilões”, suas ações como “ataques de bandidagem”, e os protagonistas são caracterizados como vítimas desses atos: “presos”, “trancafiados”, “com medo”.

O espaço dado às características dos moradores da comunidade, ou mesmo de seus oponentes, porém, é menor que o dado à descrição do local e do fato narrado, haja vista a distribuição das ideias nos parágrafos do trecho acima: aspectos físicos e sociais do espaço, com destaque para os atos de violência (primeiro parágrafo), órgãos da Justiça e da Segurança Pública e tipos de assalto (segundo parágrafo), locais assaltados (terceiro parágrafo). O grau de informatividade mostra que a narrativa assume um tom noticioso, entrecortado pelas alusões literárias e populares, a exemplo do “ladão de galinhas” e dos “cangaceiros”, extremos da criminalidade na região.

A descrição das personagens é demasiado lacunar: elas podem ser vistas não só como planas, do ponto de vista psicológico, mas também, pelo viés da função, como secundárias, meras figurantes ou coadjuvantes da situação arrolada. Afinal, a própria narradora-personagem posiciona-se como testemunha do acontecimento que relata, estratégia que torna a narrativa ainda mais interessante para o leitor, pois leva-o a se envolver mais com a situação tematizada pelo texto, o assalto na igreja. Do discurso do *mass media* sobre a violência, constitutivo dos parágrafos anteriores, ela desloca o foco temático e vai conduzir o leitor ao clímax, demarcando sua posição autoral, no trecho abaixo:

Mas nada poderia ser pior que o *último acontecimento*. Eis que numa noite, estávamos na igreja, o único lugar desta cidade onde achávamos que reinava a paz, fazendo as tradicionais novenas de Páscoa. Como sempre, minha mãe chegou cedo e se colocou lá na frente. Eu, mesmo entediada de ir pelo sexto dia consecutivo, estava lá, com toda força, foco e fé.

Lá pelas tantas, percebi que algumas pessoas começaram a elevar a voz e colocaram as mãos para cima. Como a igreja estava cheia, imaginei que fosse o fervor da oração, que empolgava os cristãos e assim se exaltavam no louvor. Cheguei a pensar: “Que bom que há tantos incansáveis e veemente fiéis”,

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

comecei a me sentir envergonhada da pouca *crença* que estava manifestando. Abaixei a cabeça e tentei me concentrar. Afinal, aquelas pessoas precisavam de muita *paz* para receber as *vibrações celestiais*.

Ledo engano! Só descobri o que realmente estava acontecendo, quando uns homens armados e com capuz no rosto se aproximaram. *A adrenalina correu em minhas veias, meus batimentos cardíacos se tornaram audíveis, agarrei-me à minha mãe como uma criança indefesa. Agora todas as orações que havia aprendido na vida saíam da minha boca em um sussurro, como uma súplica para que tudo acabasse bem, pediram tudo que tínhamos. Lá se foram correntes de ouro, celulares, e até os terços. Dá para acreditar?! E como comumente ocorre, os ladrões saíram ilesos.* (SILVA in OLIMPÍADA, 2016, p.210-211, destaques nossos)

O “mas” opõe os diversos fatos violentos da cidade ao detalhe da violência do cotidiano sobre o qual a autora dirige um olhar singular. Os marcadores temporal “último acontecimento” – e espacial – “desta cidade” – evidenciam a atualidade desse fato e a presentificação do lugar onde ele ocorre. A primazia de vocábulos e expressões concernentes ao campo lexical religioso católico – “Igreja”, “reinava a paz”, “tradicionalis novenas de Páscoa”, “fé”, “paz”, “vibrações celestiais”, “fervor da oração”, “cristãos”, “louvor”, “crença”, “orações”, “súplica”, “terços” – colaboram com a construção do espaço e contrastam com a ação de violência, promovendo os efeitos do inusitado e do absurdo que geram o auge da narrativa.

O clímax começa a ser revelado pelo articulador “Lá pelas tantas”, expressão popular cristalizada, que aponta o momento de mudança no clima do ambiente e da percepção do comportamento das personagens pela narradora – “*começaram a elevar a voz e colocaram as mãos para cima*”. A ambiguidade semântica dessa construção remete ao par reativo diametralmente oposto “oração” e “assalto”. Vemos que a narradora não se posiciona como onisciente, mas sim como partícipe da história, alguém que desvende seus mistérios ao vivenciá-la, criando ainda maior cumplicidade com o leitor.

Os pronomes pessoais – “minha mãe”, “minhas veias”, “meus batimentos”, “minha boca”, além de “eu” e “nós” enquanto sujeitos desinenciais – apontam a sobreposição da autora-pessoa e da autora-criadora, isto é, da estudante Giulia Silva e da narradora-personagem, por meio da qual ela constrói a crônica enquanto sujeito integrante da comunidade. Essa sobreposição gera certa confusão e incoerência semântica, pois a narradora representa-se como “entediada”, “envergonhada da pouca crença”, em relação à sua mãe e demais fiéis, e, ao mesmo tempo, como alguém que “estava lá, com toda força, foco e fé”.

A autorrepresentação de seu dizer, ou melhor, de seus pensamentos, por meio do DD, vai de encontro a este traço característico, pois ela avalia positivamente a atitude dos fiéis “incansáveis e veemente”, frente ao seu comportamento. Possivelmente, a autora pretendia

indicar que a personagem buscava essa fé, porém só a encontrou quando a narrativa atingiu o auge, isto é, no decorrer do assalto. É a expressão cristalizada “Ledo engano!” que suspende o teor sagrado e introduz esse clímax. A visão de “homens armados e com capaz no rosto” na igreja desencadeou uma mistura de sensações na narradora.

Seu desespero e fragilidade perante a situação são descritos por meio da gradação – “a adrenalina (...) agarrei-me à minha mãe” – e da comparação – “como uma criança indefesa”. A autorrepresentação de seu dizer, por meio do DI, interpretado ora como uma “oração” sussurrada, ora como uma “súplica”, confirma esse estado da narradora-personagem. Também por meio do DI, ela representa o discurso dos assaltantes – “pediram tudo que tínhamos” –, cujo verbo *dicendi* “pedir” suaviza o modo de dizer, pouco levado em conta pela modificação analítico-objetual do DI (VOLOCHÍNOV, [1929] 2007), voltada para o conteúdo semântico.

O articulador “até” sinaliza o tom emotivo-volitivo de revolta da narradora com o assalto de elementos sacros e revela valores acerca de como a sua imagem se constrói. Ao final, a pergunta retórica “Dá para acreditar?!” costura o diálogo com o leitor e sua reflexão avaliativa sobre o fato narrado, como também vemos abaixo:

Foi o caos. Ficamos perplexos. Até a igreja? Este lugar sagrado, que devia ser usado para confessar os pecados? Agora é lugar também de cometê-los? É mesmo a barbárie.

No momento, você deve estar pensando que vivo numa cidade grande, daquelas de notícias apavorantes de televisão. Mas não! Minha cidade é pequena, afastada dos grandes centros, mas como é conhecida por sua alta produção de grãos, ela chama a atenção de forasteiros que vêm assombrar e causar pânico ao povo judiado dessa triste realidade, que antes eu via apenas em filmes de faroeste.

E como nesses filmes, eles levam mais que nossos pertences, levam nossa dignidade, nossa esperança e nossa fé. Resta-nos apenas rezar, mas agora de portas fechadas. (SILVA in OLIMPIÁDA, 2016, p.211, destaques nossos)

Ao passo que o modalizador “comumente” representa uma posição de aceite da criminalidade, as nominações – “caos”, “pânico” e “barbárie” –, os qualificativos – “perplexos” e “triste realidade” – e as perguntas retóricas – “Até a igreja? Este lugar sagrado, que devia ser usado para confessar os pecados? Agora é lugar também de cometê-los?” – acentuam a estupefação da cronista. Porém, ao presentificar o ato da leitura – “No momento” – e ao estabelecer interlocução direta com o leitor, ele imprime um tom jornalístico à narrativa e fornece explicações que justificam a criminalidade, com base nas características socioeconômicas do espaço (“conhecida por sua alta produção de grãos”).

Descreve ainda aspectos físicos do local (“Minha cidade é pequena, afastada dos grandes centros urbanos”), a fim de desconstruir uma possível imagem criada pelo leitor, e

evoca novamente os filmes de faroeste e o antagonismo entre os vilões e os mocinhos, representados pelos “forasteiros” e pelo “povo judiado”, para descrever a violência na região. Essa intra-alusão no desfecho reforça a permanência do conflito.

De modo comovente e gradativo, a autora reporta os efeitos negativos desse problema, as perdas do povo de sua cidade, no âmbito material (“pertences”), psicológico (“dignidade”, “esperança”) e espiritual (“fé”). Mas a frase final é conclusiva, arrematando de modo irônico a resolução para o conflito (“Resta-nos apenas rezar, mas agora de portas fechadas”). Além de explorar um campo lexical específico, a ironia e a comparação, conforme recomendado pelo Caderno (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.51-53), a autora mobiliza a gradação na construção do clímax, figura não mencionada no material didático da OLPEF, o que anuncia certa autonomia da estudante na seleção e no manejo de recursos estilísticos. Este é mais um movimento de resistência às recomendações da OLPEF pela qual se constitui a autoria.

Considerações finais

De acordo com os textos selecionados como vencedores, podemos dizer que a OLPEF valoriza o caráter temático, discursivo e autoral das crônicas, isto é, a adequação ao tema e ao gênero e a presença de marcas de autoria. Todos os textos adotam uma forma própria de contar a história e descrever as personagens e o lugar, envolvendo o leitor à medida que revelam aos poucos dados do ambiente e da situação. Os títulos sugestivos e convidativos interpelam os destinatários, assim como os desfechos de teor surpreendente – “O Amanhecer (num dia ‘inqualquer’)” – ou conclusivo – “O palhaço e o menino” e “E livrai-nos do mal”. Tais crônicas são narrativas e desenvolvem os elementos estruturantes do enredo, salvo “O palhaço e menino”, que não possui necessariamente uma intriga.

O foco narrativo em primeira pessoa do singular, adotado nas crônicas analisadas, favorece a aproximação e o envolvimento do narrador com a situação do cotidiano local relatada. Os narradores-personagens da maioria das crônicas, entretanto, posicionam-se como testemunhas do fato, isto é, como personagens secundárias, partícipes da história, que observam e comentam o rumo dos acontecimentos. Dessa posição, eles podem apresentar os eventos como quem os vai descobrindo no decorrer da história, criando, assim, maior enlace com os leitores. Apenas “O amanhecer (num dia ‘inqualquer’)” adota outro tipo de narração: a escolha da narradora-protagonista acentua a entonação lírica e afetiva do texto.

Enquanto as demais crônicas vencedoras focam a relação entre a narradora e a

situação, esta destaca-se por tomar como objeto temático a relação entre as personagens centrais, a mãe e a filha, um drama familiar, e não exatamente um aspecto da realidade local. Na mesma linha, “O palhaço e o menino” burla parcialmente o tema proposto pela OLPEF, por realçar o gesto de empatia da criança com o palhaço, oferecendo-lhe uma flor e quebrando a secura e frieza com que os artistas são tratados no intervalo do sinal de trânsito. Já “E livrai-nos do mal” fala da violência na comunidade, versando sobre o cotidiano, em conformidade com o tema “O lugar onde vivo”.

Os pontos de vista dos sujeitos-autores sobre esses temas específicos é construído a partir de variados tons emotivo-volitivos e modos de organização estilístico-composicional, que, por vezes, se misturam em uma mesma crônica. “E livrai-nos do mal”, de perfil argumentativo, critica um problema social da cidade, a violência, a partir de um inusitado assalto à igreja, mesclando os tons irônico e humorístico. Diferentemente do que prescreve a OLPEF e em conformidade com a perspectiva bakhtiniana, os sujeitos-autores imbricaram diferentes tons emotivo-volitivos para construir seu ponto de vista. Além disso, adotaram perfis cronísticos distintos dos textos atinentes à Coletânea.

Já nas outras crônicas prevalece a entonação lírica. “O amanhecer (num dia ‘inqualquer’)” enaltece o cenário natural e cultural da Ilha de Parintins ao abordar as emoções da narradora-protagonista, assumindo um tom lírico. “O palhaço e o menino” tece com lirismo uma reflexão filosófica sobre a indiferença humana e o caráter mecânico da vida. Vemos que os sujeitos-autores optam preferencialmente por elogiar o lugar onde vivem, por isso, há predominância do lirismo entre os tons emotivo-volitivos mobilizados para construção da crônica. A única exceção é “E livrai-nos do mal” que critica diretamente um aspecto de sua comunidade, e, por isso, amalgama outros tons.

Interessante notar que todos os estudantes campeões habitam em municípios do interior do Brasil e, por conseguinte, suas crônicas são ambientadas nesse espaço. Não obstante a tradição cronística brasileira fixar-se em cidades como Rio de Janeiro, o tema “O lugar onde vivo” permitiu a nós, leitores, acessar imagens de um Brasil à margem dos grandes centros urbanos e perceber entre eles mais similaridades que diferenças. A partir dessas representações discursivas, concernentes às suas realidades, os estudantes estabeleceram com propriedade seu querer dizer, suas vozes e seus valores em relação à proposta da OLPEF, isto é, seu ponto de vista autoral.

Podemos levantar a hipótese de que a eleição de textos com essa ambientação temática esteja atrelada ao intuito de o Banco Itaú, patrocinador do concurso, querer abafar as vozes urbanas e as discussões polêmicas por elas suscitadas. Ou ainda que a escolha de textos com

esse contorno assinala o intuito de representar espaços e vozes marginalizados do Brasil. Fato é que as crônicas nem são explícita ou diretamente críticas, nem fazem apologia do lugar tematizado. Os sujeitos-autores apropriam-se das prescrições ditadas pelo Programa para o gênero e parcialmente as subvertem para mostrar como eles veem o lugar onde vivem.

Embora se constituam no contexto escolar, os sujeitos-autores dos discursos cronísticos não se posicionam meramente como alunos em busca de nota para aprovação, de premiação ou vitória olímpica, mas sim como sujeitos dialógicos que enunciam diante de suas vivências histórica e socialmente situadas, resistindo a várias normas do concurso, conforme indicamos. A ambientação interiorana, à margem dos grandes centros, que eram a base da tradição cronística brasileira, a mistura de diversos tons emotivo-volitivos e de formas de organização composicional, bem como o deslocamento temático para a abordagem de relações interpessoais constituem movimentos discursivos de resistência dos sujeitos-autores.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Nos riscos da alusão. Tradução de Ana Vaz e Dóris Cunha. **Revista Investigações**, Recife, v.20, n.2, p.20-46, 2007.

_____. [2009] Dizer ao outro no já dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.46, n.1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

_____. [2004] A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Tradução por Heber Costa e Silva e Dóris Cunha. **Revista Investigações**, v.28, número especial, p. 1-39, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. [1929] **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

_____. [1934-1935] **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015b.

_____. [1952-1953] Os gêneros do discurso. In: _____. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p.11-69.

LAGINESTRA, Maria A.; PEREIRA, Maria I. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos**. 5.ed. SP: CENPEC, 2016.

OLIMPÍADA de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. **Textos Finalistas 2016**. SP: Cenpec, 2016.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

POLÍTICA EDITORIAL

A Revista PERcursos Linguísticos publica minimamente 3 (três) números anualmente e tem como objetivo a publicação de textos científicos nas diversas áreas da Linguística e Linguística Aplicada. Com esse propósito, abre um espaço para a um diálogo acadêmico, que possibilita o debate em torno de diferentes orientações teóricas, transitando desde os paradigmas relacionados com a descrição e a análise linguística até às instigantes perspectivas do discurso e da análise textual, e às questões típicas da ampla área de linguística aplicada.

Por definição da política editorial da Revista, são aceitas contribuições de artigos redigidos em português de pesquisadores doutores, mestres e estudantes de pós-graduação do Brasil e do exterior, bem como estudantes de graduação, preferencialmente em conjunto com seus respectivos orientadores.

Os textos submetidos para publicação na revista são avaliados anonimamente por dois pareceristas do Conselho Editorial. Caso o artigo não seja da área de avaliação desses pareceristas, consultores ad hoc emitirão o parecer também no sistema de avaliação duplo cego. No caso de discrepâncias na avaliação do artigo, ele será avaliado por um terceiro parecerista. Depois da análise, cópias dos pareceres serão encaminhadas aos autores, juntamente com instruções para modificações, quando for o caso. Os trabalhos que não responderem no devido tempo hábil para resposta, não serão publicados na edição a qual foi inserido. Dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores. Só será admitido um artigo por chamada por autor(es).

Os artigos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

Os dados e conceitos contidos nos artigos, bem como a exatidão das referências, serão de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Os originais apresentados não devem ter sido submetidos a outro periódico simultaneamente.

Não serão aceitos artigos de autoria de mais de três autores sem a devida justificativa que deverá ser aceita pelo conselho editorial da PERcursos.

Os direitos autorais referentes aos artigos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista PERcursos Linguísticos, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98.

Os autores devem providenciar autorização para uso das imagens. Caso contrário, será necessário retirá-las e apenas descrevê-las.

Os direitos autorais referentes aos trabalhos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista PERcursos Linguísticos, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98. O trabalho publicado poderá ser acessado pela rede mundial de computadores, sendo permitidas, gratuitamente, a consulta e a reprodução de exemplar do trabalho para uso próprio de quem o consulta. Essa autorização de publicação não tem limitação de tempo, ficando o site da revista responsável pela manutenção da identificação do autor do artigo. Casos de plágio ou quaisquer ilegalidades nos textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O trabalho deve ser digitado em Word for Windows, versão 6.0 ou superior, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior e esquerda de 3 cm e direita e inferior de 2 cm, sem numeração de páginas. A fonte deverá ser Times New Roman, tamanho 12, em espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos, com alinhamento justificado. Entre texto e exemplo, citações, tabelas, ilustrações, etc., utilizar espaço duplo.

Os trabalhos devem ter extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas, incluindo todos os dados, como tabelas, ilustrações e referências.

O trabalho deve obedecer à seguinte estrutura:

- Título: centralizado, em maiúsculas com negrito, na fonte 14, no alto da primeira página.
- Nome do(s) autor(es): por extenso, com letras maiúsculas somente para as iniciais, em fonte 12, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, com um asterisco que remeterá ao pé da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(s) autor(es).

- Filiação institucional: em nota de rodapé, puxada do sobrenome do autor, na qual constem o departamento, a faculdade (ou o instituto, ou o centro), a sigla da universidade, a cidade, o estado, o país e o endereço eletrônico do(s) autor(es).
- Resumo: em português e inglês (abstract) para os textos escritos em português; na língua do artigo e em português para artigos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do nome do autor.
- Palavras-chave e keywords: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, com um espaço simples após o resumo.
- Texto do artigo: iniciado duas linhas abaixo das palavras-chave e keywords, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, com a inicial da primeira palavra em maiúscula. Os subtítulos obrigatoriamente utilizados (Resumo, Palavras-chave, Abstract, Keywords, Referências) também se submetem a essa formatação. Deverá haver espaço duplo de uma linha entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo. Todo destaque realizado no corpo do texto será feito em itálico. Exemplos aos quais se faça remissão ao longo do texto deverão ser destacados dos parágrafos que os anunciam e/ou comentam e numerados, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses, com adentramento de parágrafo.
- Referências: precedidas desse subtítulo, alinhadas à esquerda, justificadas, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto. Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal), seguir a NBR 6023 da ABNT. Os documentos eletrônicos seguem as mesmas especificações requeridas para cada gênero de texto, dispostos em conformidade com as normas NBR 6023 da ABNT; no entanto, essas referências devem ser acrescidas, quando for o caso, da

indicação dos endereços completos das páginas virtuais consultadas e da data de acesso a arquivos on-line.

Para citações, seguir NBR 10520 da ABNT. Ressalte-se que as referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ANBT: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.

No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: silDoulosIPA, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente por meio do site: <http://scripts.sil.org/DoulosSIL_download>.

• Anexos, caso existam, devem ser colocados após as referências, precedidos da palavra Anexo, em negrito, sem adentramento e sem numeração. Os trabalhos que não se enquadrarem nas normas aqui expostas serão recusados.

O trabalho (um e somente um por grupo ou por autor) deverá ser submetido pelo site, após cadastro, em dois arquivos digitais, em formato Word for Windows (versão 6.0 ou superior), conforme as normas aqui divulgadas. No texto do primeiro arquivo, em uma folha que anteceda o artigo, devem constar os seguintes dados: nome e endereço completo do(s) autor(es), com telefone, fax e e-mail; formação acadêmica; instituição em que trabalha; especificação da área em que se insere o artigo. No texto do segundo arquivo, deverá ser omitida qualquer identificação de seu(s) autor(es), constando apenas o texto do artigo propriamente.

Serão devolvidos aos autores trabalhos que não obedecerem tanto às normas aqui estipuladas quanto às normas de formatação.

Declaração de Direito Autoral

O autor de submissão à Revista PERcursos Linguísticos cede os direitos autorais à editora da revista (Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFES), caso a submissão seja aceita para publicação. A responsabilidade do conteúdo dos artigos é exclusiva dos autores. É proibida a submissão integral ou parcial do texto já publicado na revista a qualquer outro periódico.

Os trabalhos aqui apresentados utilizam a licença Creative Commons CC BY: Attribution- NonCommercial- NoDerivatives 4.0 International. Para mais informações, verificar:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

PERcursos Linguísticos

Equipe editorial

A/C Patrick Rezende (editor-gerente)

Guilherme Brambila

CCHN/ PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910 Vitória – ES

Tel: 0 XX 4009-2801

E-mail: percursoslinguisticos@hotmail.com

patrickrezende@hotmail.com

guilhermebrambilamanso@hotmail.com